UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARCELO PIRES DIAS

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ (AGQUINPA)

VOLUME I

BELÉM/PARÁ

2017

MARCELO PIRES DIAS

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ (AGQUINPA)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – Doutorado acadêmico em Letras – Estudos Linguísticos como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profª. Drª. Marilúcia Barros de Oliveira.

BELÉM/PARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Dias, Marcelo Pires, 1986-

Atlas Geossociolinguístico quilombola do nordeste do Pará (AGQUINPA) / Marcelo Pires Dias; orientadora, Marilúcia Barros de Oliveira. --- 2017.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado em Letras, Belém, 2017.

1. Dialetologia – Pesquisa - Pará. 2. Geossociolinguística. 3. Geografia linguística - Pará. I. Título.

CDD-22. ed. 469.798

MARCELO PIRES DIAS

ATLAS GEOSSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ (AGQUINPA)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – Doutorado acadêmico em Letras – Estudos Linguísticos como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.
Orientadora: Profª. Drª Marilúcia Barros de Oliveira.

Data da defesa: 07/03/2017.

BANCA EXAMINADORA

_____

Presidente: Profª. Drª. Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA) (Orientadora)

_____

Avaliadora: Profª. Drª. Maria do Socorro Silva Aragão (UFC)

_____

Avaliadora: Profª Drª Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

_____

Avaliador: Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (UFPA)

_____

Avaliadora: Profª. Drª. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

_____

Avaliadora: Profª. Drª. Fabiane Cristina Altino (UEL) (Suplente)

_____

Avaliador: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA) (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, que sempre me apoiaram e incentivaram os meus estudos.

À profª. Drª. Marilúcia Barros de Oliveira, por ter aceitado orientar o projeto e ter me dado a oportunidade de estudar o falar das comunidades remanescentes de quilombo do Pará.

Aos coordenadores (prof. Dr. Albdelhak Razky, prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima e profª. Drª Marilúcia Barros de Oliveira) e aos colegas do *Projeto GeoLinTerm* (Geossociolinguística e Socioterminologia), especialmente Flávia, Regis, Eliane, Rejane, Simone, Rosângela e Xavier (*in memorian*).

Ao prof. Dr. Xulio C. Sousa Fernández e à profª Drª Rosario Álvarez Blanco, ambos do *Instituto da Língua Galega* (*Universidade de Santiago de Compostela*), por terem co-orientado o meu trabalho durante o período do meu estágio no exterior, além do Diretor do ILGa, prof. Dr. Ernesto X. Gonzáles Seoane que disponibilizou a estrutura do instituto para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos colegas e funcionários do *Instituto da Língua Galega* (Sandra, Alba, Maria, Eduardo, Soraya, Isabel, Carolina, Eduardo, Irene, Marta, Naír, Raquel, Rosa, Gonzalo, Flori e Mercedes) que me ajudaram bastante na minha estadia em Santiago de Compostela e nos estudos diários no Instituto. Aos pesquisadores visitantes que dividiram espaço comigo e que me ajudaram a enriquecer muitos aspectos desta tese, especialmente Manuela Frontera, da *Universitá de la Calabria*, Tamari Lomtadze, da *Universidade da Georgia* e Helén Lopes da *Universidade Estadual de Londrina*.

Aos meus colaboradores em cada uma das comunidades pesquisadas e aos líderes das comunidades (Sr. Avelino, Rosete, Cléo, Adriano, Domingos, Raimundo Magno) e às associações quilombolas ARQUIA e AQURC.

À Assistente Social Siane Karla, da Secretaria Municipal de Assistência Social de Castanhal, por ter conseguido vários contatos de lideranças das comunidades, o que possibilitou a concretização das visitas às comunidades.

Aos moradores das comunidades visitadas: América (Bragança/PA), Peroba dos Pretos (Augusto Corrêa/PA), África (Moju/PA), Laranjituba (Moju/PA), Taperinha (São Domingos do Capim/PA), Cacau (Colares/PA), comunidades do Rio Acaraqui e Campompema (Abaetetuba/PA), Pitimandeua (Inhangapi) e São Pedro (Castanhal).

Ao Curso de Pós-Graduação em Letras da *Universidade Federal do Pará* , bem como aos colegas da 1ª turma do Curso de Doutorado em Letras.

À CAPES, pela concessão da bolsa, no Brasil e no Exterior, na ocasião do Doutorado Sanduíche (PDSE).

Aos órgãos governamentais INCRA, ITERPA, Fundação Cultural Palmares, INEP, IPEA, Ministério do Meio Ambiente, SEPPIR e COPIR/SEDUC-PA, por terem fornecido dados sobre as comunidades remanescentes de quilombo no Pará, bem como informações socioeconômicas e educacionais da população negra no Pará.

À Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Bragança, Secretaria Municipal de Assistência Social de Augusto Corrêa e Secretaria Municipal de Assistência Social de São Domingos do Capim, por terem disponibilizado infraestrutura e pessoal para o auxílio no deslocamento para as comunidades quilombolas.

Agradeço todos aqueles que fizeram com que esta tese de doutorado fosse concretizada e o *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará* virasse realidade.

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história [...]. (CARDOSO, 2010).

Se as vozes dos quatro milhões de negro-africanos que foram trasladados para o Brasil ao longo de mais de três séculos consecutivos não tivessem sido abafadas em nossa História, por descaso ou preconceito acadêmico, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não quedaram mudos, falavam línguas articuladamente humanas e participaram da configuração do português brasileiro (...). (CASTRO, 2011).

Quatro dos cinco séculos de história do Brasil foram assinalados pela prática da escravidão. As marcas dos cativos negros, queimados com o ferrete de seus senhores, persistiu como estigma social. Mais de um século após a abolição desse sistema, a população pobre e, não raro, negra vive ainda sob o julgo da violência: não mais aquele das chibatadas, mas o de um teimoso legado cultural de exclusão social. (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

RESUMO

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. 2017. Tese (Doutorado). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA). O AGQUINPA é um atlas semântico-lexical que descreve e mapeia a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará por meio do inventário lexical. O atlas apresenta um levantamento histórico e geossociolinguístico das comunidades pesquisadas, cartas linguísticas semântico-lexicais pluridimensionais, além de um banco de dados geossociolinguístico. A Mesorregião Nordeste do Pará foi selecionada como *locus* da pesquisa, em virtude da alta densidade de comunidades quilombolas reconhecidas e tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Terras do Pará (ITERPA) e Fundação Palmares (FCP), e representam 270 das 523 presentes no Estado do Pará. Essas comunidades foram ocupadas por negros escravizados fugidos, em regiões de difícil acesso, com o intuito de evitar a recaptura e, em outros casos, foram antigas propriedades doadas ou cedidas após a desorganização do sistema escravagista na Amazônia, no final do século XIX. As comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA estão localizadas nas áreas rurais dos municípios do Nordeste do Estado do Pará (Brasil) e são as seguintes: a) Comunidade do Cacau (Colares/PA); b) Comunidade América (Bragança/PA); c) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); d) Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); e) Comunidade Laranjituba (Moju/PA) e f) Comunidade África (Moju/PA). Essas comunidades têm como principais atividades econômicas o extrativismo e a agricultura de subsistência, além de apresentarem baixa mobilidade social e a maioria dos moradores se autodeclara descendente de negros escravizados. Para a elaboração do atlas, utilizamos o instrumental metodológico da Geografia Linguística e da Geolinguística Pluridimensional, considerando as dimensões diatópica, diassexual (homens e mulheres) e diageracional (Geração I: 18 a 30 anos; Geração II: 50 a 65 anos). A coleta de dados foi realizada entre os anos de 2014 e 2016, por meio da aplicação do Questionário Semântico-lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), incluindo-se nele 31 questões de origem etimológica Bantu, para mensurar a difusão (ou não) do léxico de origem africana. Os dados coletados foram transcritos grafematicamente no software de anotação linguística *ELAN* e, posteriormente, trasladados para o Banco de Dados do AGQUINPA. As cartas foram confeccionadas através da utilização da ferramenta de georreferenciamento e edição de dados georreferenciados *Quantum GIS (QGIS)*, além da ferramenta *ColorBrewer* para a colorimetria das cartas. O AGQUINPA possui 153 cartas semântico-lexicais, elaboradas a partir da aplicação do Questionário Semântico-lexical (QSL), das quais descreveremos 136, que apresentaram variação não categórica.

Palavras-chave: Dialetologia. Geossociolinguística. Quilombolas. Léxico.

RESUMEN

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas geosociolingüístico quilombola del nordeste de Pará**. 2017. Tese (Doctorado). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

Esta investigación tiene como objetivo presentar el Atlas Geosociolingüístico *Quilombola* del Nordeste de Pará (AGQUINPA). El AGQUINPA es un atlas semántico-lexical que describe y mapea la variedad lingüística del portugués afrobrasileño hablado en las comunidades remanentes de *quilombos* de la Mesorregión Nordeste de Pará por medio del inventario lexical. El atlas presenta un levantamiento histórico y geosociolingüístico de las comunidades investigadas, cartas lingüísticas semántico-lexicales pluridimensionales, además de un banco de dados geosociolingüístico. La mesorregión Nordeste de Pará fue seleccionada como *locus* de la investigación, en virtud de la alta densidad de comunidades *quilombolas* reconocidas y tituladas por el *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária* (INCRA), *Instituto de Terras do Pará* (ITERPA) y *Fundação Palmares* (FCP). Esas comunidades representan 270 de las 523 presentes en el Estado de Pará y fueron ocupadas por negros esclavizados fugados, en regiones de difícil acceso, con el propósito de evitar la recaptura y, en otros casos, eran antiguas propiedades donadas o cedidas después de la desorganización del sistema esclavista en la Amazonia, a finales del siglo XIX. Las comunidades *quilombolas* que hacen parte del AGQUINPA están localizadas en las áreas rurales de los municipios del Nordeste del Estado de Pará (Brasil) y son las siguientes: a) Comunidade do Cacau (Colares/PA); b) Comunidade América (Bragança/PA); c) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); d) Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); e) Comunidade Laranjituba (Moju/PA) y f) Comunidade África (Moju/PA). Esas comunidades tienen como principales actividades económicas el extractivismo y la agricultura de subsistencia, además de presentar baja movilidad social y la mayoría de sus habitantes se autodeclaran descendientes de negros esclavizados. Para la elaboración del atlas, utilizamos el instrumental metodológico de la Geografía Lingüística y de la Geolingüística Pluridimensional, considerando las dimensiones diatópica, diasexual (hombres y mujeres) y diageneracional (Generación I: 18 a 30 años; Generación II: 50 a 65 años). La colecta de datos fue realizada entre los años 2014 y 2016, por medio de la aplicación del Cuestionario Semántico-lexical del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB), incluyéndosele 31 cuestiones de origen etimológica Bantu, para medir la difusión (o no) del léxico de origen africano. Los datos colectados fueron transcritos grafemáticamente en el software de anotación lingüística *ELAN* y, posteriormente, trasladados para el Banco de Datos del AGQUINPA. Las cartas fueron confeccionadas a través de la utilización de la herramienta de georreferenciamento y edición de datos georreferenciados *Quantum GIS (QGIS)*, además de la herramienta *ColorBrewer* para a colorimetría de las cartas. El AGQUINPA tiene 153 cartas semántico-lexicales, elaboradas a partir de la aplicación del Cuestionario Semántico-lexical (CSL), de las cuales describiremos 136, que presentaron variación no categórica.

Palabras clave: Dialectología. Geosociolingüística. *Quilombolas*. Léxico.

ABSTRACT

DIAS, Marcelo Pires**. Geo-sociolinguistic atlas of the quilombola communities of the northeast of Pará**. 2017. Thesis (Doctorate). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

This research aims to present the Geo-Sociolinguistic Atlas of the *Quilombola* Communities of the Northeast of Pará (AGQUINPA). The AGQUINPA is a semantic-lexical atlas that describes and maps the linguistic variety of Afro-Brazilian Portuguese spoken in the remnant maroon communities (*quilombos*) of the mesoregion of Northeastern Pará through lexical inventory. The atlas presents a historical and geo-sociolinguistic survey of those communities, semantic-lexical linguistic pluridimensional maps, and a geo-sociolinguistic database. The Northeastern Pará mesoregion was selected as a research locus because of the high density of *quilombola* communities recognized and titled by the National Institute of Colonization and Agrarian Reform (INCRA), *Instituto de Terras do Pará* (ITERPA) and *Fundação Palmares* (FCP). They represent 270 of the 523 such communities in the state of Pará, which were occupied by escaped black slaves, in regions of difficult accessibility, in order to avoid recapture. In other cases, they were former properties donated or ceded after the disorganization of the slavery system in the Amazon, at the end of the 19th century. The *quilombola* communities that were included in the AGQUINPA are located in the rural areas of the municipalities of the Northeast of the State of Pará (Brazil) and are the following: a) Comunidade do Cacau (Colares/PA); b) Comunidade América (Bragança/PA); c) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); d) Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); e) Comunidade Laranjituba (Moju/PA) and f) Comunidade África (Moju/PA). These communities have extractivism and subsistence agriculture as main economic activities, in addition to low social mobility, and the majority of their inhabitants declared themselves descendants from enslaved black people. For the elaboration of the atlas, we used the methodological framework of Linguistic Geography and Pluridimensional Geo-linguistics, considering the diatopic, diasexual (men and women) and diagenerational (Generation I: 18 to 30 years, Generation II: 50 to 65 years) dimensions. Data collection was carried out between 2014 and 2016, through the application of the Semantic-Lexical Questionnaire of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB), including 31 questions of Bantu etymological origin, to measure the diffusion (or not) of the lexicon of African origin. The collected data were graphetically transcribed in the ELAN linguistic annotation software and later transferred to the AGQUINPA database. The maps were made using the georeferencing and georeferenced data editing tool Quantum GIS (QGIS), as well as the ColorBrewer tool for the maps' colorimetry. The AGQUINPA has 153 semantic-lexical maps, elaborated from the application of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL). We will describe 136 of them, which presented non-categorical variation.

Keywords: Dialectology. Geo-sociolinguistics. *Quilombolas*. Lexicon.

RESUMÉ

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas géo-sociolinguistique quilombola du nord-est du Pará**. 2017. Thèse (Doctorat). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

Cette recherche a pour but de présenter l'Atlas Géo-sociolinguistique *Quilombola* du Nord-Est du Pará (AGQUINPA). Le AGQUINPA est un atlas lexical-sémantique qui décrit et met en carte la variété linguistique du portugais africain-brésilien parlé dans les anciennes communautés de marronnage (*Quilombos*) de la mésorégion du Nord-Est du Pará à travers de l'inventaire lexical. L'atlas présente un aperçu historique et géo-sociolinguistique des communautés étudiées, des cartes linguistiques sémantiques-lexicales multidimensionnelles, et une base de données géo-sociolinguistique. La mésorégion du Nord-Est du Pará a été choisie comme lieu de recherche en raison de la forte densité de communautés de marronnage reconnues et certifiées par l'Institut National de Colonisation et de Réforme Agraire (INCRA), l'Institut des Terres du Pará (ITERPA) et la Fondation Palmares (FCP), représentant 270 des 523 de l'état du Pará. Ces communautés furent occupées par des esclaves africains échappés, dans des zones d'accès difficile, afin d'éviter leur recapture et, dans d'autres cas, étaient des anciennes propriétés données ou transférées après le démantèlement du système d'esclavage en Amazonie, à la fin du XIXe siècle. Les communautés de marronnage qui font partie de l'AGQUINPA sont situées dans les zones rurales des municipalités du Nord-Est de l'État du Pará (Brésil) et sont les suivantes : a) Comunidade do Cacau (Colares/PA); b) Comunidade América (Bragança/PA); c) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); d) Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); e) Comunidade Laranjituba (Moju/PA) et f) Comunidade África (Moju/PA). Ces communautés ont comme principales activités économiques l'extractivisme et l'agriculture de subsistance, en plus d'une faible mobilité sociale. La plupart des résidents se déclarent descendants d'esclaves africains. Pour la préparation de l'atlas, nous avons utilisé les outils méthodologiques de la géographie linguistique et la Géolinguistique pluridimensionnelle, considérant les dimensions diatopique, diasexuelle (hommes et femmes) et diagénérationnelle (Génération I: 18-30 ans; Génération II: 50-65 ans). La collecte des données a été réalisée entre les années 2014 et 2016, par l'application du Questionnaire Sémantique-lexical de l'Atlas Linguistique du Brésil (ALiB) et en y incluant 32 questions d'origine étymologique Bantou, pour mesurer la diffusion (ou non) du lexique d'origine africaine. Ces données ont été transcrites graphémiquement dans le logiciel d'annotation linguistique ELAN et plus tard transférées à la Banque de Données de l'AGQUINPA. Les cartes furent élaborées en utilisant l'outil de géocodage et d'édition de données géoréférencées Quantum GIS (QGIS), et l'outil ColorBrewer pour la colorimétrie des cartes. L'AGQUINPA a 153 cartes sémantiques-lexicales, mises au point à partir de l'application du Questionnaire Sémantique-lexical (QSL). De ces 153 cartes, nous en décrivons 136 qui ont montré une variation non catégorique.

Mots-clés: Dialectologie. Géo-sociolinguistique. Communautés de marronnage. Lexique.

LISTA DE SIGLAS

AAICO	Associação dos Amigos da Ilha de Colares
ADDU	Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
AFM	Atlante Fonetico Molisano
AQURC	Associação Quilombola Unidos do Rio Capim
ALCat	Atlas Lingüístico de Catalunya
ALCB	Atlas Linguistique et ethnographique de la Champagne et de la Brie
ALCMan	Atlas Lingüístico y etnográfico de Castilla – La Mancha
ALEA	Atlas Lingüístico y etnográfico de Andalucia
ALEC	Atlas Lingüístico-etnográfico de Colômbia
ALECant	Atlas Lingüístico y etnográfico de Cantabria
ALECuyo	Atlas linguístico del Nuevo Cuyo
ALEICAn	Atlas Lingüístico y etnográfico de las Islas Canarias
ALEP	Atlas Linguístico de España y Portugal
ALERU	Atlante linguístico-etnografico regionale dell'Umbria
ALESUCH	Atlas Lingüístico-Etnográfico del Sur de Chile
ALF	Atlas Linguistique de France
ALGa	Atlas Lingüístico Galego
ALGR	Atlas Lingüístico Guarani-Románico
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALMAH	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da bacia do Prata: Hunsrückisch
ALN	Atlas Linguistique et ethnographique Normand
ALP	Atlas Linguistique et ethnographique de la Provence
ALPAC	Atlas Lingüístico Pluridimensional de América Central
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPI	Atlas Lingüístico de la Península Ibérica
ALPic	Atlas linguistique et ethnographique picard
ALR	Atlasul lingvistic român
ALT	Atlante lessicale toscano
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
AQURC	Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim
ARQUIA	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombola das Ilhas de Abaetetuba
ASLEF	Atlante storico-linguistico-etnografico friulano
CLAE	Computer Developed Linguistic Atlas of England
COPIR	Coordenadoria de Educação para a Promoção da Igualdade Racial
DSLR	*Digital Single Lens Reflex*
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
ELAN	EUDICO Linguistic Annotator
GeoLinTerm	Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia
GIS	Geographic Information System
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LAEC	Linguistic Atlas of East Canada
LAMSAS	Linguistic Atlas of Middle and South Atlantic States
LANCS	Linguistic Atlas of the North Central States
LANE	Linguistic Atlas of New England

LAUC	Linguistic Atlas of the United States and Canada
NALF	Nouvel atlas linguistique de La France par régions
N.A	Nota do Autor
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SED	Survey of English Dialects
SEDUC/PA	Secretaria de Estado de Educação do Pará
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
T.A	Tradução do Autor
TLPGP	Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: demografia paraense em 1883. (CHIAVENATO, 1984).....40
Gráfico 2: População por faixas de renda mensal *per capita* familiar (RPCF) em múltiplos do salário mínimo de setembro de 2012, segundo cor ou raça (BRASIL, 2001 e 2012) (Em %).....51
Gráfico 3: Cobertura e escolarização líquida segundo cor ou raça (BRASIL, 2001 e 2012). Fonte: PNAD – Micro dados (elaboração dos autores).....53
Gráfico 4: escolaridade dos colaboradores do AGQUINPA (em anos de estudo).....152
Gráfico 5: atividades ou profissões dos colaboradores do AGQUINPA.....152
Gráfico 6: acesso à mídia impressa nas comunidades pesquisadas.....153
Gráfico 7: acesso à mídia falada nas comunidades pesquisadas.....154
Gráfico 8: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero dos colaboradores (dimensão diassexual). Carta L01 – questão 01 do QSL (córrego/riacho).....159
Gráfico 9: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L01 – questão 01 do QSL (córrego/riacho).....160
Gráfico 10: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L02 – questão QSL 02 (pinguela).....163
Gráfico 11: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L02 – questão QSL 02 (pinguela).....164
Gráfico 12: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L03 – questão QSL 04 (redemoinho de água)....166
Gráfico 13: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L03 – questão QSL 04 (redemoinho de água).....167
Gráfico 14: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L04 – questão QSL 05 (onda de mar).....170
Gráfico 15: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L04 – questão QSL 05 (onda de mar).....171
Gráfico 16: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L05 – questão QSL 06 (onda de rio).....173
Gráfico 17: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L05 – questão QSL 06 (onda de rio).....174
Gráfico 18: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L07 – questão QSL 07 (redemoinho do vento).....177
Gráfico 19: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L07 – questão QSL 07 (redemoinho do vento).....178
Gráfico 20: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L08 – questão QSL 09 (raio).....182
Gráfico 21: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L08 – questão QSL 09 (raio).....183

Gráfico 22: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L09 – questão QSL 10 (trovão).....185
Gráfico 23: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L09 – questão QSL 10 (trovão).....186
Gráfico 24: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L10 – questão QSL 11 (temporal).....188
Gráfico 25: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L10 – questão QSL 11 (temporal).....189
Gráfico 26: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L11 – questão QSL 14 (chuva forte).....192
Gráfico 27: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L11 – questão QSL 14 (chuva forte).....193
Gráfico 28: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L12 – questão QSL 16 (estiar).....195
Gráfico 29: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L12 – questão QSL 16 (estiar).....196
Gráfico 30: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L14 – questão QSL 18 (garoa).....201
Gráfico 31: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L14 – questão QSL 18 (garoa).....202
Gráfico 32: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L15 – questão QSL 19 (terra umedecida pela chuva).....204
Gráfico 33: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L15 – questão QSL 19 (terra umedecida pela chuva).....205
Gráfico 34: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L17 – questão QSL 21 (neblina).....207
Gráfico 35: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L17 – questão QSL 21 (neblina).....208
Gráfico 36: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L18 – questão QSL 22 (amanhecer).....211
Gráfico 37: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L18 – questão QSL 22 (amanhecer).....212
Gráfico 38: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L19 – questão QSL 28 (anoitecer).....214
Gráfico 39: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L19 – questão QSL 28 (anoitecer).....215

Gráfico 40: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L20 – questão QSL 33 (via láctea).....217

Gráfico 41: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L20 – questão QSL 33 (via láctea).....218
Gráfico 42: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L26 – questão QSL 42 (penca).....224
Gráfico 43: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L26 – questão QSL 42 (penca).....225
Gráfico 44: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L27 – questão QSL 43 (bananas gêmeas).....227
Gráfico 45: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L27 – questão QSL 43 (bananas gêmeas).....228
Gráfico 46: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L28 – questão QSL 44 (parte terminal da inflorescência da bananeira).....230
Gráfico 47: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L28 – questão QSL 44 (parte terminal da inflorescência da bananeira).....231
Gráfico 48: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L31 – questão QSL 49 (vagem do feijão).....236
Gráfico 49: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L31 – questão QSL 49 (vagem do feijão).....237
Gráfico 50: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L35 – questão QSL 54 (cangalha).....243
Gráfico 51: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L35 – questão QSL 54 (cangalha).....244
Gráfico 52: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L36 – questão QSL 57 (paneiro).....247
Gráfico 53: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L36 – questão QSL 57 (paneiro).....248
Gráfico 54: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L37 – questão QSL 60 (perda da cria).....250
Gráfico 55: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional) Carta L37 – questão QSL 60 (*perda da cria*).....251
Gráfico 56: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L38 - questão QSL 61 (trabalhador de enxada em roça alheia).....253
Gráfico 57: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L38 - questão QSL 61 (trabalhador de enxada em roça alheia).....254
Gráfico 58: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L39 – questão QSL 62 (picada).....256

Gráfico 59: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L39 – questão QSL 62 (picada).....257
Gráfico 60: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L40 – questão QSL 63 (caminho).....260
Gráfico 61: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L40 – questão QSL 63 (caminho).....261
Gráfico 62: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L40 – questão QSL 63 (caminho).....270
Gráfico 63: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional).....271
Gráfico 64: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L46 – questão QSL 70 (cotó).....273
Gráfico 65: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L46 – questão QSL 70 (cotó).....274
Gráfico 66: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L47 – questão QSL 71 (gambá).....276
Gráfico 67: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L47 – questão QSL 71 (gambá).....277
Gráfico 68: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L48 – questão QSL 72 (patas dianteiras do cavalo).....279
Gráfico 69: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L48 – questão QSL 72 (patas dianteiras do cavalo).....280
Gráfico 70: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L50 – questão QSL 75 (lombo).....284
Gráfico 71: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L50 – questão QSL 75 (lombo).....285
Gráfico 72: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L51 – questão QSL 76 (cadeira/anca/garupa).....287
Gráfico 73: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L51 – questão QSL 76 (cadeira/anca/garupa).....288
Gráfico 74: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L53 – questão QSL 80 (úbere).....290
Gráfico 75: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L53 – questão QSL 80 (úbere).....291
Gráfico 76: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L55 – questão QSL 82 (manco).....295
Gráfico 77: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L55 – questão QSL 82 (manco).....296

Gráfico 78: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L56 – questão QSL 83 (mosca varejeira).....298
Gráfico 79: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador(dimensão diageracional). Carta L56 – questão QSL 83.....299
Gráfico 80: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L61 – questão QSL 90 (cisco).....309
Gráfico 81: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L61 – questão QSL 90 (cisco).....310
Gráfico 82: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L64 – questão QSL 95 (conjuntivite).....314
Gráfico 83: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L64 – questão QSL 95 (conjuntivite).....315
Gráfico 84: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L65 – questão QSL 100 (banguela).....317
Gráfico 85: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L65 – questão QSL 100 (banguela).....318
Gráfico 86: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L66 – questão QSL 101 (fanhoso).....320
Gráfico 87: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L66 – questão QSL 101 (fanhoso).....321
Gráfico 88: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L69 – questão QSL 104 (nuca).....325
Gráfico 89: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L69 – questão QSL 104 (nuca).....326
Gráfico 90: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L70 – questão QSL 106 (clavícula).....328
Gráfico 91: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L70 – questão QSL 106 (clavícula).....329
Gráfico 92: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L71 – questão QSL 107 (corcunda).....332
Gráfico 93: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L71 – questão QSL 107 (corcunda).....332
Gráfico 94: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L73 – questão QSL 109 (cheiro nas axilas).....335
Gráfico 95: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L73 – questão QSL 109 (cheiro nas axilas).....336
Gráfico 96: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L75 – questão QSL 111 (seios).....341

Gráfico 97: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L75 – questão QSL 111 (seios).....342
Gráfico 98: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L76 – questão QSL 112 (vomitar).....344
Gráfico 99: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L76 – questão QSL 112 (vomitar).....345
Gráfico 100: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual) Carta L77 – questão QSL 113 (útero).....347
Gráfico 101: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional) Carta L77 – questão QSL 113 (útero).....348
Gráfico 102: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L55 – questão QSL 82 (manco).....352
Gráfico 103: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L55 – questão QSL 82 (manco).....353
Gráfico 104: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L80 – questão QSL 116 (pessoa de pernas arqueadas).....356
Gráfico 105: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L80 – questão QSL 116 (pessoa de pernas arqueadas).....357
Gráfico 106: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L84 – questão QSL 124 (dar à luz).....364
Gráfico 107: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L84 – questão QSL 124 (dar à luz).....365
Gráfico 108: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L88 – questão QSL 130 (filho adotivo).....371
Gráfico 109: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L88 – questão QSL 130 (filho adotivo).....372
Gráfico 110: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L90 – questão QSL 132 (menino).....376
Gráfico 111: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L90 – questão QSL 132 (menino).....377
Gráfico 112: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L93 – questão QSL 135 (finado).....384
Gráfico 113: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L93 – questão QSL 135 (finado).....385
Gráfico 114: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L94 – questão QSL 136 (pessoa tagarela).....388

Gráfico 115: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L94 – questão QSL 136 (pessoa tagarela).....389
Gráfico 116: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L95 – questão QSL 137 (pessoa pouco inteligente).....392
Gráfico 117: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L95 – questão QSL 137 (pessoa pouco inteligente).....393
Gráfico 118: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L96 – questão QSL 138 (pessoa sovina).....396
Gráfico 119: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L96 – questão QSL 138 (pessoa sovina).....397
Gráfico 120: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L97 – questão QSL 140 (assassino pago).....400
Gráfico 121: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L97 – questão QSL 140 (assassino pago).....401
Gráfico 122: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L98 – questão QSL 141 (marido enganado)....403
Gráfico 123: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L98 – questão QSL 141 (marido enganado).....404
Gráfico 124: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L99 – questão QSL 142 (prostituta).....406
Gráfico 125: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L99 – questão QSL 142 (prostituta).....407
Gráfico 126: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L101 – questão QSL 144 (bêbado).....410
Gráfico 127: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L101 – questão QSL 144 (bêbado).....411
Gráfico 128: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L102 – questão QSL 145 (cigarro de palha).....414
Gráfico 129: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L102 – questão QSL 145 (cigarro de palha).....415
Gráfico 130: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L104 – questão QSL 147 (diabo).....419
Gráfico 131: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L104 – questão QSL 147 (diabo).....420
Gráfico 132: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L105 – questão QSL 148 (fantasma).....423

Gráfico 133: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L105 – questão QSL 148 (fantasma).....424
Gráfico 134: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L106 – questão QSL 149 (feitiço).....427
Gráfico 135: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L106 – questão QSL 149 (feitiço).....428
Gráfico 136: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L107 – questão QSL 151 (benzedeira).....431
Gráfico 137: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L107 – questão QSL 151 (benzedeira).....432
Gráfico 138: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L108 – questão QSL 152 (curandeiro).....435
Gráfico 139: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L108 – questão QSL 152 (curandeiro).....436
Gráfico 140: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L109 – questão QSL 153 (medalha).....439
Gráfico 141: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L109 – questão QSL 153 (medalha).....440
Gráfico 142: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L113 – questão QSL 158 (papagaio de papel).....447
Gráfico 143: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L113 – questão QSL 158 (papagaio de papel).....448
Gráfico 144: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L114 – questão QSL 160 (esconde-esconde).....450
Gráfico 145: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L114 – questão QSL 160 (esconde-esconde).....451
Gráfico 146: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L115 – questão QSL 161 (cabra-cega).....454
Gráfico 147: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L115 – questão QSL 161 (cabra-cega).....455
Gráfico 148: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L117 – questão QSL 167 (amarelinha).....459
Gráfico 149: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L117 – questão QSL 167 (amarelinha).....460
Gráfico 150: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L118 – questão QSL 168 (tramela).....463

Gráfico 151: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L118 – questão QSL 168 (tramela).....464
Gráfico 152: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L122 – questão QSL 175 (interruptor de luz).....470
Gráfico 153: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L122 – questão QSL 175 (interruptor de luz).....471
Gráfico 154: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L124 – questão QSL 178 (carne moída).....474
Gráfico 155: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L124 – questão QSL 178 (carne moída).....475
Gráfico 156: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L126 – questão QSL 183 (empanturrado).....479
Gráfico 157: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L126 – questão QSL 183 (empanturrado).....480
Gráfico 158: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L127 – questão QSL 184 (glutão).....482
Gráfico 159: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L127 – questão QSL 184 (glutão).....483
Gráfico 160: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L128 – questão QSL 184 (bombom).....485
Gráfico 161: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L128 – questão QSL 184 (bombom).....486
Gráfico 162: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L129 – questão QSL 186 (pão francês).....488
Gráfico 163: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L129 – questão QSL 186 (pão francês).....489
Gráfico 164: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L130 – questão QSL 187 (pão bengala).....491
Gráfico 165: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L130 – questão QSL 187 (pão bengala).....492
Gráfico 166: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L134 – questão QSL 191(ruge).....501
Gráfico 167: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L134 – questão QSL 191(ruge).....502
Gráfico 168: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L135 – questão QSL 192 (grampo).....504
Gráfico 169: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L135 – questão QSL 192 (grampo).....505

Gráfico 170: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L136 – questão QSL 193 (diadema/tiara).....507
Gráfico 171: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L136 – questão QSL 193 (diadema/tiara).....508
Gráfico 172: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L137 – questão QSL 194 (semáforo).....511
Gráfico 173: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L137 – questão QSL 194 (semáforo).....512
Gráfico 174: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L139 – questão QSL 196 (calçada).....516
Gráfico 175: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L139 – questão QSL 196 (calçada).....517
Gráfico 176: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L143 – questão QSL A-01 (moringa).....525
Gráfico 177: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L143 – questão QSL A-01 (moringa).....526
Gráfico 178: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L145 – questão QSL A 03 (calombo).....530
Gráfico 179: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L145 – questão QSL A 03 (calombo).....531
Gráfico 180: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L147 – questão QSL A 09 (diamba).....535
Gráfico 181: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L147 – questão QSL A 09 (diamba).....536
Gráfico 182: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L148 – questão QSL A 12 (macumba).....538
Gráfico 183: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L148 – questão QSL A 12 (macumba).....539
Gráfico 184: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L149 – questão QSL-A 15 (cachimbo).....541
Gráfico 185: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L149 – questão QSL-A 15 (cachimbo).....542
Gráfico 186: Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L151 – questão QSL A 25 (cará).....546
Gráfico 187: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L151 – questão QSL A 25 (cará).....547

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: ruínas do antigo engenho construído por meio de mão-de-obra escrava, localizado na comunidade do Cacau (Colares/PA). Fonte: Associação dos Amigos da Ilha de Colares – AAICO.....37
Imagem 2: ruínas do antigo Engenho APROAGA (São Domingos do Capim/PA). Fonte: Marin et al. (2012, p. 13).....37
Imagem 3: planta do Rio Capim e seus engenhos levantada por J. Barbosa Rodrigues em 1875.....39
Imagem 4: designações para "ar" no ALF (carta 0020).....62
Imagem 5: mapa dialetal do *Sprachkarte von Deutschland*.....66
Imagem 6: mapa pertencente ao *Sprachatlas* des *Deutscher Reich* de G. Wenker. Fonte: DIWA-Digitaler Wenker Atlas (2010).....68
Imagem 7: Carta linguística 4 para a questão "uma maça" integrante do *Linguistic Atlas of Texas German.* Fonte: Gilbert (1972).....69
Imagem 8: mapa de densidade para a questão "sofá" integrante do *Linguistic Atlas of the Middle and South Atlantic States* (LAMSAS). Fonte: LAMSAS (2010).....70
Imagem 9: exemplo de carta linguística pertencente ao *Survey of English Dialects-SED.*.....71
Imagem 10: carta 60 "barriga" pertencente ao *Micul Atlas Lingvistic Român* (ALRM I). Fonte: Petrovici e Patrut (1967).....73
Imagem 11: carta lexical "diez" (mapa nº 70) do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI). Fernandez (2005).....75
Imagem 12: carta linguística do item lexical "els pantalons" pertencente ao *Atles Lingüístic del domini catalá (ALCat)*. Fonte: Veny e Griera (2009).....77
Imagem 13: Distribuição dos itens léxicos de "ladeira" (mapa 12) no Atlas Lingüístico da Galicia - ALGa. ALGa (2005, p.58-59).....79
Imagem 14: designações para "cabaliño do demo" ou libélula. Fonte: Perez (2010).....82
Imagem 15: mapa 110.1 referente ao item lexical "abuela" pertencente ao Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Fonte: Thun et al. (2009).....85
Imagem 16: carta 26 do APFB referente ao item lexical "sutiã". Fonte: Paim (2012).....88
Imagem 17: pálpebra, carta 70 do Atlas Linguístico do Paraná. Fonte: Aguilera e Silva (2015, p. 12).....89
Imagem 18: carta fonética "desvio" pertencente ao Atlas Linguístico Sonoro do Pará. Fonte: Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2010).....91
Imagem 19: carta linguística 3 para o uso do afrolusismo "caçula", pertencente ao *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU).....106
Imagem 20: área utilizada como campo de futebol e também para celebração de festividades, ao fundo a residência do Sr. Avelino.....128
Imagem 21: entrevista com o Sr. Avelino ou "Seu Vê", um dos moradores da comunidade.....128
Imagem 22: trapiche da comunidade do Cacau.....129
Imagem 23: entrevista com a Sra. Raimunda dos Santos, realizada pela inquiridora Profª. Marília Freitas na comunidade quilombola do rio Acaraqui.....131
Imagem 24: entrevista com o Sr. Domingos, uma das lideranças da localidade e descendente direto de negros escravizados, segundo informações do próprio.....131
Imagem 25: família quilombola do rio Acaraqui/Campompema.....132

Imagem 26: rio Maratuíra, principal acesso ao território de quilombola das ilha de Abaetetuba e ao rio Acaraqui.....132
Imagem 27: primeiro dia de gravação na comunidade Laranjituba com o quilombola Carlos Morais, conhecido como "Axé".....134
Imagem 28: gravação com o Sr. Feijão, um dos moradores que nos contou a história da comunidade África.....134
Imagem 29: grande parte das casas atualmente são de alvenaria, no entanto, ainda há casas de barro e palha (pau a pique). Trata-se de um tipo de construção muito comum nos séculos XVIII e XIX e ainda encontrada em alguns quilombos.....135
Imagem 30: com um dos colaboradores da pesquisa após a entrevista, Ronaldo nasceu na comunidade e é um dos vigias da escola da comunidade.....136
Imagem 31: ao lado de D. Maria, a vice-líder da comunidade e parteira oficial, segundo a própria, já fez mais de 40 partos e sua meta é chegar ao parto de número 50.....136
Imagem 32: conversa com o Sr. Henrique dos Santos (96 anos) e sua irmã D. América, os moradores mais antigos da comunidade Taperinha.....138
Imagem 33: entrevista com Dona América realizada em 2015.....138
Imagem 34: entrada da comunidade pelo acesso fluvial através do rio Capim e ao centro a lancha da SEMAS de São Domingos do Capim, que frequentemente realiza ações na comunidade.....139
Imagem 35: modelos de gravadores digitais utilizados na coleta de dados.....142
Imagem 36: captura de tela da janela principal do *software* de anotação linguística ELAN.....144
Imagem 37: janela de busca do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, com destaque para a variante mapeada no AGQUINPA (DIAS, 2015).....146
Imagem 38: captura de tela janela principal do software de geoprocessamento e georreferenciamento QGIS.....147
Imagem 39: exemplo do da carta base do AGQUINPA no compositor de impressão do QGIS.....148
Imagem 40: paleta de cores utilizada na confecção das cartas do AGQUINPA.....149
Imagem 41: carta L68 – questão 103 do QSL (soluço).....155
Imagem 42: carta L01 – questão 01 do QSL (córrego/riacho).....158
Imagem 43: carta L02 – questão QSL 02 (pinguela).....162
Imagem 44: carta L03 – questão QSL 04 (redemoinho de água).....165
Imagem 45: carta L04 – questão QSL 05 (onda de mar).....169
Imagem 46: carta L05 – questão QSL 06 (onda de rio).....172
Imagem 47: carta L06 – questão QSL 07 (redemoinho do vento).....176
Imagem 48: carta L07 – questão QSL 08 (relâmpago).....179
Imagem 49: carta L08 – questão QSL 09 (raio).....181
Imagem 50: carta L09 – questão QSL 10 (trovão).....184
Imagem 51: carta L10 – questão QSL 11 (temporal).....187
Imagem 52: carta L11 – questão QSL 14 (chuva forte).....192
Imagem 53: carta L12 – questão QSL 16 (estiar).....194
Imagem 54: carta L13 – questão QSL 17 (Arco-íris).....198
Imagem 55: carta L14 – questão QSL 18 (garoa).....200
Imagem 56: carta L15 – questão QSL 19 (terra umedecida pela chuva).....203
Imagem 57: carta L17 – questão QSL 21 (neblina).....206
Imagem 58: carta L18 – questão QSL 22 (amanhecer).....210
Imagem 59: carta L19 – questão QSL 28 (anoitecer).....213

Imagem 60: carta L20 – questão QSL 33 (via láctea).....216
Imagem 61: carta L22 – questão QSL 37 (anteontem).....219
Imagem 62: carta L24 – questão QSL 40 (amendoim).....221
Imagem 63: carta L26 – questão QSL 42 (penca).....223
Imagem 64: carta L27 – questão QSL 43 (bananas gêmeas).....226
Imagem 65: carta L28 – questão QSL 44 (parte terminal da inflorescência da bananeira).....229
Imagem 66: carta L30 – questão QSL 46 (sabugo).....233
Imagem 67: carta L31 – questão QSL 49 (vagem do feijão).....235
Imagem 68: carta L32 – questão QSL 50 (macaxeira).....238
Imagem 69: carta L33 – questão QSL 51 (mandioca).....240
Imagem 70: carta L35 – questão QSL 54 (cangalha).....242
Imagem 71: carta L36 – questão QSL 57 (paneiro).....246
Imagem 72: carta L37 – questão QSL 60 (perda da cria).....249
Imagem 73: carta L38 – questão QSL 61 (trabalhador de enxada em roça alheia).....252
Imagem 74: carta L39 – questão QSL 62 (picada).....255
Imagem 75: carta L40 – questão QSL 63 (caminho).....259
Imagem 76: carta L41 – questão QSL 64 (urubu).....263
Imagem 77: carta L42 – questão QSL 65 (beija-flor).....265
Imagem 78: carta L43 – questão QSL 67 (galinha d'angola).....267
Imagem 79: carta L45 – questão QSL 69 (sura).....269
Imagem 80: carta L46 – questão QSL 70 (cotó).....272
Imagem 81: carta L47 – questão QSL 71 (gambá).....275
Imagem 82: carta L48 – questão QSL 72 (patas dianteiras do cavalo).....278
Imagem 83: carta L49 – questão QSL 74 (crina da cauda).....281
Imagem 84: carta L50 – questão QSL 75 (lombo).....283
Imagem 85: carta L51 – questão QSL 76 (cadeira/anca/garupa).....286
Imagem 86: carta L53 – questão QSL 80 (úbere).....289
Imagem 87: carta L54 – questão QSL 81 (rabo).....292
Imagem 88: carta L55 – questão QSL 82 (manco).....294
Imagem 89: carta L56 – questão QSL 83 (mosca varejeira).....297
Imagem 90: carta L57 – questão QSL 84 (sanguessuga).....300
Imagem 91: carta L58 – questão QSL 85 (libélula).....302
Imagem 92: carta L59 – questão QSL 86 (bicho da fruta).....304
Imagem 93: carta L60 – questão QSL 88 (pernilongo).....306
Imagem 94: carta L61 – questão QSL 90 (cisco).....308
Imagem 95: carta L62 – questão QSL 91 (cega de um lado).....311
Imagem 96: carta L64 – questão QSL 95 (conjuntivite).....313
Imagem 97: carta L65 – questão QSL 100 (banguela).....316
Imagem 98: carta L66 – questão QSL 101 (fanhoso).....319
Imagem 99: carta L67 – questão QSL 102 (meleca).....322
Imagem 100: carta L69 – questão QSL 104 (nuca).....324
Imagem 101: carta L70 – questão QSL 106 (clavícula).....327
Imagem 102: carta L71 – questão QSL 107 (corcunda).....330
Imagem 103: carta L73 – questão QSL 109 (cheiro nas axilas).....334
Imagem 104: carta L74 – questão QSL 110 (canhota).....338
Imagem 105: carta L75 – questão QSL 111 (seios).....340
Imagem 106: carta L76 – questão QSL 112 (vomitar).....343
Imagem 107: carta L77 – questão QSL 113 (útero).....346

Imagem 108: carta L78 – questão QSL 114 (perneta).....349
Imagem 109: carta L79 – questão QSL 115 (manco).....351
Imagem 110: carta L80 – questão QSL 116 (pessoa de pernas arqueadas).....355
Imagem 111: carta L81 – questão QSL 120 (cócegas).....359
Imagem 112: carta L82 – questão QSL 121 (menstruação).....361
Imagem 113: carta L84 – questão QSL 124 (dar à luz).....363
Imagem 114: carta L86 – questão QSL 128 (mãe de leite).....366
Imagem 115: carta L87 – questão QSL 129 (irmão de leite).....368
Imagem 116: carta L88 – questão QSL 130 (filho adotivo).....370
Imagem 117: carta L89 – questão QSL 131 (caçula).....373
Imagem 118: carta L90 – questão QSL 132 (menino).....375
Imagem 119: carta L91 – questão QSL 133 (menina).....379
Imagem 120: carta L92 – questão QSL 134 (madrasta).....381
Imagem 121: carta L93 – questão QSL 135 (finado).....383
Imagem 122: carta L94 – questão QSL 136 (pessoa tagarela).....387
Imagem 123: carta L95 – questão QSL 137 (pessoa pouco inteligente).....391
Imagem 124: carta L96 – questão QSL 138 (pessoa sovina).....395
Imagem 125: carta L97 – questão QSL 140 (assassino pago).....399
Imagem 126: carta L98 – questão QSL 141 (marido enganado).....402
Imagem 127: carta L99 – questão QSL 142 (prostituta).....405
Imagem 128: carta L101 – questão QSL 144 (bêbado).....409
Imagem 129: carta L102 – questão QSL 145 (cigarro de palha).....413
Imagem 130: carta L103 – questão QSL 146 (toco de cigarro).....416
Imagem 131: carta L104 – questão QSL 147 (diabo).....418
Imagem 132: carta L105 – questão QSL 148 (fantasma).....422
Imagem 133: carta L106 – questão QSL 149 (feitiço).....426
Imagem 134: carta L107 – questão QSL 151 (benzedeira).....430
Imagem 135: carta L108 – questão QSL 152 (curandeiro).....434
Imagem 136: carta L109 – questão QSL 153 (medalha).....438
Imagem 137: carta L110 – questão QSL 155 (cambalhota).....442
Imagem 138: carta L111 – questão QSL 156 (bolinha de gude).....444
Imagem 139: carta L113 – questão QSL 158 (papagaio de papel).....446
Imagem 140: carta L114 – questão QSL 160 (esconde-esconde).....449
Imagem 141: carta L115 – questão QSL 161 (cabra-cega).....453
Imagem 142: carta L116 – questão QSL 166 (balanço).....456
Imagem 143: carta L117 – questão QSL 167 (amarelinha).....458
Imagem 144: carta L118 – questão QSL 168 (tramela).....462
Imagem 145: carta L119 – questão QSL 170 (vaso sanitário).....465
Imagem 146: carta L121 – questão QSL 174 (lanterna).....467
Imagem 147: carta L122 – questão QSL 175 (interruptor de luz).....469
Imagem 148: carta L124 – questão QSL 178 (carne moída).....473
Imagem 149: carta L125 – questão QSL 182 (aguardente).....476
Imagem 150: carta L126 – questão QSL 183 (empanturrado).....478
Imagem 151: carta L127 – questão QSL 184 (glutão).....481
Imagem 152: carta L128 – questão QSL 184 (bombom).....484
Imagem 153: carta L129 – questão QSL 186 (pão francês).....487
Imagem 154: carta L130 – questão QSL 187 (pão bengala).....490
Imagem 155: carta L131 – questão QSL 188 (sutiã).....494
Imagem 156: carta L132 – questão QSL 189 (cueca).....496

Imagem 157: carta L133 – questão QSL 190 (calcinha).....498
Imagem 158: carta L134 – questão QSL 191(ruge).....500
Imagem 159: carta L135 – questão QSL 192 (grampo).....503
Imagem 160: carta L136 – questão QSL 193 (diadema/tiara).....506
Imagem 161: carta L137 – questão QSL 194 (semáforo).....510
Imagem 162: carta L138 – questão QSL 195 (lombada).....513
Imagem 163: carta L139 – questão QSL 196 (calçada).....514
Imagem 164: carta L140 – questão QSL 199 (terreno).....518
Imagem 165: carta L141 – questão QSL 200 (ônibus urbano).....520
Imagem 166: carta L142 – questão QSL 202 (bar).....522
Imagem 167: carta L143 – questão QSL-A 01 (moringa).....524
Imagem 168: carta L144 – questão QSL-A 02 (bangula).....527
Imagem 169: carta L145 – questão QSL-A 03 (calombo).....529
Imagem 170: carta L146 – questão QSL-A 04 (caxumba).....532
Imagem 171: carta L147 – questão QSL-A 09 (diamba).....534
Imagem 172: carta L148 – questão QSL-A 12 (macumba).....537
Imagem 173: carta L149 – questão QSL-A 15 (cachimbo).....540
Imagem 174: carta L150 – questão QSL-A 20 (angu).....543
Imagem 175: carta L151 – questão QSL-A 25 (cará).....545
Imagem 176: carta L152 – questão QSL-A 26 (jabá).....548
Imagem 177: carta L153 – questão QSL-A 21 (bobó).....550

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **32**

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA **58**

1.1. DIALETOLOGIA: BREVE HISTÓRICO **58**
1.1.1. A PRÉ-DIALETOLOGIA 59
1.1.2 A DIALETOLOGIA CLÁSSICA 60
1.1.3 A DIALETOLOGIA MODERNA 63
1.1.4 A DIALETOLOGIA CONTEMPORÂNEA 64
1.2 DIALETOLOGIA: TRADIÇÕES **65**
1.2.1 ATLAS DE LÍNGUAS ANGLO-SAXÔNICAS **65**
1.2.2 ATLAS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS DA EUROPA 72
1.2.2.1 Atlas Ibéricos 74
1.2.3. ATLAS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS DAS AMÉRICAS 83
1.2.3.1 A Dialetologia no Brasil 86
1.3. DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA: CONVERGÊNCIAS **94**
1.3.1 PADRÃO E NORMA LINGUÍSTICA 99
1.3.2 A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL 104
1.4 ESTUDOS SOBRE A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NA LÍNGUA PORTUGUESA **107**
1.5 CRIOULIZAÇÃO, DESCRIOULIZAÇÃO E TRANSMISSÃO IRREGULAR **110**
1.6 O LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO **112**
1.7 O ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS (APFB) E A COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA DE HELVÉCIA **115**
1.8 O ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS (EALMG) E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS **117**

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **119**

2.1 AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA MESORREGIÃO NORDESTE DO PARÁ **119**
2.2 A REDE DE PONTOS DE INQUÉRITO **123**
2.3 O PERFIL DOS COLABORADORES **125**
2.4 HISTÓRICO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PESQUISADAS **126**
2.5. OS QUESTIONÁRIOS **139**
2.5.1 PROCEDIMENTOS PARA INCLUSÃO DE ITENS NO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL 140
2.6 A PESQUISA DE CAMPO **141**
2.6.1. EQUIPAMENTO UTILIZADO 142
2.6.2 A AMOSTRA ESTRATIFICADA 142
2.7 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS **143**
2.8 O BANCO DE DADOS **145**
2.9 AS CARTAS LINGUÍSTICAS **147**

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO AGQUINPA **151**

3.1 PERFIL DOS COLABORADORES DO AGQUINPA **151**
3.2 CARTAS NÃO SELECIONADAS PARA A DESCRIÇÃO **154**
3.3 DESCRIÇÃO DAS CARTAS SELECIONADAS **157**
3.3.1 ACIDENTES GEOGRÁFICOS 157
3.3.1.1 Córrego/Riacho 157
3.3.1.2 Pinguela 161
3.3.1.3 Redemoinho (de água) 164

3.3.1.4 Onda de mar 168
3.3.1.5 Onda de rio 171
3.3.2 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS 174
3.3.2.1 Redemoinho (do vento) 175
3.3.2.2 Relâmpago 178
3.3.2.3 Raio 180
3.3.2.4 Trovão 183
3.3.2.5 Temporal 186
3.3.2.6 Chuva forte 190
3.3.2.7 Estiar 193
3.3.2.8 Arco-íris 197
3.3.2.9 Garoa 199
3.3.2.10 Terra umedecida pela chuva 202
3.3.2.11 Neblina 205
3.3.3 ASTROS E TEMPO 208
3.3.3.1 Amanhecer 209
3.3.3.2 Anoitecer 212
3.3.3.3 Via Láctea 215
3.3.3.4 Anteontem 218
3.3.4 ATIVIDADES AGROPASTORIS 220
3.3.4.1 Amendoim 220
3.3.4.2 Penca 222
3.3.4.3 Bananas gêmeas 225
3.3.4.4 Parte terminal da inflorescência da bananeira 228
3.3.4.5 Sabugo 232
3.3.4.6 Vagem do feijão 234
3.3.4.7 Macaxeira 237
3.3.4.8 Mandioca 239
3.3.4.9 Cangalha 241
3.3.4.10 Paneiro 244
3.3.4.11 Perda da cria 248
3.3.4.12 Trabalhador de enxada em roça alheia 251
3.3.4.13 Picada 254
3.3.4.14 Caminho 258
3.3.5 FAUNA 261
3.3.5.1 Urubu 262
3.3.5.2. Beija-flor 264
3.3.5.3 Galinha d'angola 266
3.3.5.4 Sura 268
3.3.5.5 Cotó 271
3.3.5.6 Gambá 274
3.3.5.7 Patas dianteiras do cavalo 277
3.3.5.8 Crina da cauda 280
3.3.5.9 Lombo 282
3.3.5.10 Cadeira/Anca/Garupa 285
3.3.5.11 Úbere 288
3.3.5.12 Rabo 291
3.3.5.13 Manco 293
3.3.5.14 Mosca varejeira 296
3.3.5.15 Sanguessuga 299
3.3.5.16 Libélula 301
3.3.5.17 Bicho da fruta 303
3.3.5.18 Pernilongo 305
3.3.6 CORPO HUMANO 307

3.3.6.1 Cisco 307
3.3.6.2 Cega de um lado 310
3.3.6.3 Conjuntivite 312
3.3.6.4 Banguela 315
3.3.6.5 Fanhoso 318
3.3.6.6 Meleca 321
3.3.6.7 Nuca 323
3.3.6.8 Clavícula 326
3.3.6.9 Corcunda 329
3.3.6.10 Cheiro nas axilas 333
3.3.6.11 Canhota 337
3.3.6.12 Seios 339
3.3.6.13 Vomitar 342
3.3.6.14 Útero 345
3.3.6.15 Perneta 348
3.3.6.16 Manco 350
3.3.6.17 Pessoa de pernas arqueadas 353
3.3.6.18 Cócegas 358
3.3.7 CICLOS DA VIDA 360
3.3.7.1 Menstruação 360
3.3.7.2 Dar à luz 362
3.3.7.3 Mãe de leite 365
3.3.7.4 Irmão de leite 367
3.3.7.5 Filho adotivo 369
3.3.7.6 Caçula 372
3.3.7.7 Menino 374
3.3.7.8 Menina 378
3.3.7.9 Madrasta 380
3.3.7.10 Finado 382
3.3.8 COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL 385
3.3.8.1 Pessoa tagarela 386
3.3.8.2 Pessoa pouco inteligente 390
3.3.8.3 Pessoa sovina 393
3.3.8.4 Assassino pago 398
3.3.8.5 Marido enganado 401
3.3.8.6 Prostituta 404
3.3.8.7 Bêbado 407
3.3.8.8 Cigarro de palha 412
3.3.8.9 Toco de cigarro 415
3.3.9 RELIGIÃO E CRENÇAS 417
3.3.9.1 Diabo 417
3.3.9.2 Fantasma 420
3.3.9.3 Feitiço 424
3.3.9.4 Benzedeira 428
3.3.9.5 Curandeiro 433
3.3.9.6 Medalha 437
3.3.10 JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS 440
3.3.10.1 Cambalhota 441
3.3.10.2 Bolinha de gude 443
3.3.10.3 Papagaio de papel 445
3.3.10.4 Esconde-esconde 448
3.3.10.5 Cabra-cega 452
3.3.10.6 Balanço 455
3.3.10.7 Amarelinha 457

3.3.11 HABITAÇÃO 460
3.3.11.1 Tramela 461
3.3.11.2 Vaso sanitário 464
3.3.11.3 Lanterna 466
3.3.11.4 Interruptor de luz 468
3.3.12 ALIMENTAÇÃO E COZINHA 471
3.3.12.1 Carne moída 472
3.3.12.2 Aguardente 475
3.3.12.3 Empanturrado 477
3.3.12.4 Glutão 480
3.3.12.5 Bombom 483
3.3.12.6 Pão francês 486
3.3.12.7 Pão bengala 489
3.3.13 VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS 492
3.3.13.1 Sutiã 493
3.3.13.2 Cueca 495
3.3.13.3 Calcinha 497
3.3.13.4 Ruge 499
3.3.13.5 Grampo 502
3.3.13.6 Diadema/tiara 505
3.3.14 VIDA URBANA 508
3.3.14.1 Semáforo 509
3.3.14.2 Lombada 512
3.3.14.3 Calçada 514
3.3.14.4 Terreno 517
3.3.14.5 Ônibus urbano 519
3.3.14.6 Bar 521
3.3.15 LÉXICO DE ORIGEM BANTU NO AGQUINPA 523
3.3.15.1 Moringa 523
3.3.15.2 Bangula 526
3.3.15.3 Calombo 528
3.3.15.4 Caxumba 531
3.3.15.5 Diamba 533
3.3.15.6 Macumba 536
3.3.15.7 Cachimbo 539
3.3.15.8 Angu 542
3.3.15.9 Cará 544
3.3.15.10 Jabá 547
3.3.15.11 Bobó 549

CONSIDERAÇÕES FINAIS 552

REFERÊNCIAS 557

INTRODUÇÃO

Muitos estudos já apontaram as contribuições de centenas de línguas indígenas, que estiveram distribuídas no território nacional, para a formação do português brasileiro, principalmente no léxico[1]; no entanto, cabe ressaltar que as línguas de matriz Africana também tiveram sua parcela de contribuição para a formação da língua portuguesa, o que precisa ser investigado pela linguística do século XXI. Um dos pontos que se coloca no debate da contribuição (ou não) das línguas trazidas pelos escravos é se, do ponto de vista lexical, ainda podemos encontrar traços dessas línguas no português brasileiro, ou seja, se há um léxico[2] de origem africana ainda não dicionarizado e presente atualmente no português, e que pode ser considerado africanias[3]. É nesse ponto que esta tese se volta para o português falado em comunidades remanescentes de quilombos no Pará, redutos da resistência negra, no sentido de descrever o léxico usado em comunidades Quilombolas no Pará.

É tarefa dos linguistas realizar investigações desse tipo, pois não se trata de estudar uma língua de origem africana ou mesmo um dialeto, a exemplo do *black english* ou *Ebonics*[4], já que estamos diante de uma realidade em que ocorreram apropriações ou

---

[1] "O léxico é o acervo vocabular de uma língua, utilizado pelo homem para nomear a realidade ao seu redor, transmitir ideias e mesmo organizar pensamentos. Esse repertório lexical reflete aspectos culturais da sociedade que o utiliza e seu estudo propicia não só um melhor conhecimento da língua em uso por um dado grupo social, como também fornece pistas sobre o modo de viver e de pensar desse mesmo grupo, além de fornecer subsídios para a identificação de influências extralinguísticas e comportamentais incorporadas pelo acervo lexical de uma língua" (RAZKY, 2014. p. 144).

[2] Para Castro (2011, p. 2) "[...] são marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira e que transitam no âmbito da recreação (samba, capoeira, forró, lundu, maculelê), dos instrumentos musicais (berimbau, cuíca, agogô, timbau), da culinária (mocotó, moqueca, mungunzá, canjica), da religiosidade (candomblé, macumba, umbanda), das poéticas orais (os tutus dos acalantos, o tindolelê das cantigas de roda), das doenças (caxumba, tunga), da flora (dendê, maxixe, jiló, andu, moranga), da fauna (camundongo, minhoca, caçote, marimbondo), dos usos e costumes (cochilo, muamba, catimba), dos ornamentos (miçanga, balangandã), das vestes (tanga, sunga, canga), da habitação (cafofo, moquiço), da família (caçula, babá), do corpo humano (bunda, corcunda, banguela, capenga), dos objetos fabricados (caçamba, tipóia, moringa), das relações pessoais de carinho (xodó, dengo, cafuné), dos insultos (sacana, xibungo, lelé), do mando (bamba, capanga), do comércio (quitanda, bufunfa, muamba, maracutaia)".

[3] Segundo Castro (2012, p. 15), "podemos entender africanias como a bagagem cultural submergida no inconsciente iconográfico dos negroafricanos entrados no Brasil em escravidão e que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religião, no modo de ser e de ver o mundo, e, no decorrer dos séculos, como forma de resistência e de continuidade na opressão, transformaram-se e converteram-se em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que nos identifica como brasileiros."

[4] Segundo Trask (2008, p. 47-48), *ebonics* ou *black english* são "[...] as variedades diferenciadas do inglês usadas por muitos falantes nativos com origem na África ou no Caribe. Muitos países importantes de fala inglesa têm uma população considerável de pessoas negras cuja origem é a África ou o Caribe; os mais importantes são a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Por várias razões históricas, a maioria dos negros britânicos e americanos falam variedades de inglês que são bastante específicas e diferem das outras variedades no vocabulário, na pronúncia, na gramática e nos modos do discurso. [...] Como qualquer variedade de qualquer língua, essas

empréstimos de termos pela língua portuguesa resultantes do contato linguístico, tanto os de especialidade (como o léxico utilizados nos cultos das religiões de matriz africana) quanto aqueles integrados e dicionarizados como caçula, caxumba, marimbondo, dentre outros.

Faz-se necessário investigar essa variedade usada nessas comunidades, e identificar e realizar o mapeamento das variantes lexicais, o que justifica a escolha dos pontos de inquérito em comunidades remanescentes de quilombo no Pará. A Mesorregião Nordeste do Pará concentra elevado número de comunidades quilombolas, a maioria situada em áreas rurais, como mostrarei no capítulo 2.

Estudos dessa natureza, que busquem levantar e documentar dados lexicais, em especial aqueles oriundos dessas comunidades denominadas quilombolas[5], possuem grande importância no contexto amazônico, pois muitas dessas comunidades lutam pela regularização fundiária de suas terras, pelos seus direitos e, principalmente, pela sua identidade, inclusive sociolinguística. No entanto, as pesquisas dessa natureza são escassas por diversos motivos, dentre os quais se inscrevem a falta de projetos financiados, principalmente para a realização de pesquisa de campo, além do baixo quantitativo de pesquisadores interessados pela temática dentro da área da linguística, apesar da importância do tema para a historiografia e história social do Português Brasileiro.

A diáspora africana

O coração do empreendimento escravagista colonial era o continente africano, embora não fosse a única região envolvida, pois a rede que integrava essa atividade incluía países europeus e mercadores presentes também nas Américas. A explicação do porquê essa atividade se intensificou em regiões da África não é simplória, o que se sabe é que essa comercialização de seres humanos envolvendo negros e negras era oriunda de conflitos tribais motivados ou não por questões políticas ou religiosas (como as *jihads*) e já existentes bem antes de a escravidão virar negócio lucrativo para as nações do ocidente.

---

variedades negras do inglês exibem características muitas das quais têm um interesse linguístico considerável; por exemplo, muitas dessas variedades têm sistemas verbais altamente diferenciados, que fazem distinções desconhecidas nos outros tipos de inglês. É possível que parte desses traços sejam continuação dos crioulos falados outrora pelos antepassados dos falantes atuais, e alguns podem até mesmo ser a continuação de características presentes nas línguas maternas dos africanos vendidos ao tráfico de escravos, muito tempo atrás."

[5] Grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Decreto 4.887/2003).

O fato é que boa parte de negros africanos, principalmente da costa da África, teve que deixar sua terra contra a sua vontade para embarcar em uma jornada penosa, e muitas vezes letal, além-mar para terras desconhecidas. Nesse contexto, a África passou a exportar uma das primeiras *commodities* em escala global. As Américas, tanto a espanhola quanto a portuguesa, tornaram-se o principal destino dessa leva de negros, que seriam empregados em grande parte para substituir a mão de obra local indígena ou mesmo para maximizar os lucros de senhores de engenho, em um primeiro momento, e depois nas minas de ouro de Minas Gerais.

Três séculos de escravidão no Brasil

Os registros da escravidão, no Brasil, não são precisos e os documentos existentes pós promulgação da Lei Áurea são insuficientes para nos dar o real tamanho do empreendimento escravagista, mas, de acordo com os registros existentes de entrada e saída de mercadorias dos principais portos do Brasil-Colônia, a estimativa numérica de negros trazidos da África para o território gira em torno de 5 milhões (RIBEIRO, 1995). Já, de acordo com estimativas do IBGE (2000), o número de negros escravizados ingressados, no Brasil, entre 1500 e 1855, foi o seguinte:

Tabela 1: Entrada de negros escravizados no Brasil.

1500-1700	1701-1760	1761-1829	1830-1855
510.000	958.000	1.720,000	618.000

Fonte: IBGE, Brasil. 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. p. 223.

Como podemos observar, o número de cativos cresceu entre 1500 e 1829 e só houve um decréscimo a partir de 1830. É importante dizer que, no período de 1500 a 1817, a emigração portuguesa era bem inferior numericamente, se comparada com a população escravizada, conforme estimativas do IBGE (2000):

Tabela 2: Estimativa de emigração portuguesa para o Brasil Colônia.

1500-1700	1701-1760	1808-1817
100.000	600.000	24.000

Fonte: IBGE, Brasil. 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. p. 223.

Com um elevado contingente de negros escravizados, a escravidão negra no Brasil era excessivamente lucrativa para os senhores de escravos e a utilização desse tipo de mão de obra foi muito além dos empreendimentos agrícolas, como bem aponta Fausto (2009, p. 33):

> A escravidão foi uma instituição nacional. Penetrou toda a sociedade, condicionando seu modo de agir e de pensar. O desejo de ser dono de escravos, o esforço para obtê-los ia da classe dominante ao modesto artesão das cidades. Houve senhores de engenho e proprietários de minas com centenas de escravos, pequenos lavradores com dois ou três, lares domésticos com apenas um escravo.

Ao longo dos três séculos de escravidão no Brasil, a demanda por esse tipo de mão de obra era cada vez maior e só decaiu à medida que o empreendimento escravagista ia sendo criticado e abolido gradualmente ao redor do mundo, de modo que nos últimos anos dessa atividade, quando filhos de escravos já nasciam livres e escravos idosos eram alforriados, o tráfico negreiro ainda mantinha os lucros dos grandes mercadores, em virtude da alta demanda. No entanto, em 1888, após pressão internacional (principalmente inglesa) e do movimento abolicionista local, liderado por Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, a escravidão oficial em todas as sua formas e métodos foi abolida do Brasil, mesmo a contragosto dos senhores de escravos e de setores da elite brasileira, tornando o Brasil o último país das Américas a abolir a escravidão no Ocidente. A abolição da escravatura negra não teve no seu cerne o viés humanitário e sim uma forte motivação econômica, pois "ficou antieconômico produzir com base no trabalho escravo" (BENTES, 2013, p. 14).

A Escravidão Negra no Pará

A Amazônia sempre foi considerada, durante boa parte do período colonial, como uma vasta área no extremo Norte sem interesse para a Metrópole e, portanto, o tráfico negreiro era praticamente inexistente ou irregular e buscava atender pequenas demandas agrícolas específicas, especialmente os engenhos da região. Segundo Bezerra Neto (2012, p.45), "entre 1708 e 1750, com poucos anos sem a entrada de nenhuma embarcação, 46 navios chegaram ao Estado do Maranhão e Grão-Pará. [...] A partir de 1730, houve um aumento significativo do número de navios negreiros ingressados [...]". A baixa utilização de mão de obra escrava se dava em virtude do emprego de mão de obra indígena (que passou a ser ilegal

posteriormente), desse modo, somente na segunda metade do século XVIII esse cenário sofreu alteração com o comércio de cativos na região. Grande parte dos negros escravizados eram utilizados na região que corresponde, hoje, a áreas localizadas na região Nordeste do Pará, o que é confirmado por Bezerra Neto (2012, p. 132):

> A área mais antiga e tradicional da lavoura canavieira em território paraense situava-se tanto nas bacias dos rios Acará, Guamá e Capim quanto nas dos rios Moju e Tocantins respectivamente localizadas nas regiões denominadas de Zona Guajarina, em torno de Belém, e Baixo Tocantins, em torno de Cametá.

Do ponto de vista geográfico, a localização desses engenhos e dos empreendimentos agrícolas na calha de rios propiciou o escoamento da produção, por outro lado, essa localização privilegiada também proporcionou facilidade nas fugas e, posteriormente, a formação dos quilombos, pois era pelas matas e rios que os negros escravizados fugiam para além do alcance dos senhores e das patrulhas que buscavam resgatá-los. Com o fim da escravidão e a derrocada dos empreendimentos agrícolas, parte dessas áreas passaram a ser ocupadas pelos antigos cativos e seus descendentes. Até hoje é possível encontrar ruínas desses antigos engenhos às proximidades de algumas comunidades quilombolas, como podemos observar nas imagens a seguir:

Imagem 1 - Ruínas do antigo engenho construído por meio de mão de obra escrava, localizado na comunidade do Cacau (Colares/PA), um dos pontos de inquérito do AGQUINPA.



Fonte: Associação dos Amigos da Ilha de Colares – AAICO[6].

Imagem 2 - Ruínas do antigo Engenho APROAGA (São Domingos do Capim/PA).



Fonte: Marin *et al.*[7] (2012, p. 13).

[6] Disponível em: http://amigosdecolares.blogspot.com.br/2010/05/ruinas-do-engenho-do-barao-do-guajara.html Acesso em 18 de agosto de 2015.

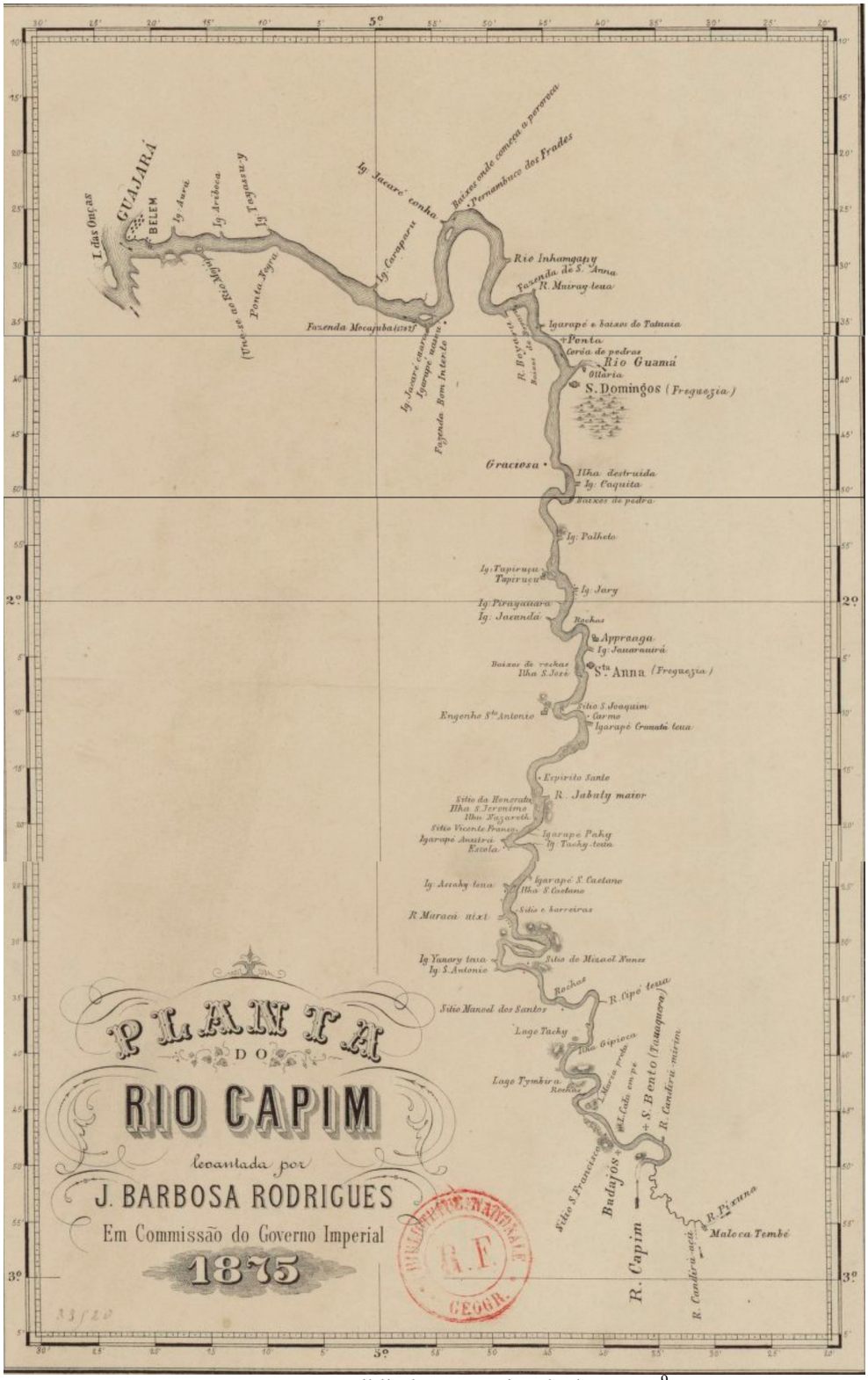
No Pará, os negros escravizados passaram a substituir quase que totalmente a mão de obra indígena (exceto a mão de obra indígena oriunda das "guerras justas"), que passou a ser proibida na segunda metade do século XVIII e, com isso, a demanda por mão de obra oriunda de regiões da África aumentou consideravelmente e atendia desde os proprietários rurais no cultivo de cana-de-açúcar, de cacau e de tabaco ou mesmo na pecuária (especialmente no Marajó) até instituições religiosas e beneficentes, como a Santa Casa de Misericórdia, que se utilizava de negros escravizados nas mais variadas tarefas.

De acordo com Salles (2004), em 1822 parte da população paraense era composta por negros escravizados e, em 1848, esse contingente populacional sofreu redução a um terço em virtude de fatores socioeconômicos e também políticos, dentre os quais a Revolta da Cabanagem[8] (1835-1840), que desorganizou o sistema escravagista da região, pois o levante popular explodiu nas áreas da lavoura de cana-de-açúcar, especialmente na calha do rio Capim, na região do Moju, além de Acará e Muaná.

Na imagem 3, a seguir, podemos observar a planta do rio Capim e os engenhos instalados ao longo da calha do rio. No fim do século XIX, a maioria desses engenhos faliu e algumas áreas de plantação foram ocupadas pela população negra cativa da época, vindo a constituir muitos dos quilombos da região, como veremos adiante.

[7] Disponível em: http://issuu.com/revistapzz/docs/aproaga Acesso em 18 de agosto de 2015.
[8] Praticamente no mesmo período ocorria a Balaiada no Maranhão (1838-1841), que também teve participação de contingente negro, tanto de fugidos quanto de aquilombados (SANTOS, 1983; JANOTTI; LOURDES, 1987).

Imagem 3 - Planta do Rio Capim e seus engenhos levantada por J. Barbosa Rodrigues em 1875.



Fonte: Bibliothèque Nationale de France[9].

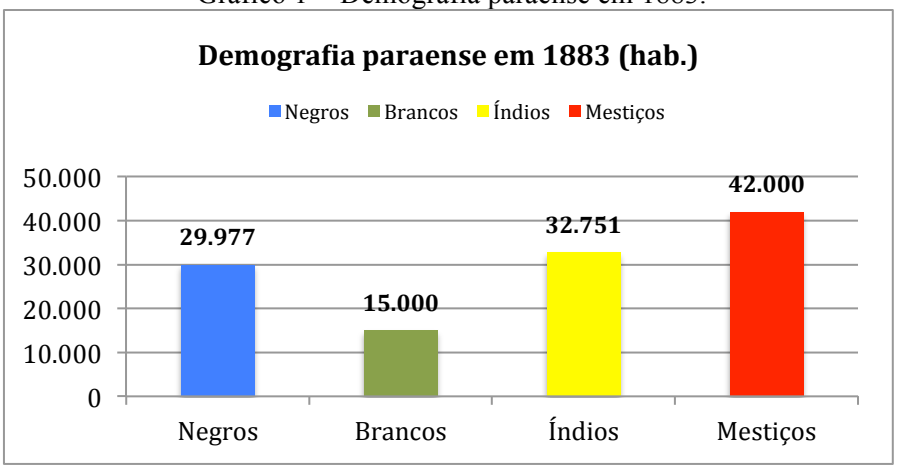
[9] Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84435603 Acesso em 18 de agosto de 2015.

Segundo Marques (2004), as margens dos rios Capim, Tocantins, Guamá, Moju e Acará foram estrategicamente utilizados por possuírem áreas férteis e também serviam de corredor para o escoamento da produção. Anos mais tarde, esses corredores hidrográficos serviriam também para o escoamento da pequena produção agrícola dos remanescentes de quilombo, com destaque para a farinha de mandioca e o açaí.

Estima-se que a chegada do último "carregamento" de negros escravizados no Pará tenha ocorrido no ano de 1834, pouco tempo antes da Revolta da Cabanagem e, segundo Silva *et al* (2014, p. 31), "para todos os efeitos o tráfico negreiro cessou na Amazônia em 07 de janeiro de 1835, com a tomada do poder pelos cabanos" e "durante a vigência do governo revolucionário medidas foram baixadas proibindo todo e qualquer comércio envolvendo o tráfico negreiro africano como também o tráfico negreiro regional". Essas medidas tiveram efeito positivo no contexto da Cabanagem, pois a participação dos negros escravizados ou de negros fugidos e aquilombados foi importante do ponto de vista logístico, afinal o coração do levante ocorria em áreas rurais e em muitos casos os mocambos ou quilombos serviam de "trincheira" para os revoltosos.

De acordo com Chiavenato[10] (1984 *apud* SILVA *et al*, 2014, p. 33), em 1883, a população negra no Pará era numericamente maior se comparada com o número de brancos, como podemos observar no gráfico 1 que segue:

Gráfico 1 - Demografia paraense em 1883.



Fonte: Chiavenato (1984).

Verificamos que, no gráfico 1, a população não branca era minoritária e a população negra só não era maior do que a população de índios e mestiços. Apesar da falta de mais

[10] CHIAVENATO, Júlio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

dados populacionais do período da escravidão no Pará, podemos afirmar que o contingente populacional negro refletia a mesma tendência do restante do Brasil, com uma população de negros superior a de brancos[11] (FAUSTO, 2009).

Em relação à origem desses negros escravizados, de acordo com o levantamento etnológico de Castro (2005), no Estado do Pará teve a prevalência de grupos originários da costa africana ocidental, especialmente de Angola, Gabão, Moçambique e Congo, conhecida como África bantu[12], que engloba o grupo etnolinguístico das línguas *Bantu*, dentre as quais podemos destacar o *quicongo*, *kimbundo* e *umbundo* (provavelmente as línguas africanas com as quais o português brasileiro teve maior contato durante o período da escravidão). Por outro lado, as línguas de origem sudanesa, dentre as quais a língua *nagô*, tiveram um papel menor, mas não menos importante, como afirma Lopes (2006, p. 198):

> De fato, no vocabulário do português falado no Brasil os termos de origem nagô estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, a descrição dos trajes e a culinária afro-baiana. E mesmo o vocabulário do culto jejê-nagô sofreu influência banta haja vista a popularização, em seu meio, de termos como quizila, dijiba (nome de iniciação) etc.

Não há registro consistente de presença africana sudanesa na Amazônia e se essa presença existiu, não deixou marcas evidentes na região, ao contrário do que ocorreu em Salvador, na Bahia, onde a presença sudanesa (conhecidos também como nagôs, nagôs-jeje, mina ou iorubás) foi elevada. Também na Bahia, tivemos a presença de negros escravizados muçulmanos de origem sudanesa que dominavam a escrita árabe e que mantinham sua prática religiosa, apesar de "convertidos" ao catolicismo[13]. Este grupo, conhecido como *malê*[14], foi

[11] De acordo com Fausto (2009, p. 32), "(...) nas quatro maiores regiões – Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro –, negros e mulatos representavam respectivamente cerca de 75%, 68%, 79% e 64% da população. Apenas São Paulo tinha uma população majoritariamente branca (56%)".

[12] "O escravismo brasileiro foi eminentemente banto, como prova a presença afro-originada principalmente na música, nas danças dramáticas, na língua, na farmacologia, nas técnicas de trabalho e até mesmo nas estratégias de resistência aqui desenvolvidas, como nos casos exemplares dos quilombos e das irmandades católicas. Mas a historiografia anterior à década de 1970, de um modo geral, procurou negar essa hegemonia. E, a nosso juízo, o fez com um objetivo definido: o de negar importância à regra, à maioria, mitificando positivamente, de certa forma, apenas a exceção. Daí, o 'negro tu', sempre submisso e imbecilizado, contraposto ao 'malê' ou 'mina', generalizadamente mostrado como rebelde, altivo e letrado" (LOPES, 2006, p. 9).

[13] "Uma das 'justificativas' para a escravização do negro foi a 'salvação' de sua alma. Argumentavam os escravagistas, entre outras coisas, que desenraizar o africano de seu continente era um bem que se fazia a eles pois, assim, livre do 'paganismo', das 'práticas antropofágicas', da 'idolatria' etc., ele encontraria a salvação espiritual através do cristianismo, numa pátria nova onde deveria esquecer todos os vínculos passados. Então, antes de embarcar no navio negreiro, os cativos eram, em geral, batizados à força, numa cerimônia rápida e superficial [...]. O segundo passo na tarefa de 'salvação' das almas dos africanos escravizados era dado, no Brasil, logo que eles eram comprados. Recebiam um nome cristão e, a partir desse momento, eram submetidos a um processo de despersonalização, de perda da identidade." (LOPES, 2006, p.55-56).

responsável por uma importante insurgência que abalou o sistema escravagista em 1835 (LOPES, 2006; CAIRUS, 2002; REIS, 2003).

O processo de formação dos quilombos

Já bem antes do fim oficial da escravidão no Brasil, era comum e constituía-se como uma das principais preocupações dos senhores de escravos o movimento de fuga das senzalas para áreas distantes e de difícil acesso. Especificamente na região Amazônica, essas fugas ocorreram no Pará e no Maranhão[15] (No Estado do Grão-Pará e Maranhão até o século XVIII e, posteriormente, Estado do Grão Pará e Rio Negro e Estado do Maranhão e Piauí até a transferência da Corte portuguesa para o Brasil). Como essas fugas eram comuns, surgiram na região expedições violentas, com o objetivo de capturar os fugitivos, pois um escravo fugidio acabava se tornando grande prejuízo para o seu proprietário. Segundo Bentes (2013), houve aumento dessas medidas principalmente após o fim da Revolta da Cabanagem, especialmente através da repressão aos mocambos e aos açoutadores (que davam suporte às fugas), como forma de reorganizar o sistema já em crise naquele momento, no entanto, essas tentativas de recaptura nem sempre logravam êxito, uma vez que, segundo Gomes (1995), esses territórios eram verdadeiras "hidras"[16] aos olhos das autoridades coloniais em virtude da dificuldade no combate a esse tipo de levante.

Ao fugirem da escravidão das senzalas, esses negros, uma vez livres, formavam pequenos agrupamentos[17] em regiões distantes dos centros urbanos, pela certeza de que não

---

[14] Os negros escravizados conhecidos como Malês foram vendidos como escravos depois de uma série de conflitos locais, especialmente a jihad promovida no fim do século XVIII por Othman Dan Fodio contra os hauçás (LOPES, 2006).

[15] "No Maranhão ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX se formaram grandes mocambos organizados por mocambeiros – como eram chamados ali os quilombolas – numa extensa rede socioeconômica, articulando fazendeiros, grupos indígenas, roceiros, garimpeiros e outros setores rurais. Juntamente com o Nordeste açucareiro da Bahia e de Pernambuco, foi uma das mais importantes regiões agroexportadoras, com plantações de arroz e algodão. A partir da segunda metade do século XVIII – em verdadeiros empórios de escravos fugidos. Entre Turiaçu e o Gurupi, as notícias sobre quilombos datavam de 1702. Situada entre os limites do Pará e o Maranhão, tal área permaneceu muito tempo marcada por litígios da administração colonial: primeiramente pelo estado Maranhão e Grão Pará. Era cortada por dois grandes rios que foram usados como marcadores de fronteiras. Até 1852, o rio Turiaçu pertencia ao Pará, e depois passou a pertencer ao Maranhão. Posteriormente as marcações seriam as margens do rio Gurupi, uma pertencendo ao Pará e a outra ao Maranhão" (GOMES, 2015, p. 109).

[16] De acordo com a mitologia grega, a Hidra de Lerna tinha corpo de dragão e três cabeças de serpente e a cada cabeça cortada por Héracles duas cabeças regeneradas nasciam no lugar (BULFINCH, 2006).

[17] Para Figueiredo (1976, p. 150), "[…] muitos dos escravos fugidos das senzalas organizaram quilombos nas

seriam recapturados. Nesses locais, também chamados de quilombos[18], em virtude do étimo aquilombar, que significa "juntar ou unir", os ex-escravos passavam a viver da subsistência do que plantavam. Para Bentes (2013, p. 76), podemos conceituar os quilombos como:

> [...] 'comunidades quilombolas', 'quilombos', 'comunidades negras rurais'. No início do processo de fortalecimento da categoria 'remanescente de quilombos', o conceito ficava preso a 'negros fugidos', porém [...] ativistas e acadêmicos foram demonstrando a justeza na necessidade de ampliar o conceito. Assim, podem ser consideradas 'comunidades remanescentes de quilombos', as que foram formadas a partir dos quilombos considerados como tal, no tempo do escravismo (reduto de escravizados fugidos); dos que resultaram de herança deixadas pelos 'senhores'; das 'terras de preto'; das aglomerações de negros após a abolição e outras, desde que se auto definam como quilombolas.

É importante destacar que esse conceito do termo quilombo sofreu mutações ao longo dos anos, como aponta O'Dwyer[19] (2002, *apud* SOUZA, 2015, p. 42):

> [...] o termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conteúdo histórico, o mesmo vem sendo 'ressemantizado' para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. [...] Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram construídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.

Muitos senhores de escravos que foram à falência por não terem condições de substituir a mão de obra escravizada pela assalariada tiveram que doar, vender, arrendar ou mesmo abandonar as terras para agrupamentos de ex-escravos, como forma de indenização ou por não terem interesse em manter algum tipo de atividade nas terras antes produtivas, portanto, muitos dos atuais quilombos são, na verdade, antigas fazendas ou engenhos que foram doados, comprados ou ocupados de alguma forma aos ex-escravos recém-libertos.

---

adjacências das principais cidades amazônicas e mesmo no interior da região. No Pará, ficaram célebres os mocambos dos Rios Curuá, nas proximidades de Alenquer; Trombetas e Cuminá, nas proximidades de Obidos e Oriximiná; Tocantins, nas proximidades de Tucuruí, Mocajuba e Cametá; Gurupi, na fronteira do Pará e Maranhão. No Maranhão organizaram-se nos Rios Riaracassumé e Turiaçu, nas vizinhanças da cidade de Turiaçu, e no Amapá, nos Rios Oiapoque e Calçoene, bem como perto de Mazagão".

[18] "Na Amazônia colonial, os quilombos se localizavam em matas fechadas, cachoeiras e igarapés de difícil acesso, nas divisas fronteiriças entre nações da região, ou em regiões periféricas às vilas e engenhos. Esses grupos sobreviviam graças: a adaptação às condições adversas da floresta tropical; às alianças que mantinham com outros grupos quilombolas, indígenas, marrons (das Guianas francesa, inglesa, holandesa) e, com determinados segmentos da sociedade escravista (como os regatões)" (FUNES, 1995, p. 153).

[19] O'DWYER, E. C. (Org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABA, 2002..

Com o fim definitivo da escravidão oficial, os quilombos passaram a ser comunidades rurais consolidadas e não mais sofriam perseguições institucionais e cada vez mais novas comunidades foram surgindo, tanto no campo como na cidade[20], apesar de terem se tornado "invisíveis" para o poder público e para a sociedade em grande parte do século XX, invisibilidade essa que só foi desfeita com o reconhecimento do *status* dado pela Constituição Federal de 1988, graças ao empenho do Movimento Negro, dentre os quais, podemos apontar no Pará o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA[21]).

Segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP), há atualmente quilombos distribuídos em quase todo o território brasileiro, sendo que muitos deles ainda lutam pela regularização da terra e para manterem vivas as tradições dos seus antepassados. Gomes (2015, p. 128) descreve com exatidão as graduais conquistas dos quilombos ao longo dos anos:

> Ao longo dos anos 1980 e 1990 em vários encontros – com destaque ao pioneirismo do Maranhão, comunidades negras rurais remanescentes de quilombo começaram a se organizar nas reinvindicações de seus direitos sobre as terras que ocupavam. O termo remanescente de quilombos foi oficializado na Constituição brasileira de 1988. O art. 68º dos ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias) promulgava que "aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos", garantindo automaticamente o direito possessório das terras ocupadas e herdadas por seus antepassados; enquanto o art. 216, parágrafo 5º da Constituição, instituía o tombamento de "documentos" e "sítios detentores de remanescências de antigos quilombos", determinando assim que os "remanescentes de quilombos" sejam reconhecidos como patrimônio cultural da nação.

Atualmente, dentre as principais ameaças à desagregação desses territórios podemos apontar o avanço da fronteira agrícola e pecuarista, além da instalação de grandes projetos de infraestrutura, como a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte ou a ampliação das plantações de dendê, na região do rio Capim, para produção do óleo de palma[22]

[20] De acordo com Bentes (2013, p. 75), "faz tem tempo que está sendo colocada a questão dos 'quilombos urbanos' (cidades cresceram e abarcaram vários quilombos). Em Belém, os bairros do Jurunas, Pedreira e Guamá (chamados subúrbios), podiam ser considerados quilombos; hoje também podem ser considerados quilombos urbanos os bairros da Terra Firme, Bengui, etc.".

[21] Fundado nos anos 80, do século XX, o CEDENPA "vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação, que produzem a desigualdades sócio-raciais, de gênero e outras, prejudicando, sobretudo, a população negra e indígena, em todos os aspectos da sociedade brasileira". Para mais informações acesse o *site* http://www.cedenpa.org.br/.

[22] *The Quilombolas hardly have a voice in the public debate on the palm oil programme. No studies have been commissioned to investigate their complaints. The reasons for this are complex. Socially, the quilombolas are marginalised in all of Brazil. They have low monetary incomes, and they only have precarious access to education, health and agricultural credits [...]. In the case of Pará, numerous municipal offices and single trade unionists directly cooperate with the palm oil corporations. Unlike the situation in the 1980s, there are hardly*

(AGROPALMA/Vale), dentre outras atividades que impactam tanto a subsistência quanto o meio ambiente desses territórios.

De acordo com o Programa Brasil Quilombola (BRASIL, 2013), o Brasil possui mais de 3.000 comunidades quilombolas e, desse total, 2.197 são comunidades reconhecidas oficialmente e com população estimada de 1,17 milhão de habitantes, distribuídas em 24 [23] Estados da federação. A maioria dessas comunidades está situada nos estados da Bahia, Pará, Maranhão e Minas Gerais. Para a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP, 2011), apenas 6% das mais de 3.000 comunidades remanescentes de quilombo possuem título de posse de terra emitido.

No Pará, as comunidades quilombolas totalizam aproximadamente 523 comunidades[24] reconhecidas e distribuídas em 55 territórios. As mesorregiões Nordeste do Pará e Baixo Amazonas abrigam grande parte dessas comunidades, como podemos visualizar no mapa 1 de densidade que segue:

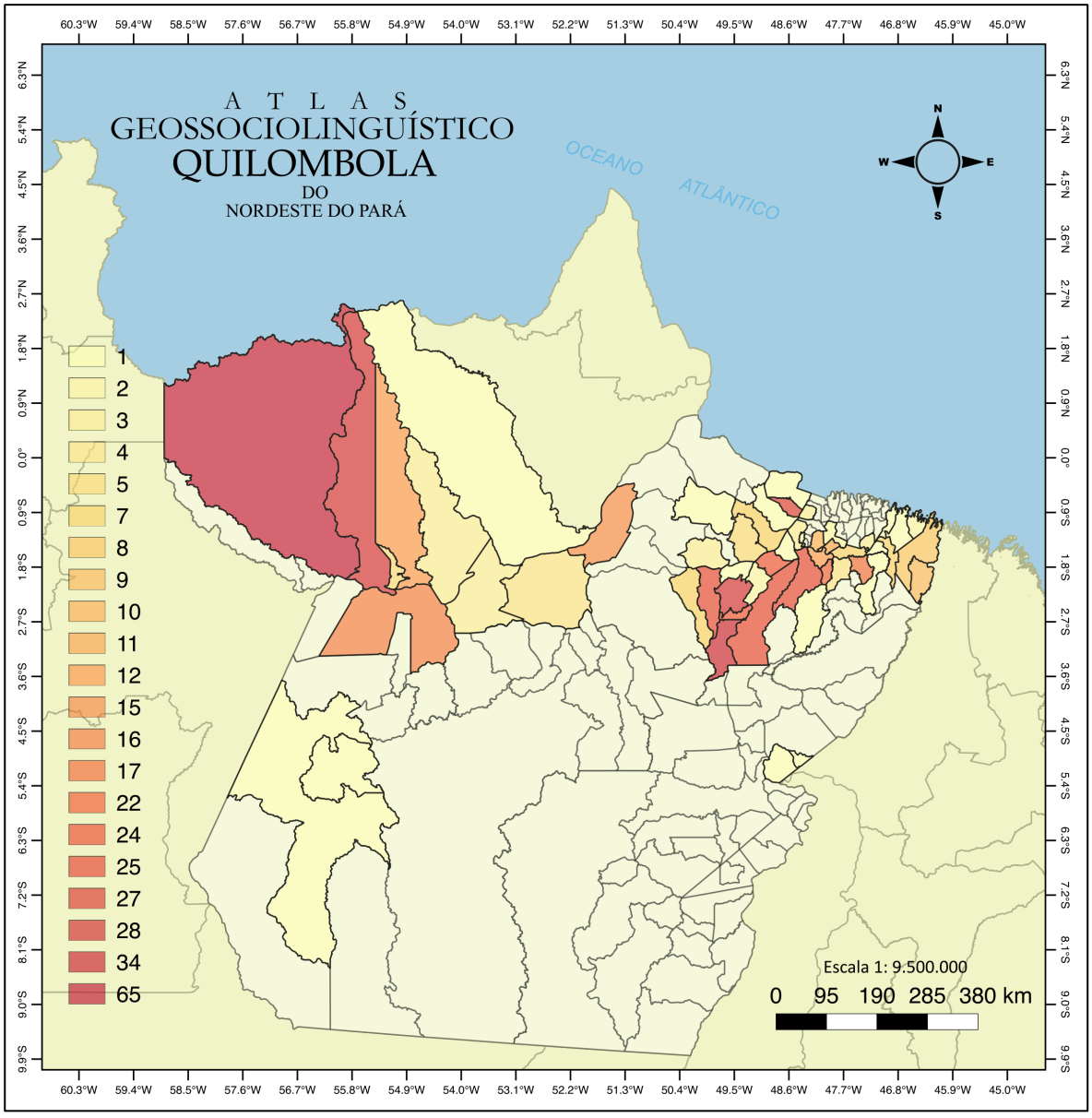
---

any NGOs in the region today. The state palm oil programme has exacerbated their marginalisation. Not only the Quilombolas but the entire rural population of the region has been circumvented by the programme implementation" (BACKHOUSE *et al*., 2013, p. 11).

[23] Apenas Acre, Roraima e Distrito Federal não possuem registros de comunidades quilombolas.

[24] De acordo com o levantamento de Gomes (2015, p. 145), o Pará possui 523 comunidades remanescentes de quilombo reconhecidas e certificadas.. Outras fontes apontam que há 398 comunidades remanescentes de quilombo no Pará (BENTES, 2013, p. 82, com dados da FCP, UnB, INCRA, SEPPIR, Programa Raízes e CEDENPA). Segundo Bentes (2013, p. 83), "pode haver alguma diferença (de quantitativo de comunidades) [...] Existem também casos de comunidade (sic) que já são praticamente cidades e por isso deixaram de ser 'quilombola'; outras, mesmo tendo características, não querem ser 'quilombolas'".

Mapa 1 - Densidade da distribuição das comunidades Quilombolas no Estado do Pará.



Fonte: Dias (2017), com dados do INCRA; FCP; ITERPA; Bentes (2013) e Gomes (2015).

É importante destacar que o número de comunidades quilombolas tende a crescer à medida que os territórios são reconhecidos e titulados, portanto, podemos encontrar no Pará comunidades com forte presença de remanescentes de quilombos, porém ainda sem o devido reconhecimento ou mesmo titulação. O processo de reconhecimento, titulação e desapropriação das terras é essencialmente burocrático e depende de uma série de etapas executadas por órgãos como o INCRA, Fundação Cultural Palmares e Governos Estaduais. O Pará possui legislação própria (Decreto Estadual 261, de 22 de novembro de 2011) e em 2011

foi responsável por 38% das titulações realizadas no Brasil (CPISP, 2011). O ritmo de titulações e desapropriações por parte do Governo Federal é lento, em parte por conta da falta de recursos humanos para cobrir toda a extensão territorial e também por pressões significativas da "bancada ruralista", no Congresso Nacional, formada principalmente por parlamentares ligados direta ou indiretamente ao agronegócio e que defendem os interesses dos grandes proprietários rurais.

De acordo com Bentes (2013, p. 76), as comunidades quilombolas no Pará possuem as seguintes características gerais: a) estão localizadas, na maioria das vezes, no meio rural; b) a maioria dos moradores que reside nessas comunidades é negra; c) muitos moradores da comunidade possuem a mesma origem familiar; d) dentre as principais atividades podemos destacar o extrativismo animal (pesca e captura do caranguejo, por exemplo), extrativismo vegetal (coleta de castanhas, látex, açaí, palmito, etc.), além de plantios de mandioca, milho, hortas, frutas, etc.; e) as atividades produtivas são realizadas, predominantemente por mão de obra familiar; f) a terra é considerada coletiva e cada morador possui direito ao plantio; g) geralmente professam a mesma religião, na maioria das vezes a católica, em virtude do contato intermitente com a cultura branca, além das religiões de matriz africana, como a umbanda, tambor de mina e o candomblé.

O Legado da cultura Negra na Amazônia

A marca da presença africana na Amazônia se faz presente em muitos aspectos culturais, indo da música, passando pela culinária, até os falares da região, como os locativos de origem africana, apontados por Salles (2011, p. 6), em duas passagens do texto *As Raízes da Cultura Mestiça na Amazônia*:

> Capítulo especial dos usos e costumes está contido nos hábitos alimentares, na habitação, na vida comunitária e por vezes no próprio isolamento na beirada dos rios a que muitos foram forçados a viver, refazendo, na paisagem amazônica, a imagem da palafita africana.

> No tempo do Marquês de Pombal os locativos indígenas foram substituídos por locativos portugueses, assim como foi abolida a Língua Geral, impondo-se, por determinação régia, a língua do colonizador. Mas ainda há muitos locativos de sonoridade nheengatu, a língua do índio, como também há aqueles dos falares

> africanos, a exemplo de Afuá (na ilha do Marajó), Samba (ilha do município de Baião), Loanda (no município de Alenquer), etc.

Nas manifestações religiosas, podemos apontar as festividades do Divino (em Cametá) e São Sebastião (nas Marujadas de Bragança e Augusto Corrêa, por exemplo), originalmente organizadas por irmandades compostas por negros. Também não podemos esquecer das manifestações religiosas de matriz africana, espalhadas tanto no campo quanto na cidade e formalmente reprimidas pelas forças policiais desde o século XIX. Os batuques foram proibidos, mas não deixaram de existir e comporiam a base de muitas manifestações artístico-culturais da região, como o carimbó, o lundo, o siriá, o marambiré, o samba de cacete e o tambor de crioula.

Na literatura, podemos apontar a obra *Batuque*, de Bruno de Menezes[25], como uma das principais expressões de africanidade na Amazônia, por retratar aspectos culturais essencialmente negros, dentre os quais a musicalidade. Outro autor, talvez o romancista que melhor retratou a presença da figura do negro na sociedade amazônica, foi Dalcídio Jurandir[26], ao representar, na obra *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), o drama social individual do personagem Alfredo, filho de mãe negra e que sofre o peso da discriminação e, por consequência, da exclusão social por conta da cor de sua pele (COSTA; PEREIRA, 2014). Esse quadro da presença negra na literatura amazônica é muito bem delineado por Rodrigues (2014, p. 125):

> [...] uma das mais densas e mais importantes contribuições sobre a questão negra é o *Batuque*, parte integrante da cultura negra no Pará, com extenso e rico vocabulário de origem africana, corrente e tradicional. Isso é ressaltado quando analisamos a escolha do nome da personagem principal da trama no romance *Marajó*. Missunga é um termo tipicamente africano, designando o menino branco com linguagem de negro. Ele é filho do coronel Coutinho – homem branco e poderoso – espécie de "Sinhozinho" naquele mundo de grandes propriedades, é a personagem que caracteriza a continuidade do regime espoliativo implantado pelo colonizador nas terras de Marajó.

Há muito mais elementos marcantes da cultura negra na Amazônica, como a capoeira, pratos da culinária (moqueca, xinxim, cuxá, dentre outros), lendas ou variações de lendas (Mapinguarí, Anhanga, Curupira, etc.), além do vocabulário[27].

---

[25] Bruno de Menezes (1893-1963) foi poeta e funcionário público nascido em Belém.

[26] Considerado como um dos maiores romancistas brasileiros, Dalcídio Jurandir (1909-1979) nasceu em Ponta de Pedras e morreu no Rio de Janeiro. Além de escritor, também foi militante do Partido Comunista e jornalista.

[27] "[...] podemos listar algumas palavras: muxinga (chicote); mocambo (couto de escravos); cabungo (urinol); caçula (filho menor); cacunda (costas, dorso); gingar (andar bamboleando); guzo (força); quitute (guizado); senzala (casado de escravizado); batuque (samba, dança, ritmos); xingar (reclamar); bunda (nádegas); moqueca

A população negra no Brasil

Como já foi dito anteriormente, o Brasil foi o último país no Ocidente a abolir totalmente a escravidão, ainda no século XIX, e, desde a abolição, a situação social dos ex-escravos e dos descendentes de remanescentes vem se mostrando precária até hoje, apesar dos recentes esforços governamentais e dos movimentos sociais, dentre os quais podemos apontar a titulação de terras e o avanço nas políticas afirmativas. A população negra e, no caso específico, as comunidades quilombolas lutam diariamente contra a exclusão social e a discriminação racial, além de conviverem com preconceito alimentado por muitos setores da sociedade. Esse cenário inicial de exploração, posteriormente associado à exclusão e à desigualdade pós-abolição, agravou a situação da população negra brasileira como apontam Schwarz e Starling (2015, p. 14-15):

> [...] o Brasil segue sendo campeão em desigualdade social e pratica um racismo silencioso mas igualmente perverso. Apesar de não existirem formas de discriminação no corpo da lei, os pobres e, sobretudo, as populações negras são ainda mais culpabilizados pela Justiça, os que morrem mais cedo, têm menos acesso à educação superior pública ou a cargos mais qualificados no mercado de trabalho. Marca forte e renitente, a herança da escravidão condiciona até nossa cultura, e a nação se define a partir de uma linguagem pautada nas cores sociais. Nós nos classificamos em tons e meios-tons, até hoje sabemos que quem enriquece, quase sempre, embranquece, sendo o contrário também verdadeiro. Se a fronteira de cor é de fato porosa entre nós, e não nos reconhecemos por critérios só biológicos; se no país a inclusão cultural é uma realidade e se expressa em tantas manifestações que singularizam – a capoeira, o candomblé, o samba, o futebol; se nossa música e nossa cultura são mestiças em sua origem particularidade, não há como esquecer também os tantos processos de exclusão social. Eles se expressam nos acessos ainda diferentes a ganhos estruturais no lazer, no emprego, na saúde e nas taxas de nascimento, ou mesmo nas intimidações e batidas cotidianas da polícia, mestra nesse tipo de linguagem de cor.

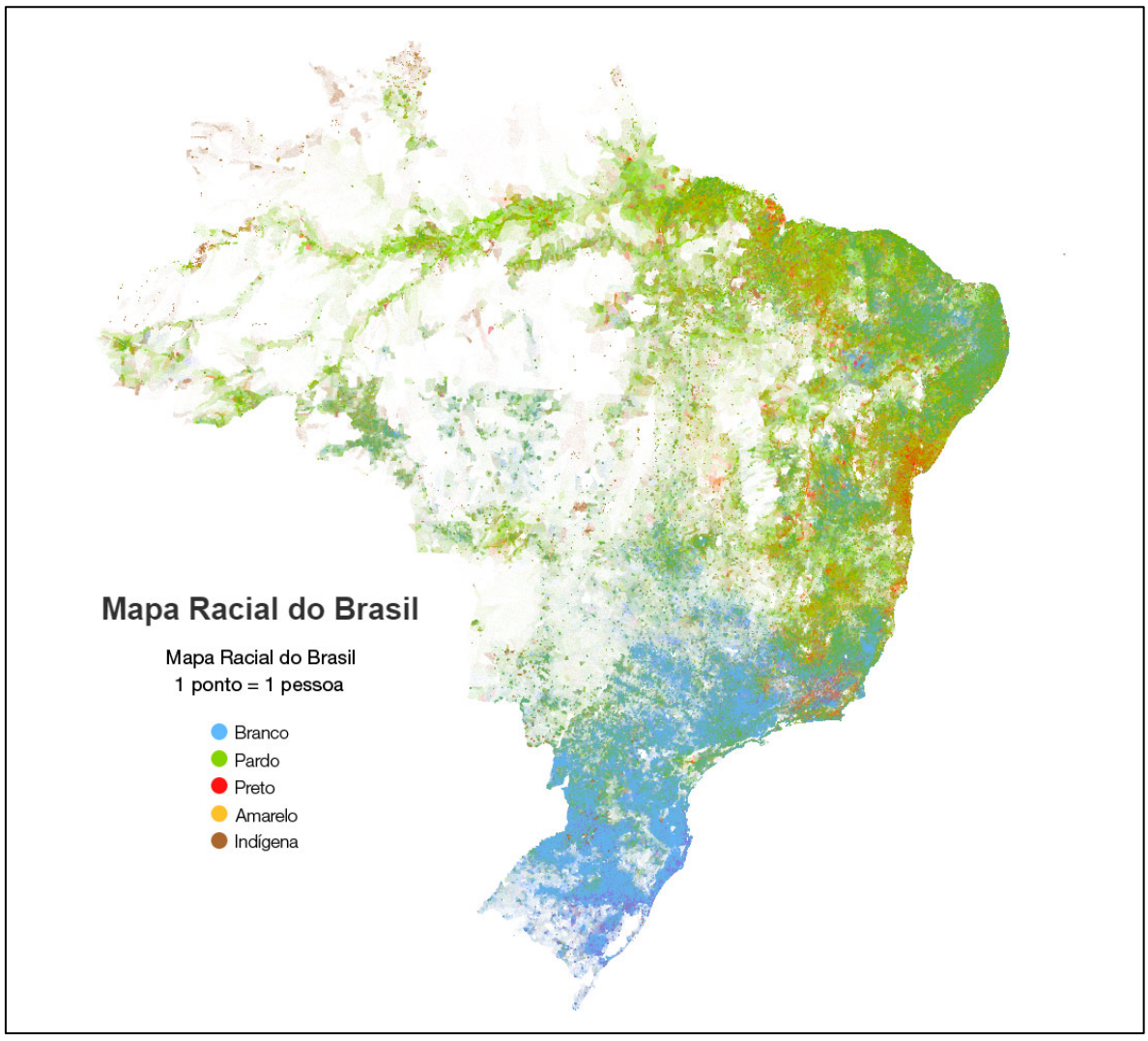
Segundo o último levantamento censitário do IBGE, realizado em 2013, dos 201.032.714 milhões de habitantes do Brasil, 53,1% se autodeclaram negro, o que inclui aqueles que se autodeclaram pretos e pardos. O Brasil também possui a maior população negra fora da África, segundo dados da Fundação Cultural Palmares (PACHECO; SILVA,

---

(comida); marimbondo (inseto), molambo (trastes); moleque (menino); canjica (manuê, no Maranhão); tutu (feijão); bobó (bofe); quimbunda (língua banta de Angola); banze, carapina, fula, curinga, banzo e outras" (BENTES, 2013, p. 49).

2007), resultado dos três séculos de escravidão. Com base nos dados do Censo do IBGE, de 2010, e em dados georreferenciados (um ponto por pessoa), a Agência PATA (2015) gerou, através do QGIS, o *Mapa Racial do Brasil*, iniciativa semelhante ao *Mapa Racial dos Estados Unidos* (CABLE, 2013), o que nos dá uma visão geral da distribuição da população com base na autodeclaração:

Mapa 2 - Mapa Racial do Brasil.



Fonte: Agência PATA (2015) com dados do IBGE (2010).

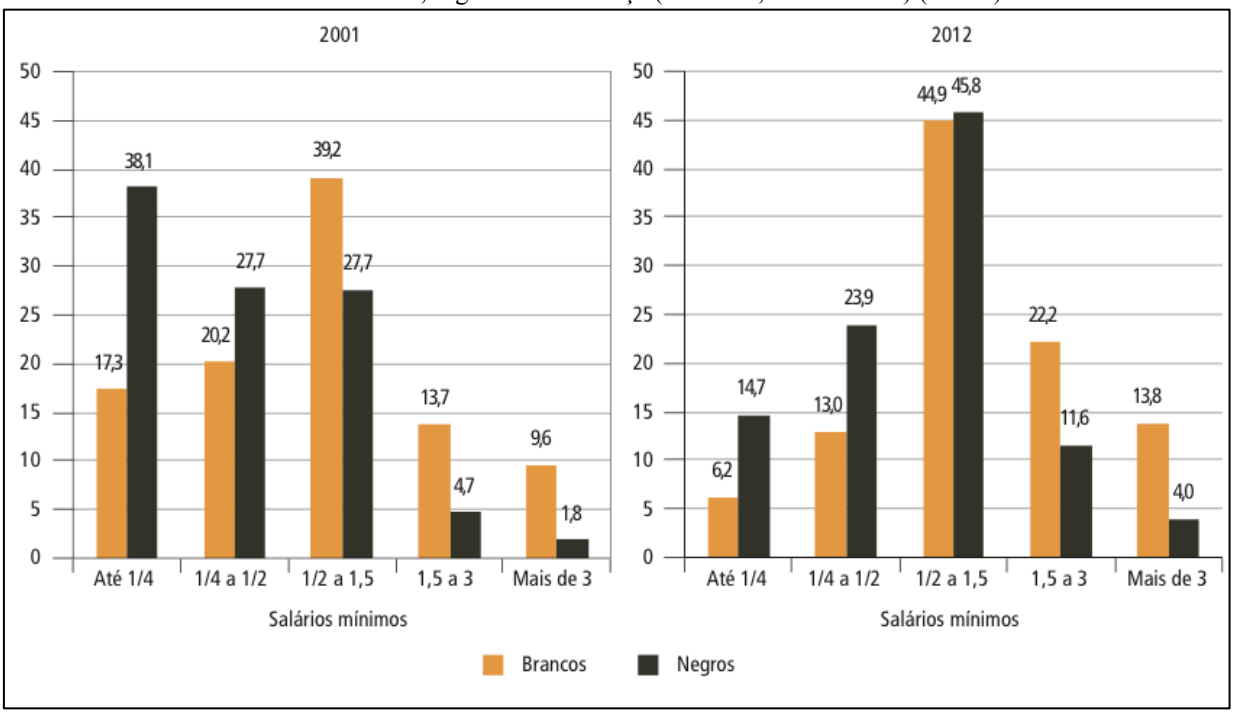
Depois dessa introdução sobre a matriz racial do Brasil baseada na autodeclaração, apresentamos, a seguir, os principais dados socioeconômicos da população negra no Brasil, oriundos de levantamento realizado pelo IPEA. Esses dados englobam por extensão as comunidades quilombolas, haja vista que não temos, até o momento, um mapeamento

socioeconômico amplo, unificado e sem divergências sobre a situação das comunidades remanescentes de quilombo.

Situação social da população negra no Brasil e no Pará: exclusão e vulnerabilidade social

De acordo com o relatório *Situação social da população negra por Estado,* elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e com a participação da SEPPIR, partindo dos dados oriundos da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio* (PNAD), publicado em 2014, a população negra no Brasil possui renda *per capita* familiar menor que os brancos, como podemos observar no gráfico 2:

Gráfico 2 - População por faixas de renda mensal *per capita* familiar (RPCF) em múltiplos do salário mínimo de setembro de 2012, segundo cor ou raça (BRASIL, 2001 e 2012) (Em %).



Fonte: PNAD – Micro dados (elaboração dos autores).

Ao compararmos as rendas em 2001 e 2012, podemos perceber que, em 2001, 38,1% da população negra possuía renda *per capita* de até 1/4 de salário e, em 2012, 45,8 % possuíam renda de 1/2 a 1/5 de salário mínimo; já entre os que possuem renda *per capita*

maior que 1/5 de salário mínimo, a proporção de negros nessa faixa é menor, apesar da melhora na renda observada entre 2001 e 2012. Com base nesses dados (que podem ser conferidos com maior detalhe no relatório completo), podemos afirmar que a população negra, no Brasil, possui menor renda em relação à população autodeclarada branca, além de se concentrar nas faixas de renda menores ou iguais a 1/2 salário mínimo (considerada na linha da pobreza). Situação similar ocorre quando observamos os dados da região Norte e do Pará (Tabela 3):

Tabela 3 - Distribuição das pessoas residentes por renda *per capita* familiar e faixas de rendimentos, segundo região e cor ou raça (Brasil, 2012) (Em %).

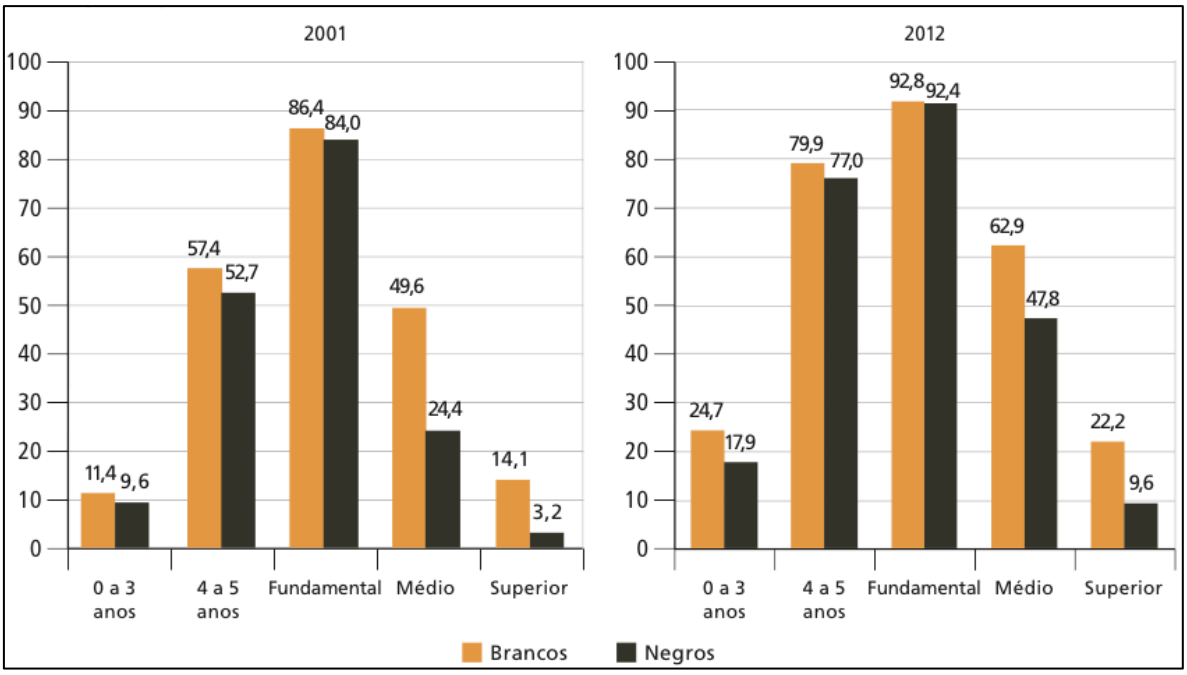
2012	**Até 1/4**	**De ¼ a ½**	**De ½ a 1/5**	**De 1/5 a 3**	**Mais de 3**
BRASIL	10,8	18,8	45,4	16,5	8,5
Brancos	6,2	13,0	44,9	22,2	13,8
Negros	14,7	23,9	45,8	11,6	4,0
NORTE	18,4	26,7	40,7	9,8	4,4
Brancos	14,1	21,4	42,1	14,1	8,3
Negros	19,6	28,2	40,4	8,6	3,3
PARÁ	20,2	28,4	40,6	7,4	3,5
Brancos	16,6	23,0	43,2	10,2	7,1
Negros	21,1	29,6	**39,9**	6,8	2,6

Fonte: PNAD (com adaptações).

Podemos observar, nos dados comparados, que a região Norte e o Estado do Pará possuem um quadro pior, se comparados com os dados do Brasil, pois temos a população negra em maior proporção nas faixas de renda menores (menores que 1/2 salário mínimo) e em menor proporção nas faixas de renda maiores que 1/5 salário mínimo. Essa disparidade na renda pode ser explicada pela natureza da ocupação de grande parte da população negra, afinal é notório que, no Brasil, boa parte dessa população atua em subempregos ou empregos de menor remuneração, situação agravada pela baixa escolaridade, além da preferência do mercado por trabalhadores brancos.

No que se refere à escolarização, também é possível observar que o acesso à cobertura escolar também é desigual, como podemos observar no gráfico 3 que segue:

Gráfico 3 - Cobertura e escolarização líquida segundo cor ou raça (BRASIL, 2001 e 2012).



Fonte: PNAD – Micro dados (elaboração dos autores).

Ao comparar os dados de 2001 e de 2012, da pesquisa PNAD, podemos observar que a cobertura e escolarização líquida cresceu em todas as modalidades de ensino, tanto para negros quanto para brancos, apesar dessa cobertura ainda ser maior entre a população branca. Em 2012, a cobertura escolar entre a população negra era de 92,4 e de 92,8 entre a população branca no Ensino Fundamental; em seguida, já no Ensino Médio, a diferença aumenta, com 62,9 % da população branca coberta nessa modalidade, enquanto que 47,8% da população negra está nesse nível de ensino (15,1% de diferença). No Ensino Superior, a diferença é ainda mais abissal, pois quase 1/4 da população branca (22,2%) tem acesso a esse nível de ensino, enquanto que entre a população negra essa taxa é de apenas 9,6%, o que justifica o fato de não incluirmos o Ensino Superior na amostra estratificada do AGQUINPA[28].

Saindo do âmbito da cobertura escolar e considerando apenas anos de estudo concluídos, entre a população com 15 anos ou mais, notamos que a desigualdade observada na renda *per capita* também é encontrada na escolaridade, em que claramente os negros estão em desvantagem. Observemos na tabela 4 os dados:

[28] Durante a coleta de dados, tive contato com jovens universitários quilombolas, mas não havia nenhum quilombola com mais de 45 anos com curso Universitário completo. (N.A).

Tabela 4: População com 15 anos ou mais de idade, segundo região, cor ou raça e faixa de anos de estudo concluído (Brasil, 2012) (Em %).

2012	Até 1 ano	De 1 a 4 anos	De 5 a 8 anos	De 9 a 11 anos	12 anos ou mais
BRASIL	9,8	18,1	24,1	32,5	15,6
Brancos	6,6	16,4	21,5	33,3	22,2
Negros	12,7	19,6	26,5	31,9	9,4
NORTE	11,3	18,7	25,5	33,0	11,5
Brancos	8,7	16,0	22,5	35,0	17,9
Negros	12,0	19,5	26,4	32,5	9,6
PARÁ	11,2	22,2	26,0	31,5	9,1
Brancos	8,1	17,9	23,2	35,2	15,5
Negros	12,0	23,3	26,8	**30,4**	7,5

Fonte: PNAD (com adaptações).

Em 2012, a população negra aparecia em maior proporção, se comparada com a população branca, nas faixas que vão de 1 até 8 anos de escolaridade, enquanto que nas faixas de 9 a 11 anos e de 12 anos ou mais há menos negros, de modo que entre os que estudam 12 anos ou mais a diferença chega a ser o dobro no Pará (7,5% dos negros e 15,5% dos brancos estudam 12 anos ou mais); portanto, os número demonstram que, no Pará, os dados de escolaridade são mais baixos que a média brasileira.

A situação da população negra, no Pará, segue o padrão de desigualdade mais baixo encontrado na região Norte e no Brasil, como podemos observar na tabela 5, que considera a situação social segundo as condições de vida e de trabalho no ano de 2012.

Tabela 5: Situação Social da População Negra Segundo as Condições de Vida e Trabalho no Pará (2012) (Em %).

FREQUÊNCIA ESCOLAR E ESCOLARIDADE (PARÁ) %		**BRANCOS**	**NEGROS**
Não escolarizados		6,7	**11,5**
Matriculados	Total na escola	17,7	16,4
	Fundamental	4,2	5,9
	Médio	7,7	7,1
	Superior	5,8	3,3
	Alfabetização de Jovens e adultos	0,0	0,0
Não-matriculados	Total fora da escola	75,6	72,2
	Sem instrução	2,6	2,3
	Fundamental incompleto	26,6	**32,7**
	Fundamental completo	7,0	7,5
	Médio incompleto	4,5	5,1
	Médio completo	24,5	20,0
	Superior incompleto	1,2	0,6
	Superior completo	9,2	4,1

Fonte: PNAD (com adaptações).

De acordo com os dados da PNAD, há mais negros analfabetos (11,5%) que brancos (6,7%), o que é um dado preocupante, pois a taxa é superior à média nacional, que é de 8,7%, segundo a própria pesquisa da PNAD, em 2012, considerando a população maior de 15 anos.

Da população que frequentava a escola em 2012, 17,7% são brancos e 16,4% são negros, sendo que 5,9 % dos negros estavam no Ensino Fundamental em comparação com os 4,2% dos brancos. No Ensino Médio, há uma ligeira queda na proporção de negros (7,1%) ante a proporção de brancos (7,7%), já que é nessa faixa que a evasão e o abandono escolar são maiores.

O dado que chama a atenção dentre os que estão fora da escola é que quase 1/3 dos negros (32,7%) possui Ensino Fundamental Incompleto, enquanto há nessa faixa de escolaridade 26,6% dos brancos.

No Ensino Superior, a desigualdade de acesso reflete-se nos números, visto que apenas 4,1% dos negros possuem Ensino Superior completo e entre os brancos essa taxa sobe para 9,2%, o que demonstra a desigualdade no acesso do negro ao Ensino Superior e justifica a implementação das Ações Afirmativas[29] (AMADOR DE DEUS, 2008; BARBOSA, 2001;

[29] De acordo com Gomes (2001 *apud* AMADOR DE DEUS, 2008, p. 208), "Ação Afirmativa é um conjunto de

CASHMORE, 2001).

Nos últimos 13 anos, uma série de ações por parte do Governo Federal, das quais culminaram com a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, como a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, nos Ensinos Fundamental e Médio (Lei 10.639/2003), a meta de número 8 do Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação, que visa equiparar o nível de escolaridade entre brancos e negros até o ano de 2022, a PEC das Domésticas (Emenda Constitucional nº 72), Programa de Empreendedorismo Negro, Plano Juventude Viva[30], que objetiva reduzir a situação de vulnerabilidade dos jovens expostos à violência, o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, dentre outras políticas que contribuem para reduzir ou mesmo eliminar a desigualdade observada nos dados socioeconômicos do IPEA/PNAD entre pessoas negras e não-negras.

Especificamente para a população quilombola, há uma série de ações que integram o Programa Brasil Quilombola (BRASIL, 2013), o que inclui políticas de acesso à terra (certificação via Fundação Cultural Palmares e regularização fundiária via INCRA), infraestrutura e qualidade de vida (Programa Água para Todos, Programa Luz para Todos, Programa Nacional de Habitação Rural, etc.), inclusão produtiva e desenvolvimento local (PRONAF – Fortalecimento da Agricultura Familiar, Programa de Aquisição de Alimentos, Programa Cisternas, etc.) e ações no âmbito dos direitos e cidadania, como a construção de escolas do campo quilombolas, PROCAMPO – Saberes da terra, que visa a elevação da escolaridade, o Programa Bolsa Família[31], dentre outros.

Há outros indicadores sociais que mostram a população negra e a população quilombola em desvantagem em termos de indicadores sociais, mas pela natureza desta tese não podemos nos aprofundar. No entanto, os dados indicativos aqui apresentados são úteis para entendermos a dinâmica social dessa população, que ainda luta para ter seus direitos garantidos pela Constituição Federal. Apesar do avanço nas políticas setoriais e de inclusão,

---

políticas públicas e privadas, de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional. Atuam com o objetivo de corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como educação e emprego".

[30] "Em 2011, o Ministério da Saúde demostrou que mais da metade (52,7%) dos 51.198 homicídios ocorridos nos estados brasileiros vitimou jovens, 71,5% dos quais pretos e pardos e 93,04%, do sexo masculino" (SOUZA, 2016, p. 47).

[31] Segundo a Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2013, p. 14), "80 mil famílias quilombolas são cadastradas no CadUnico, dentre as quais, 64 mil famílias, o que corresponde a 79,78% do total, são beneficiárias do Programa Bolsa Família. Do total de cadastrados, 92,1% autodeclaram-se pretos ou pardos, 24,81% não sabem ler e 82,2% desenvolvem atividades de agricultura, extrativismo ou pesca artesanal".

grande parte dessa população convive com o racismo[32] velado e, às vezes, institucional, que é um elemento presente na sociedade brasileira, assim como a desigualdade nas oportunidades de trabalho, emprego, renda e acesso à educação.

Com este trabalho, darei um importante passo no âmbito da pesquisa dialetológica nas comunidades remanescentes de quilombo, no Pará, o que propiciará um levantamento de dados importante na região, pois estamos diante de comunidades negras rurais, especialmente por conta da sua formação histórica, pelo fato de muitas dessas comunidades ainda se encontrarem distantes geograficamente dos centros urbanos e por apresentarem baixa mobilidade social, o que corresponde a uma comunidade de fala ainda não mapeada no Pará, do ponto de vista dialetológico e também sociolinguístico. Direcionarei o devido enfoque para as dimensões diatópica, diageracional e diassexual, com o intuito de observar condicionamentos extralinguísticos que ajudam a delinear essa variedade do Português Brasileiro em questão.

Ao longo da tese, irei apresentar informações sobre: a revisão de literatura da área da Dialetologia, bem como a periodização e as tradições que integram esse campo do conhecimento (Capítulo 1); os procedimentos metodológicos utilizados desde a coleta até a elaboração das cartas linguísticas (Capítulo 2) e, no Capítulo 3, a descrição e macroanálise pluridimensional das cartas semântico-lexicais que integram a versão final do *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará*, doravante AGQUINPA.

[32] "O tráfico de africanos foi uma das maiores mobilidades forçadas de humanos já vista na história. Para justificar esse sistema de exploração econômica que serviu de acumulação primitiva do capitalismo moderno – era preciso justificar a dominação específica de um povo, de uma população: a população negra. E isto foi feito através do racismo, um sistema ideológico de dominação […] estruturado nos campos jurídicos e políticos para garantir a dominação, exploração e espoliação da população negra. O racismo é uma construção histórica que criou artifícios supraestruturais políticos e jurídicos para manter a dominação de um regime, que fundou o modo de relação moderna das pessoas: através do uso do racismo. E isto explica o porquê de o racismo ser extremamente relacional e sistêmico. Portanto, o racismo não surge apenas como um fenômeno psicológico. Daí a necessidade de hierarquizar relações, de estruturar esferas de poder, de cercear direitos básicos e fundamentais" (BARROS, 2016, p. 21).

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, discorrerei sobre o percurso histórico e as tradições da Dialetologia e de seu método, a Geografia Linguística, bem como sobre os principais aspectos teórico-metodológicos envolvidos, desde a escolha das comunidades até a seleção dos colaboradores, além dos conceitos de dialeto, norma, comunidade de fala e padrão linguístico, que envolvem a interface Dialetologia e Sociolinguística, conhecimentos esses que serão úteis para a discussão dos dados mapeados pelo atlas linguístico[33]. Também é neste capítulo que tratarei dos principais trabalhos na área da linguística que buscaram descrever elementos de línguas africanas no léxico do Português Brasileiro ou estudaram o Português Vernarcular falado por descendentes de negros escravizados no Brasil.

1.1 Dialetologia: breve histórico

De acordo com Cardoso (2010), o interesse pelos estudos dialetológicos é bem anterior à linguística moderna, pois os primeiros estudiosos que realizaram investigação na área não eram necessariamente linguistas de formação e nem buscavam descrever com rigor metodológico a língua como fazem hoje os linguistas. Aqui, tomamos como base a classificação proposta pela autora, além de acrescentarmos informações, para apresentar as quatro fases da Dialetologia:

a) A **pré-dialetologia**, que engloba os primeiros trabalhos lexicográficos que serviram de base para o surgimento do que viria a ser a Dialetologia;

b) A **Dialetologia Clássica**, que passou a sistematizar informações em forma de atlas, evidenciando a dimensão diatópica a partir da Cartografia;

[33] "[...] los atlas deben considerar-se glosarios léxicos que contienen materiales en bruto listos para ser contrastados y analizados por dialectólogos, semantistas, lexicólogos o, en definitiva, por investigadores linguísticos" (LUNA, 2007, p. 23).

c) A **Dialetologia Moderna**, que passa a ser também pluridimensional, a partir do aporte teórico da Sociolinguística e de outras áreas de estudo correlatas (Geografia Humana, Antropologia, Lexicografia, etc.);

d) A **Dialetologia Contemporânea**, que aperfeiçoa os métodos de coleta, armazenamento e elaboração das cartas, utilizando-se de recursos informáticos como o *Geographic Information System* (GIS), com especial destaque para os atlas de 3ª geração, além da criação de bancos de dados informatizados, assim como a utilização de ferramentas de tratamento, análise estatística e dialetométrica dos dados.

1.1.1 A pré-dialetologia

Segundo Cardoso (2010), os primeiros trabalhos que viriam a originar a área da Dialetologia datam do século XVIII e estavam, na maioria dos casos, ligados à atividades da igreja, como a iniciativa de Benzelius, em 1726, na Suécia, Ponpidan, em 1749, na Noruega e Grégoire, em 1790, na França. De acordo com Pop (1950), um dos principais trabalhos dessa fase inicial se intitula *Glossarium Suiogothicum*, de autoria do filólogo sueco Johannes Lhre (1769).

O glossário de Lhre, publicado no ano de 1769, em dois volumes, lista o vocabulário coletado na região Anglo-Saxônica[34]. Assim como o *Glossarium Suigothicum,* os trabalhos contemporâneos desse período buscavam documentar o vocabulário de determinada região ou país.

Esse primeiro passo dado já demonstrava a preocupação desses pioneiros em delinear as "fronteiras" linguísticas, ainda que sem o instrumental metodológico que surgiria anos mais tarde no período que compreende a Dialetologia Clássica.

[34] Região que, atualmente, engloba o sudeste da Grã-Bretanha até a Alemanha.

1.1.2 A Dialetologia Clássica

Passado o primeiro momento, que legou a base para o que viria a ser a Dialetologia, doravante Dialetologia clássica, foi possível avançar em termos metodológicos, em especial no campo da recém constituída Geografia Linguística[35], aporte metodológico de grande impacto e que permitiu a elaboração de mapas linguísticos de países e regiões com maior precisão e rigor metodológico. Foi durante esse período, que o linguista alemão George Wenker acreditou ter encontrado nas fronteiras dialetais o mesmo que os Neogramáticos já haviam encontrado nas fronteiras diacrônicas: regularidades na mudança. Posteriormente, o linguista franco-suiço Jules Gilliéron, ao se opor aos Neogramáticos, buscou comprovar com mais afinco essa hipótese (recolhendo material morfológico, sintático, além de material fonético e léxico) como demonstram Dauzat (1922, p. 5-6) e Ratliff (1998, p. 178), respectivamente:

> [...] this young Science [linguistic geography] essentially French while sending out some roots into neigh boring countries, marks a reaction against the doctrines of the German school of Neo-grammarians, who had triumphed during the last third of the nineteenh century and who had their *raison d'être* in that period, but who, too dogmatic and too absolute, threatened to weaken linguistics by imprisioning it in rigid formulas and by causing it to lose contact bit by bit with the infinitely delicate and changeable realities of life. Once again the spirit of finesse has fot its own back against the geometric spirit[36] .
>
> ***
>
> Gilliéron was a nineteenth – century scholar who opposed the view of the Neogrammarians who were his contemporaries, when he made the famous statament that 'every word has its own history'. What he meant was that sound changes are not rigidly determined by purely phonetic factors, as the Neogrammarians had so forthrightly stated. Instead, he said that only some words undergo a particular change, while others do not. Which words undergo a particular change can, in fact, be quite arbitrary [...][37].

[35] Para Coseriu (1977, p. 103), "[…] la 'geografía lingüística' designa exclusivamente un método dialectal y comparativo [...] que presupone el registro en mapas de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales), comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablares estudiados".

[36] "Esta jovem Ciência (a geografia linguística), essencialmente francesa, ao mesmo tempo em que envia algumas raízes a países vizinhos, marca uma reação contra as doutrinas da escola alemã de neogramáticos, que triunfaram durante o último terço do século XIX e que tinham "razão de ser" nesse período, mas que, era demasiada dogmática e demasiada absoluta, e ameaçava enfraquecer a linguística, impingindo-a em fórmulas rígidas e fazendo-a perder contato, pouco a pouco, com as realidades infinitamente delicadas e mutáveis da vida. Mais uma vez a argúcia deu suas próprias costas contra o espírito geométrico". (T.A).

[37] "Gilliéron foi um estudioso do século XIX que se opunha à visão dos neogramáticos que eram seus contemporâneos, quando fez o famoso estatuto de que "cada palavra tem sua própria história". O que ele quis

Para Cardoso (2010), a Dialetologia clássica tinha como foco mapear variedades linguísticas, considerando essencialmente a dimensão extralinguística diatópica (ou dimensão areal), o que nos leva a concluir que os atlas e os estudos produzidos durante esse período, que vai dos meados do século XVIII até o final do século XIX, são essencialmente monodimensionais e, nesse sentido, buscavam corroborar ou refutar a hipótese Neogramática em vigor na época.

No *Atlas Linguistique de France* (ALF), de Gilliéron, a distribuição geográfica do item lexical é especialmente levada em consideração, o que o caracteriza como atlas de 1ª geração e como o principal modelo de atlas por décadas, como aponta Viaplana (1996, p. 57):

> L'Atlas (ALF) [...] té un valor afegit que ultrapassa tots els debates de l'época: és, precisamente, el fet d'haver estat el model dels atles dialectals – molts d'ells amb finalitats descriptives – que s'han anat produint d'aleshores encà. Per més que l'Atlas hagues tingut precedentes històrics com el de Wenker, la finar del plantejament i la precisió de l'execució l'havien de convertir necessàriament en un punt sòlid de partida de qualsevol investigació en geografia lingüística ulteriror[38].

É nessa fase que a Dialetologia caminha para a consolidação de seu método, além de passar a receber aportes metodológicos de outras áreas do conhecimento, como exemplo, a Geografia Humana[39], o que proporcionou a confecção de atlas, mapas ou cartas com maior precisão cartográfica e mais próximos da realidade espacial. Na imagem que segue, podemos observar uma das cartas do *ALF*:

---

dizer é que as mudanças sonoras não são rigidamente determinadas por fatores puramente fonéticos, como os neogramáticos haviam afirmado de forma tão direta. Em vez disso, ele disse que apenas algumas palavras sofrem uma mudança particular, enquanto outras não. As palavras que passam por uma mudança particular podem, de fato, ser bastante arbitrárias [...]". T.A.

[38] "O Atlas (*ALF*) [...] tem um valor que excede todos os debates da época: é precisamente, o fato de ter sido o modelo de atlas dialetal – muitos com finalidades descritivas – que se tem produzido desde então. Por mais que o Atlas tenha precedentes históricos como Wenker, ao lado de seu planejamento e a precisão da execução, tinha que necessariamente tornar-se em um sólido ponto de partida para qualquer pesquisa em Geografia Linguística ulterior". T.A.

[39] "A xeografía humana é unha disciplina en moitos aspectos correlativa á dialectoloxía só que no campo de estudo da conduta humana. O seu principal obxecto de estudo é a actividade do ser humano sobre a face da terra vinculándoa a condicións sociais, económicas e políticas. Así pois, analiza a distribución xeográfica da humanidade atendento a determinados trazos, os mesmos que agora se teñen en conta no estudo da variación lingüística diatópica" (GONZÁLEZ *et al*., 2006, p. 312).

Imagem 4 - Designações para “ar” no ALF (carta 0020). (Imagem meramente ilustrativa).



Fonte: *ALF*/cartoDialect (2015).

De acordo com Francis (1983), Gilliéron ao produzir o *ALF*, juntamente com seu colaborador Edmond Edmont, conseguiu mostrar através dos dados, uma série de argumentos demonstrando em riqueza de detalhes, que havia muitos outros fatores a serem considerados, além da mudança mecânica inconsciente. Assim como Wenker, Gilliéron também constatou que não há como definir as fronteiras dialetais em virtude do dinamismo da língua.

Depois da iniciativa francesa[40] com o *ALF*, surge, em 1923, o *Atles Lingüístic de Catalunya*, iniciativa de Antoni Griera, considerado o primeiro atlas linguístico ibérico.

A iniciativa dialetológica europeia influenciou e impulsionou outras iniciativas, especialmente nos Estados Unidos, Canadá e México, além da América Latina, com destaque para Chile, Uruguai, Colômbia e Brasil, que passaram a integrar a Dialetologia Moderna, a qual abordaremos na próxima subseção.

1.1.3 A Dialetologia Moderna

A Dialetologia moderna abrange o período que vai da primeira metade do século XX até a década de 60 do mesmo século, também considerado um período de grandes transformações para a Dialetologia, especialmente em termos metodológicos, com a influência direta da Sociolinguística e da Geografia Linguística ou da Geossociolinguística, além da retomada do interesse pela área por parte dos pesquisadores, considerando que o modelo gillieroniano encontrava-se naquele momento defasado. Nesse período, os atlas desenvolvidos sofreram grandes mudanças qualitativas, tanto do ponto de vista cartográfico quanto da representação dos dados linguísticos, como aponta Contini (2012, p. 457):

> Pour la representation cartographique, la plupart des Atlas [...], dits 'classiques', utilisaient – et certains continuent à le faire – la transcription phonétique des données brutes, placée à côte de chaque point d'enquete. D'autres ont rompu avec cette tradition en adoptant de nouveaux moyens de présentation et d'exploitation des matériaux. Certains, ont opté pour des cartes à symboles. Chaque symbole renvoyant à un même type lexical ou à un même trait phonétique ou morphologique ou encore pour des cartes à isoglosses (ou isophones) délimitant des aires aux caractéristiques homogènes que peuvent aussi être mises en évidence par l'utilisation de la polychromia[41] .

[40] Gilliéron e Edmont elaboraram posteriormente o *Atlas Linguistique de la Corse* (ALC). (DALBERA-STEFANAGGI, 2007).

[41] "Para representação cartográfica, a maioria dos Atlas [...] chamados 'clássicos', utilizam – e alguns ainda o fazem – a transcrição fonética de dados brutos, colocadas ao lado de cada ponto de inquérito. Outros romperam com esta tradição através da adoção de novas formas de apresentação e exploração dos materiais. Alguns optaram por cartas-símbolo. Cada símbolo se refere a um mesmo tipo lexical ou a uma mesma característica fonética ou morfológica ou ainda cartas-isoglossas (ou isófonas) para definir áreas com características homogêneas que também podem ser destacadas, usando a policromia". (T.A).

Para Cardoso (2010), é nesse período que ocorre a publicação em massa de vários atlas linguísticos de países e regiões, especialmente na América do Norte e na América Latina, com destaque para o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*, do Uruguai, e o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, no Brasil, publicado por Nelson Rossi e equipe, em 1968, dentre outros.

1.1.4 A Dialetologia Contemporânea

De acordo com Cardoso (2010), atualmente, a Dialetologia contemporânea possui muitos desafios, dentre os quais podemos destacar: a) a criação de bancos de dados informatizados de cunho dialetológico, tornando os dados disponíveis para pesquisa posteriormente e em tempo real; b) utilização de *softwares* GIS (*Geographic Information System*) que dão maior precisão ao componente cartográfico dos atlas; c) publicação de atlas de 3ª geração, como o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA) (RAZKY, 2004) em formato CD-ROM; d) realização de estudos comparativos e análises dialetométricas de atlas já publicados; e) elaboração de atlas de áreas, regiões, grupo linguístico e comunidades ainda não mapeadas, que tenham relevância para os estudos linguísticos, em especial comunidades fronteiriças, indígenas, ribeirinhas e quilombolas. González *et al*. (2006, p. 310) sintetizam o escopo da Dialetologia e a tarefa dos dialetólogos na atualidade:

> A dialectoloxía asume o estudo sistemático da variación xeográfica dunha lingua. O dialectólogo pode achegarse a este estudo dende dúas perspectivas: ben rastrexando o emprazamento espacial da variación dun trazo calquera da lingua, ben acoutando as peculiaridades lingüísticas dun territorio para a delimitación dunha ou varias zonas dialectais.

Ao longo desta seção, pudemos ter uma visão geral da trajetória da Dialetologia, desde os anos inciais até os dias atuais. Na próxima seção, iremos tratar da Geolinguística Pluridimensional, das tradições nos estudos dialetológicos, com especial atenção às tradições que influenciaram o desenvolvimento da área no Brasil e, em seguida, apresentaremos com mais detalhes as cinco décadas de Dialetologia no Brasil, assim como seu estado atual. Também apresentaremos exemplos de cartas linguísticas produzidas, com o intuito de observar as mudanças ao longo do tempo que afetaram a disposição dos dados linguísticos.

Antes de adentrar no estudo das tradições da área da Dialetologia, cabe aqui apresentar uma classificação oportuna dos tipos de atlas linguísticos existentes atualmente, com base em Alinei[42] (1994 *apud* CARDOSO 2010, p. 67): 1) atlas regionais (Ex.: *Nouvel Atlas Linguistique de La France par Régions – NALF*); 2) atlas nacionais (Ex.: *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*); 3) atlas de um grupo linguístico (Ex.*: Atlas Linguistique Roman – ALiR)* e 4) atlas continentais (Ex.: *Atlas Linguarum Europae – ALE*). A seguir, iremos conferir quais tipos de atlas prevaleceram em cada uma das tradições na área da Dialetologia.

1.2 Dialetologia: tradições

Ao falar do percurso histórico da Dialetologia, não se pode deixar de lado as tradições que contribuíram para o seu desenvolvimento ao longo dos anos. Iremos apresentar as principais tradições na área dialetológica das línguas Anglo-saxônicas (Alemanha, Estados Unidos e Grã-Bretanha), assim como a tradição dialetológica das línguas Românicas da Europa e das Américas. Obviamente, não será possível discutir especificamente todos os trabalhos desenvolvidos, mas tentaremos mostrar um breve panorama e quais as principais características de cada tradição, assim como os principais trabalhos produzidos e de que forma cada tradição marcou a Dialetologia em termos de contribuição e qual tradição mais influenciou a Dialetologia Brasileira.

1.2.1 Atlas de Línguas Anglo-Saxônicas

Segundo Scheuringer (2010), a tradição dialetológica nas línguas anglo-saxônicas teve como principal expoente o linguista George Wenker, como já falamos no início do capítulo, responsável por aperfeiçoar o trabalho dialetológico. Anos antes, no século XIX, Schmeller já havia mapeado dialetos da região da Bavaria (*Kärtchen zur geographischen Uebersicht der Mundarten*[43] 1821), o que é considerado como o primeiro mapa dialetal do alemão falado na

[42] ALINEI, Mario. L'Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi. In: GARCÍA MOUTON, Pilar (org.). *Geolinguística: trabajos europeos*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.
[43] Pequeno mapa geográfico dos dialetos da Bavaria.

Alemanha. Já no ano de 1844, Karl Bernhardi e Wilhelm Stricker elaboraram o trabalho *Sprachkarte von Deutschland* (Mapa Linguístico da Alemanha) que, apesar de mapear linguisticamente e etnograficamente a Alemanha, tinha objetivo político[44] e buscava discutir os limites territoriais com base no elemento linguístico. Na imagem que segue, podemos observar uma das cartas do *Sprachkarte von Deutschland*:

Imagem 5 - Mapa dialetal do *Sprachkarte von Deutschland*[45]. (Imagem meramente ilustrativa).



Fonte: Bernhardi e Stricker (1849).

[44] Anos mais tarde, já no século XX, o argumento de que as fronteiras dialetais refletiam os limites territoriais serviu como uma das bases para justificar a expansão territorial e as guerras de agressão do *Terceiro Reich* e como exemplo podemos apontar a anexação da Áustria, da região da Alsácia-Lorena (França), a ocupação da região dos Sudetos (República Checa), de Luxemburgo, de Danzig (Polônia), dentre outros territórios de população germânica e de língua alemã. (N.A).

[45] Disponível em http://www.mdz-nbn-resolving.de/urn/resolver.pl?urn=urn:nbn:de:bvb:12-bsb10583432-4 Acesso em 15 de setembro de 2015.

George Wenker é sem dúvida o principal nome da Dialetologia anglo-saxônica pelo fato de ter contribuído do ponto de vista metodológico, em especial na coleta de dados, essencialmente de dados fonéticos, por meio de questionários postais – método muito criticado na época – para a construção do *Deutscher Sprachatlas (DSA)*, além de ter direcionado interesse para as fronteiras dos dialetos germânicos, o que mais tarde seria chamado por linguistas de isoglossas.

O trabalho iniciado por Wenker teve continuidade mesmo após a sua morte por meio de seus seguidores. Ele impulsionou o desenvolvimento da Dialetologia na região e também nos países de língua românica, especialmente na França. Como podemos observar na imagem que segue, o *DSA* possui muitos dados exibidos na carta linguística, resultado do seu robusto *corpus*.

Imagem 6 - Mapa pertencente ao *Sprachatlas* des *Deutscher Reich* de G. Wenker. (Imagem meramente ilustrativa).

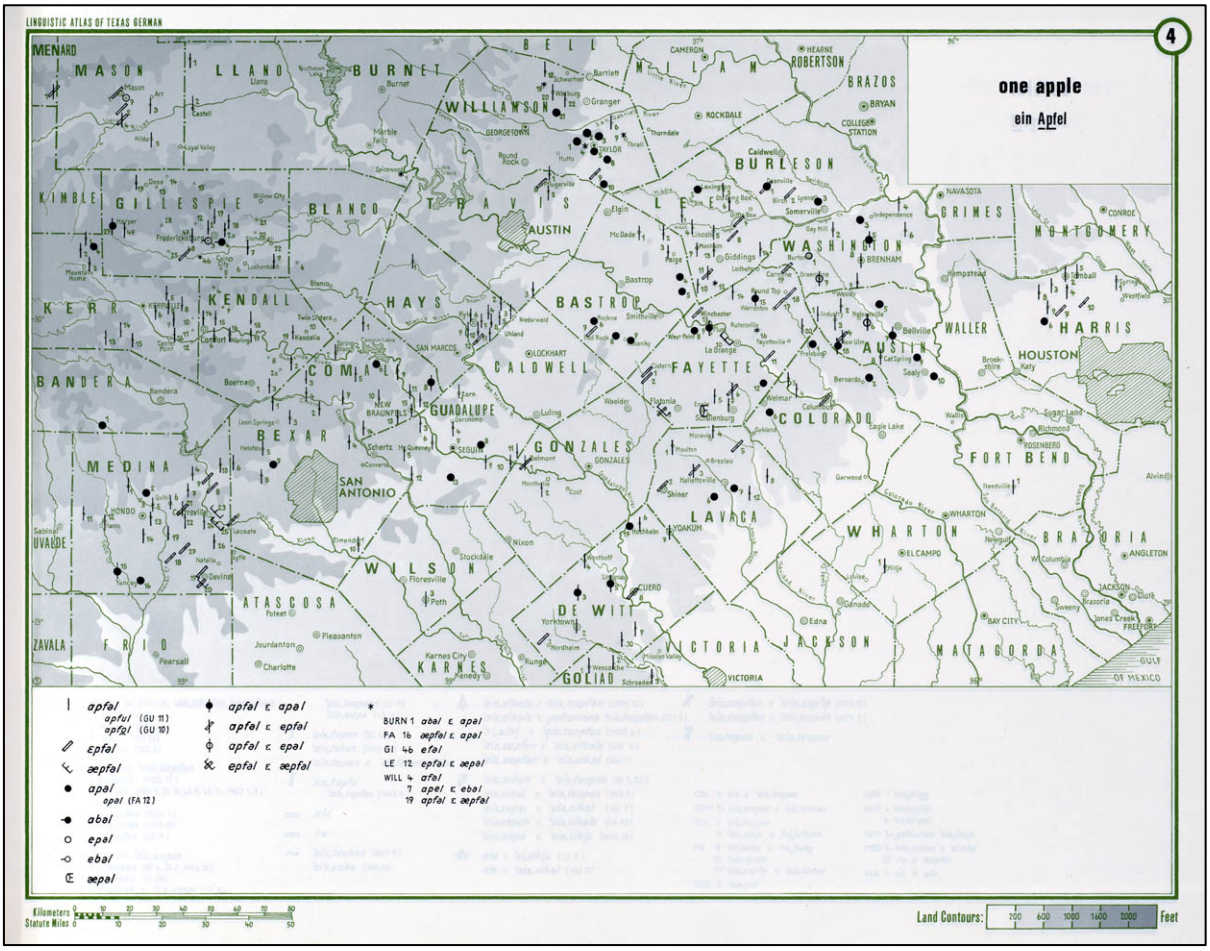


Fonte: DIWA-Digitaler Wenker Atlas[46] (2010).

Também podemos apontar outros atlas de língua alemã importantes na região, como: *Siebenbürgisch-Deutscher Sprachatlas*; *Luxemburgischer Sprachatlas*; *Tirolischer Sprachatlas*; *Schlesischer Sprachatlas* e o *Linguistic Atlas of Texas German*. Na imagem abaixo, temos o exemplo de uma carta deste último:

[46] Disponível em: http://www.diwa.info/titel.aspx Acesso em 15 de setembro de 2015.

Imagem 7 - Carta linguística 4 para a questão "uma maça" integrante do *Linguistic Atlas of Texas German*. (Imagem meramente ilustrativa).

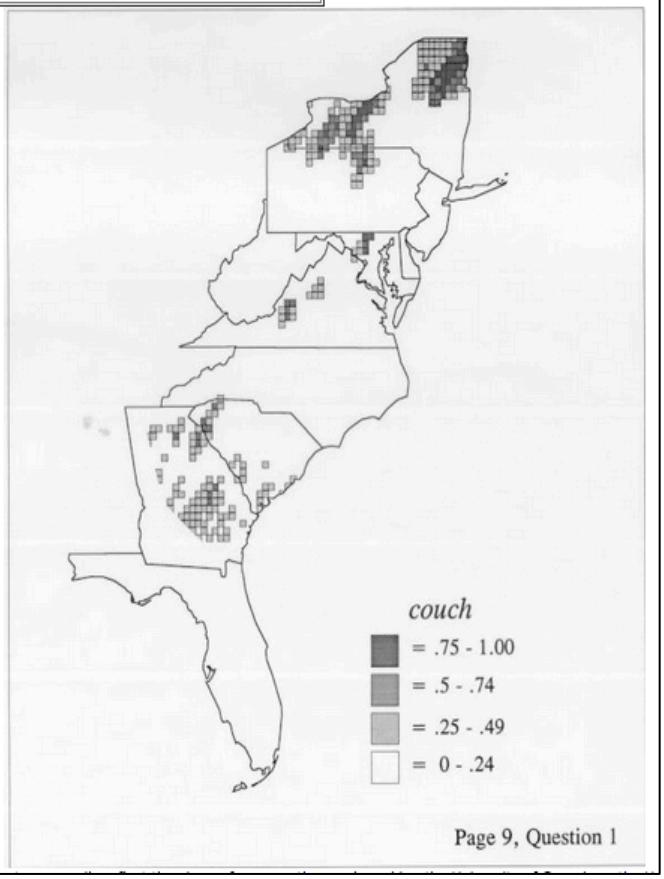


Fonte: Gilbert (1972).

De acordo com Bailey e Wikle (2010), seguindo a tradição wenkeriana, a Dialetologia desenvolvida nos Estados Unidos produziu, em 1939, o *Linguistic Atlas of New England* (LANE), que seria o primeiro atlas da língua inglesa nos EUA e o primeiro a utilizar o controle da faixa etária, além de atlas outros regionais como o *Linguistic Atlas of the United States and Canada* (LAUC), *Linguistic Atlas of the Middle and South Atlantic States* (LAMSAS) e o *Linguistic Atlas of the North Central States* (LANCS). Os Estados Unidos não possuem até o presente momento um atlas que cobre todo o território nacional, tal qual o *ALF* ou *ALiB*, pois predominam no país os atlas regionais. Na imagem, a seguir, temos uma carta linguística pertencente ao LAMSAS, que cobre linguisticamente o centro e o sul dos estados norte-americanos banhados pelo oceano atlântico:

Imagem 8 - Mapa de densidade para a questão "sofá" integrante do *Linguistic Atlas of the Middle and South Atlantic States* (LAMSAS).

Response	Informants
Sofa	1004
Lounge	223
Couch	115
Settee	99
Bench	75



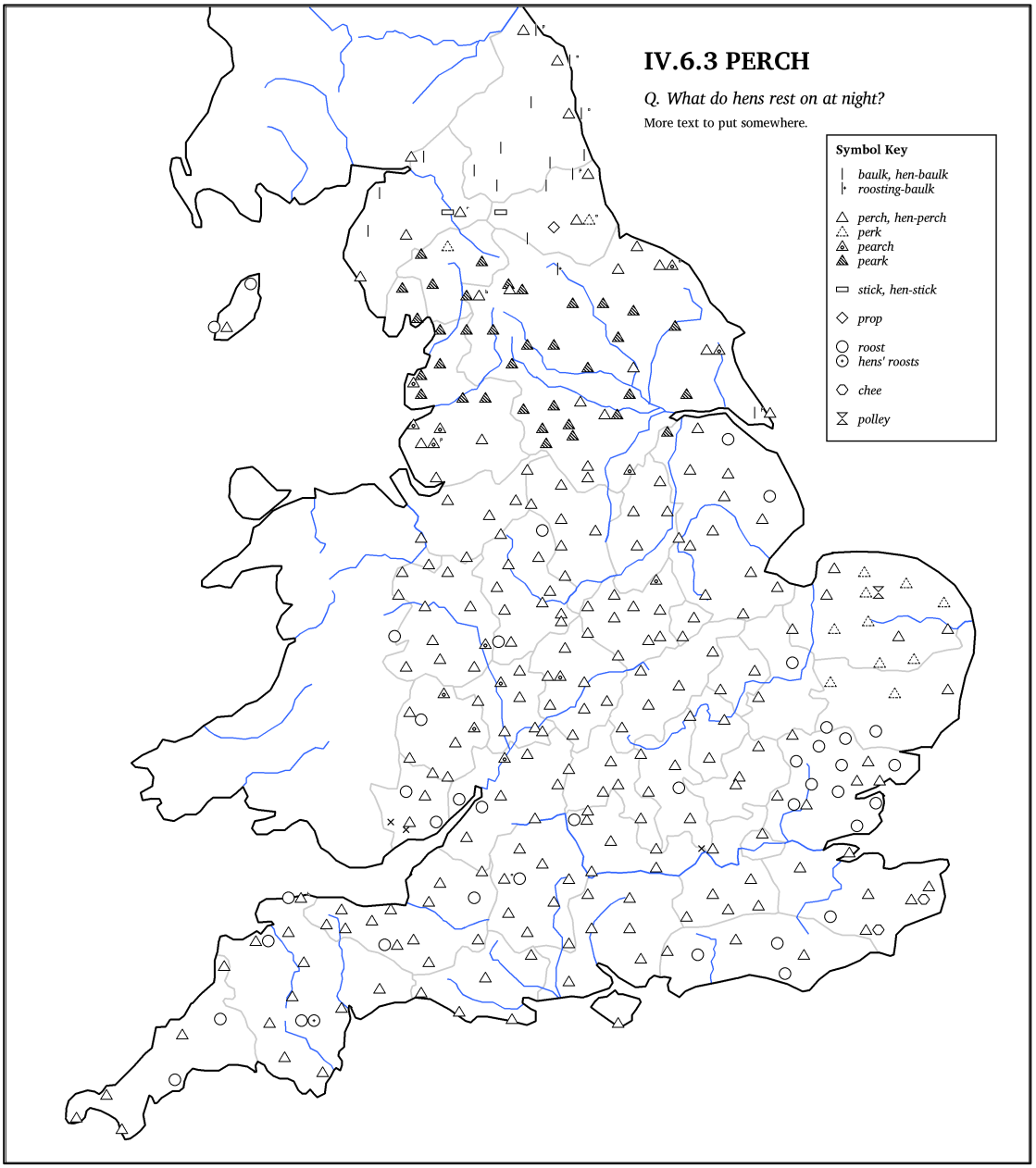
Fonte: LAMSAS[47] (2010).

Na década de 1960, com Labov, os estudos dialetológicos são contemplados com o aporte teórico da Sociolinguística, o que foi fundamental para o surgimento da Dialetologia Pluridimensional (espécie de Geografia Linguística ampliada). Outra contribuição Norte Americana para o crescimento da disciplina foi a maciça incorporação de recursos informáticos para a elaboração das cartas linguísticas a partir do uso de softwares gráficos, estatísticos e de mapeamento geográfico informatizado (*Geographic Information System – GIS*), o que possibilitou uma melhora considerável na apresentação das informações linguísticas na dimensão diatópica.

[47] Disponível em: http://us.english.uga.edu/cgi-bin/lapsite.fcgi/lamsas/de-maps/couch_9_1.html Acesso em 14 de setembro de 2015.

Segundo Ramisch (2010), os atlas desenvolvidos na Grã-Bretanha surgiram tardiamente (somente na década de 50 após da 2ª Guerra Mundial), se comparados com os demais países europeus. O primeiro trabalho que seguiu a linha dialetológica dos atlas anglo-saxônicos foi o *Survey of English Dialects-SED* (1950-1961), que mapeou linguisticamente a Inglaterra e a região sul do País de Gales. Na imagem que segue, podemos observar uma das cartas do SED:

Imagem 9 - Exemplo de carta linguística pertencente ao *Survey of English Dialects-SED*[48].



Fonte: SED (2011).

[48] Disponível em: http://www.sed-mapper.ch/dl/perch.png Acesso em: 14 de setembro de 2015.

Há outros atlas que seguiram o mesmo modelo do *SED*, como: *A Word Geography of England* (WGE), *The Linguistic Atlas of England* (LAE), *An Atlas of English Dialects* (AED), *The Linguistic Atlas and Survey of Irish Dialects* e o mais recente trabalho, ainda em andamento até o momento, *Computer Developed Linguistic Atlas of England* (CLAE). Os atlas desta tradição foram diretamente influenciados pelos atlas de Wenker e Gilliéron e também foram os primeiros a utilizarem tecnologias computadorizadas para a produção das cartas linguísticas.

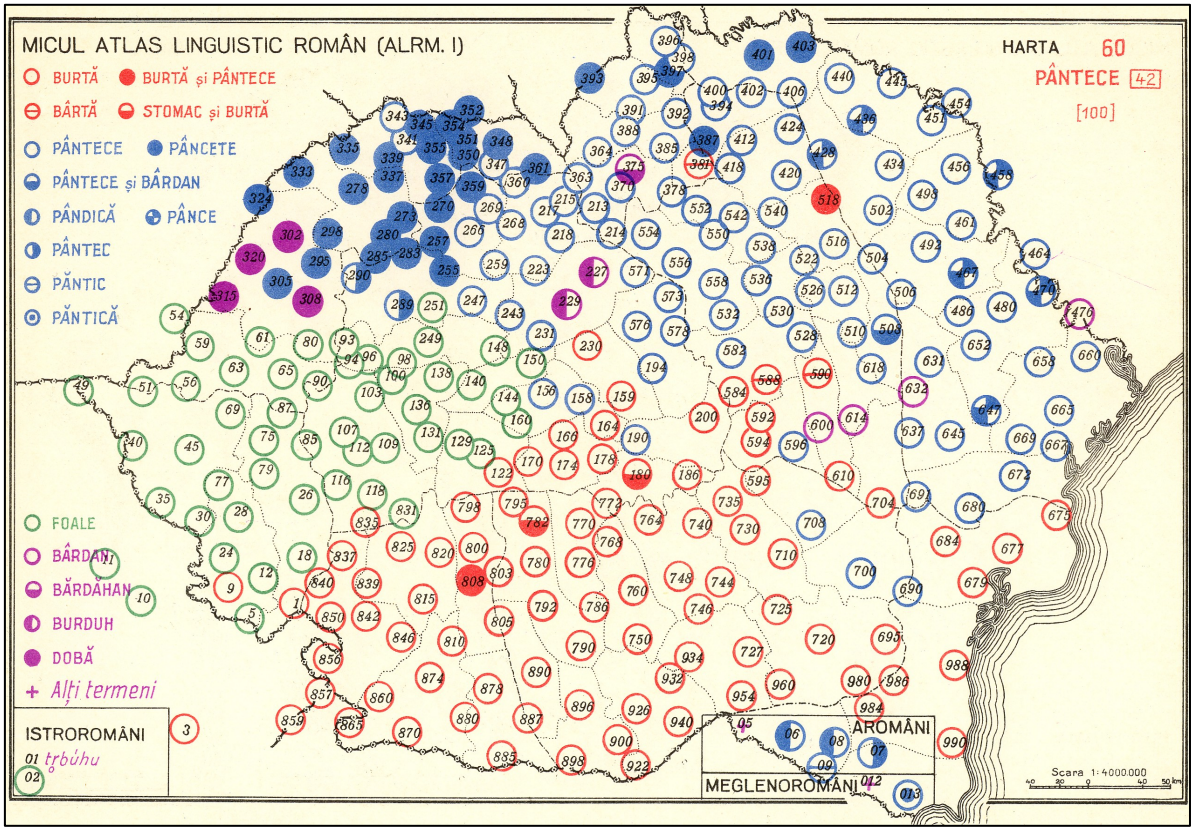
Alguns dos atlas dessa tradição, passaram recentemente por revitalizações e foram convertidos em ferramentas baseadas na *web*, ampliando o acesso e o alcance desses trabalhos. Dentre os projetos de digitalização de atlas de valor histórico, podemos apontar o *Digitaler Wenker Atlas* (DIWA), que está digitalizando e convertendo o *Sprachatlas* des *Deutscher Reich* para consulta eletrônica.

1.2.2 Atlas de Línguas Românicas da Europa

O interesse por mapear falares e publicá-los em forma de atlas na Europa românica se deu a partir dos trabalhos de Jules Gilliéron, com o *Petit atlas phonétique du Valais roman* (1880), e de Georges Millardet, com o seu *Petit atlas linguistique d'une région des Landes* (1910). É importante destacar que, junto com o *Atlas Linguistique de la France ALF* (1902-1910) de Gilliéron, a Dialetologia avançou consideravelmente em termos metodológicos, ao suprimir o questionário postal e ter iniciado o tratamento estatístico dos dados, o que iria proporcionar análises mais refinadas futuramente, como a realizada atualmente no *Nouvel atlas linguistique de La France par régions* (NALF). O *ALF* serviu de inspiração, modelo e ponto de partida para outras iniciativas em países de língua românica (e não-românica também), dentre os quais podemos destacar os seguintes: *Atlasul lingvistic român* (ALR/Romênia), *Micul Atlas Linguistic Român* (ALRM I/Romênia), *Sprach und Schatlas Italiens und der Südschweiz* (Alemanha/Itália) e *Atlante Linguistico Italiano* (Itália), *Atlante storico-linguistico-etnografico friulano* (ASLEF/Alpino), *Atlas linguistique et ethnographique picard* (ALPic/França), *Atlas Linguistique et ethnographique Normand* (ALN/França), *Atlas Linguistique et ethnographique de la Provence* (ALP/França), dentre

outros. A seguir, temos um exemplo de uma das cartas do *Micul Atlas Linguistic Român* referente ao item lexical “barriga”:

Imagem 10 - Carta 60 “barriga” pertencente ao *Micul Atlas Lingvistic Român* (ALRM I).



Fonte: Petrovici & Patrut (1967).

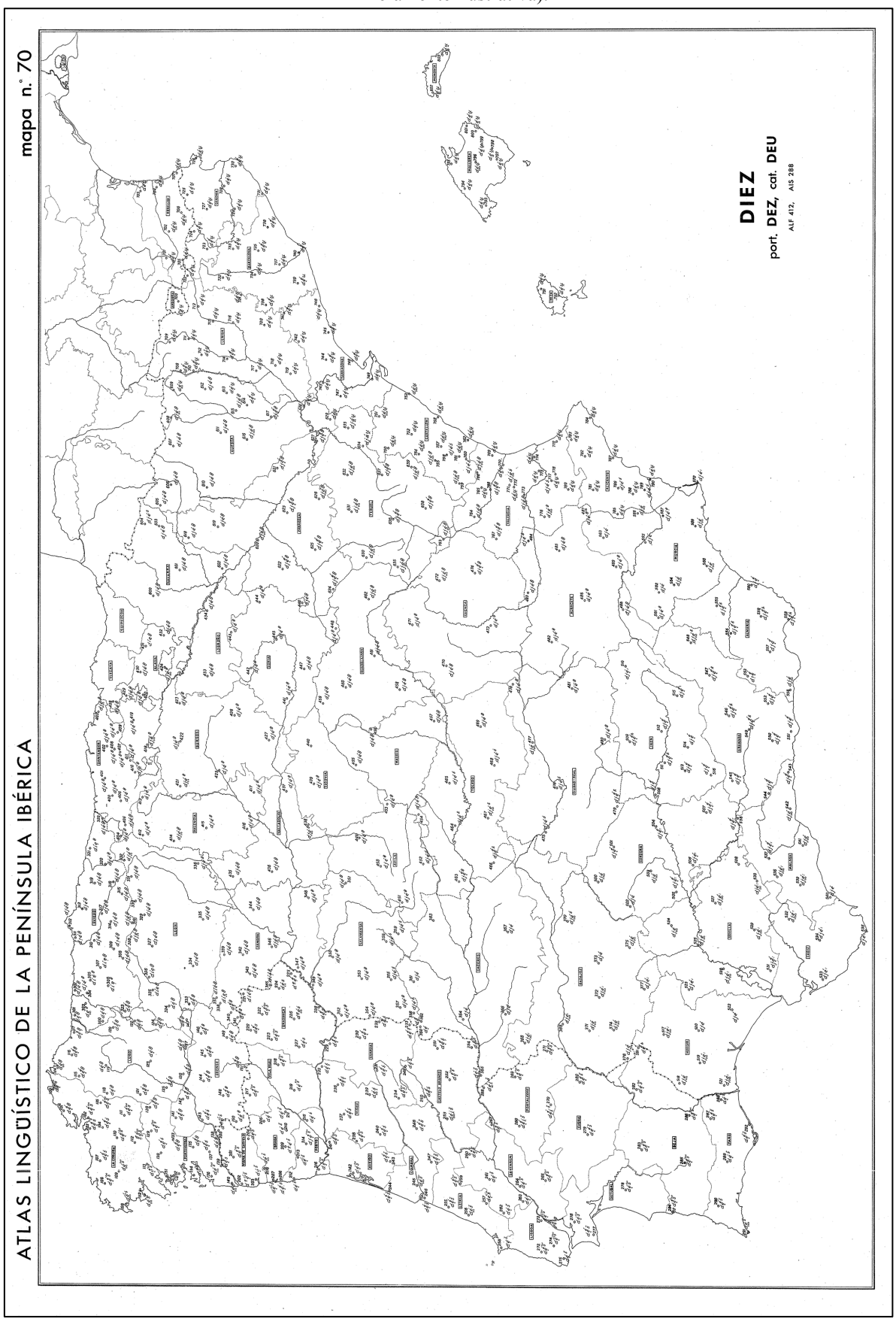
É importante destacar que na Europa românica há predomínio de atlas regionais e, em menor número, atlas nacionais e continentais, a exemplo do *Atlas Linguarum Europae – ALE*, que considera todas as línguas do continente Europeu, e do *Atlas Linguistique Roman – AliR*, que mapeia os países de língua românica.

1.2.2.1 Atlas Ibéricos

Nos anos 20, do século XX, havia um planejamento para a criação de um atlas pan-ibero-românico, no entanto, da ideia original foi publicado apenas um volume, no ano de 1962: o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*[49] (ALPI), composto por 75 cartas e com pontos de inquérito distribuídos nas regiões de língua castelhana, catalã e galego-portuguesa. O desenvolvimento do ALPI sofreu uma importante interrupção ocasionada pela Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Por ser um atlas limitado inicialmente a mapear aspectos fonéticos, uma nova proposta ampliada de atlas acabou surgindo anos depois, que se aproximou do primeiro atlas pan-ibero-românico: o *Atlas linguístico de España y Portugal* (ALEP). Na imagem que segue, temos um exemplo de carta lexical do ALPI:

[49] Atualmente o ALPI encontra-se digitalizado e disponível no seguinte endereço eletrônico: http://alpi.csic.es/. O trabalho de digitalização ocorreu por meio do projeto *Elaboración y edición de los materiales del Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)* e envolveu a equipe formada por Inés Fernández-Ordóñez (Universidade Autónoma de Madrid), David Heap (University of Western Ontario), Maria Pilar Perea (Universitat de Barcelona), João Saramago (Universidade de Lisboa) e Xulio Sousa Fernández (Universidade de Santiago de Compostela/Instituto da Língua Galega). (MOUTON, 2016).

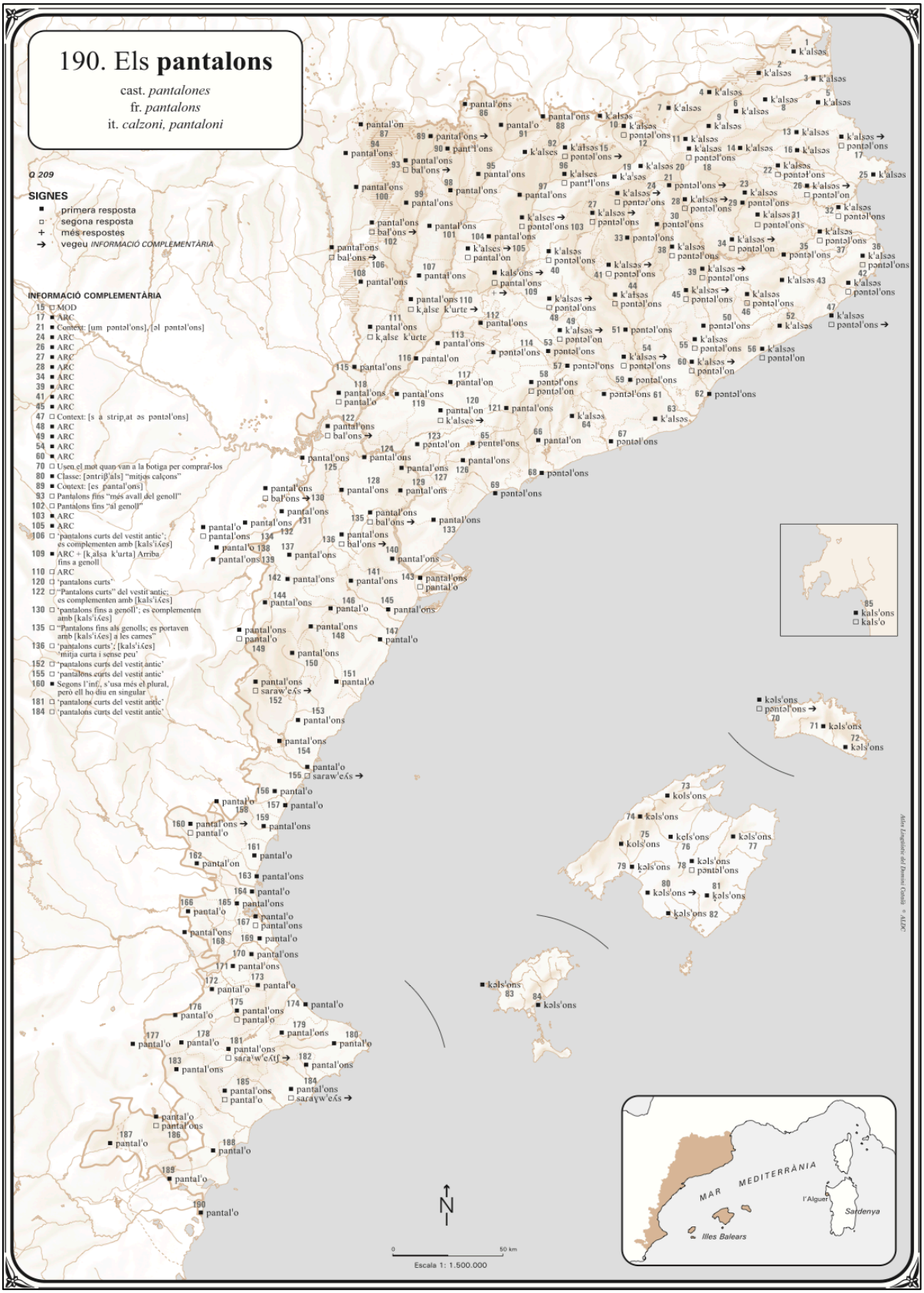
Imagem 11 - Carta lexical “diez” (mapa nº 70) do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI). (Imagem meramente ilustrativa).



Fonte: Fernandez (2005).

O primeiro atlas ibérico publicado mapeou a língua catalã, trata-se do *Atlas Lingüístico de Catalunya (ALCat)*, iniciado em 1923 e com volumes publicados ao longo da década de 20. Assim como o ALPI, o ALCat também foi interrompido pela guerra e só em 1962 foi retomado, e hoje se encontra atualizado e publicado como *Atles Lingüístic del domini catalá* (VENY; GRIERA, 2009), como podemos observar na imagem 13, que segue:

Imagem 12 - Carta linguística do item lexical “els pantalons” pertencente ao *Atles Lingüístic del domini català (ALCat*[50]*).* (Imagem meramente ilustrativa).



Fonte: Veny e Griera (2009).

[50] Disponível em: http://aldc.espais.iec.cat/files/2013/10/Mapa-190.pdf Acesso em: 15 de setembro de 2015.

Dentre os atlas de língua castelhana, podemos destacar o *Atlas Lingüístico y etnográfico de Andalucia* (ALEA), o *Atlas Lingüístico y etnográfico de las Islas Canarias* (ALEICAn), *Atlas Lingüístico y etnográfico de Cantabria* (ALECant) e o *Atlas Lingüístico y etnográfico de Castilla – La Mancha* (ALCMan).

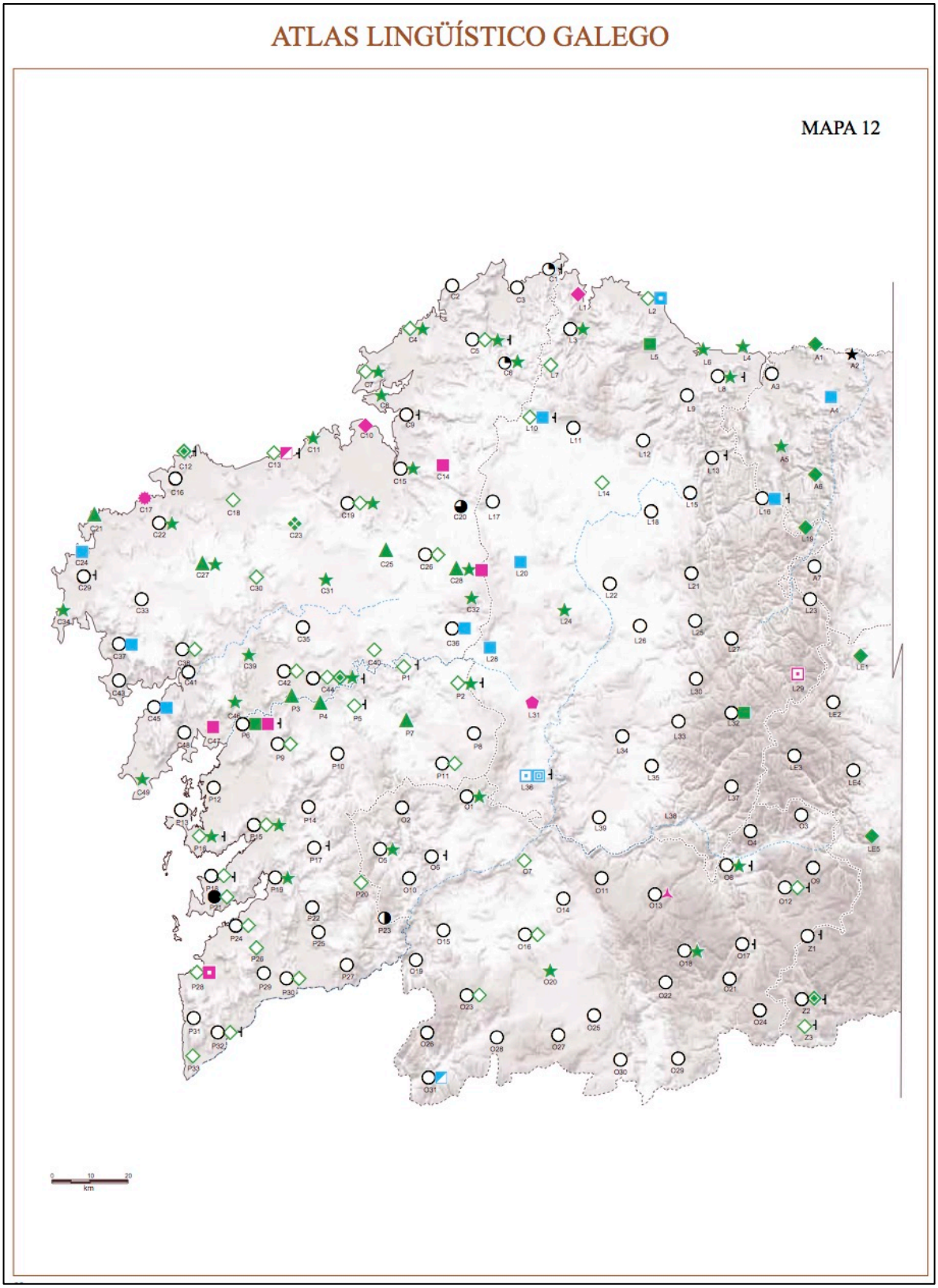
No domínio linguístico galego, destacamos o *Atlas Lingüístico Galego (ALGa*[51]*)*, elaborado pelo Instituto da Língua Galega (ILG), centro de estudos ligado à Universidade de Santiago de Compostela, com trabalhos de coleta iniciados nos anos 70 e que teve os primeiros volumes publicados ao longo da década de 90, do século XX. O ALGa possui seis volumes publicados. O último volume (volume VI), publicado em 2016, é focado no léxico relacionado à terra, plantas e árvores.

O ALGa mapeou não somente o território galego, mas também as localidades limítrofes onde também se fala o idioma galego, quais sejam: Leon, Principado de Asturias e Zamora, que se juntam para compor as 167 localidades do atlas. Segundo Swiggers (2010), o ALGa é um exemplo de atlas de alta qualidade, por apresentar considerável densidade de pontos de inquérito, transcrições precisas e cartografia em harmonia visual com as informações linguísticas. Na imagem a seguir, temos um exemplo de carta linguística do ALGa[52]:

[51] É importante destacar que a apresentação visual das cartas AGQUINPA segue os parâmetros cartográficos do ALGa, assim como a mesma tecnologia para a elaboração das cartas, resultado do estágio doutoral realizado entre 2014 e 2015, no Instituto da Língua Galega/USC.

[52] Mapa gentilmente cedido pelo prof. Dr. Xulio C. Sousa Fernandéz, do Instituto da Lingua Galega/Universidade de Santiago de Compostela.

Imagem 13 - Distribuição dos itens léxicos de “ladeira” (mapa 12) no *Atlas Lingüístico Galego - ALGa*.

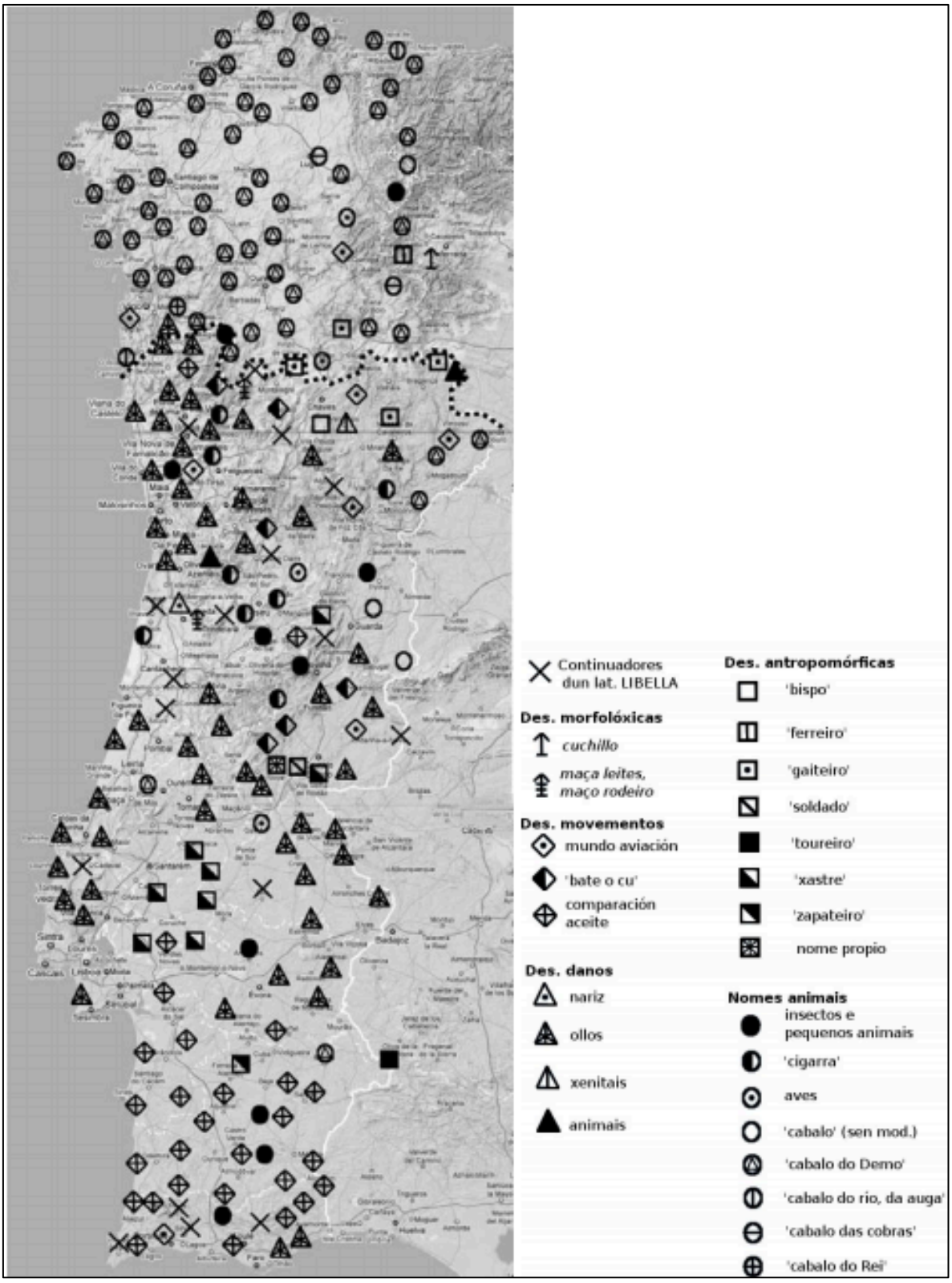




Fonte: ALGa (2005, p. 58-59).

No domínio linguístico do português Europeu, podemos destacar o *Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galizia* (ALEPG), o *Atlas Linguístico-etnográfico dos Açores* (ALEAç) e o *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP). Portugal não possui, até o presente momento, um atlas mapeando todo o território português, inclusive o ultramarino, mas está inserido nos dois atlas transnacionais da Europa: *Atlas Linguarum Europae* e *Atlas Linguistique Roman*. Na imagem 15, temos um exemplo de carta do atlas binacional ALEPG:

Imagem 14 - Designações para “cabaliño do demo” ou libélula. (Imagem meramente ilustrativa).



Fonte: Perez (2010).

É possível dizer que os atlas ibéricos também seguiram a tradição gilleroniana/wenkeriana, com destaque para os atlas de línguas regionais da península, como o galego e o catalão, mapeados pelo ALGa e ALCat, respectivamente, e também para o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI). Podemos afirmar, com base no exposto, que os atlas ibéricos e o *ALF* foram os que mais influenciaram os atlas linguísticos produzidos no Brasil, resultado de anos de intercâmbios de pesquisadores com Portugal e Espanha.

O *Atlas Linguarum Europae* (ALE) ou *Atlas das Línguas Europeias* teve início em 1970 e a publicação se deu a partir de 1975, atualmente possui cinco volumes publicados. O *ALE* visa mapear todas as línguas da Europa (românicas e não-românicas) e a maioria dos dialetos do continente. A língua portuguesa está representada por 53 localidades portuguesas, onde foi aplicado um questionário de 550 perguntas (WEISINEN, 1975). Já o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) teve origem em 1987 e mapeou o léxico, a fonética-fonologia e a morfossintaxe dos domínios ibero-românico, galo-românico, ítalo-românico, reto-românico e romeno. Portugal possui 110 pontos de inquérito listados no ALiR e, no total, o atlas possui 11 volumes previstos (CONTINI; VENY, 2009). Esses dois atlas transnacionais se juntam aos demais atlas regionais e nacionais da Europa e completam a tradição dialetológica europeia.

1.2.3 Atlas de Línguas Românicas das Américas

Seguindo a tradição europeia gilleroniana/wenkeriana, os atlas produzidos na América Latina hispânica, no Canadá e no Brasil reuniram boa parte do conhecimento metodológico acumulado anteriormente pela Dialetologia até o momento e também apresentaram algumas inovações importantes, o que veremos ao longo desta seção.

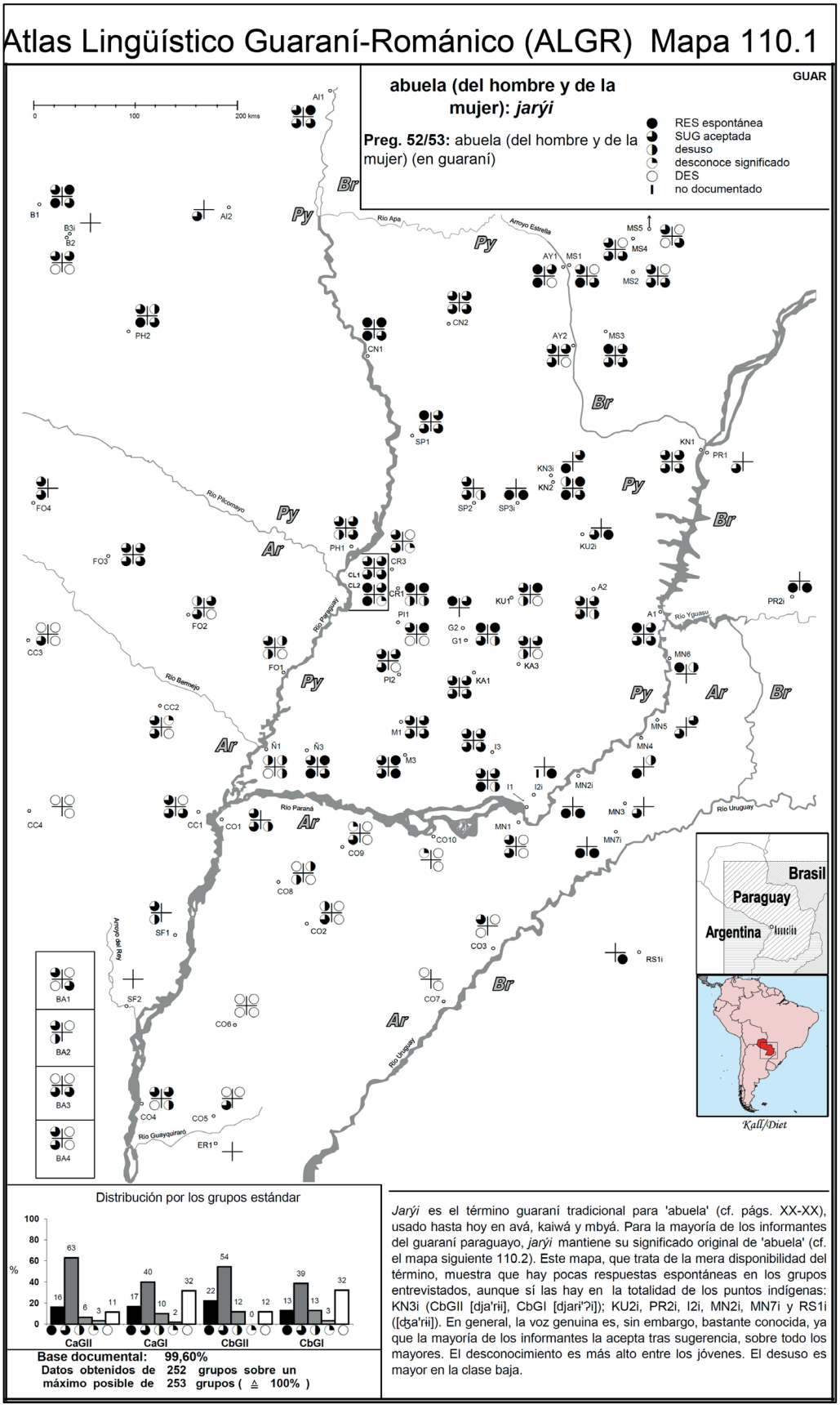
Na América do Norte, de acordo com Dietrich (2010), o francês canadense foi mapeado a partir do *Linguistic Atlas of East Canada* (LAEC), enquanto que a língua espanhola nos Estados Unidos também teve seu próprio atlas, o *The Spanish Language of New Mexico and Southern Colorado*, que mapeou a região fronteiriça do sudoeste norte-americano. Nesse caso, os dois atlas retratam a realidade linguística do bilinguismo nesses países.

Nos países da América Latina e Caribe, que têm a língua espanhola como língua oficial, destacamos os seguintes atlas e/ou projetos de atlas: o *Atlas Lingüístico de México*, o *Atlas Lingüístico Pluridimensional de América Central* (ALPAC), o *Atlas Lingüístico-*

etnográfico de Colômbia (ALEC), o *Atlas Lingüístico-Etnográfico del Sur de Chile* (ALESUCH), o *Atlas linguístico del Nuevo Cuyo* (AleCuyo), além dos atlas multinacionais (e também pluridimensionais): *Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), que mapeou o território uruguaio e a região de fronteira com o Brasil, e o *Atlas Lingüístico Guarani-Románico* (ALGR), que mapeou o bilinguismo guarani-românico em regiões de fronteira no Paraguai, na Argentina e no Brasil.

É importante observar que os atlas latino-americanos passaram a inovar no sentido de apresentarem o componente pluridimensional ou multidimensional, ao contrário da tradição europeia, essencialmente e historicamente monodimensional. Vejamos uma das cartas pluridimensionais do *Atlas Lingüístico Guarani-Románico (ALGR)*, na imagem 15, a seguir:

Imagem 15 - Mapa 110.1 referente ao item lexical “abuela” pertencente ao *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico* (ALGR).



Fonte: Thun *et al* (2002).

O *Atlas Lingüístico-Guaraní Románico* (ALGR) e o *Atlas Lingüístico Diastrático y Diatópico del Uruguay* (ADDU) são dois dos principais atlas pluridimensionais da América Latina e podemos dizer que tiveram bastante influência na Dialetologia brasileira, especialmente no século XXI, pois podem ser considerados como modelos de atlas pluridimensionais, inclusive o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)*, projetado por Harald Thun e Cleo Altenhonfen (um dos autores do ALERS), ainda em fase de elaboração, segue exatamente a mesma linha pluridimensional do ALGR e ADDU, inclusive quanto ao *design* das cartas linguísticas.

1.2.3.1 A Dialetologia no Brasil

Marcando o início oficial da dialetologia no Brasil[53], Amadeu Amaral (1920) publicou *O dialeto caipira*, que apresentou aspectos do falar da região do Estado de São Paulo que constituíram o dialeto caipira, figurando ao lado de *O linguajar Carioca em 1922*, e posteriormente *O linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes, e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934), temos os primeiros trabalhos de cunho dialetológico que buscaram definir o falar brasileiro e que são obras basilares dentro do campo da Dialetologia brasileira.

Antenor Nascentes, em *O linguajar Carioca*, apresentou uma proposta de divisão dialetal que é considerada até hoje importante para o estudo do português brasileiro, enquanto não há uma nova proposta ou uma atualização com base nos dados dos atlas linguísticos publicados. Também podemos destacar a obra *Guia para estudos dialectológicos* (1955), de Serafim da Silva Neto e Celso Cunha, incentivadores da elaboração de um atlas linguístico nacional. Esses trabalhos buscavam de certa forma discutir a situação linguística do Brasil, que só mais tarde veio a ser delineada, como aponta Brandão (2011, p. 53):

> La réalité linguistique du Brésil est caractérisée comme variable, hétérogene et polarisée (LUCCHESI, 1998, p. 74), ce qui est dú, entre autres facteurs, au processus de colonisation de ce pays. Au Brésil, où différents groupes ethniques ont coexisté quatre siècles durant, la société a garde un profil rural, qui a radicalement changé au cours du siècle dernier, à partir des années 60 dans le Sud-Est, et des années 80 dans le autres regions, avec la migration massive vers les centres urbains, ce qui a eu comme conséquence de rendre plus evidentes les différences de classe,

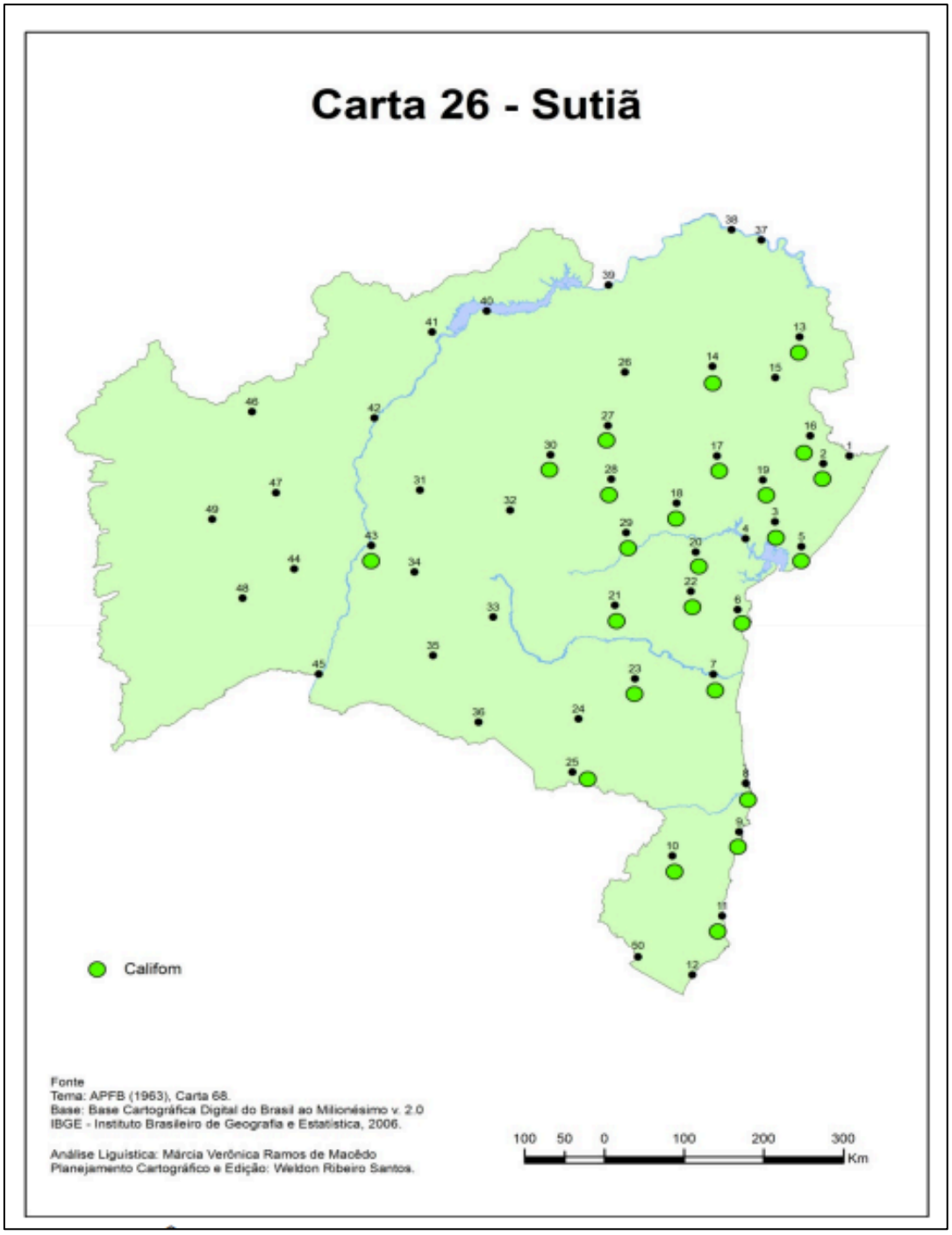
53 Em 1826, o diplomata e político Domingos Borges de Barros, conhecido como Barão e Visconde de Pedra Branca, coletou informações acerca do português brasileiro e que viriam a fazer parte do *Atlas Ethnographique du Globe* (BALBI, 1826). (CARDOSO; MOTA, 2006).

> que, au brésil, sont indissociablement liées à l`accès à la scolarisation formelle et aux biens culturels [...].

Visando a busca dessa realidade linguística do Brasil, até aquele momento desconhecida, tivemos a publicação do decreto[54] nº 30.643 de 20 de março de 1952, que estabelecia no parágrafo 3º uma comissão para a elaboração de um atlas linguístico nacional, o que pode ser considerado o marco inicial da Geografia Linguística no Brasil. Anos depois da publicação do decreto, um conjunto de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, liderados pelo professor Nelson Rossi, elaborou o primeiro atlas brasileiro: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963, em Brasília e na Bahia (CARDOSO, 2010). Na imagem 16, a seguir, podemos observar uma das cartas do *APFB* atualizada:

[54] BRASIL. Decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952 que institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Disponível em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em 14 de abril de 2014.

Imagem 16 - Carta 26 do APFB referente ao item lexical “sutiã”.

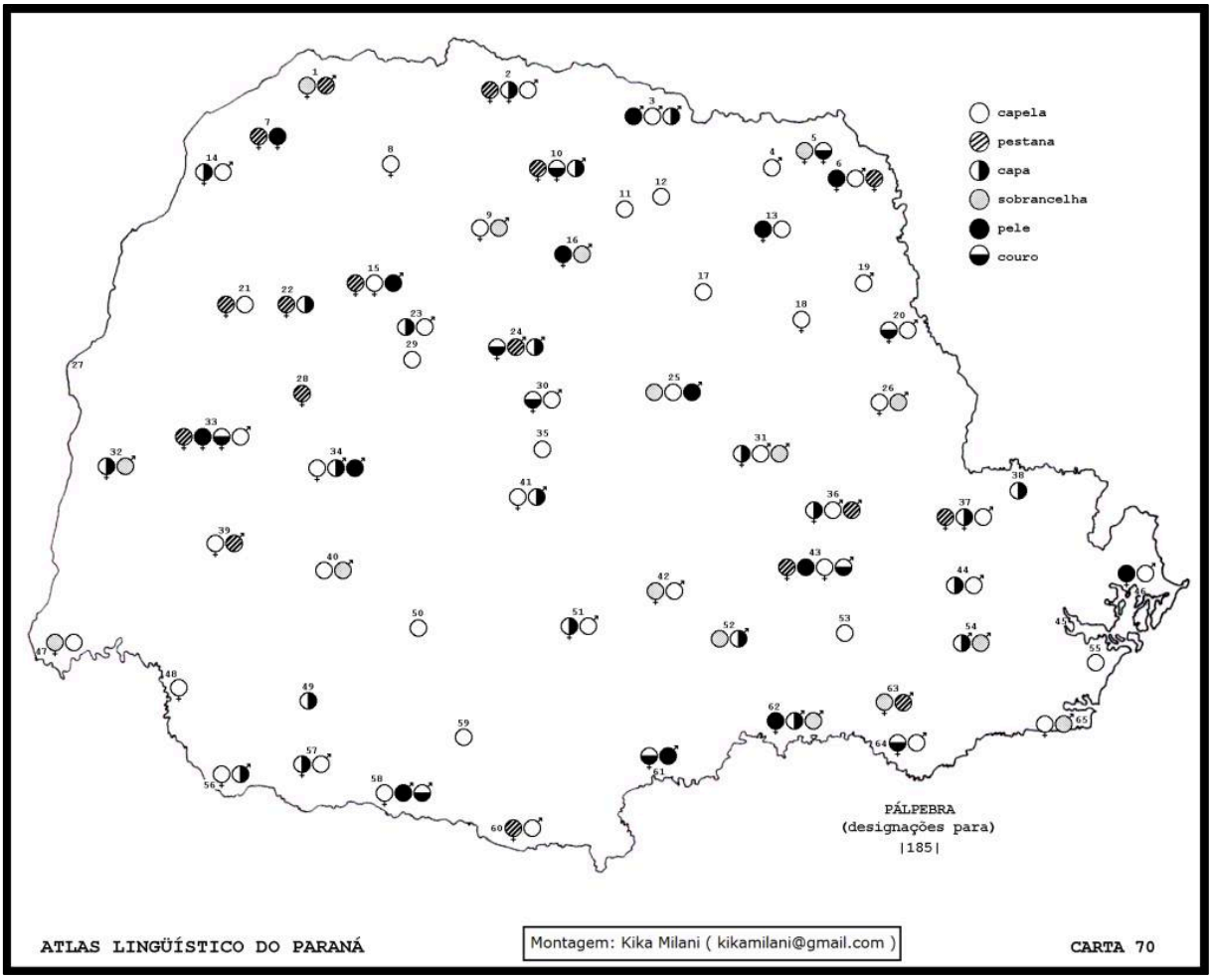


Fonte: Paim (2012).

De acordo com Cardoso (2010), de 1963 a 1995, foram publicados cinco atlas regionais, o que marcou o período como a “primavera” dos atlas regionais e dos estudos dialetológicos no Brasil. Os atlas publicados no período foram os seguintes: *Atlas Prévio dos*

Falares Baianos – APFB (1963); *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (1977); *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (1987); *Atlas Linguístico de Sergipe* (1994) e *Atlas Linguístico do Paraná* (1994). Em sua maioria, tais atlas são monodimensionais ou bidimensionais, como o ALPR representado na imagem 17:

Imagem 17 - Pálpebra, carta 70 do *Atlas Linguístico do Paraná*.



Fonte: Aguilera & Silva (2015, p. 12).

Além dos atlas regionais, de acordo com Cardoso (2010), foram publicados no período pelo menos 98 trabalhos, entre dissertações e teses, que trataram de aspectos dialetais do português brasileiro ou teses que geraram atlas, e esse número cresce a cada dia na medida em que os estudos dialetais avançam no Brasil.

O *Atlas Linguístico do Brasil*[55] (ALiB), o mais amplo atlas publicado em nosso país, é formado por 250 localidades e 1.100 informantes estratificados socialmente, levando em consideração: a) faixa etária de 18 a 30 anos, e de 50 a 65 anos; b) sexo/gênero: masculino e feminino; c) nível de escolaridade: Ensino Fundamental e Universitário (apenas para as capitais).

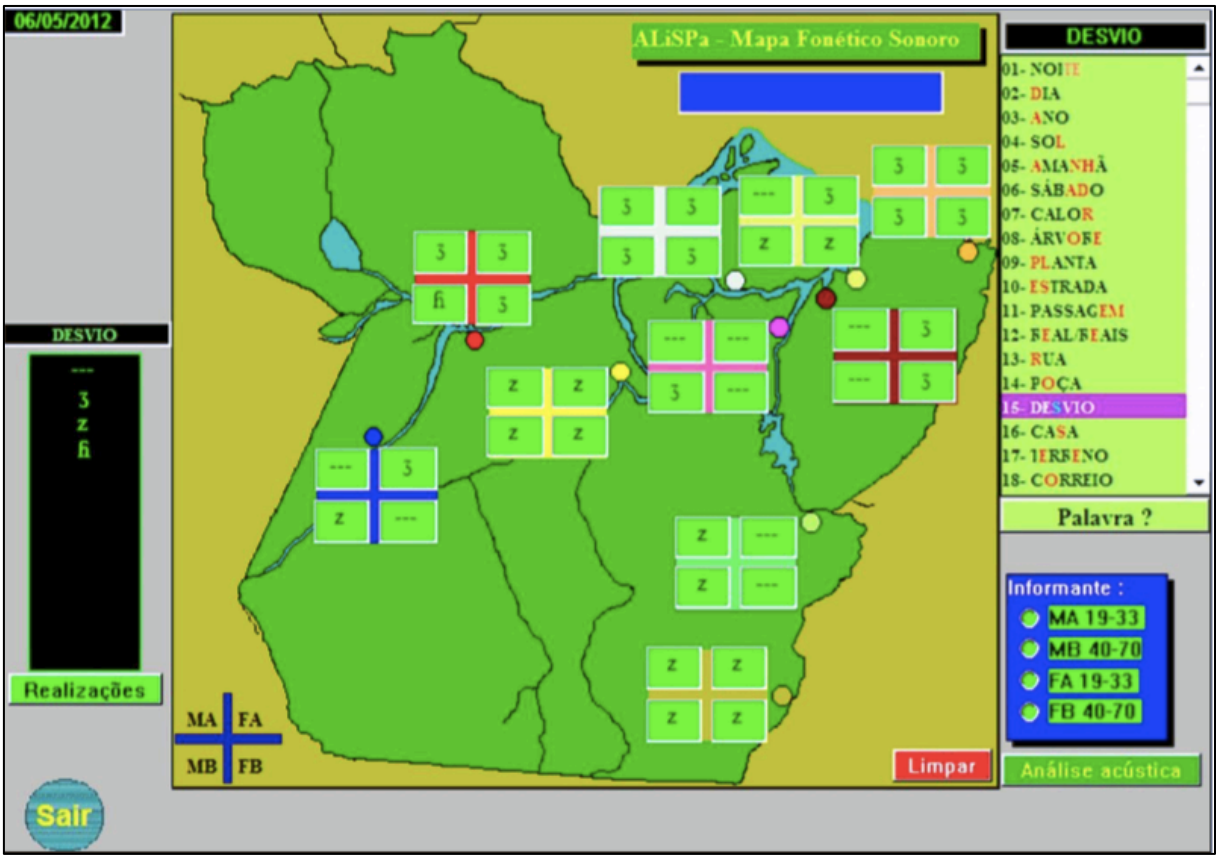
Os questionários utilizados para os inquéritos do projeto foram os seguintes: Questionário Semântico Lexical (QSL), 14 áreas semânticas e 202 questões; Questionário Fonético-fonológico (QFF), 159 questões, além de 11 questões de prosódia; e Questionário Morfossintático (QMS). Além dessas, há questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para registro de discursos semidirigidos, questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

Atualmente, o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) possui dois volumes publicados, a saber: Volume 1 – Introdução; Volume 2 – Cartas Linguísticas (fonéticas/prosódicas; morfossintáticas e semântico-lexicais) e o volume 3 – análise dos dados cartografados – está em fase de elaboração. A equipe regional do ALiB no Pará é formada pelos seguintes professores: Dr. Abdelhak Razky (integrante do Comitê Nacional), Drª. Marilúcia Barros de Oliveira (membro suplente da Direção Regional-Norte do ALiB) e Dr. Alcides Fernandes, além de outros pesquisadores (mestres e doutores), bolsistas de iniciação científica, alunos da pós-graduação e voluntários.

A produção de um atlas de dimensão nacional, como o *Atlas Linguístico do Brasil*, não impediu que outros atlas regionais, estaduais, municipais e de pequenos domínios fossem publicados. Entre 1996 e 2010, foram publicados em torno de 15 atlas. A seguir, temos um exemplo de carta linguística do *Atlas Linguístico-Sonoro do Estado do Pará* – ALISPA, publicado em 2004, considerado o primeiro atlas brasileiro totalmente em suporte digital:

[55] O projeto de construção do atlas linguístico nacional faz referência ao decreto de 1952, no entanto, só a partir 1996 (44 anos depois), na Universidade Federal da Bahia, que é criado um Comitê Nacional com esta finalidade, incluindo representantes de todas as regiões do Brasil com atlas regionais publicados, inclusive com a participação de pesquisadoras que atuaram no Atlas Prévio dos Falares Baianos. O Comitê Nacional definiu a rede de pontos, que incluiu capitais e não capitais, com exceção do Distrito Federal e Palmas, por terem sua formação e ocupação recente.

Imagem 18 - Carta fonética “desvio” pertencente ao *Atlas Linguístico Sonoro do Pará*.



Fonte: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2010).

O Brasil possui, no total, 45 atlas realizados e 10 estão publicados (ver quadro 1). A década que compreende 2001 a 2010 foi considerada a mais produtiva para a Dialetologia no Brasil, em termos de atlas publicados:

ATLAS	ANO
Atlas Prévio dos Falares Baianos	1963
Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais	1977
Atlas Lingüístico da Paraíba	1987
Atlas Lingüístico de Sergipe	1987
Atlas Lingüístico do Paraná	1994
Atlas Lingüístico de Sergipe II	2002
Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul	2002
Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará	2004
Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul	2007
Atlas Lingüístico do Ceará	2010

Quadro 1 - Atlas linguísticos publicados no Brasil. Fonte: Ferreira (2014) .

Também temos atlas concluídos, porém não publicados. Esses atlas são frutos de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado. Veja no quadro 2, abaixo, os atlas nessa situação:

ATLAS	**ANO**
Atlas Lingüístico do Amazonas (tese)	2004
Atlas Lingüístico de Adrianópolis (dissertação)	2004
Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara (dissertação)	2006
Atlas Lingüístico Rural do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul (dissertação)	2006
Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (tese)	2007
Atlas Lingüístico do Paraná II (tese)	2007
Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná (tese)	2007
Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul	2007
Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC (tese)	2007
Micro-atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro – Micro AFERJ (tese)	2008
Atlas Lingüístico de Iguatu/CE (dissertação)	2009
Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso (dissertação)	2009
Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco (dissertação)	2009
Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilha Bela, São Sebastião e Ubatuba – Litoral Norte de São Paulo (tese)	2010
Atlas Linguístico de Buíque (monografia)	2011
Atlas Linguístico de Capistrano (dissertação)	2011
Atlas Linguístico dos Falares do Baixo Amazonas (dissertação)	2011
Atlas Linguístico do Oeste Potiguar (tese)	2012
Atlas Linguístico dos falares do Alto Rio Negro (tese)	2012
Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê (tese)	2012
Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente (dissertação)	2012
Atlas Semântico Lexical do Estado de Goiás (tese)	2012
Atlas Linguístico de Pernambuco (tese)	2013
Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (dissertação)	2013
Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato (tese)	2013

Quadro 2 - Atlas linguísticos concluídos, mas não publicados.

Além dos atlas concluídos e não publicados, há no Brasil muitos atlas em andamento[56], alguns em estágio avançado de coleta de dados e outros ainda na fase inicial de projeto, como podemos observar no quadro 3, que segue:

ATLAS EM ANDAMENTO
Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro
Atlas Linguístico de São Paulo
Atlas Linguístico do Acre
Atlas Linguístico do Espírito Santo
Atlas Geossociolinguístico do Pará
Atlas Linguístico do Maranhão
Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
Atlas Linguístico do Piauí
Atlas Linguístico de Rondônia
Atlas Linguístico do Amapá
Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai
Atlas Linguístico do Litoral Sul-Matogrosense
Atlas Linguístico do Sul Amazonense
Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil

Quadro 3 - Atlas em andamento.

Com base no que foi apresentado nas últimas seções, podemos afirmar que a Dialetologia é um campo do conhecimento anterior à Linguística Moderna e que teve sua importância resgatada principalmente no século XX, especialmente com os aportes teóricos da Geografia Linguística e Sociolinguística, o que demonstra a expansão do trabalho dialetológico, ao abrigar outras subáreas do conhecimento distintas, mas ligadas pela necessidade de se investigar a distribuição multidimensional de variantes, legando-nos o mais aproximado retrato amostral da realidade linguística de determinado país, região ou localidade.

É importante dizer que as iniciativas anteriores ao *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014) eram de atlas essencialmente monodimensionais (*Atlas Prévio dos Falares Baianos*, *Esboço do Atlas de Minas Gerais* e *Atlas Linguístico da Paraíba*) e atlas bidimensionais ou parcialmente pluridimensionais (*Atlas Linguístico do Paraná*, *Atlas Linguístico do Sergipe I, Atlas Linguístico do Sergipe II*, *Atlas Linguístico-Etnográfico do Rio Grande do Sul* e *Atlas Linguístico-Sonoro do Pará*).

[56] Não conseguimos informações atualizadas sobre o andamento de cada um dos atlas relacionados e em virtude dessa situação, consideramos as informações obtidas no ano de 2015 sobre o estágio desses atlas.

Podemos afirmar, também, que a Dialetologia Brasileira tem como principal característica o mapeamento regional e o fato de se adequar gradualmente às principais inovações tecnológicas e aos aportes teóricos, inclusive investindo cada vez mais em atlas multidimensionais, considerando que a nossa realidade linguística heterogênea requer esse tipo de perspectiva.

Dentre os principais desafios enfrentados atualmente na área estão a gradual falta e/ou redução de investimentos e recursos humanos para a manutenção dos projetos regionais, o que torna as fases de coleta, organização e elaboração de atlas e de estudos sobre os atlas publicados relativamente morosas e dispendiosas, o que compromete o crescimento da área e a renovação cíclica do quadro de pesquisadores especializados no campo dialetológico nas universidades brasileiras.

1.3 Dialetologia e Sociolinguística: convergências

A Dialetologia e a Sociolinguística são áreas com objetivos específicos, mas que caminham lado a lado. A Sociolinguística Variacionista foi um dos principais aportes teóricos da Dialetologia, por considerar a dimensão social, o que contribuiu para a ampliação do escopo dos estudos dialetológicos. É importante salientar que a Sociolinguística tomou como base trabalhos oriundos da Dialetologia. Por exemplo, os primeiros trabalhos de Labov[57] tiveram como ponto de partida dados de cunho dialetológico (oriundos do *Linguistic Atlas of New England – LANE*), como afirma Trudgill ao tratar da "dívida" que a Sociolinguística possui em relação à Dialetologia (1982, p. 238):

> Sociolinguistics, then, owes a considerable debt to dialectology, and it is my contention that it could benefit from dialectology even more than it has done. However, it is also clear that the reverse also applies. Dialectology has already benefited from sociolinguistic concepts and methods, but it could, I would maintain, benefit even more. I want to illustrate this point by reference to the survey of English Dialects and, in particular, the Linguistic Atlas of England[58].

[57] William Labov esteve diretamente envolvido na elaboração do *Phonological Atlas of North America* ou *The Atlas of North American English* (ANAE). Iniciado nos anos 90 e concluído no ano 2000, o ANAE utilizou os pressupostos metodológicos da dialetologia, entrevistas via telefone e buscou mapear fenômenos fonético-fonológicos, assim como a mudança sonora nos Estados Unidos. (LABOV; ASH; BOBERG, 2000).

[58] "A Sociolinguística, portanto, possui uma dívida considerável à dialetologia, e minha afirmação é que ela poderia se beneficiar da dialetologia ainda mais do que tem feito. No entanto, também é claro que o inverso também se aplica. A Dialetologia já se beneficiou de conceitos e métodos sociolinguísticos, mas poderia, eu

Podemos apontar como principais elementos agregados da Sociolinguística na Dialetologia: a estratificação social; a rigorosa seleção dos informantes/colaboradores; a utilização de avançados instrumentos tecnológicos de pesquisa de campo, como gravadores; além da aplicação do conceito de variação ampliado[59] a dimensões adicionais ao aspecto espacial, tais como as dimensões diassexual, diastrática, diageracional, dentre outras, o que propiciou o surgimento de atlas pluridimensionais. Para Molla (2002, p. 43), a Sociolinguística teve a seguinte contribuição:

> Una de las contribuiciones más importantes de la sociolingüística ha sido el estúdio de la estructura de la variación lingüística. La sociolingüística tiene como uno de sus postulados básicos que la variación lingüística é inherente a la estructura del linguaje. Labov (1965) fue el primero en demonstrar que la variación lingüística está condicionada no sólo por los factores de la estructura social, sino por la variabilidad patente en los elementos del contexto lingüístico interno. El concepto de la variable lingüística define un conjunto de equivalencias de realizaciones o expresiones patentes de un mismo elemento de principio subyacente[60].

Mouton (2015, p. 400) também reafirma a fundamental contribuição metodológica dada à Dialetologia e aponta um evidente desenvolvimento no estudo da variação espacial graças à Sociolinguística:

> La dialectología y, sobre todo, la geografia linguística, han hecho de este tipo de variación su objeto principal de trabajo y han desarrollado una metodología específica para recoger materiales de modo riguroso y fiable, lo que les permite estudiar la variación interna y sus relaciones con los facotes externos. A pesar de que este tipo de trabajo nació con el propósito de recoger testimonios de variación libres de presiones normativas útiles sobre todo para la reconstrucción linguística ha ido evolucionado al passo de la evolución teórica hacia planteamientos muy cercanos a los de la teoria de la variación de corte 'sociolingüístico', manteniendo un enfoque cualitativo. Sin embargo, la sociolinguística apenas ha desarrollado hasta ahora el aspecto de la variación espacial, quizá por las evidentes dificultades que supondría para la cuantificación.

---

diria, se beneficiar ainda mais. Quero ilustrar este ponto com referência à pesquisa de dialetos ingleses e, em particular, ao Atlas Linguístico da Inglaterra". (T.A)

[59] "Linguists traditionally believed that language was basically a yes-or-no kind of thing. While geographical varieties of languages (i.e., dialects) and social class varieties of language (i.e., sociolects) can to some extent be described as single systems of their own independente of the other systems, it is more difficult to deal with diferences of style within the speech of a single individual in the same way. Probably all speakers of all languages alter their speech so that it matches the nature of the social situation. They are in, even though they may not consciously be aware that they are doing it." (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 252).

[60] "Uma das contribuições mais importantes da sociolinguística tem sido o estudo da estrutura da variação linguística. A sociolinguística tem como um dos seus postulados básicos que a variação linguística é inerente a estrutura da linguagem. Labov (1965) foi o primeiro a demonstrar que a variação linguística está condicionada não somente por fatores da estrutura social, senão pela variabilidade patente nos elementos do contexto linguístico interno. O conceito de variável linguística define um conjunto de equivalências de realizações ou expressões patentes de um mesmo elemento de princípio subjacente." (T.A).

Cabe reafirmar aqui que a Dialetologia e a Sociolinguística seguem hoje a mesma via dentro dos estudos linguísticos, no entanto, cada uma observa o dado linguístico de forma diferente, pois a Sociolinguística busca descrever o processo ou o porquê de determinado fato linguístico ocorrer a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos, e assim determinar a regra variável que define a variação; já a Dialetologia busca registrar a realidade linguística de determinada localidade, quer seja um povoado ou um continente, com o intuito de mostrar uma "fotografia" linguística, situada no tempo e no espaço, da situação linguística dessa suposta localidade. Ambas não estão imunes às críticas, pois de um lado a Sociolinguística é "acusada" de reduzir o escopo da variação a uma única área topostática e, por outro lado, a Dialetologia Tradicional é criticada por focar em poucos fatores extralinguísticos (nos atlas monodimensionais, apenas o fator diatópico). Essas críticas são relevantes e contribuíram para o desenvolvimento da Dialetologia Pluridimensional, pois aliam a multiplicidade de pontos de inquérito e a multidimensionalidade, que também é criticada pelo excesso de dimensões e informações linguísticas nas cartas.

As duas disciplinas não tiveram o mesmo desenvolvimento ao longo do século, pois a Dialetologia passou um bom tempo em segundo plano, mas com o advento da Sociolinguística, acabou sendo revitalizada e extraiu o que de melhor havia na Sociolinguística Quantitativa, como afirma González (2006, p. 311):

> Aínda que a evolución da teoría lingüística a penas tivo repercusión no paradigma do labor dialectolóxico, non ocorreu o mesmo con outra disciplina irmá daquela, unha que se centra na relación da lingua co feito social: a sociolingüística. Axiña os dialectólogos se decataron do poder heurístico do modelo analítico da sociolingüística e así nace o estudo da variación dialectal de base social botando man do método da sociolingüística cuantitativa. Este consiste basicamente no estudo comparativo de variables lingüísticas, que antes se consideraban de libre variación, con variables sociais (clase social, idade, xénero, nivel cultural...) en busca de correlacións.

É fato que essas duas disciplinas estiveram em lados opostos no passado e com o tempo tiveram que convergir, apesar de muitos dialetólogos e sociolinguistas ainda não terem fechado a questão (o que é praticamente impossível) sobre as correlações e convergências das duas áreas, como afirma Contini (2012, p. 467):

> [...] lees sociolinguistes considérant la première comme une filiation de la seconde, les dialectologues, au contraire, tendant, à considérer la sociolinguistique comme une branche de leur dicipline. S'il est vrai que la sociolinguistique est un germe depuis longtemps dans les travaux des dialectologues/géolinguistes – la variation diachronique et diastratique est notamment une préoccupation des deux disciplines – il n'est pas moins vrai que leurs objectif comuns et leurs approches méthodologiques ont divergé par la suíte. Il me plaît de retenir, à ce propôs, l' opinion de Thun pour que la dialectologie, mono dimensionnelle par tradition, mais non pas par nécessité intrinsèque, serait une sociolinguistique limitée, tandis que la sociolinguistique, multi dimensionnelle par tradition (par réaction) serait une dialectologie limitée[61].

Considerando que nessa via em que as duas disciplinas andam lado a lado há um ponto em que se cruzam, podemos dizer que é aí que a dimensão social transborda para os estudos dialetológicos e a Dialetologia pode fornecer a informação linguística coletada *in locus* para a Sociolinguística. Em suma, a Dialetologia tem muito a ganhar com os estudos sociolinguísticos. É o que afirma Trudgill (1982, p. 249):

> [The] Dialectology, on the other hand, also has much that can be learned from certain types of work in sociolinguistics. It can benefit from an increased empasis on on-going linguistic changes and synchronic facts, without abandoning its interest in historical processes and conservative varieties. It can benefit from incorporating into its methodology some recognition of the fact that even older rural dialect speakers cannot be relied upon on all occasions to produce the vernacular. It can benefit from an increased acknowledgement that fine attention to detail and a very open-minded approach are helpful when dealing with unfamiliar varieties[62].

O conceito de dialeto é basilar para a Dialetologia, pois alguns dos primeiros estudos buscavam delimitar fronteiras dialetais ou formas de falar de regiões rurais; e com o tempo, a noção de dialeto foi alvo de discussão, uma vez que os limites entre língua e dialeto não são tão nítidos, como no caso do catalão e do valenciano, consideradas línguas diferentes por alguns linguistas, mas para outros pesquisadores o valenciano é um dialeto do catalão. O

[61] "[...] os sociolinguistas consideram a primeira como uma filiação da segunda, os dialetologistas pelo contrário, tendem a considerar a sociolinguística como um ramo da sua disciplina. Embora seja verdade que a sociolinguística tenha sido um embrião por um longo tempo nas obras de dialetologistas/geolinguistas – a variação diacrônica e diastrática é uma preocupação particular de ambas as disciplinas – não é menos verdade que se aproximaram do seus objetivos comuns e abordagens metodológicas e divergiram depois disso. Eu gosto de lembrar, a este respeito, o parecer do Thun para a dialetologia, monodimensional pela tradição, mas não por necessidade intrínseca, seria uma sociolinguística limitada, enquanto a sociolinguística, multidimensional por tradição (por reação) seria uma dialetologia limitada". (T.A).

[62] "[A] dialetologia, por outro lado, também tem muito que pode ser aprendido a partir de certos tipos de trabalho em sociolinguística. Pode se beneficiar de um aumento da ênfase em mudanças linguísticas contínuas e fatos sincrônicos, sem abandonar seu interesse em processos históricos e variedades conservadoras. Pode se beneficiar da incorporação em sua metodologia de algum reconhecimento do fato de que mesmo os falantes de dialeto rural mais velhos não podem ser confiáveis em todas as ocasiões para produzir o vernáculo. Ela pode se beneficiar de um aumento do reconhecimento de que a boa atenção aos detalhes e uma abordagem muito aberta são úteis quando se lida com variedades desconhecidas". (T.A).

mesmo se dá em relação ao Galego e ao Português, consideradas como línguas distintas[63] por linguistas e instituições como a Real Academia Galega (RAG) e o Instituto da Lingua Galega (ILG), enquanto que para algumas associações culturais e estudiosos, o Galego e o Português fazem parte do mesmo diassistema[64] e para os defensores mais radicais, as duas línguas precisam ser reintegradas[65] pelo fato daquela língua ser uma variedade do português. Portanto, a definição do que é uma língua e até que ponto temos um dialeto é muito mais política do que da alçada linguística. Segundo Viaplana (1996, p. 27), por isso língua e dialeto são termos formalmente opostos:

> El terme 'llengua apareix formalmente oposat a dialeccte en ple renaixement, en l'etapa de consolidació de les grans llengües modernes. És el moment de la creació dels grans estats europeus, i, per tant, el moment d'establir i de donar forra a tots elements d'identitat i de cohesió possibles. I les llengües nacionals, enteses com a varietats comunes o estàndards, tenen, en aquest procés, un paper fonamental que eles nous esttats exploten. Per als lingüistes del moment, dones influïts, al cap i a la fi. Pels interessos de les classes dominants, 'llengua'no és altra coisa que la llengua estàndard. La resta, total a resta de varietats parlades en els nous estats, són mers dialectes: formes de parlar – i, en alguns casos, d'escriure – diferentes de la llengua, normalmente de tipus popular i incult[66].

Ao caracterizar língua e dialeto, podemos partir para a discussão sobre padrão e norma linguística, conceitos trazidos à tona juntamente com o aporte teórico da Sociolinguística.

---

[63] "[...] a língua galega deve prosseguir o seu próprio caminho, se apoiando no português para a sua adaptação e modernização, procurando um achegamento proveitoso, mas sobretudo procurando se assentar firmemente na sociedade galega, onde deve confrontar graves ameaças, derivadas duma situação histórica de subordinação ao castelhano e duma deriva sociolinguística favorável à expansão das grandes línguas de comunicação internacional. Em nossa opinião, não adianta nada forçar agora a trajetória do galego mediante uma reforma radical orientada ao português, que lhe pode alienar apoios sociais na própria Galiza. A aproximação do galego ao português deve ser gradual, e se apoiar no estreitamento dos intercursos e dos laços culturais, econômicos e humanos" (MONTEAGUDO, 2012, p. 62).

[64] "[...] a ciência filológica sentirá a necessidade de criar um nome que dê à língua pátria uma origem digna. Para começar, a gramática histórica, nascida no século XIX, vai estabelecer um mito: o mito de que 'o português vem do latim', o que historicamente e geograficamente é um erro. O português vem, sim, mas é do galego, é a continuação histórica da língua românica que surgiu no extremo noroeste da península e foi sendo levada cada vez mais para o sul da franja ocidental da península no processo de Reconquista empreendido pelos soberanos portugueses. O galego, sim, vem do latim vulgar falado naquela região. Mas seria uma grande desonra para uma língua imperial como a portuguesa reconhecer como sua 'mãe' uma língua pobre, falada por uma gente rústica, sem poder político. Daí o mito de que 'o português vem do latim', que se encontra estampado em todos os livros de história da língua portuguesa" (BAGNO, 2011).

[65] O reintegracionalismo é representado por associações e movimentos culturais como a Associaçom Galega da Lingua (AGAL), Irmandades da Fala da Galiza e Portugal (IFGP), Movemento Internacional Lusófono, dentre outras.

[66] "O termo língua aparece formalmente oposto a dialeto em pleno Renascimento, em fase de consolidação das principais línguas modernas. É o momento da criação dos grandes estados europeus, e, portanto, o momento de estabelecer e de dar forma a todos os elementos da identidade e coesão possíveis. E as línguas nacionais, entendidas como variedades comuns ou padrão têm, neste processo, um papel fundamental que esses novos estados passaram a explorar [...]. Por conta dos interesses das classes dominantes, a 'língua' não é outra coisa que não seja a língua padrão. O resto, todo o resto de variedades faladas nos novos estados são meros dialetos, formas de falar – e em alguns casos, de escrita – diferentes da língua, normalmente do tipo popular e inculta". (T.A).

Esse debate ajudará na exegese das cartas linguísticas selecionadas, pois o nosso objetivo é mapear a norma linguística a partir dos padrões presentes nos dados coletados nas comunidades quilombolas do Nordeste do Pará.

1.3.1 Padrão e Norma linguística

A Dialetologia e a Sociolinguística orbitam em torno do mapeamento/descrição da norma e do padrão linguístico. Para este trabalho partiremos desses dois conceitos para apresentar, a partir das cartas linguísticas, as variantes que ocupam o lugar do padrão e, desse modo, apontar a norma linguística nas comunidades quilombolas pesquisadas. Segundo Dubois *et al*.[67] (1973 *apud* DUARTE, 2004, p. 18):

> [...] la variedad estándar de una lengua es "aquella que se impone en un país dado, frente a las variedades sociales o locales. Es el medio de comunicación más adecuado, que emplean comúnmente personas que son capaces de servirse de otras variedades. Se trata generalmente de la lengua escrita y propia de las relaciones oficiales. La difunden la escuela y los medios de comunicación"[68].

Se de um lado, a variedade padrão ou *standard* é a língua "modelo" ou língua ensinada na escola, de outro lado, temos a língua vernácula, que segue outro caminho, com suas próprias regras e percurso próprios, estando ligada mais a eventos de fala espontânea. No caso do AGQUINPA, temos o português vernacular brasileiro, doravante PVB, falado em comunidades quilombolas e que se enquadra no conceito de língua vernacular proposto por Trudgill (2003, p. 141):

> [...] The term is used particularly to refer to dialects which are not national languages or standard varieties or lingua francas; to nonstandard dialects styles which have not been influenced by standard varieties; and to styles which are closely associated with informal contexts[69].

---

[67] DUBOIS, Jean *et al*. **Dictionnaire de linguistique**. Paris: Larousse, 1973.

[68] […] a variedade padrão de uma língua é 'aquela que se impõe em um dado país, frente as variedades sociais e locais. É o meio de comunicação mais adequado, que empregam comumente pessoas que são capazes de se servir de outras variedades. Trata-se geralmente da língua escrita e própria das relações oficiais. A difundem a escola e os meios de comunicação.

[69] O termo é usado particularmente para se referir a dialetos que não são línguas nacionais ou variedades padrão ou línguas francas; a estilos de dialetos não padrão que não são influenciados pela variedade padrão; e a estilos que são proximamente associados a contextos informais.

Para Mello[70] (1996 apud PETTER; OLIVEIRA, 2011, p. 3), o português quilombola afro-brasileiro ou afro-indígena[71] (SILVA, 2014) está situado em um contínuo dialectal, em que os falares urbanos não padrão (do paraense "não culto" da capital Belém) estão situados em um lado oposto. No meio desse contínuo dialetal vernacular, temos os falares regionais, como a fala dos ribeirinhos, de modo que cada variedade possui a sua norma própria ou mais de uma norma, como podemos visualizar no quadro 4, abaixo:

Português quilombola ou Português afro-brasileiro ou Português afro-indígena (Norma X)	Falares regionais (Norma Y)	Falares urbanos não padrão (Norma Z)

Quadro 4 - Contínuo dialetal do Português Vernacular Brasileiro. Fonte: Mello (1996 *apud* PETTER; OLIVEIRA, 2011), com adaptações.

Para Lucchesi (2009, p. 32), esses falares ou variedades (e por consequência normas) estão em oposição ao que está estabelecido pela "norma culta", pelo fato de que:

> [...] a chamada norma culta teria se formado e se concentrado nos reduzidos núcleos urbanos fixados quase que somente no litoral. Em oposição às cidades, o português popular brasileiro ia se constituindo no interior do país, onde se instalaram os engenhos, as plantações de fumo, algodão e mandioca, e onde avançavam a atividade da mineração e a pecuária. Nessa interlândia multilíngue, que concentrava a maioria da população do país formada sobretudo por africanos (e indígenas) e seus descendentes mestiços e endógamos, secundados por um reduzido núcleo de capatazes, senhores, trabalhadores livres e colonos pobres de origem europeia, variedades muito alteradas da língua portuguesa iam-se formando em função da aquisição imperfeita do português como segunda língua em situações muito adversas por parte de uma grande população de falantes adultos e da socialização e nativização desse modelo defectivo de segunda língua, através de sucessivas gerações.

Além da noção de variedade padrão e variedade vernacular, também é importante situar o conceito de comunidade de fala, pois, no caso desta pesquisa, estamos lidando com

[70] MELLO, Heliana. **The Genesis and Development of Brazilian Vernacular Portuguese**. New York: University of New York, 1996.

[71] De acordo com Oliveira et al. ((s/d) apud CAMPOS *et al*. (2015, p. 5), o português afro-índigena é "[…] uma variedade vernacular do português brasileiro falada por comunidades de fala 'aquilombadas'. Destacamos que tais comunidades não são apenas as 'terras de preto', mas ainda as 'terras indígenas' e as '"terras mistas"' como se dão no norte do Brasil. Nestas sociedades, verificam-se, como traços marcantes: (i) nas 'terras de preto': uma descendência de africanos; (ii) nas 'terras indígenas': etnias que perderam ou estão por perder por completo suas línguas maternas, mas mantém seus laços identitários; (iii) nas 'terras mistas': comunidades aquilombadas no norte do Brasil cuja formação étnica é negra e indígena. Nestes três tipos de 'terras' o português é traço de identidade e nossa hipótese é que cada comunidade de fala traga suas marcas específicas devendo cada uma delas, na medida do possível, ser inventariada".

localidades em que temos uma identidade étnica específica, sobretudo pelo autorreconhecimento como remanescente de quilombola que, para efeitos sociais e políticos, vai muito além do debate das demarcações de terra ou de ações afirmativas para esse segmento. Portanto, a palavra comunidade tem um sentido amplo nesse contexto, inclusive abrangendo a identidade linguística, afinal a forma de falar e o léxico dessas comunidades quilombolas são elementos que ajudam a caracterizar os integrantes de tais comunidades e a reforçar sua identidade, como bem apontou Labov (2008, p. 150):

> [...] A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

E foi reforçado nas palavras de Molla (2002, p. 42) e Fishman (1971, p. 28-29):

> Una comunidade de habla es un grupo social que puede ser monolingüe o multilingüe, que se mantiene unido al compartir un serie de normas y reglas sobre los usos de la lengua y que participa con frecuencia en situaciones sociales donde existen unos claros patrones de interacción. Las fronteras lingüísticas entre las comunidades de habla son más sobre assuntos sociales que problemas de lengua. En algunos casos los conceptos de lengua y dialecto no tienen mucha validez ya que no hay ninguna manera objetiva para determinar cuándo dos variedades de la lengua son lo suficientemente semejantes para llamarlas variantes del mismo idioma o dos idiomas diferentes.
>
> ***
>
> Speech community, like variety, is a neutral term. Unlike other societal designations it does not imply any particular size or any particular basis of communality. A speech community is one all of whose members share at least a single speech variety and the norms for its appropriate use [...] Even small and total societies are likely to differentiate between children and parentes, between leaders and followers[72].

Não basta apenas compartilhar a mesma língua e habitar uma determinada localidade para termos uma comunidade de fala, já que é preciso existir relações sociais concretas, como aponta Ramiréz (1996, p. 37):

> Las relaciones entre lengua y sociedad existen en varios niveles y se manifiestan de diversas maneras. Primero, la lengua es un instrumento de comunicación entre las personas de una comunidad de habla. Por otra parte, la lengua refleja la estructura

[72] "A comunidade de fala, como variedade, é um termo neutro. Ao contrário de outras denominações sociais, não implica qualquer dimensão particular ou qualquer base particular de comunalidade. Uma comunidade de fala é aquela em que todos os membros compartilham pelo menos uma única variedade de fala e as normas para seu uso apropriado [...] Mesmo as sociedades pequenas e fechadas tendem a diferenciar entre crianças e parentes, entre líderes e seguidores". (T.A).

> social en cuanto a las diferencias lingüísticas entre los grupos sociales. Las personas de unas regiones geográficas se distinguen de otras zonas por medio de su pronunciación, vocabulario o gramática. Los factores personales como edad, sexo, etnia o procedencia también influyen en el comportamiento lingüístico del individuo.

Partindo do conceito de redes sociais[73], explorado por Bortoni-Ricardo (2011), podemos afirmar que nas comunidades rurais[74] quilombolas pesquisadas são visíveis o conjunto de vínculos criados e mantidos para a própria sobrevivência do grupo, portanto, há um elevado grau de integração comunicativa, proporcionando um maior consenso normativo, pelo fato de termos uma rede mais densa, com baixa mobilidade social, com orientação para a identidade e também certa resistência a valores dominantes, dentre os quais a norma linguística de prestígio (BORTONI-RICARDO, 2011). Observamos, durante a nossa estadia nas comunidades quilombolas, o envolvimento total das comunidades por meio de reuniões e assembleias que discutem desde questões políticas que afetam diretamente o cotidiano dos moradores até resolução de demandas particulares (como a nossa coleta de dados, que só pôde ser realizada depois de reuniões com participação dos membros da comunidade), o trabalho coletivo em forma de mutirões, o compartilhamento da terra para cultivo, bem como os laços de parentesco e solidariedade.

É importante dizer que adotamos o conceito de norma não do ponto de vista estritamente normativo, mas sim do que é normal, corrente e coletivo, portanto, a norma linguística de uma comunidade pode também ser medida quantitativamente. Coseriu (1979, p. 55) apresenta um conceito de norma com o qual concordamos e adotamos neste trabalho:

> [...] Onde colocar na linguagem esses elementos normais e constantes numa língua e, entretanto, não pertinentes do ponto de vista funcional, dado que não se podem classificar no sistema? Ora, justamente naquela outra abstração, anterior ao sistema, a que temos chamado norma.

Seguindo essa linha de pensamento, chegamos ao ponto de interseção entre as relações sociais, língua e variação. O uso da língua implica variação conforme o contexto social, no nível individual (idioleto), que soma e forma uma zona geográfica dialetal, reunindo a variação individual em um conjunto também chamado de dialeto. Definir os limites da extensão de um dialeto não é tarefa simples e sempre foi alvo de tentativas de mapeamento,

[73] Para Mitchell (1973, p. 22 *apud* BORTONI-RICARDO, 2011, p. 84), uma rede social é "basicamente pensada como o conjunto real de vínculo de todos os tipos no interior de um conjunto de indivíduos".

[74] "A fala em comunidades rurais isoladas pode ser considerada como uma forma altamente focalizada de vernáculo rural, que contêm virtualmente o conjunto completo de traços não padrão que definem uma distinção abrupta entre variedades rurais e urbanas, bem como uma alta incidência de traços graduais do português popular"(BORTONI-RICARDO, 2011, p. 123).

desde os primeiros glossários até os grandes atlas regionais, nacionais ou transnacionais. Para dar conta dessa tarefa, é fundamental a construção dos atlas linguísticos, como justifica Viaplana (1996, p. 55):

> [...] El macanisme de treball que requeirex un atles d`aquestes característiques és relativamente simple. Es tracta d'elegir un conjunt de mapes trets de naturalesa fonètica o fonológica i supeditar-los a enquesta per la zona estudiada. Obtinguts aquests primers resultats, i tret a tret, s'han de projectar sobre mapes de la zona. El resultat és un conjunt de mapes, un atles, on s'aprecien les semblances i les diferències de les àrees dialectals en relació amb cadascun dels trets i la manera com les àrees queden distribuides sobre el mapa en funció d'aquests trets. La coincidència relativa d'aquestes distribuicions sobre el mapa, d'altra banda, permet d'apreciar àrees dialectals diferenciades. Aquest model d'estudi dialectològic és conegut amb el nom de geografia linguística, geolingüística o de geografia dialectal[75].

De acordo com Oliveira[76] (2001 *apud* BASSI; MARGOTTI, 2012, p. 53), podemos encontrar no léxico o "que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais", além de possibilitar observar "a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo". Para a mesma autora, há variação geolinguística nas marcas regionais em virtude da extensão do território brasileiro, fluxo migratório e também por conta do aparente isolamento geográfico de algumas regiões (sobretudo, na região Amazônica).

Neste ponto do debate sobre a norma, podemos delimitar um tipo de norma específica, que nos interessa aqui: a norma lexical. A norma lexical de determinada região particulariza e delimita áreas dialetais, e normas dialetais distintas podem indicar aspectos identitários ou mesmo regionais. Essa questão é muito bem definida por Razky (2014, p. 144):

> [...] a partir da nomeação dos elementos que o circundam, o homem imprime seus valores e expressa suas impressões sobre a realidade, razão pela qual o repertório lexical de um grupo social evidencia não só aspectos da identificação da realidade do falante como também traços particulares de sua maneira pessoal de pensar e de agir, suas ideologias e crenças. Como o usuário da língua carrega consigo seu vocabulário, ao mesmo tempo em que propaga sua NORMA LEXICAL, contribui para particularizá-la em um determinado espaço geográfico.

---

[75] "O mecanismo de trabalho que requer um atlas destas características é relativamente simples. Trata-se de escolher um conjunto de mapas de natureza fonética e fonológico e fornecê-los a exame pela zona estudada. Obtendo estes primeiros resultados, de ponto a ponto, serão projetados sobre os mapas da zona. O resultado é um conjunto de mapas, um atlas, em que se observam semelhanças e as diferenças das áreas dialetais em relação a cada um dos pontos e a maneira como as áreas ficam distribuídas sobre o mapa em função daqueles pontos. A coincidência, por outro lado, permite observar áreas dialetais diferenciadas. Este modelo de estudo dialetológico é conhecido pelo nome de geografia linguística, geolinguística ou geografia dialetal". (T.A).

[76] OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001.

Costa e Isquerdo (2014, p. 32) afirmam que "[...] um estudo da norma lexical pode revelar diversos aspectos culturais de um povo, suas crenças, sua visão de mundo e mesmo aspectos da sua história social", o que mostra essa ligação estreita entre a norma lexical e o acervo cultural de uma comunidade ou um povo.

Em busca da norma lexical das comunidades remanescentes de quilombo, podemos dizer que o AGQUINPA utiliza o aparato atual disponível para a coleta, tratamento de dados e cartografia, portanto, aproveita os avanços metodológicos que a Dialetologia tem experimentado nas últimas décadas. Apresentaremos, com as cartas linguísticas, a norma que caracteriza a variedade mapeada, a partir dos padrões lexicais observados. Dessa forma, poderemos ter uma impressão mais próxima dos usos dessa comunidade, não só do português falado em áreas rurais, mas também do português falado pelos quilombolas.

1.3.2 A Geolinguística Pluridimensional

Podemos considerar a Geolinguística Pluridimensional como uma Geolinguística ampliada, se a compararmos com a Geolinguística tradicional, pois aquela inclui elementos que se agregam ao espaço geográfico, dando a este uma conotação multidimensional. Os atlas monodimensionais da tradicional linha wenkeriana/gillieroniana consideravam importante a disposição do dado linguístico na dimensão espacial ou diatópica, além de incluírem como alvo das entrevistas apenas informantes mais velhos e da zona rural. O interesse era limitado a um único informante, que representava toda uma área, que se somava a vários outros informantes únicos de outras regiões. Desse modo, era possível, pretensamente, ter uma visão da situação geolinguística daquele espaço, o que atualmente é questionado por uma série de fatores, como bem afirma Mouton (2015, p. 100):

> Hoy estas premisas han sido puestas en cuestión porque, desde princípios del siglo XX, las circunstancias han cambiado por el efecto de factores tan determinantes como la urbanización rural, la instrucción generalizada y la globalización en las comunicaciones.

Com a expansão do campo de conhecimento e dos sucessivos aportes de outras áreas, muitos atlas passariam a considerar vários colaboradores e não apenas um único colaborador para uma região, além de levar em conta uma rigorosa estratificação social.

Ao considerar a pluralidade dimensional, a Geolinguística Pluridimensional[77] abriu possibilidades de descrever e analisar os seguintes tipos de variação: dialinguística (útil para observar o bilinguismo), diassexual ou diagenérica (que busca mapear regras exclusivas ou não, de acordo com sexo/gênero), diatópica (a tarefa primordial da Geolinguística, e ligada à dimensão geográfica), diastrática (considerando aspectos socioeconômicos) e diageracional (útil para mapear mudança em tempo aparente conforme as gerações) e como bem explica Thun (2010, p. 709), no que se refere às duas dimensões citadas anteriormente, enfatizando o caráter pluridimensional desse tipo de abordagem:

> In addition to the traditional areal distribution of the points of inquiry ("diatopical dimension"), in our standard pluridimensional maps we add two more dimensions: the diagenerational and the diastratic. The first contrasts younger informants (18-36 years GI ["generation I"]) with older ones (60 years old and over = GII ["generation II"]), the second contrasts informants with less formal education (from the illiterate to those who finished nine years of school = Cb ["clase baja" 'lower sociocultural class') with better educated informants (from secondary school to university = Ca ["clase alta" 'higher sociocultural class'])[78].

As cartas utilizadas pela Geolinguística Pluridimensional são em sua maioria: a) cartas de ponto-símbolo; b) cartas ponto-texto; c) cartas de polígonos e d) cartas de isoglossas, de modo que esses dois últimos geralmente são utilizados em estudos específicos e refinamentos realizados após a concretização do atlas linguístico. É importante destacar que, na cartografia pluridimensional, "menos é mais" e por isso é utilizado um número reduzido de símbolos e cores, por questões estritamente econômicas; no entanto, com a possibilidade de publicação em formato digital e sem alto custo financeiro do material impresso.

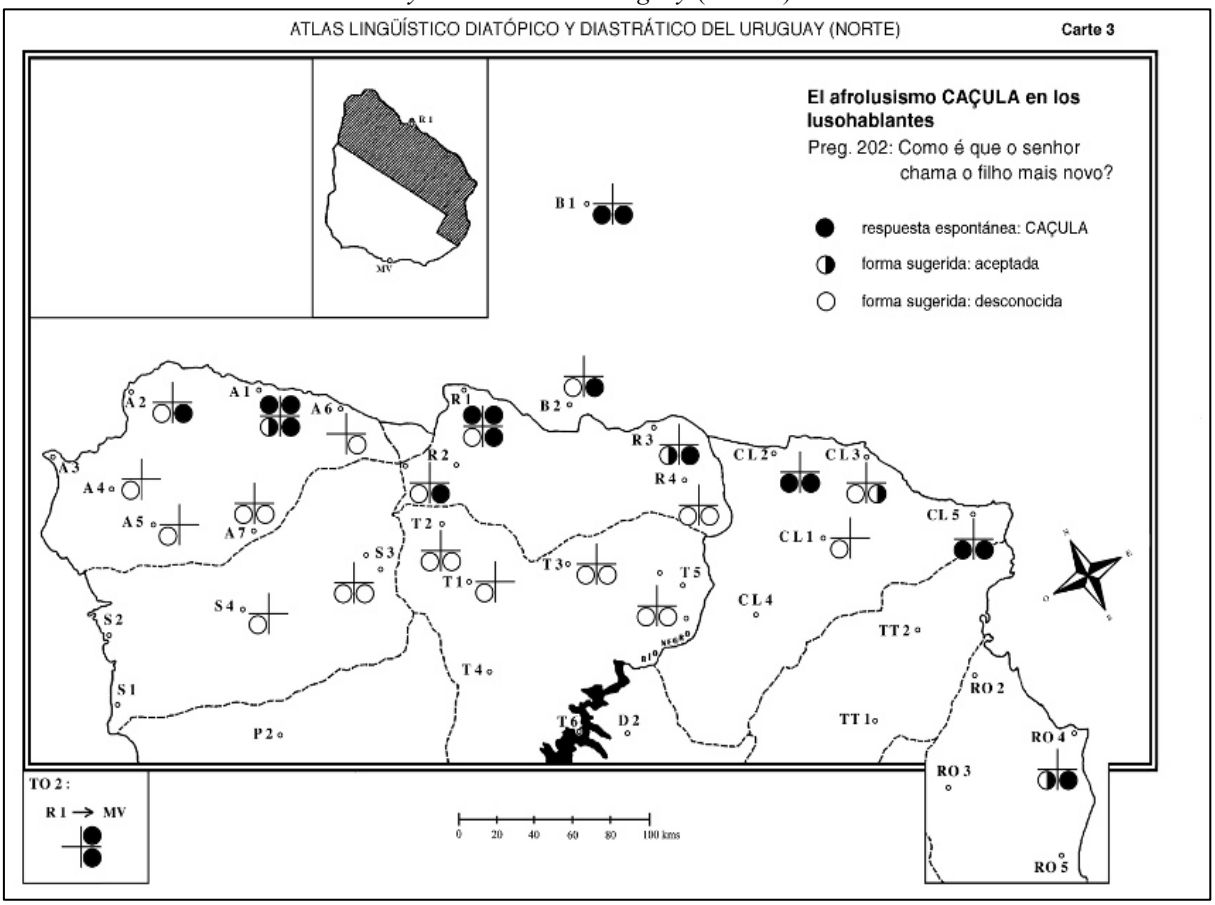
---

77 De acordo com Thun (1998 *apud* BASSI; MARGOTTI, 2012, p. 51), "a geolingüística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro eixo inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala".

78 "Em complemento à distribuição areal tradicional dos pontos de inquérito (dimensão diatópica), em nossos mapas pluridimensionais padrão adicionamos duas ou mais dimensões: a diageracional e a diastrática. A primeira contrasta jovens informantes (18-36 anos GI ["geração I"]) com os mais velhos (60 anos ou mais = GII ["geracão II"]), a segunda contrasta informantes com menos educação formal (de iletrado até aquele que finalizou os nove anos de escolaridade = Cb ["classe baixa" ' classe baixa sociocultural') com os informantes com melhor educação (do ensino secundário até a universidade = Ca ["classe alta" 'classe alta sociocultural'])". (T.A).

A marca registrada dos atlas pluridimensionais e a principal inovação da disciplina é a cruz, que representa, pelo menos, quatro tipos de colaboradores estratificados socialmente, sendo a partir de então possível ampliar o leque de análises, antes limitado apenas ao espaço geográfico. A seguir, temos um exemplo de carta pluridimensional do ADDU:

Imagem 19 - Carta linguística 3 para o uso do afrolusismo "caçula", pertencente ao *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU).



Fonte: Thun (2001).

No exemplo de carta do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU*, apresentado anteriormente, podemos observar o uso de apenas três variações de símbolos, assim como a cruz pluridimensional, além do uso da cor preta e tons de cinza no design da carta, portanto, os autores a consideram como bem apresentada, pois não há excesso de símbolos e de informações que dificultam a leitura, ainda que tenha sido produzida com um número limitado de cores. No entanto, o reduzido número de cores acarreta, consequentemente, pouca informação linguística, isto é, a escolha do número de cores tem

forte impacto no que é apresentado como resultado linguístico, o que pode privar o mapa de informações importantes.

Podemos dizer também que os atlas pluridimensionais trouxeram inovações importantes para o desenvolvimento da Dialetologia, mas também não estão imunes às críticas, como aponta Mouton (2015, p. 106):

> Evidentemente en estos atlas linguísticos el eje diatópico ha perdido importancia y se combina con otros ejes. A pesar de ser atlas primarios ofrecen sus materiales elaborados como si fueran secundarios y, al superponer en un solo punto los resultados de cuatro informantes o de grupos de informantes, se alejan en gran medida de su dimensión espacial, de ahí que necesiten muchas páginas de texto para explicar unos mapas que acumulan información, pero no la dejan "ver".

É evidente que as cartas linguísticas pluridimensionais necessitam de análises mais aprofundadas (e mais páginas de texto) pelo fato de termos dimensões que se cruzam com a dimensão espacial, o que abre um precedente para outros estudos. A Geolinguística Pluridimensional é uma tendência em crescimento e não atua para substituir os atlas ditos "tradicionais", que por sinal ainda continuam sendo publicados ou reeditados, pois o que define o atlas é o seu objetivo, que é uma escolha exclusiva do dialetólogo. A seguir, nas próximas seções, apresentarei alguns estudos que versam sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro, os conceitos de crioulização, descrioulização, transmissão irregular, assim como os atlas linguísticos brasileiros que já mapearam comunidades quilombolas.

1.4 Estudos sobre a influência das línguas africanas na Língua Portuguesa

A escassez de registros sobre a realidade linguística dos negros escravizados nos três séculos de escravidão torna os estudos sobre a influência das línguas africanas faladas em quilombos ou comunidades quilombolas uma tarefa árdua, pois, àquela época não havia muito interesse nesse tipo de documentação e só na primeira metade do século XX os estudiosos passaram a investigar de modo sistemático os vestígios dessa influência, especialmente no âmbito do léxico. Segundo Leite (1938), o primeiro registro sobre falares africanos no Brasil data do século XVII, trata-se da obra *Arte da Língua de Angola*, de autoria do padre jesuíta

Pedro Dias e publicada em Lisboa no ano de 1697. Nesta obra, o autor descreve um falar africano oriundo da costa de Angola muito utilizado por negros escravizados na Bahia.

O segundo texto de maior importância sobre línguas africanas no Brasil intitula-se *Obra Nova de Língua Geral de Mina*, de autoria de Antônio da Costa Peixoto, e publicado em 1741. De acordo com Leite (1938), trata-se de um pequeno manual prático de conversação, que tinha como objetivo auxiliar a comunicação entre senhores e negros escravizados falantes da língua *minna*[79].

Em 1881, Adolpho Coelho, estudioso português e autor do ensaio *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*, coloca em pauta a hipótese do então *dialeto brasileiro* possuir elementos linguísticos dos dialetos crioulos, ao identificar características também encontradas nos dialetos crioulos de base portuguesa na África, como podemos observar no trecho:

> Diversas particularidades caracteristicas dos dialectos creolos repetem-se no Brazil; tal é a tendencia para a suppressão das fórmas do plural, manifestada aqui em que, quando se seguem artigo e substantivo, adjectivo e substantivo, etc., que deviam concordar, só um toma o signal do plural. [...] Ouve-se com frequencia *os homen* por *os homens*; *as muyé* por *as mulheres*; *duas boa pessoa* por *duas boas pessoas*; *casas grande* por *casas grandes*, etc. Mencionaremos ainda o habito de dar fórmas diminutivas aos pronomes: *ellasinha*=ella (referindo-se a uma menina); *umasinha*=uma (referindo-se a uma creança, a um animal, a uma cousa pequena). *Tens um cão? Tenho umzinho* (isto é um cão pequeno). (COELHO, 1881, p. 30)[80].

Considerando as observações de Coelho (1881) e levando em consideração aspectos sintáticos do português brasileiro falado em São Paulo, Tarallo (1983) discute a hipótese levantada por Guy (1981) de que o português brasileiro é provavelmente resultado de um *pidgin* falado por escravos africanos no século XVII e que recentemente sofreu o processo de descrioulização, de modo que no Brasil se teve as mesmas condições sociais e linguísticas de outros países que formaram crioulos[81], como no Haiti, Jamaica e Guianas.

---

[79] Língua africana falada por negros trazidos da Costa da Mina, região do Golfo da Guiné.

[80] Diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil; tal é a tendência para a supressão das formas do plural, manifestada aqui em que, quando se seguem artigo e substantivo, adjetivo e substantivo, etc., que deviam concordar, só um toma o sinal do plural. [...] Ouve-se com frequência *os homen* por *os homens*; *as muyé* por *as mulheres*; *duas boa pessoa* por *duas boas pessoas*; *casas grande* por *casas grandes*, etc. Mencionaremos ainda o hábito de dar formas diminutivas aos pronomes: *ellasinha* = ella (referindo-se a uma menina); *umasinha* = uma (referindo-se a uma creança, a um animal, a uma cousa pequena). *Tens um cão? Tenho umzinho* (isto é um cão pequeno).

[81] "A família de línguas crioulas compreende vários idiomas, muitos excedem o Continente Africano, como a língua crioula do Haiti (Criollo Haitiano / Haitian Creole) de base lexical francesa – uma variedade linguística que combina o francês com várias línguas africanas; Bislama e Tok Pisin (ambas de base lexical inglesa), Papiamento (base lexical ibérica), Sango (base lexical Ngbandi). Outras línguas crioulas, todas com base lexical portuguesa: língua crioula de Cabo-Verde, língua crioula da Guiné-Bissau, Fá d'Ambô, Angolar, Forro e

No início do século XX, alguns estudiosos produziram os principais trabalhos acerca do elemento afro-negro no português brasileiro, dentre os quais podemos apontar Nina Rodrigues (1932), Jacques Raimundo (1933) e Renato Mendonça (1935), que focalizaram as marcas linguísticas africanas deixadas na língua portuguesa falada no Brasil. Esses trabalhos se limitaram a listar o léxico sem discutir a origem ou mesmo a sua difusão no território nacional. Filólogos e linguistas como Serafim da Silva Neto e Sílvio Elia refutaram a influência linguística das línguas africanas e que a "[...] influência africana ficou reduzida à permanência de traços crioulizantes." (SOUZA, 2015, p. 33). Câmara Jr (1975, p. 55), em um de seus últimos trabalhos, chega a admitir a possibilidade de influência africana ou indígena no português brasileiro:

> No português do Brasil, não há fonema tupi ou de outra origem indígena, ou, ainda, de origem africana. [Mas], não há como negar [...] que a língua de superstrato, adstrato ou substrato pode determinar certos itens lexicais [...] que, sem isso, não eram de se esperar. [...] É [...] possível que a eliminação dialetal de /l/ intervocálico, no Brasil, com a redução a /y/ consonântico (foia, em vez de folha, oio, em vez de olho etc.) se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena […].

Mais recentemente, ao observar semelhanças estruturais nas variedades do Português Brasileiro e do Português Africano, Petter (2009, p. 171) constatou que:

> São tantas as semelhanças compartilhadas pelas três variedades de português [brasileira, angolana e moçambicana] nos três níveis de organização lingüística selecionados (fonológico, lexical e morfossintático) que fica difícil defender que tais fatos sejam casuais, resultantes de uma deriva natural do português ou decorrentes da manutenção de formas antigas do PE. Por que as mesmas áreas da gramática do português foram "perturbadas"? A hipótese de que essas mudanças tenham sido introduzidas por falantes de línguas africanas, tanto na África quanto no Brasil, impõe-se de forma contundente, mesmo que se considere que no Brasil falantes de línguas indígenas e de outras línguas europeias tenham participado da constituição do PB. É provável que o contato com as LB (línguas do grupo banto) não seja a única explicação para as mudanças observadas no PB, mas esse contato é com certeza bastante relevante.

Além da pesquisadora Margarida Petter, outros linguistas tratam dessa temática, seja no âmbito da descrição sociolinguística do Português Afro-Brasileiro, como o trabalho

---

Principense. Além do Angolar, Bislamaitiano, língua crioula da Jamaica, Papiamento, Sango e Tok Pisin" (SOUZA, 2015, p. 28).

desenvolvido no âmbito do *Projeto Vertentes*, liderado pelo professor Dr. Dante Lucchesi (Universidade Federal Fluminense) ou no contexto do contato linguístico e da sintaxe com as pesquisas capitaneadas pela professora Drª. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo), em especial a investigação desenvolvida na comunidade quilombola Jurussaca, em Tracuateua/PA, na região bragantina (região também mapeada no AGQUINPA). Na área da Dialetologia, podemos destacar os trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador Dr. Antônio Carlos Santana de Souza (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul) em comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul.

Apesar das discussões travadas ao longo dos anos finais do século XX, ainda há nos estudos linguísticos certa "invisibilidade[82]" para essa temática, não se sabe se por preconceito ou falta de interesse na questão, já que a sociedade brasileira coloca o debate do legado africano em segundo plano e essa atitude também afeta as pesquisas relacionadas ao tema.

1.5 Crioulização, Descrioulização e Transmissão irregular

Mesmo com a falta de dados documentais sobre a situação linguística dos negros escravizados, alguns estudiosos se debruçaram sobre a questão do contato desses escravos falantes de diversas línguas africanas e a possível formação de uma língua crioula, como iremos discutir a seguir.

[82] "O elemento africano sem dúvida é responsável por muitas das características gramaticais específicas do português brasileiro, características que tornam o português brasileiro diferente não só do português europeu como também das demais línguas da família românica e até, em alguns casos, das demais línguas da família indo-europeia. Infelizmente, porém, como já mencionei, o profundo racismo entranhado na pequena parcela dominante de nossa sociedade tem levado ao descaso, ao menosprezo ou ao total obscurecimento o profundo impacto que os africanos e seus descendentes tiveram sobre o português brasileiro. Essa invisibilidade do negro em nossa história linguística e sociolinguística só muito recentemente começou a ser denunciada e combatida. É certo que na década de 1950 o filólogo Serafim da Silva Neto apontava para a importância dos africanos na constituição do português brasileiro. No entanto, as escolas estruturalistas de pensamento linguístico que dominaram a segunda metade do século XX, centradas em estudar a língua "de dentro para dentro", sem consideração dos fatores políticos, culturais, econômicos, sociais etc. que orientam e desorientam a vida de qualquer comunidade humana, se esforçaram por explicar as características próprias do português brasileiro pelo recurso à tese da "deriva secular", isto é, analisando as transformações ocorridas em nossa língua como meras "evoluções" que já estavam "embutidas" ou "em germe" no sistema da língua e que, em solo brasileiro, simplesmente desabrocharam. É certo que existem tendências universais de mudança decorrentes de fatores cognitivos (Bybee, 2015), mas também é certo que não se pode desconsiderar o impacto profundo dos africanos em todos os aspectos da vida brasileira e prioritariamente na nossa língua, impacto devido a fatores sociais e culturais que aceleram as tendências à mudança" (BAGNO, 2016, p. 24-25).

De acordo com Petter (2005, p. 194), poucos elementos dessas línguas africanas sobreviveram ao longo dos séculos no Brasil e sob formas específicas:

> As línguas negro-africanas, transplantadas para o Brasil há quase quinhentos anos, sobrevivem hoje sob a forma de línguas especiais, ou seja, como modo de falar próprios de uma faixa etária ou de um grupo de pessoas dedicadas a atividades específicas [...].

Já Guy (1981), ao estudar a variação no Português Brasileiro em sua tese, discute a hipótese da crioulização, de modo que o autor questiona o fato de que o Português Brasileiro teria apresentado as mesmas condições[83] sócio-históricas vistas no desenvolvimento de uma língua crioula. No entanto, com base na estrutura atual da Língua Portuguesa, essa suposta língua crioula não sobreviveu e nem se propagou.

Como não há documentos que provem a hipótese da crioulização, o autor sugere a investigação da hipótese da descrioulização, que acarretou no desaparecimento dessa língua crioula hipotética, mas que deixou vestígios no Português Brasileiro, principalmente na fonologia, morfossintaxe e no léxico.

Lucchesi defende o ponto de vista de que ocorreu a transmissão irregular da Língua Portuguesa, oriunda de um contato abrupto entre línguas africanas, línguas indígenas e a Língua Geral Amazônica, ou seja, o português falado por índios, negros e mestiços provocou alterações consideráveis na estrutura da língua portuguesa, dando espaço à crioulização incipiente e não à crioulização plena, suficiente para formar uma língua crioula, como mostra Lucchesi (2009, p.68):

> [...] o fator que foi decisivo para que não tenha ocorrido um processo representativo de crioulização do português no Brasil foi a miscigenação racial. Desde o início da colonização, a miscigenação entre o colonizador europeu e as mulheres índias e negras foi geral e constituiu um dos vetores mais importantes da composição étnica da sociedade brasileira; ao ponto de o contingente de mulatos, no final do século XIX, atingir quase a metade da população do Brasil.

Em contraponto ao trabalho de Lucchesi (2009), Naro e Scherre (1993) postulam que, no caso do Português Brasileiro, não ocorreu crioulização leve (ou incipiente), pois esse tipo de crioulização não possui embasamento empírico ou não possui dados suficientes que o comprovem. Para estes autores, os fenômenos variáveis no PB, dentre os quais a concordância nominal, vieram de Portugal e bem antes da chegada do primeiro negro escravizado em

[83] Como exemplo de condições análogas ao do PB, temos as variedades lexificadas pelo português como o cabo-verdiano, o crioulo da Guiné-Bissau (Guiné-Bissau e Senegal), o são tomense (São Tomé), o angolar (São Tomé), o principense (Príncipe) e *fa d'ambu* (Annonbon). (PARKVALL, 2012, p. 19).

território brasileiro. Esses fenômenos foram apenas acelerados no processo de transmissão linguística irregular (ou nativização) da Língua Portuguesa no Brasil, por parte dos negros escravizados, índios e mestiços.

De fato, é preciso ainda mais dados sócio-históricos, linguísticos e empíricos para sustentar a hipótese de Lucchesi (2009), de modo que estudos como o nosso, que buscam documentar dados de fala espontânea, em especial, dados lexicais, devem contribuir para refutar ou corroborar argumentos que defendam as duas hipóteses sobre a contribuição linguística dos negros escravizados por três séculos, ainda que não seja o objetivo principal do AGQUINPA. Partindo do pressuposto de que comunidades remanescentes de quilombo podem conservar um português pouco afetado pelo processo de descrioulização, Lucchesi *et al* (2009) afirmam que:

> [...] se o português brasileiro foi afetado em seu desenvolvimento histórico pelo contato entre línguas, os reflexos desse processo serão mais notáveis na fala das centenas de comunidades rurais afro-brasileiras que ainda subsistem no interior do país.

É importante dizer que, nesta tese, nossa intenção não é provar e nem mostrar argumentos que sustentem a hipótese de crioulização ou não crioulização, daí a abordagem superficial desse tema nesta tese. O nosso objetivo, ao mostrar os estudos e as hipóteses sobre a influência das línguas africanas no Brasil, é apresentar um panorama desses estudos e alimentar o debate sobre o assunto em questão, considerando que esta tese apenas documenta o português vernáculo de comunidades rurais quilombolas do Nordeste paraense, por meio do instrumental da Geossociolinguística. Os dados coletados para este trabalho podem servir para pesquisas futuras ampliadas que tenham por objetivo aprofundar esse debate.

1.6 O léxico de origem africana no Português Brasileiro

A presença de léxico de origem africana na língua portuguesa foi alvo de debate no fim do século XIX e início do século XX. Muitos estudiosos já se debruçaram sobre o tema; no entanto, grande parte desse vocabulário supostamente de origem africana tem comprovação de origem imprecisa ou mesmo não possui qualquer fonte que comprove sua

origem. Como já dissemos anteriormente, Coelho (1881, p.27) foi um dos primeiros estudiosos da área da Dialetologia a indicar essa possível influência no léxico:

> O vocabulário brasileiro apresenta naturalmente muitos termos compostos ou derivados de termos portugueses, mas desconhecidos na nossa língua da Europa, e um número de assás considerável de termos provenientes dos dialetos indígenas, o tupi e o guarani, e ainda de outras línguas americanas; as línguas africanas ministram também alguns termos.

O mesmo autor (1881, p.30), mais à frente, compara particularidades presentes nos dialetos crioulos com as quais que se repetem no Português Brasileiro:

> Diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil; tal é a tendência para a supressão das formas do plural, manifestada aqui em que, quando se seguem artigo e substantivo, adjetivo e substantivo, etc., que deviam concordar só um toma o sinal do plural. [...] Ouve-se com frequência os homen por os homens, as muié por as mulheres; duas boa pessoa por duas boas pessoas; casas grande por casas grandes, etc.

Já se suspeitava na época dessa possível aproximação com os crioulos, tanto que anos depois o interesse por esse tipo de investigação foi retomado, o que ocorreu na primeira metade do século XX, com enfoque no léxico, na obra *A influência do elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Raimundo (1933), e depois por Mendonça (1935), na obra *A influência africana no Português do Brasil*. Décadas depois desses dois primeiros trabalhos, foram desenvolvidas investigações no âmbito da herança linguística africana presente no léxico, pela etnolinguista Yeda Pessoa de Castro[84], que culminaram com a publicação das seguintes obras: *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro,* publicado em 2001, e *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII,* publicado em 2002.

Outro trabalho importante e de grande repercussão, de autoria de Vogt e Fry (1996), investigou um suposto léxico de origem africana na comunidade quilombola do Cafundó, no interior do Estado de São Paulo. Para Petter (2005, p. 196), a fala do Cafundó pode ser considerada:

> [...] uma variedade do português regional, um dialeto rural, caracterizada por um léxico reduzido de origem banto (quimbundo, em particular), com estrutura morfossintática do português. O léxico de origem africana contém cerca de 160 itens, com 15 verbos e dois advérbios. A maioria de seus locutores possui um

[84] Os trabalhos de Yeda Pessoa de Castro foram baseados da sua tese de doutorado intitulada **De l'intégration des apports africains dans les parles de Bahia, au Brésil**, publicada em 1976.

> conhecimento passivo desse repertório, visto que seu uso efetivo vem diminuindo, mantendo-se apenas na comunicação de alguns adultos. As crianças, hoje, aprendem esporadicamente alguns vocábulos, como o nome de alimentos e de alguns animais. Para os cafundoenses, a mais importante função da 'língua', ou da cupópia, como a identificam, é a de código secreto, restrito a membros da comunidade. O uso secreto dessa língua cumpre, na verdade, uma função lúdica, pois agrada-lhes enganar os desavisados. Dessa forma, os falantes se distinguem como descendentes de africanos, superiores a toda degradação social e econômica de que são vítimas.

Outras situações linguísticas semelhantes foram identificadas em Minas Gerais, no município de Bom Despacho, onde um grupo de negros utilizou uma suposta língua chamada de língua tabatinga (QUEIROZ, 1998); e em Patrocínio, também em Minas Gerais, nos povoados Capela Nova e Milho Verde (VOGT; FRY, 1996).

Além dos trabalhos citados anteriormente, podemos indicar outros estudos importantes, dentre teses, dicionários e livros, para o debate da herança linguística africana no léxico do português brasileiro, como: *Africanismos na linguagem brasileira* (SENNA, 1934); *Os africanismos no dialeto gaúcho* (LAYTANO, 1936); *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (MACHADO FILHO, 1943); *Répertoire des Vocables Brésiliens d'Origine Africaine* (VINCKE et al., 1974); *Dicionário de cultos afro-brasileiros* (CACCIATORE, 1977); *Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese* (SCHNEIDER, 1991), o *Novo Dicionário Banto do Brasil* de Nei Lopes (LOPES, 2012) e o *Glossário de Bantuismos Brasileiros Presumidos* (ANGENOT *et al*., 2013). É importante destacar que grande parte desses trabalhos tem cunho lexicográfico e a maioria dos étimos possui origem indeterminada ou é fruto de suposições, pois há falta de informações que confirmem ou não a origem desses étimos.

Na região amazônica, também temos alguns textos que fazem menção ao elemento africano no português do Brasil. O primeiro estudioso a tratar do assunto foi José Veríssimo, no clássico *Cenas da Vida Amazônica*, publicado em 1899. Nesse texto, Veríssimo afirma que a contribuição africana foi incipiente e se limitou a apenas uma palavra e as demais, supostamente africanas, já existiam em Portugal e vieram junto com os colonizadores.

Anos depois, o folclorista Vicente Chermont de Miranda publicou, em 1905, o *Glossário Paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha do Marajó*, em que registra um pequeno conjunto de palavras com base em suas vivências na ilha do Marajó. Nesse trabalho, há, segundo o autor, algumas palavras faladas por negros escravizados que habitavam a ilha do Marajó no início do século XX.

Já na segunda metade do século XX, o folclorista e historiador Vicente Salles reuniu uma série de vocábulos colhidos nos mais variados documentos, sendo a maioria desses documentos relacionados a manifestações folclóricas, em um glossário intitulado *Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico*, concluído em 1981, mas publicado somente em 2001. Estes foram os trabalhos encontrados ao longo do nosso levantamento que fazem referência a palavras de suposta origem africana, o que demonstra a escassez de estudos e levantamentos dessa natureza.

1.7 O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e a comunidade rural quilombola de Helvécia

Na década de 1960, o Brasil sistematizou o seu primeiro atlas linguístico, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), nascido do empenho de Nelson Rossi e equipe, sendo que parte dessa equipe atuou na criação do *Atlas Linguístico do Brasil*, como vimos na seção sobre o percurso histórico da Dialetologia no Brasil. Ao finalizarem a coleta de dados no interior da Bahia (na localidade de Ibiranhém), as pesquisadoras, dentre as quais Carlota Ferreira, movidas pela curiosidade acadêmica, ao ouvirem falar de moradores sobre uma comunidade de difícil acesso em que os mais velhos falavam "diferente", se depararam, no município de Helvécia, com o que poderia ser um falar crioulo.

As pesquisadoras coletaram poucos dados[85], sobretudo dados morfossintáticos, que ajudaram a elaborar a hipótese de um falar crioulo em uma comunidade rural quilombola, como podemos observar nos exemplos:

(i) uso variável do artigo definido

Ex.: "*quando abri janela*"

(ii) variação na concordância de gênero, tanto no interior do Sintagma Nominal quanto na relação com um termo predicativo:

Ex.: "*io nõ póde rumá o casa*" "*ela é muito saído*"

(iii) simplificação da morfologia flexional do verbo: - variação na flexão número-pessoal

[85] É importante lembrar que na ocasião da coleta de dados, o trabalho era feito manualmente, em virtude das limitações tecnológicas, o que exigia uma transcrição rigorosa.

> que atinge a primeira pessoa do singular: Ex.: "*io sabe*"; "*io esqueceu*" - uso da forma do presente pela forma do pretérito do indicativo: Ex.: "*io nõ póde rumá o casa*" ('eu não podia arrumar a casa') - uso da forma do infinitivo em contextos de formas finitas: Ex.: "*io conhecê*" por '*eu conheço*'; "*ele morê*" por '*ele morreu*'; e "*quando io andá na Ponta de Areia, nõ tinha nada*" ('quando eu andava em Ponta de Areia, não havia nada lá').
>
> Fonte: Lucchesi *et al* (2009, p. 91-91).

Segundo Ferreira (1984, p. 24), "esses fatos nos fizeram decidir que sim, que em Helvécia há, ou melhor, havia em 1961, remanescentes de um falar crioulo". Por falta de financiamento, não foi possível dar continuidade ao levantamento de dados, como bem afirma Ferreira (1984, p. 32): "[...] pretendíamos voltar a Helvécia numa expedição científica preparados para uma intensa e ampla recolha de dados. Sobraram bons propósitos, faltaram-nos recursos financeiros. Ciência custa dinheiro e poucos financiam pesquisas linguísticas".

Anos depois, entre as décadas de 80 e 90 do século XX, Allan Baxter e Dante Lucchesi recolheram dados que viriam a fazer parte do *Projeto Vertentes*. Nessa ocasião, os antigos moradores contatados por Carlota Ferreira já haviam falecido e, de acordo com Lucchesi *et al* (2009, p. 93):

> Esses indivíduos não falavam uma variedade crioula do português, mas exibiam processos de variação em sua fala, nos quais a forma padrão do português alterna com formas que teriam feito parte do repositório gramatical do antigo crioulo de Helvécia.

Com base nos levantamentos de Alan Baxter e Dante Lucchesi, foi possível listar alguns fenômenos e corroborar outros fenômenos observados por Ferreira na década de 60, como podemos conferir na listagem abaixo, elaborada por Lucchesi *et al* (2009, p. 93-94):

> a) ausência de preposição em estruturas nominais: *folha mandioca por folha de mandioca*;
> b) ausência do verbo copulativo: *esse aí neto de Casimiro por esse aí é neto de Casimiro*;
> c) orações encaixadas sem complementizador: *ele disse a irmã dele veio do Rio, por ele disse que a irmã dele veio do Rio*;
> d) negação verbal com sujeito marcado negativamente: *nenhum descarado num tá trabaiano não*;
> e) estruturas de duplo objeto com inversão na ordem dos complementos verbais e supressão da preposição de dativo: *Dá pessoá muita lembrança, minha fia! por Dá muitas lembranças ao pessoal, minha filha!*
> f) uso de formas do presente para indicar ações e estados situados no passado: *meu pai é de cativeiro, com o sentido de 'meu pai era escravo'*.

Para Lucchesi *et al* (2009), há grande possibilidade de ter ocorrido em Helvécia um processo rápido de descrioulização desde a década de 60 do século XX, o que contribuiu para a formação do português afro-brasileiro de Helvécia, já que novos dados só foram coletados nos anos 90. A falta de dados contribui para a falta de sustentação da hipótese de um falar crioulo em Helvécia, mas os elementos de um possível processo de descrioulização estão presentes na fala dos moradores descendentes de quilombolas de Helvécia.

1.8 O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) e as comunidades quilombolas

O *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, publicado em 1977, foi um atlas preliminar que mapeou 116 municípios mineiros e seguiu a mesma linha metodológica do APFB, com a diferença de que foram utilizados gravadores. Foram inquiridos informantes estratificados socialmente de 30 a 50 anos, a partir de um questionário contendo 415 perguntas, distribuídas em 8 campos semânticos.

Foram incluídos, dentre os 116 pontos de inquérito, 3 localidades remanescentes de quilombo, além de uma localidade indígena. As localidades remanescentes de quilombo foram: Milho Verde, no município de Serro; Capela Nova no município de Conselheiro Lafaiette; e a comunidade Soledade, nas cercanias do município de Caxambu. Na introdução do EALMG (ZAGARI et al., 1977, p. 33), temos claramente as intenções da inclusão desses pontos:

> O EALMG não pretende ser somente uma pesquisa geolinguística. Três a quatro pontos serão aprofundados, quer na tentativa de se descobrir até que ponto antigos quilombos ou negros alforriados influenciaram a fala de certos locais, ou que tipo de linguajar tais negros conservaram [...].

Diferentemente do APFB, que levou as pesquisadoras ao município de Helvécia, com o intuito de conferir um "falar" diferente na região, praticamente por "acaso", os autores do EALMG incluíram intencionalmente os 3 pontos de inquérito em comunidades quilombolas e um ponto em uma comunidade indígena, com o interesse em uma posterior análise sociolinguística em busca de uma possível influência no falar da região, o que coloca o

EALMG como o primeiro trabalho da área da Geolinguística a considerar os falares de comunidades remanescentes de quilombo.

Ao longo deste capítulo, tivemos a oportunidade de visualizar, de modo panorâmico, a história e as tradições da área da Dialetologia, assim como a definição de conceitos básicos e os principais aportes teóricos da área. Também expusemos algumas iniciativas de estudiosos em buscar vestígios da herança linguística africana, especialmente no léxico, de modo que esses estudos vão desde trabalhos monográficos, passando por glossários, dicionários e até atlas linguísticos que incluem comunidades quilombolas como pontos de inquéritos.

No próximo capítulo, iremos apresentar detalhadamente a metodologia utilizada na construção do AGQUINPA, da coleta de dados até a elaboração das cartas linguísticas, assim como informações sócio-históricas e socioeconômicas referentes às seis comunidades quilombolas mapeadas.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, tratarei dos procedimentos metodológicos adotados na elaboração do AGQUINPA, desde a escolha das regiões alvo da pesquisa, passando pelo questionário semântico-lexical, bem como sobre as comunidades quilombolas pesquisadas e a seleção dos colaboradores[86], além da coleta, tratamento dos dados e dos procedimentos para elaboração das cartas linguísticas e do banco de dados que integram o atlas. Ao final do capítulo, será possível ter a visão geral do percurso metodológico que subsidiou a construção do AGQUINPA.

2.1 As comunidades Quilombolas na Mesorregião Nordeste do Pará

A região Norte, do Brasil, abriga uma das maiores concentrações de comunidades remanescentes de quilombo e, no Pará, as comunidades remanescentes de quilombo totalizam 5.638 famílias[87], distribuídas entre 523 comunidades reconhecidas (GOMES, 2015). Isto coloca o Pará como um dos Estados com a maior população remanescente de quilombos do Brasil em número de comunidades reconhecidas, ao lado do Bahia, Maranhão e Minas Gerais, de acordo com dados do Sistema de monitoramento do Programa Brasil Quilombola[88], da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

A Mesorregião Nordeste do Pará é a que apresenta o maior adensamento de comunidades remanescentes de quilombo no Estado do Pará, o que motivou a escolha dessa região como alvo desta tese. No mapa 1, é possível observar, em destaque, a localização da

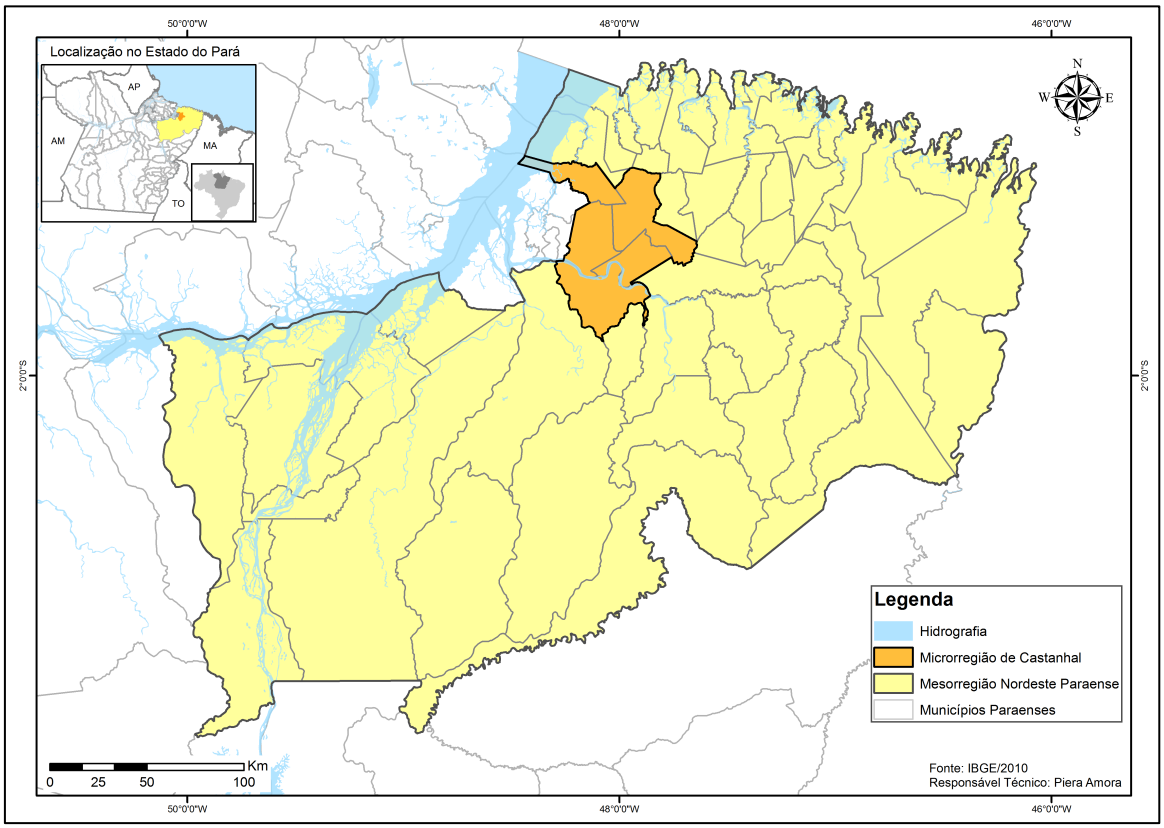
[86] Adotamos a nomenclatura "colaborador" no lugar de "informante", por considerarmos que os entrevistados tiveram um papel mais ativo nesta pesquisa e não se limitaram apenas ao fornecimento de informações linguísticas. Tivemos auxílio dos moradores na seleção dos colaboradores, na logística da pesquisa (com alimentação e transporte) e nos debates sobre a contribuição do nosso trabalho para a educação linguística nas comunidades quilombolas.

[87] Segundo Bentes (2013, p. 76), "nos quilombos a população varia de 5 a 400 (ou mais) famílias, com média de 6 pessoas".

[88] Disponível em: http://monitoramento.seppir.gov.br/paineis/pbq/index.vm?eixo=1 Acessado em 6 de fevereiro de 2017.

região Nordeste do Pará:

Mapa 3 - Localização geográfica da Mesorregião Nordeste do Pará[89].

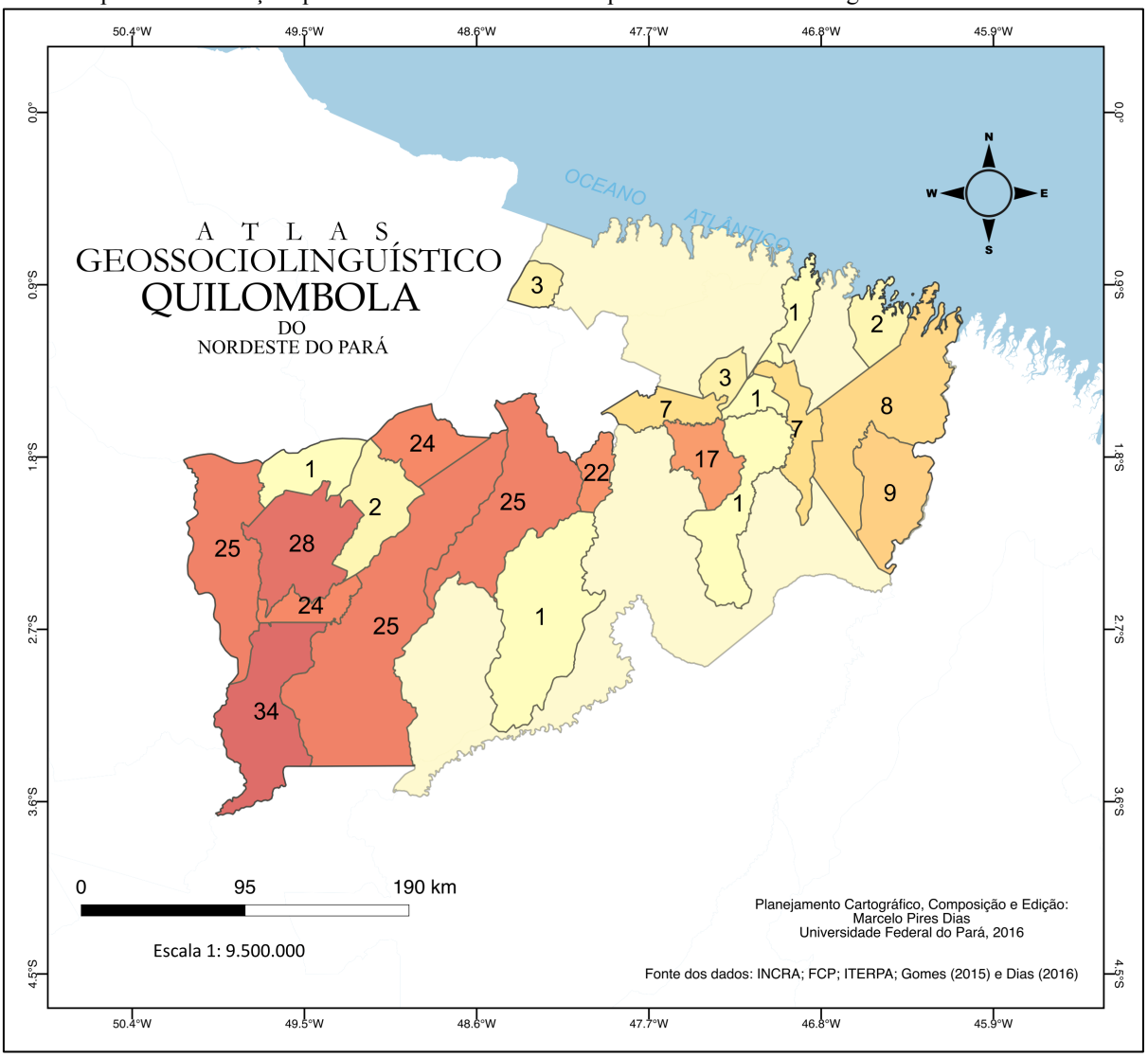


Fonte: IBGE (2010).

Das 523 comunidades reconhecidamente quilombolas do Pará, aproximadamente 270 estão localizadas na Mesorregião Nordeste do Pará, o que corresponde a 52% do total de comunidades quilombolas do Pará. No mapa que segue, podemos verificar a distribuição quantitativa das comunidades quilombolas na região escolhida para a pesquisa:

[89] De acordo com o IBGE (2010), integram a região Nordeste do Pará: 1) Microrregião Bragantina: Augusto Corrêa; Bonito; Bragança; Capanema; Igarapé-açu; Nova Timboteua; Peixe-Boi; Primavera; Quatipuru; Santa Maria do Pará; Santarém Novo; São Francisco do Pará e Tracuateua. 2) Microrregião de Cametá: Abaetetuba; Baião; Cametá; Igarapé-Miri; Limoneiro do Ajuru; Mocajuba e Oeiras do Pará; 3) Microrregião do Guamá: Aurora do Pará; Cachoeira do Piriá; Capitão Poço; Garrafão do Norte; Ipixuna do Pará; Irituia; Mãe do Rio; Nova Esperança do Piriá; Ourém; Santa Luzia do Pará; São Domingos do Capim; São Miguel do Guamá e Viseu; 4) Microrregião do Salgado: Colares; Curuça; Magalhães Barata; Maracanã; Marapanim; Salinópolis; São Caetano de Odivelas; São João da Ponta; São João de Pirabas; Terra Alta e Vigia. e 5) Microrregião de Tomé-Açu: Acará; Concórdia do Pará; Moju; Tailândia e Tomé-Açu.

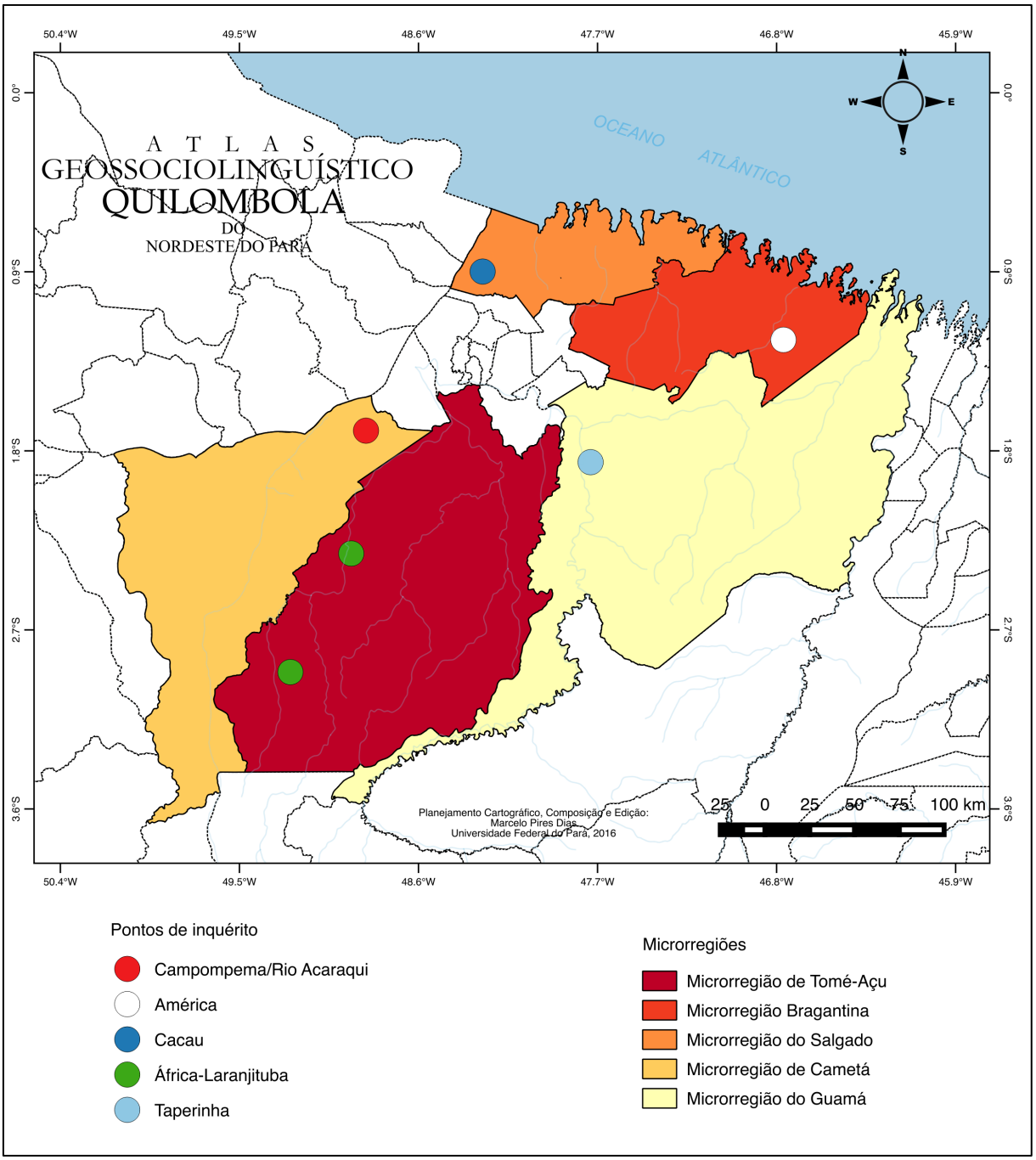
Mapa 4 - Distribuição quantitativa das comunidades quilombolas da Mesorregião Nordeste do Pará.



Fonte: INCRA, FCP, ITERPA, Gomes (2015) e Dias (2016)

Como podemos constatar no mapa 4, o lado ocidental da Mesorregião Nordeste do Pará concentra grande parte das comunidades, no entanto, podemos encontrar comunidades quilombolas em quase toda a extensão da região. Buscamos selecionar as comunidades com vista a cobrir todas as cinco microrregiões que compõem a mesorregião Nordeste, a saber: Microrregião Bragantina, Microrregião de Cametá, Microrregião do Guamá, Microrregião do Salgado e Microrregião de Tomé-Açu. No cartograma, a seguir, podemos conferir a rede de pontos distribuída entre as cinco microrregiões do Pará:

Mapa 5 - Rede de pontos de inquérito por microrregião.



Fonte: IBGE (2010); Dias (2016).

Na próxima seção, apresentarei informações sócio-históricas e também socioeconômicas sobre cada um dos pontos de inquérito que constituem a rede de pontos do AGQUINPA.

2.2 A rede de pontos de inquérito

Para delinear a rede de pontos do AGQUINPA, considerei as comunidades com terras tituladas como pertencentes a remanescentes de quilombolas e de população autodenominada quilombola, portanto, não considerei aquelas comunidades que não se reconheciam como quilombolas, apesar de terem descendentes de remanescente de quilombos, situação que vivenciamos em algumas comunidades visitadas ou contactadas.

O critério para escolha de comunidades reconhecidas e com terras tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) ou Fundação Cultural Palmares (FCP) foi o mais adequado, em virtude da anterior realização de estudos antropológicos a que cada comunidade foi submetida para determinar se aquela terra foi ocupada por população remanescente de quilombos, nas quais vivem hoje seus descendentes.

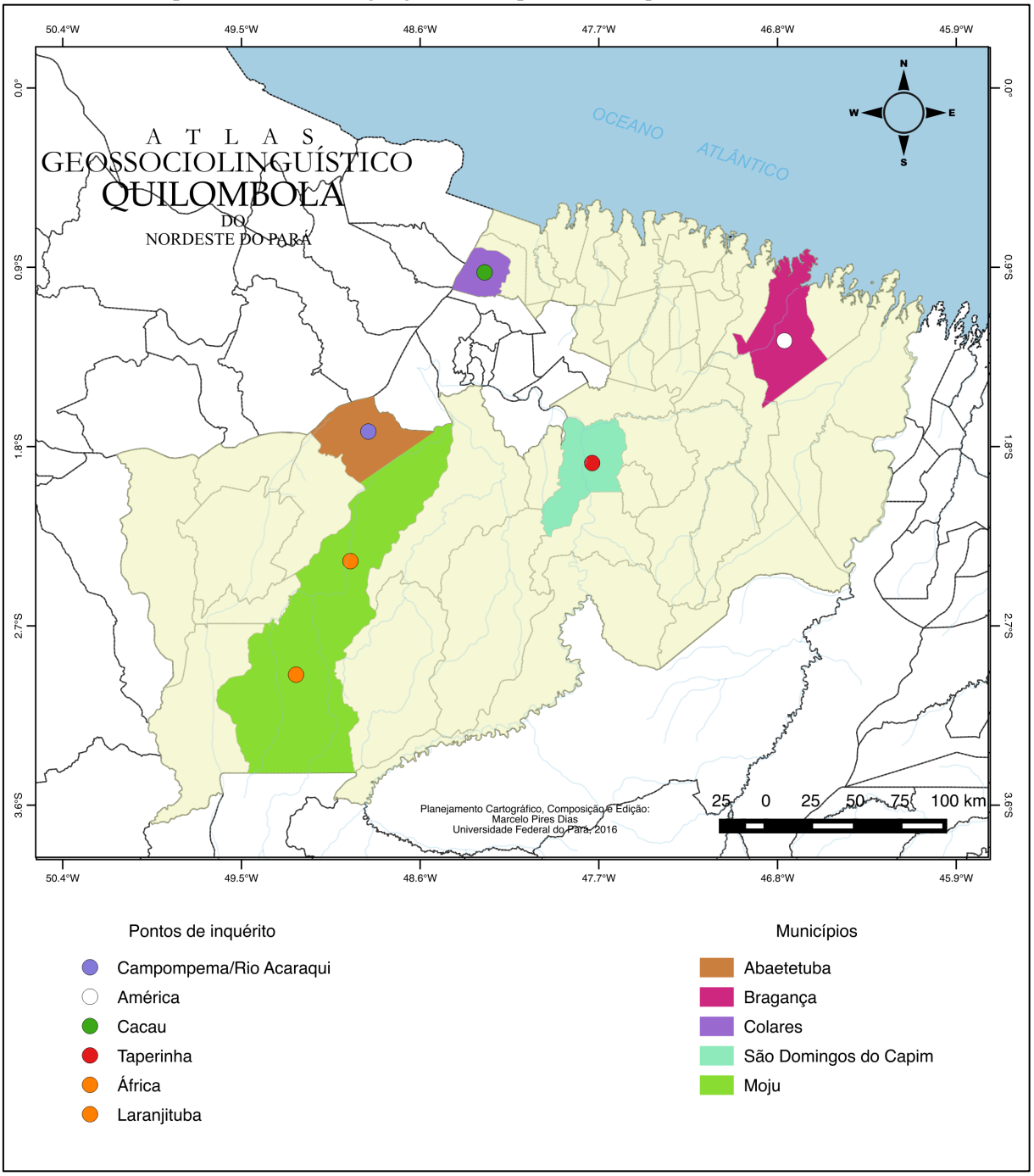
Essas comunidades localizam-se, predominantemente, em áreas rurais dos municípios que compõem a Mesorregião Nordeste do Pará. Nelas, as principais atividades econômicas são a agricultura e o extrativismo. No quadro 5, apresentamos a lista de municípios e comunidades quilombolas selecionadas para fazerem parte da rede de pontos do AGQUINPA e que integram a região Mesorregião Nordeste do Pará:

MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	ANO DE FUNDAÇÃO DO MUNICÍPIO	COMUNIDADE	Nº DO PONTO
SALGADO	Colares	1961	Cacau	PONTO 1
BRAGANTINA	Bragança	1613	América	PONTO 2
CAMETÁ	Abaetetuba	1724	Campompema /Rio Acaraqui	PONTO 3
TOMÉ-AÇU	Moju	1856	África	PONTO 4
			Laranjituba	PONTO 5
GUAMÁ	São Domingos do Capim	1758	Taperinha	PONTO 6

Quadro 5 - Lista de pontos de inquérito por microrregião e município pertencentes a região Nordeste do Pará.

No mapa 6, podemos observar a Mesorregião Nordeste do Pará, com a localização geográfica dos pontos de inquérito do AGQUINPA:

Mapa 6 - Distribuição geográfica dos pontos de inquérito do AGQUINPA.



Fonte: IBGE (2010).

Como é possível observar no mapa 6, cada município selecionado possui um ponto de inquérito, exceto o município de Moju, que possui dois pontos de inquérito (África e Laranjituba), em virtude de sua extensão territorial. A seguir, trataremos do perfil dos colaboradores desta pesquisa, além de dados gerais sobre a situação socioeconômica levantada *in loco* do conjunto dos 24 colaboradores dos seis pontos de inquérito do AGQUINPA e dos critérios de escolha e seleção utilizados.

2.3 O perfil dos colaboradores

Os colaboradores foram selecionados considerando-se a faixa etária/geração (de 18 a 30 = GI e de 50 a 65 anos = GII) e sexo/gênero (homem e mulher). A escolaridade não foi considerada para a cartografia, por conta da ausência de informantes residentes nas comunidades com escolaridade equivalente ao Ensino Médio e Universitário, principalmente na faixa etária/geração de 50 a 65 anos.

Foram alvo dos inquéritos indivíduos nascidos e criados nas comunidades, filhos de pais também nascidos e criados na localidade e que não tenham se afastado dela por um período superior a 3 anos. Também levamos em consideração: boas condições de fonação, disposição e tempo para as gravações, ou seja, os mesmos critérios utilizados no *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). No quadro 6, podemos observar a distribuição dos colaboradores por ponto de inquérito:

1 - Comunidade do Cacau (Colares/PA)	**2 - Comunidade América (Bragança/PA)**	**3 - Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA)**	**4 - Comunidade África (Moju)**	**5 – Comunidade Laranjituba (Moju)**	**6 – Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim).**
AMS-CAC-HoGI1	CEM-AMR-HoGI1	DDS-ABA-HoGI1	RMN-AFR-HoGI1	CEM-LAR-HoGI1	JCA-SDC-HoGI1
MSA-CAC-MuGI2	CCC-AMR-MuGI2	ASS-ABA- MuGI2	AMS-AFR- MuGI2	MGM-LAR-MuGI2	ESL-SDC-MuGI2
ACA-CAC-HoGII3	ADM-AMR-MA HoGII 3	MSR-ABA-MA HoGII 3	MCM-AFR- HoGII 3	AM-LAR-HoGII 3	CLS-SDC-HoGII 3
JDS-CAC-MuGII4	MGS-AMR-MuGII 4	RDS-ABA- MuGII 4	MCM-AFR- MuGII 4	MCS-LAR-MuGII 4	AMR-SDC-MuGII 4

Quadro 6 - Distribuição dos informantes por ponto de inquérito e seus respectivos códigos.

As três primeiras letras correspondem às iniciais do nome completo de cada colaborador e as três letras seguintes dizem respeito às iniciais do nome do ponto de inquérito; em seguida, temos as letras Ho e Mu, que representam, respetivamente, homem e mulher e as letras GI e GII, que dizem respeito às gerações (GI=18 a 30 e GII= 50 a 65 anos). Os algarismos representam o número sequencial do colaborador. É importante dizer que todos os colaboradores autorizaram o uso de imagem e áudio para a presente pesquisa.

2.4 Histórico das comunidades quilombolas pesquisadas

Nesta seção, irei apresentar informações sobre as seis comunidades pesquisadas, a saber: a) comunidade do Cacau, localizada no Município de Colares; b) comunidade quilombola do Rio Acaraqui, localizada no Território Quilombola Campompema no Município de Abaetetuba; c) comunidades quilombolas África e Laranjituba, localizadas no Município de Moju; d) comunidade quilombola América, localizada no Município de Bragança, e e) comunidade Taperinha, localizada no território quilombola da APROAGA, em São Domingos do Capim.

Em relação às comunidades e com base nas informações coletadas na *Ficha de Informações da Localidade*, constatamos que das seis comunidades, quatro possuem acesso via terrestre, uma por via fluvial e terrestre e apenas uma com acesso exclusivamente pelo rio (Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema). Todas as comunidades possuem pelo menos uma escola que atende alunos do Ensino Fundamental e nenhuma das comunidades possui posto de saúde. Observamos também que os laços familiares são sólidos, assim como o a consciência identitária e étnica, o que propicia o alto grau de envolvimento nas questões sociopolíticas pertinentes às comunidades, como o trabalho na roça comunitária, na casa de farinha, nas festividades locais e nas assembleias/reuniões deliberativas.

Quanto à infraestrutura das comunidades, observamos que a maioria das comunidades possui local destinado a festividades e reuniões e também somente duas comunidades não possuem energia elétrica (comunidade do Cacau e comunidade do Rio Acaraqui/Campompema).

Verificamos, também, que metade das comunidades não possui sistema de canalização de água e nenhuma possui sistema de esgoto sanitário. É importante dizer que todas as melhorias de infraestrutura recebidas nessas comunidades são fruto da atuação das Associações Quilombolas, como a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombola das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA) e Associação Quilombola Unidos do Rio Capim (AQURC), dentre outras, que buscam dar visibilidade para essa população, além de lutarem por direitos sociais básicos. Vejamos, agora, as informações a respeito de cada uma das seis comunidades pesquisadas coletadas a partir dos relatos dos próprios moradores e colaboradores do AGQUINPA, ou seja, da memória viva, dentre as quais as dos moradores mais antigos:

Comunidade Quilombola do Cacau (Colares/PA)

A comunidade do Cacau, localizada do Município de Colares, faz parte de um território quilombola maior chamado Cacau e Ovos. Segundo relatos dos habitantes, a ocupação desse território se deu a partir da decadência do empreendimento canavieiro na região, propriedade do então Barão do Guajará, Domingos Antônio Raiol. As terras, que antes estavam à disposição da indústria da cana-de-açúcar, passaram a ser doadas, vendidas ou ocupadas por negros recém alforriados; por esse motivo, ainda há descendentes diretos de escravos trazidos da África nas localidades que formam o território quilombola do Cacau.

O principal meio de transporte para chegar à comunidade é o barco, com saídas do porto do Município de Vigia. Há também a possibilidade de se chegar até a comunidade por via terrestre, no entanto, não há transporte regular e a estrada é intrafegável durante o período chuvoso e, durante o período de seca, a visibilidade é prejudicada, o que faz com que a população opte pelo transporte fluvial. Outro problema em relação à mobilidade ocorre em virtude da falta de manutenção da ponte de madeira que liga o cais da comunidade até a terra firme. A seguir apresentaremos imagens da visita e da coleta de dados na comunidade:

Imagem 20 - Área utilizada como campo de futebol e também para celebração de festividades, ao fundo a residência do Sr. Avelino.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 21 - Entrevista com o Sr. Avelino ou “Seu Vê”, um dos moradores da comunidade.



Fonte: o autor (2016)

Imagem 22 - Trapiche da comunidade do Cacau.



Fonte: o autor (2016)

A comunidade do Cacau possui 44 famílias, que sobrevivem principalmente da agricultura, e suas atividades englobam a extração de palmito e açaí, além da produção de farinha. A infraestrutura da comunidade é composta por: uma escola de ensino fundamental, uma casa de farinha, sistema de captação e distribuição de água, além de um campo de futebol. Não há energia elétrica no local, apesar da proximidade ao Município de Vigia.

Comunidade do Rio Acaraqui e Campompema (Abaetetuba/PA)

O Município de Abaetetuba possui comunidades quilombolas distribuídas pela região de ilhas. O acesso a elas se dá por meio de embarcação de pequeno porte (canoas ou rabecas). Para ter acesso aos locais da pesquisa, foi necessário fretar uma embarcação e contratar um guia (morador da localidade). Os colaboradores deste ponto de inquérito pertencem à comunidade do Rio Acaraqui e da ilha de Campompema.

As comunidades quilombolas de Abaetetuba possuem representação através da Associação de Quilombolas de Abaetetuba (ARQUIA) e da Pastoral da Terra (entidade ligada à Igreja Católica). Esta última foi responsável pelo engajamento inicial dessas comunidades com vistas à titulação da terra e mobilização social.

Dentre as comunidades de Abaetetuba eleitas para a pesquisa, podemos apontar algumas com características sociais e de infraestrutura comuns: a) acesso apenas via embarcação; b) ausência de energia elétrica; c) ausência de sistema de abastecimento ou coleta de esgoto; d) presença de escola na localidade apenas para a educação infantil; e e) alto índice de analfabetismo entre adultos e jovens maiores de 15 anos.

As principais atividades econômicas dos moradores dos territórios quilombolas e da comunidade pesquisada são: a) cultivo da mandioca; b) produção de farinha; c) extração de açaí; e a d) pesca. Parte da produção é para consumo próprio e o excedente é comercializado na feira da cidade de Abaetetuba ou vendido para os atravessadores (compradores de mercadoria para revenda).

Segundo relatos dos moradores mais antigos, a ocupação do território e a formação das comunidades quilombolas têm ligação direta com os empreendimentos canavieiros presentes na extensão do Rio Capim. A partir da decadência dessa atividade e, posteriormente, com a abolição da escravidão no Império, as terras foram doadas, vendidas ou ocupadas por negros alforriados e libertos na região ou de localidades próximas.

Imagem 23 - Entrevista com a Sra. Raimunda dos Santos, realizada pela inquiridora Profª. Marília Freitas na comunidade quilombola do rio Acaraqui/Campompema.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 24 - Entrevista com o Sr. Domingos, uma das lideranças da localidade e descendente direto de negros escravizados, segundo informações do próprio.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 25 - Família quilombola do rio Acaraqui/Campompema.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 26 - Rio Maratuíra, principal acesso ao território de quilombola das ilha de Abaetetuba e ao rio Acaraqui.



Fonte: o autor (2016).

O território quilombola das ilhas de Abaetetuba, do qual a comunidade quilombola do Rio Acaraqui faz parte, possui 701 famílias distribuídas em 8 comunidades, a saber: Alto e Baixo Itacuruça, Jenipaúba, Campompema, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tuararé-Açu. Essas comunidades estão localizadas a proximidades de rios e furos, de modo que o acesso às comunidades só é possível por transporte fluvial.

Comunidades África e Laranjituba (Moju/PA)

As comunidades África e Laranjituba estão localizadas no Município de Moju e foram formadas após o declínio da produção de cacau na região e, segundo os moradores locais, o nome "África[90]" veio da origem dos primeiros negros escravizados a ocuparem a região de mata fechada. Às duas comunidades somam-se os territórios Caeté, Samaúma e Moju Miri, que formam o Território Quilombola do Caeté.

As principais atividades das comunidades são: a produção de cerâmica refratária, extração do açaí, coleta de castanha-do-Pará, produção de farinha de mandioca e o turismo ecológico. Este último é um projeto de turismo comunitário em que as famílias da comunidade recebem estudantes, turistas e visitantes para participarem do dia a dia da comunidade quilombola. Passamos dois dias hospedados na comunidade África e pudemos vivenciar de perto como os moradores se organizam e fazem as atividades diárias. A seguir, podemos observar imagens da coleta de dados:

[90] "Veio uma africana. Minha avó falava que veio uma africana no porão do navio que veio morar aqui na África e todos somos descendentes dela, o Português que fez filhos nela e todos somos descendentes dela. Todo mundo é parente. Tem papel velho guardado sobre ela". (Fala da participante Catarina) (LIMA, 2012, p. 63-64).

Imagem 27 - Primeiro dia de gravação na comunidade Laranjituba com o quilombola Carlos Morais, conhecido como “Axé”.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 28 - Gravação com o Sr. Feijão, um dos moradores que nos contou a história da comunidade África.



Fonte: o autor (2016).

Dentre todas as comunidades visitadas durante o processo de elaboração desta tese, podemos dizer que as comunidades África e Laranjituba possuem a melhor infraestrutura (duas escolas, energia elétrica, telefone público, barracão de atividades, água encanada e campo de futebol). Também é uma das poucas comunidades que apresentou diversidade de

atividades econômicas e a única comunidade quilombola que produz objetos de cerâmica tradicional refratária, como panelas e vasos.

Comunidade América (Bragança/PA)

A comunidade quilombola América está localizada no Município de Bragança e, de acordo com o levantamento da líder comunitária (Sra. Rosete), a comunidade possui 120 famílias, que sobrevivem do extrativismo e da coleta do caranguejo. A comunidade América foi uma das primeiras comunidades a serem visitadas e tivemos o apoio da Secretaria de Assistência Social do Município de Bragança e da Secretaria Municipal de Educação de Bragança.

Imagem 29 - Grande parte das casas atualmente são de alvenaria, no entanto, ainda há casas de barro e palha (pau a pique). Trata-se de um tipo de construção muito comum nos séculos XVIII e XIX e ainda encontrada em alguns quilombos.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 30 - Com um dos colaboradores da pesquisa após a entrevista, Ronaldo nasceu na comunidade e é um dos vigias da escola da comunidade.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 31 - Ao lado de D. Maria, a vice-líder da comunidade e parteira oficial, segundo a própria, já fez mais de 40 partos e sua meta é chegar ao parto de número 50.



Fonte: o autor (2016).

Basicamente, a comunidade difere das outras três citadas anteriormente por não ter acesso via fluvial, portanto, é a única que possui território com acesso totalmente via terra firme. A maioria das casas é feita de alvenaria, mas há casas feitas de barro e palha, também há uma escola (com uma única sala multisseriada), uma horta comunitária e um campo de futebol (recentemente o campo foi desativado, pois foi comprado ilegalmente por pessoa não quilombola de fora da comunidade). A comunidade possui uma caixa d'água que abastece algumas famílias e também possui energia elétrica. Recentemente, no ano de 2015, a comunidade recebeu o título que a reconhece como território quilombola.

De acordo com a líder da comunidade, o quilombo foi formado após a chegada de negros escravizados sobreviventes de um navio negreiro naufragado na costa de Bragança. Um dos fundadores da comunidade se chamava Américo e, por isso, batizaram a comunidade de América.

Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim)

A comunidade Taperinha faz parte de um território quilombola maior e que agrega as seguintes comunidades: Sauá-Mirim, Ipixuna, Alegre Vamos e Benevides. O território possui entre 110 e 120 famílias. As comunidade são atendidas por quatro escolas mantidas pelo Município e até o momento da coleta de dados (2014 e 2015) não havia ligações de energia elétrica.

Há pelo menos dois acessos à comunidade Taperinha, o primeiro via fluvial, através do rio Capim e o segundo acesso pelo Município de Concórdia do Pará via estrada de terra. Os quilombos do qual a comunidade Taperinha faz parte integra uma área conhecida pelos moradores como APROAGA ou APROAGRA, que segundo Marin et al. (2008), trata-se de um antigo engenho que teve intensa atividade nos tempos da escravidão e está situado na margem direita do rio Capim. Atualmente, o engenho está em ruínas, mas faz parte da memória dos moradores mais antigos, pois seus antepassados foram submetidos ao regime de escravidão neste engenho e ainda é possível encontrar ferramentas, grilhões e poços utilizados na época da escravidão.

Imagem 32 - Conversa com o Sr. Henrique dos Santos (96 anos) e sua irmã Dona América, os moradores mais antigos da comunidade Taperinha.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 33 - Entrevista com Dona América realizada em 2015.



Fonte: o autor (2016).

Imagem 34 - Entrada da comunidade pelo acesso fluvial através do rio Capim e ao centro a lancha da SEMAS de São Domingos do Capim, que frequentemente realiza ações na comunidade.



Fonte: o autor (2016).

A coleta dos dados foi finalizada no primeiro semestre de 2016, exatamente 2 anos após a gravação da primeira entrevista, depois de visitar as 6 comunidades que fazem parte do AGQUINPA, além das 3 comunidades que foram visitadas, mas não entraram na rede de pontos, a saber: comunidade Peroba dos Pretos[91] (Augusto Corrêa), São Pedro[92] (Castanhal) e Pitimandeua [93] (Inhangapi). Na próxima seção, trataremos das especificidades dos questionários aplicados na coleta de dados do AGQUINPA.

2.5 Os questionários

Para o mapeamento semântico-lexical das comunidades, aplicamos o Questionário Semântico-lexical (QSL) do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), incluindo itens lexicais presentes nas obras de Raimundo (1933), Mendonça (1935) e Salles (2003), considerando os campos semânticos utilizados pelo projeto ALiB.

A aplicação do QSL teve por objetivo documentar a fala espontânea do

[91] Comunidade quilombola em processo de reconhecimento por parte da Fundação Palmares (FCP), motivo pelo qual não foi listada na rede de pontos de inquérito.
[92] Comunidade pertencente à Região Metropolitana de Belém (RMB).
[93] Comunidade pertencente à Região Metropolitana de Belém (RMB).

falante/colaborador e que represente o padrão de uso geral na comunidade.

2.5.1 Procedimentos para inclusão de itens no Questionário Semântico-Lexical

Para a elaboração do AGQUINPA, busquei no ALiB os avanços obtidos no âmbito desse projeto acerca da Geolinguística, o que propiciou a aplicação de questionário consolidado, e que futuramente vão contribuir para a comparação dos resultados entre o AGQUINPA e o próprio ALiB.

A princípio, iria utilizar questionários próprios, no entanto, considerando o material que já foi produzido pelo *Atlas Linguístico do Brasil*, projeto ao qual estou integrado por meio da equipe local do Pará e do *GeoLinTerm*, decidi utilizar um dos questionários do ALiB, o qual acrescentei itens lexicais de origem africana (bantu).

Para o acréscimo desses itens lexicais novos aos campos semântico existentes, tomei como base os trabalhos no campo do léxico *A influência africana no Português do Brasil*, de Mendonça (1935); *A influência do elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Raimundo (1933), e a obra de Salles (2003) *Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico,* sobre o falar crioulo na Amazônia. Utilizei como ponto de partida esses trabalhos por serem os estudos que se destacaram no campo do léxico afro-brasileiro, especialmente os que apresentaram vocabulário de línguas do grupo bantu.

O questionário semântico-lexical do ALiB (2001) é composto por 202 itens lexicais distribuídos em 14 campos lexicais, a saber: a) acidentes geográficos; b) fenômenos atmosféricos; c) astros e tempo; d) atividades agropastoris; e) fauna; f) corpo humano; g) ciclos da vida; h) convívio e comportamento social; i) religião e crenças; j) jogos e diversões infantis; k) habitação; l) alimentação e cozinha; m) vestuário e acessórios; e n) vida urbana.

A primeira versão do questionário semântico-lexical adaptado (Anexo B, Volume 2) teve a adição de 127 itens lexicais e de 2 campos semânticos, a saber: vida/cotidiano no quilombo e manifestações artísticas e/ou culturais. Decidimos manter os 202 itens do questionário original do ALiB, por entendermos que a utilização dos mesmos itens lexicais poderá servir de base para estudos comparativos com outros atlas que utilizem o QSL.

É importante salientar que os itens lexicais acrescentados são, em sua maioria, de origem bantu, grupos originários da costa da África que aportaram na Amazônia entre os

séculos XVII e XIX, em especial no Maranhão, de acordo com as fontes de Bezerra Neto (2012).

Após a aplicação piloto do QSL, com as adaptações e a consulta *in loco* a moradores antigos das comunidades de Cacau (Colares/PA), Peroba dos Pretos[94] (Augusto Corrêa/PA) e região de ilhas de Abaetetuba (Abaetetuba/PA), cheguei a versão final, composto por 31 itens lexicais.

2.6 A pesquisa de campo

A coleta dos dados foi realizada entre o primeiro semestre de 2014 e o segundo semestre de 2016. Tive o apoio das lideranças das comunidades, moradores e também das prefeituras, como a Prefeitura de Bragança e Prefeitura de São Domingos do Capim, por meio das Secretarias de Assistência Social.

Na maioria dos casos, as gravações duravam o dia todo e às vezes eram concluídas no dia seguinte, dependendo do horário de chegada na comunidade que variava em virtude da maré ou das condições de tráfego da estrada. Todas as despesas das viagens foram pagas com recursos próprios, oriundos da bolsa de pesquisa concedida pela CAPES. Em algumas localidades tivemos transporte disponibilizado pelas prefeituras.

Realizei a aplicação do questionário e as gravações sem pesquisadores auxiliares em cinco das seis comunidades e apenas na comunidade do Rio Acaraqui/Campompema foi possível ter uma auxiliar de pesquisa da área de Letras/Linguística, e na maioria das comunidades tive o acompanhamento de uma Assistente Social.

[94] A comunidade Peroba dos Pretos (Augusto Corrêa/PA) não foi incluída no quadro geral de pontos de inquérito em virtude da existência de outro ponto de inquérito na região (comunidade América, em Bragança/PA).

2.6.1 Equipamento utilizado

Os registros foram feitos por meio do uso de gravadores digitais profissionais *Zoom* H4n *Handy Recorder* e Sony IC *recorder* ICD-PX312F, em formatos *WAVE* e *MP3*, com qualidade de som estéreo, por meio de microfones direcionais embutidos e com redutor de ruídos externos (ver fotos).

Imagem 35 - Modelos de gravadores digitais utilizados na coleta de dados.



As gravações sonoras foram armazenadas nos gravadores digitais em cartões de memória *microSD* de 8 GB a 32 GB e, posteriormente, transferidas para HD externo de 1TB.

Paralelamente à gravação sonora, realizei gravações em vídeo de algumas entrevistas, por meio de filmadora digital *Full* HD (com autorização de uso da imagem consentida pelo colaborador) e de imagens das comunidades pesquisadas através de câmera fotográfica digital DSLR, com o intuito de criar um banco de imagens das comunidades quilombolas pesquisadas.

2.6.2 A amostra estratificada

As gravações foram realizadas nas comunidades com base nos pontos de inquérito escolhidos, seguindo uma amostra estratificada composta por homens e mulheres de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Na tabela 6, podemos observar amostra estratificada do AGQUINPA,

contendo quatro colaboradores por comunidade quilombola, totalizando 24, distribuídos entre as seis localidades:

Tabela 6 - Amostra estratificada do AGQUINPA.

FAIXA ETÁRIA/GERAÇÃO	SEXO	QUANTIDADE
18 a 30 anos (GI)	HOMEM	(1)
	MULHER	(1)
50 a 65 anos (GII)	HOMEM	(1)
	MULHER	(1)
TOTAL DE COLABORADORES POR PONTO		**(4) X 6 = 24**

Durante as visitas e as coleta de dados, tive dificuldades relacionadas ao deslocamento para as comunidades, já que o acesso a tais comunidades é difícil, principalmente naquelas em que o transporte é fluvial, mas recebi bastante apoio das lideranças locais e prefeituras, que se dispuseram a colaborar com a pesquisa dentro de suas possibilidades.

2.7 A transcrição dos dados coletados

De posse das gravações, realizei a transcrição grafemática dos dados a partir do uso do programa computacional de anotação linguística *ELAN* 4.6.1 [95]. Para a transcrição decidi utilizar fontes *Unicode* do alfabeto fonético internacional (IPA). Na imagem que segue, observa-se a captura de tela da janela principal do programa *ELAN* 4.6.1 com um exemplo de dado do AGQUINPA:

[95] MAX PLANCK INSTITUTE. **Linguístic Anotator – ELAN**. Disponível em: https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/ Acesso em: 1 de dezembro de 2015.

Imagem 36 - Captura de tela da janela principal do *software* de anotação linguística ELAN.



Na imagem 36, podemos observar em destaque na elipse azul o número da questão do QSL e o dado respondido pelo colaborador, enquanto que na elipse vermelha o espectro sonoro da gravação original em áudio *WAV*; na elipse verde temos o recorte do dado selecionado por meio de marcadores. Optamos por seccionar cada dado obtido por entendermos que futuramente o AGQUINPA poderá ser convertido eletronicamente em um "atlas falado", tal qual o ALISPA.

Depois de transcritos no *ELAN,* os dados foram organizados e devidamente lematizados em uma tabela única no *Microsoft Excel* para posterior inclusão no banco de dados, assim como para servir de entrada para a cartografia computadorizada no QGIS.

2.8 O banco de dados

O banco de dados do AGQUINPA foi baseado no banco de dados do projeto multinacional[96] desenvolvido pelo Instituto da Lingua Galega (ILG), intitulado *Tesouro Patrimonial do Léxico Galego Português*[97] (TLPGP), por entendermos que os campos utilizados no TLPGP atendem à natureza dos dados do AGQUINPA e porque, posteriormente, os dados do atlas serão totalmente inseridos[98] no inventário do projeto, já que é uma obra que contém dados do léxico e de uma região específica, no caso, Nordeste do Pará. O Tesouro do léxico patrimonial galego e português é "unha base de datos léxica que permite o acceso rápido e cómodo a información contida en traballos de léxico dialectal de galego, português de Portugal e portugués do Brasil" (ÁLVAREZ, 2015).

Para abrigar os dados oriundos do AGQUINPA, utilizei a classificação adotada pelo TLPGP, como exemplificado abaixo (quadro 7). Vejamos os exemplos no referido quadro:

CAMPO	INFORMAÇÃO
1 Variante	igarapé
2 Fonética	[igaraˈpɛ]
3 Classe e categoria	s.m
4 Definição	Um rio pequeno, de uns dois metros de largura
8 Secção	Acidentes geográficos
10 Referência	DiasP 2015
10b número do mapa	Carta 001
11 Código da localidade	1504
11c Pontos do Atlas	ABA; CAC; LAR
14 Número no questionário	1
9 Classificação semântica	*2.3 (*A água: regatos, rios, mar, poças, nascentes, etc.)
16 Lema de cada língua	*Igarapé*
17 Classe e categoria	*sm*

Quadro 7 - Exemplo de um dado do AGQUINPA inserido nos campos da tabela de dados do TLPGP. Fonte: TLPGP.

Os quatro últimos campos são de uso exclusivo do projeto TLPGP. Há campos não utilizados, como, por exemplo, o campo 6, que é destinado a comentários do manipulador ou o campo 7, que versa sobre o número da página em que o registro está situado. Os dados

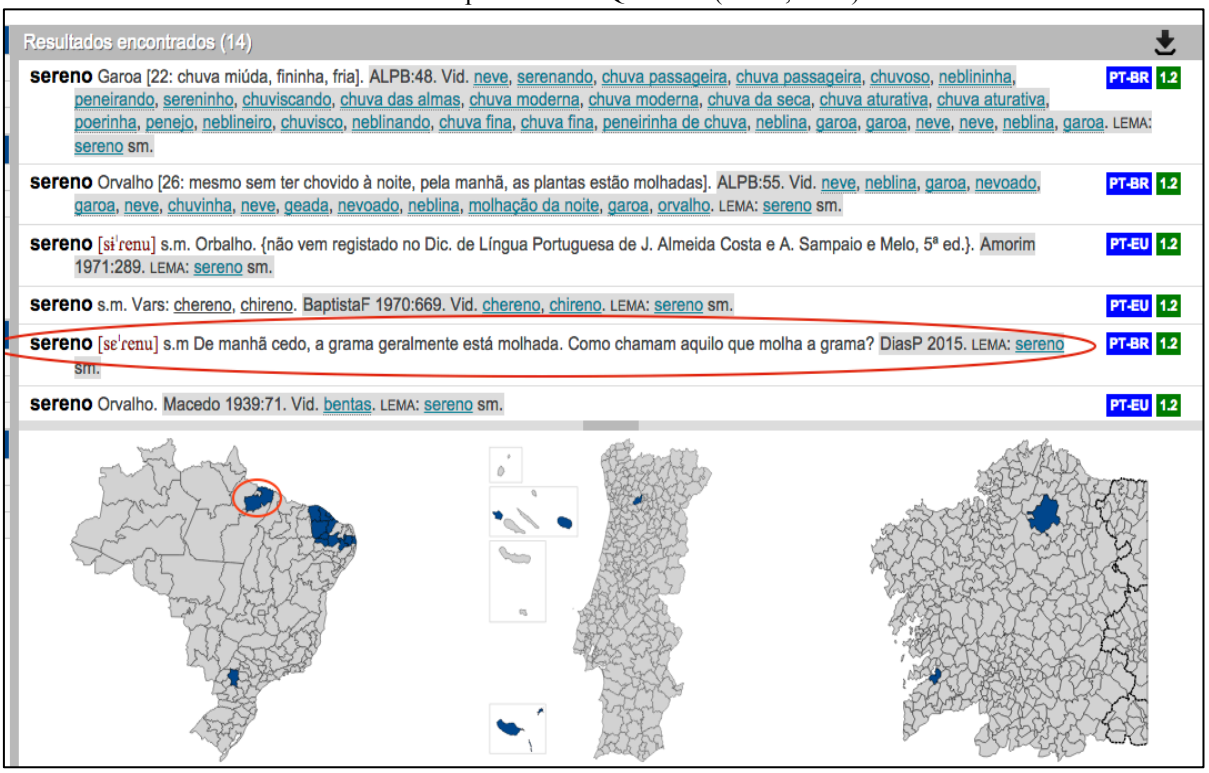
[96] A UFPA é uma das 20 universidades que integra o projeto, por meio do convênio de cooperação internacional – Instituto de Letras e Comunicação/Universidade de Santiago de Compostela (Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: regional Pará), coordenado no Pará pela profª Drª Marilúcia Barros de Oliveira.

[97] ÁLVAREZ, Rosario (coord.): *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro> [Consultado em: <18 de maio de 2015>]

[98] Parte dos dados do AGQUINPA já se encontra inventariada no TLPGP e está disponível para acesso na ferramenta informática do projeto.

transcritos e lematizados passaram a figurar de forma organizada na tabela de dados, o que facilita a consulta e a busca dos dados, além de possibilitar a comparação (na aplicação informática) dos nossos dados com os dados do léxico do português brasileiro e europeu, além do galego, como podemos observar na imagem que segue:

Imagem 37 - Janela de busca do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, com destaque para a variante mapeada no AGQUINPA (DIAS, 2015).



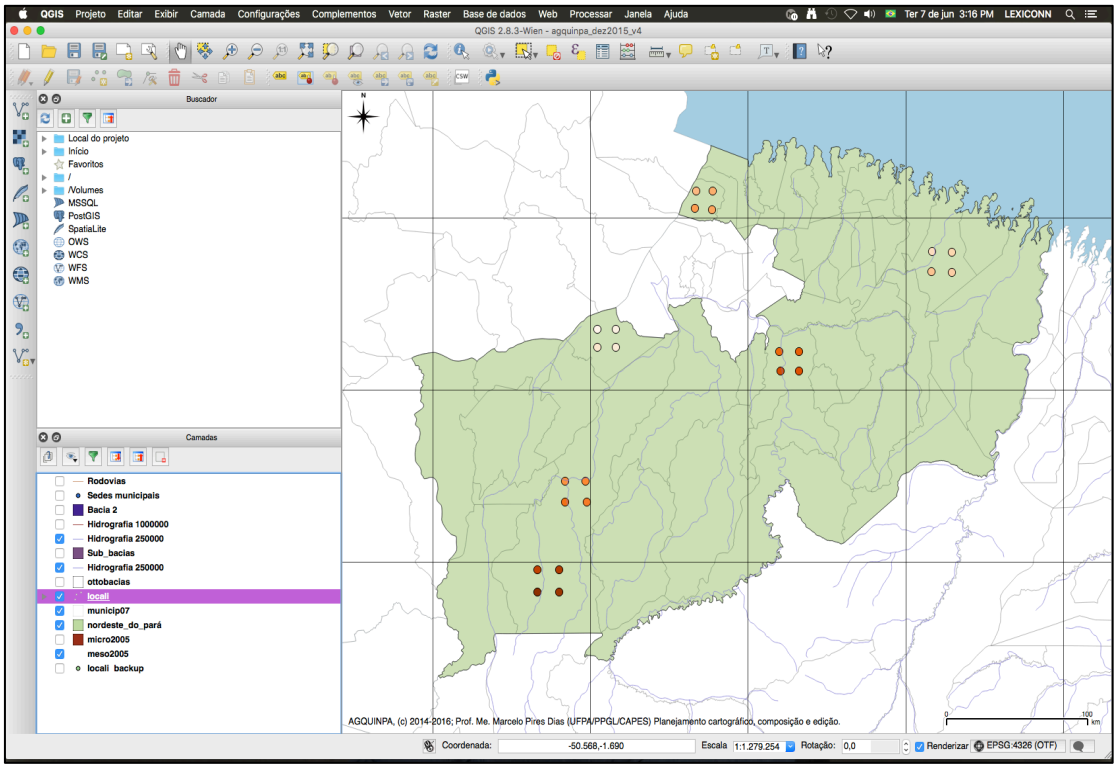
Fonte: Álvarez (2015).

Na imagem 37, podemos observar a variante *sereno* e a sua distribuição nas regiões do Brasil (em destaque a variante mapeada no AGQUINPA, na Mesorregião Nordeste do Pará), Portugal e Galícia, onde essa mesma variante foi registrada. Esperamos poder utilizar essa ferramenta para comparação entre os dados do AGQUINPA e o léxico das demais obras inventariadas no TLPGP.

2.9 As cartas linguísticas

Para a elaboração das cartas [99] do AGQUINPA, utilizamos o *software* de geoprocessamento e georreferenciamento *QGIS 2.8* (versão *Wien* 2015/2016) e as bases cartográficas do Ministério do Meio Ambiente (MMA[100]) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na imagem que segue, podemos visualizar a janela principal do *QGIS* e a carta base da região Mesorregião Nordeste do Pará em destaque:

Imagem 38 - Captura de tela janela principal do software de geoprocessamento e georreferenciamento QGIS.



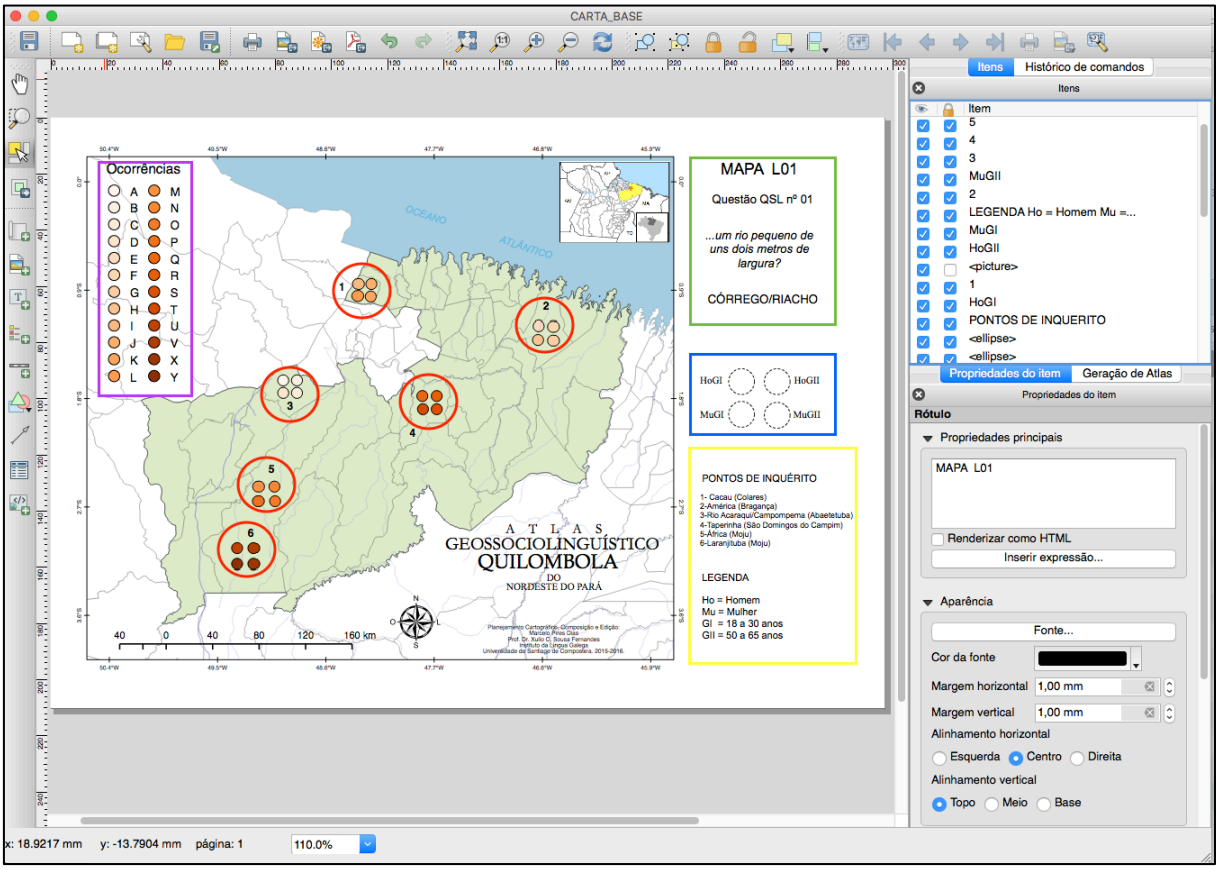
[99] De acordo com o **Dicionário Cartográfico** (OLIVEIRA, 1983, p. 233), um mapa é a "representação gráfica, em geral de uma superfície plana e numa determinada escala, com a representação de acidentes físicos [...] da superfície da Terra, ou de um planeta ou satélite", enquanto que a carta é uma "representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinadas a fins práticos da atividade humana, principalmente a avaliação precisa de distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas ou detalhes" e cartograma é "um esquema representativo de uma superfície ou parte dela, sobre a qual são apresentadas informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos". Nesta tese, adotamos o termo "carta", seguindo a convenção adotada pela maioria dos atlas produzidos no Brasil, no entanto, as representações cartográficas mostradas no corpo desta tese e no volume das cartas são de fato cartogramas, ainda que esse cartogramas tenham elementos dos mapas (ex.: representação de acidentes geográficos) e das cartas (escala e detalhes direcionais).

[100] Disponível em: http://mapas.mma.gov.br/geonetwork/.

O *software* QGIS é uma aplicação que unifica dados digitais de qualquer natureza às informações geográficas (chamada de *rasters*) e que podem ser dispostos em mapas vetoriais. Cada mapa gerado em um software QGIS é, na verdade, a junção de várias camadas de mapas (*shapefiles*); no caso do AGQUINPA, temos as seguintes camadas: a) mesorregião; b) municípios; c) topografia; d) bacias hidrográficas e, por último, e) camada de dados linguísticos.

Após a união (*join*) das camadas, pudemos compor o mapa num compositor de impressão, no qual iremos inserir elementos básicos úteis para a leitura do mapa, tais como: escala, seta norte, rosa dos ventos, legenda, títulos, grelhas e molduras, como podemos observar na imagem 39, que representa a captura de tela do "compositor de impressão" do QGIS:

Imagem 39 - Exemplo do da carta base experimental do AGQUINPA no compositor de impressão do QGIS.



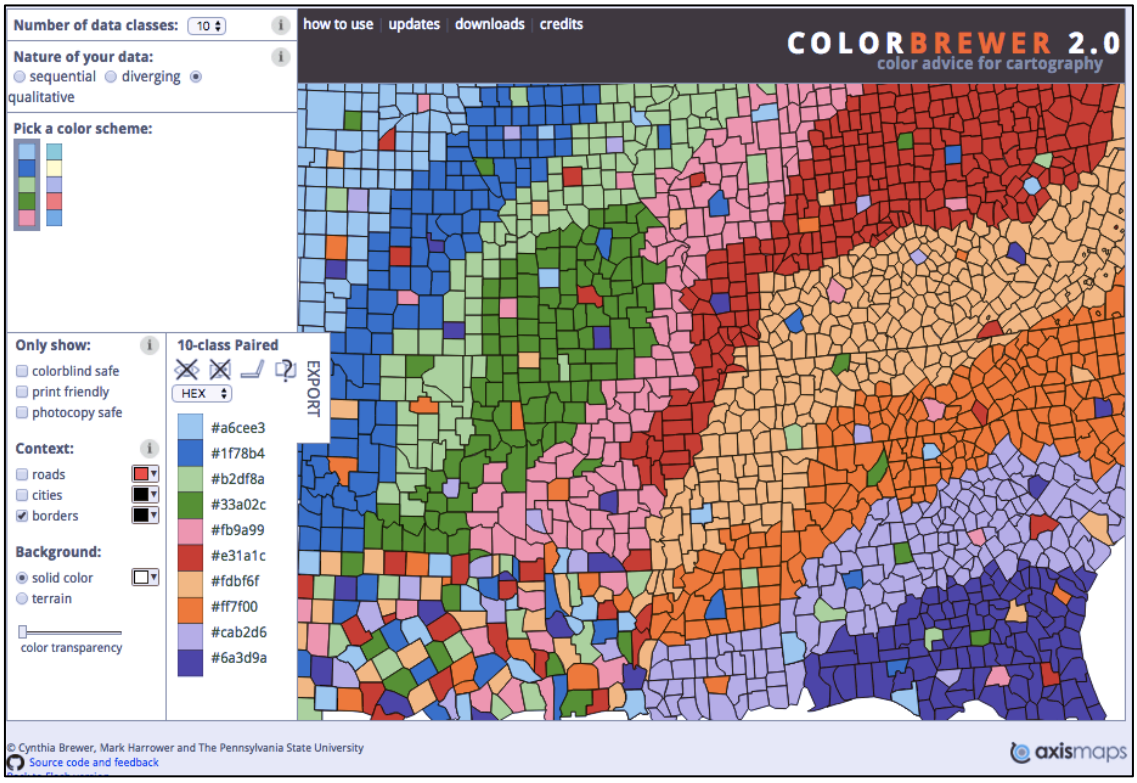
No espaço de edição do mapa, temos, no retângulo lilás, as variantes importadas diretamente da camada de dados linguísticos, que serão dispostas de acordo com a ocorrência em cada um dos pontos de inquérito representados nos círculos vermelhos. Já no retângulo

verde temos as informações relacionadas ao questionário aplicado, como número da questão e epígrafe, ao passo que no retângulo azul temos as informações referentes ao sexo/gênero do colaborador e à faixa etária/geração e no retângulo amarelo a listagem dos pontos de inquérito e suas respectivas numerações, assim como a legenda. Os demais elementos decorativos e de orientação geoespacial, como escala, rosa-dos-ventos, coordenadas geográficas, dentre outros, são pré-inseridos e seguem o padrão cartográfico vigente atualmente.

Por fim, com o mapa dentro dos padrões cartográficos[101], é gerado um arquivo em formato PNG ou PDF. Dentre as vantagens da geração dos mapas no QGIS temos: melhor qualidade gráfica, menor tempo para a composição da carta, possibilidade de exportação do mapa para os mais diversos formatos e suportes (inclusive para a *web*) e criação de mapas personalizados.

Para o tratamento final das cartas, utilizamos o software de edição de imagens *Apple Pixelmator* e para a definição das cores dos mapas, a partir dos critérios colorimétricos, utilizamos a aplicação *ColorBrewer*[102]. A seguir podemos visualizar a paleta da policromia utilizada nas cartas do AGQUINPA:

Imagem 40 - Paleta de cores utilizada na confecção das cartas do AGQUINPA.



Fonte: *ColorBrewer 2.0*.

[101] BRASIL. Decreto nº 89.817, de 20 de junho de 1984 (Normas Técnicas da Cartografia Nacional).
[102] Disponível em: http://colorbrewer2.org/ Acesso em 2 de dezembro de 2015.

Além das informações estritamente semântico-lexicais, apresentaremos no verso, conforme a necessidade, algumas notas, úteis para compreender a inserção sociocultural dos itens lexicais na comunidade pesquisada e outras informações que julgamos necessárias.

Para elaboração das cartas linguísticas onomasiológicas[103], levamos em consideração alguns aspectos, como: a) frequência geral; e b) distribuição das variantes. Só foram elaboradas cartas que apresentaram respostas em mais de cinco pontos de inquérito e respondidos por, pelo menos, metade dos colaboradores em cada um desses pontos de inquérito. Também realizamos o levantamento da origem dos étimos de origem Bantu, considerados africanias na língua portuguesa, tomando como base as seguintes obras *Novo Dicionário Banto do Brasil* (LOPES, 2012), *Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico* (SALLES, 2003), além da consulta aos dicionários de língua portuguesa *Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss* (HOUAISS, 2010), *Dicionário Aulete Digital* (AULETE, 2016) e *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (PRIBERAM, 2015).

No próximo capítulo, apresentaremos a descrição quantitativa dos dados obtidos para a elaboração do AGQUINPA. Analisaremos o léxico, considerando as dimensões diatópica, diageracional e diassexual de 136 das 158 cartas linguísticas geradas para esta tese.

[103] Nomes diferentes para um mesmo referente. (N.A).

CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO AGQUINPA

Neste capítulo, apresentarei a descrição das cartas selecionadas para o AGQUINPA. Essa descrição é útil para a compreensão das cartas linguísticas e de suas dimensões diatópica, diageracional e diassexual. Descreverei os dados obtidos na aplicação do QSL e, em seguida, tratarei das cartas geradas a partir da aplicação do QSL-A, adaptado com a inclusão do léxico de origem Bantu. Antes de adentrar na descrição das cartas do AGQUINPA, apresentarei o perfil dos colaboradores desta pesquisa, com base nas informações coletadas por meio da aplicação da ficha do colaborador, assim como uma visão geral das cartas não selecionadas para esta descrição.

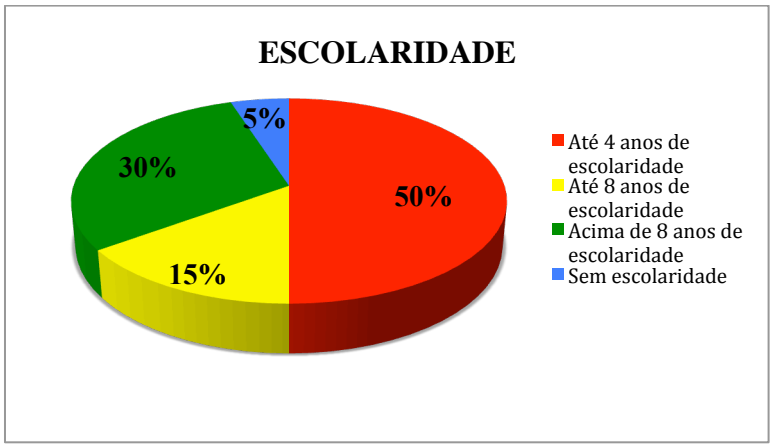
3.1 Perfil dos colaboradores do AGQUINPA

As informações obtidas por meio da aplicação da *ficha do colaborador*, na qual coletei dados pessoais e socioeconômicos, possibilitou traçar um perfil dos colaboradores do AGQUINPA, que é de suma importância para a compreensão do contexto de uso de determinadas variantes.

No gráfico 4, é possível observar que metade dos colaboradores entrevistados possuem até 4 anos de escolaridade, portanto, nesse grupo estão incluídos aqueles que possuem pelo menos 1 (um) ano de escolaridade até aqueles que completaram a primeira metade do Ensino Fundamental (1ª a 4ª Série, considerando o Ensino Fundamental ainda no formato de 8 anos).

Os colaboradores com escolaridade acima de oito anos correspondem a 30% de frequência e, em seguida, com 15% do total de colaboradores, refere-se aos colaboradores com até oito anos de escolaridade. Por fim, registrei 5% do total de colaboradores sem escolaridade alguma.

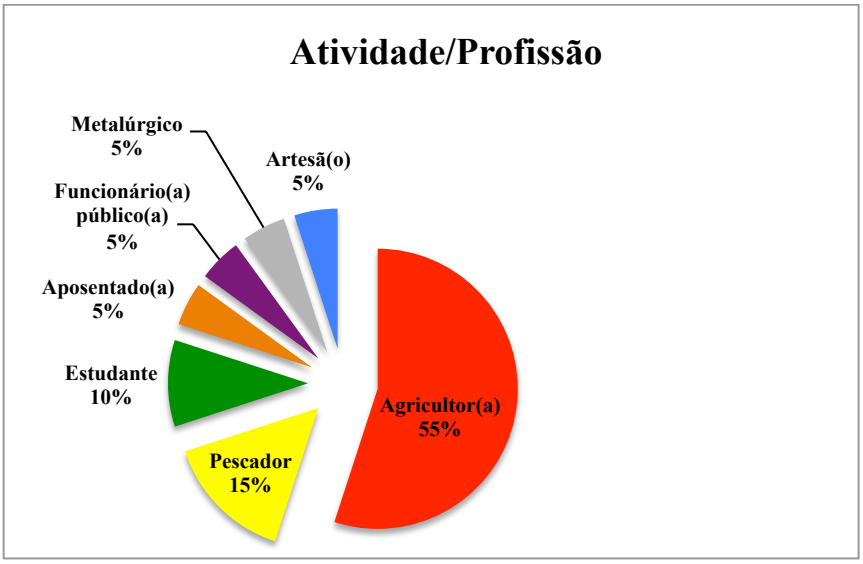
Gráfico 4 - Escolaridade dos colaboradores do AGQUINPA (em anos de estudo).



Esses dados demonstram que grande parte dos colaboradores entrevistados possuem escolarização básica incompleta, de modo que aqueles que possuem escolaridade se concentram no intervalo que corresponde a faixa que vai de um ano de escolaridade até a faixa de oito anos de escolaridade (70% somado). É importante destacar que os colaboradores mais jovens apresentaram mais anos de estudo em relação aos mais velhos.

Considerando a ocupação ou profissão dos colaboradores, 55% do total de colaboradores declararam a profissão/ocupação de agricultor(a), seguido da ocupação de pescador, com 15%, e a de estudante com 10%. As demais ocupações aposentado(a), funcionário(a) público(a), metalúrgico e artesão(o) correspondem a 5% cada uma, como podemos observar no gráfico 5:

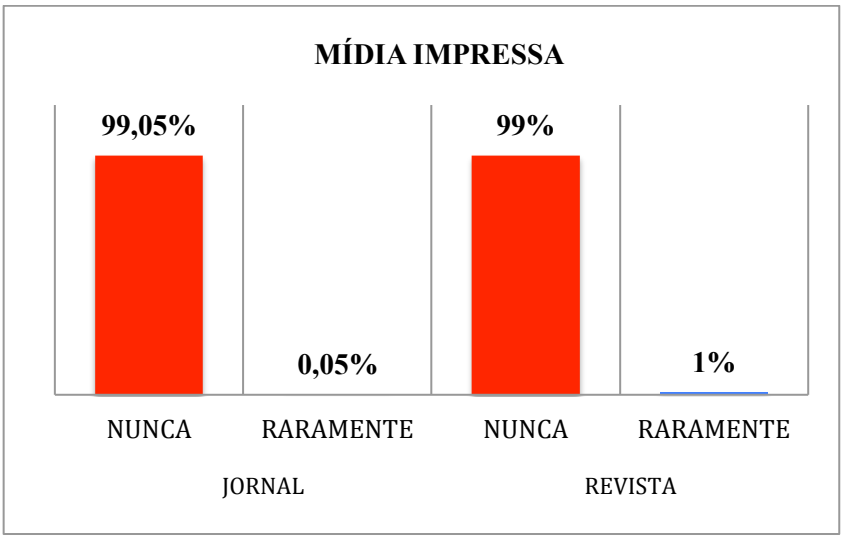
Gráfico 5 - Atividades ou profissões dos colaboradores do AGQUINPA.



A atividade de agricultor(a) e pescador são as principais ocupações entre os colaboradores do AGQUINPA, o que era esperado, considerando que nas comunidades quilombolas selecionadas, as atividades de agricultura ou agroextrativismo e pesca prevalecem. Também encontramos o registro de profissões diversificadas, como metalúrgico e artesão, assim como a ocupação de funcionário público.

Também registramos na ficha do colaborador quais meios de comunicação (impresso ou falado) os colaboradores têm acesso. Os resultados mostraram que mais de 90% dos colaborares nunca leram jornal ou revista, como podemos observar no gráfico 6:

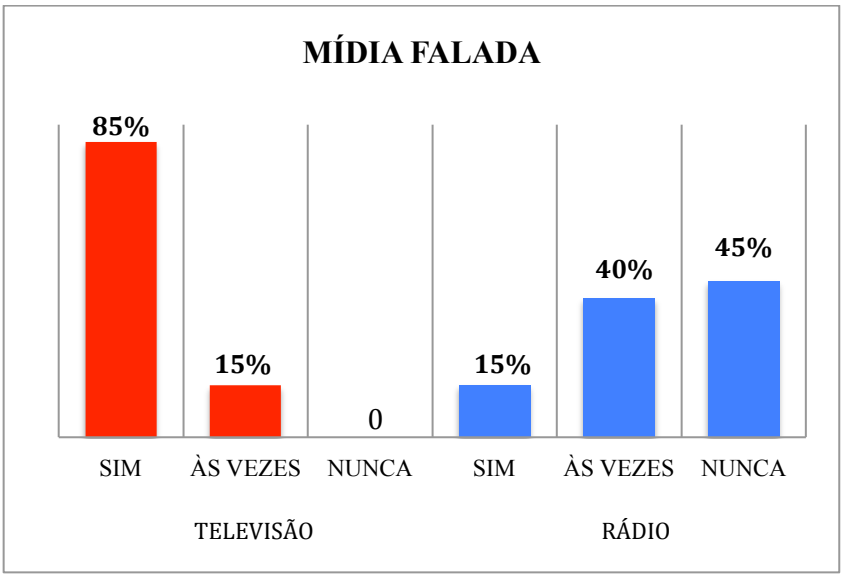
Gráfico 6 - Acesso à mídia impressa nas comunidades pesquisadas.



Era esperado que a mídia impressa tivesse baixa presença nas comunidades quilombolas, pois esse tipo de mídia não circula regularmente em localidades distantes dos centros urbanos.

Ao contrário da mídia impressa, a mídia falada (televisão e rádio) possui maior presença no dia a dia dos colaboradores do AGQUINPA. Do total de colaboradores, 85% assistem televisão sempre e 15% às vezes. Já entre aqueles que ouvem rádio, 15% escutam sempre e 40% às vezes, enquanto que 45% nunca ouvem rádio, como podemos observar no gráfico 7:

Gráfico 7 - Acesso à mídia falada nas comunidades pesquisadas.

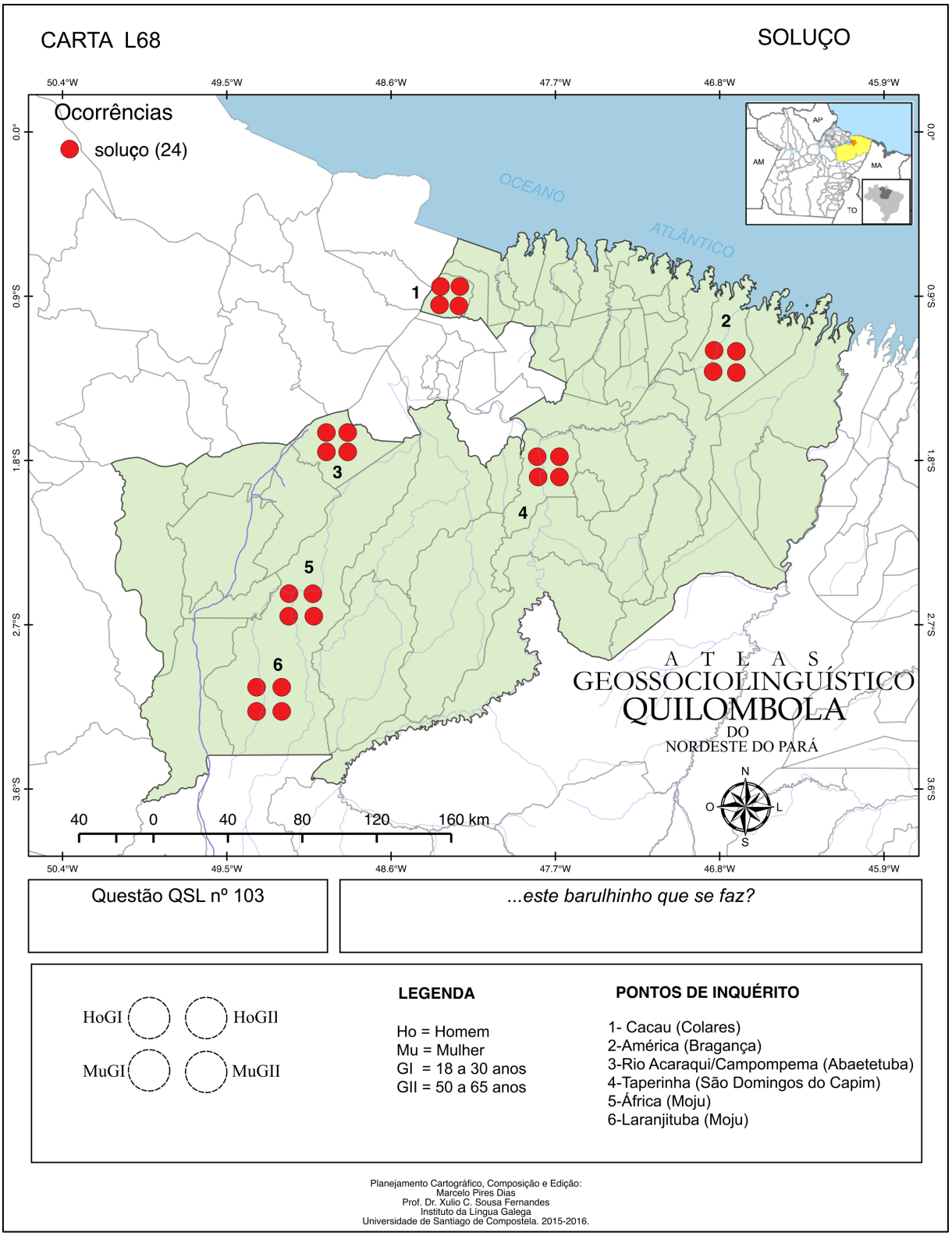


A presença da TV é alta nas comunidades quilombolas, mesmo naquelas localidade em que a energia elétrica é limitada (fornecida por meio de geradores à diesel e em horários pré-determinados), assim como a presença do rádio, ainda que quase a metade não o utilize como meio de informação. É sabido que a TV possui um papel influenciador muito grande na fala do espectador/colaborador, pois é também por meio dela que a diversidade linguística é reduzida e as demais variedades são, em muitos casos, tratadas com preconceito. A seguir, veremos a listagem das cartas não selecionadas para a descrição, mas presentes no volume de cartas.

3.2 Cartas não selecionadas para a descrição

Das 153 cartas que compõem o AGQUINPA, dezesseis não apresentaram variação e, portanto, não foram selecionadas para a descrição, mas compõem o volume de cartas desta tese. Vejamos, a seguir, um exemplo de carta categórica do AGQUINPA:

Imagem 41 - Carta L68 – questão 103 do QSL (*soluço*).



Como essas cartas são monoléxicas por não apresentarem variação, decidimos listá-las à parte com o intuito de identificarmos quais questões e campos semânticos do QSL

apresentam caráter mais monoléxico. Vejamos, a seguir a, lista de cartas que fazem parte desse grupo:

Nº	CAMPO SEMÂNTICO	QUESTÃO	OBSERVAÇÃO
1	1.FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	Orvalho/Sereno (QSL 20)	100% de ocorrências para a variante *sereno*.
2	2. ASTROS E TEMPO	Ontem (QSL 36)	100% de ocorrências para a variante *ontem*.
3	3. ATIVIDADES AGROPASTORIS	Tangerina (QSL 39)	100% de ocorrências para a variante *tangerina*.
4		Espiga (QSL 45)	100% de ocorrências para a variante *espiga*.
5		Carrinho de mão (QSL 52)	100% de ocorrências para a variante carrinho de mão.
6	4. FAUNA	Papagaio (QSL 68)	100% das ocorrências para a variante *papagaio*.
7		Chifre (QSL 77)	100% das ocorrências para a variante *chifre*.
8	5. CORPO HUMANO	Terçol (QSL 94)	100% de ocorrências para a variante *terçol*.
9		Soluço (QSL 103)	100% de ocorrências para a variante *soluço*.
10		Axila (QSL 108)	100% de ocorrências para a variante *suvaco*.
11	6. CICLOS DA VIDA	Parteira (QSL 123)	100% de ocorrências para a variante *parteira*.
12		Gêmeos (QSL 125)	100% de ocorrências para a variante *gêmeos*.
13	7.COMPORTAMENTO E CONVÍVIO SOCIAL	Xará (QSL 143)	100% de ocorrências para a variante *xará*.
14	8. BRINCADEIRAS E DIVERSÕES	Estilingue (QSL 157)	100% de ocorrências para a variante *baladeira*.
15	9. HABITAÇÃO	Isqueiro (QSL 173)	100% das ocorrências para a variante *isqueiro*.
16	10. ALIMENTAÇÃO E COZINHA	Café da manhã (QSL 176)	100% das ocorrências para a variante *café*.

Quadro 8 - Cartas semântico-lexicais não selecionadas para a descrição.

Além das cartas não selecionadas para descrição, também não realizamos a descrição da carta L25 (*camomila*[104]), integrantes do campo semântico atividades agropastoris, por ter apresentado enviesamento.

[104] A camomila não é comumente utilizada para tratar dor de barriga na região e acreditamos que a segunda parte da questão nº 41 do QSL (...umas florezinhas brancas com miolo amarelinho que servem para fazer chá para dor de barriga de bebê e também para acalmar) tenha enviesado os resultados finais dispostos na carta.

3.3 Descrição das cartas selecionadas

Como já foi dito anteriormente, os resultados lexicais desta tese são oriundos da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL). O objetivo do uso desse tipo de questionário é mapear o léxico, buscar padrões e definir a norma da região estudada, a partir da descrição quantitativa e qualitativa dos dados. Partindo desse objetivo, iremos descrever quantitativamente e qualitativamente a variação geossociolinguística nas 139 cartas lexicais selecionadas que fazem parte do AGQUINPA. Também apresentaremos os gráficos referentes às dimensões diassexual e diageracional, especialmente das cartas que apresentaram variação lexical, assim como comentários sobre algumas variantes e suas particularidades.

3.3.1 Acidentes geográficos

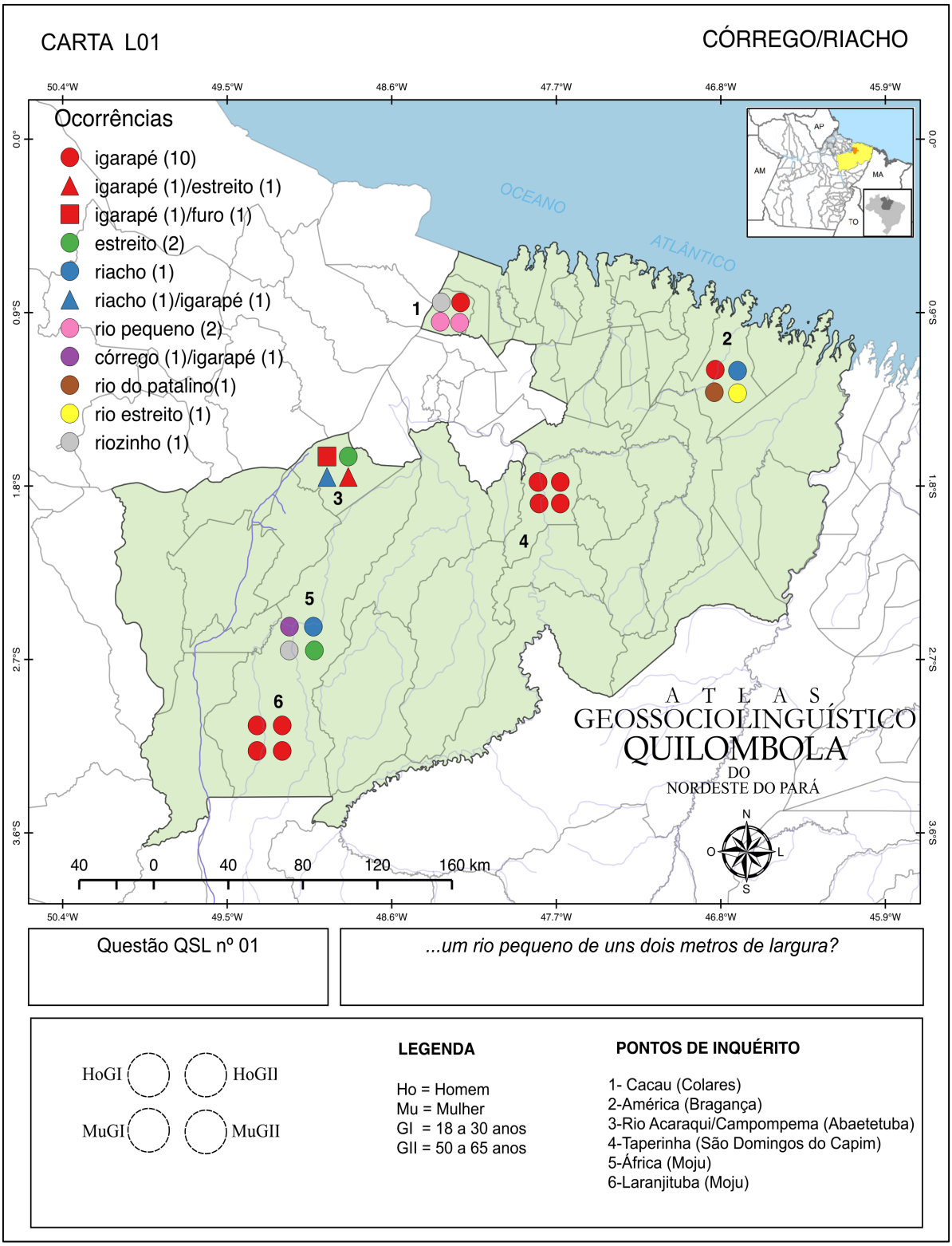
O campo semântico *acidentes geográficos* é composto por seis questões que englobam nomes de movimentos da água do mar e do rio, além de acidentes geográficos fluviais. A seguir, apresentaremos a descrição das cinco cartas que compõem este campo semântico:

3.3.1.1 Córrego/riacho

...um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

A questão nº 1 do, QSL, que inquiriu sobre um rio de aproximadamente dois metros de largura, apresentou as seguintes variantes: *igarapé* (quatorze ocorrências), *riacho* (três ocorrências*), estreito* (três ocorrências), *rio pequeno* (duas ocorrências), além de *rio estreito*, *riozinho*, *córrego*, *furo* e *rio do patalino*, com uma ocorrência cada. A seguir, podemos visualizar a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 42 - Carta L01 – questão 01 do QSL (*córrego/riacho*).



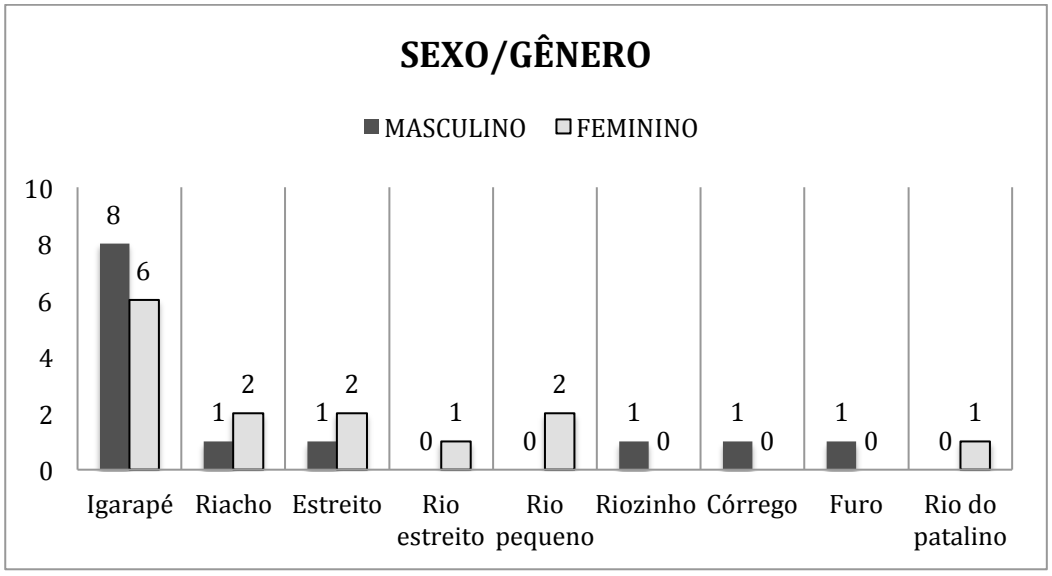
A variante *igarapé* prevaleceu na região, com destaque para os pontos de inquérito 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) que apresentaram 100% de ocorrência para esta variante. A forma, além de ser predominante em termos de frequência, também ocorre em todos os pontos

investigados. Como podemos observar na carta, apenas nos pontos 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) tivemos a presença de norma monoléxica.

Também podemos verificar que, no ponto de inquérito 1 (Cacau), predominou a variante *rio pequeno* e nos pontos 2, 3 e 5 (América, Rio Acaraqui/Campompema e África) tivemos bastante variação, inclusive com variantes únicas, como *rio do patalino*, presente na comunidade América, enquanto que a variante *córrego* foi registrada apenas na comunidade África e a variante *furo* registrada exclusivamente na comunidade do Rio Acaraqui/Campompema.

Do ponto de vista diassexual, a variante de maior ocorrência (*igarapé*) prevaleceu entre as respostas dos colaboradores homens (oito ocorrências), enquanto que entre as mulheres tivemos 6 respostas, como podemos observar no gráfico 8:

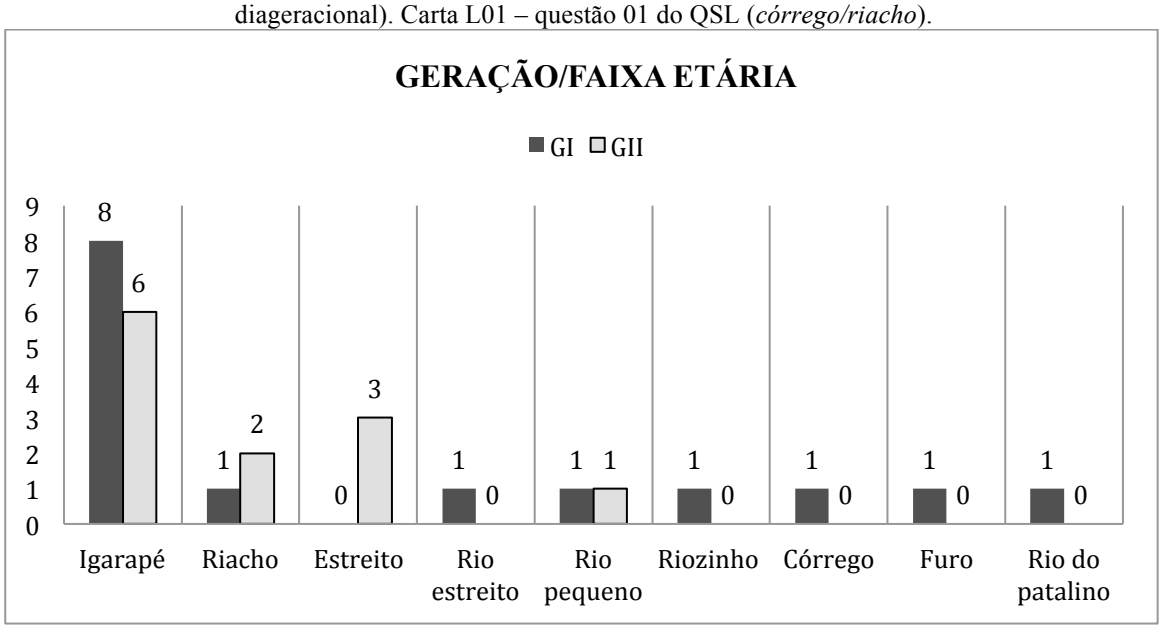
Gráfico 8 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero dos colaboradores (dimensão diassexual). Carta L01 – questão 01 do QSL (*córrego/riacho*).



Como podemos constatar no gráfico 8, as variantes *igarapé*, *riacho* e *estreito* foram usadas por colaboradores de ambos os sexos. Por outro lado, as variantes *rio estreito*, *rio pequeno* e *rio do patalino* foram registradas exclusivamente entre as mulheres. Já as variantes *riozinho*, *córrego* e *furo* tiveram registro apenas entre os homens.

Do ponto de vista diageracional, podemos observar que houve maior ocorrência da variante *igarapé* entre a geração mais jovem (GI), totalizando oito ocorrências, ante seis respostas dos colaboradores mais velhos (GII), como podemos observar no gráfico 9:

Gráfico 9 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L01 – questão 01 do QSL (*córrego/riacho*).



Legenda: GI (18 a 30 anos); GII (50 a 65 anos)

No gráfico 9, também podemos verificar que as variantes *igarapé*, *riacho* e *rio pequeno* foram registradas em ambas as gerações, enquanto que as variantes *rio estreito*, *riozinho*, *córrego*, *furo* e *rio do patalino* foram respondidas apenas por colaboradores mais jovens e a variante *estreito* apenas entre os mais velhos.

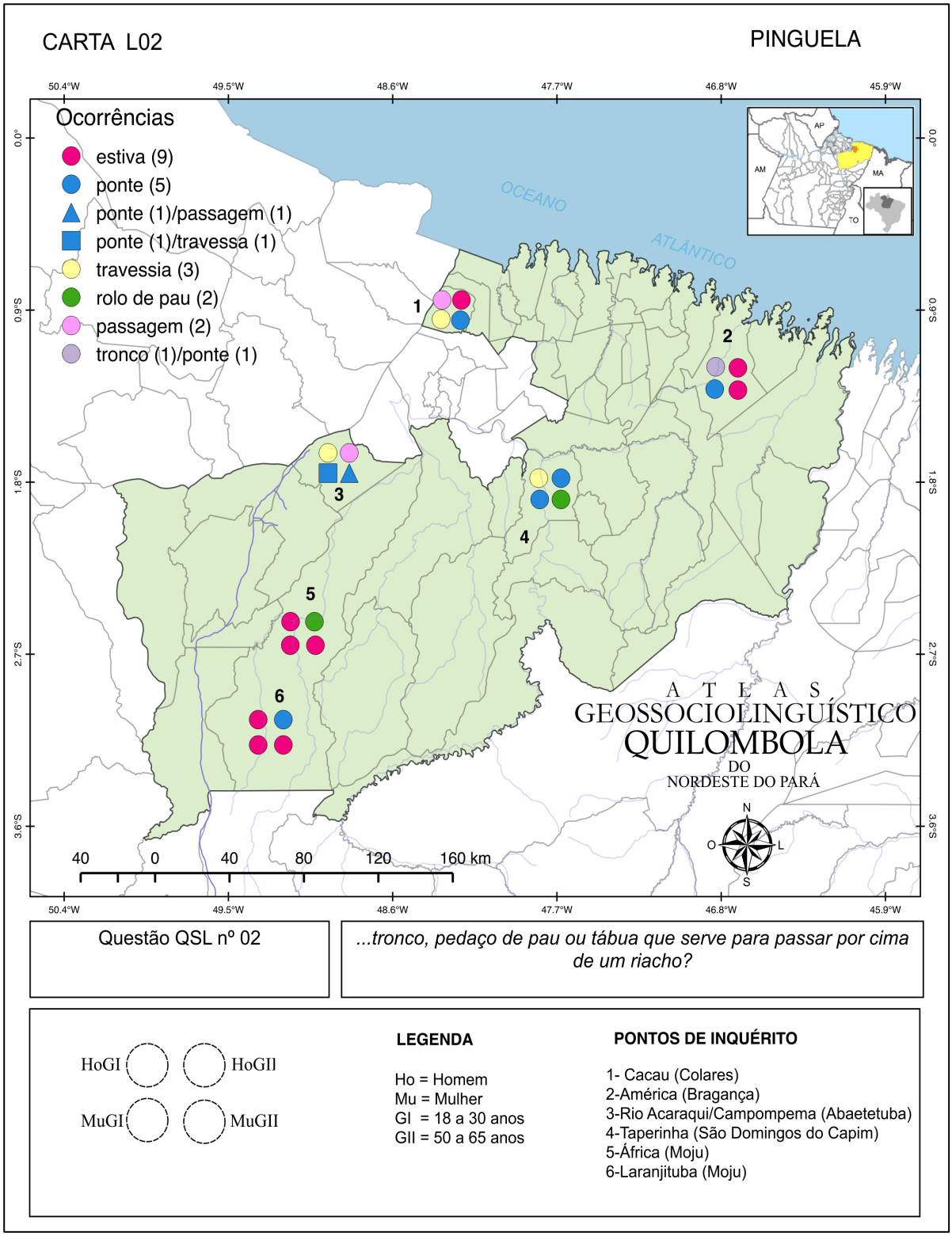
Podemos dizer que, para esta questão, a variante *igarapé* representa a norma na região, enquanto que as demais variantes vão desde nomes específicos de acidentes geográficos fluviais, como *riacho*, *estreito*, *furo* e *córrego* até unidades lexicais complexas, como *rio estreito*, *rio pequeno* e *rio do patalino*, nome de um pequeno rio da comunidade América.

3.3.1.2 Pinguela

...o tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de uma ponte

A questão nº 2, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *estiva* (nove ocorrências), *ponte* (oito ocorrências), *passagem* e *travessia* (três ocorrências cada), *rolo de pau* (duas ocorrências), além de *travessa* e *tronco*, com uma ocorrência cada, como podemos observar na carta L02, na qual também podemos conferir a distribuição diatópica dessas variantes:

Imagem 43 - Carta L02 – questão QSL 02 (*pinguela*).

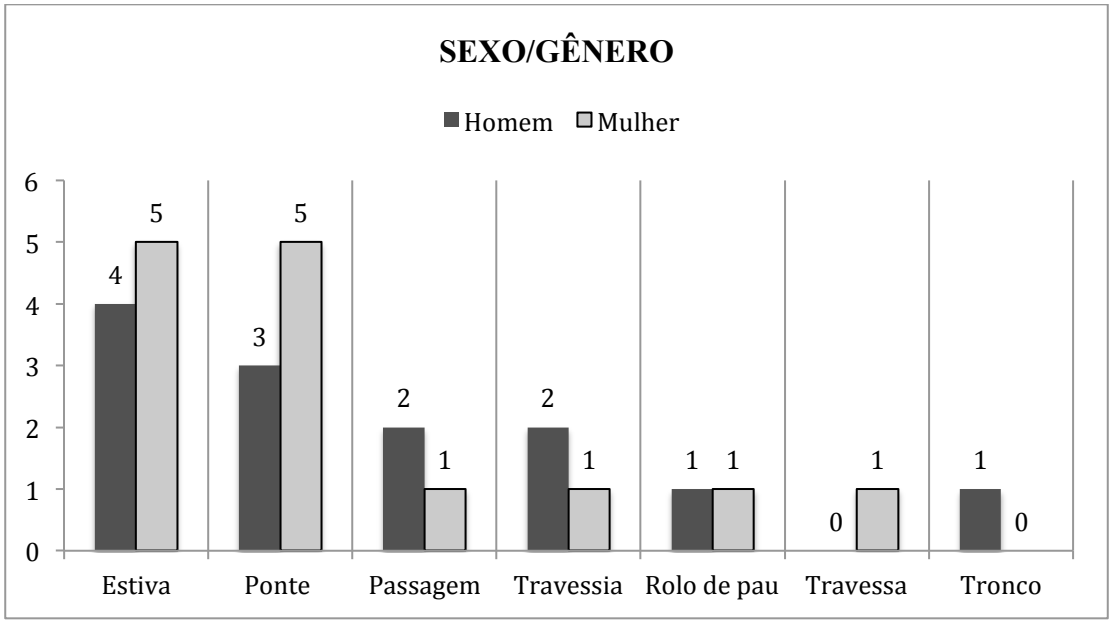


Na carta L02, é possível observar que a variante *estiva* ocorreu em quatro comunidades e prevaleceu em três pontos do AGQUINPA, a saber: América (ponto 2), África

(ponto 5) e Laranjituba (ponto 6). Já nos pontos 3 e 4 (Rio Acaraqui/Campompema e Taperinha), prevaleceu a variante *ponte* e, no ponto 1 (Cacau), tivemos variação elevada, com quatro variantes distintas (*passagem*, *travessia*, *estiva* e *ponte*). Podemos dizer, com base na carta, que em todos os pontos tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

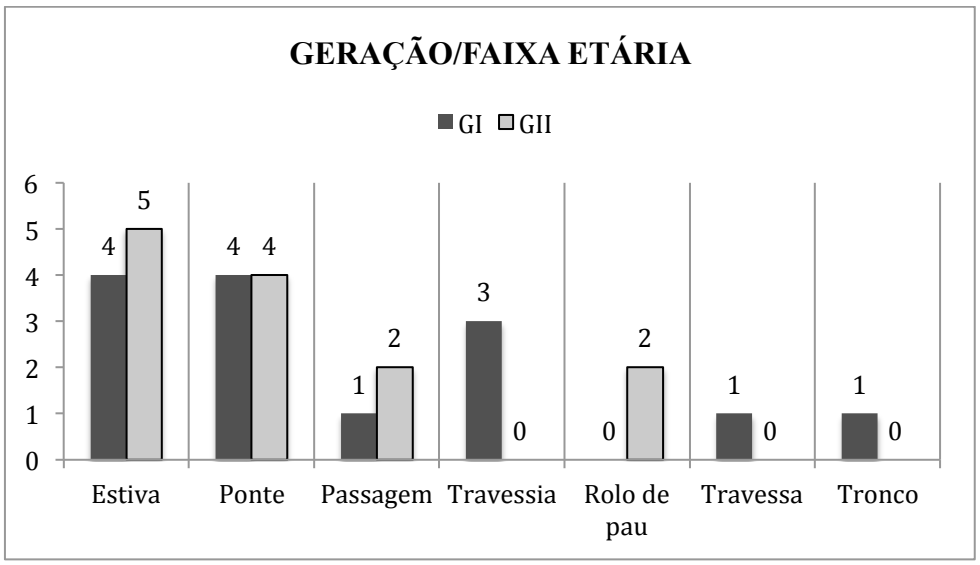
No gráfico 10, podemos verificar que a variante *travessa* ocorreu exclusivamente entre as mulheres e a variante *tronco* foi usada exclusivamente por um homem, enquanto que as demais variantes ocorreram em ambos os sexos. É importante destacar que as variantes *estiva* e *ponte* tiveram maior ocorrência entre as mulheres e as variantes *passagem* e *travessia* tiveram maior ocorrência entre os homens. Vejamos os resultados:

Gráfico 10 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L02 – questão QSL 02 (*pinguela*).



Considerando as duas gerações, podemos notar que a variante *estiva* teve mais ocorrências entre os mais velhos (GII), com cinco ocorrências, enquanto que entre os colaboradores mais jovens esta mesma variante apresentou quatro ocorrências. Vejamos os resultados:

Gráfico 11 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L02 – questão QSL 02 (*pinguela*).



No gráfico 11, podemos observar que a variante *ponte* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. A variante passagem teve duas ocorrências entre os colaboradores mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens, enquanto que as variantes *travessia*, *travessa* e *tronco* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens e a variante *rolo de pau* apenas entre os mais velhos.

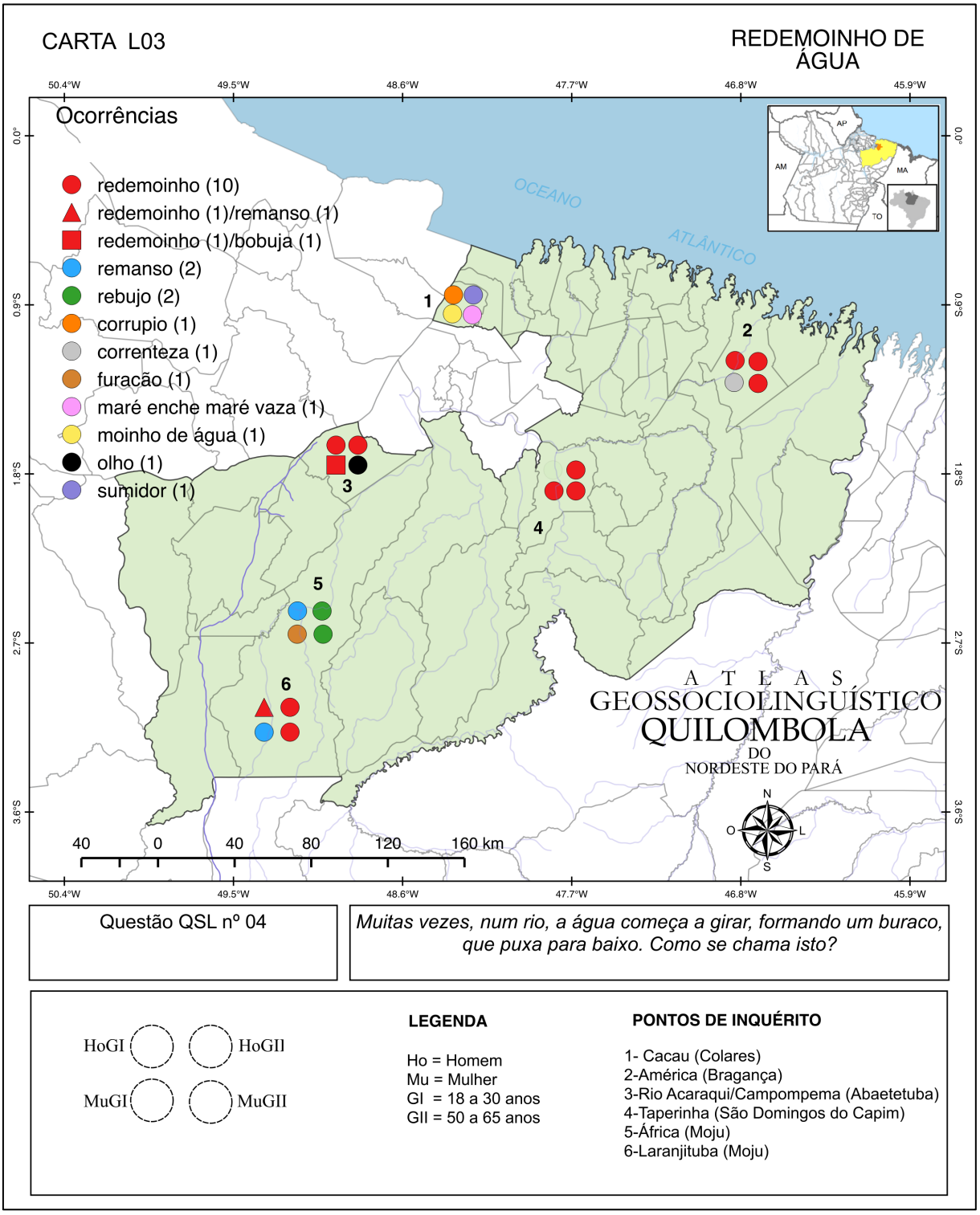
3.3.1.3 Redemoinho (de água)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?

Para a questão nº 4, do QSL, tivemos as seguintes variantes registradas no AGQUINPA: *redemoinho* (doze ocorrências), *remanso* (duas ocorrências), *rebujo* (duas ocorrências), além de *bobuja*, *furacão*, *corrupio*, *moinho de água*, *maré enche maré vaza*,

sumidor, *olho* e *correnteza*, com uma ocorrência cada. Como é possível observar na carta que segue, em contraste, a variante *redemoinho* prevaleceu nesta questão do AGQUINPA:

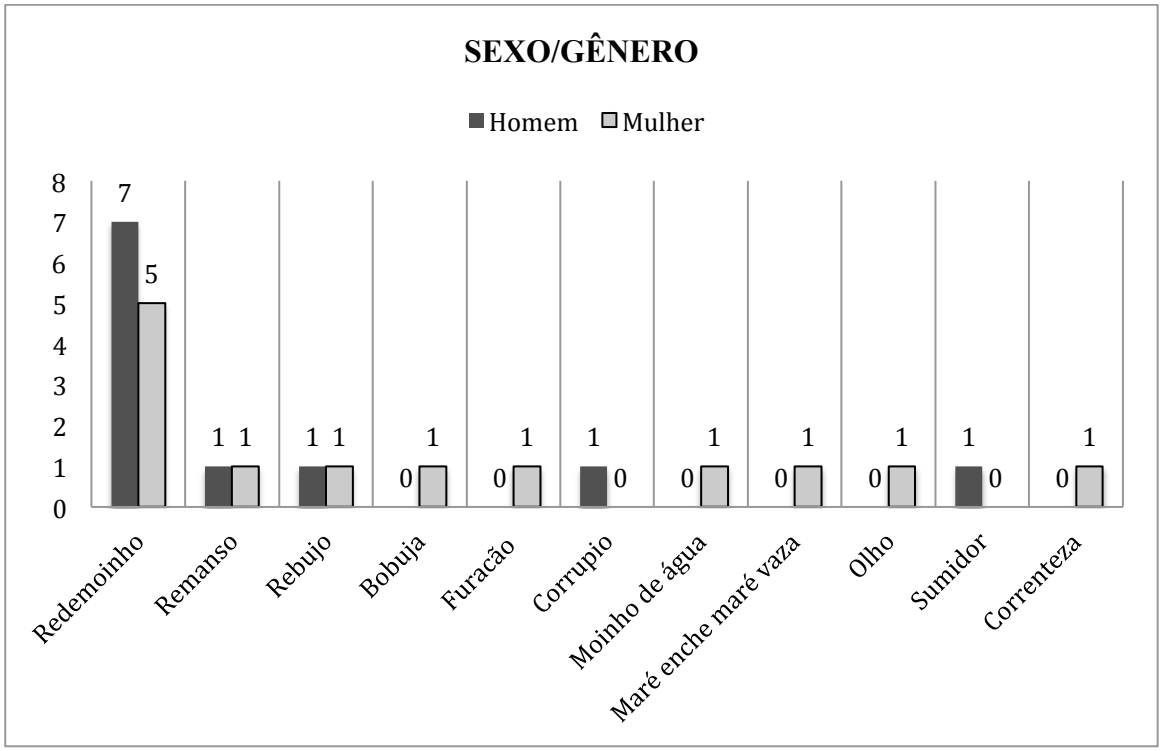
Imagem 44 - Carta L03 – questão QSL 04 (*redemoinho de água*).



Como podemos observar na carta L03, a variante *redemoinho* prevaleceu em 3 pontos de inquérito, a saber: América (ponto 2), Rio Acaraqui/Campompema (ponto 3) e Laranjituba (ponto 6). Por outro lado, no ponto 5 (África), prevaleceu a variante *rebujo* e no ponto 1 (Cacau), tivemos o maior número de variantes únicas (*corrupio*, *moinho de água*, *sumidor* e *maré enche maré vaza*). Esses resultados demonstram que apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

Do ponto de vista diassexual, a variante de maior ocorrência (*redemoinho*) prevaleceu entre as respostas dos colaboradores homens, com sete ocorrências no total. Já entre as colaboradoras mulheres tivemos cinco ocorrências para a variante *redemoinho*, como podemos verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 12 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L03 – questão QSL 04 (*redemoinho de água*).

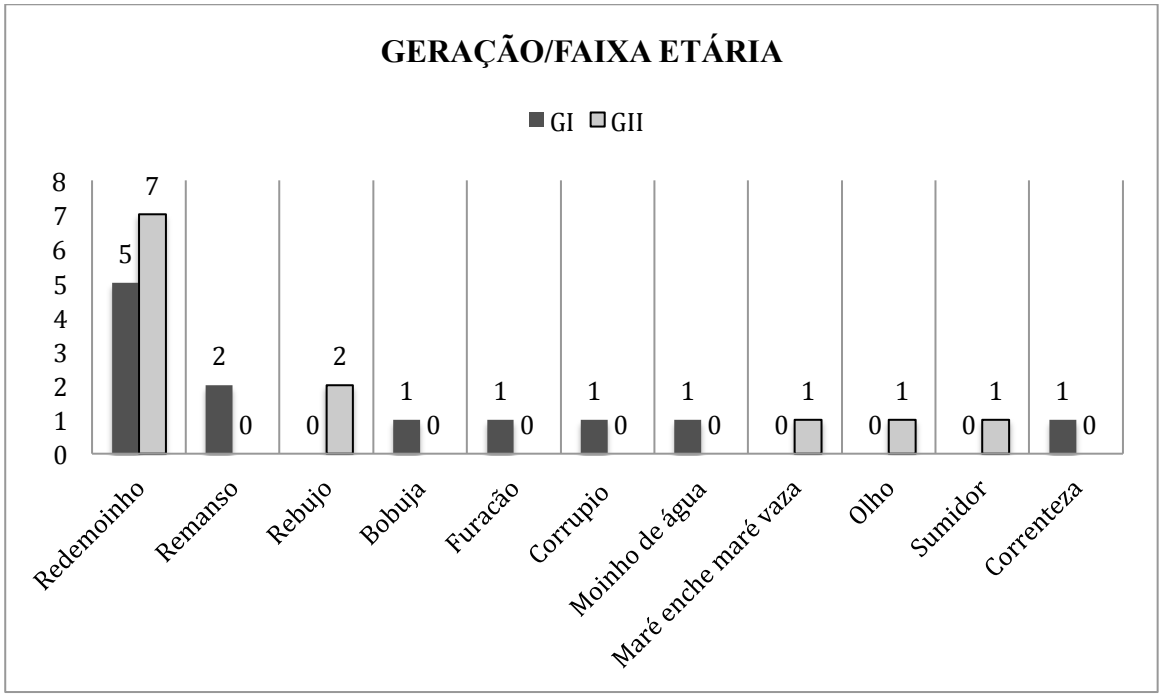


Como é possível constatar no gráfico 12, tivemos variantes registradas exclusivamente entre os homens (*corrupio* e *sumidor*) e variantes usadas apenas por mulheres, como: *bobuja*, *furacão*, *moinho de água*, *maré enche maré vaza*, *olho* e *correnteza*. Dentre todas as variantes

presentes nesta carta do AGQUINPA, apenas *redemoinho*, *remanso* (uma ocorrência para cada sexo) e *rebujo* (uma ocorrência para cada sexo) foram registradas em ambos os sexos.

Considerando a dimensão diageracional, podemos observar que a variante *redemoinho* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos (sete ocorrências), enquanto que os colaboradores mais jovens apresentaram cinco ocorrências no total. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 13 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L03 – questão QSL 04 (*redemoinho de água*).



No gráfico 13, também podemos verificar que somente a variante *redemoinho* foi registrada em ambas as gerações, com a prevalência desta variante entre a geração mais velha. Por outro lado, as variantes *remanso* (duas ocorrências), *bobuja* (uma ocorrência), *furacão* (uma ocorrência), *corrupio* (uma ocorrência), *moinho de água* (uma ocorrência) e *correnteza* (uma ocorrência) foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, enquanto que entre os mais velhos tivemos exclusivamente as variantes *rebujo*, *maré enche maré vaza*, *olho* e *sumidor*, com uma ocorrência cada.

Como podemos constatar nos resultados acima, a variante *redemoinho* constitui a norma na região para esta questão no AGQUINPA. Também tivemos variantes de origem

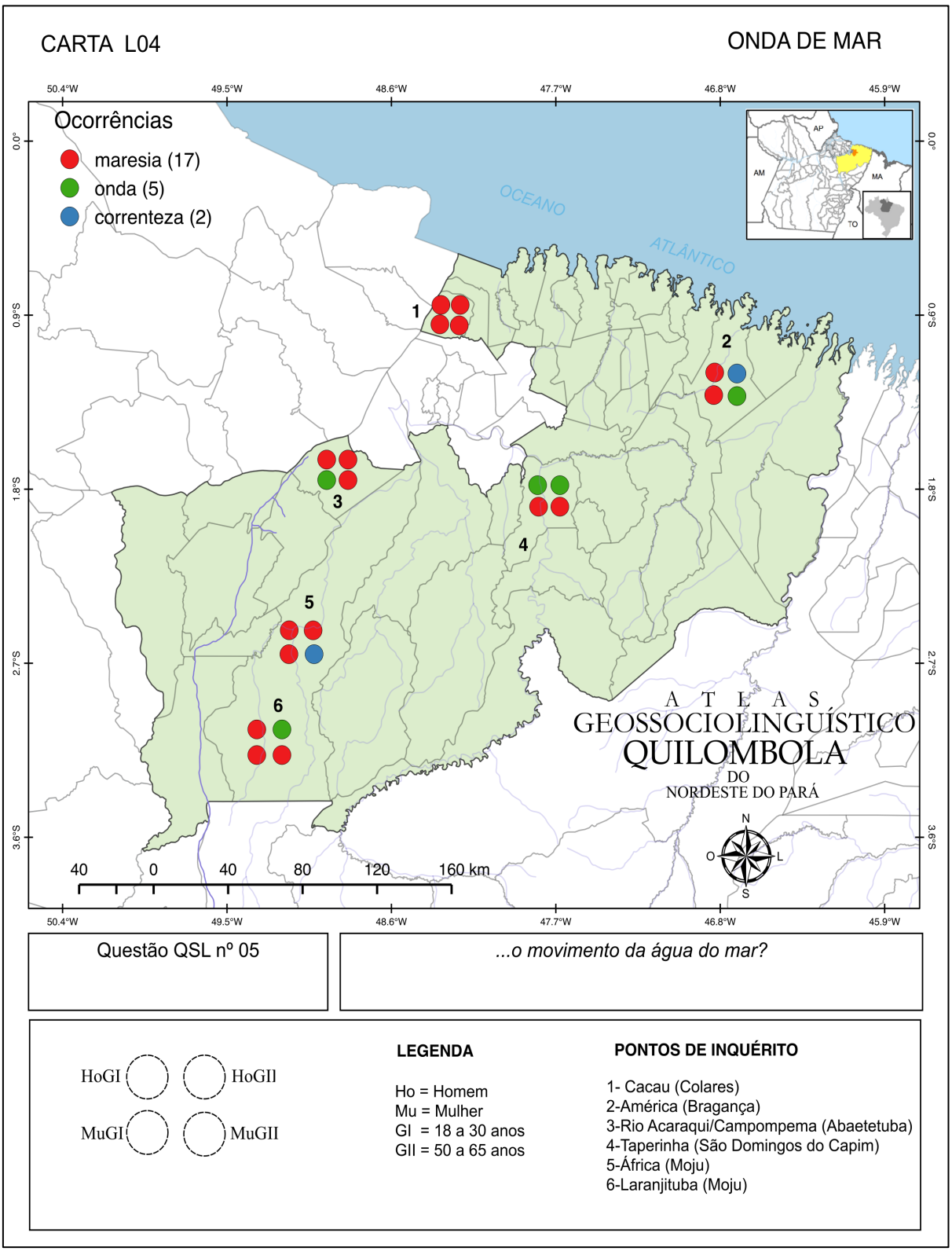
desconhecida e/ou não dicionarizadas, como *rebujo* e *bobuja*, além de unidades lexicais complexas como *moinho de água* e unidades fraseológicas, como *maré enche maré vaza*.

3.3.1.4 Onda de mar

...o movimento da água do mar?

A questão nº 05 do QSL apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *maresia* (dezessete ocorrências), *onda* (cinco ocorrências) e *correnteza* (duas ocorrências). Na carta L04, que segue, podemos observar que a variante *maresia* prevaleceu diante das demais respostas. Vejamos a distribuição diatópica dessas variantes:

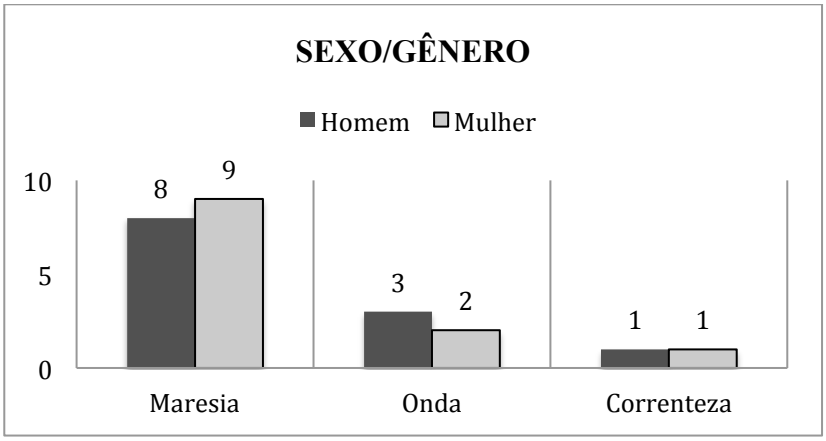
Imagem 45 - Carta L04 – questão QSL 05 (*onda de mar*).



Na carta L04, podemos observar que a variante *maresia* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, exceto no ponto de inquérito 4 (Taperinha), onde tivemos as variantes *maresia* e *onda* com a mesma quantidade de ocorrências, ou seja, duas ocorrências para cada variante. Também podemos dizer que apenas o ponto de inquérito 1 (Cacau) apresentou norma monoléxica e nos demais pontos tivemos a presença de norma heteroléxica.

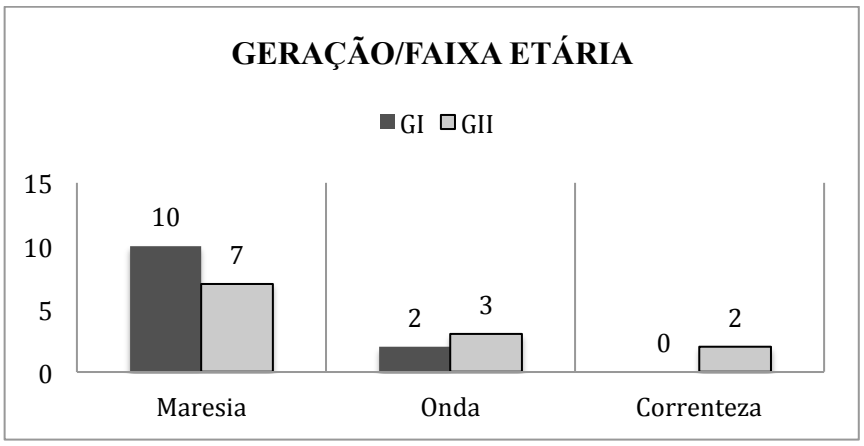
Os dados referentes à dimensão diassexual mostram que a variante *maresia* prevaleceu entre as colaboradoras mulheres (nove ocorrências), enquanto que entre os colaboradores homens tivemos oito ocorrências para a mesma variante. Vejamos os resultados no gráfico 14:

Gráfico 14 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L04 – questão QSL 05 (*onda de mar*).



Já a dimensão diageracional mostrou que os colaboradores mais jovens realizaram mais a variante *maresia* (dez ocorrências), enquanto que os colaboradores da geração mais velha tiveram sete ocorrências para esta mesma variante. Cabe aqui destacar a variante *correnteza*, usada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com duas ocorrências no total. Vejamos os resultados no gráfico 15:

Gráfico 15 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L04 – questão QSL 05 (*onda de mar*).



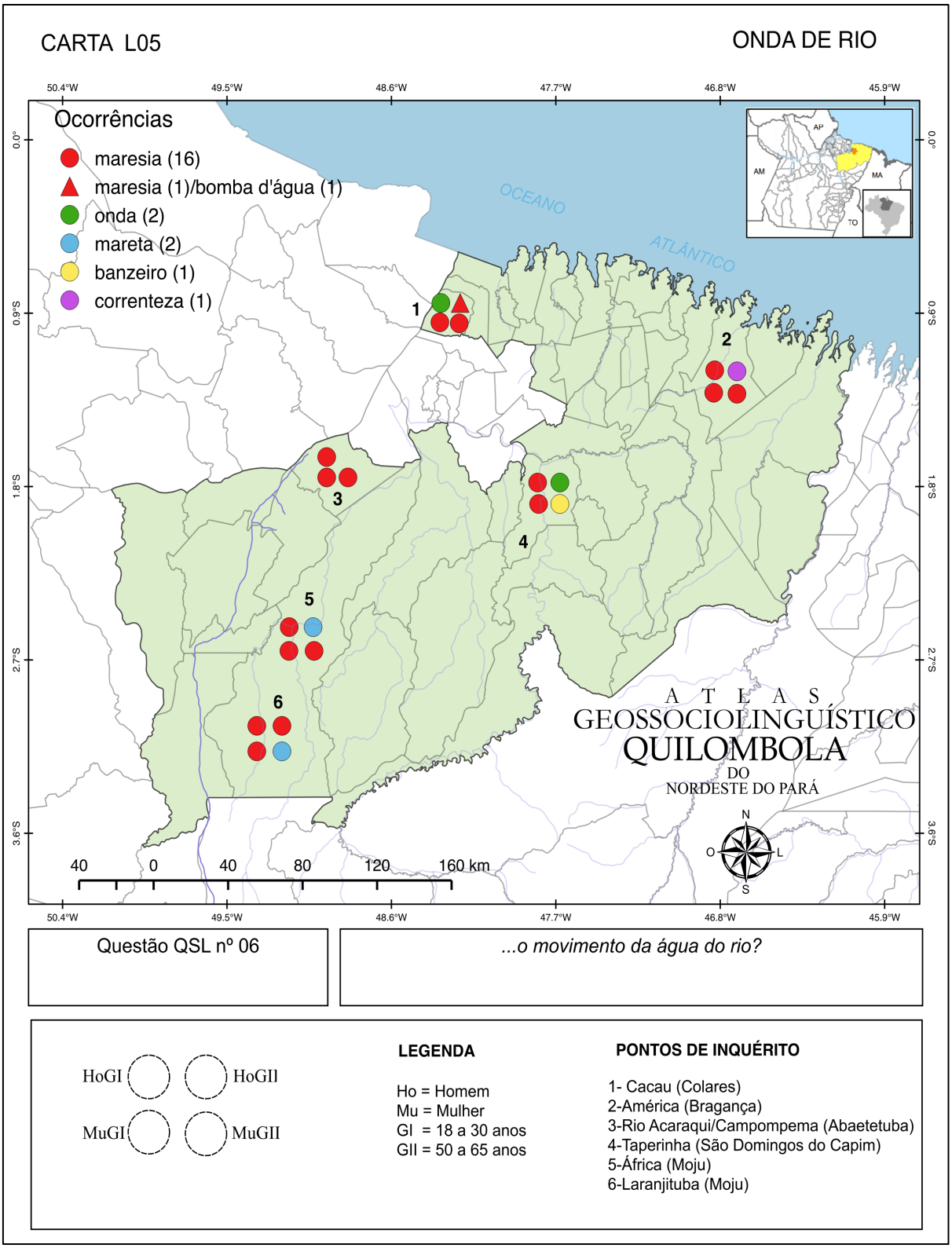
Como podemos observar nos resultados apresentados anteriormente, a variante *maresia* figurou como a norma na região diante das demais variantes (*onda* e *correnteza*). Esses dados serão úteis para a comparação com a próxima carta L05.

3.3.1.5 Onda de rio

... o movimento da água do rio...

Para a questão nº 6, do QSL, tivemos as seguintes variantes: *maresia* (dezessete ocorrências), *onda* (duas ocorrências), *mareta* (duas ocorrências), além de *bomba d'água*, *banzeiro* e *correnteza*, com uma ocorrência cada. Como podemos observar na carta L05, a resposta *maresia* figura como a variante de maior frequência. Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes registradas:

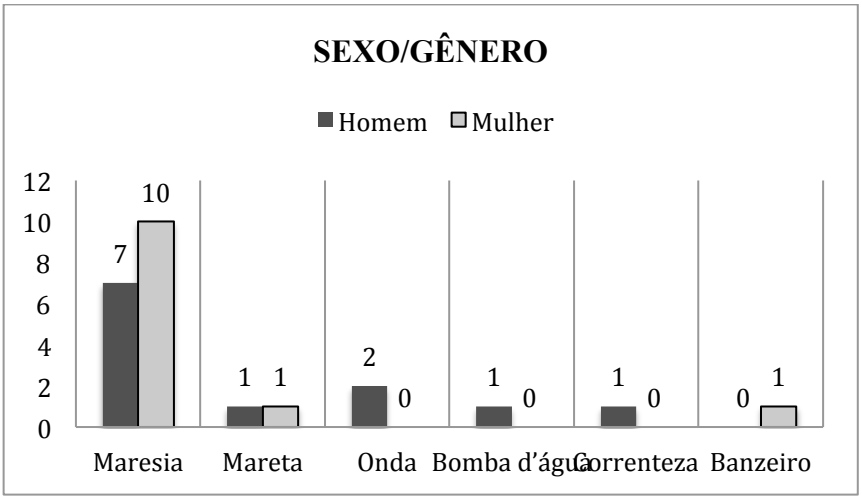
Imagem 46 - Carta L05 – questão QSL 06 (*onda de rio*).



Na carta L05, podemos observar que a variante *maresia* prevaleceu em todos os 6 pontos de inquérito. Cabe aqui destacar os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 4 (Taperinha), que apresentaram variação elevada, com 3 variantes distintas para cada ponto respectivamente, a saber: *maresia*, *onda* e *bomba d'água,* registradas no ponto 1 e *maresia*, *onda* e *banzeiro* registradas no ponto de inquérito 4 (Taperinha). Apenas no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), tivemos a presença de norma monoléxica e nas demais comunidades a norma apresentada é heteroléxica.

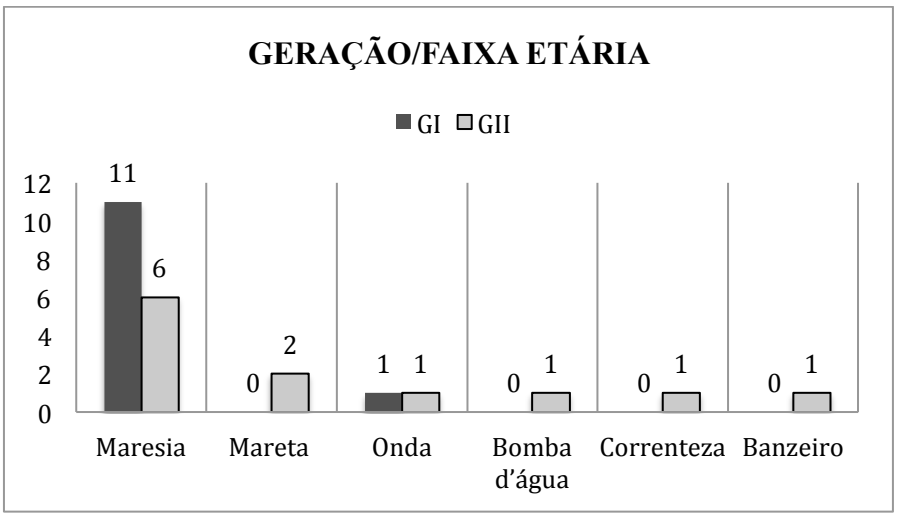
No gráfico 16, podemos observar que a variante *maresia* prevaleceu entre as colaboradoras mulheres, com dez ocorrências no total, frente as sete ocorrências registadas entre os homens. Também tivemos as variantes *onda*, *bomba d'água* e *correnteza* registradas exclusivamente entre os homens e a variante *banzeiro* usada uma única vez por uma mulher. Vejamos os resultados:

Gráfico 16 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L05 – questão QSL 06 (*onda de rio*).



Já em relação à dimensão diageracional, tivemos a prevalência da variante *maresia* entre os colaboradores mais jovens (GI), com onze ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores mais velhos (GII) tivemos seis respostas. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 17 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L05 – questão QSL 06 (*onda de rio*).



Também podemos observar no gráfico 17, a ocorrência das variantes *mareta*, *bomba d'água*, *correnteza* e *banzeiro*, registradas exclusivamente entre os mais velhos, enquanto que a variante *onda* apresentou uma ocorrência para cada geração.

Assim como na carta L04, nesta carta, a variante *maresia* também figurou como a norma na região e tivemos maior número de variantes (seis no total), ante três variantes registradas na carta anterior (*onda de mar*).

3.3.2 Fenômenos atmosféricos

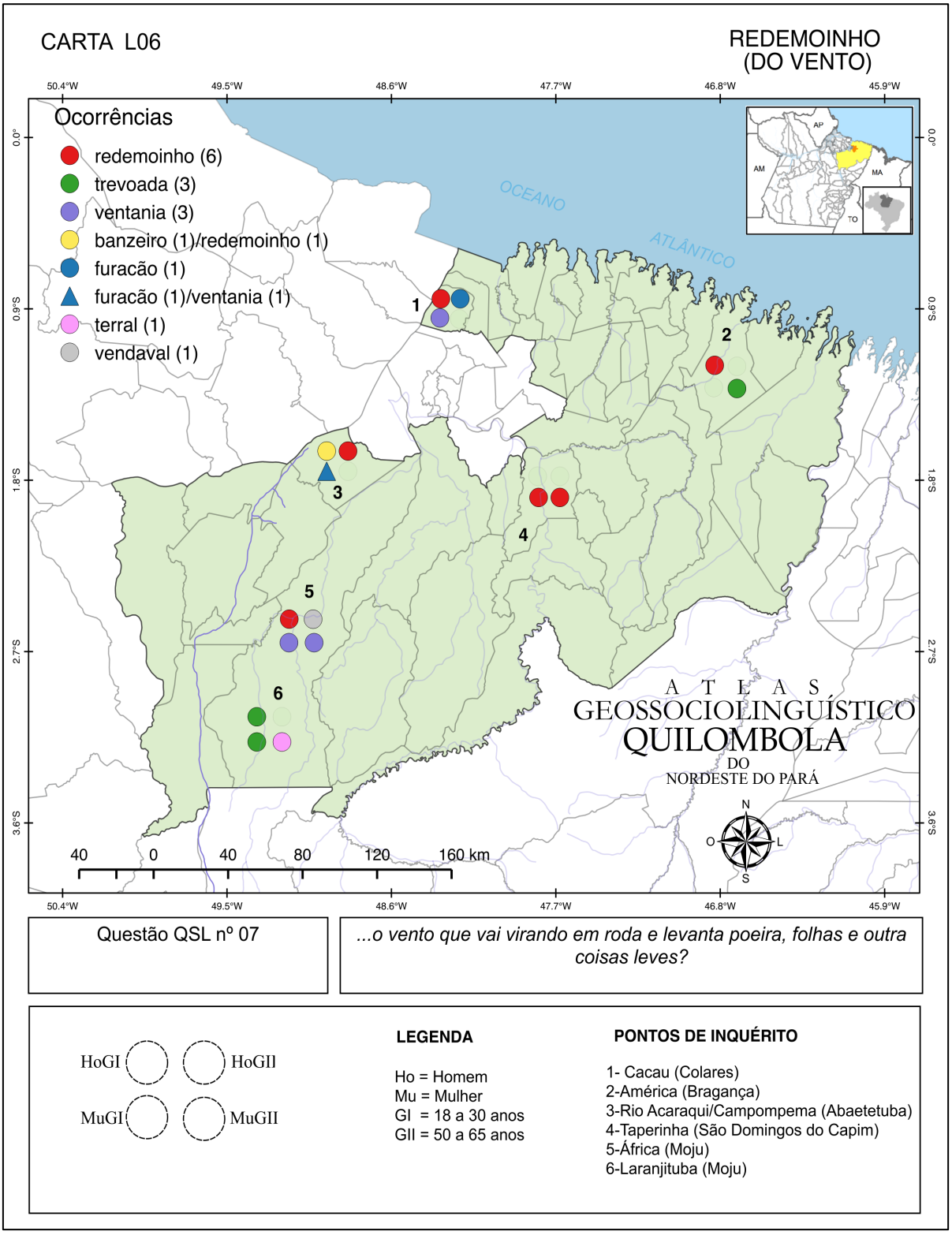
O campo semântico *fenômenos atmosféricos* é composto por quinze questões e contempla fenômenos ligados às condições climáticas, como tipos específicos de chuva e outros fenômenos do firmamento, como *relâmpago*, *raio* e *arco-íris*. Para este campo semântico selecionamos onze cartas, as quais veremos a descrição dos resultados a seguir:

3.3.2.1 Redemoinho (do vento)

... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

A questão nº 7, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *redemoinho* (sete ocorrências), *trevoada* (três ocorrências), *ventania* (quatro ocorrências), *furacão* (duas ocorrências) além de *banzeiro*, *terral* e *vendaval*, com uma ocorrência cada. Na carta L06, podemos observar a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 47 - Carta L06 – questão QSL 07 (*redemoinho do vento*).

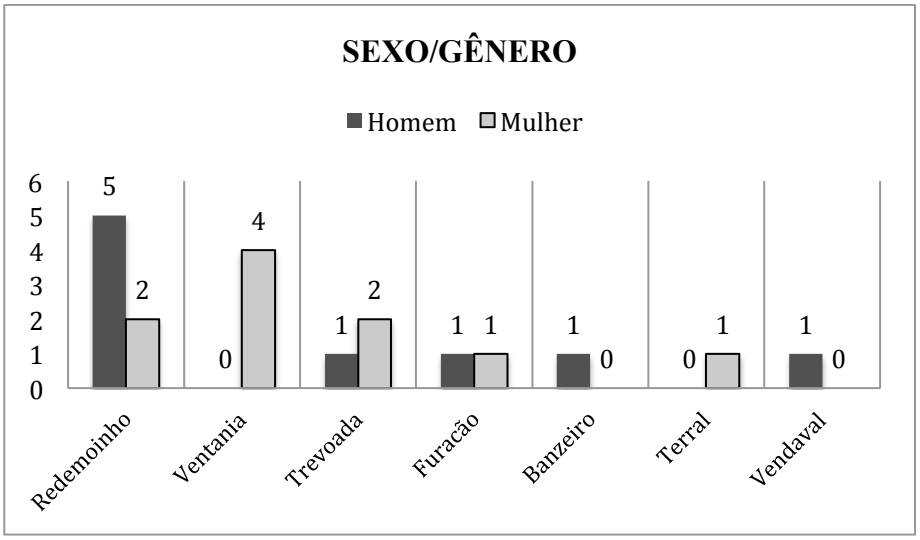


Como podemos observar na carta L06, a variante *redemoinho* prevaleceu na região, porém a sua distribuição não se deu em todos os pontos de inquérito e apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha) esta variante teve maior ocorrência. No ponto 5 (África), prevaleceu a variante *ventania* e no ponto 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *trevoada*. É importante destacar que apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos a ocorrência de norma monoléxica.

Cabe aqui destacar os pontos de inquérito que apresentaram mais variação: comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (ponto 3), que apresentou quatro variantes (*banzeiro*, *redemoinho*, *furacão* e *ventania*) e a comunidade Cacau (ponto 1), que apresentou três variantes distintas (*redemoinho*, *furacão* e *ventania*).

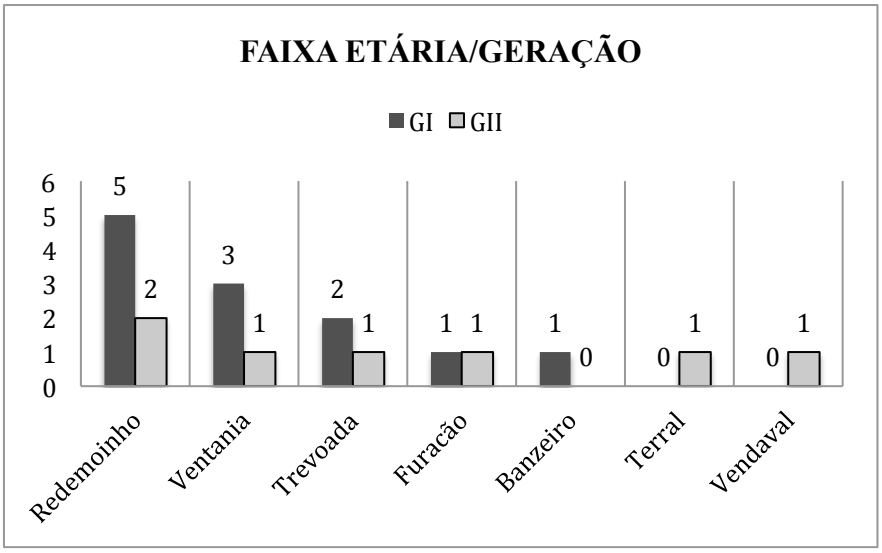
Do ponto de vista diassexual, a variante *redemoinho* prevaleceu entre os homens, com cinco ocorrências, enquanto que entre as mulheres foram registradas duas ocorrências. A variante *trevoada* apresentou duas ocorrências entre as mulheres e uma única ocorrência entre os homens. Também tivemos a variante *ventania* registrada exclusivamente entre as mulheres com quatro ocorrências, assim como a variante *terral* (uma ocorrência). Já entre os homens, tivemos com exclusividade as variantes *banzeiro* e *vendaval*. Vejamos os resultados no gráfico que segue:

Gráfico 18 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L06 – questão QSL 07 (*redemoinho do vento*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *redemoinho* prevaleceu entre os mais jovens, com cinco ocorrências, ante as duas ocorrências registradas entre os colaboradores mais velhos. Vejamos no gráfico 19 esses resultados:

Gráfico 19 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L06 – questão QSL 07 (*redemoinho do vento*).



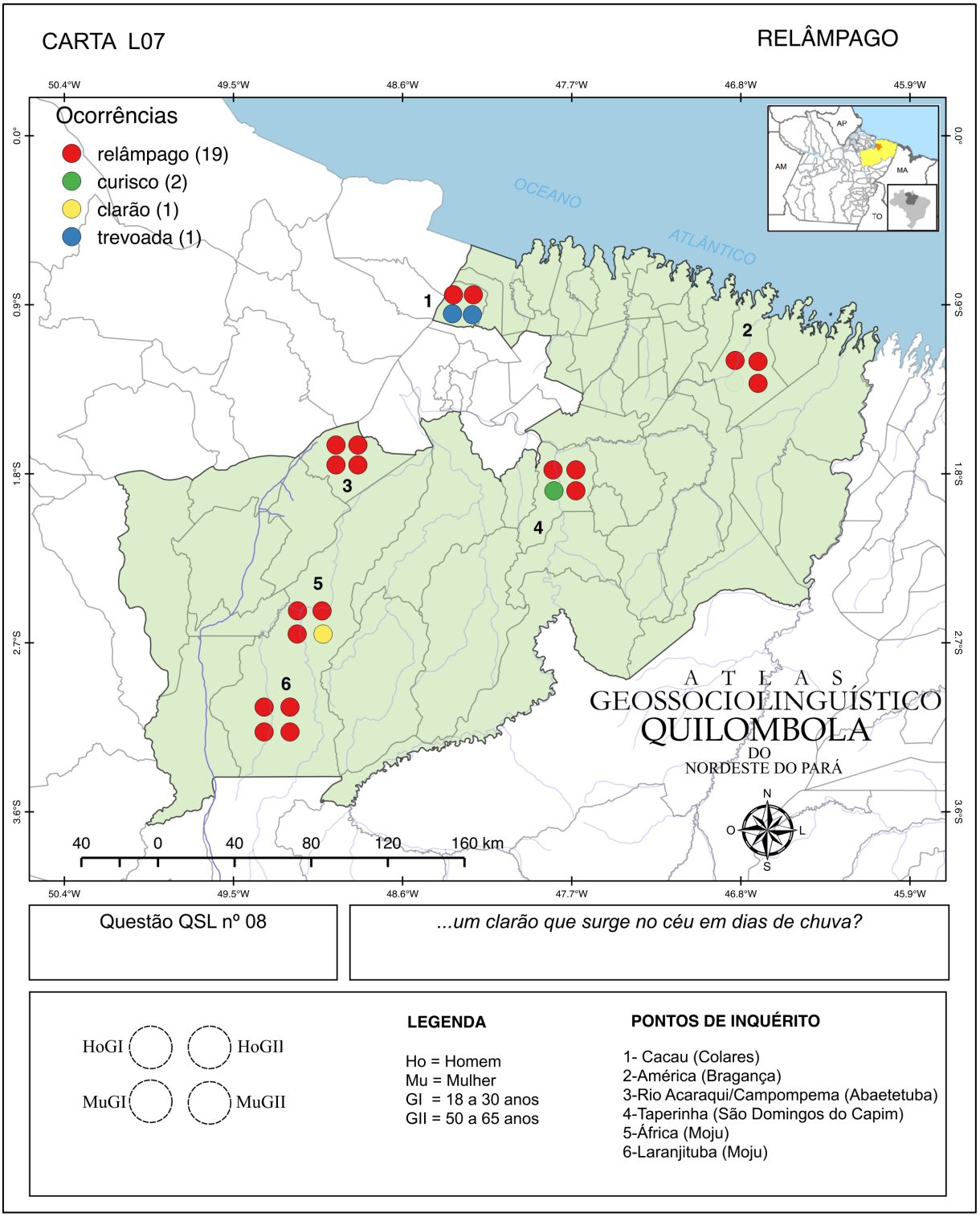
Também tivemos as variantes *terral* e *vendaval* registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e a variante *banzeiro* registrada uma única vez entre os mais jovens. As variantes *ventania* e *trevoada* também prevaleceram entre os mais jovens, apesar da diferença em relação aos mais velhos ter sido pequena.

3.3.2.2 Relâmpago

...um clarão que surge no céu em dias de chuva?

A questão nº 8, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *relâmpago* (dezenove ocorrências), *curisco* (duas ocorrências), *clarão* (uma ocorrência) e *trevoada* (uma ocorrência). Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta a seguir:

Imagem 48 - Carta L07 – questão QSL 08 (*relâmpago*).



Como podemos visualizar, em contraste aparente, na carta L07, a variante *relâmpago* ocorreu em todos os pontos e predominou, em termos de frequência, em cinco dos seis pontos

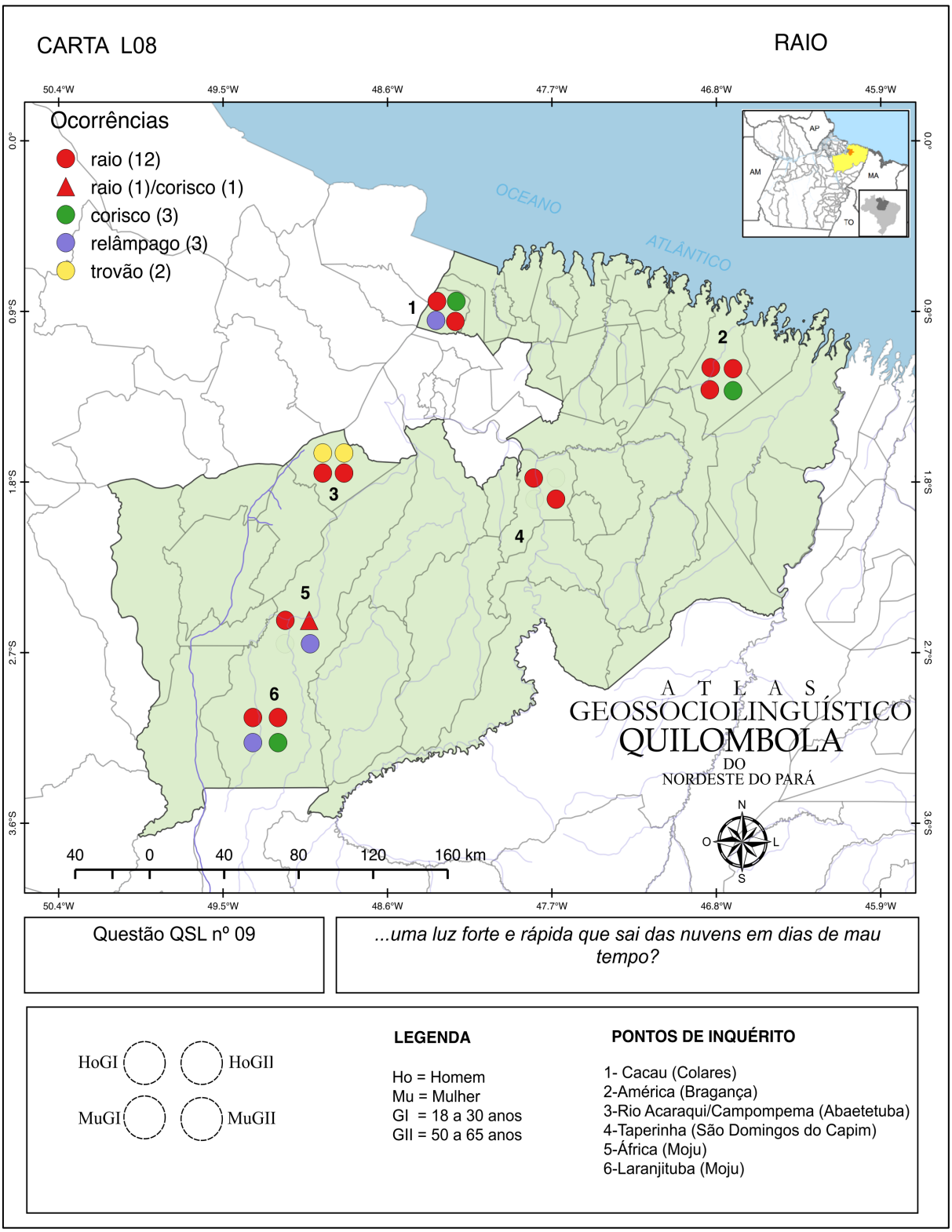
de inquérito, com exceção do ponto de inquérito 1 (Cacau), em que tivemos as variantes *relâmpago* e *trevoada*, cada uma com metade das respostas (duas ocorrências para cada). A variante *trevoada* foi usada apenas por mulheres e nas duas gerações. A variante *curisco* foi registrada exclusivamente no ponto de inquérito 4 (Taperinha) entre as respostas das mulheres e da faixa etária mais jovem (GI), enquanto que a variante *clarão* foi usada apenas no ponto de inquérito 5 (África) por uma mulher da geração mais velha (GII). Cabe notar que, enquanto os homens usam uma única variante, as mulheres apresentam uso mais heteroléxico, com quatro variantes ao todo.

3.3.2.3 Raio

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

A questão nº 9, do QSL, teve como respostas as seguintes variantes: *raio* (treze ocorrências), *curisco* (quatro ocorrências), *relâmpago* (três ocorrências) e *trovão*, com duas ocorrências. Os resultados representados na carta abaixo mostram a variante *raio* com elevado número de ocorrências e presente em todos os seis pontos de inquérito do AGQUINPA, como podemos observar na distribuição diatópica na carta L08:

Imagem 49 - Carta L08 – questão QSL 09 (*raio*).



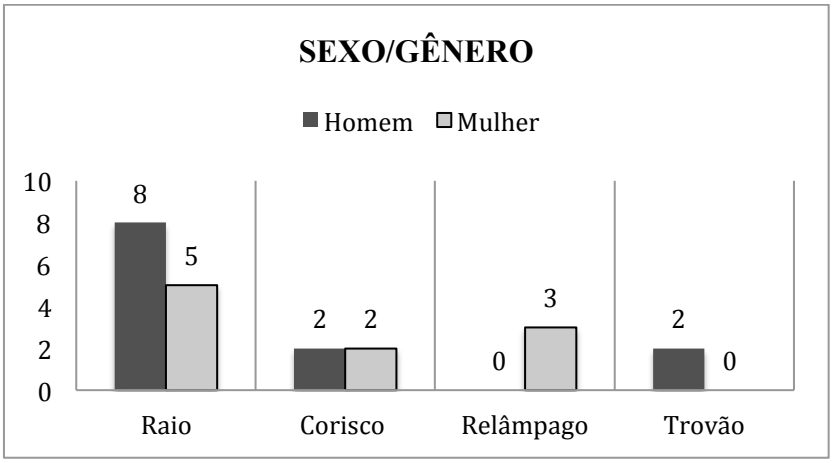
Na carta L08, podemos observar que a variante *raio* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito da AGQUINPA, a saber: Cacau (ponto 1), América (ponto 2), África

(ponto 5) e Laranjituba (ponto 6), enquanto que no ponto 4 tivemos apenas o registro da variante *raio* e no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos duas variantes com a mesma quantidade de ocorrências (*raio* e *trovão*).

As comunidades Cacau (ponto 1), África (ponto 5) e Laranjituba (ponto 6) foram as que apresentaram maior variação, com três variantes para cada comunidade respectivamente. Cabe destacar, também, que apenas o ponto de inquérito 4 (Taperinha) apresentou norma monoléxica e as demais comunidades apresentaram norma heteroléxica.

Os resultados diassexuais mostraram a variante *raio* com oito ocorrências entre os homens e cinco ocorrências entre as mulheres. Vejamos esses resultados completos no gráfico 20:

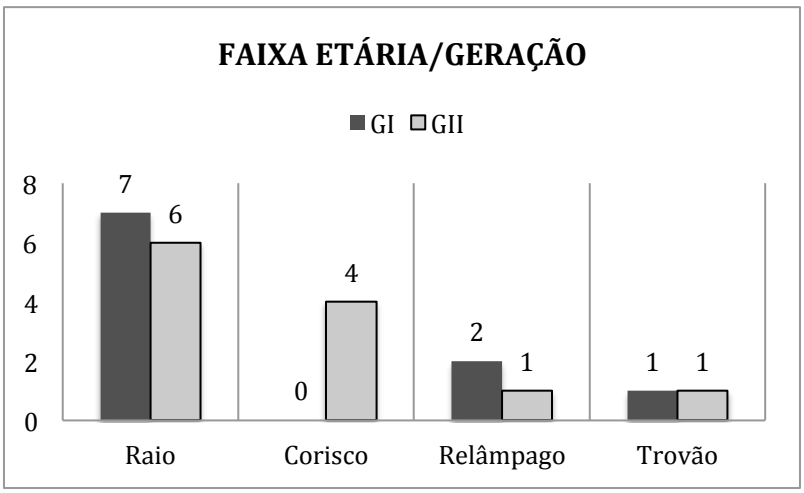
Gráfico 20 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L08 – questão QSL 09 (*raio*).



No gráfico 20, podemos observar que a variante *corisco* teve a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres. Já a variante *relâmpago* teve três ocorrências exclusivamente entre as mulheres e duas ocorrências registradas exclusivamente entre os homens.

Do ponto de vista diageracional, a variante *raio* foi registrada sete vezes entre os mais jovens (GI) e seis vezes entre os colaboradores mais velhos (GII), como podemos constatar no gráfico que segue:

Gráfico 21 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L08 – questão QSL 09 (*raio*).



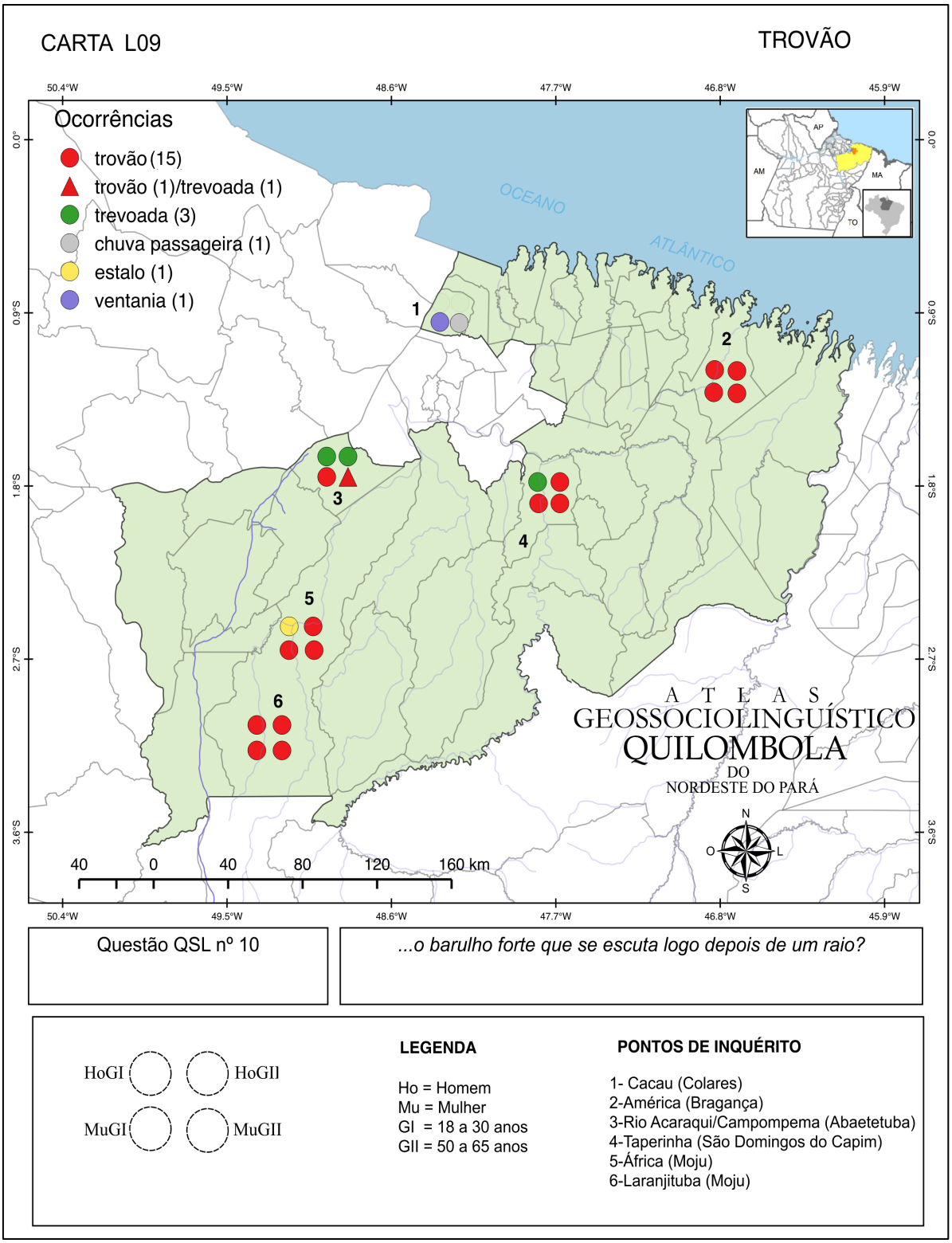
Como é possível observar no gráfico 21, apenas a variante *corisco* foi registrada exclusivamente entre os mais velhos, enquanto que as demais variantes (*relâmpago* e *trovão*) foram usadas por colaboradores de ambos os sexos e sem diferença estatística significante.

3.3.2.4 Trovão

... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?

A questão nº 10, do QSL, apresentou as seguintes respostas: *trovão* (dezesseis ocorrências), *trevoada* (quatro ocorrências), além de *ventania*, *estalo* e *chuva passageira*, com uma ocorrência cada. A variante *trovão* prevaleceu entre as respostas dos colaboradores, como podemos conferir na distribuição diatópica das variantes na carta L09:

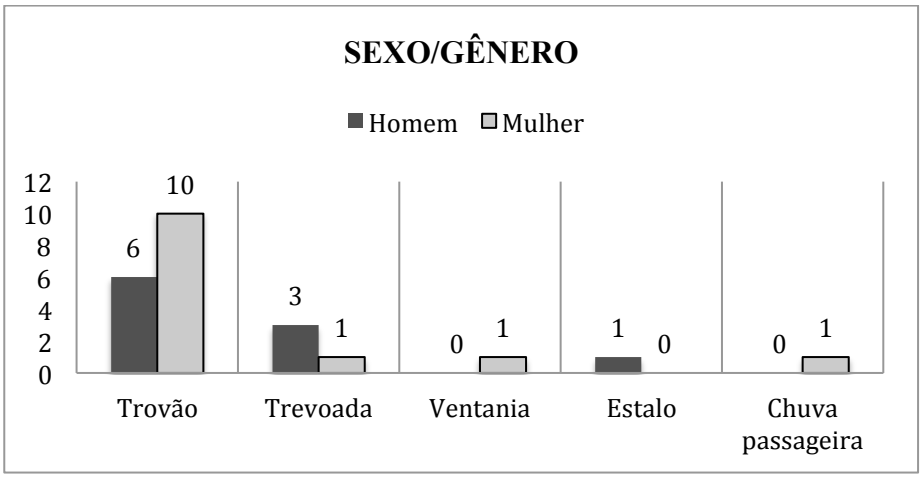
Imagem 50 - Carta L09 – questão QSL 10 (*trovão*).



Como é possível visualizar na carta anterior, a variante *trovão* prevaleceu em grande parte dos pontos de inquérito do AGQUINPA (quatro dos seis pontos), com exceção do ponto de inquérito 1 (Cacau), em que tivemos o registro de apenas duas variantes (*chuva passageira* e *ventania*), e do ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), em que prevaleceu a variante *trevoada*. Os pontos de inquérito 2 e 6 apresentaram norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades tivemos a prevalência de norma heteroléxica.

A variante de maior ocorrência (*trovão*) prevaleceu entre as respostas das colaboradoras mulheres, com dez ocorrências no total, enquanto que entre os homens tivemos seis respostas para esta mesma variante. Vejamos, abaixo, os resultados referentes à dimensão diassexual:

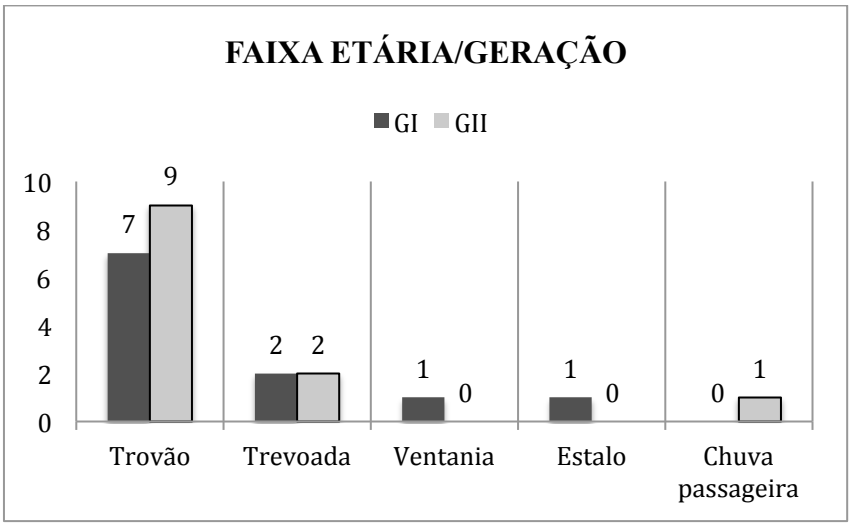
Gráfico 22 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L09 – questão QSL 10 (*trovão*).



No gráfico 22, também podemos visualizar a variante *trevoada* com três ocorrências entre os homens e apenas uma ocorrência entre as mulheres. Já a variante *estalo* foi registrada exclusivamente entre os homens e as variantes *ventania* e *chuva passageira* exclusivamente entre as mulheres.

Do ponto de vista diageracional, a variante *trovão* teve maior ocorrência entre os colaboradores mais velhos (GII), com nove respostas, enquanto que entre os mais jovens (GI) houve sete respostas para a mesma variante. Vejamos os resultados no gráfico que segue:

Gráfico 23 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L09 – questão QSL 10 (*trovão*).



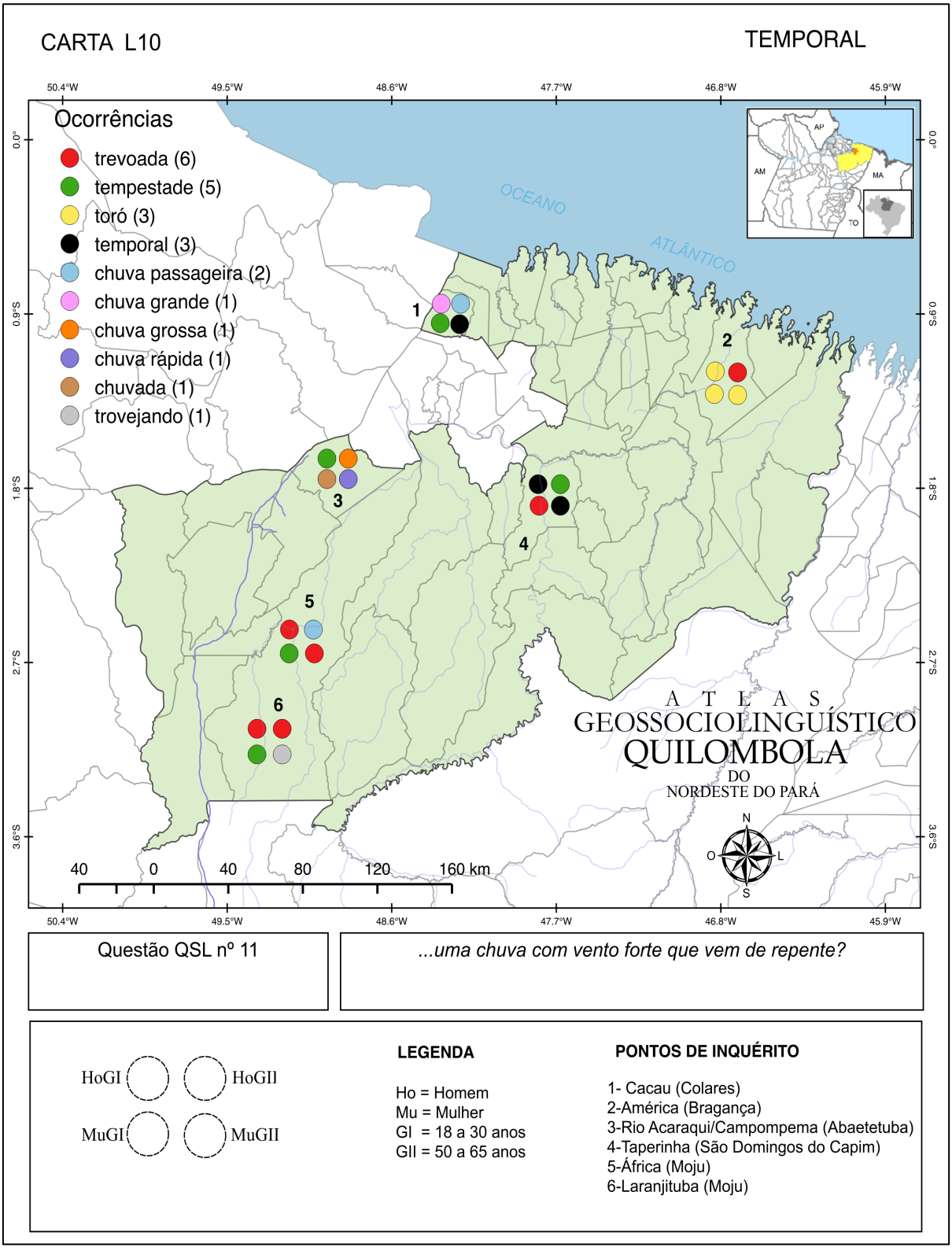
Também podemos observar no gráfico 23, que a variante *trevoada* apresentou a mesma quantidade de ocorrências para ambas as gerações e as variantes *ventania* e *estalo* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, enquanto que a variante *chuva passageira* foi usada apenas por uma colaboradora.

3.3.2.5 Temporal

... uma chuva com vento forte que vem de repente?

A questão nº 11, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *trevoada* (seis ocorrências), *tempestade* (cinco ocorrências), *toró* e *temporal* (três ocorrências cada), *chuva passageira* (duas ocorrências), além de *chuva grande*, *chuva grossa*, *chuva rápida*, *chuvada* e *trovejando*, com uma ocorrência cada. Para esta questão, tivemos grande número de variantes (dez no total) e as variantes de maior ocorrência foram *trevoada* e *tempestade*, como podemos verificar na distribuição diatópica presente na carta L10:

Imagem 51 - Carta L10 – questão QSL 11 (*temporal*).

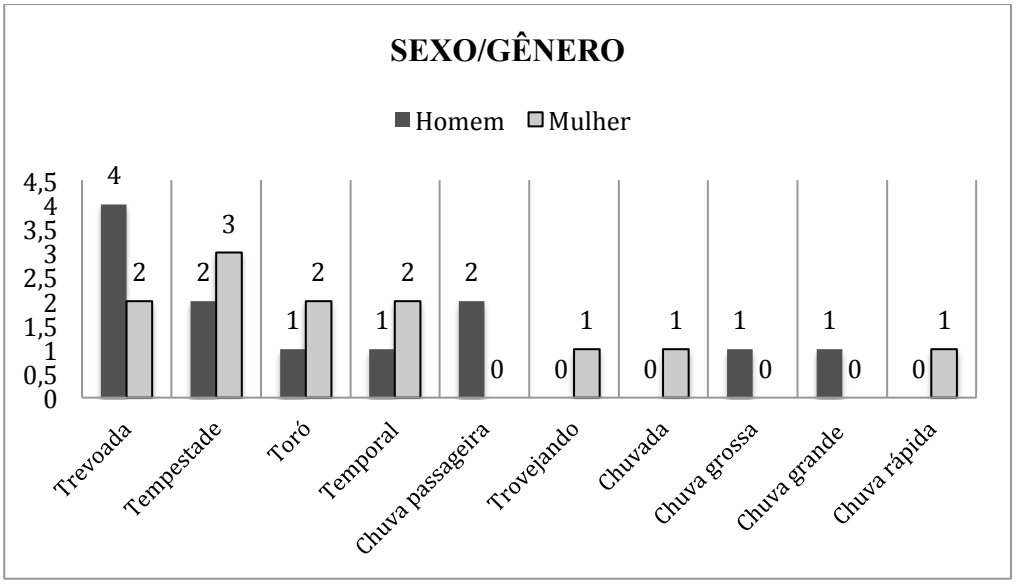


Como podemos observar na carta L10, apenas nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba), a variante *trevoada* prevaleceu, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos outras variantes prevalecendo, como no ponto 2 (América), onde a variante *toró* apresentou maior ocorrência, e no ponto 4 (Taperinha), em que a variante *temporal* prevaleceu.

Os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) foram os pontos que apresentaram maior variação, com quatro variantes distintas, a saber: *chuva grande*, *chuva passageira*, *tempestade* e *temporal*, registradas na comunidade Cacau (ponto 1) e *tempestade*, *chuva grossa*, *chuvada* e *chuva rápida*, registradas na comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (ponto 3). Cabe destacar que em todas as comunidades a norma observada é heteroléxica.

Já os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram que a variante *trevoada* prevaleceu entre as respostas dos colaboradores homens (quatro ocorrências), perante duas ocorrências da mesma variante registradas entre as respostas das colaboradoras mulheres. Entre as mulheres, a variante *tempestade* foi a variante de maior ocorrência (três respostas), ante duas ocorrências registradas entre os homens. Vejamos os resultados completos no gráfico 24:

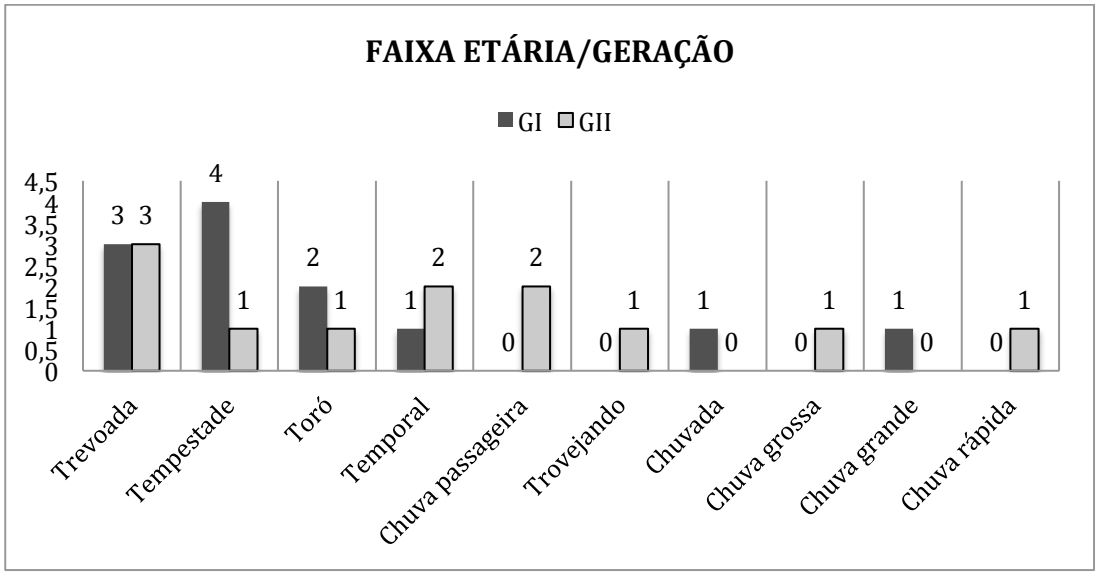
Gráfico 24 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L10 – questão QSL 11 (*temporal*).



Como podemos observar no gráfico anterior, as variantes *trovejando*, *chuvada* e *chuva rápida* foram registradas exclusivamente entre as mulheres, enquanto que as variantes *chuva passageira*, *chuva grossa* e *chuva grande* foram usadas apenas entre os homens. As variantes *toró* e *temporal* foram registradas em ambos os sexos, com pequena diferença estatística.

A dimensão diageracional apontou a variante *trevoada* com a mesma quantidade de ocorrências tanto entre os mais jovens (GI) quanto entre os mais velhos (GII), com três respostas para cada geração. Já a variante *tempestade* prevaleceu entre os colaboradores mais jovens, com quatro respostas ante única resposta registrada entre os mais velhos. Vejamos os resultados no gráfico 25:

Gráfico 25 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L10 – questão QSL 11 (*temporal*).



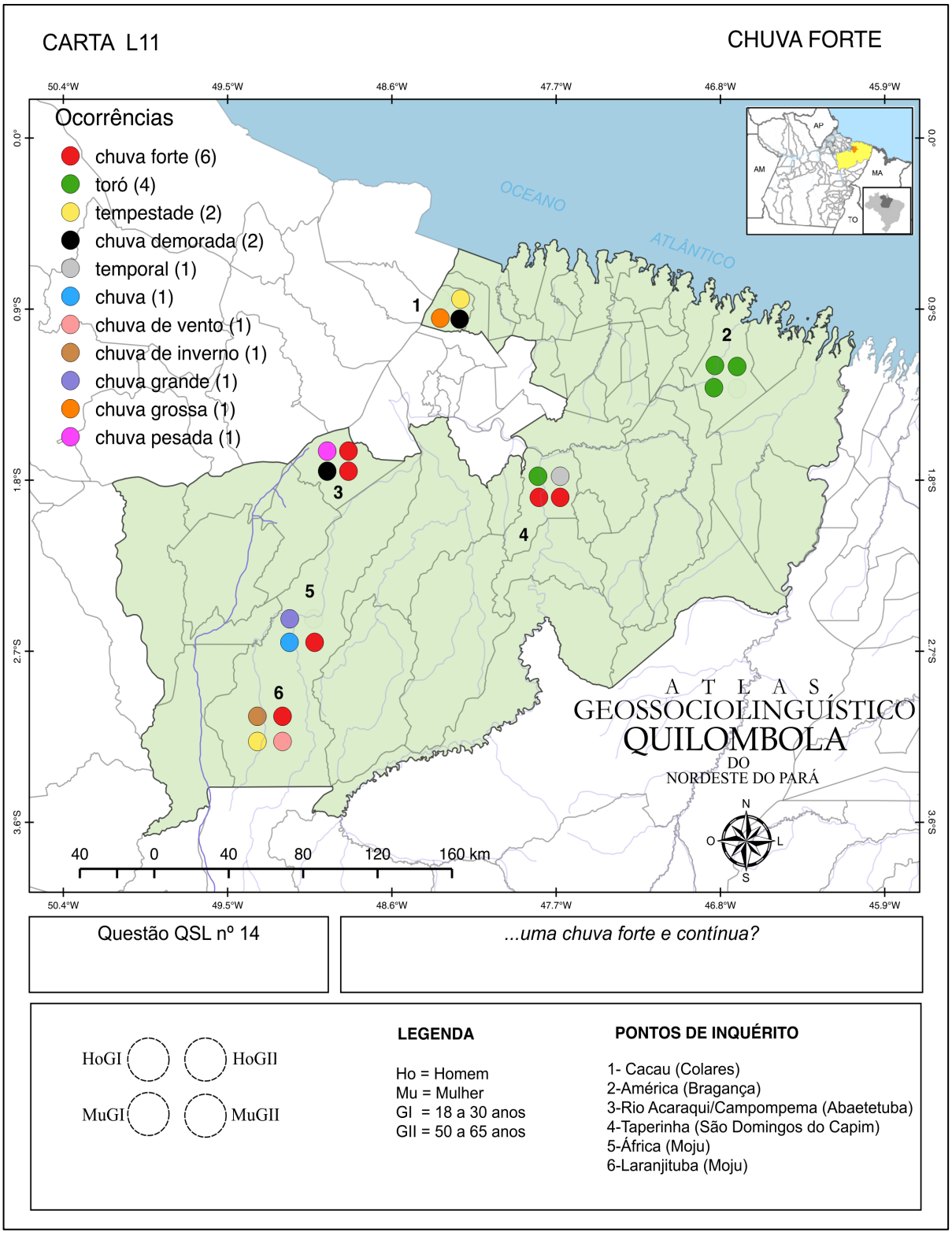
As variantes *chuvada* e *chuva grande* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, enquanto que entre os mais velhos tivemos com exclusividade as variantes *chuva passageira*, *trovejando*, *chuva grossa* e *chuva rápida*. A variante *toró* apresentou duas ocorrências entre os mais jovens e uma única ocorrência entre os mais velhos. Já a variante *temporal* teve duas ocorrências entre os mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens.

3.3.2.6 Chuva forte

... uma chuva forte e contínua?

Para a questão nº 14, do QSL, tivemos as seguintes variantes registradas: *chuva forte* (seis ocorrências), *toró* (quatro ocorrências), *tempestade* (duas ocorrências), *chuva demorada* (duas ocorrências), além de *temporal*, *chuva*, *chuva de vento*, *chuva de inverno*, *chuva grande*, *chuva grossa* e *chuva pesada*, com uma ocorrência cada. Esta questão apresentou onze variantes distintas, dentre as quais, *chuva forte* e *toró*, que figuram como as variantes de maior ocorrência. Na carta L11, podemos conferir a distribuição diatópica das respostas registradas no AGQUINPA:

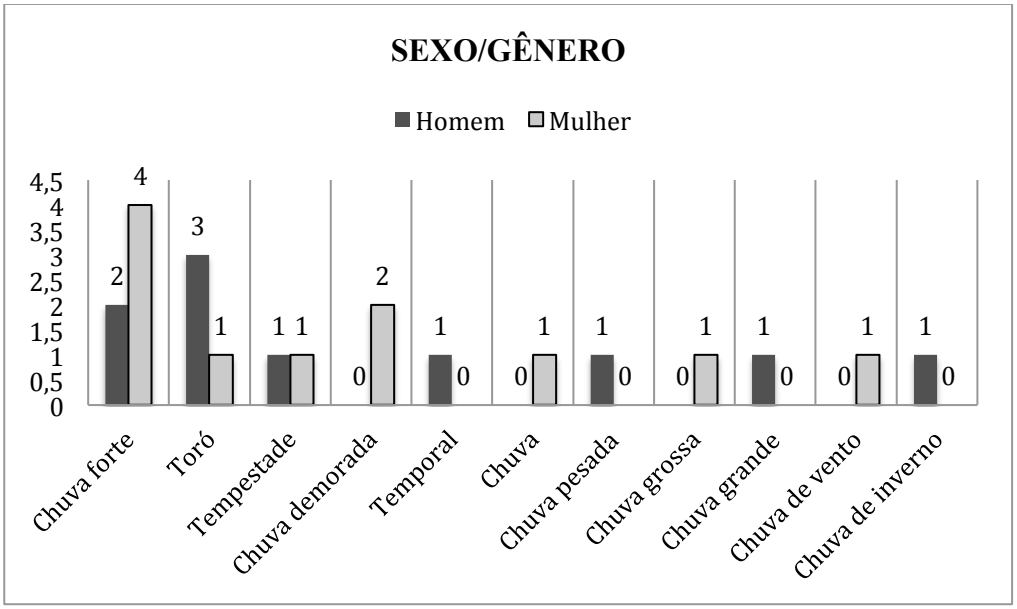
Imagem 52 - Carta L11 – questão QSL 14 (*chuva forte*).



Como podemos observar na carta L11, a variante *chuva forte* prevaleceu apenas nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha) e a variante *toró* prevaleceu apenas no ponto 2 (América). Os demais pontos de inquérito apresentaram elevada variação, com destaque para o ponto 6 (Laranjituba), que teve quatro variantes distintas (*chuva de inverno*, *chuva forte*, *tempestade* e *chuva de vento*). Também podemos visualizar que apenas no ponto de inquérito 2 (América) tivemos a ocorrência de norma monoléxica.

Do ponto de vista diassexual, a variante *chuva forte* prevaleceu entre as respostas das mulheres (quatro ocorrências) e a variante *toró* apresentou maior ocorrência entre os colaboradores homens (três ocorrências). Vejamos os resultados completos desta dimensão no gráfico 26:

Gráfico 26 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L11 – questão QSL 14 (*chuva forte*).

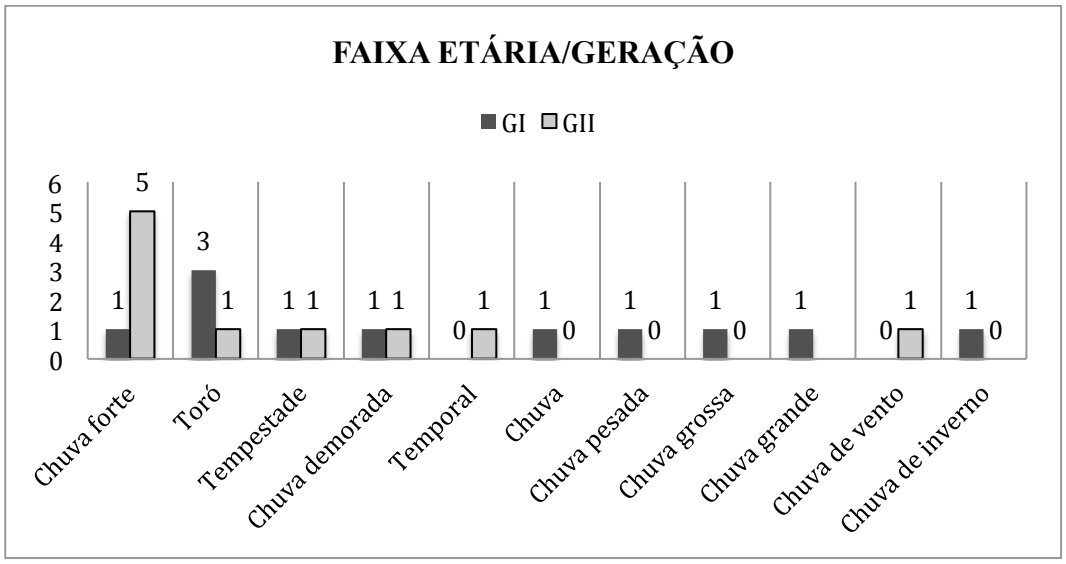


No gráfico 26, podemos observar que as variantes *temporal*, *chuva pesada*, *chuva grande* e *chuva de inverno* foram registradas exclusivamente entre os homens, enquanto que as variantes *chuva demorada*, *chuva*, *chuva grossa* e *chuva de vento* foram usadas apenas por mulheres.

Os resultados da dimensão diageracional mostraram que a variante *chuva forte* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos (GII), com cinco ocorrências no total,

enquanto que entre os colaboradores mais jovens tivemos a prevalência da variante *toró*, com três respostas. Vejamos os resultados no gráfico que segue:

Gráfico 27 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L11 – questão QSL 14 (*chuva forte*).



As variantes *tempestade* e *chuva demorada* foram registradas em ambas as gerações, enquanto que as variantes *chuva*, *chuva pesada*, *chuva grossa*, *chuva grande* e *chuva de inverno* foram usadas exclusivamente entre os mais jovens e as variantes *temporal* e *chuva de vento* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

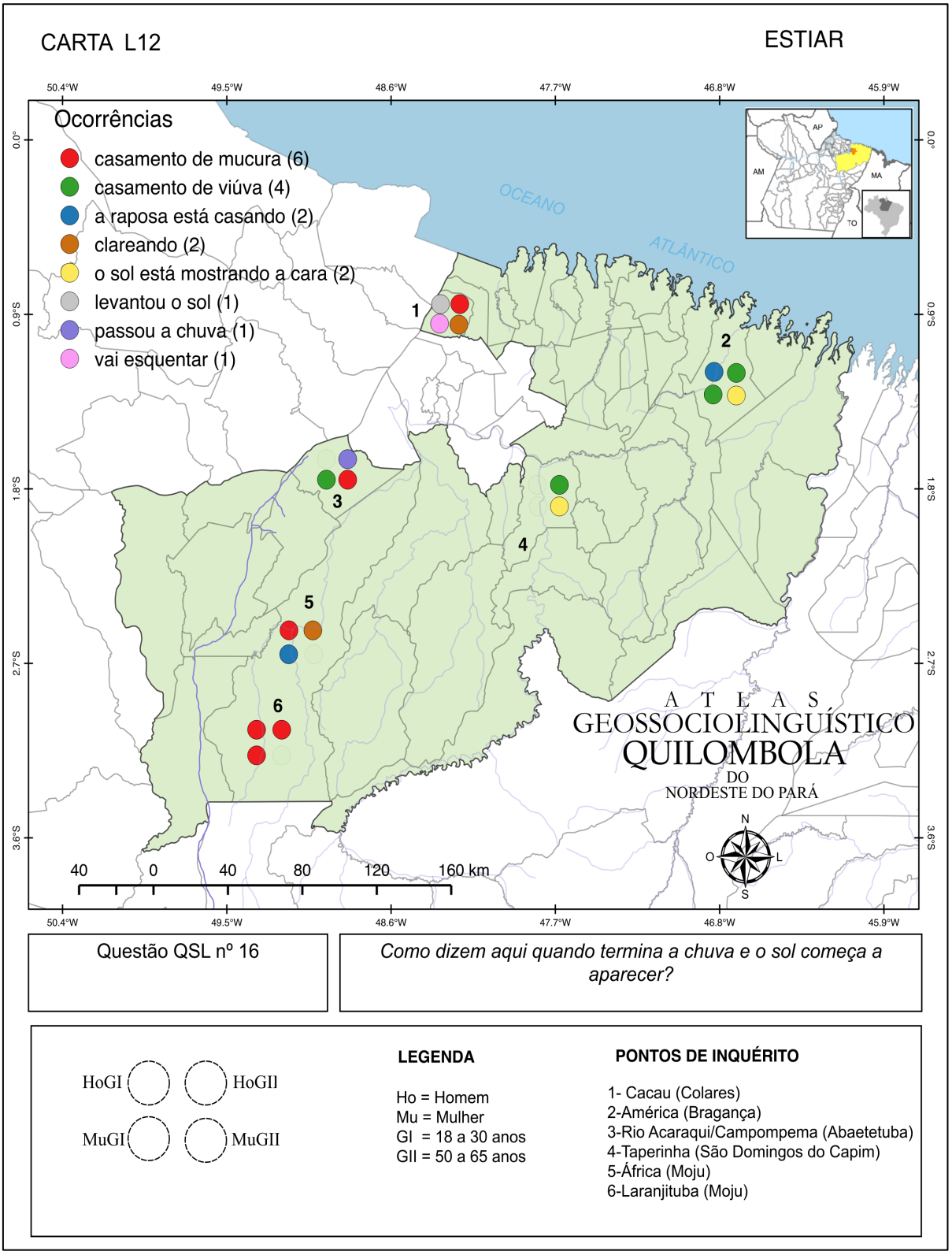
3.3.2.7 Estiar

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

A questão nº 16, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *casamento de mucura* (seis ocorrências), *casamento de viúva* (quatro ocorrências), *a raposa está casando* (duas ocorrências), *clareando* (duas ocorrências), *o sol está mostrando a cara* (duas ocorrências),

além de *levantou o sol*, *passou a chuva* e *vai esquentar*, com um a ocorrência cada. Na carta L12, podemos observar a prevalência na região da variante *casamento de mucura*:

Imagem 53 - Carta L12 – questão QSL 16 (*estiar*).

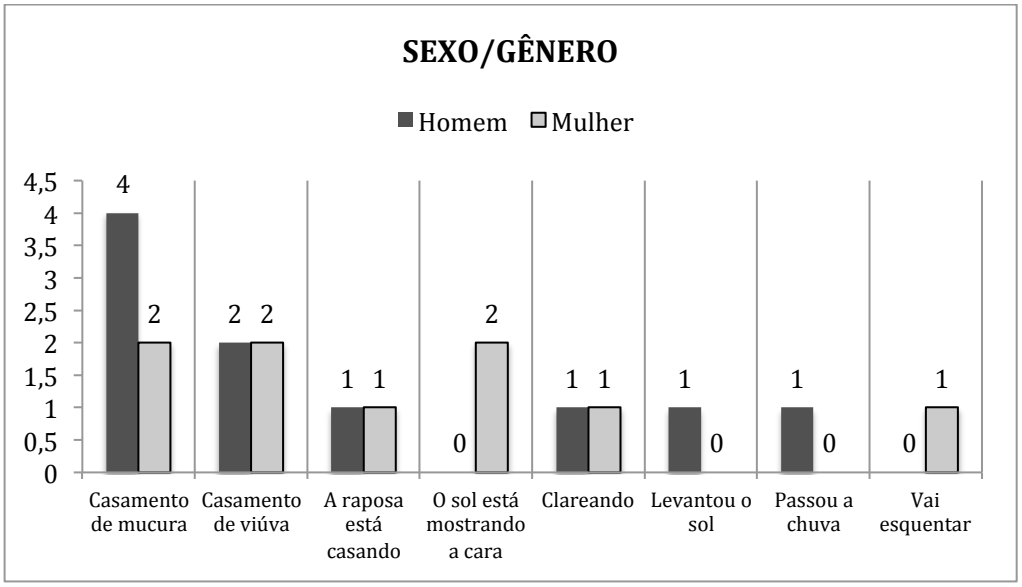


Como é possível observar na carta L12, a variante de maior ocorrência na região (*casamento de mucura*) prevaleceu apenas no ponto 6 (Laranjituba) e foi registrada pelo menos uma vez em quatro dos seis pontos de inquérito (pontos 1-Cacau, 3-Rio Acaraqui/Campompema, 5-África e 6-Laranjituba), enquanto que no ponto de inquérito 2 (América) prevaleceu a variante *casamento de viúva*. Nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África), tivemos elevada variação, com destaque para o ponto de inquérito 1 (América), onde tivemos quatro variantes distintas, a saber: *levantou o sol*, *casamento de mucura*, *vai esquentar* e *clareando*. Apenas no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades registrada normas heteroléxicas.

Para esta questão, tivemos unidades lexicais complexas, como *casamento de mucura*, *casamento de viúva*, além de unidades fraseológicas, como *a raposa está casando* e *o sol está mostrando a cara*. Destacamos também a presença de verbos no gerúndio, como *clareando*, *casando (a raposa está casando)*, que dão a ideia de processo em andamento.

Do ponto de vista diassexual, a variante de maior ocorrência (*casamento de mucura*) prevaleceu entre os colaboradores homens, com quatro respostas, perante duas respostas registradas entre as mulheres e a variante *casamento de viúva* teve a mesma quantidade ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (duas ocorrências para cada sexo). Vejamos os resultados completos no gráfico 28:

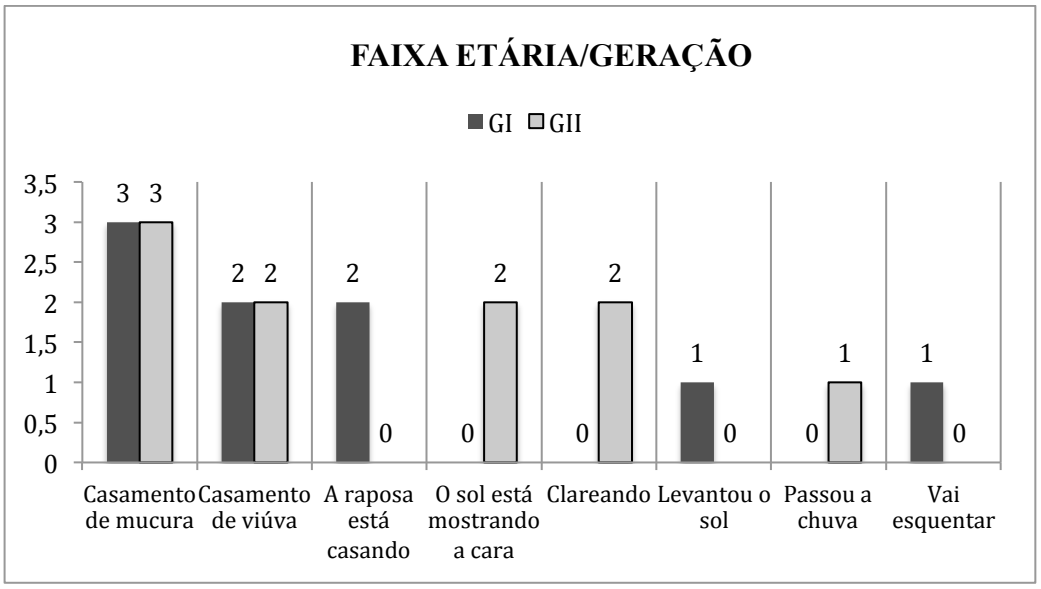
Gráfico 28 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L12 – questão QSL 16 (*estiar*).



As variantes *a raposa está casando* e *clareando* apresentaram uma ocorrência para cada sexo, já as variantes *levantou o sol* e *passou a chuva* foram registradas exclusivamente entre os homens e as variantes *o sol está mostrando a cara* e *vai esquentar* foram usadas exclusivamente entre as mulheres.

Já do ponto de vista diageracional, a variante *casamento de mucura* apresentou a mesma quantidade de ocorrências (três respostas) tanto entre colaboradores mais jovens quanto entre os colaboradores mais velhos. O mesmo ocorreu com a segunda variante de maior ocorrência (*casamento de viúva*), com duas ocorrências para ambas as gerações Vejamos os resultados no gráfico 29:

Gráfico 29 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L12 – questão QSL 16 (*estiar*).



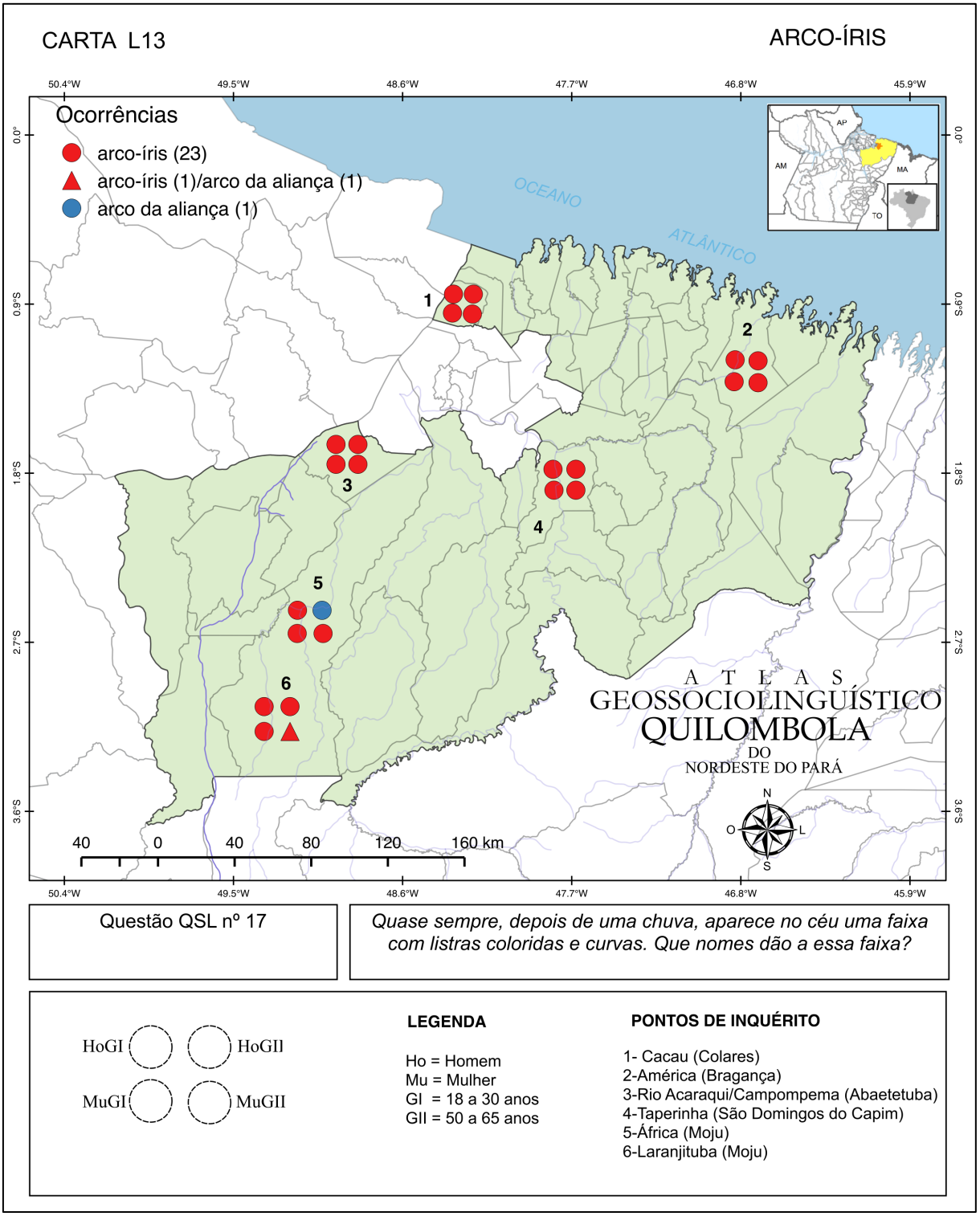
Também podemos observar no gráfico 29 que as variantes *a raposa está casando, levantou o sol* e *vai esquentar* foram registradas apenas entre os mais jovens, enquanto que entre os colaboradores mais velhos registramos exclusivamente as variantes *o sol está mostrando a cara*, *clareando* e *passou a chuva*.

3.3.2.8 Arco-íris

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?

Para a questão nº 17, do QSL, tivemos as seguintes variantes: *arco-íris* (vinte e quatro ocorrências) e *arco da aliança*, com duas ocorrências. Vejamos, na carta L13, a distribuição das variantes:

Imagem 54 - Carta L13 – questão QSL 17 (*arco-íris*).



Na carta L13, é possível observar que a variante *arco-íris* ocorreu e predominou em todos os seis pontos de inquérito. Também tivemos o registro da variante *arco da aliança*,

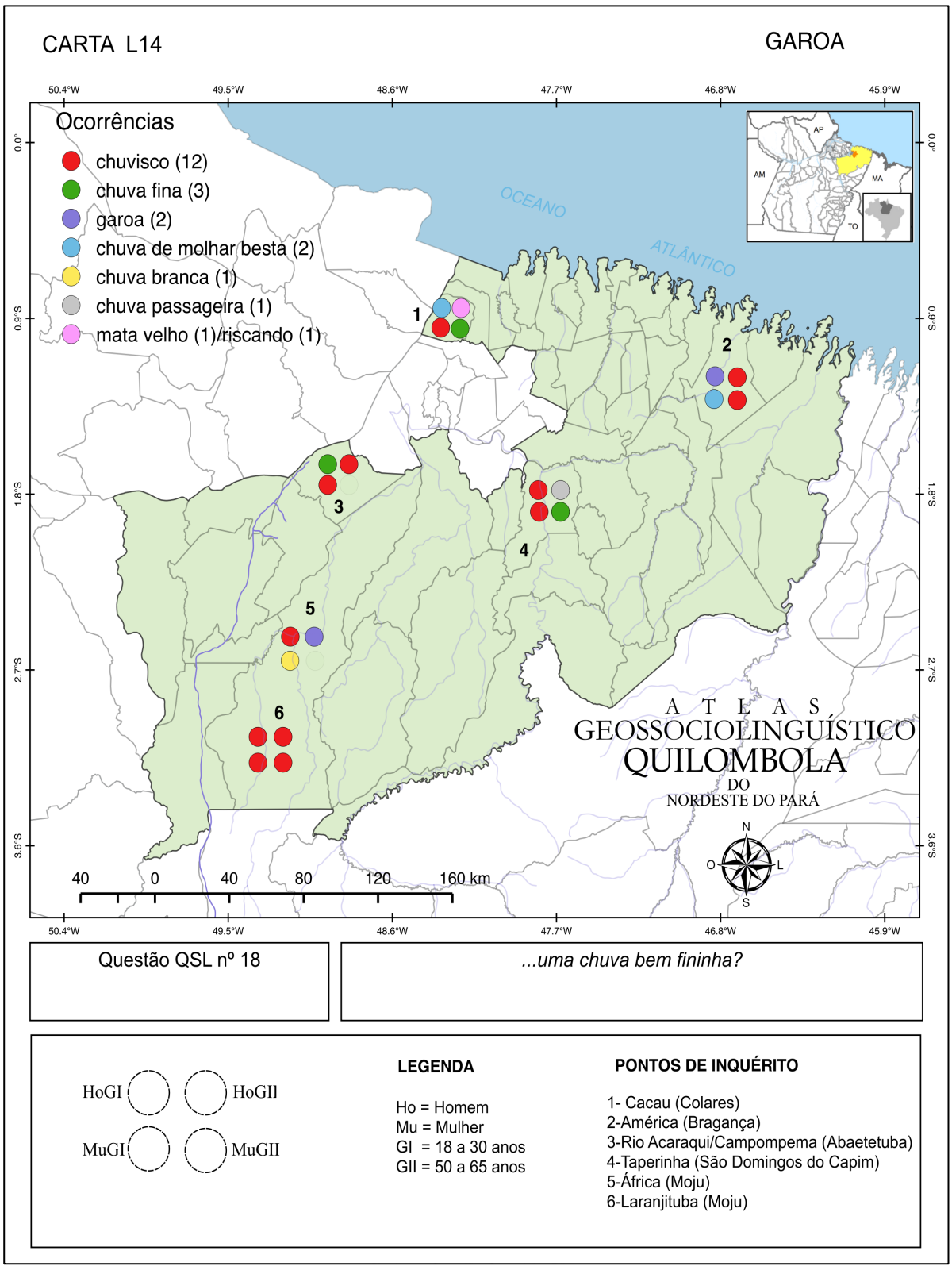
com duas ocorrências exclusivamente entre os colaboradores mais velhos (GII) em ambos os sexos.

3.3.2.9 Garoa

...uma chuva bem fininha?

A pergunta de nº 18, do QSL, apresentou as seguintes variantes No AGQUINPA: *chuvisco* (doze ocorrências), *chuva fina* (três ocorrências), *garoa* e *chuva de molhar besta*, com duas ocorrências cada, além das variantes *chuva branca*, *chuva passageira*, *mata velho* e *riscando*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L14, a distribuição diatópica das variantes mapeadas no AGQUINPA para a questão:

Imagem 55 - Carta L14 – questão QSL 18 (*garoa*).

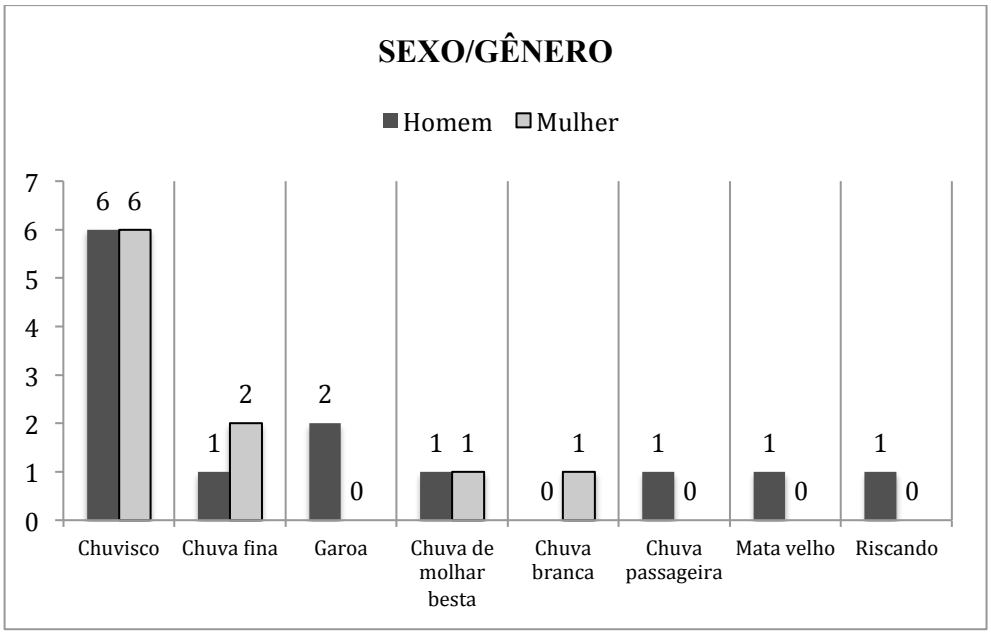


A variante de maior ocorrência (*chuvisco*) prevaleceu nos pontos 2 (América), 3 (rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba). O ponto de inquérito 1 (Cacau)

apresentou o maior número de variantes (*chuva de molhar besta*, *mata velho*, *chuvisco* e *chuva fina)*. Destacamos entre os resultados o ponto de inquérito 6 (Laranjituba), o único que apresentou norma monoléxica para esta questão do QSL.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *chuvisco* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (seis respostas para cada sexo), como podemos observar no gráfico 30:

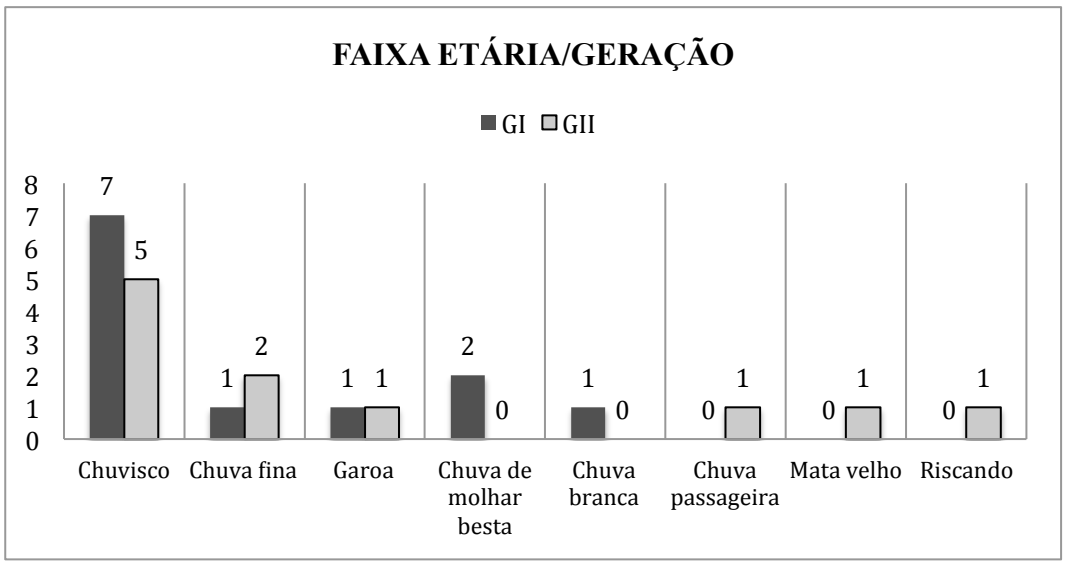
Gráfico 30 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L14 – questão QSL 18 (*garoa*).



As variantes *chuva fina* e *chuva de molhar besta* foram registradas em ambos os sexos e as variantes *garoa*, *chuva passageira*, *mata velho* e *riscando* figuraram apenas entre as respostas dos homens, enquanto que a variante *chuva branca* foi registrada exclusivamente entre as mulheres.

Já a dimensão diageracional mostrou a prevalência da variante *chuvisco* entre os colaboradores mais jovens, com sete ocorrências no total, ante cinco ocorrências registradas entre os colaboradores mais velhos. Vejamos os resultados no gráfico 31:

Gráfico 31 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L14 – questão QSL 18 (*garoa*).



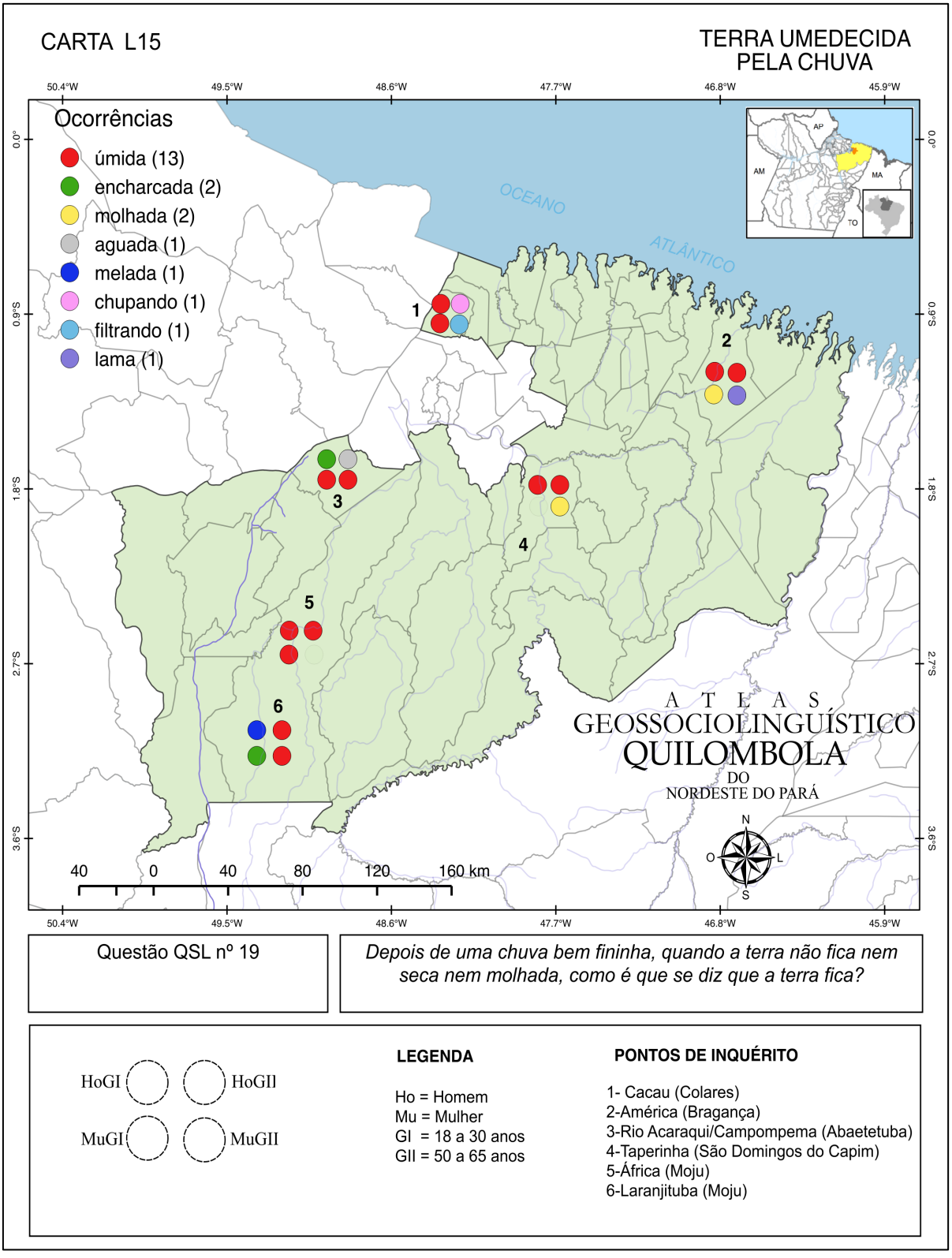
Como podemos verificar no gráfico 31, as variantes *chuva fina* e *garoa* foram registradas em ambas as gerações, enquanto que as variantes *chuva de molhar besta* e *chuva branca* foram usadas exclusivamente por colaboradores mais jovens e as variantes *chuva passageira*, *mata velho* e *riscando* exclusivamente entre os mais velhos.

3.3.2.10 Terra umedecida pela chuva

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

Para a questão nº 19, do QSL, tivemos as seguintes variantes: *úmida* (treze ocorrências), *molhada* e *encharcada* (duas ocorrências cada), além de *aguada*, *melada*, *chupando*, *filtrando* e *lama*, com uma ocorrência cada. Na carta L15, podemos observar que a variante *úmida* prevaleceu entre os seis pontos inquérito mapeados. Vejamos os resultados:

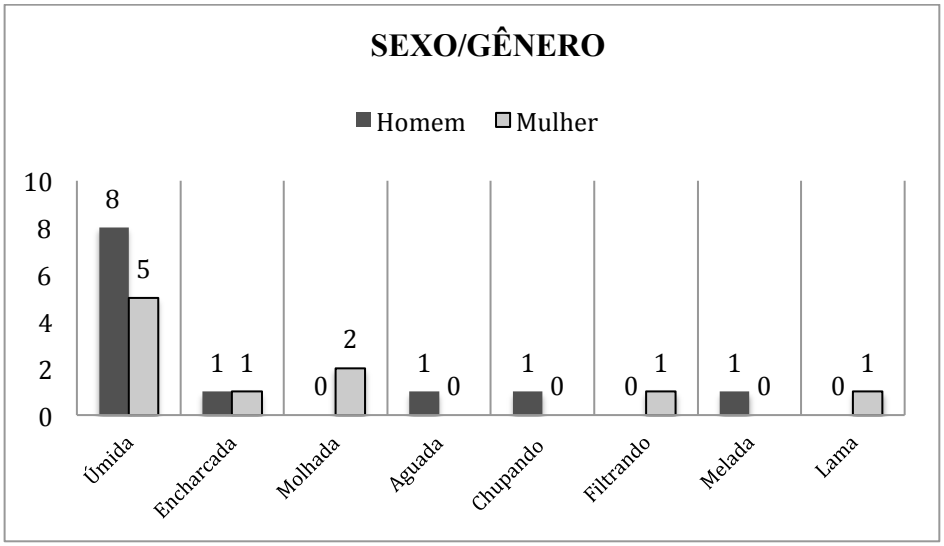
Imagem 56 - Carta L15 – questão QSL 19 (*terra umedecida pela chuva*).



É possível observar na carta L15 que a variante *úmida* prevaleceu em todos os pontos de inquérito, com destaque para o ponto de inquérito 5 (África), onde tivemos 100% de ocorrência para a variante em questão, portanto, o único em que tivemos a norma monoléxica.

No gráfico 32, podemos verificar que a variante *úmida* apresentou maior frequência entre os colaboradores homens (oito ocorrências no total), enquanto que entre as mulheres tivemos cinco ocorrências para a mesma variante. Vejamos os resultados completos a seguir:

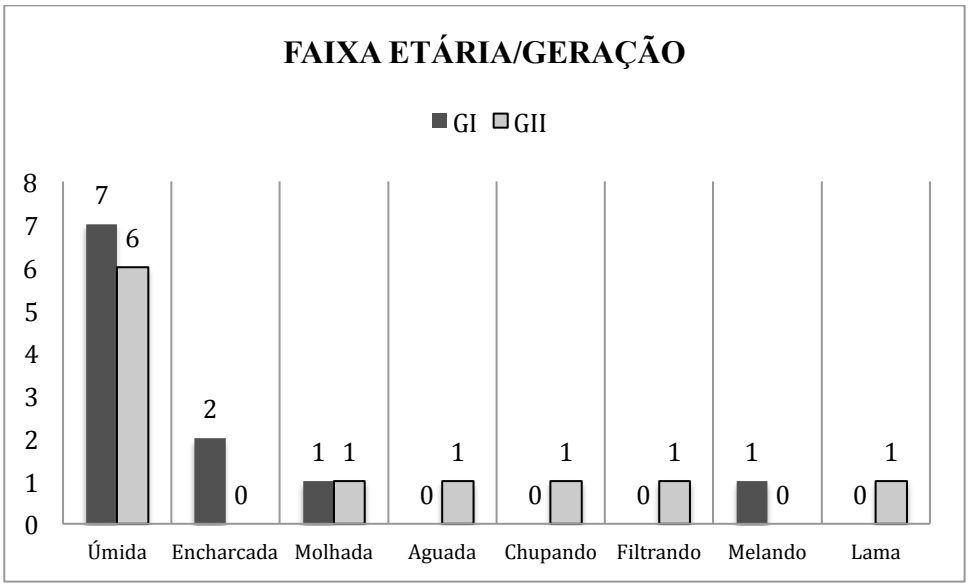
Gráfico 32 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L15 – questão QSL 19 (*terra umedecida pela chuva*).



Também tivemos as variantes *aguada*, *chupando* e *melada* registradas exclusivamente entre os homens, com uma ocorrência cada, e as variantes *molhada* (duas ocorrências) e *lama* exclusivamente entre as mulheres, com uma ocorrência. A variante *encharcada* foi registrada em ambos os sexos e com a mesma quantidade de respostas (uma ocorrência para cada sexo).

Do ponto de vista diageracional, tivemos sete respostas entre os colaboradores mais jovens para a variante *úmida* e seis ocorrências entre os colaboradores mais velhos, portanto, não houve diferença significativa entre as duas gerações consideradas. Vejamos os resultados no gráfico 33:

Gráfico 33 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L15 – questão QSL 19 (*terra umedecida pela chuva*).



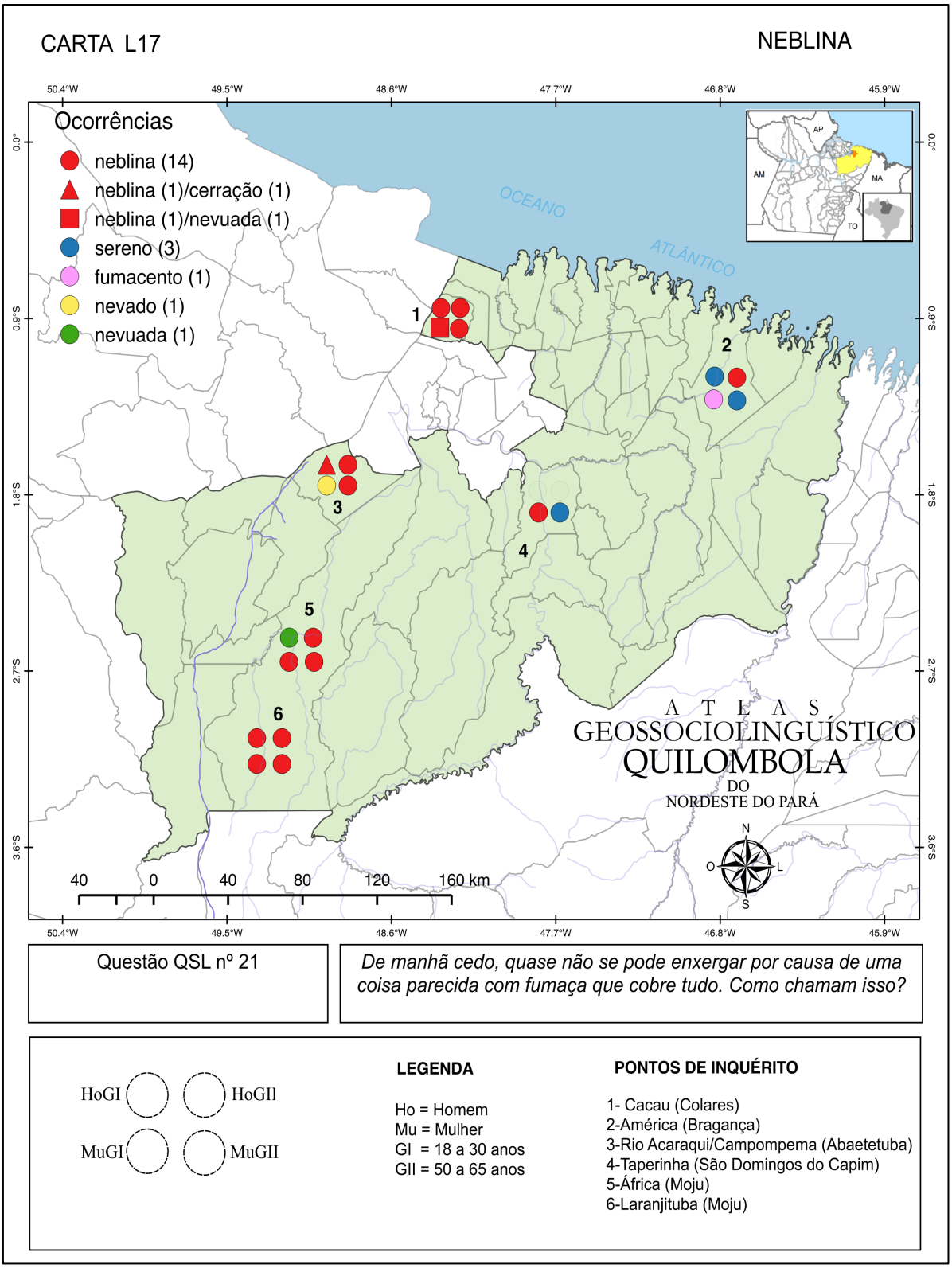
No gráfico 33, podemos observar que as variantes *encharcada* e *melando* foram registradas apenas entre os mais jovens, com uma ocorrência para cada variante, enquanto que entre os mais velhos tivemos exclusivamente as variantes *aguada*, *chupando*, *filtrando* e *lama*, também com uma ocorrência cada. A variante *molhada* foi registrada em ambas as gerações, com uma ocorrência por geração.

3.3.2.11 Neblina

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

A questão nº 21, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *neblina* (dezesseis ocorrências), *sereno* (três ocorrências), *nevuada* (duas ocorrências), além de *cerração*, *nevado* e *fumacento*, com uma ocorrência cada. Na carta L17, podemos observar que a variante *neblina* prevaleceu na maioria dos pontos de inquérito. Vejamos os resultados abaixo:

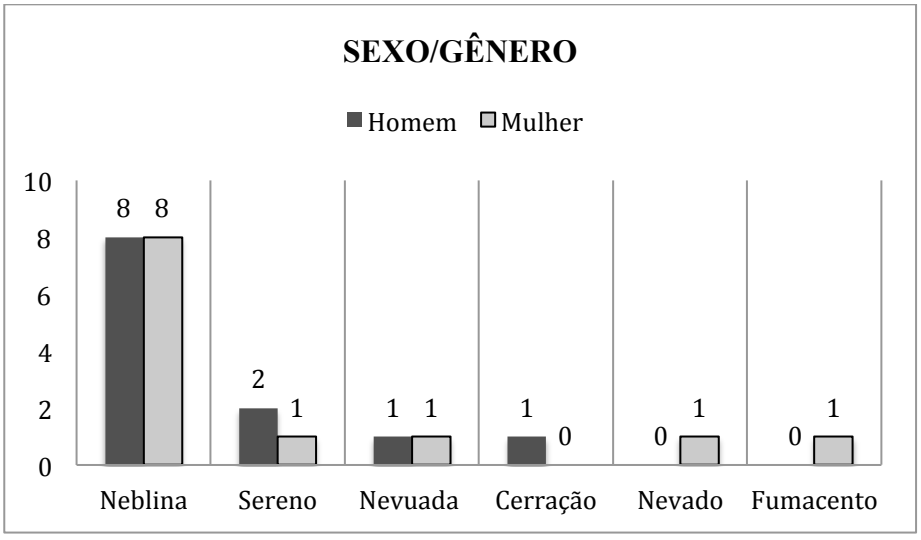
Imagem 57 - Carta L17 – questão QSL 21 (*neblina*).



Na carta L17, podemos constatar que a variante *neblina* prevaleceu nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 2 (América), prevaleceu a variante *sereno* e no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos o registro de apenas duas variantes (*neblina* e *sereno*) com uma ocorrência cada. Apenas o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades tivemos norma heteroléxica.

Do ponto de vista diassexual, a variante *neblina* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com oito respostas cada, portanto, não tivemos diferença estatística entre os dois sexos. Vejamos os resultados no gráfico que segue:

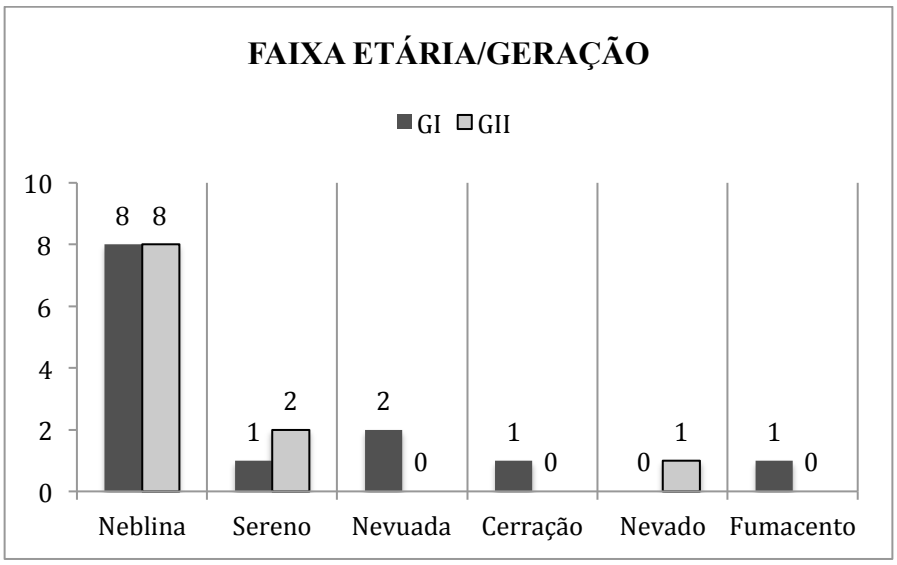
Gráfico 34 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L17 – questão QSL 21 (*neblina*).



No gráfico 34, também podemos observar que as variantes *sereno* e *nevuada* foram usadas por ambos os sexos, de modo que a diferença estatística também foi inexistente para a primeira e pequena para a segunda. Registramos a variante *cerração* exclusivamente entre os homens e as variantes *nevado* e *fumacento* exclusivamente entre as mulheres, todas com uma ocorrência cada.

Assim como na dimensão diassexual, a variante *neblina* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os colaboradores mais jovens quanto para os colaboradores mais velhos, com oito ocorrências para cada geração. Vejamos os resultados no gráfico 35:

Gráfico 35 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L17 – questão QSL 21 (*neblina*).



No gráfico 35, é possível observar que as variantes *nevuada*, *cerração* e *fumacento* foram usadas exclusivamente por colaboradores mais jovens, enquanto que a variante *nevado* foi registrada uma única vez entre os mais velhos. Por fim, a variante *sereno* foi usada por colaboradores de ambas as gerações, com duas ocorrências entre os mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens.

3.3.3 Astros e tempo

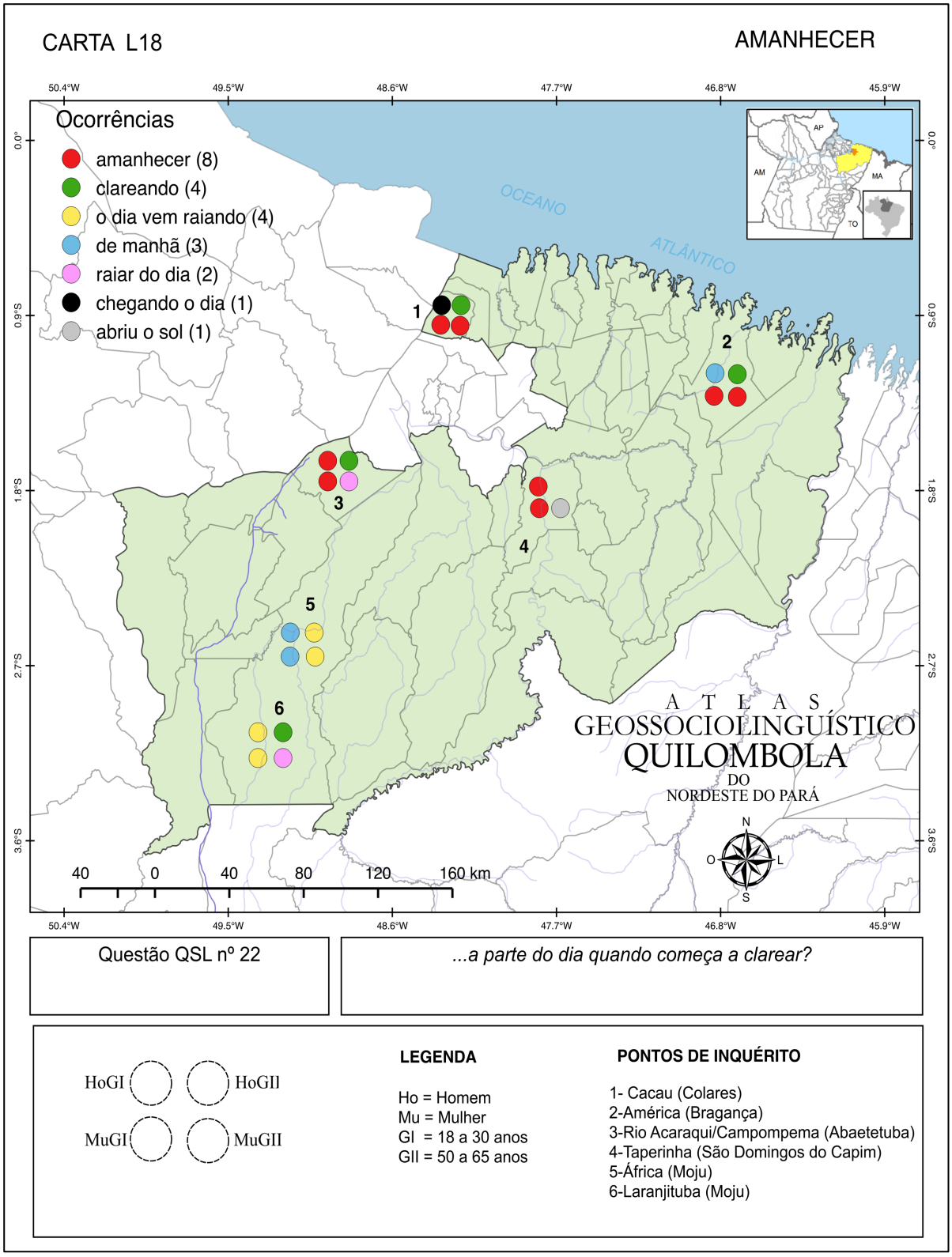
O campo semântico *astros e tempo* engloba questões relativas aos astros (*estrela cadente*, *estrela matutina*, *estrela vespertina*, etc.), fenômenos astronômicos (*amanhecer*, *entardecer*, *anoitecer*, etc.) e tempo cronológico (*ontem*, *anteontem*, *trasanteontem*, etc.). Este campo semântico possui dezessete questões, das quais descrevemos quatro cartas semântico-lexicais. Vejamos os resultados a seguir:

3.3.3.1 Amanhecer

... a parte do dia quando começa a clarear?

A questão nº 21, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *amanhecer* (oito ocorrências), *clareando* e *o sol vem raiando* (quatro ocorrências cada), *de manhã* (três ocorrências), *raiar do dia* (duas ocorrências), além de *chegando o dia* e *abriu o sol*, com uma ocorrência cada. Para esta questão, prevaleceu a variante *amanhecer*, como podemos observar na carta L18:

Imagem 58 - Carta L18 – questão QSL 22 (*amanhecer*).

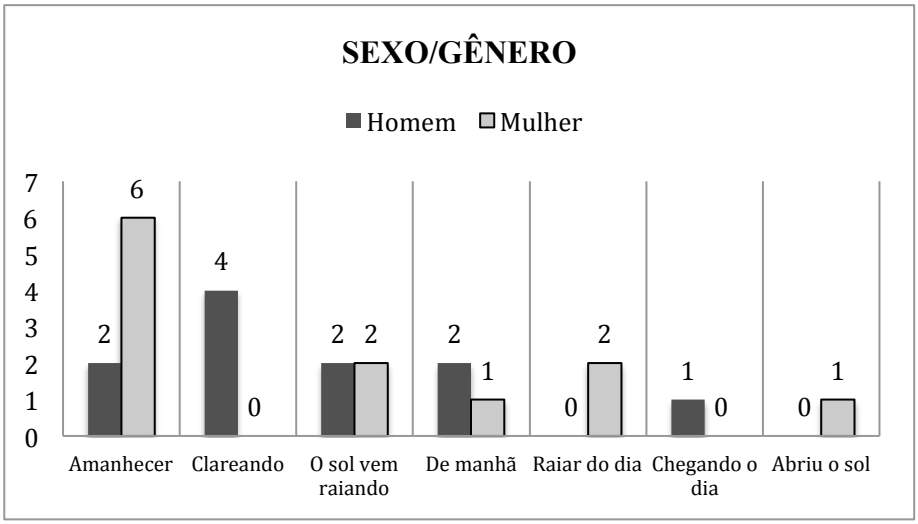


Na carta L18, podemos observar que a variante *amanhecer* prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América) 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha), enquanto que no ponto 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *o dia vem raiando* e, no ponto 5 (África), as variantes *o dia vem raiando* e *de manhã* apresentaram cada uma metade das ocorrências.

Em todos os seis pontos de inquérito, tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, o que demonstra elevada variação para esta questão.

Como podemos verificar no gráfico 42, referente à dimensão diassexual, a variante *amanhecer* prevaleceu entre as colaboradoras mulheres (seis ocorrências), ante duas ocorrências registradas entre os homens. Entre os colaboradores homens, tivemos o registro exclusivo da variante *clareando*, com quatro ocorrências no total. Vejamos os resultados:

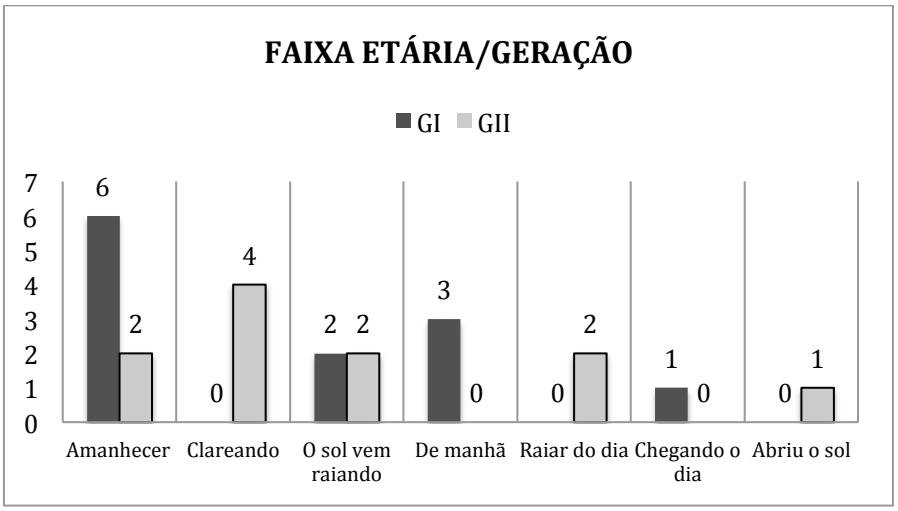
Gráfico 36 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L18 – questão QSL 22 (*amanhecer*).



No gráfico 36, também podemos visualizar que a variante *o sol vem raiando* apresentou duas ocorrências para ambos os sexos e a variante *de manhã* foi registrada duas vezes entre os homens e uma única vez entre as mulheres, enquanto que a variante *chegando o dia* foi usada exclusivamente por um colaborador homem, com uma ocorrência, e as variantes *raiar do dia* (duas ocorrências) e *abriu o sol* (uma ocorrência) foram usadas exclusivamente entre as mulheres.

Considerando a dimensão diageracional, podemos observar que a variante *amanhecer* prevaleceu entre os colaboradores mais jovens (seis ocorrências) e entre os colaboradores mais velhos, prevaleceu exclusivamente a variante *clareando*, como podemos conferir no gráfico a seguir:

Gráfico 37 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L18 – questão QSL 22 (*amanhecer*).



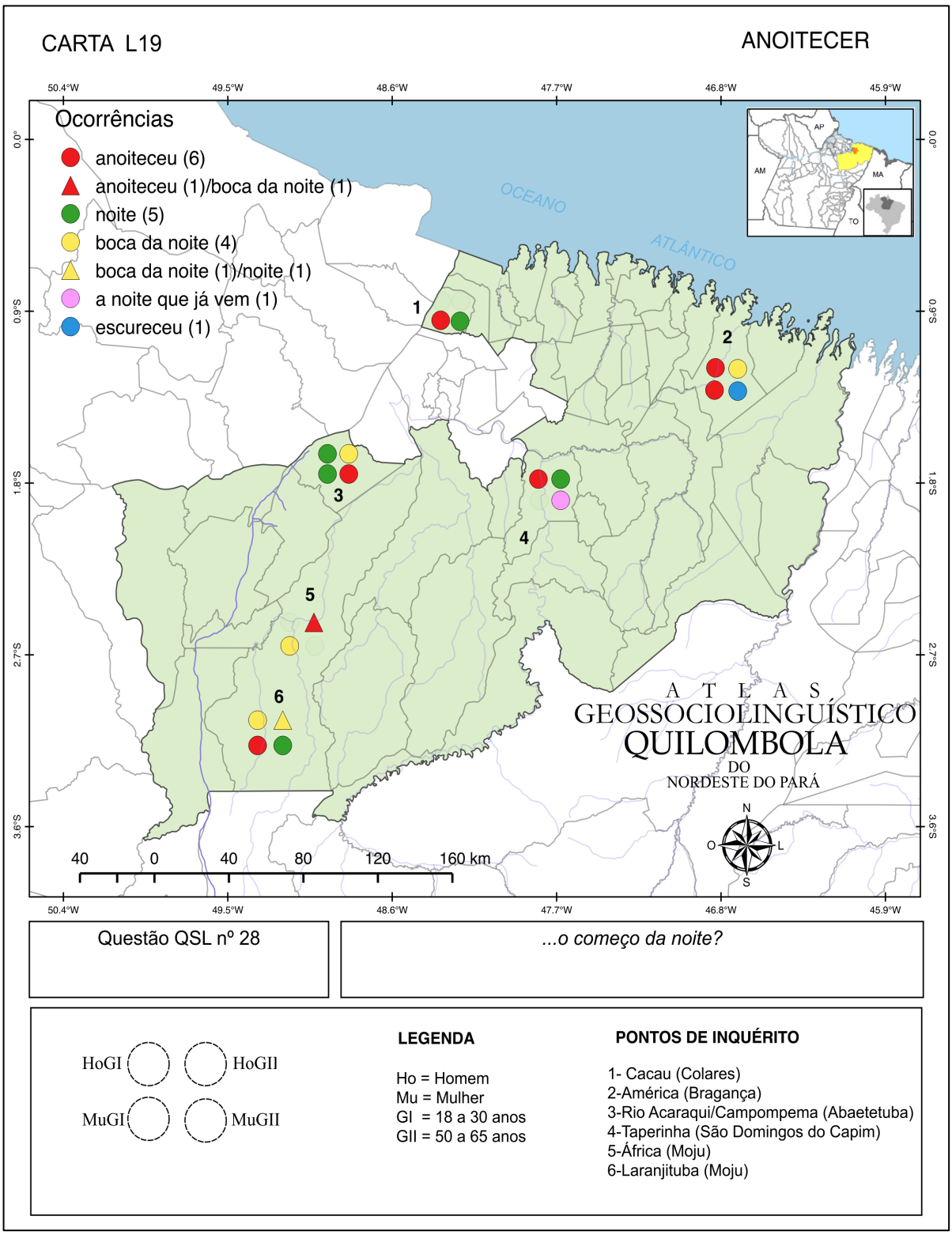
Como podemos constatar, a variante *o sol vem raiando* apresentou a mesma quantidade de ocorrências entre ambas as gerações (duas ocorrências cada), as variantes *de manhã* e *chegando o dia* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens e as variantes *raiar do dia* (duas ocorrências) e *abriu o sol* (uma ocorrência) foram registradas exclusivamente entre os mais velhos.

3.3.3.2 Anoitecer

... o começo da noite?

Tivemos, no AGQUINPA, as seguintes variantes para questão nº 28, do QSL: *anoiteceu* (seis ocorrências), *noite* (seis ocorrências), *boca da noite* (seis ocorrências), além de *a noite que já vem* e *escureceu*, com uma ocorrência cada. Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L19:

Imagem 59 - Carta L19 – questão QSL 28 (*anoitecer*).

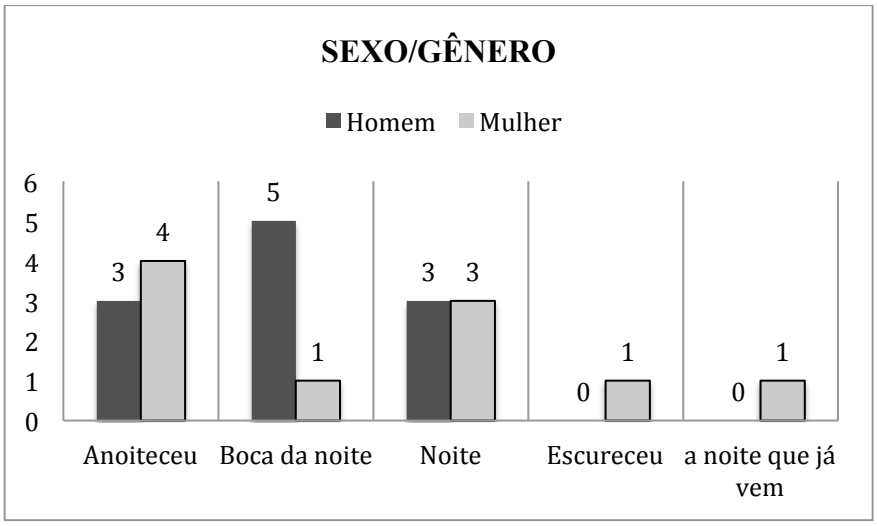


Como podemos observar na carta L19, a variante *anoiteceu* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 2 (América), enquanto que a variante *noite* prevaleceu apenas no ponto 3

(Rio Acaraqui/Campompema). No ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos a prevalência das variantes *boca da noite* e *noite*, com duas ocorrências cada. Em todos os pontos de inquérito, tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, portanto, com elevado índice de variação.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram que a variante *anoiteceu* apresentou 4 ocorrências entre as mulheres e três ocorrências entre os homens, já a variante *boca da noite* apresentou maior ocorrência entre os colaboradores homens (cinco ocorrências), como podemos observar no gráfico a seguir:

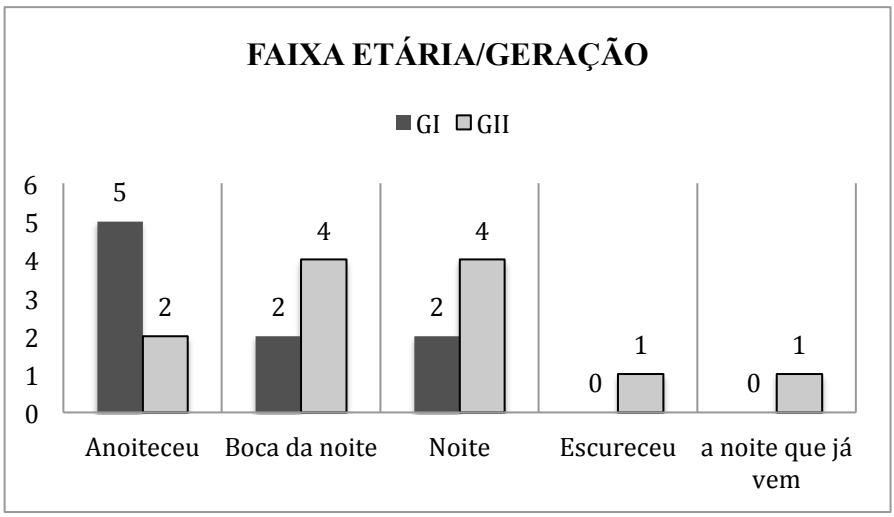
Gráfico 38 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L19 – questão QSL 28 (*anoitecer*).



Também tivemos a variante *noite* com a mesma quantidade de ocorrência em ambos os sexos (três para cada sexo) e as variantes *escureceu* e *a noite que já vem* registradas exclusivamente entre as mulheres.

A dimensão diageracional mostrou a prevalência da variante *anoiteceu* entre os colaboradores mais jovens (cinco ocorrências) e as variantes *noite* e *boca da noite* tiveram maior ocorrência entre os colaboradores mais velhos (quatro ocorrências cada variante). Vejamos os resultados no gráfico 39:

Gráfico 39 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L19 – questão QSL 28 (*anoitecer*).



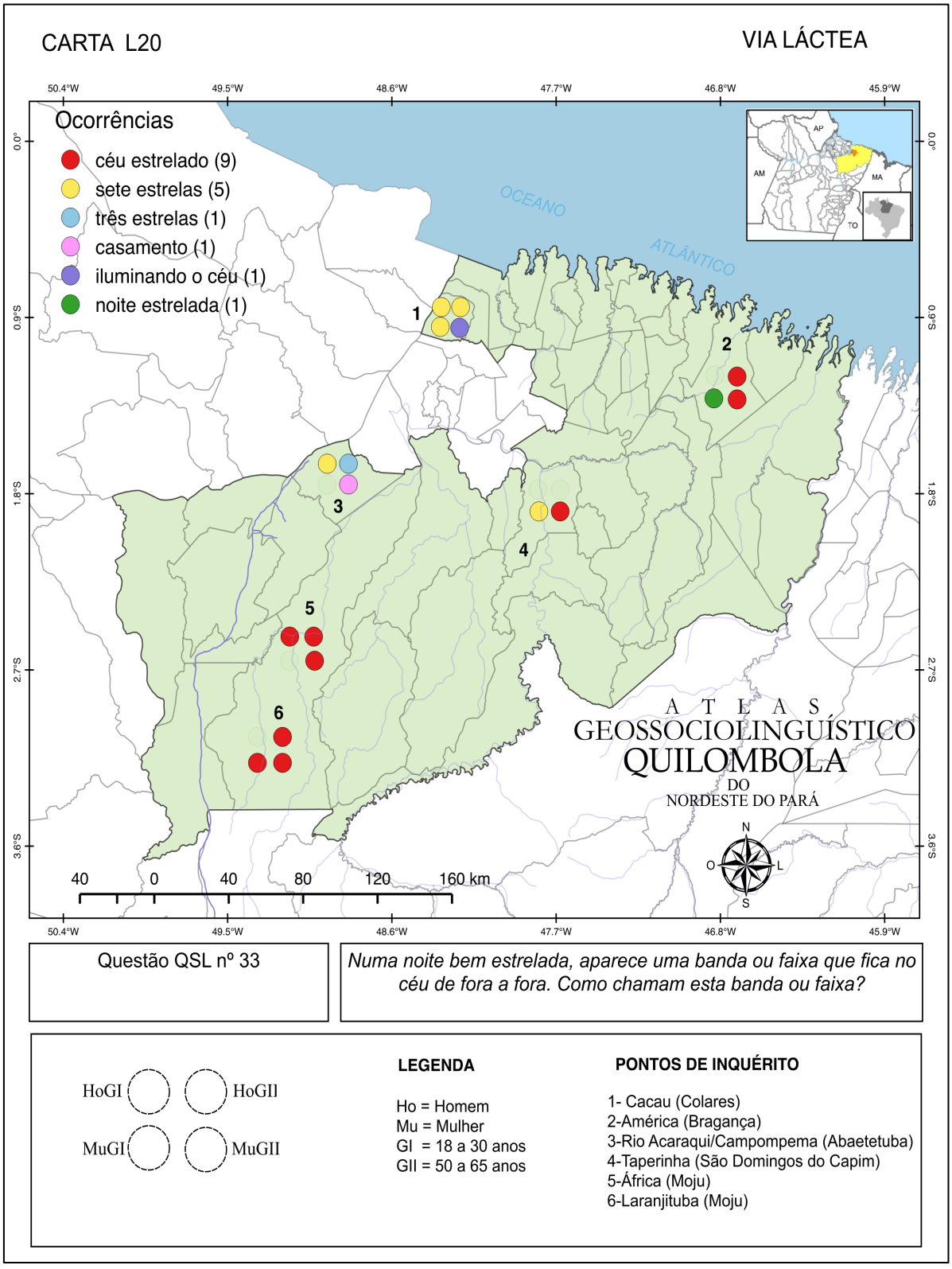
No gráfico 39, também podemos verificar que as variantes *anoiteceu*, *boca da noite* e *noite* foram registradas em ambas as gerações, enquanto que as variantes *escureceu* e *a noite que já vem* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com uma ocorrência cada.

3.3.3.3 Via Láctea

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

A questão nº 33, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *céu estrelado* (nove ocorrências), *sete estrelas* (cinco ocorrências), além de *três estrelas*, *casamento*, *iluminando o céu* e *noite estrelada*, com uma ocorrência cada. Na carta L20, podemos conferir a distribuição diatópica das variantes, bem como a prevalência da variante *céu estrelado*:

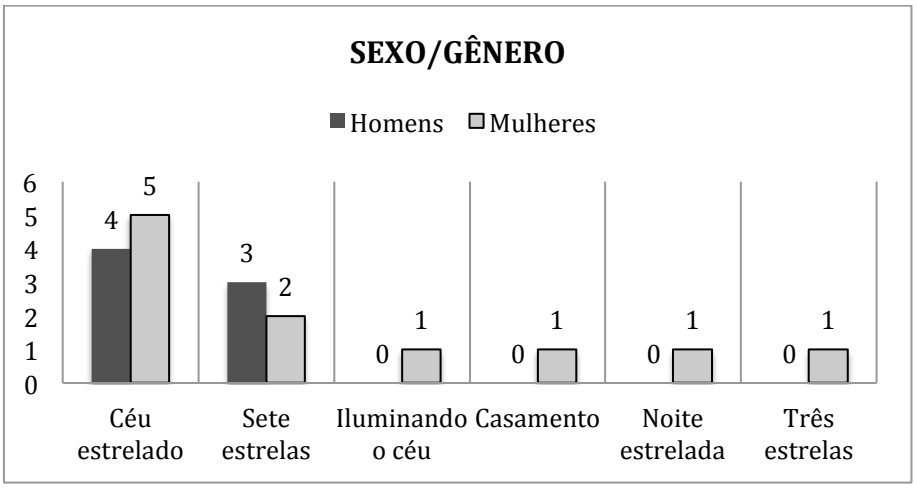
Imagem 60 - Carta L20 – questão QSL 33 (*via láctea*).



Na carta L20, podemos observar que a variante *céu estrelado* prevaleceu em 3 dos 6 pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 1 (Cacau), prevaleceu a variante *sete estrelas*, e o ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompoema) foi o que apresentou maior número de variantes (*sete estrelas*, *três estrelas* e *casamento*), enquanto que no ponto 4 (Taperinha) registramos apenas duas variantes (*céu estrelado* e *sete estrelas*). Também é possível constatar que apenas nos pontos de inquérito 5 (África) e 6 (Laranjituba) a norma é monoléxica.

Como podemos verificar no gráfico 40, a variante *céu estrelado* apresentou maior ocorrência entre as mulheres (cinco ocorrências), enquanto que entre os colaboradores homens foram registradas quatro ocorrências e a variante *sete estrelas* teve três ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres, portanto, houve pequena diferença estatística entre homens e mulheres. Vejamos os resultados a seguir:

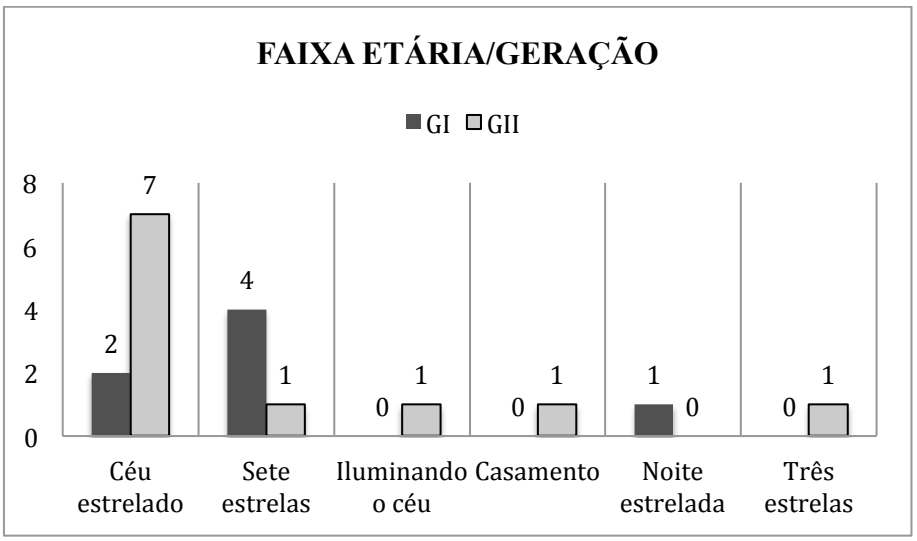
Gráfico 40 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L20 – questão QSL 33 (*via láctea*).



Como podemos constatar no gráfico 40, as variantes *iluminando o céu*, *casamento*, *noite estrelada* e *três estrelas* foram registradas exclusivamente entre as mulheres.

Já a dimensão diageracional apontou a prevalência da variante *céu estrelado* entre os colaboradores mis velhos (GII), com sete ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores mais jovens prevaleceu a variante *sete estrelas* (quatro ocorrências). Vejamos os resultados completos desta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 41 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L20 – questão QSL 33 (*via láctea*).



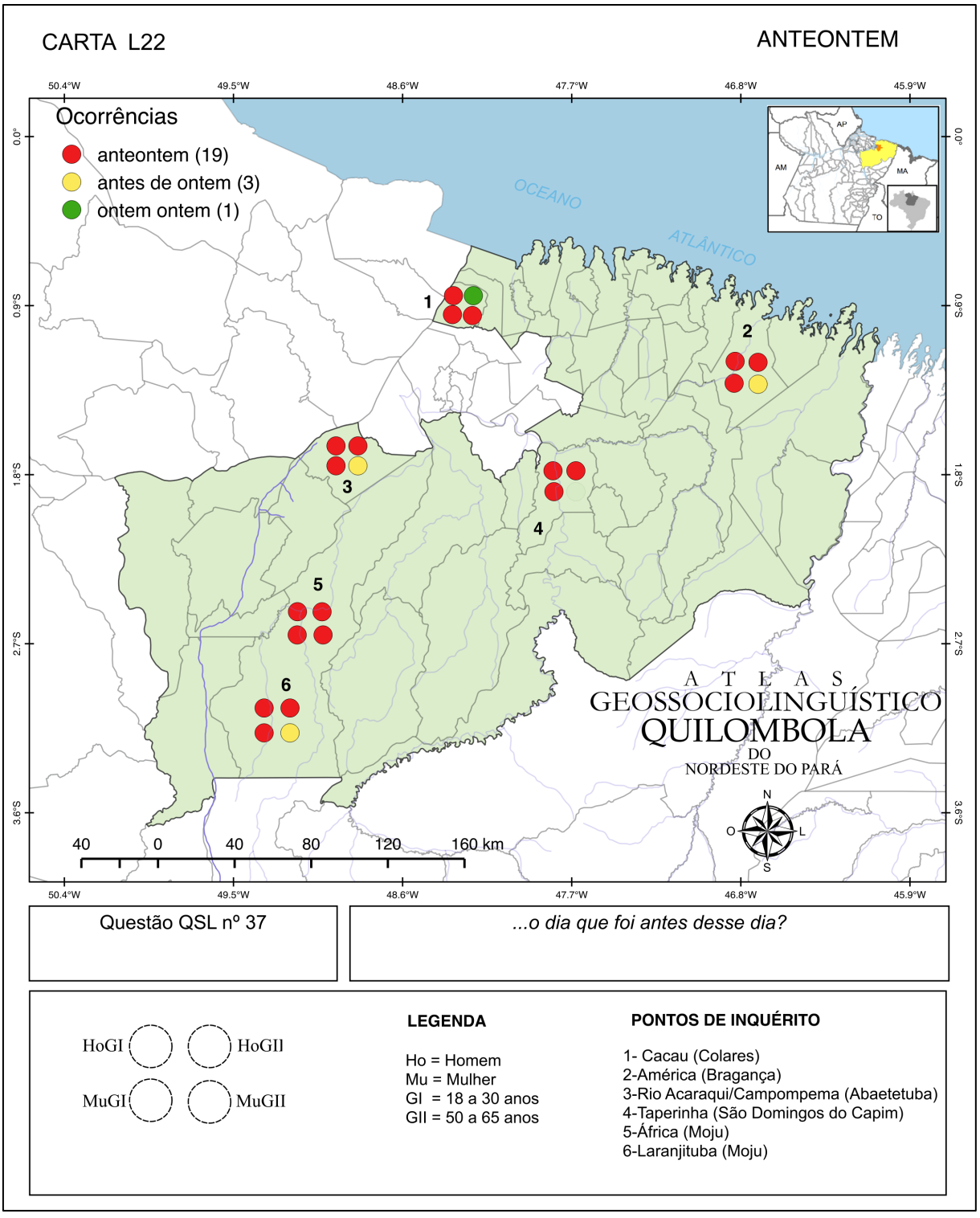
No gráfico 41, também podemos observar que as variantes *iluminando o céu*, *casamento* e *três estrelas* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os colaboradores mais jovens registramos exclusivamente a variante *noite estrelada*, todas com uma ocorrência cada.

3.3.3.4 Anteontem

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

A questão nº 37, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *anteontem* (dezenove ocorrências), *antes de ontem* (três ocorrências) e *ontem ontem* (uma ocorrência). Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L22:

Imagem 61 - Carta L22 – questão QSL 37 (*anteontem*).



Na carta L22, é possível visualizar que a variante *anteontem* prevaleceu em todos os pontos de inquérito e a variante *antes de ontem* foi registrada exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha, enquanto que a variante *ontem ontem* foi usada apenas por um homem da geração mais velha também.

3.3.4 Atividades agropastoris

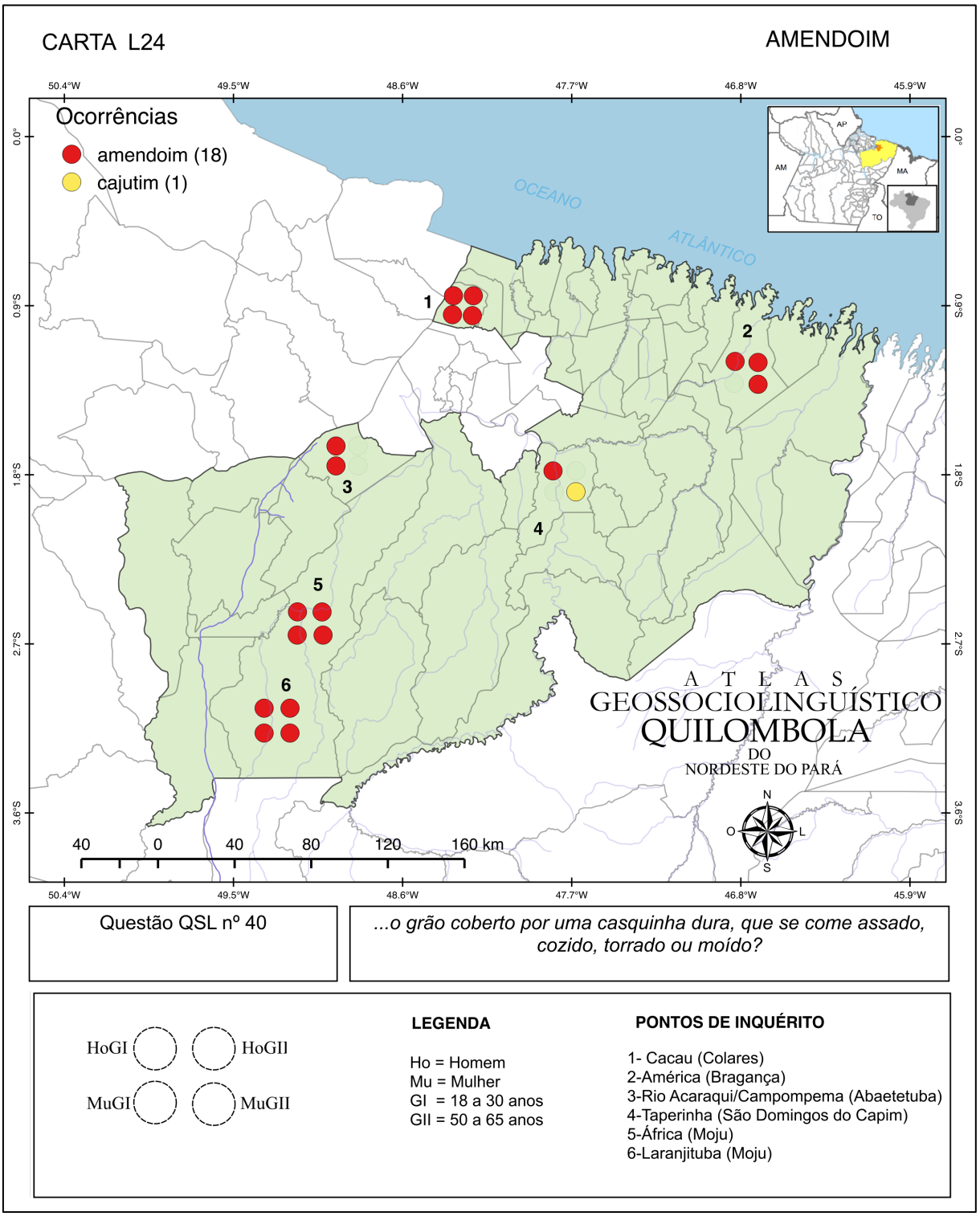
O campo semântico *atividades agropastoris* é composto por vinte e cinco questões que englobam o léxico da agricultura, utilizadas em atividades do ramo agrícola, agropecuário e agroflorestal, como ferramentas (*carrinho de mão*, *paneiro*, *cangalha*, etc.), produtos cultivados (frutas, vegetais, raízes, etc.), dentre outros. A seguir, iremos conferir a descrição das quatorze cartas que apresentaram variação.

3.3.4.1 Amendoim

...o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

A questão nº 40, do QSL, teve as seguintes variantes registradas no AGQUINPA: *amendoim* (dezoito ocorrências) e *cajutim*, com uma única ocorrência. Vejamos os resultados na carta L24:

Imagem 62 - Carta L24 – questão QSL 40 (*amendoim*).



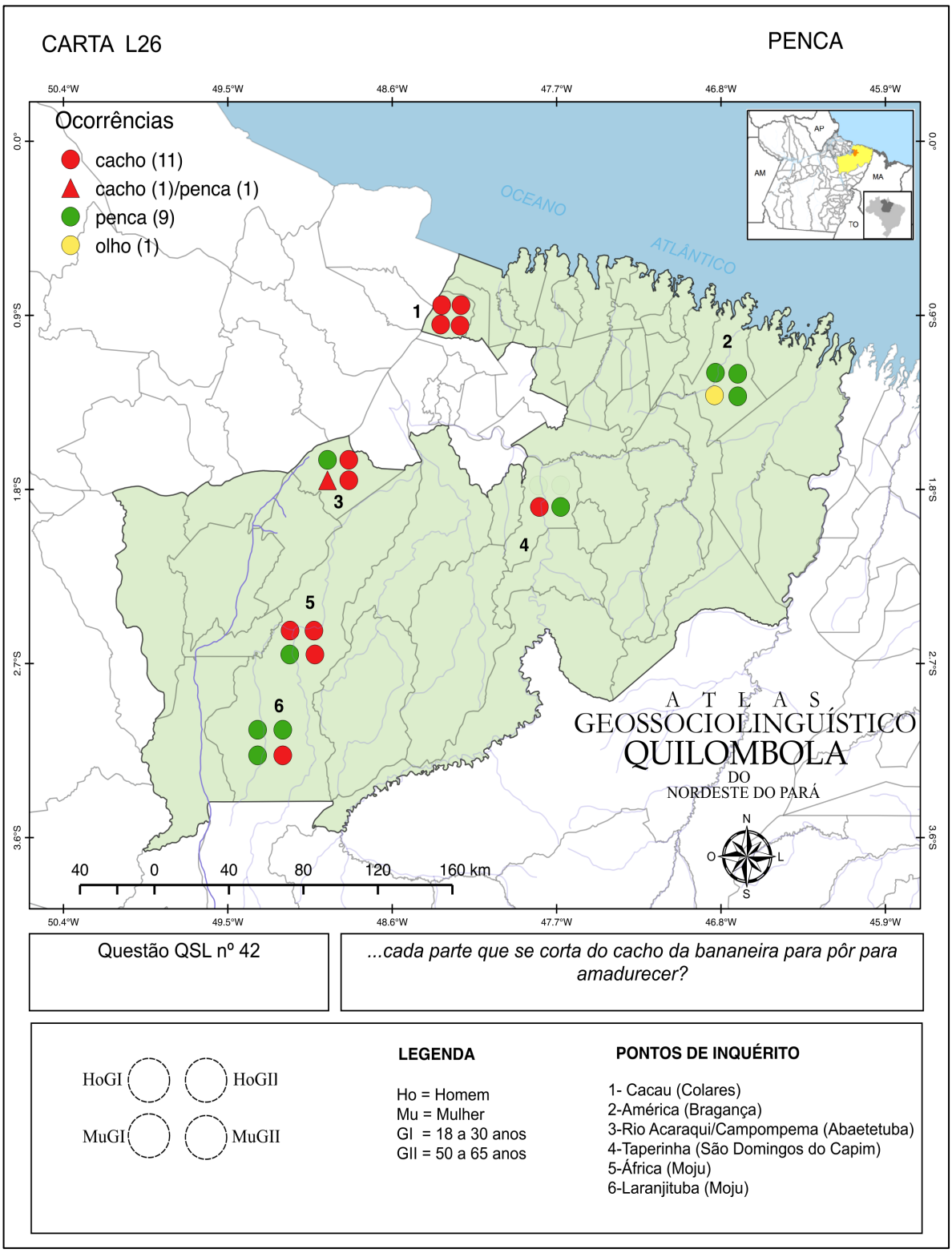
Como podemos observar na carta L24, a variante *amendoim* ocorreu em todos os pontos de inquérito e predominou em cinco dos seis pontos de inquérito, com exceção do ponto de inquérito 4 (Taperinha), em que tivemos as variante *amendoim* e a variante *cajutim*, cada uma com metade das ocorrências. A variante *cajutim* foi registrada exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha, portanto, tivemos o uso mais heteroléxico se comparado com os homens.

3.3.4.2 Penca

...cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

A questão nº 42, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *cacho* (doze ocorrências), *penca* (dez ocorrências) e *olho* com apenas uma ocorrência. A variante *cacho* prevaleceu entre as respostas, como podemos observar na distribuição diatópica dos itens lexicais na carta L26:

Imagem 63 - Carta L26 – questão QSL 42 (*penca*).

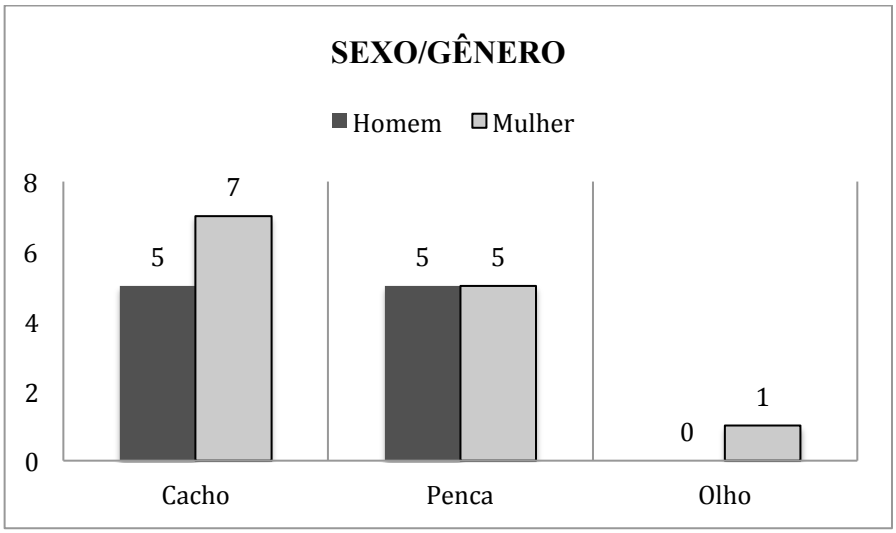


Como podemos observar na carta L26, a variante *cacho* prevaleceu em 3 dos 6 pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 5

(África), enquanto que nos pontos 2 (América) e ponto 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *penca* e no ponto 4 (Taperinha) tivemos as variantes *cacho* e *penca*, cada uma com a metade das ocorrências. Apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau) tivemos a presença de norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

Como podemos verificar no gráfico 42, a variante *cacho* prevaleceu entre as colaboradoras mulheres, com sete ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores homens tivemos cinco ocorrências. Vejamos os resultados completos a seguir:

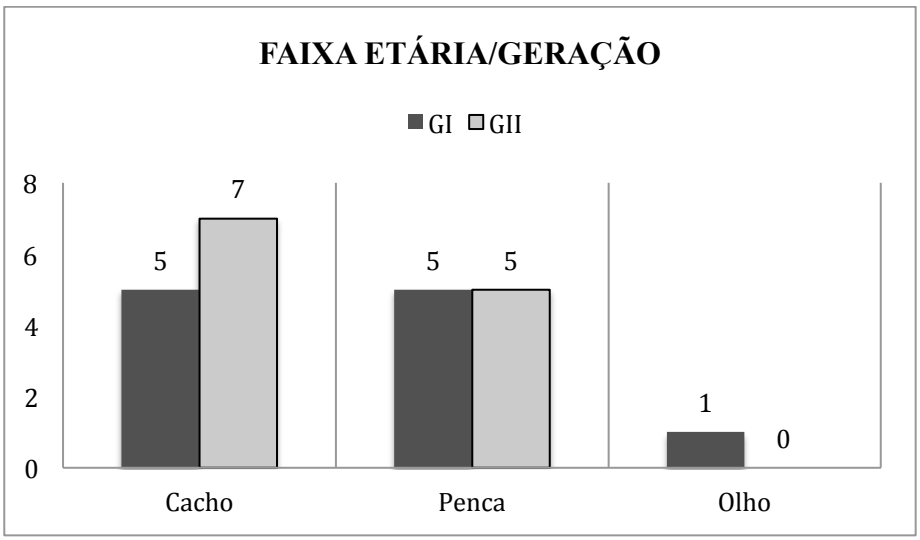
Gráfico 42 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L26 – questão QSL 42 (*penca*).



Também tivemos a variante *penca* com a mesma quantidade de ocorrências (cinco respostas) tanto para homens quanto para mulheres e a variante *olho* registrada exclusivamente entre as mulheres.

Do ponto de vista diageracional, a variante *cacho* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos (GII), com sete ocorrências no total e entre os mais jovens tivemos cinco ocorrências. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 43 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L26 – questão QSL 42 (*penca*).



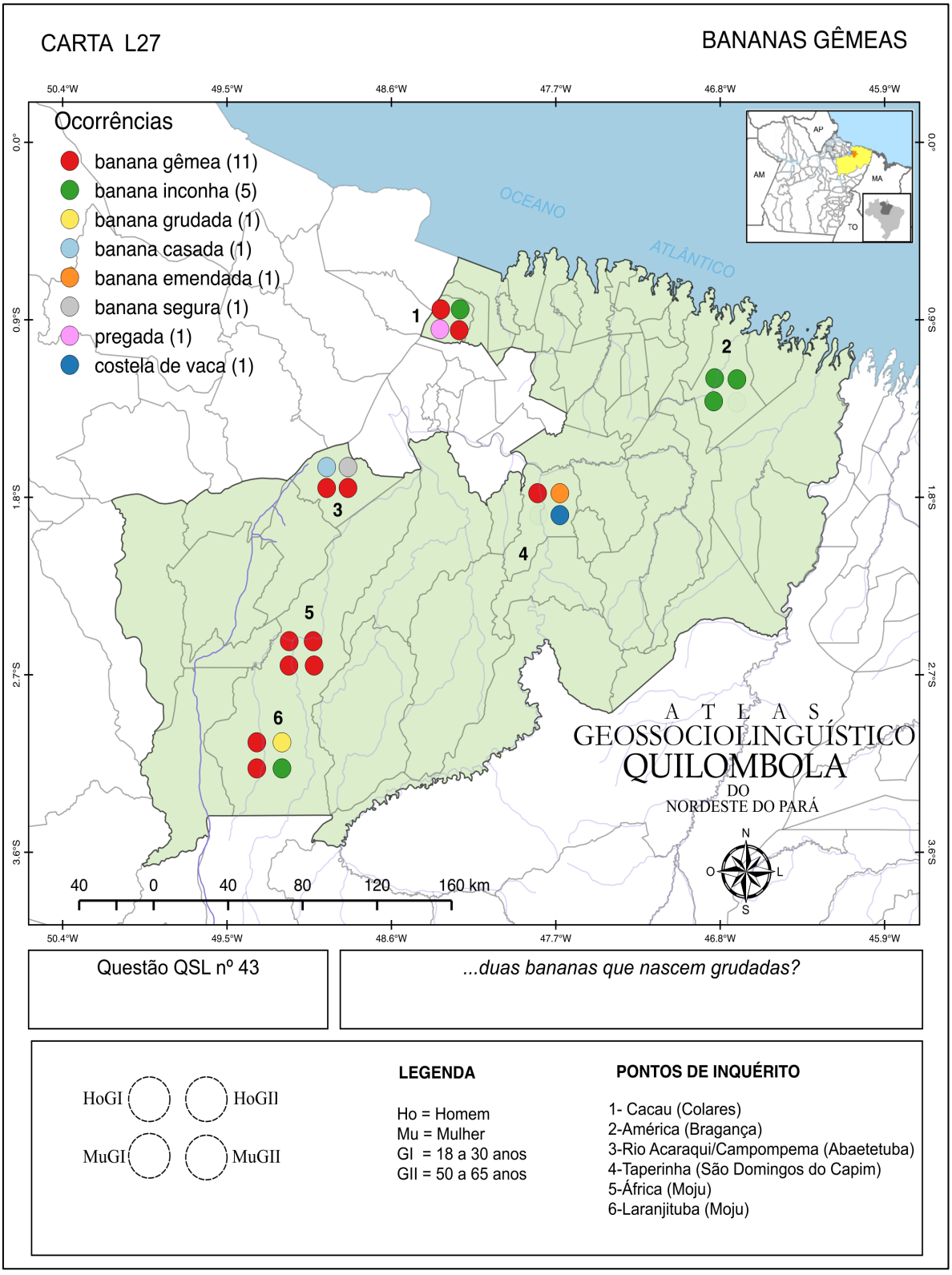
A variante *penca* apresentou o mesmo quantitativo de respostas para ambas as gerações, com cinco ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Também tivemos a variante *olho* com uma única ocorrência registrada entre os colaboradores mais jovens.

3.3.4.3 Bananas gêmeas

...duas bananas que nascem grudadas?

A questão nº 43, do QSL, apresentou as seguintes respostas: *bananas gêmeas* (onze ocorrências), *banana inconha* (cinco ocorrências), além de *banana grudada*, *banana casada*, *banana emendada*, *banana segura*, *pregada* e *costela de vaca*, com uma ocorrência cada. A variante *bananas gêmeas* prevaleceu entre as respostas dos colaboradores. Vejamos na carta L27, a distribuição diatópica das variantes registradas no AGQUINPA:

Imagem 64 - Carta L27 – questão QSL 43 (*bananas gêmeas*).

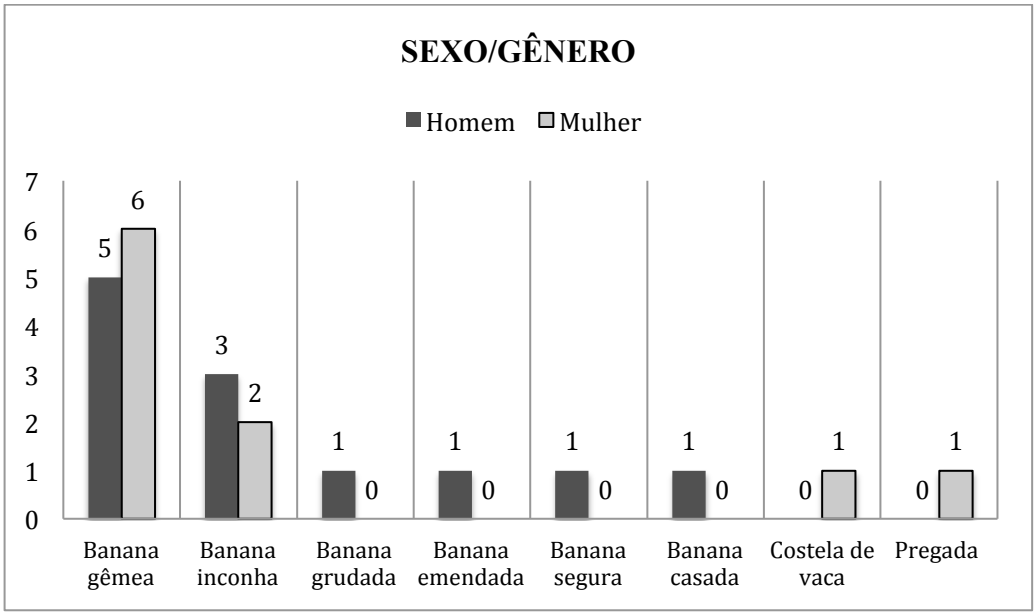


Na carta L27, podemos observar que a variante *banana gêmea* foi registrada em cinco dos seis pontos de inquérito e prevaleceu em quatro pontos, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3

(Rio Acaraqui/Campompema), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 2 prevaleceu a variante *banana inconha* e no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos três variantes distintas (*banana gêmea*, *banana emendada* e *costela de vaca*).

Na gráfico 44, podemos observar que a variante *banana gêmea* apresentou maior ocorrência entre as respostas das colaboradoras mulheres, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os homens tivemos cinco ocorrências. Vejamos os resultados:

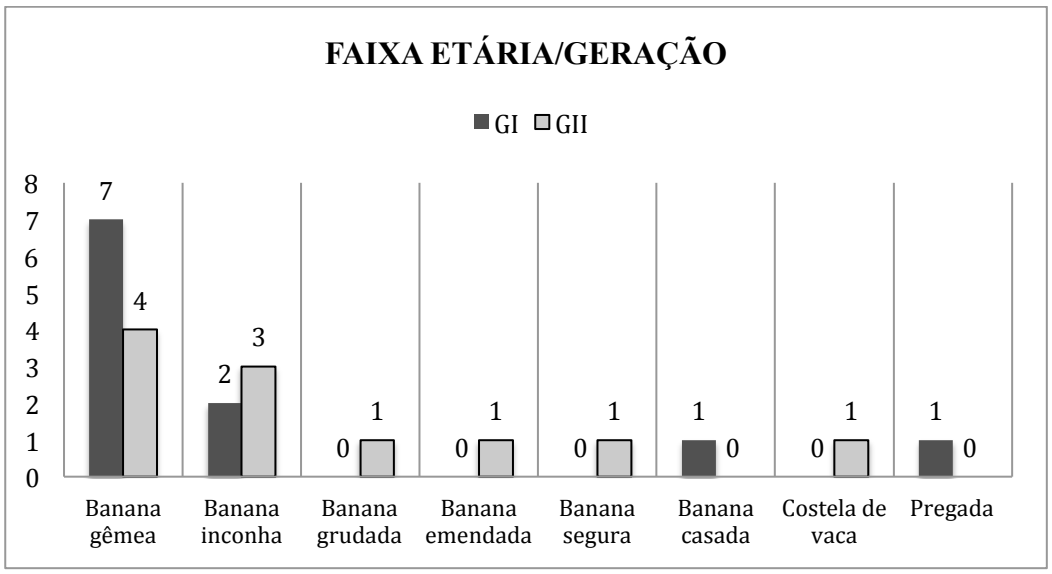
Gráfico 44 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L27 – questão QSL 43 (*bananas gêmeas*).



A segunda variante de maior ocorrência (*banana inconha*) apresentou três ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres. Também tivemos as variantes *banana grudada*, *banana emendada*, *banana segura*, *banana segura* e *banana casada* registradas exclusivamente entre os homens e as variantes *costela de vaca* e *pregada* foram usadas exclusivamente por mulheres.

Considerando a variação diageracional, a variante *banana gêmea* prevaleceu entre os mais jovens (GI), com sete ocorrências no total, ante quatro ocorrências registradas entre mais velhos (GII). Vejamos os resultados completos para esta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 45 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L27 – questão QSL 43 (*bananas gêmeas*).



A variante *banana inconha* apresentou três ocorrências entre os mais velhos e duas ocorrências entre os mais jovens, enquanto que as variantes *banana grudada*, *banana emendada*, *banana segura* e *costela de vaca* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e as variantes *banana segura* e *pregada* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens.

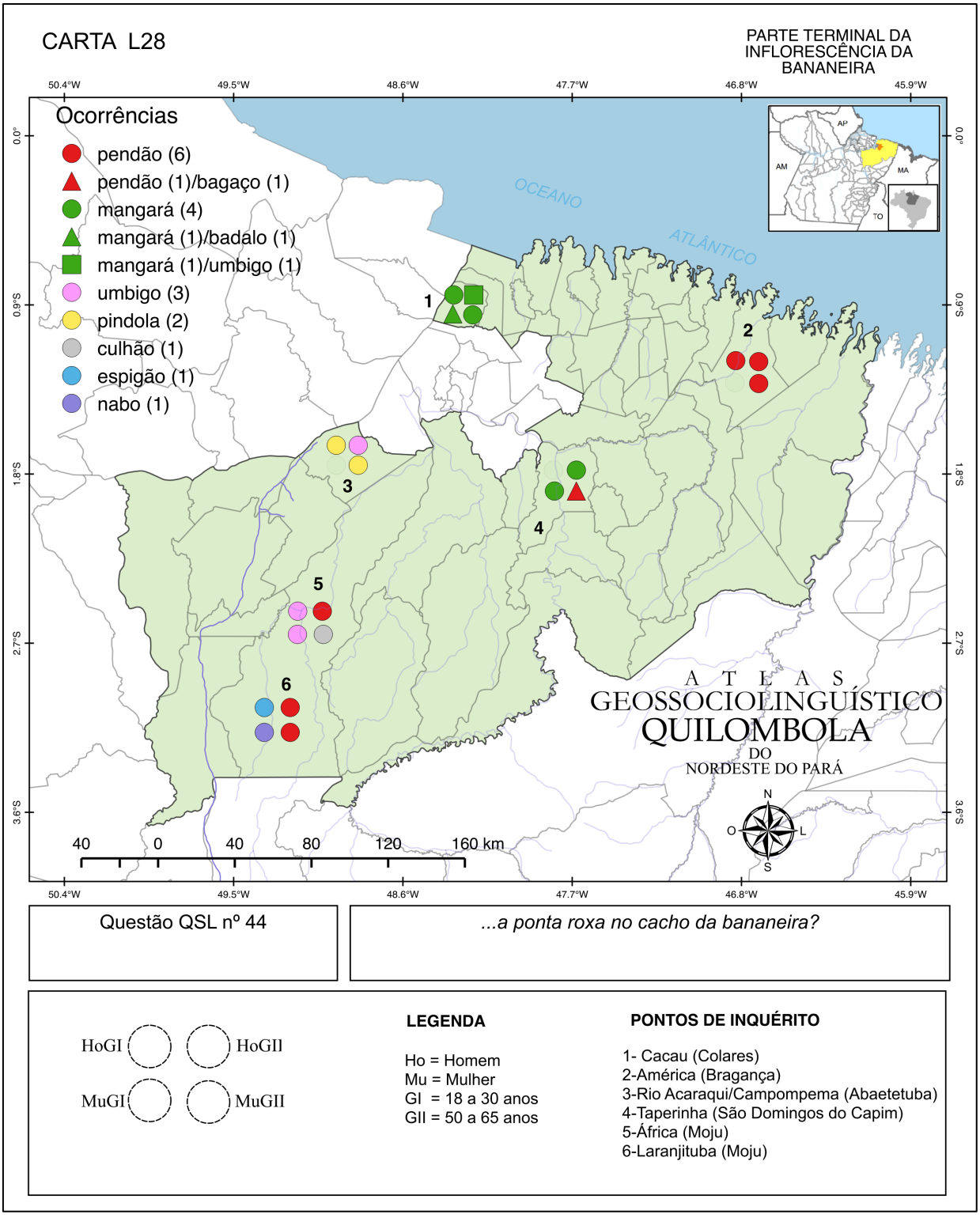
3.3.4.4 Parte terminal da inflorescência da bananeira

...a ponta roxa no cacho da banana?

As variantes registradas referentes à questão nº 44, do QSL, foram as seguintes: *pendão* (sete ocorrências), *mangará* (seis ocorrências), *umbigo* (quatro ocorrências), *pindola* (duas ocorrências), além de *badalo*, *culhão*, *bagaço*, *espigão* e *nabo*, com uma ocorrência cada. Esta questão apresentou elevado número de variantes distintas (nove no total), o que demonstra a existência de um alto grau de variação para esta parte integrante da morfologia biológica da bananeira.

As variantes mais proeminentes (*pendão* e *mangará*) podem ser conferidas na distribuição diatópica presente na carta L28:

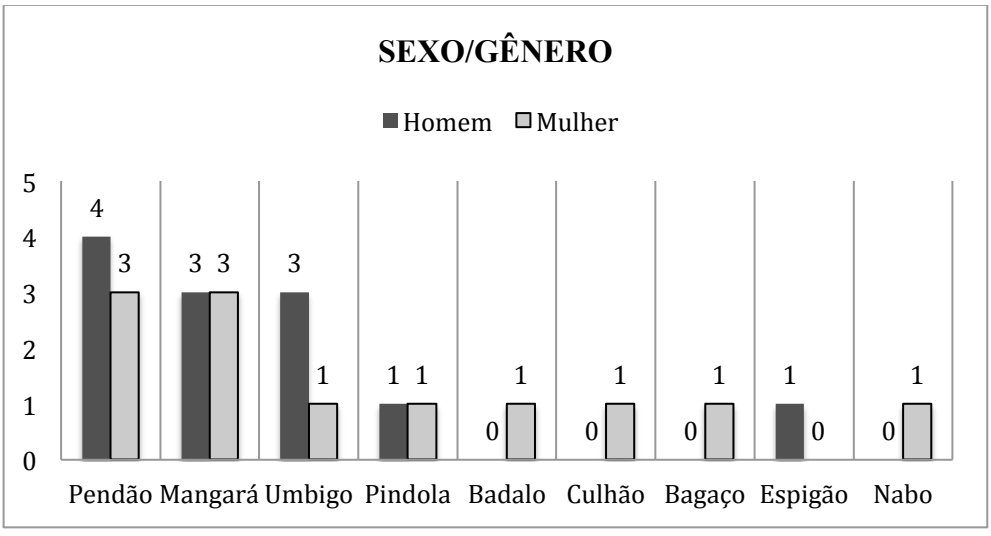
Imagem 65 - Carta L28 – questão QSL 44 (*parte terminal da inflorescência da bananeira*).



Como podemos observar na carta L28, a variante *pendão* prevaleceu em 2 dos 6 pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América) e ponto 6 (Laranjituba). Já a variante *mangará* prevaleceu nos pontos 1 e 4 (Cacau e Taperinha, respectivamente), no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *pindola* e no ponto 5 (África) prevaleceu a variante *umbigo*, portanto, a variante pendão prevaleceu em número de ocorrências na região, no entanto, tivemos variantes distintas prevalecendo em cinco pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui./Campompema), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Apenas no ponto de inquérito 2 (América) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, ao contrário das demais comunidades que apresentaram norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *pendão* com maior número de ocorrências entre os homens (quatro ocorrências), enquanto que entre as mulheres a mesma variante apresentou três ocorrências. A segunda variante de maior frequência (*mangará*) apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com três ocorrências cada. Vejamos os resultados completos no gráfico 46:

Gráfico 46 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L28 – questão QSL 44 (*parte terminal da inflorescência da bananeira*).

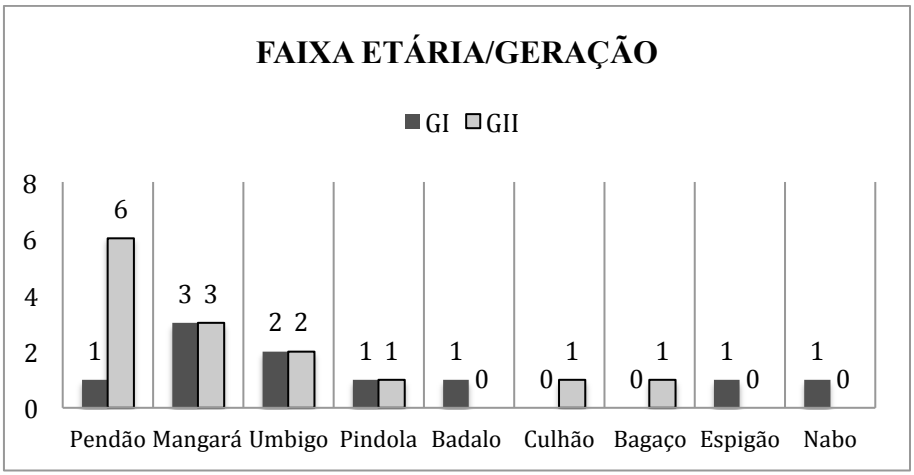


Como podemos observar no gráfico 46, a variante *umbigo* prevaleceu entre os homens (três ocorrências) e a variante *pindola* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com uma ocorrência para cada sexo. Registramos também

as variantes *badalo*, *culhão*, *bagaço* e *nabo* exclusivamente entre as mulheres e a variante *espigão* exclusivamente entre o homens.

Do ponto de vista diageracional, a variante *pendão* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com seis ocorrências, diante da única resposta registrada entre os mais jovens. Já a variante *mangará* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos, com três ocorrências cada. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico 47:

Gráfico 47 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L28 – questão QSL 44 (*parte terminal da inflorescência da bananeira*).



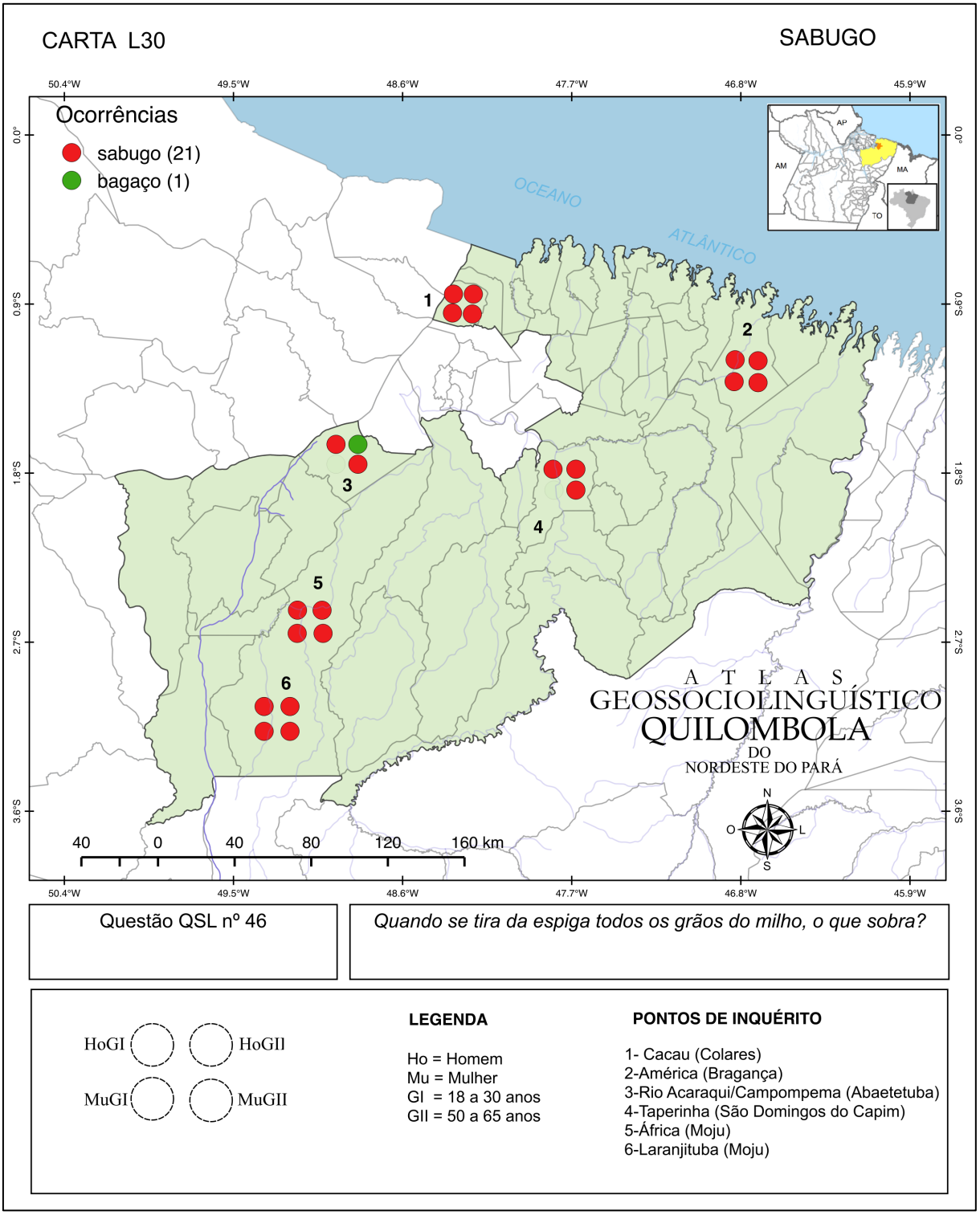
Como podemos observar no gráfico 47, as variantes *mangará*, *umbigo* e *pindola* apresentaram a mesma quantidade de ocorrências tanto para os jovens quanto para os mais velhos. Tivemos também as variantes *badalo*, *espigão* e *nabo* registradas exclusivamente por colaboradores mais jovens e as variantes *culhão* e *bagaço* utilizadas exclusivamente por colaboradores mais velhos.

3.3.4.5 Sabugo

Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra?

A questão nº 46, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *sabugo* (vinte e uma ocorrências) e *bagaço*, com uma única ocorrência. Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L30:

Imagem 66 - Carta L30 – questão QSL 46 (*sabugo*).



Como podemos observar na carta L30, a variante *sabugo* ocorreu e prevaleceu em todos os seis pontos de inquérito e a variante *bagaço* foi registrada exclusivamente entre os

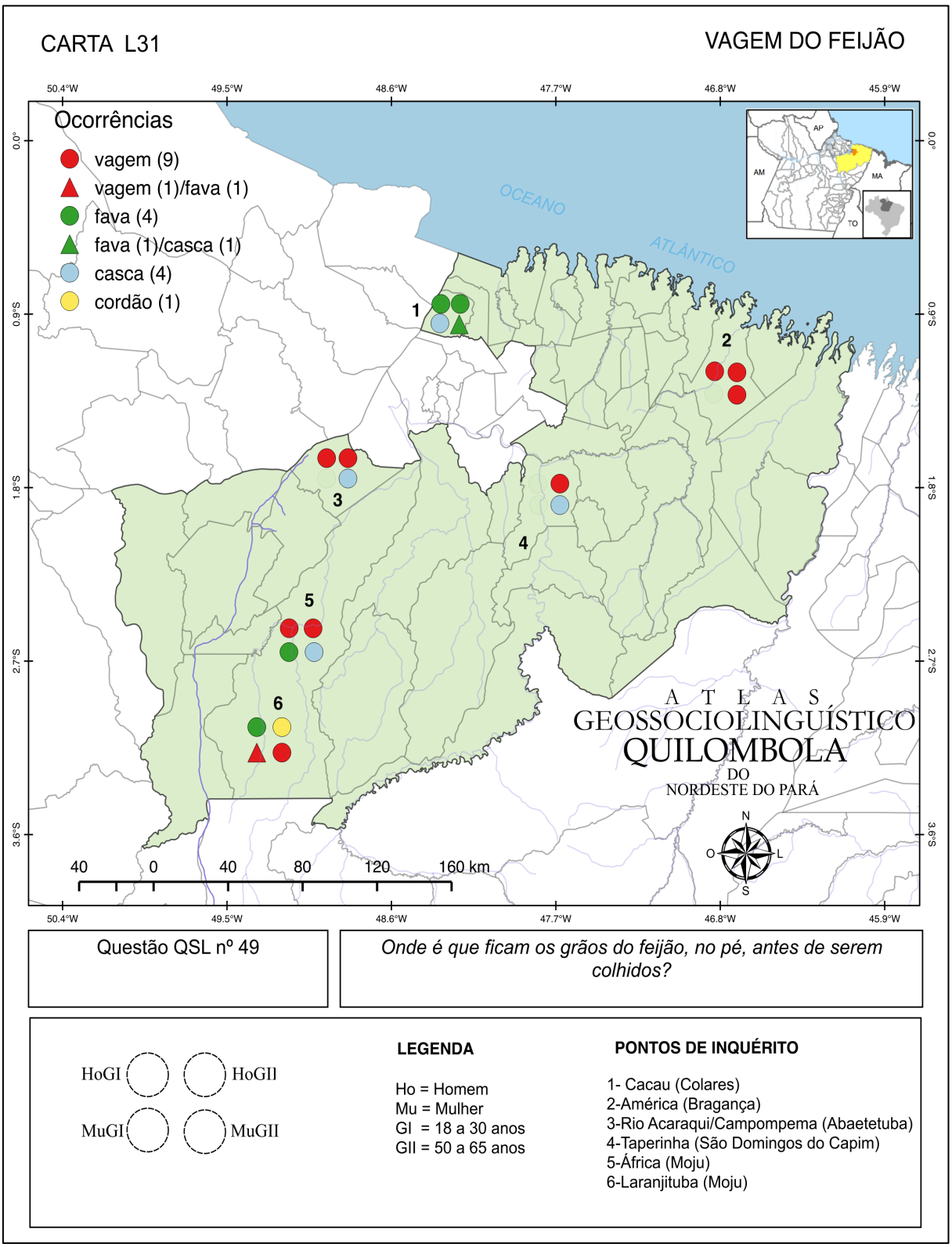
homens mais velhos, no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), portanto, predominou o uso monoléxico na maioria dos pontos de inquérito.

3.3.4.6 Vagem do feijão

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

A questão de nº 49, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *vagem* (dez ocorrências), *fava* (seis ocorrências), *casca* (cinco ocorrências) e *cordão*, com uma ocorrência. Como podemos observar na distribuição diatópica, a variante *vagem* prevaleceu entre as respostas dos colaboradores. Vejamos os resultados na carta L31:

Imagem 67 - Carta L31 – questão QSL 49 (*vagem do feijão*).

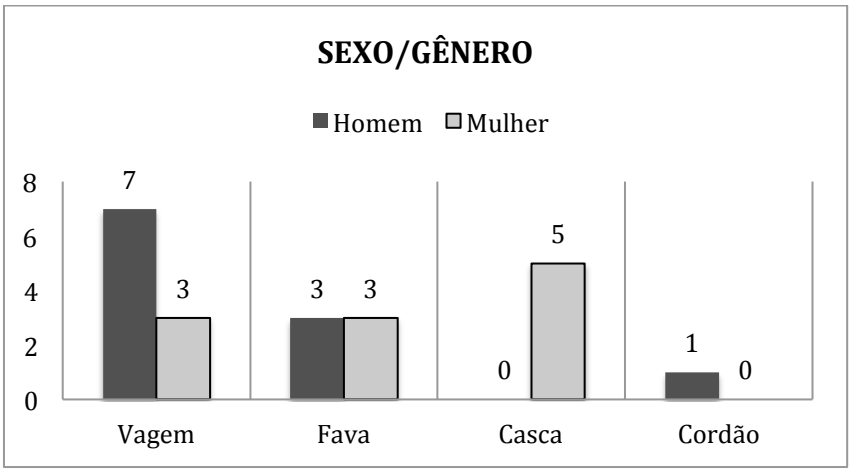


Na carta L31, podemos observar que a variante *vagem* prevaleceu em quatro pontos de inquérito: ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 5 (África) e ponto

6 (Laranjituba). Já no ponto 1 (Cacau) prevaleceu a variante *fava* e no ponto 4 (Taperinha) tivemos as variantes *vagem* e *casca* com uma ocorrência cada. Destacamos nessa carta o ponto de inquérito 2 (América), o único em que tivemos a presença de norma monoléxica.

Os resultados que dizem respeito à dimensão diassexual mostraram que a variante *vagem* prevaleceu entre os homens, com sete ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos três ocorrências. Vejamos os resultados completos dessa dimensão no gráfico a seguir:

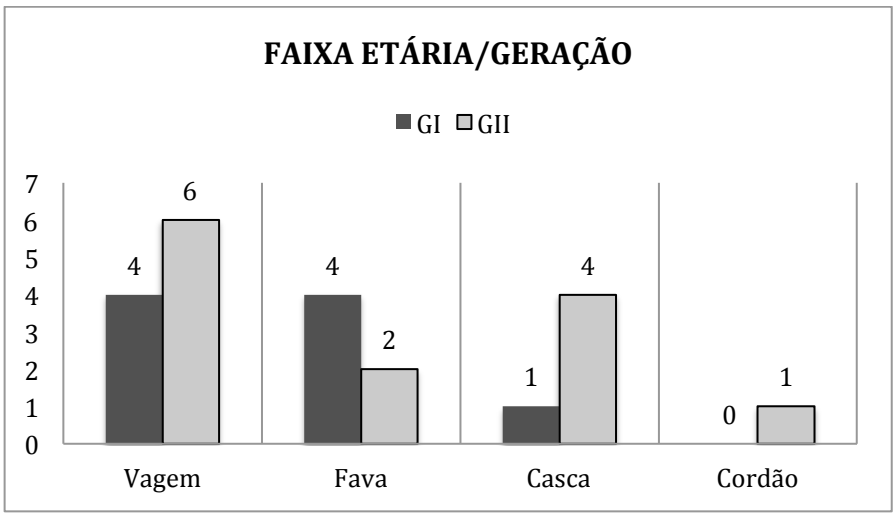
Gráfico 48 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L31 – questão QSL 49 (*vagem do feijão*).



Como podemos observar no gráfico 48, a variante *fava* figurou como a segunda variante de maior ocorrência e apresentou o mesmo quantitativo de respostas tanto para homens quanto para mulheres (três respostas), enquanto que a variante *casca* foi registrada exclusivamente entre as mulheres e a variante cordão registrada exclusivamente entre os homens.

Considerando a dimensão diageracional, podemos observar no gráfico 49 que a variante *vagem* prevaleceu entre os mais velhos (GII), com seis ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens a mesma variante apresentou quatro ocorrências. Vejamos os resultados:

Gráfico 49 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L31 – questão QSL 49 (*vagem do feijão*).



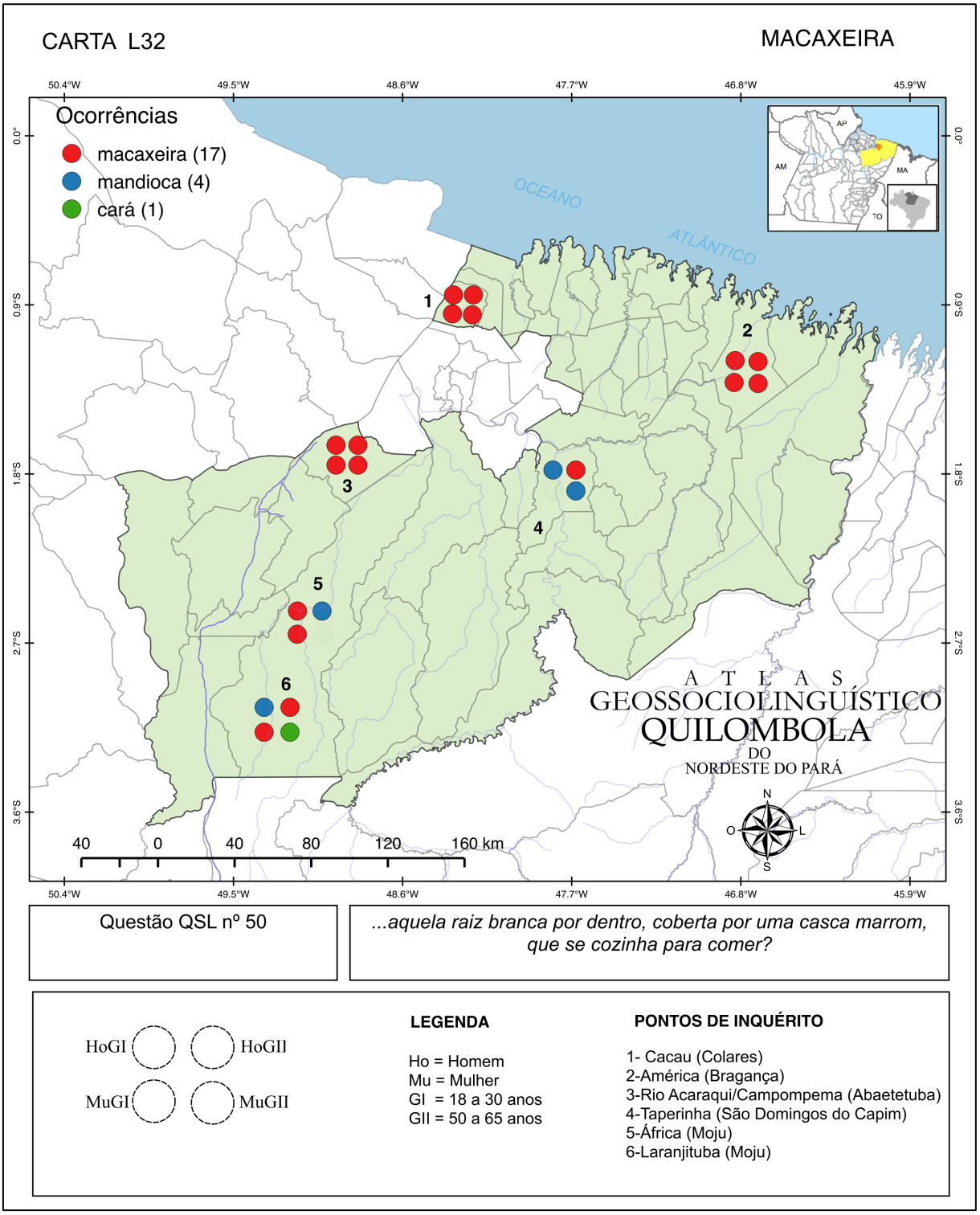
A variante *fava* prevaleceu entre os mais jovens, com quatro ocorrências ante duas respostas registradas entre os mais velhos, enquanto que a variante casca prevaleceu entre os mais velhos, com quatro ocorrências no total, perante uma única resposta entre os mais jovens. Também tivemos a variante *cordão* registrada exclusivamente entre os mais velhos, com uma única ocorrência.

3.3.4.7 Macaxeira

...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que cozinha para comer?

A questão nº 50, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *macaxeira* (dezessete ocorrências), *mandioca* (quatro ocorrências) e *cará* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L32, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 68 - Carta L32 – questão QSL 50 (*macaxeira*).



Como podemos observar na carta L32, a variante macaxeira ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em quatro das seis comunidades. No ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos a prevalência da variante mandioca, enquanto que no ponto de inquérito 5 (África) registramos a variante mandioca exclusivamente entre os homens da geração II. Por fim, no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) tivemos o registro das variantes *macaxeira*, *mandioca* e *cará*. É possível observar que nos pontos 1 (Cacau), 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos a ocorrência de norma monoléxica e nos pontos 4 (Taperinha), 5 (África) e 6 (Laranjituba) a norma observada é heteroléxica.

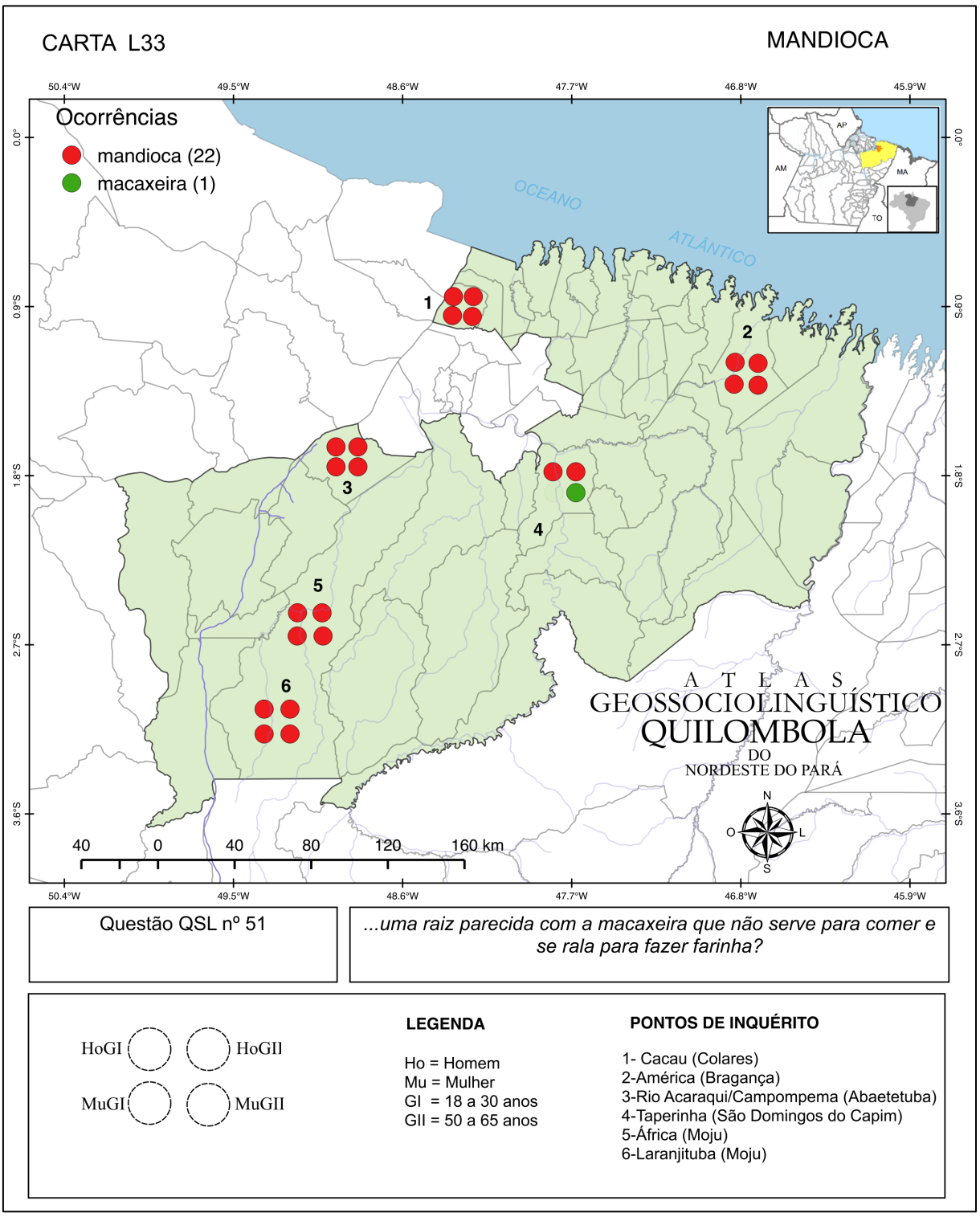
A variante *cará*, registrada no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tem origem no étimo quimbundo *kará* e possui acepção de "tubérculo comestível", também conhecido como inhame (SALLES, 2003).

3.3.4.8 Mandioca

...uma raiz parecida com a macaxeira que não serve para comer e se rala para fazer farinha?

A questão nº 51, do QSL, apresentou duas variantes, a saber: *mandioca* (vinte e duas ocorrências) e *macaxeira* (uma ocorrência). Vejamos a distribuição diatópica dessas variantes, a seguir:

Imagem 69 - Carta L33 – questão QSL 51 (*mandioca*).



Como podemos visualizar na carta L33, a variante *mandioca* ocorreu e prevaleceu em todos os pontos de inquérito, portanto, em cinco dos seis pontos de inquérito tivemos a

presença de norma monoléxica. Já a variante *macaxeira* ocorreu exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha do ponto de inquérito 4 (Taperinha).

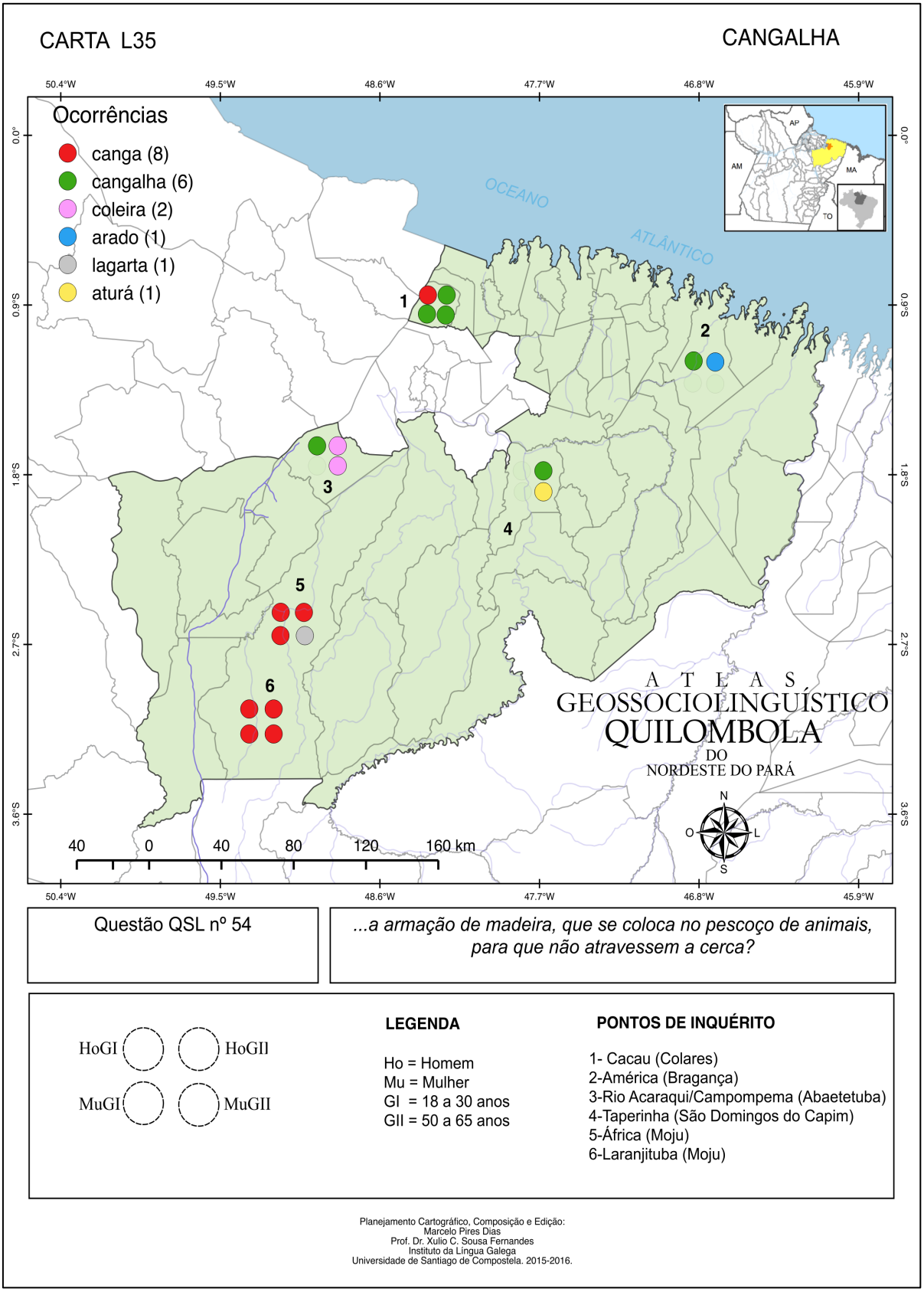
3.3.4.9 Cangalha

...a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?

A questão nº 54, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *canga* (oito ocorrências), *cangalha* (seis ocorrências), *coleira* (duas ocorrências), além de *arado*, *aturá* e *lagarta*, com uma ocorrência cada.

Os dados mostram a prevalência da variante *canga* e em segundo lugar a variante cangalha. Na carta L35, podemos conferir a distribuição diatópica das seis variantes mapeadas para esta questão do AGQUINPA:

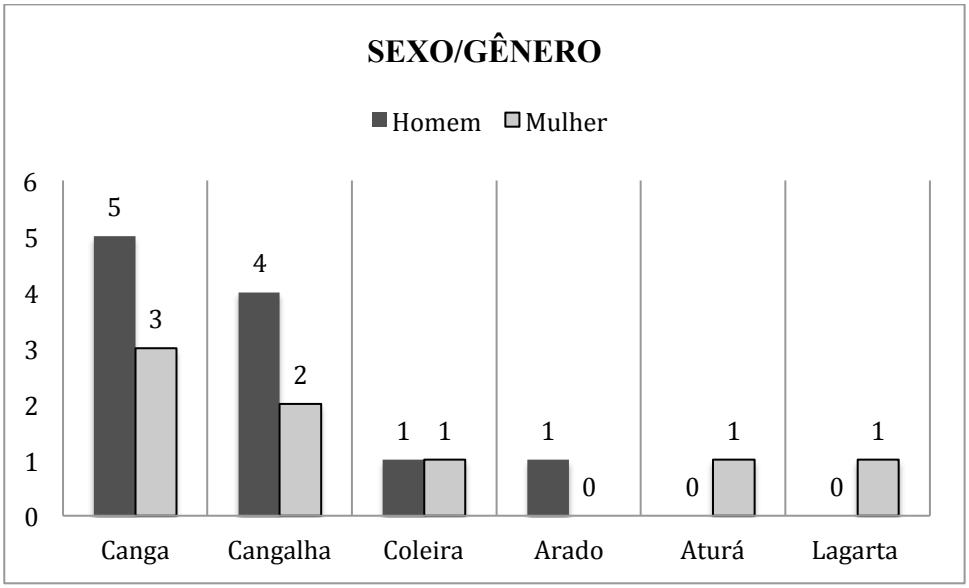
Imagem 70 - Carta L35 – questão QSL 54 (*cangalha*).



Na carta L35, podemos observar que a variante *canga* prevaleceu em dois pontos de inquérito: ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 1 (Cacau) prevaleceu a variante *cangalha* e no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *coleira*. No ponto 2 (América) tivemos duas variantes (*cangalha* e *arado*), assim como no ponto 4 (Taperinha), em que registramos as variantes *cangalha* e *aturá*. A norma monoléxica esteve presente exclusivamente no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) e nos demais pontos prevaleceu a norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *canga* prevalecendo entre os colaboradores homens, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres essa mesma variante apresentou três ocorrências. Também destacamos a variante *cangalha*, que apresentou quatro ocorrências entre os homens e apenas duas ocorrências entre as mulheres. Vejamos os resultados completos no gráfico 50:

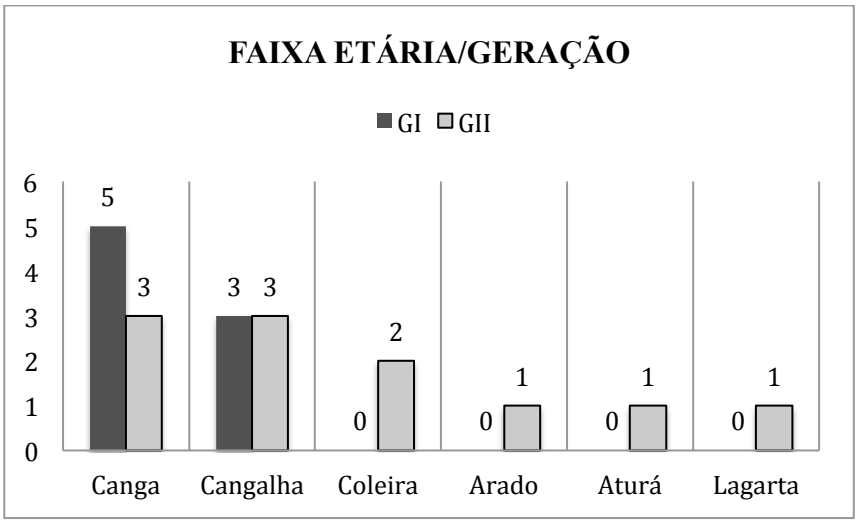
Gráfico 50 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L35 – questão QSL 54 (*cangalha*).



A variante *coleira* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (uma ocorrência para cada sexo). Tivemos também o registro da variante *arado* exclusivamente entre os homens e das variantes *aturá* e *lagarta* exclusivamente entre as mulheres.

No gráfico 51, podemos conferir os resultados diageracionais, em que tivemos a variante *canga* prevalecendo entre os colaboradores mais jovens (GI), com cinco ocorrências no total, ante três ocorrências registradas entre os mais velhos (GII). Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 51 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L35 – questão QSL 54 (*cangalha*).



A variante *cangalha* apresentou três ocorrências para ambas as gerações. Dentre os resultados expostos, podemos destacar as variantes *coleira* (duas ocorrências), *arado* (uma ocorrência), *aturá* (uma ocorrência) e *lagarta* (uma ocorrência), registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

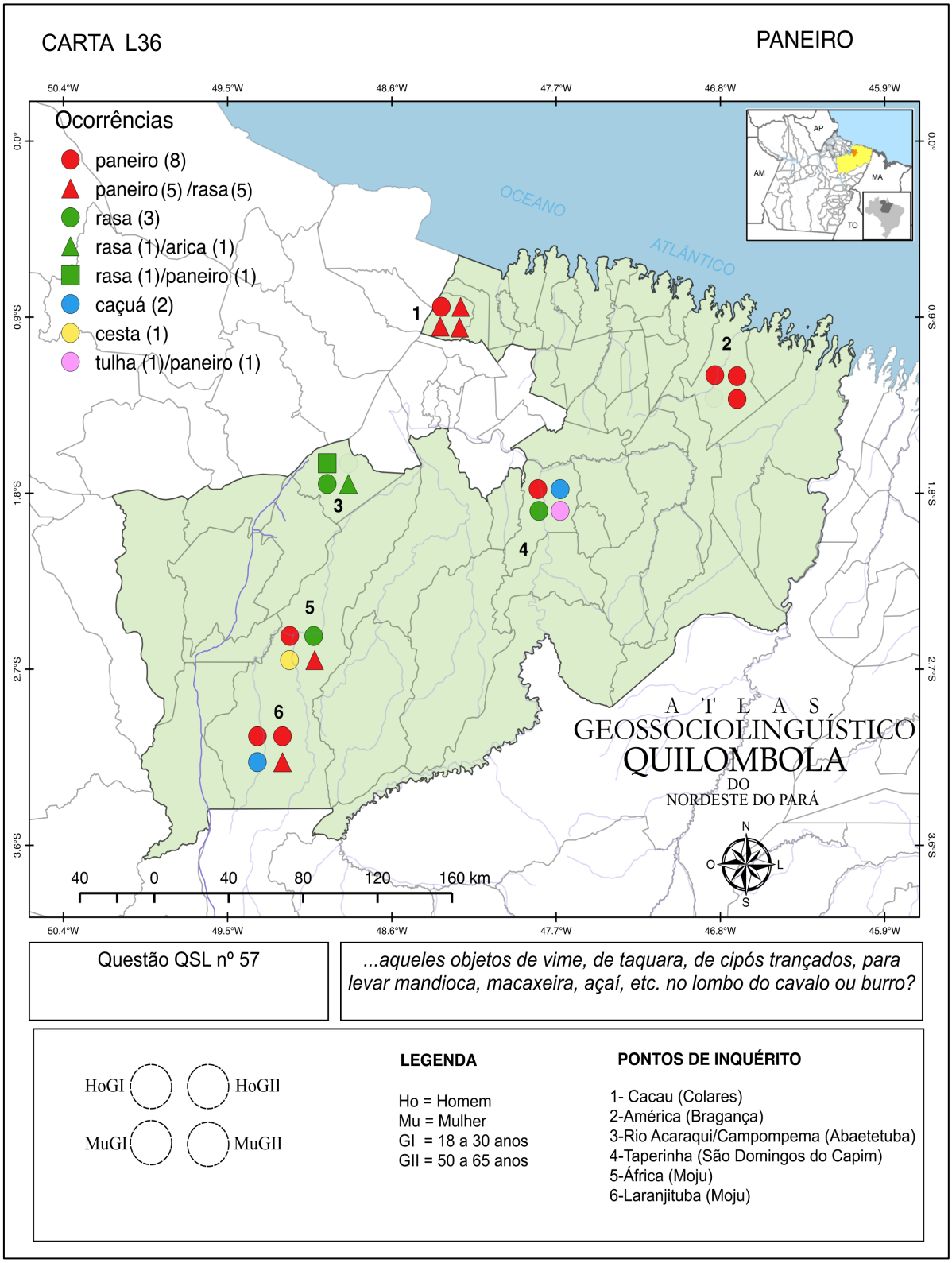
3.3.4.10 Paneiro

...aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

A questão nº 57, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *paneiro* (quatorze ocorrências), *rasa* (nove ocorrências), *caçuá* (duas ocorrências), além de *arica*, *cesta* e *tulha*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na distribuição diatópica presente na carta L36, as variantes *paneiro* e *rasa* foram as que tiveram maior frequência. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 71 - Carta L36 – questão QSL 57 (*paneiro*).

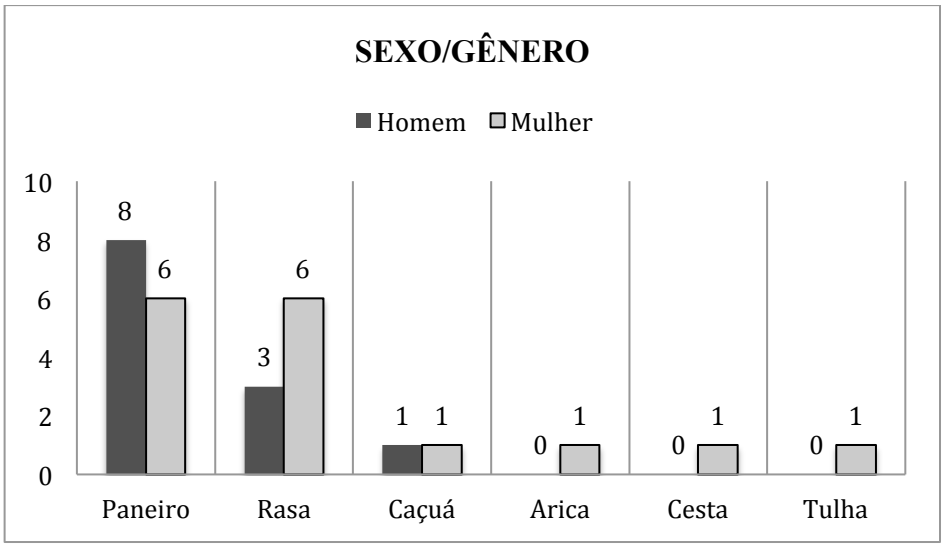


Na carta L36, podemos observar que a variante *paneiro* prevaleceu nos pontos 1 (Cacau), 2 (América), 5 (África) e 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 3 (Rio

Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *rasa*. Dentre os pontos de inquérito, destacamos o ponto 4 (Taperinha), que apresentou quatro variantes distintas (*paneiro*, *caçuá*, *rasa* e *tulha*) e, portanto, elevado índice de variação.

Para esta questão do AGQUINPA, podemos destacar as duas variantes de maior ocorrência: *paneiro* e *rasa*. A primeira prevaleceu entre os colaboradores homens, com oito ocorrências no total, ante seis ocorrências registradas entre as mulheres. Já a segunda variante (*rasa*) prevaleceu entre as mulheres, com seis ocorrências perante três respostas registradas entre os homens. Vejamos, abaixo, os resultados referentes à dimensão diassexual:

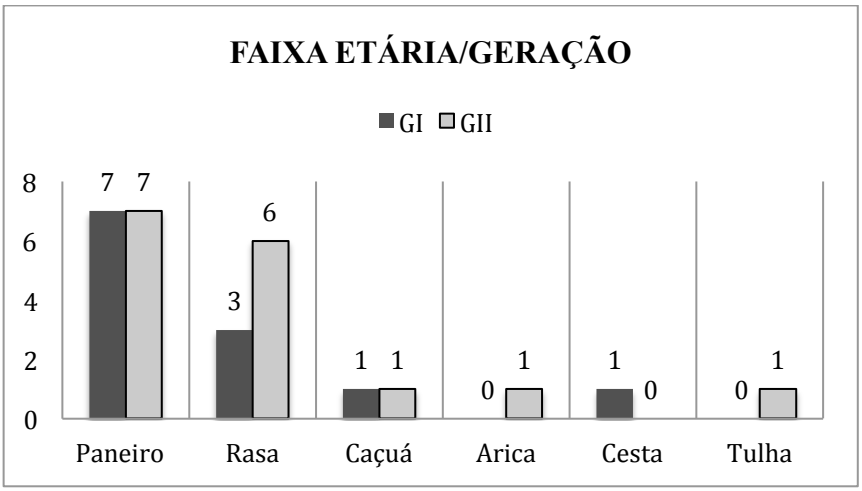
Gráfico 52 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L36 – questão QSL 57 (*paneiro*).



As variantes *arica*, *cesta* e *tulha*, todas com uma ocorrência cada, foram registradas exclusivamente entre as colaboradoras mulheres e a variante *caçuá* teve uma ocorrência registrada para ambos os sexos.

Os resultados diageracionais mostraram a variante *paneiro* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (sete ocorrências cada), portanto, não houve diferença estatística para esta dimensão. Já a variante *rasa* apresentou 6 ocorrências entre os colaboradores mais velhos e três ocorrências entre os colaboradores mais jovens. Vejamos os resultados completos no gráfico 53:

Gráfico 53 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L36 – questão QSL 57 (*paneiro*).



Por fim, a variante *caçuá* teve uma ocorrência para ambas as gerações, com uma ocorrência cada. A variante *cesta* foi registrada exclusivamente entre os colaboradores mais jovens e as variantes *arica* e *tulha* foram usadas apenas pelos mais velhos, com uma ocorrência cada.

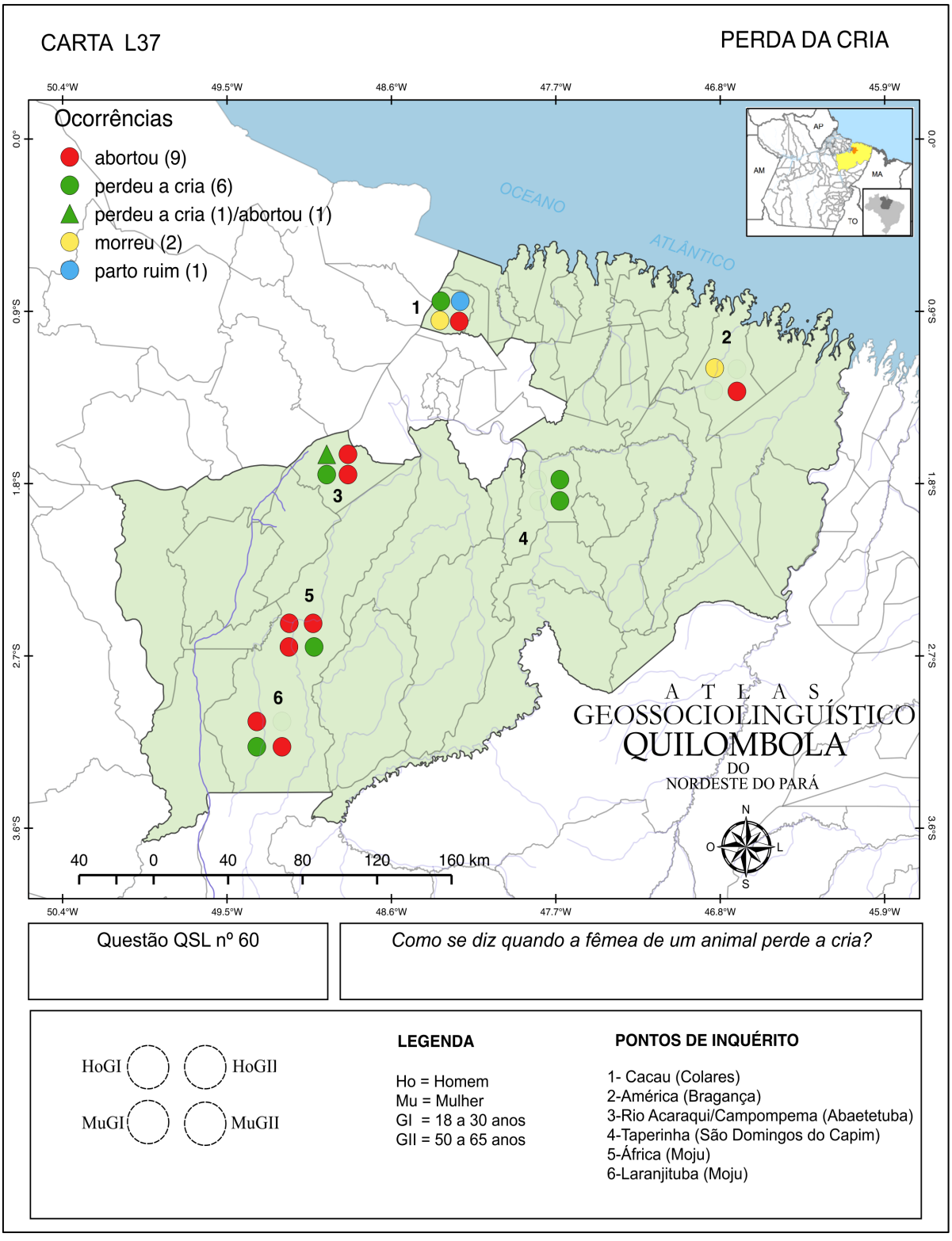
3.3.4.11 Perda da cria

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?

A questão nº 60, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *abortou* (dez ocorrências), *perdeu a cria* (sete ocorrências), *morreu* (duas ocorrências) e *parto ruim*, com uma única ocorrência.

Na carta L37, podemos observar que a variante *abortou* prevaleceu entre as respostas mapeadas no AGQUINPA. Vejamos os resultados completos a seguir:

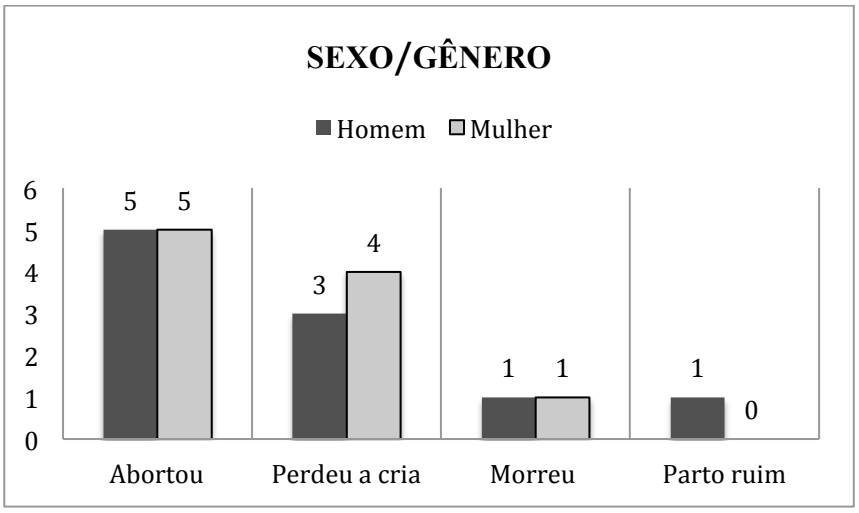
Imagem 72 - Carta L37 – questão QSL 60 (*perda da cria*).



Como podemos observar na carta L37, a variante *abortou* prevaleceu nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba). No ponto 4 (Taperinha) tivemos o registro apenas da variante *perdeu a cria*, enquanto que no ponto 2 (América) tivemos o registro das variantes *abortou* e *morreu* e no ponto 1 (Cacau) tivemos elevado índice de variação, com 4 variantes distintas (*perdeu a cria*, *parto ruim*, *morreu* e *abortou*). É importante destacar o ponto de inquérito 4 (Taperinha), o único a apresentar norma monoléxica na região.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *abortou* com a mesma quantidade de respostas tanto para homens quanto para mulheres, com cinco ocorrências cada. Já a segunda variante de maior ocorrência (*perda da cria*) apresentou mais ocorrências entre as mulheres (quatro ocorrências) e três ocorrências entre os homens. Vejamos os resultados completos no gráfico que segue:

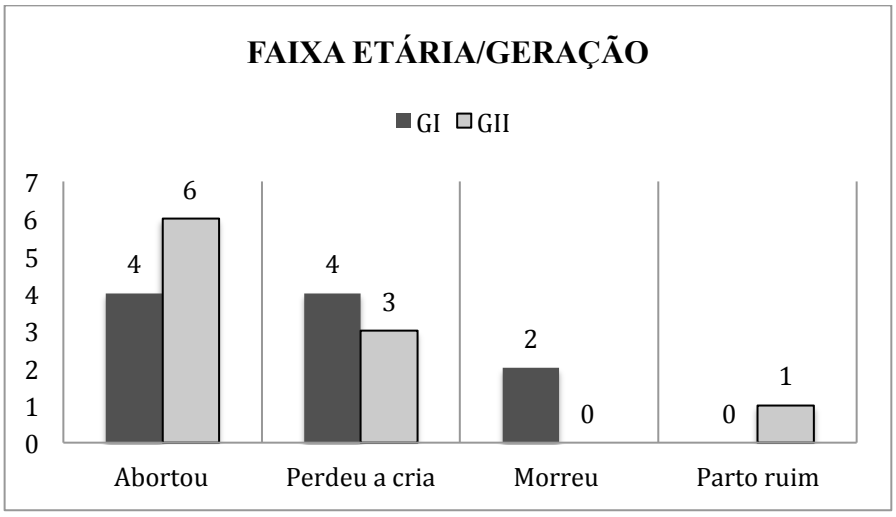
Gráfico 54 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L37 – questão QSL 60 (*perda da cria*).



Também tivemos o registro da variante *morreu* em ambos os sexos, com uma ocorrência para cada um dos sexos, e da variante *parto ruim* exclusivamente entre os homens.

Já os resultados diageracionais mostraram a variante *abortou* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com seis ocorrências, enquanto que entre os mais jovens a mesma variante foi registrada quatro vezes. Vejamos os resultados no gráfico 55:

Gráfico 55 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L37 – questão QSL 60 (*perda da cria*).



Por outro lado, a segunda variante de maior ocorrência (*perdeu a cria*) apresentou quatro ocorrências entre os mais jovens e três ocorrências registradas entre os colaboradores mais velhos. A variante *morreu* apresentou duas ocorrências exclusivamente entre os mais jovens e a variante *parto ruim* teve uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos.

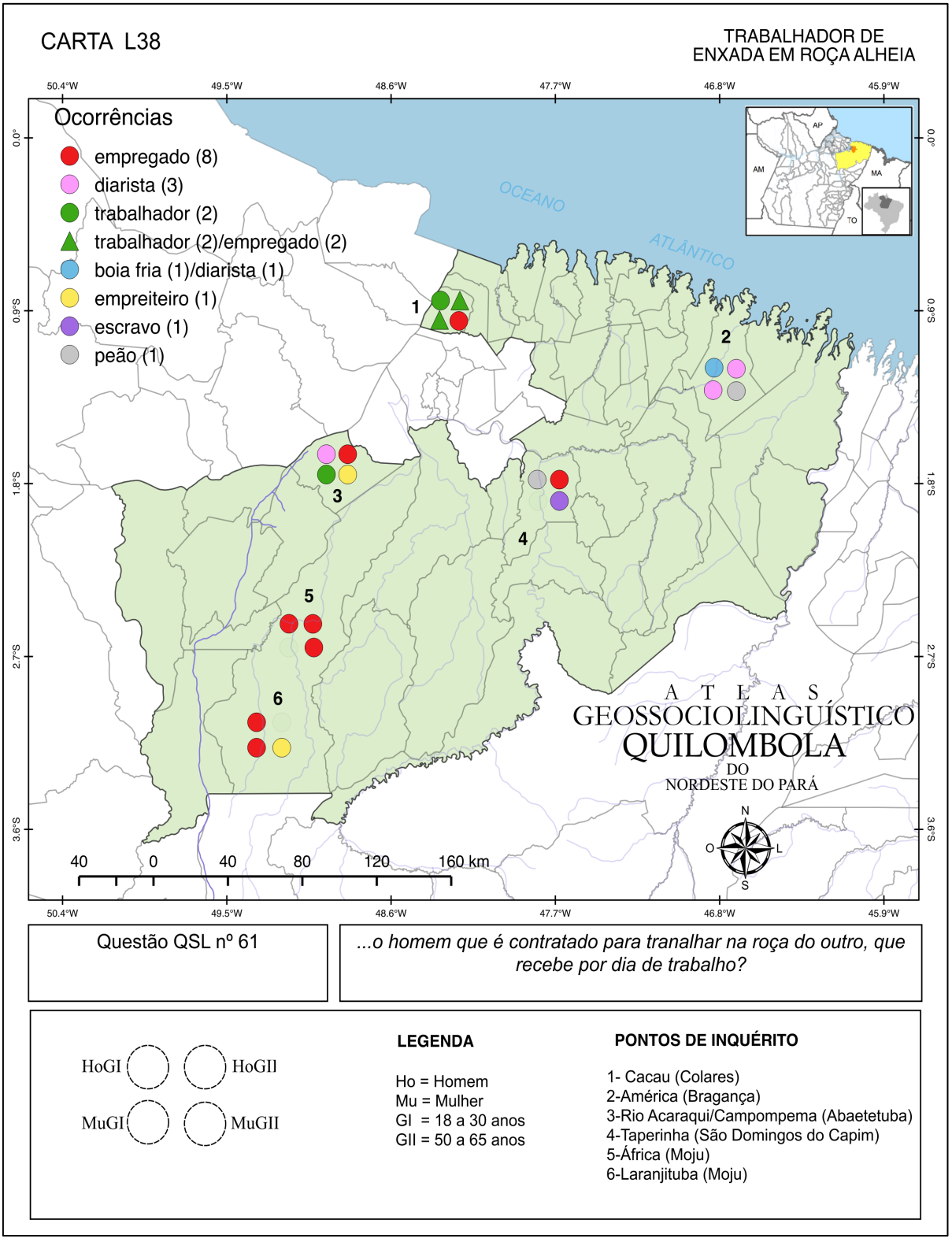
3.3.4.12 Trabalhador de enxada em roça alheia

...o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

Para a questão nº 61, do QSL, tivemos as seguintes variantes: *empregado* (dez ocorrências), *trabalhador* e *diarista* (quatro ocorrências cada), além de *boia fria*, *empreiteiro* e *escravo*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na carta L38, dentre as sete variantes registradas, prevaleceu a variante *empregado*. Vejamos os resultados completos a seguir:

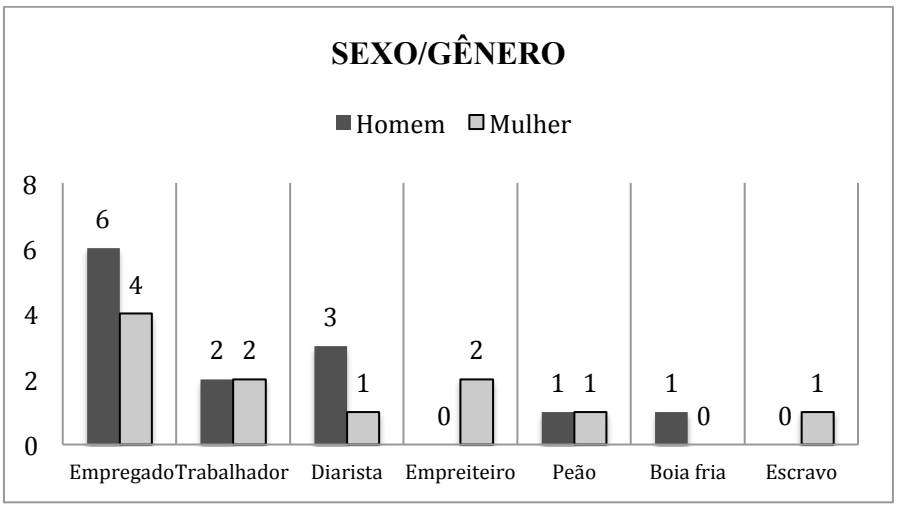
Imagem 73 - Carta L38 – questão QSL 61 (*trabalhador de enxada em4roça alheia*).



Na carta L38, podemos visualizar a variante *empregado* prevalecendo em dois dos seis pontos de inquérito: ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Já a variante *trabalhador* prevaleceu no ponto 1 (Cacau), e no ponto 2 (América) tivemos a variante *diarista* com o maior número de ocorrências. Os pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui) e 4 (Taperinha) apresentaram elevado número de variantes, com destaque para o ponto 3 que teve quatro variantes distintas (*diarista*, *empregado*, *trabalhador* e *empreiteiro*).

Do ponto de vista diassexual, tivemos a variante *empregado* prevalecendo entre os homens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres foram registradas quatro respostas. Podemos destacar também a variante *diarista*, com três ocorrências registradas entre os homens e uma única ocorrência entre as mulheres. Vejamos os resultados no gráfico 56:

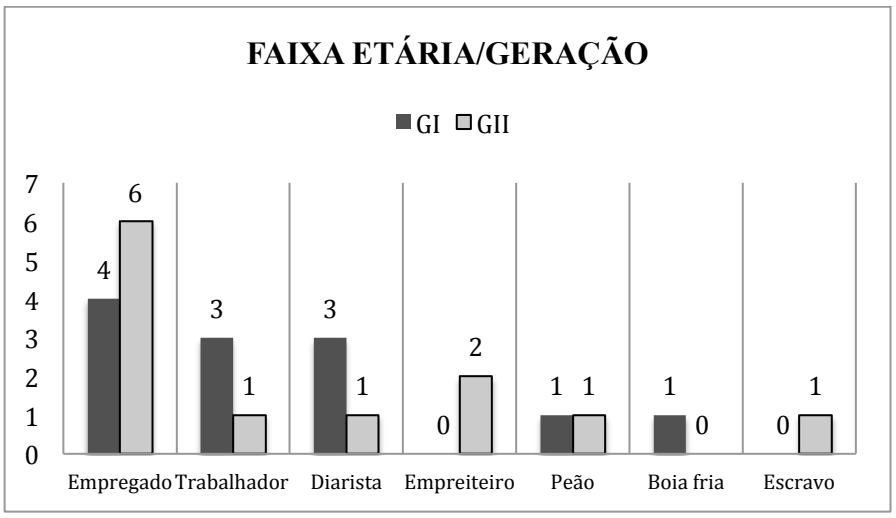
Gráfico 56 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L38 – questão QSL 61 (*trabalhador de enxada em roça alheia*).



A variante *trabalhador* apresentou duas ocorrências tanto para os homens quanto para as mulheres, assim como a variante *peão,* que apresentou uma ocorrência para ambos os sexos. Por outro lado, a variante *boia fria* foi registrada exclusivamente entre os homens e as variantes *empreiteiro* e *escravo* foram usadas exclusivamente por mulheres.

Os resultados diageracionais mostraram a variante *empregado* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens foram registradas quatro ocorrências. Entre os mais jovens prevaleceram também as variantes *trabalhador* e *diarista*, com três ocorrências cada. Vejamos os resultados no gráfico 57:

Gráfico 57 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L38 – questão QSL 61 (*trabalhador de enxada em roça alheia*).



Como podemos observar no gráfico 57, a variante *peão* apresentou uma ocorrência para cada geração. Também tivemos as variantes *empreiteiro* e *escravo* registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e a variante *boia fria* registrada somente entre os mais jovens.

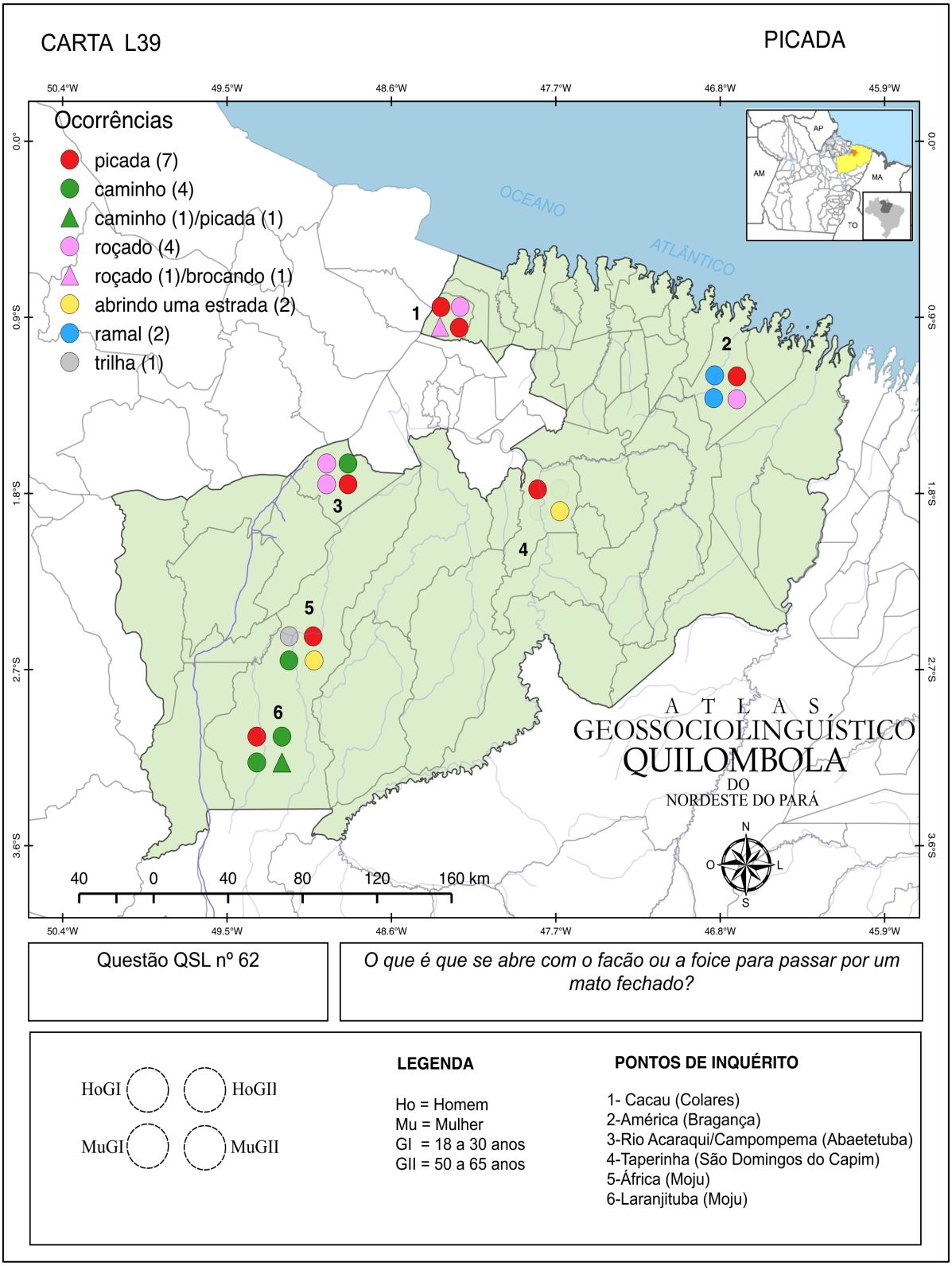
3.3.4.13 Picada

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

A questão nº 62, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *picada* (oito ocorrências), *caminho* (cinco ocorrências), *roçado* (cinco ocorrências), *abrindo uma estrada* (duas ocorrências), *ramal* (duas ocorrências), além de *brocando* e *trilha,* com uma ocorrência cada.

Prevaleceu entre os dados mapeados nesta questão, a variante *picada*, como podemos observar na carta L39. Vejamos os resultados completos e a distribuição diatópica das respostas mapeadas:

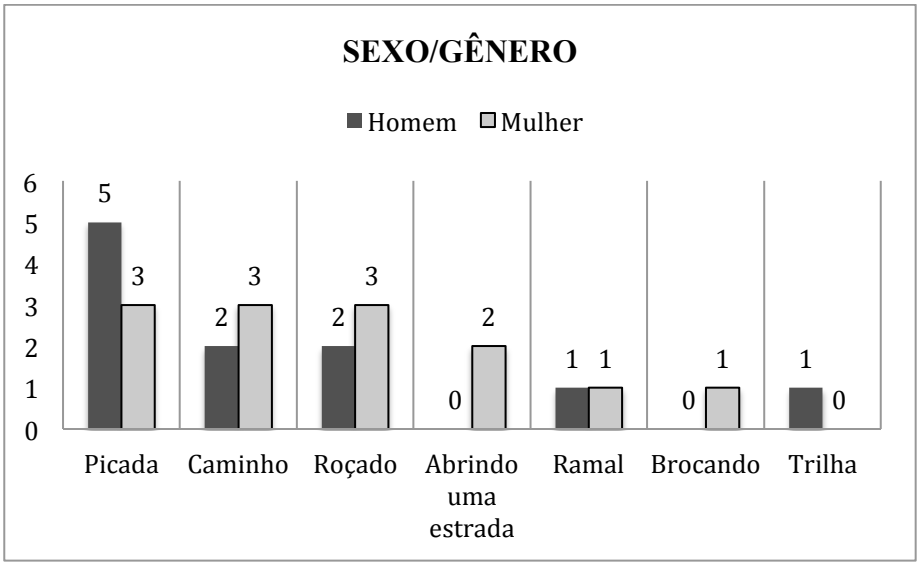
Imagem 74 - Carta L39 – questão QSL 62 (*picada*).



Como podemos observar na carta L39, a variante *picada* não prevaleceu em nenhum ponto de inquérito, de modo que no ponto 1 (Cacau) tivemos as variantes *picada* e *roçado* com metade das ocorrências cada, assim como no ponto de inquérito 4 (Taperinha), em que as variantes *picada* e *abrindo uma estrada* tiveram uma ocorrência cada.

No ponto de inquérito 2 (América) prevaleceu a variante *ramal*, enquanto que no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *roçado*. Já no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *caminho* e o ponto de inquérito 5 (África) apresentou quatro variantes distintas, a saber: *trilha*, *picada*, *caminho* e *abrindo uma estrada*. Por fim, podemos apontar que em todos os pontos de inquérito tivemos a prevalência de norma heteroléxica, considerando que houve elevado índice de variação nesta questão. No gráfico 58, veremos os resultados diassexuais referentes à questão 62 do QSL:

Gráfico 58 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L39 – questão QSL 62 (*picada*).

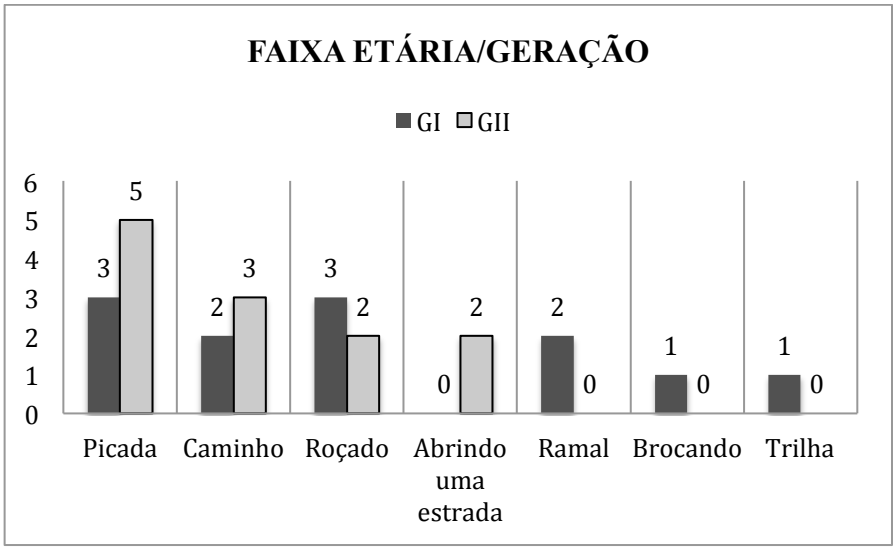


Os resultados diassexuais para esta questão do AGQUINPA mostraram a variante *picada* prevalecendo entre os homens, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres tivemos três ocorrências. Também podemos destacar as variantes *caminho* e *roçado*, que prevaleceram entre as mulheres, com três ocorrências cada, ante duas ocorrências registradas entre os homens para cada uma das variantes.

Também tivemos a variante *ramal* com uma ocorrência para cada sexo, além das variantes *abrindo uma estrada* e *brocando*, registradas exclusivamente entre as mulheres com

uma ocorrência cada, e entre os homens tivemos exclusivamente a variante *trilha*, com uma ocorrência. No gráfico 59, veremos os resultados diageracionais obtidos:

Gráfico 59 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L39 – questão QSL 62 (*picada*).



A dimensão diageracional mostrou a variante *picada* prevalecendo entre os mais velhos, com cinco ocorrências no total, ante três registradas entre os mais jovens. A variante *caminho* teve três ocorrências entre os mais velhos e duas ocorrências entre os mais jovens, ao contrário da variante *roçado,* que teve três ocorrências entre os mais jovens e duas ocorrências entre os mais velhos.

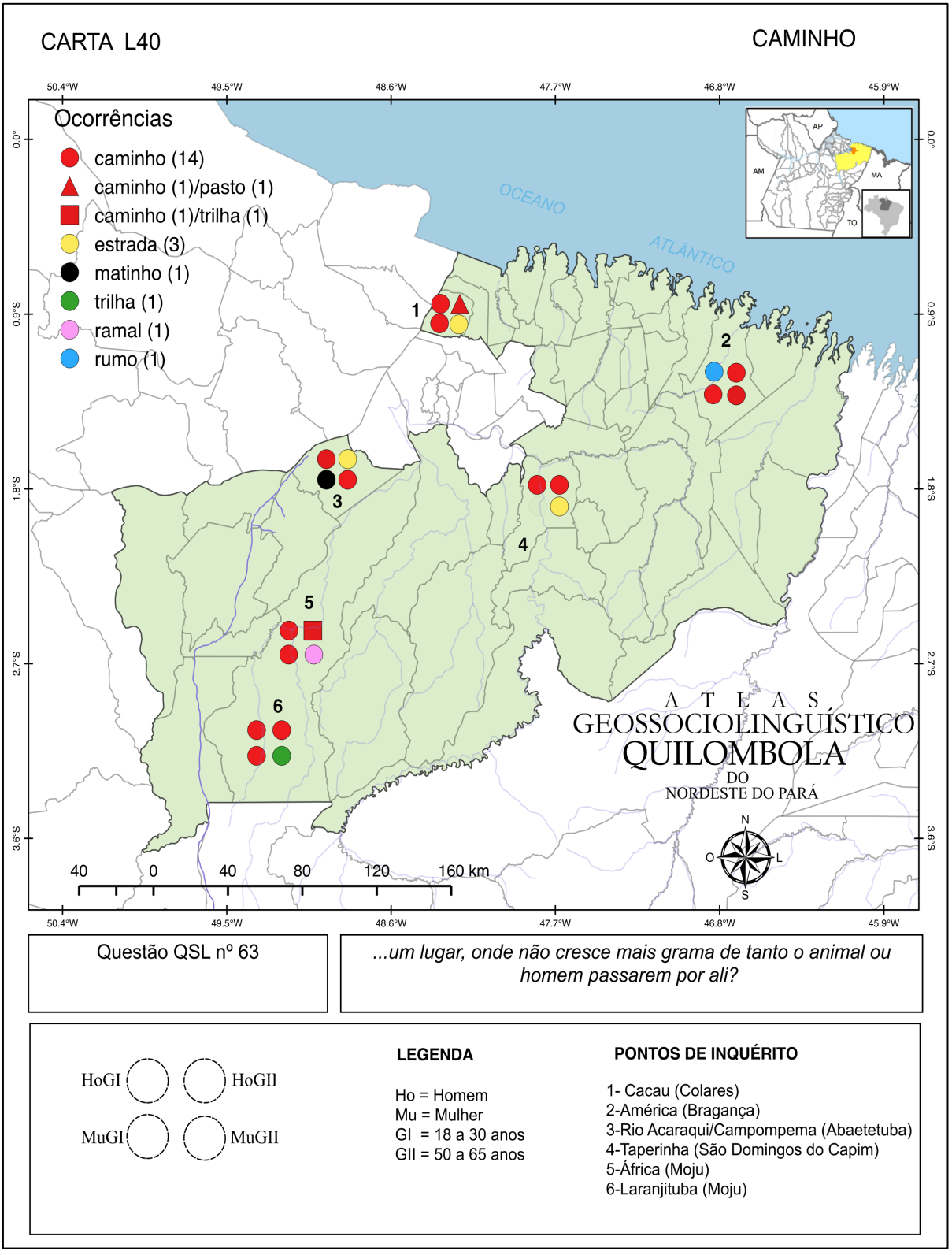
Registramos também aas variantes *ramal*, *brocando* e *trilha*, exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, com uma ocorrência cada. Já entre os colaboradores mais velhos tivemos a variante *abrindo uma estrada*, com duas ocorrências exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

3.3.4.14 Caminho

...o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

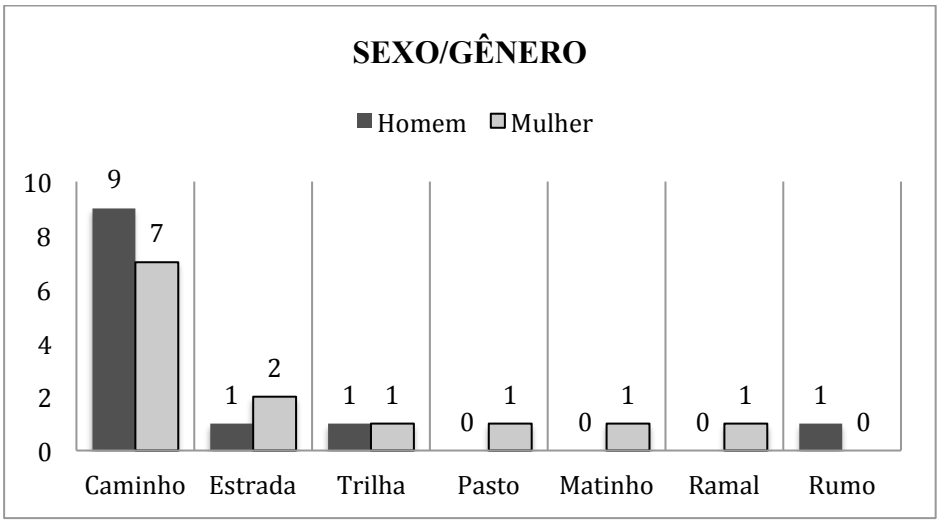
A questão nº 63, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *caminho* (dezesseis ocorrências), *estrada* (três ocorrências), *trilha* (duas ocorrências), além de *pasto*, *matinho*, *ramal* e *rumo*, com uma ocorrência cada. Como podemos conferir na distribuição diatópica presente na carta L51, a variante *caminho* prevaleceu diante das demais variantes. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 75 - Carta L40 – questão QSL 63 (*caminho*).



Como podemos observar na carta L40, a variante *caminho* prevaleceu em todos seis pontos de inquérito, e os pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) foram os que apresentaram maior variação, com três variantes distintas, a saber: ponto 1-Cacau (*caminho*, *pasto* e *estrada*), ponto 3-Rio Acaraqui/Campompema (*caminho*, *estrada* e *matinho*) e ponto 5-África (*caminho*, *trilha* e *ramal*). Destacamos nesta a carta o fato de todos os pontos de inquérito terem apresentado norma heteroléxica. A seguir, no gráfico 60, iremos conferir os resultados diassexuais obtidos para esta questão:

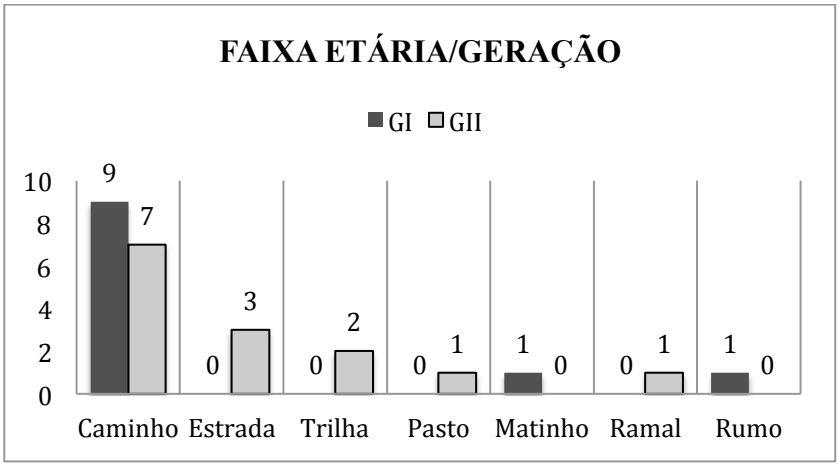
Gráfico 60 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L40 – questão QSL 63 (*caminho*).



Do ponto de vista diassexual, os dados mostraram a variante *caminho* prevalecendo entre os colaboradores homens, com nove ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos sete ocorrências. A variante *estrada* apresentou duas ocorrências entre as mulheres e uma única ocorrência entre os homens. Já a variante *trilha* teve uma ocorrência para cada um dos sexos.

Registramos também as variantes *pasto*, *matinho*, *ramal* e *trilha* exclusivamente entre as mulheres, com uma ocorrência cada, enquanto que entre os homens tivemos exclusivamente a variante *rumo*, com uma única ocorrência. Vejamos a seguir os resultados diageracionais:

Gráfico 61 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L40 – questão QSL 63 (*caminho*).



Como é possível visualizar no gráfico acima, os resultados referentes à dimensão diageracional mostraram a variante *caminho* prevalecendo entre os mais jovens (GI), com nove ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos (GII) foram registradas sete ocorrências.

Destacamos as variantes *estrada* (três ocorrências), *trilha* (duas ocorrências), *pasto* (uma ocorrência) e *ramal* (uma ocorrência), registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os mais jovens registramos exclusivamente as variantes *matinho* e *rumo*, com uma ocorrência cada.

3.3.5 Fauna

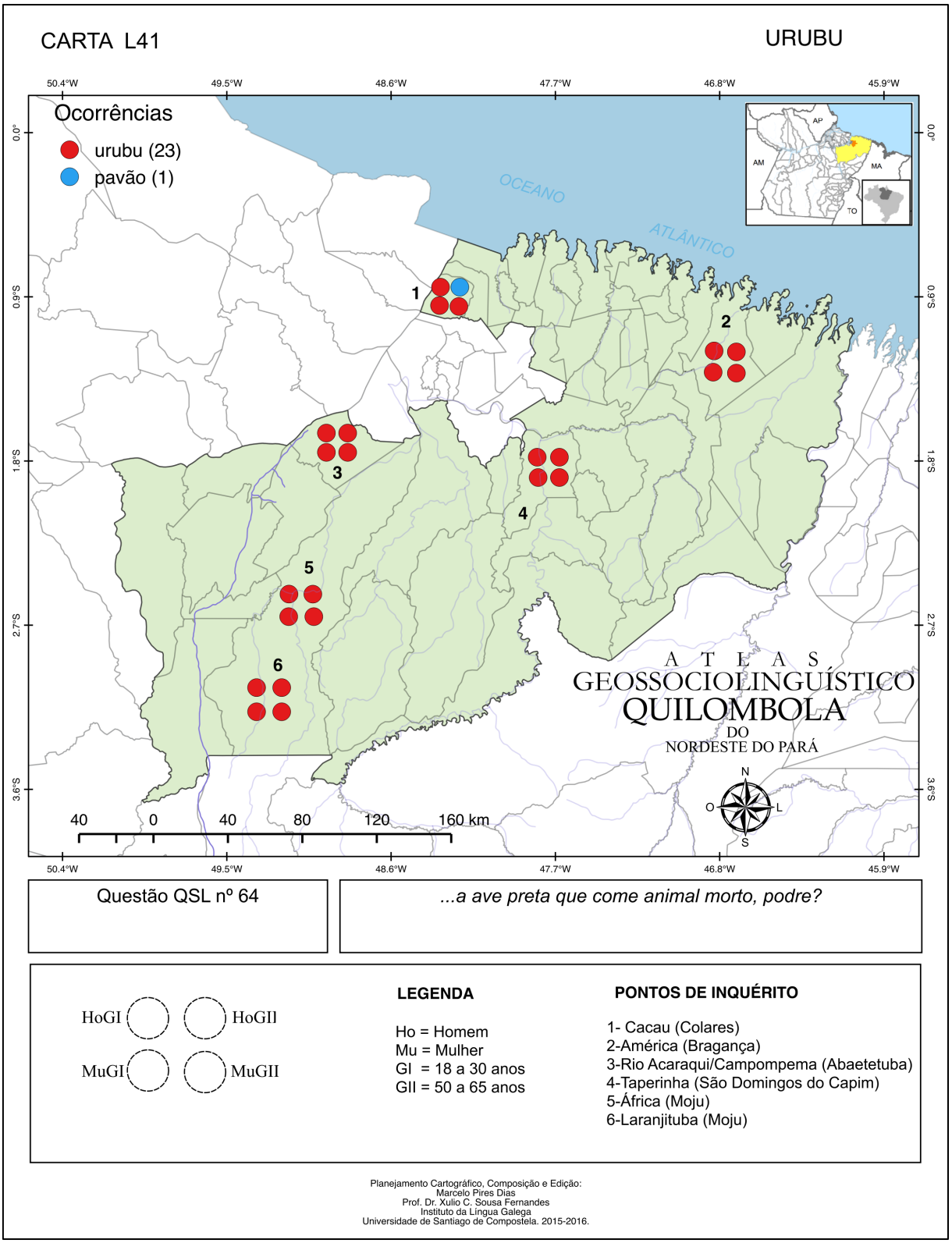
O campo semântico *fauna* é composto por vinte e cinco questões referentes a animais que compõem a fauna brasileira (*papagaio*, *urubu*, *beija-flor*, etc.), partes da anatomia de animais (*anca*, *úbere*, *crina*, etc.), insetos (*mosca varejeira*, *pernilongo*, *libélula*, etc.), dentre outros. A seguir, descreveremos com detalhes as dezoito cartas selecionadas deste campo semântico.

3.3.5.1 Urubu

...a ave preta que come animal morto, podre?

A questão nº 64, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *urubu* (vinte e três ocorrências) e *pavão*, com uma única ocorrência. Vejamos os resultados na carta L41:

Imagem 76 - Carta L41 – questão QSL 64 (*urubu*).



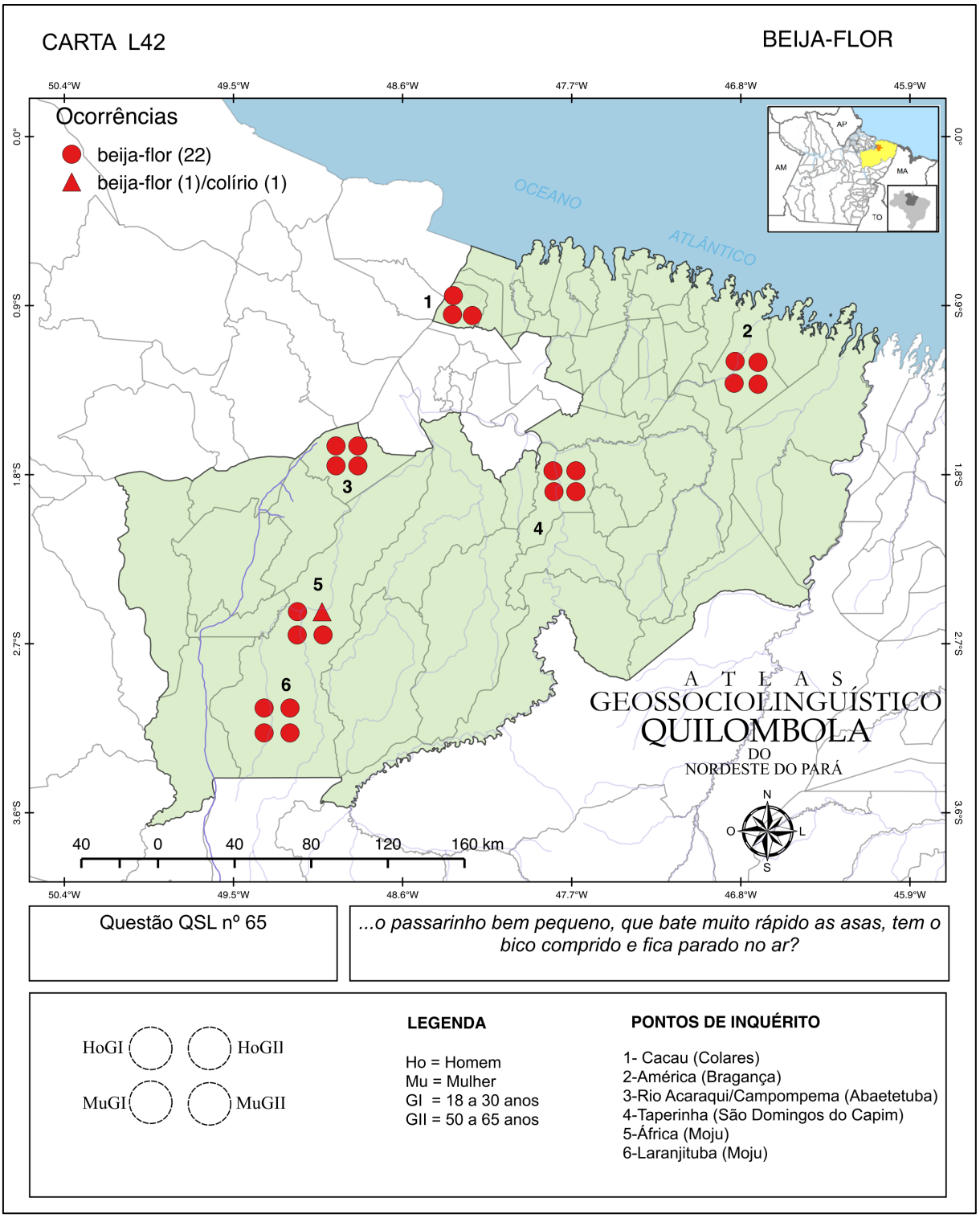
Como podemos observar na carta L41, a variante *urubu* prevaleceu em todos os pontos de inquérito, em termos de frequência, e a variante *pavão* foi registrada exclusivamente no ponto de inquérito 1 (Cacau), na fala de um colaborador homem da geração II. Para esta questão prevaleceu o uso monoléxico da variante *urubu*.

3.3.5.2. Beija-flor

...o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

A questão nº 65, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *beija-flor* (vinte e três ocorrências) e *colírio* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L42, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 77 - Carta L42 – questão QSL 65 (*beija-flor*).



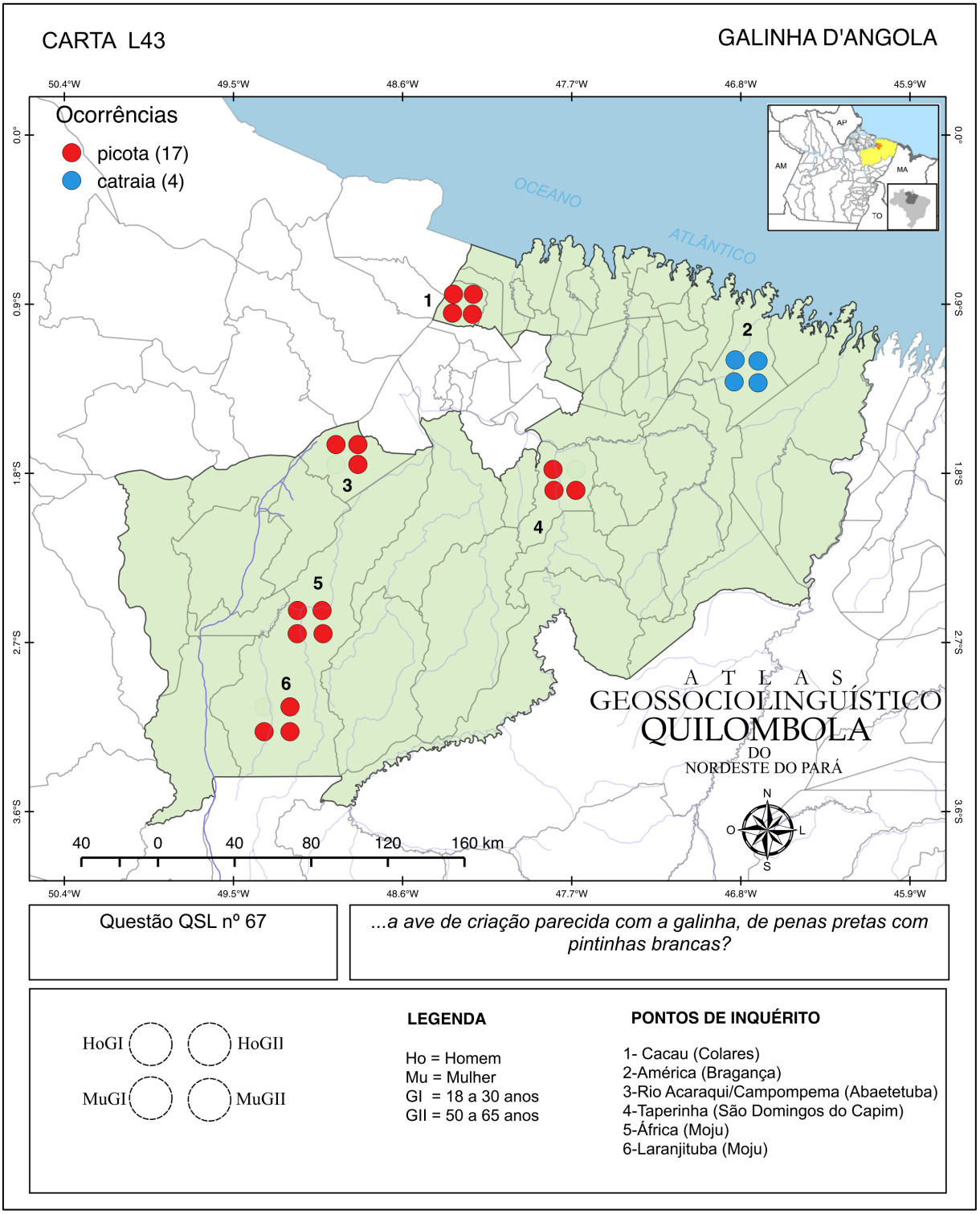
Como podemos observar na carta L42, a variante *beija-flor* prevaleceu em todos os pontos de inquérito, evidenciando o uso monoléxico em cinco dos seis pontos de inquérito. Apenas no ponto de inquérito 5 (África) tivemos a ocorrência da variante *colírio*, especificamente na fala de um colaborador homem e da geração mais velha.

3.3.5.3 Galinha d'angola

...a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas e com pintinhas brancas?

A questão nº 67, do QSL, apresentou duas variantes no AGQUINPA: *picota* (dezessete ocorrências) e *catraia* (quatro ocorrências). Na carta L43, podemos conferir a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 78 - Carta L43 – questão QSL 67 (*galinha d'angola*).



Na carta L43, podemos observar que a variante *picota* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, com exceção do ponto de inquérito 2 (América), onde tivemos a variante *catraia* usada por todos os colaboradores dessa localidade. Para esta questão, podemos dizer que houve a presença de duas normas heteroléxicas na região, uma delas específica da comunidade América (*catraia*) e a segunda variante (*picota*), presente nas demais comunidades.

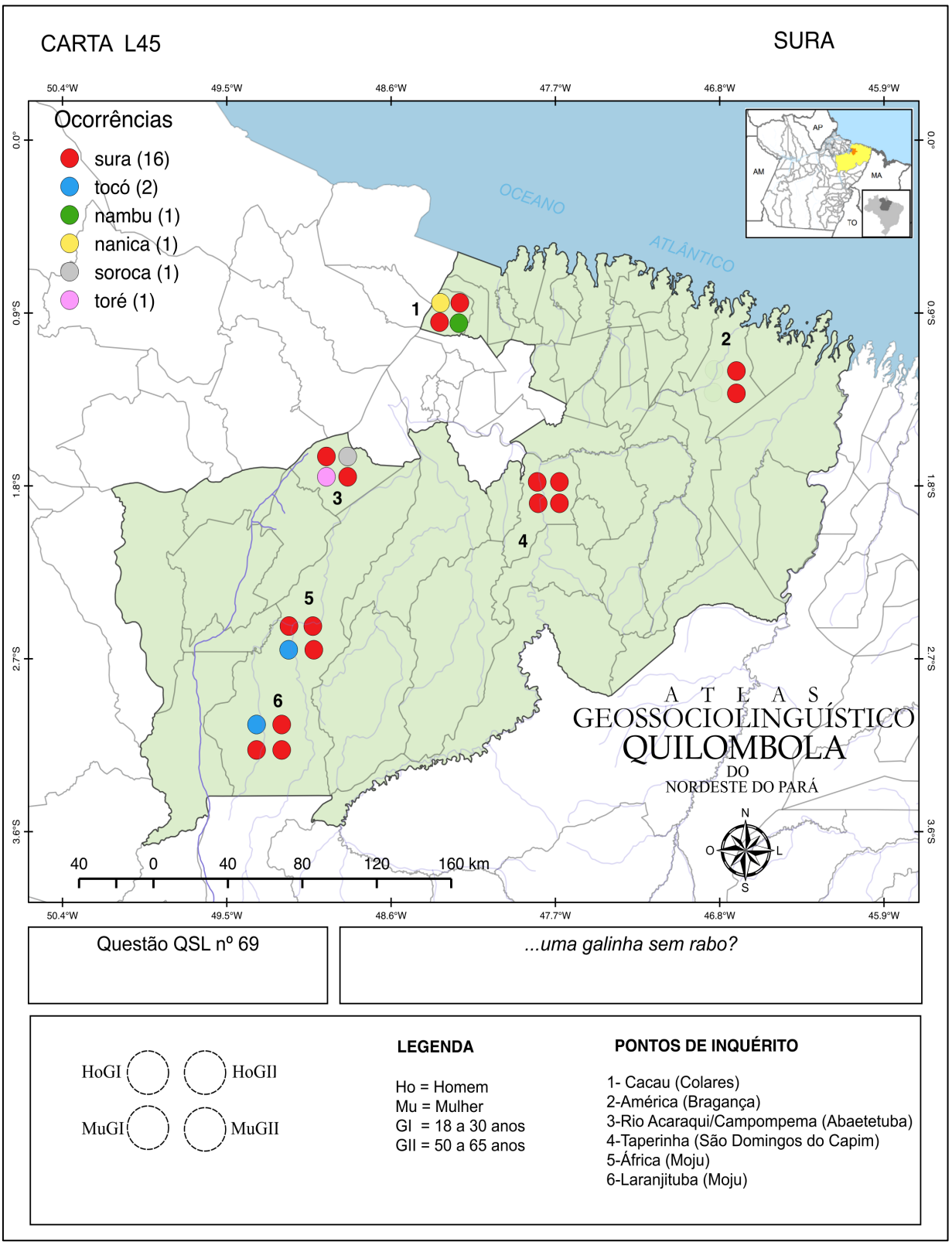
3.3.5.4 Sura

...uma galinha sem rabo?

A questão nº 69, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *sura* (dezesseis ocorrências), *tocó* (duas ocorrências), além de *nambu*, *nanica*, *soroca* e *toré*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na carta L45, a variante *sura* predominou em todos os seis pontos de inquérito. Vejamos os resultados completos a seguir:

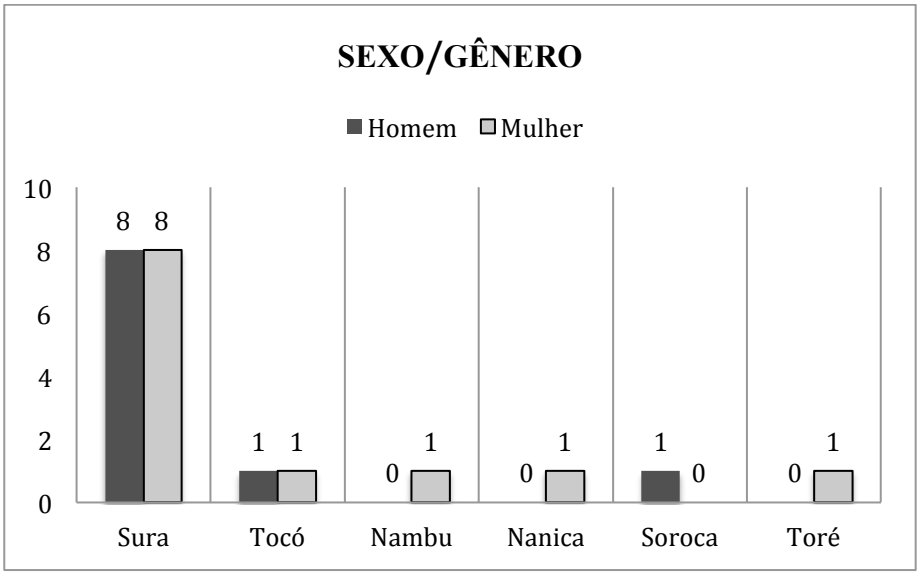
Imagem 79 - Carta L45 – questão QSL 69 (*sura*).



Do ponto de vista diatópico, a variante *sura* foi respondida em todas as regiões, com destaque para o ponto de inquérito 4 (Taperinha), onde tivemos 100% de ocorrência para essa variante. Por outro lado, os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) apresentaram maior variação, com três respostas distintas. Também podemos observar que apenas nos pontos 2 (América) e 4 (Taperinha) tivemos a presença de norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos norma heteroléxica.

Como podemos verificar no gráfico 62, a variante *sura* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com oito respostas cada no total. Portanto, do ponto de vista diassexual não houve diferença estatística entre os dois sexos. Vejamos os resultados:

Gráfico 62 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L40 – questão QSL 63 (*caminho*).



Além da variante *sura*, também tivemos a variante *tocó* com uma ocorrência para ambos os sexos e a variante *soroca* registrada exclusivamente entre os homens. Já entre as mulheres tivemos o registro exclusivo das variantes *nambu*, *nanica* e *toré*, com uma ocorrência cada.

Considerando a dimensão diageracional, constatamos que a variante *sura* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com dez ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores mais jovens registramos seis ocorrências, portanto, uma diferença significativa entre as duas gerações. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

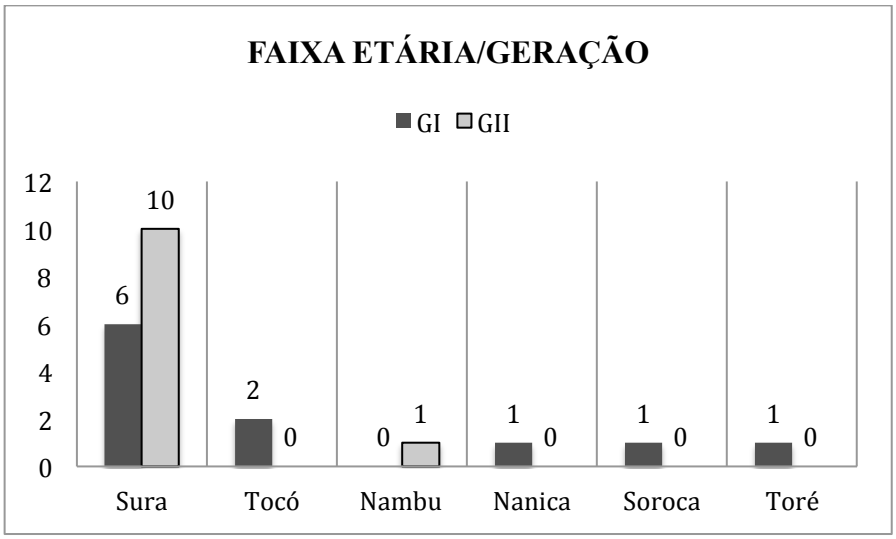


Gráfico 63 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L40 – questão QSL 63 (*caminho*).

No gráfico 63, também podemos visualizar as variantes *tocó*, *nanica*, *soroca* e *toré*, com uma ocorrência cada e registradas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, enquanto que entre os mais velhos registramos exclusivamente a variante *nambu*.

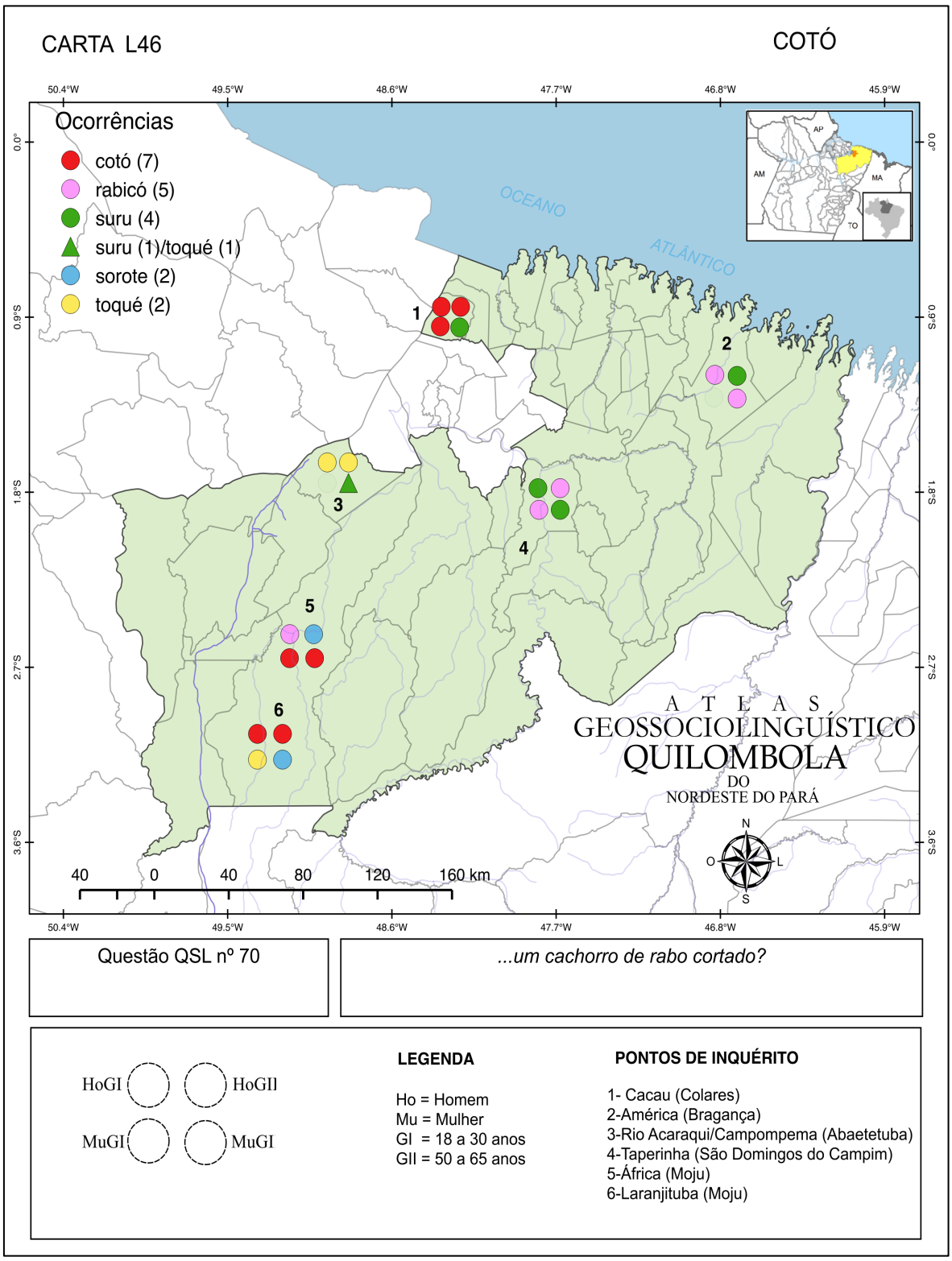
3.3.5.5 Cotó

...um cachorro de rabo cortado?

Para a questão nº 70, do QSL, tivemos as seguintes variantes no AGQUINPA: *cotó* (sete ocorrências), *rabicó* (cinco ocorrências), *suru* (cinco ocorrências), *toqué* (três ocorrências) e *sorote* (duas ocorrências).

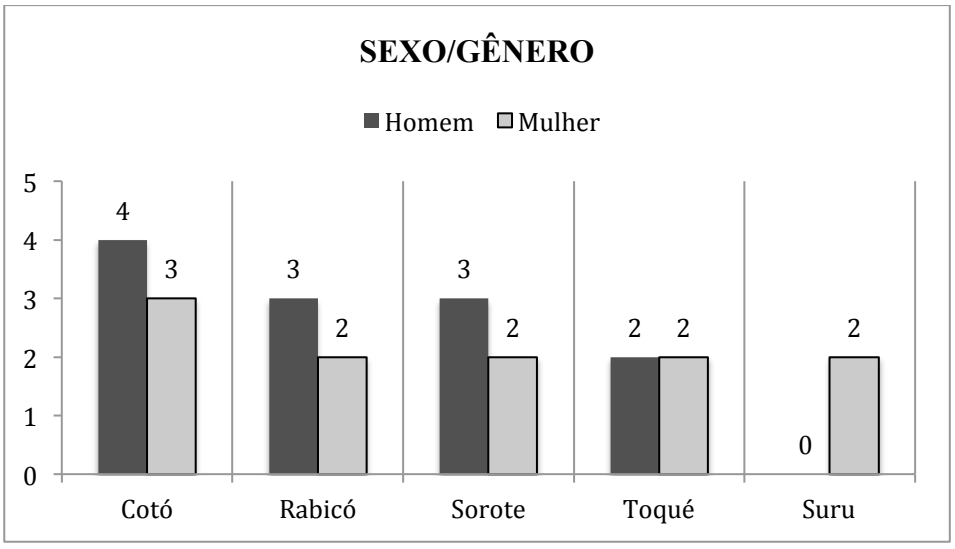
Na carta L46, podemos constatar a prevalência da variante *cotó*, enquanto que a variante *bicó* figurou como a segunda variante de maior ocorrência. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 80 - Carta L46 – questão QSL 70 (*cotó*).



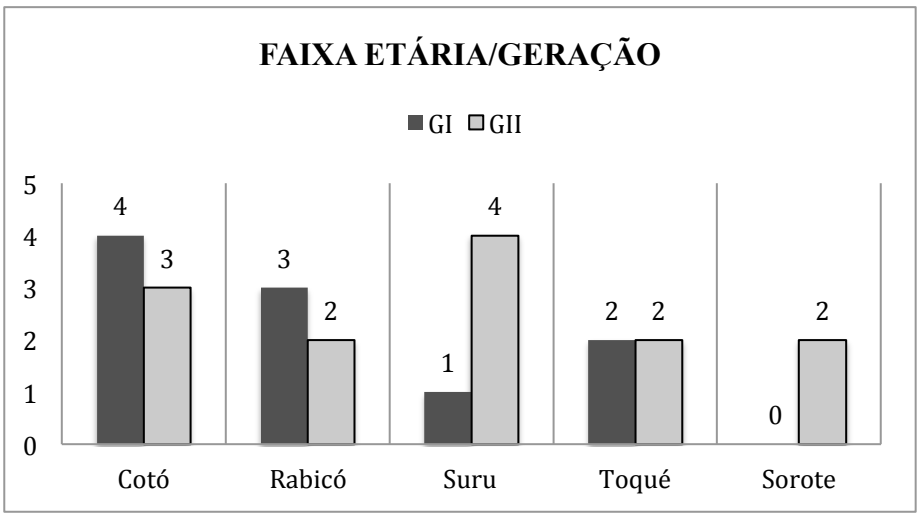
Como podemos observar na carta L46, a variante *cotó* prevaleceu em 3 dos 6 pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Já a variante *toqué* prevaleceu no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), enquanto que nos pontos 2 (América) e 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *rabicó*. Os pontos de inquérito 5 e 6 apresentaram o maior número de variantes, a saber: ponto 5-África (*rabicó*, *sorote* e *cotó*) e ponto 6-Laranjituba (*cotó*, *toqué* e *sorote*). Constatamos, com base nesses resultados, a prevalência de norma heteroléxica em todos os pontos de inquérito. A seguir, veremos os resultados diassexuais referentes à carta L46:

Gráfico 64 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L46 – questão QSL 70 (*cotó*).



Os resultados diassexuais mostraram a variante *cotó* com maior ocorrência entre os colaboradores homens, com quatro ocorrências no total, ante três ocorrências registradas entre as mulheres. Também tivemos a variante *rabicó* com três ocorrências entre os homens, perante duas ocorrências registradas entre as mulheres, assim como a variante *sorote*, que também teve três ocorrências entre as mulheres e duas entre os homens. Já a variante *toqué* teve duas ocorrências para cada sexo e a variante *suru* foi registrada exclusivamente entre as mulheres, com duas ocorrências no total. No gráfico 65, a seguir, veremos os resultados diageracionais desta questão:

Gráfico 65 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L46 – questão QSL 70 (*cotó*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *cotó* com maior ocorrência entre os mais jovens (quatro ocorrências) ante três ocorrências registradas entre os mais velhos. Já a variante *rabicó* também teve mais ocorrências entre os mais jovens (três ocorrências) perante duas ocorrências registradas entre os mais velhos. A variante *suru* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com quatro ocorrências no total, diante da única ocorrência registrada entre os mais jovens. Por fim, a variante *toqué* teve duas ocorrências em cada uma das gerações e a variante *sorote* foi registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com duas ocorrências.

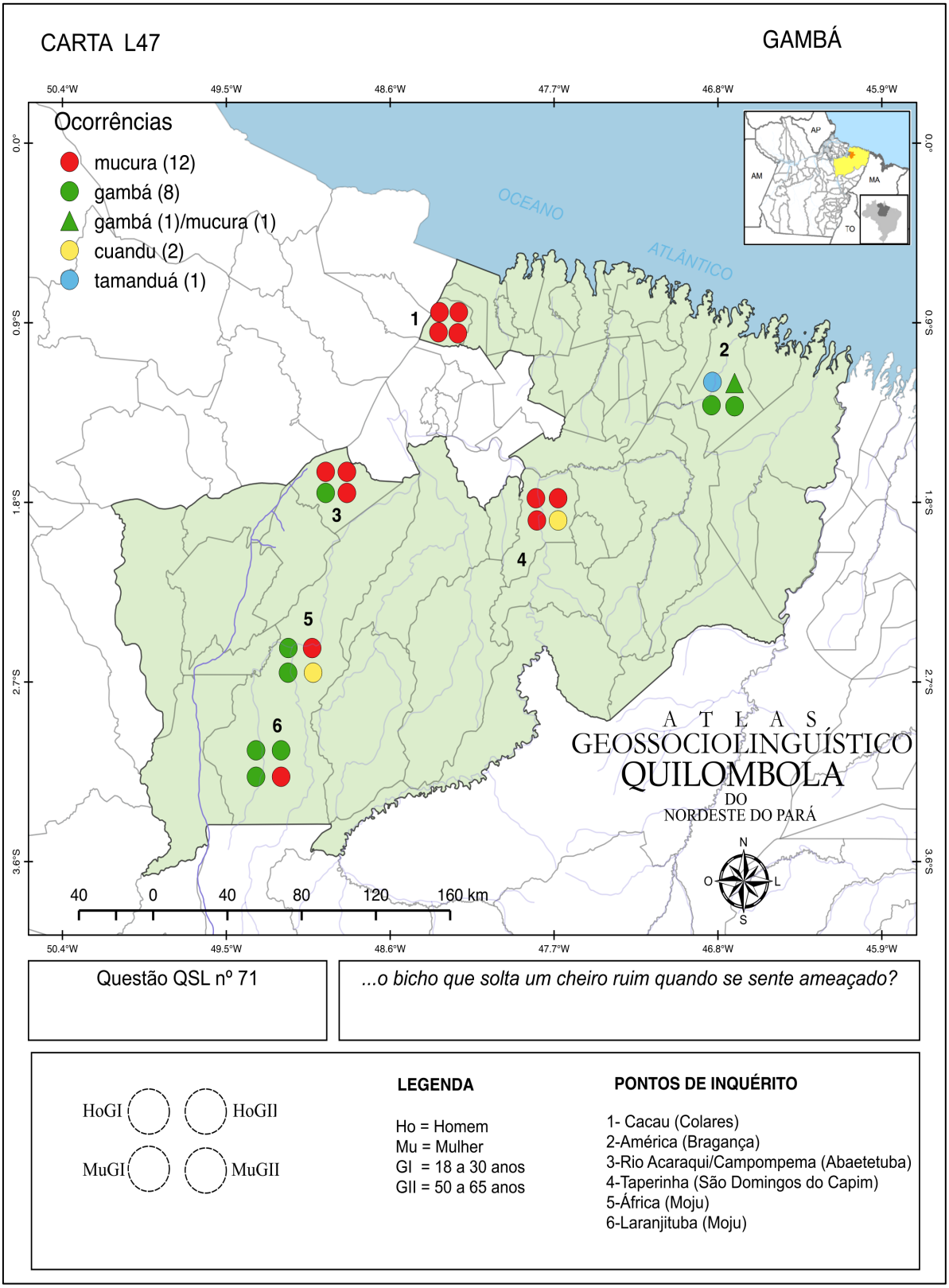
3.3.5.6 Gambá

...o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

A questão nº 71, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *mucura* (treze ocorrências), *gambá* (nove ocorrências), *cuandu* (duas ocorrências) e *tamanduá* com uma única ocorrência.

Na carta L47, podemos conferir a distribuição diatópica das variantes mapeadas, bem como a prevalência da variante *mucura*, enquanto que a variante *gambá* figurou como a segunda variante de maior frequência. Vejamos os resultados completos:

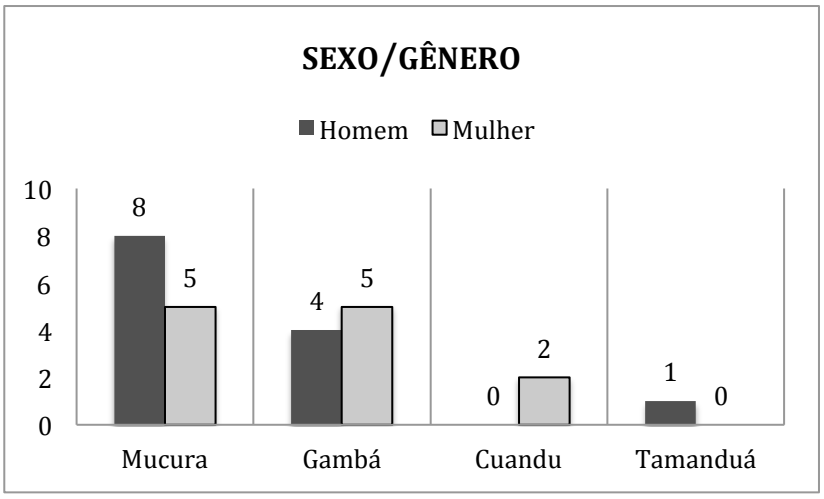
Imagem 81 - Carta L47 – questão QSL 71 (*gambá*).



Na carta L47, podemos visualizar a variante *mucura* prevalecendo em metade dos pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 4 (Taperinha). Já na outra metade dos pontos de inquérito (2-América, 5-África e 6-Laranjituba) prevaleceu a variante *gambá*. Os pontos de inquérito 2 (América) e 5 (África) apresentaram o maior número de variantes (ponto 2-América: *tamanduá*, *gambá* e *muruca*; ponto 5-África: *gambá*, *mucura* e *cuandu*). Destacamos, entre os resultados, o ponto de inquérito 1 (Cacau), o único que apresentou norma monoléxica.

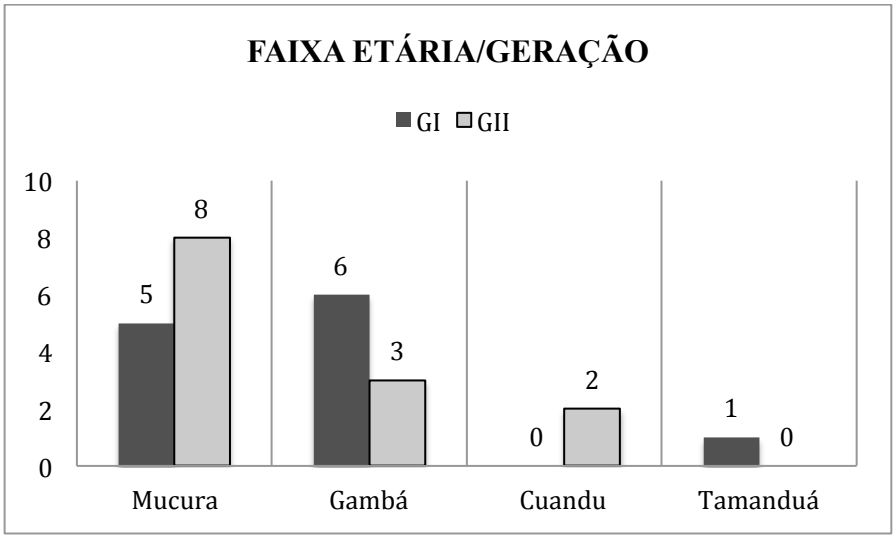
Como podemos observar no gráfico 66, a variante *mucura* prevaleceu entre os colaboradores homens, com oito ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres foram registradas cinco ocorrências. Já a variante *gambá*, que figurou como a segunda variante de maior ocorrência no geral, apresentou cinco ocorrências entre as mulheres e quatro ocorrências entre os homens. Já a variante *cuandu* foi registrada exclusivamente entre as mulheres e a variante *tamanduá* registrada exclusivamente entre os homens. Vejamos os resultados completos desta dimensão a seguir:

Gráfico 66 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L47 – questão QSL 71 (*gambá*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *mucura* prevalecendo entre os mais velhos, com oito ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens foram registradas cinco ocorrências. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 67 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L47 – questão QSL 71 (*gambá*).



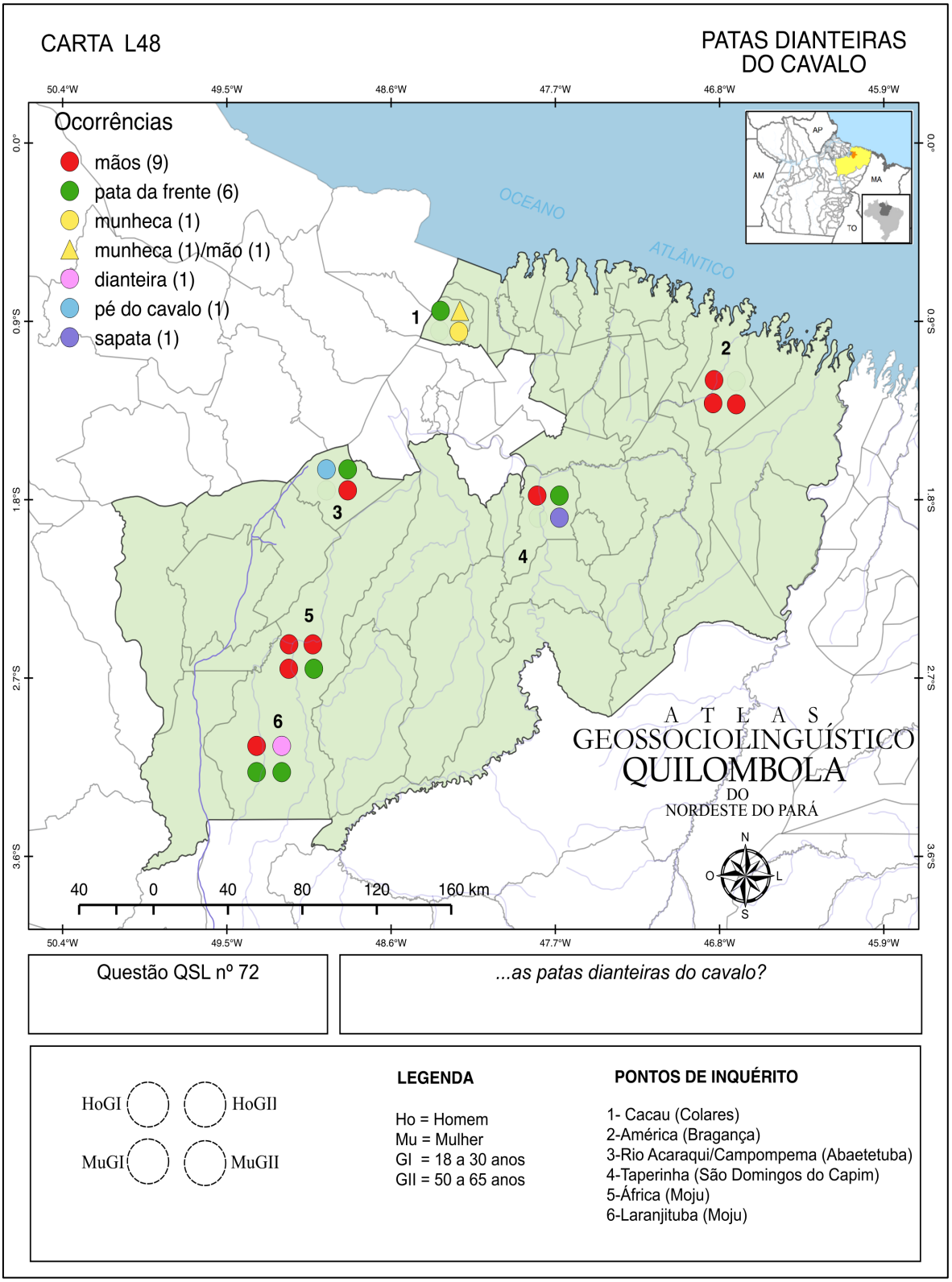
Por outro lado, a variante *gambá* prevaleceu entre os mais jovens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos foram registradas apenas três ocorrências. Também tivemos a variante *cuandu* usada exclusivamente entre os mais velhos e a variante *tamanduá* registrada exclusivamente entre os mais jovens.

3.3.5.7 Patas dianteiras do cavalo

...as patas dianteiras do cavalo?

A pergunta nº 72, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *mãos* (dez ocorrências), *pata da frente* (seis ocorrências), *munheca* (duas ocorrências), além de *dianteira*, *pé do cavalo* e *sapata*, com uma ocorrência cada, como podemos observar na carta L48:

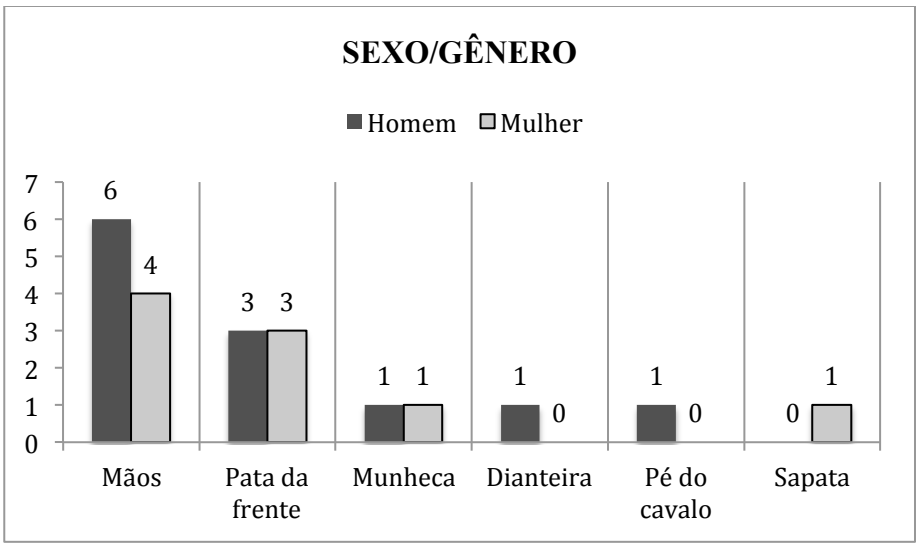
Imagem 82 - Carta L48 – questão QSL 72 (*patas dianteiras do cavalo*).



Como podemos observar na carta L48, a variante *mãos* prevaleceu em dois pontos de inquérito (2-América e 5-África), enquanto que a variante *pata da frente* prevaleceu no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), e no ponto de inquérito 1 (Cacau) tivemos a prevalência da variante *munheca*. Para esta questão destacamos os pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) que apresentaram bastante variação, com três variantes distintas. Na carta, também podemos visualizar a ocorrência de norma monoléxica apenas no ponto de inquérito 2 (América).

No gráfico 68, podemos observar que a variante *mãos* prevaleceu entre os homens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos quatro ocorrências. Já a segunda variante de maior ocorrência (*pata da frente*) apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (três ocorrências cada). Vejamos os resultados desta dimensão a seguir:

Gráfico 68 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L48 – questão QSL 72 (*patas dianteiras do cavalo*).

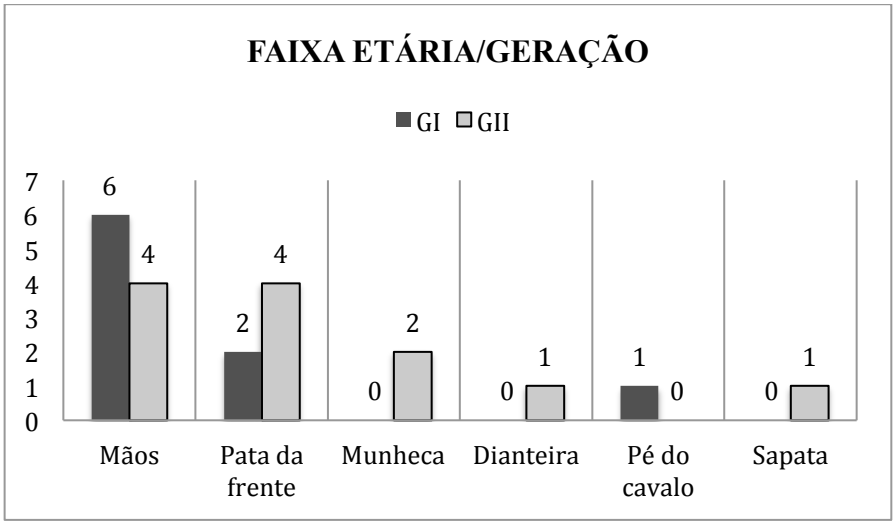


Já a variante *munheca* apresentou a mesma quantidade de ocorrências para ambos os sexos, enquanto que a variante *dianteira* e *pé do cavalo* foram registradas exclusivamente entre os homens e a variante *sapata* foi usada exclusivamente entre as mulheres.

Os resultados diageracionais mostraram a variante *mãos* prevalecendo entre os mais jovens (seis ocorrências), enquanto que entre os mais velhos foram registradas quatro ocorrências. Por outro lado, a variante *pata da frente* prevaleceu entre os mais velhos, com

quatro ocorrências, e entre os mais jovens registramos duas ocorrências. Vejamos os resultados completos no gráfico 69:

Gráfico 69 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L48 – questão QSL 72 (*patas dianteiras do cavalo*).



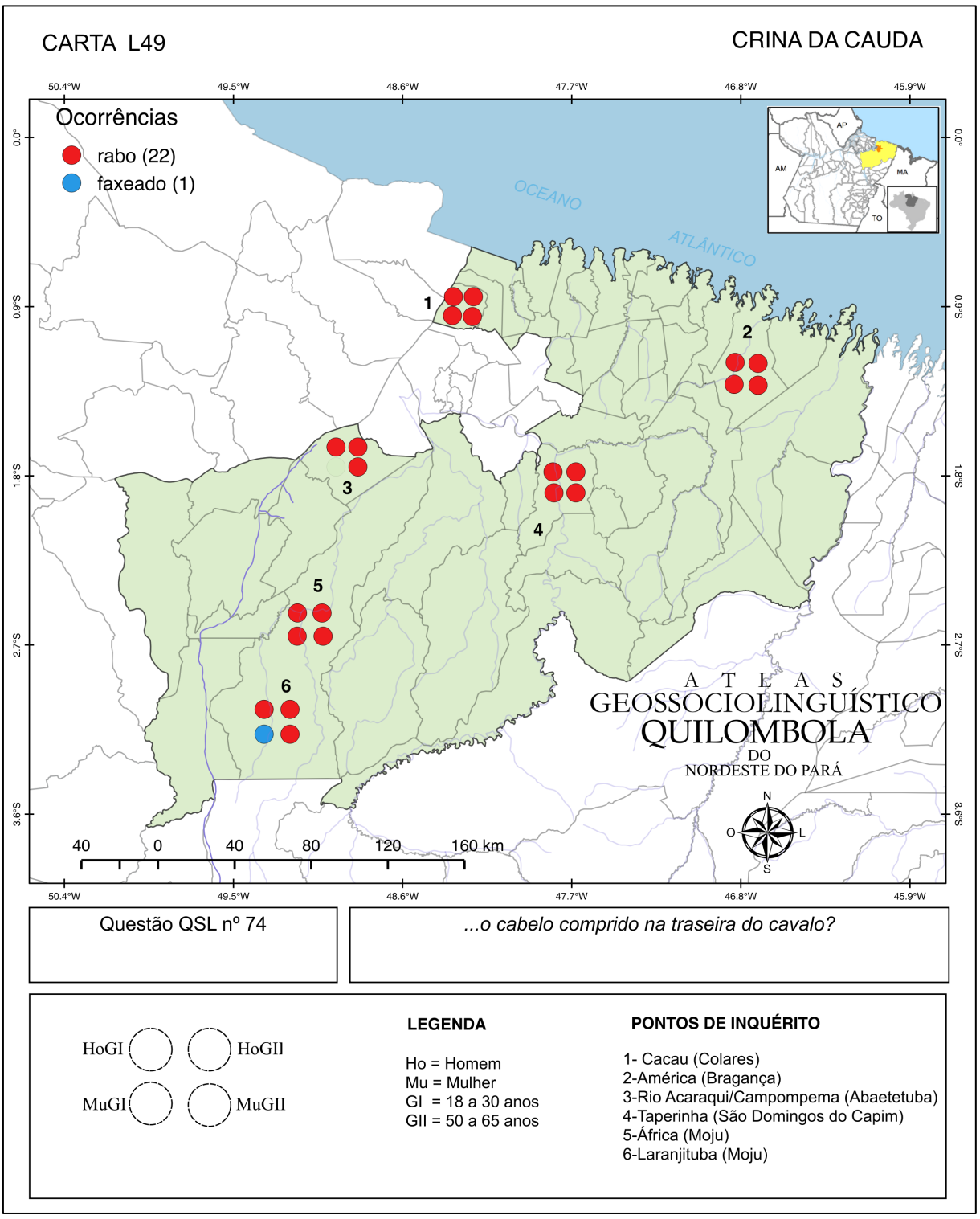
Para esta questão registramos exclusivamente entre os colaboradores mais velhos as variantes *munheca* (duas ocorrências), *dianteira* (uma ocorrência) e *sapata* (uma ocorrência), enquanto que a variante *pé do cavalo* foi registrada exclusivamente entre os mais jovens, com uma única ocorrência.

3.3.5.8 Crina da cauda

...o cabelo comprido na traseira do cavalo?

A questão nº 74, do QSL, apresentou apenas duas variantes: *rabo* (vinte e duas ocorrências) e *faxeado*, com uma única ocorrência. Vejamos a seguir a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 83 - Carta L49 – questão QSL 74 (*crina da cauda*).



Na carta L49, é possível visualizar a prevalência, em todos os seis pontos de inquérito, da variante *rabo*, enquanto que a variante *faxeado* foi registrada uma única vez no ponto de

inquérito 6 (Laranjituba), na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Nesta questão prevaleceu a norma monoléxica.

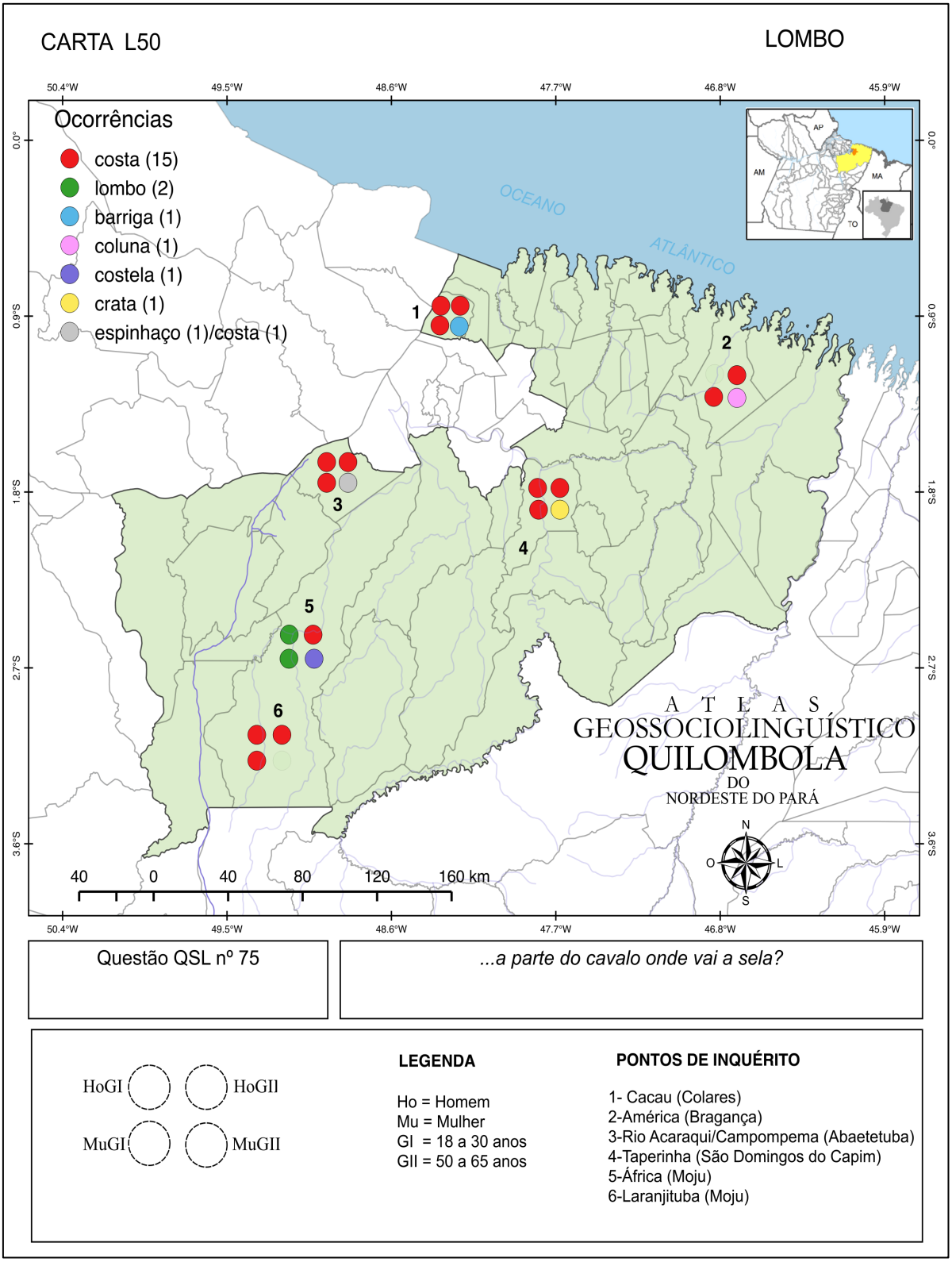
3.3.5.9 Lombo

...a parte do cavalo onde vai a sela?

A questão nº 75, do QSL, do AGQUINPA apresentou as seguintes variantes: *costa* (dezesseis ocorrências), *lombo* (duas ocorrências), além de *barriga*, *coluna*, *costela*, *crata* e *espinhaço*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na carta L50, a variante *costa* prevaleceu na região, enquanto que a segunda variante de maior ocorrência (*lombo*) apresentou apenas duas ocorrências. Vejamos os resultados completos a seguir:

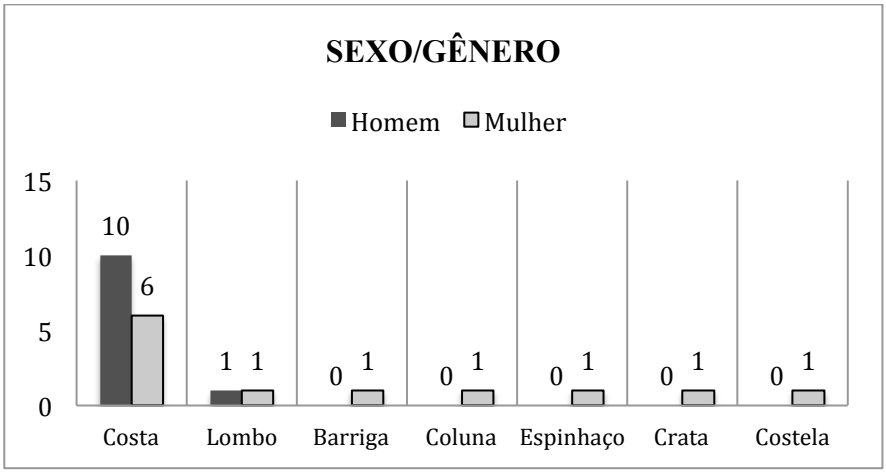
Imagem 84 - Carta L50 – questão QSL 75 (*lombo*).



Na carta L50, podemos observar que a variante *costa* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 6 (Laranjituba). Já no ponto 5 (África) prevaleceu a variante *lombo*. Cabe destacar também o ponto 5 (África), que apresentou o maior número de variantes únicas (*lombo*, *costa* e *costela*). Para esta questão destacamos o ponto de inquérito 6 (Laranjituba), o único que apresentou norma monoléxica na região.

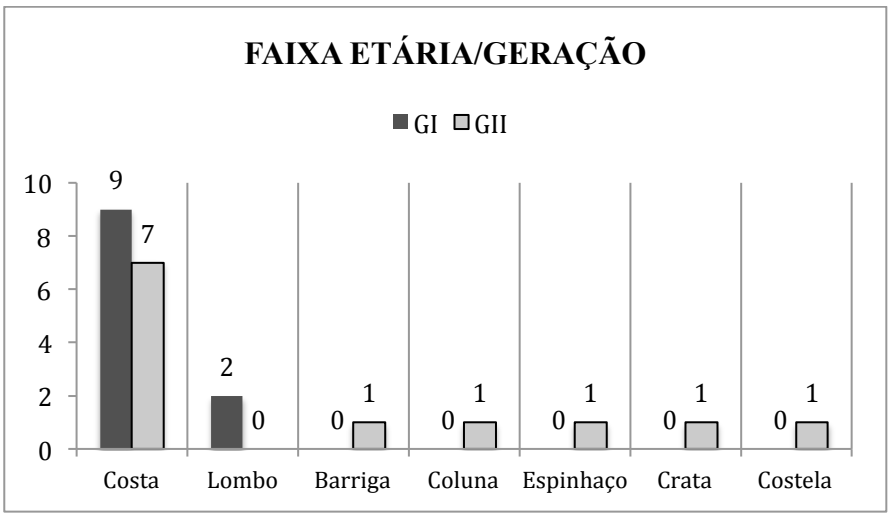
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *costa* prevalecendo entre os colaboradores homens, com dez ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos seis ocorrências. Também podemos destacar as variantes *coluna*, *espinhaço*, *crata* e *costela*, registradas exclusivamente entre as mulheres, com uma ocorrência cada, e a variante *lombo*, com uma ocorrência para ambos os sexos. Vejamos os resultados completos no gráfico 70:

Gráfico 70 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L50 – questão QSL 75 (*lombo*).



Já os resultados diageracionais mostraram a variante *costa* prevalecendo entre a geração mais jovem, com nove ocorrências no total, frente as sete ocorrências registradas entre os mais velhos. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 71 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L50 – questão QSL 75 (*lombo*).



Também no gráfico 71, podemos observar que as variantes *barriga*, *coluna*, *espinhaço*, *crata* e *costela* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores da geração mais velha, com uma ocorrência cada e a variante *lombo* foi registrada duas vezes entre os colaboradores mais jovens.

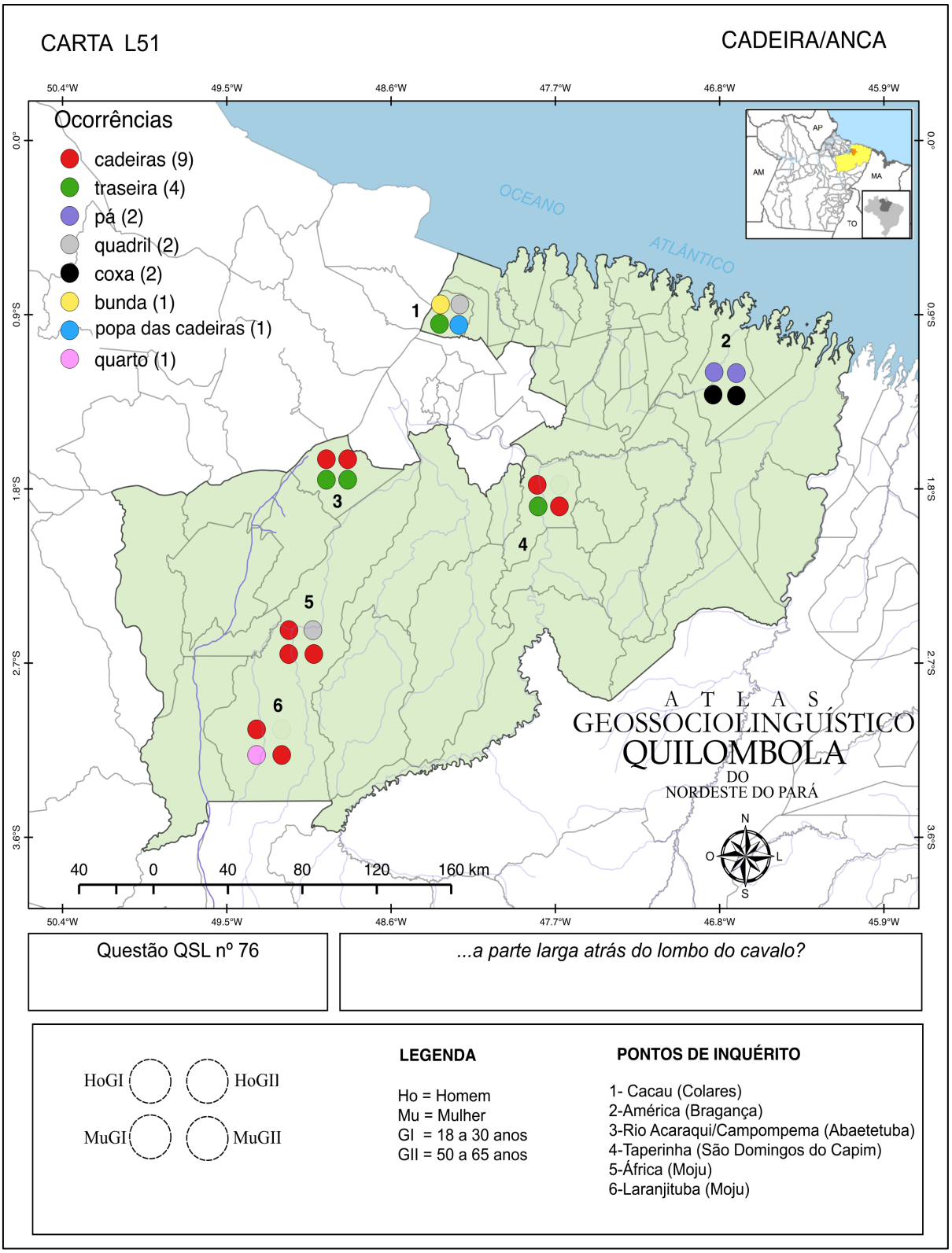
3.3.5.10 Cadeira/Anca/Garupa

...a parte larga atrás do lombo do cavalo?

A questão nº 76, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *cadeira* (nove ocorrências), *traseira* (quatro ocorrências), *pá* (duas ocorrências), *quadril* (duas ocorrências), *coxa* (duas ocorrências), além de *bunda*, *popa das cadeiras* e *quarto*, com uma ocorrência cada.

Dentre as oito variantes mapeadas, a resposta mais frequente foi a variante *cadeira* como podemos conferir na carta diatópico L51:

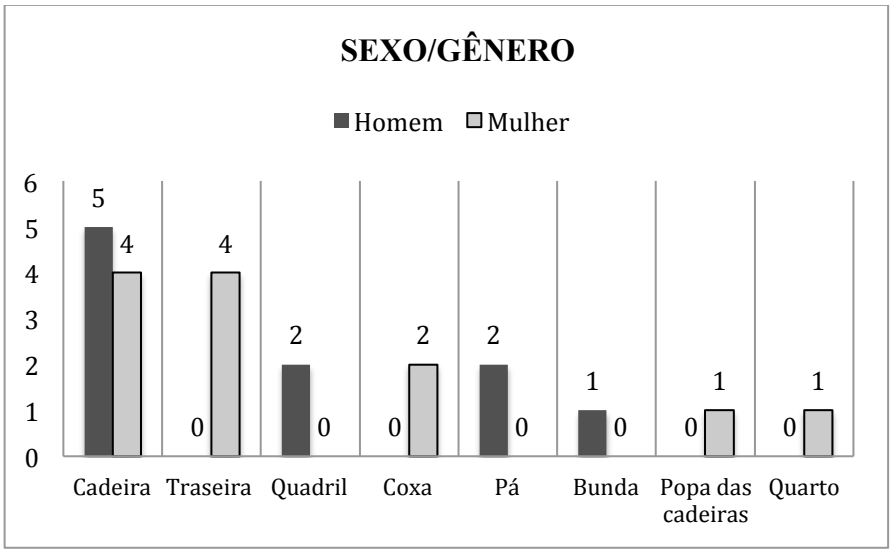
Imagem 85 - Carta L51 – questão QSL 76 (*cadeira/anca/garupa*).



Podemos visualizar, na carta L51, a prevalência da variante *cadeira* em três dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Já na outra metade dos pontos de inquérito tivemos a seguinte situação: no ponto 2 (América) tivemos duas ocorrências para a variante *pá* e duas ocorrências para a variante *coxa* e no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) registramos as variantes *cadeira* e *traseira* também com a mesma quantidade de ocorrências, ou seja, duas ocorrências para cada variante. O ponto de inquérito 1 (Cacau) apresentou o maior número de variantes distintas (*bunda*, *quadril*, *traseira* e *popa das cadeiras*). Em todos os seis pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

Em relação à dimensão diassexual, podemos observar a variante *cadeira* com o maior número de ocorrências entre os colaboradores homens, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos quatro ocorrências. Por outro lado, a variante *traseira* registrada quatro vezes, exclusivamente entre as mulheres, assim como as variantes *popa das cadeiras* e *quarto*, com uma ocorrência cada. Já entre os homens tivemos o registro exclusivo das variantes *quadril* e *pá* com duas ocorrências e também da variante *bunda* com uma única ocorrência. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

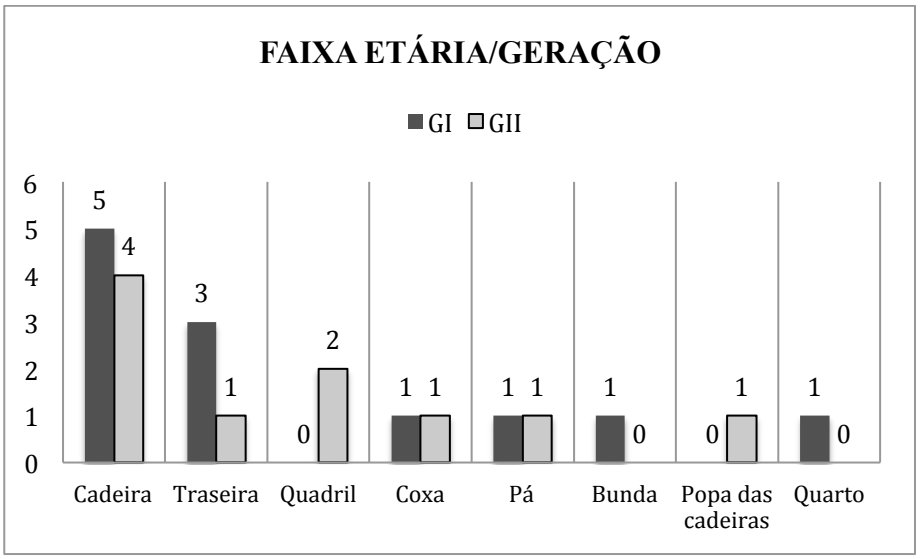
Gráfico 72 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L51 – questão QSL 76 (*cadeira/anca/garupa*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *cadeira* com mais ocorrências entre os mais jovens, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos registramos quatro ocorrências. Já a segunda variante de maior ocorrência (*traseira*)

apresentou três ocorrências entre os mais jovens e apenas uma ocorrência entre os mais velhos. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 73 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L51 – questão QSL 76 (*cadeira/anca/garupa*).



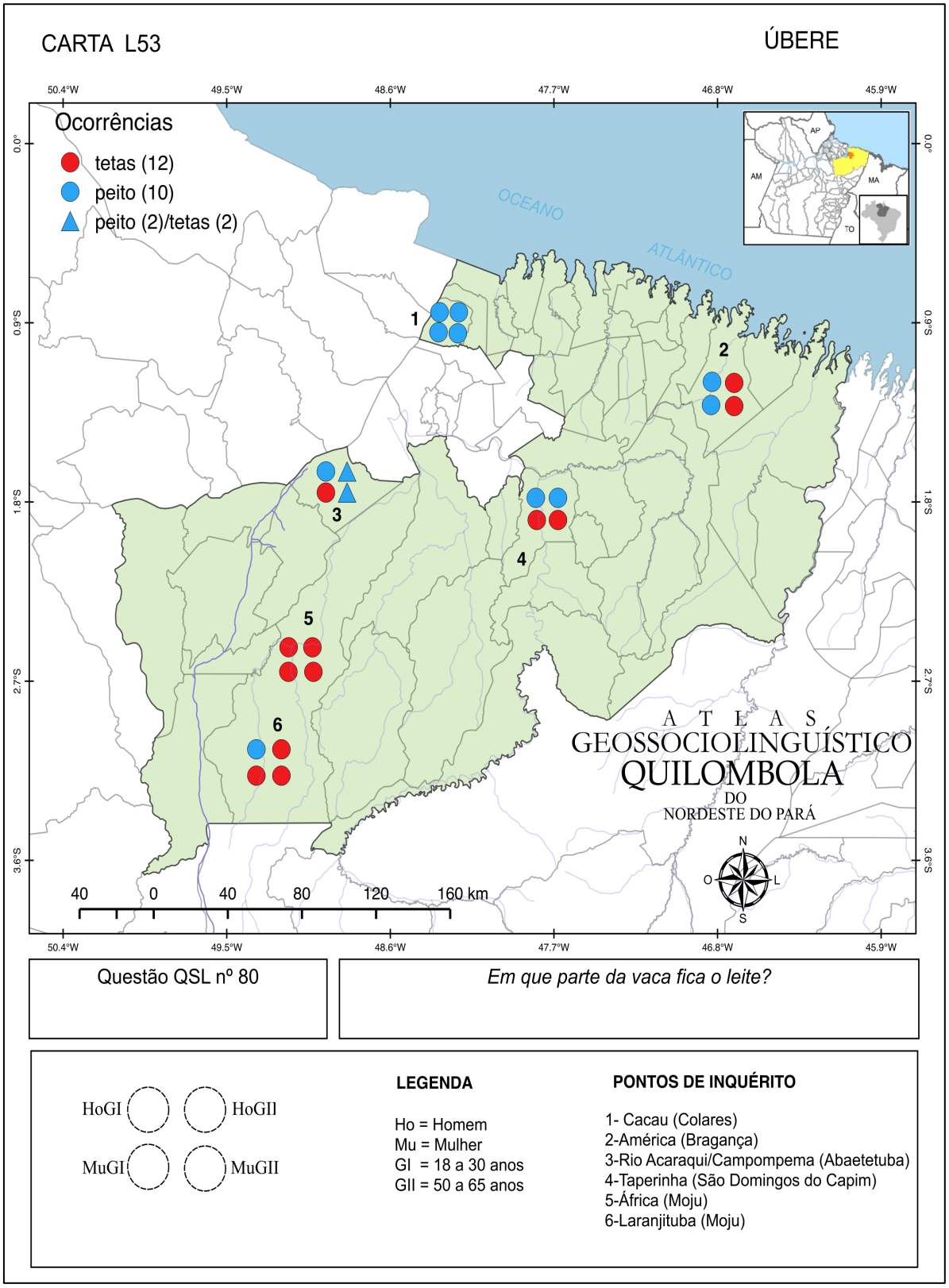
Registramos também as variantes *coxa* e *pá*, com uma ocorrência cada para ambas as gerações, as variantes *quadril* e *popa das cadeiras* exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e entre os colaboradores mais jovens registramos exclusivamente as variantes *bunda* e *coxa*.

3.3.5.11 Úbere

Em que parte da vaca fica o leite?

A pergunta nº 80, do QSL, apresentou duas variantes: *tetas*, com quatorze ocorrências, e *peitos*, com doze ocorrências, como podemos observar na carta L53. Vejamos os resultados completos a seguir:

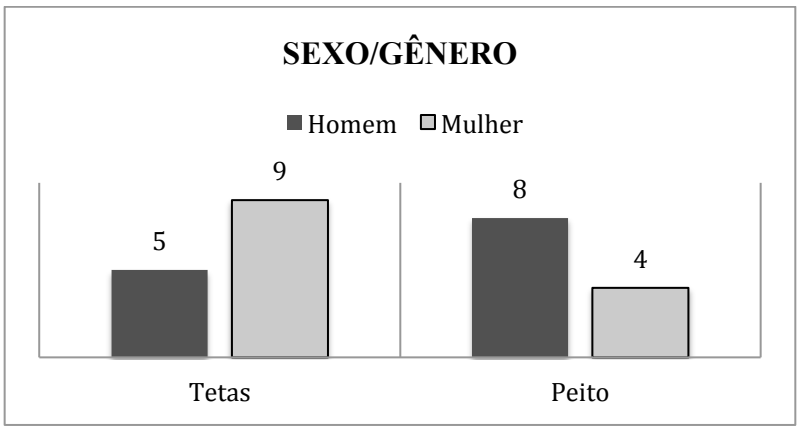
Imagem 86 - Carta L53 – questão QSL 80 (*úbere*).



Como é possível perceber na carta L53, a variante *tetas* prevaleceu em 2 pontos de inquérito (1-Cacau e 3-Rio Acaraqui/Campompema) e a variante *peito* prevaleceu também em 2 pontos (5-África e 6-Laranjituba), enquanto que nos pontos de inquérito 2 (América) e 4 (Taperinha) tivemos as variantes *tetas* e *peitos* cada uma com metade das ocorrências. Também podemos visualizar que os pontos 1 (Cacau) e 5 (África) foram os únicos que apresentaram norma monoléxica na região.

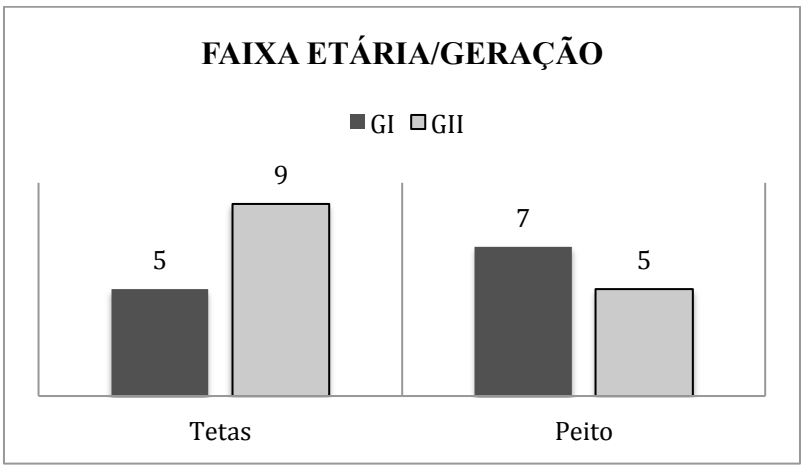
No gráfico 74, podemos conferir os resultados referentes à dimensão diassexual, nos quais mostraram a variante *tetas* prevalecendo entre as respostas das mulheres, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os homens, a mesma variante foi registrada cinco vezes. Por outro lado, a variante *peito* prevaleceu entre os homens, com oito registros ante quatro respostas registradas entre as mulheres. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 74 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L53 – questão QSL 80 (*úbere*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *tetas* prevalecendo entre os mais velhos, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens tivemos cinco respostas para esta mesma variante. Vejamos os resultados completos no gráfico 75:

Gráfico 75 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L53 – questão QSL 80 (*úbere*).



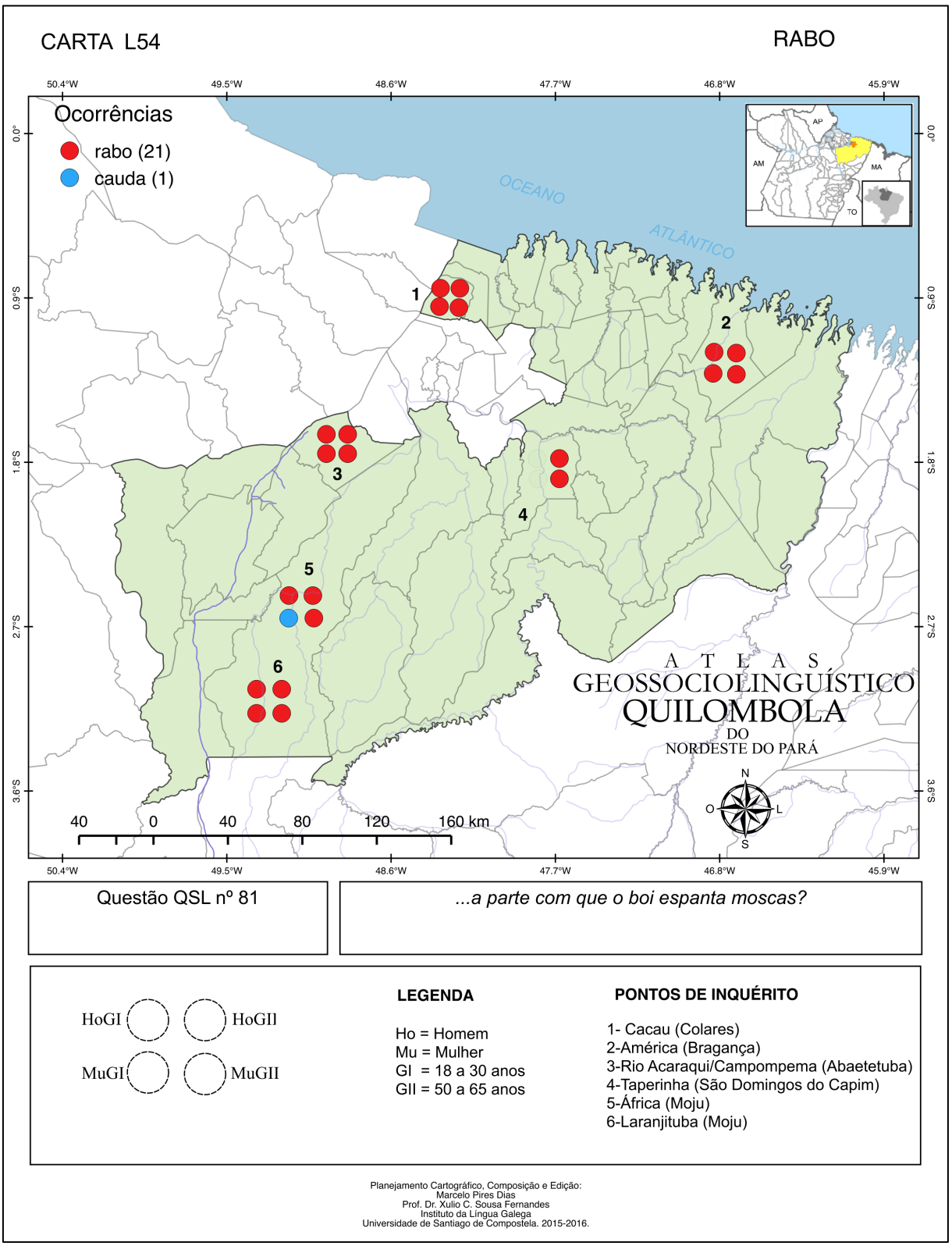
No gráfico 75, podemos observar que a variante *peito* prevaleceu entre os mais jovens, com sete registros no total ante cinco ocorrências registradas entre os mais velhos. Esses resultados mostraram a variante *tetas* utilizada principalmente entre os mais velhos e a variante *peito* presente principalmente entre colaboradores mais jovens.

3.3.5.12 Rabo

...a parte com que o boi espanta moscas?

Para a questão nº 81, do QSL, foram registradas as seguintes variantes: *rabo* (vinte e uma ocorrências) e *cauda*, com uma única ocorrência. Vejamos a seguir a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 87 - Carta L54 – questão QSL 81 (*rabo*).



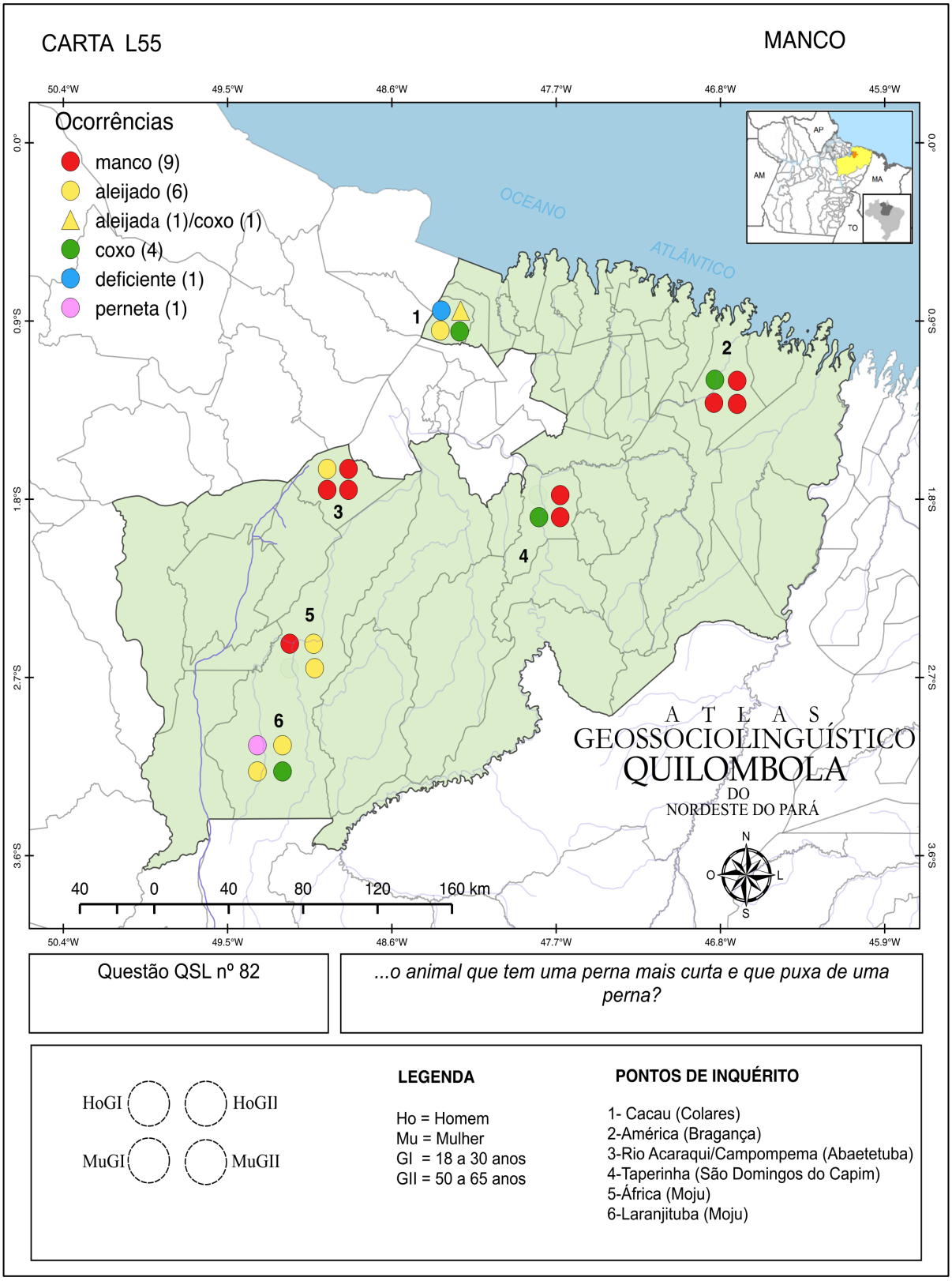
Como podemos visualizar na carta L54, a variante *rabo* prevaleceu em todos os seis pontos de inquérito e a variante *cauda* teve uma única ocorrência no ponto de inquérito 5 (África), registrada exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Podemos dizer com base na carta, que prevalece entre os pontos de inquérito a norma monoléxica, com exceção da comunidade África, em que tivemos a presença de norma heteroléxica.

3.3.5.13 Manco

...o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

A questão nº 82, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *manco* (nove ocorrências), *aleijado* (sete ocorrências), *coxo* (cinco ocorrências), além de *deficiente* e *perneta*, com uma ocorrência cada. Na carta L55, podemos conferir a prevalência da variante *manco*. Vejamos os resultados completos a seguir:

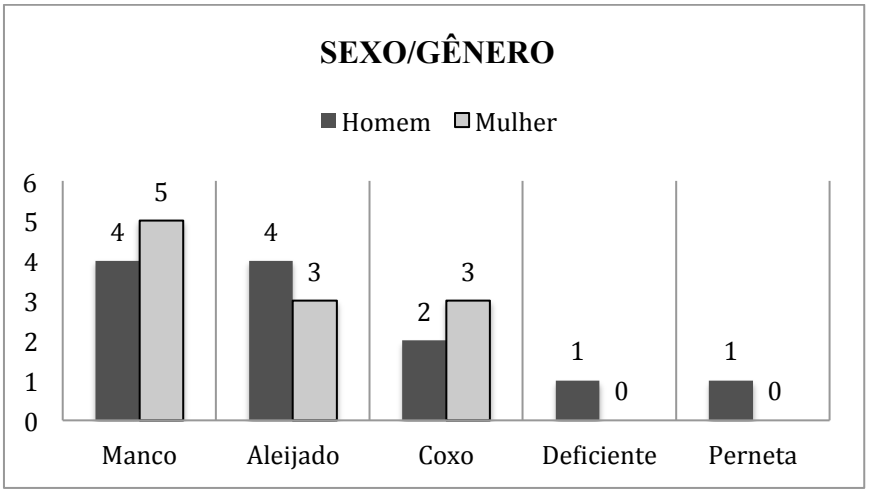
Imagem 88 - Carta L55 – questão QSL 82 (*manco*).



Na carta L55, podemos observar que a variante *manco* prevaleceu em três dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 4 (Taperinha). Já nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *aleijado* e no ponto 1 (Cacau) tivemos as variantes *aleijado* e *coxo* com a mesma quantidade de ocorrências (duas para cada variante). Os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 6 (Laranjituba) apresentaram o maior número de variantes únicas: 1-Cacau (*aleijado*, *deficiente* e *coxo*) e 6-Laranjituba (*aleijado*, *coxo* e *perneta*). É possível constatar, com base na carta, que em todos os seis pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

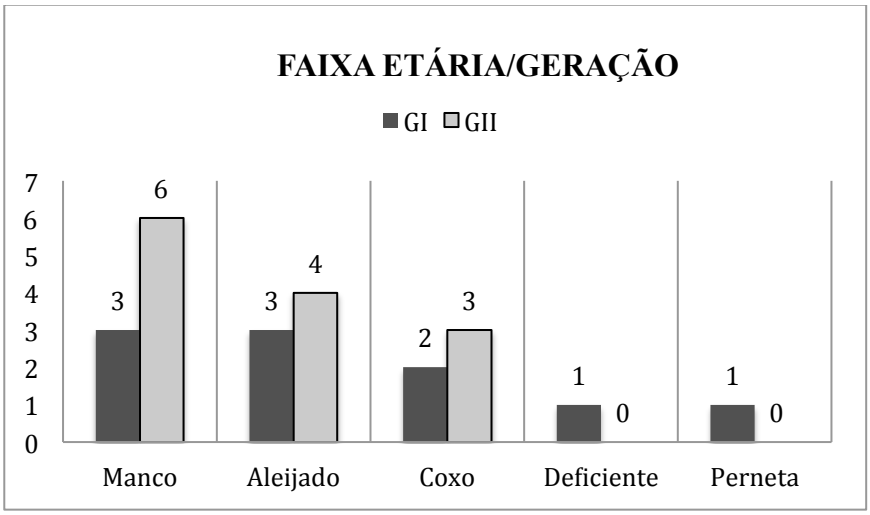
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *manco* com maior número de ocorrências entre as mulheres, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos quatro respostas. Por outro lado, a variante *aleijado* teve mais ocorrências entre os homens, com quatro ocorrências no total, ante três respostas registradas entre as mulheres. A variante *coxo* apresentou três ocorrências entre as mulheres e duas ocorrências entre os homens. Também destacamos as variantes *deficiente* e *perneta*, registradas exclusivamente entre os colaboradores homens, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico 76:

Gráfico 76 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L55 – questão QSL 82 (*manco*).



Os resultados referentes à dimensão diageracional mostrou a variante *manco* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com sete ocorrências no total, diante das três respostas registradas entre os mais jovens. Vejamos os resultados no gráfico 77:

Gráfico 77 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L55 – questão QSL 82 (*manco*).



A variante *aleijado* teve mais ocorrências entre os mais velhos, com quatro ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens registramos três respostas, assim como a variante *coxo*, que teve três ocorrências entre os mais velhos e duas ocorrências entre os mais jovens. Por fim, as variantes *deficiente* e *perneta* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, com uma ocorrência cada.

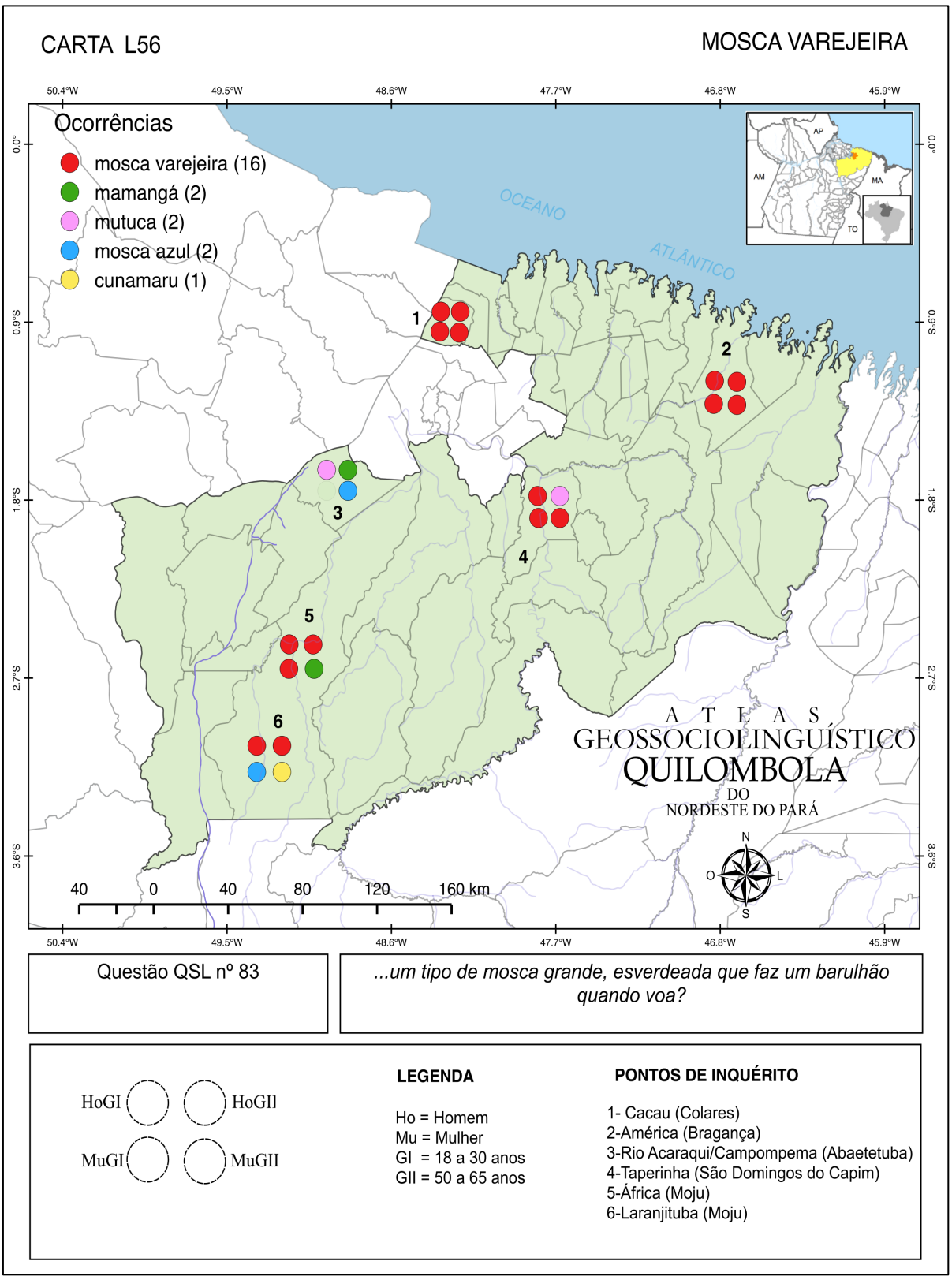
3.3.5.14 Mosca varejeira

...um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

A questão nº 83, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *mosca varejeira* (dezesseis ocorrências), *mamangá* (duas ocorrências), *mutuca* (duas ocorrências), *mosca azul* (duas ocorrências) e *cunamaru*, com uma única ocorrência.

Como podemos observar na carta L56, a variante *mosca varejeira* prevaleceu entre as respostas perante demais variantes. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 89 - Carta L56 – questão QSL 83 (*mosca varejeira*).

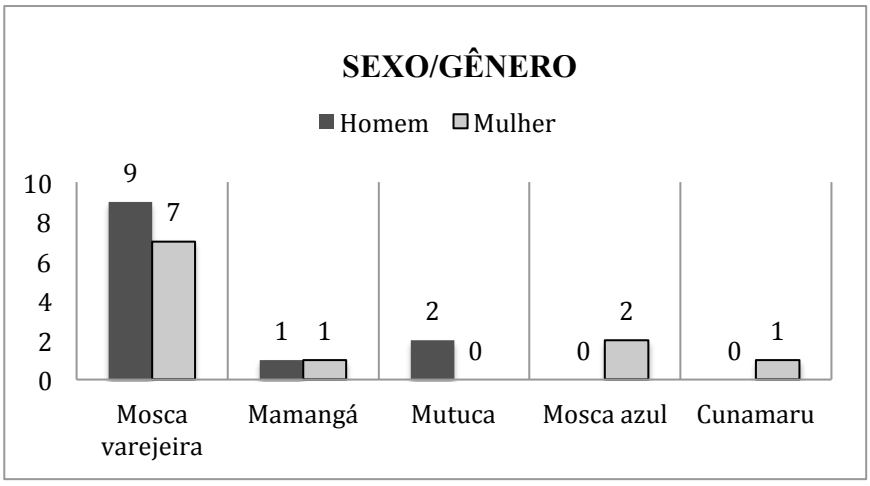


Como podemos observar na carta L56, a variante *mosca varejeira* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). O ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) apresentou elevada variação, com o registro de três variantes distintas (*mutuca*, *mamangá* e *mosca azul*), assim como o ponto 6 (Laranjituba), onde tivemos as variantes *mosca varejeira*, *mosca azul* e *cunamaru*. Nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 2 (América) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades tivemos norma heteroléxica.

No gráfico 78, é possível visualizar que a variante *mosca varejeira* prevaleceu entre os homens, com nove ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres foram registradas sete respostas. Já a variante *mamangá* teve uma ocorrência para cada sexo.

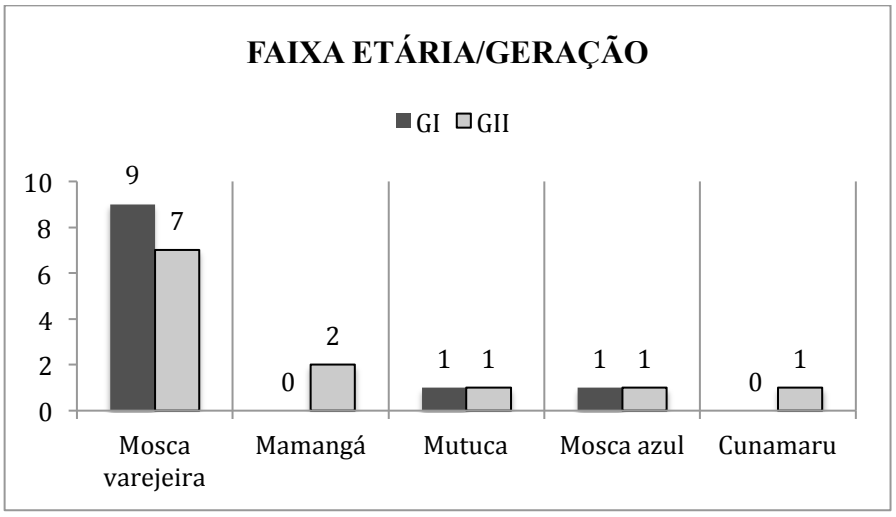
Destacamos também a variante *mutuca* (duas ocorrências), registrada exclusivamente por colaboradores homens, e as variantes *mosca azul* (duas ocorrências) e *cunamaru* (uma ocorrência), registradas exclusivamente entre as mulheres.

Gráfico 78 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L56 – questão QSL 83 (*mosca varejeira*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *mosca varejeira* prevaleceu entre a geração mais jovem, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos registramos sete ocorrências. Vejamos os resultados no gráfico 79:

Gráfico 79 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador. (dimensão diageracional). Carta L56 – questão QSL 83 (*mosca varejeira*).



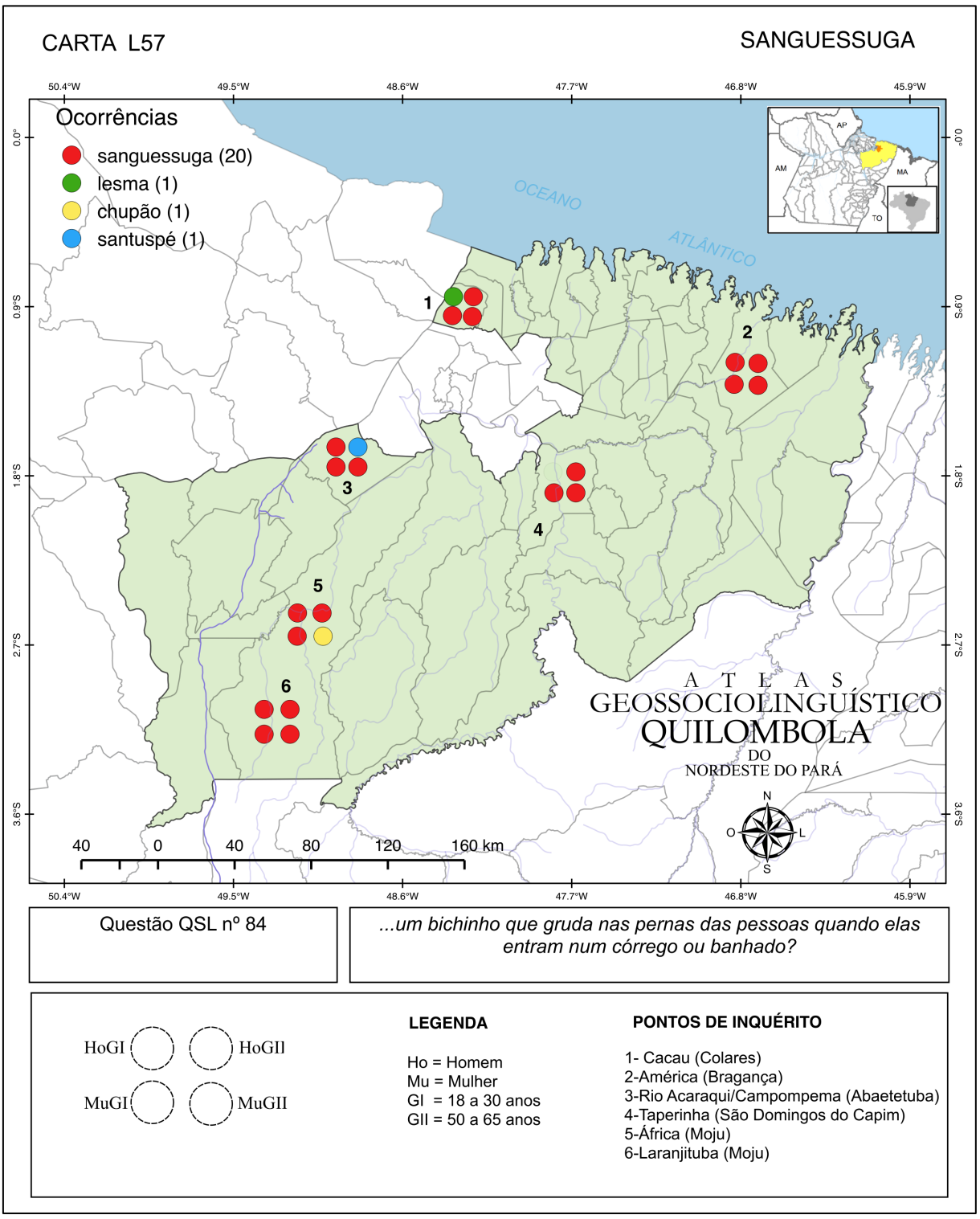
Entre os resultados, destacamos as variantes *mamangá* (duas ocorrências) e *cunamaru* (uma ocorrência) registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e as variantes *mosca azul* e *mutuca* registradas em ambas as gerações, com uma ocorrência cada.

3.3.5.15 Sanguessuga

...um bichinho que gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?

A questão nº 84, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *sanguessuga* (vinte ocorrências), além de *lesma*, *chupão* e *santuspé*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L57, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 90 - Carta L57 – questão QSL 84 (*sanguessuga*).



Como podemos observar na carta L57, a variante *sanguessuga* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu na região. A variante *lesma* teve uma ocorrência no ponto de

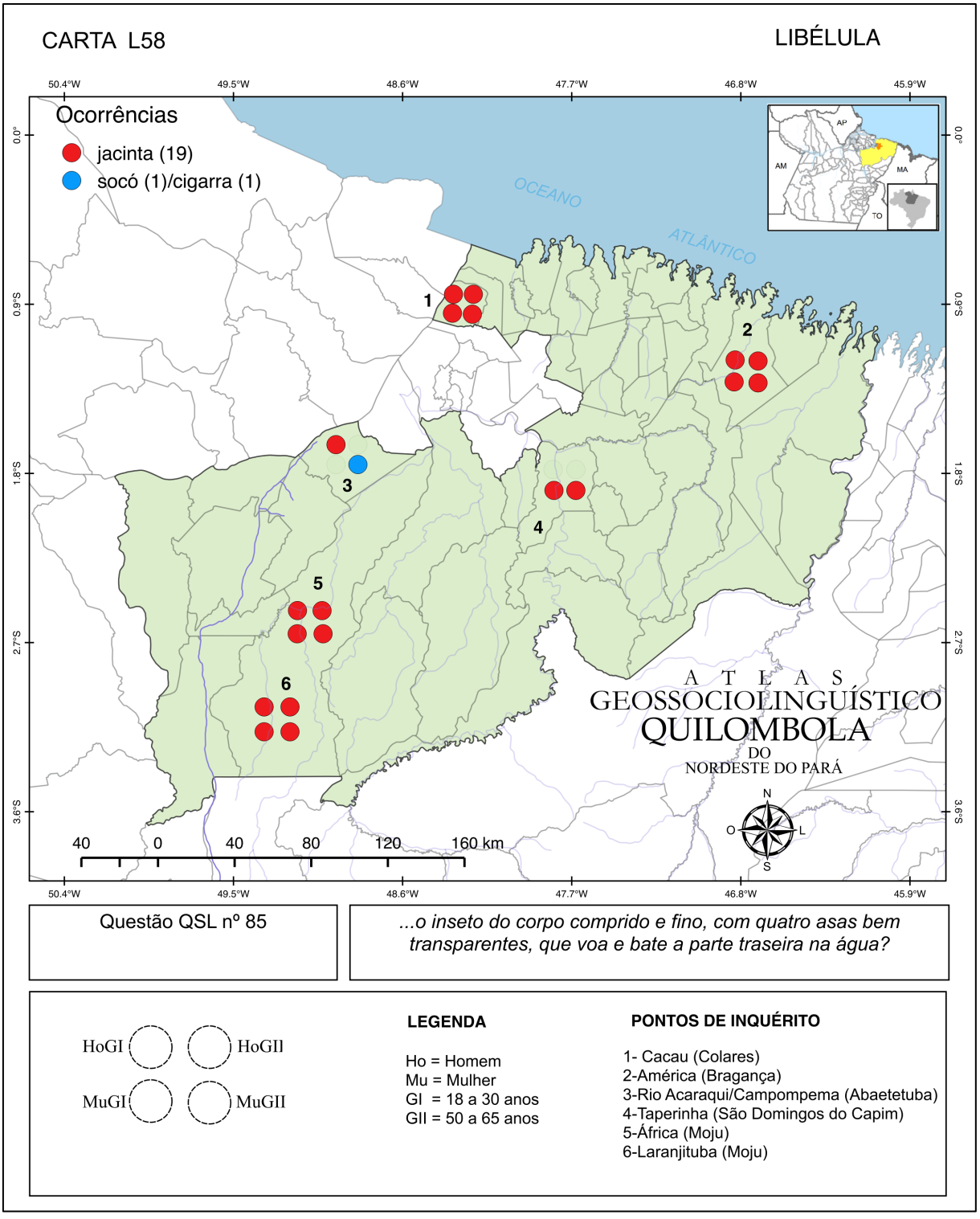
inquérito 1 (Cacau), exclusivamente entre os homens da geração mais jovem, a variante *chupão* ocorreu no ponto de inquérito 5 (África), na fala uma colaboradora mais velha e, por fim, a variante *santuspé* ocorreu no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), exclusivamente na fala de um colaborador mais velho. É possível constatar a presença de norma monoléxica nos pontos de inquérito 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba), e norma heteroléxica nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África).

3.3.5.16 Libélula

...o inseto do corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

A questão nº 85, do QSL, apresentou três variantes no total, a saber: *jacinta* (dezenove ocorrências), *socó* (uma ocorrência) e *cigarra* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L58, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 91 - Carta L58 – questão QSL 85 (*libélula*).



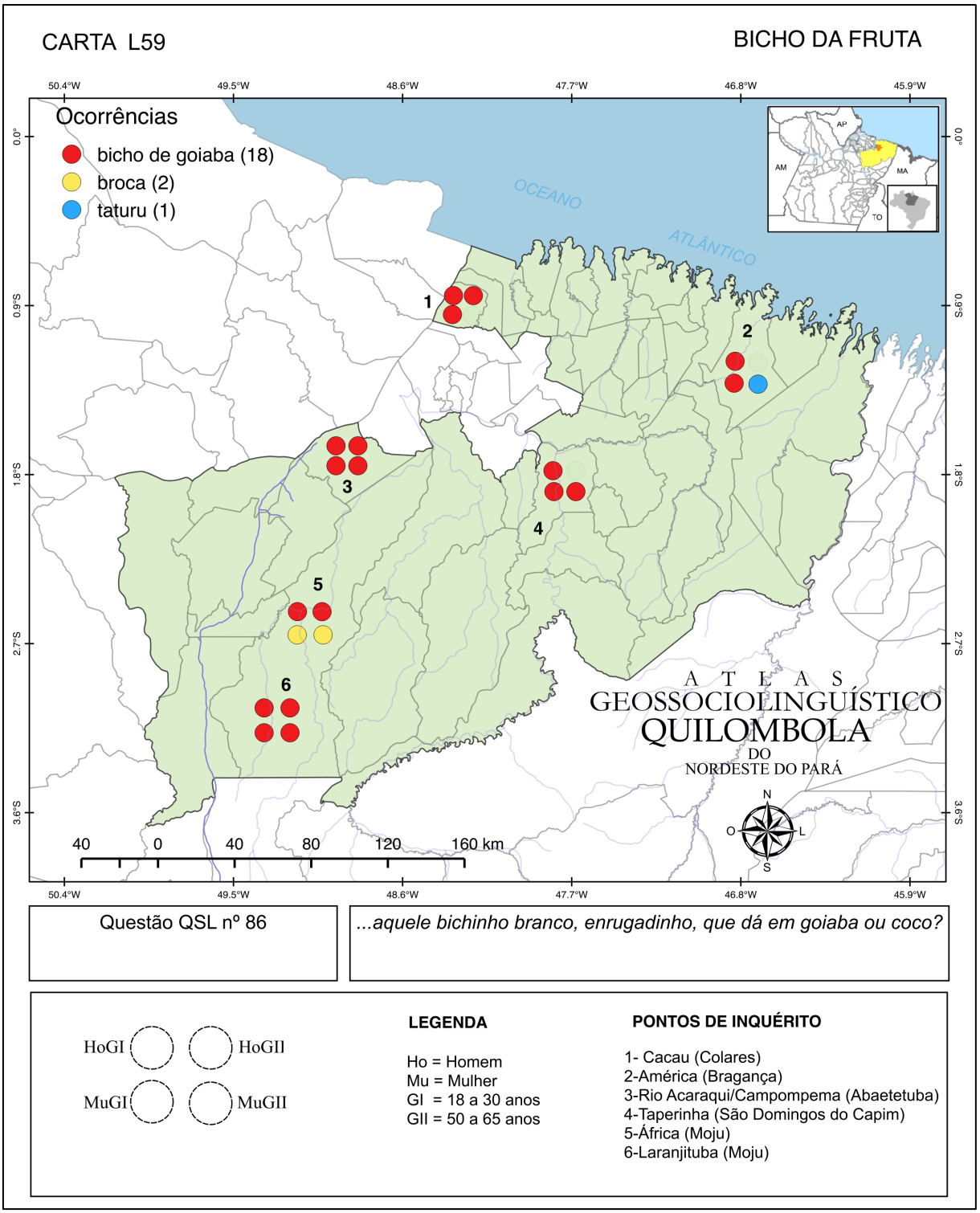
Como podemos observar na carta L58, a variante *jacinta* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu na região. No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), tivemos a ocorrência das variante *socó* e *cigarra*, registrada exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha, portanto, apenas nesse ponto de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, enquanto que nos demais tivemos a prevalência da norma monoléxica.

3.3.5.17 Bicho da fruta

...aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba ou coco?

A questão nº 86, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *bicho de goiaba* (dezoito ocorrências), *broca* (duas ocorrências) e *taturu* (uma ocorrência). Vejamos na carta L59 a distribuição das variantes registradas:

Imagem 92 - Carta L59 – questão QSL 86 (*bicho da fruta*).



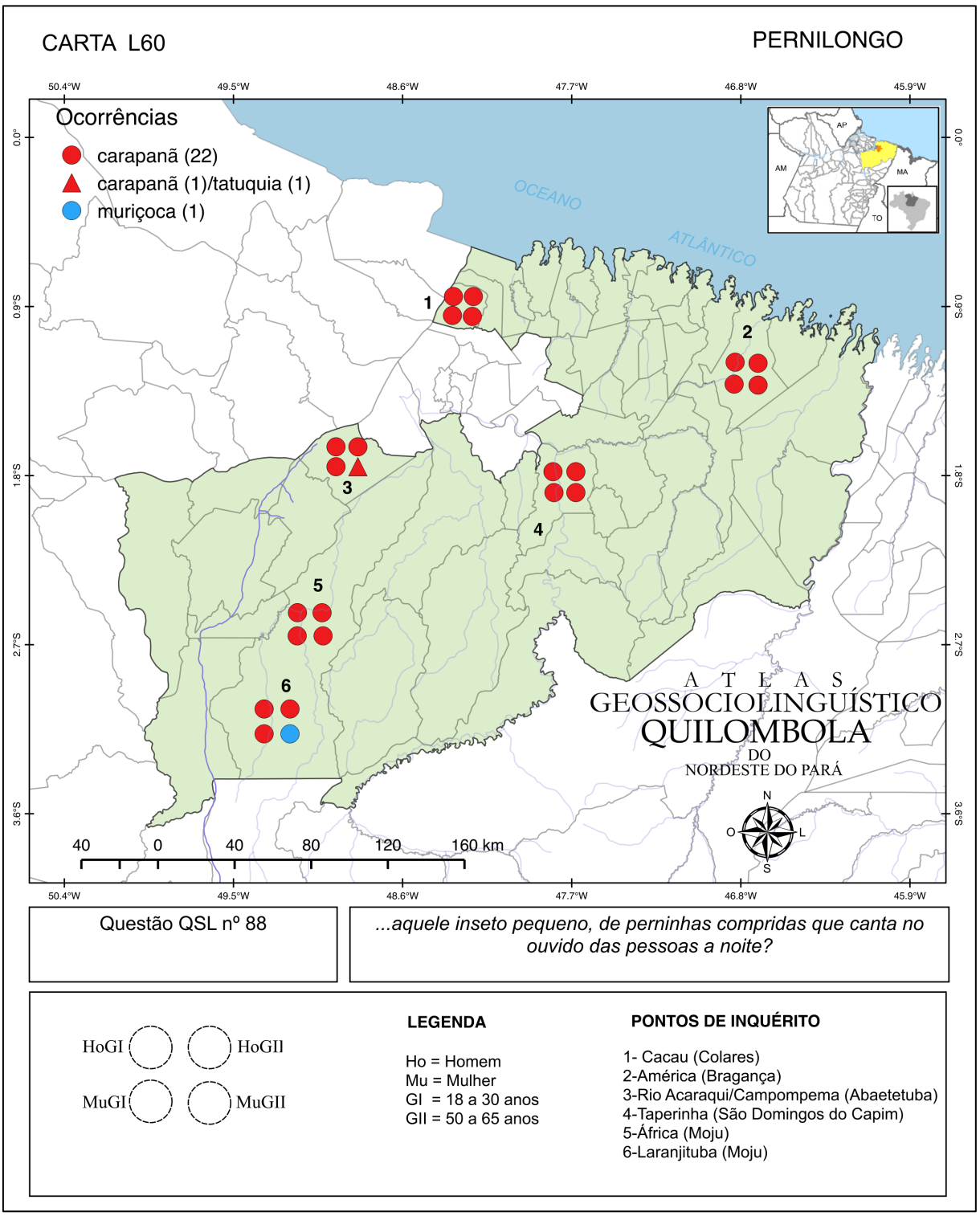
Na carta L59, podemos observar que a variante *bicho de goiaba* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco das seis comunidades. Apenas no ponto de inquérito 5 (África) tivemos as variantes *bicho de goiaba* e *broca* com metade das ocorrências para cada variante, exclusivamente entre as colaboradoras. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos o registro da variante *taturu*, exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha. Destacamos entre os resultados, os pontos de inquérito 2 (América) e 5 (África), em que tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu o uso monoléxico da variante *bicho de goiaba*.

3.3.5.18 Pernilongo

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas que canta no ouvido das pessoas durante a noite?

A questão nº 88, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *carapaña* (vinte e três ocorrências), *tatuquira* (uma ocorrência) e *muriçoca* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica da variantes registradas:

Imagem 93 - Carta L60 – questão QSL 88 (*pernilongo*).



Como podemos observar na carta L60, a variante *carapanã* ocorreu em todas as comunidades e prevaleceu estatisticamente em todos os seis pontos de inquérito, portanto,

prevaleceu a norma monoléxica na região. No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos o registro da variante *tatuquia*, exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais velha, assim como a variante *muriçoca*, também registrada apenas na fala de uma mulher da geração II.

3.3.6 Corpo humano

Composto por 32 questões, o campo semântico *corpo humano* engloba perguntas que vão desde partes morfofisiológicas do corpo humano (*nuca*, *clavícula*, *útero*, etc.), patologias (*míope*, *catarata* e *terçol*), dorsopatias (*corcunda*) e deficiências motoras (*manco*, *perneta* e *pernas arqueadas*), dentre outras. A seguir, podemos conferir os resultados das dezoito cartas selecionadas para descrição.

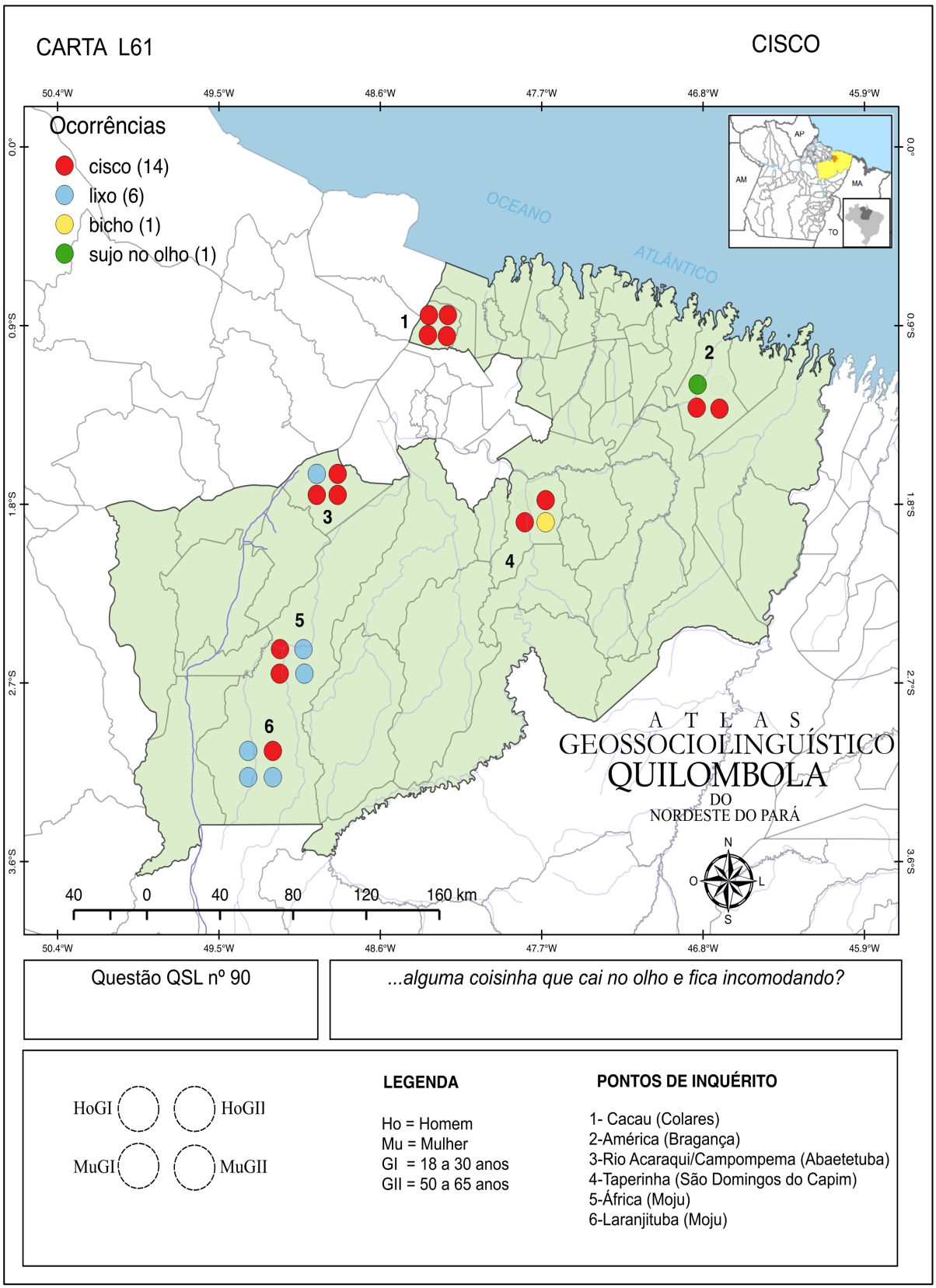
3.3.6.1 Cisco

...alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

A questão nº 90, do QSL, apresentou quatorze ocorrências para a variante *cisco*, seis ocorrências para a variante *lixo*, além das variantes *bicho* e *sujo no olho*, com uma ocorrência cada.

Na carta L61, podemos observar em contraste aparente, a prevalência da variante *cisco* diante das demais respostas. Vejamos os resultados completos:

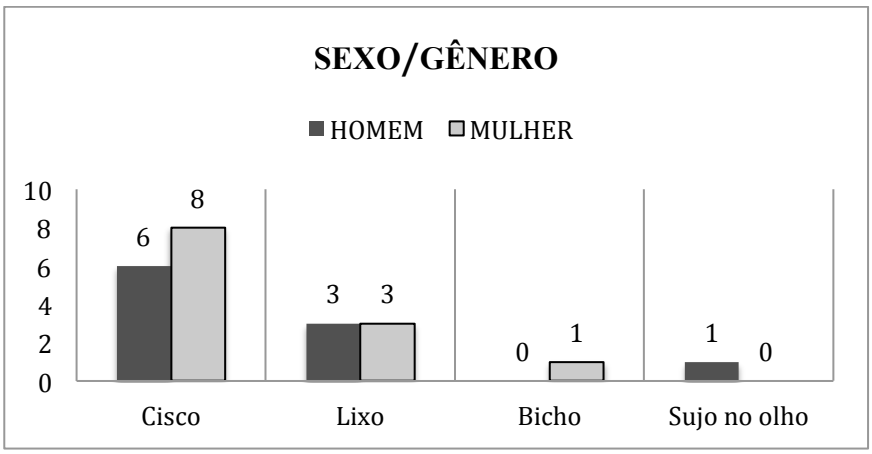
Imagem 94 - Carta L61 – questão QSL 90 (*cisco*).



Na carta L61, podemos observar que a variante *cisco* prevaleceu nos pontos 1 (Cacau), 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha). No ponto 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *lixo* e no ponto 5 (África) tivemos as variantes *cisco* e *lixo* com a mesma quantidade de ocorrências (duas ocorrências para cada variante). Como podemos observar na carta, apenas o ponto de inquérito 1 (Cacau) apresentou norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos prevaleceu a norma heteroléxica.

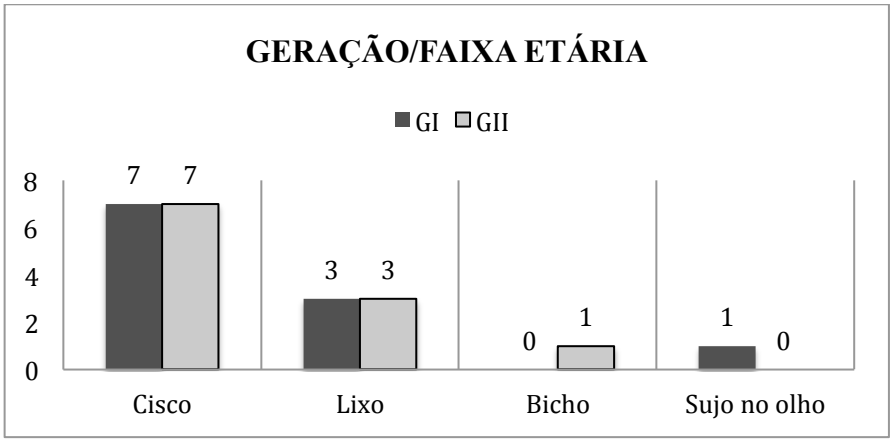
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostram a variante *cisco* prevalecendo entre as mulheres, com oito ocorrências no total, e entre os homens foram registradas seis ocorrências. Já a variante *lixo* teve três ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, enquanto que a variante *bicho* foi registrada exclusivamente por mulheres e a variante *sujo no olho* foi usada exclusivamente por homens. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 80 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L61 – questão QSL 90 (*cisco*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *cisco* apresentou a mesma quantidade de ocorrências, tanto para homens quanto para mulheres, com sete ocorrências cada, portanto, sem variação diageracional. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 81 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L61 – questão QSL 90 (*cisco*).



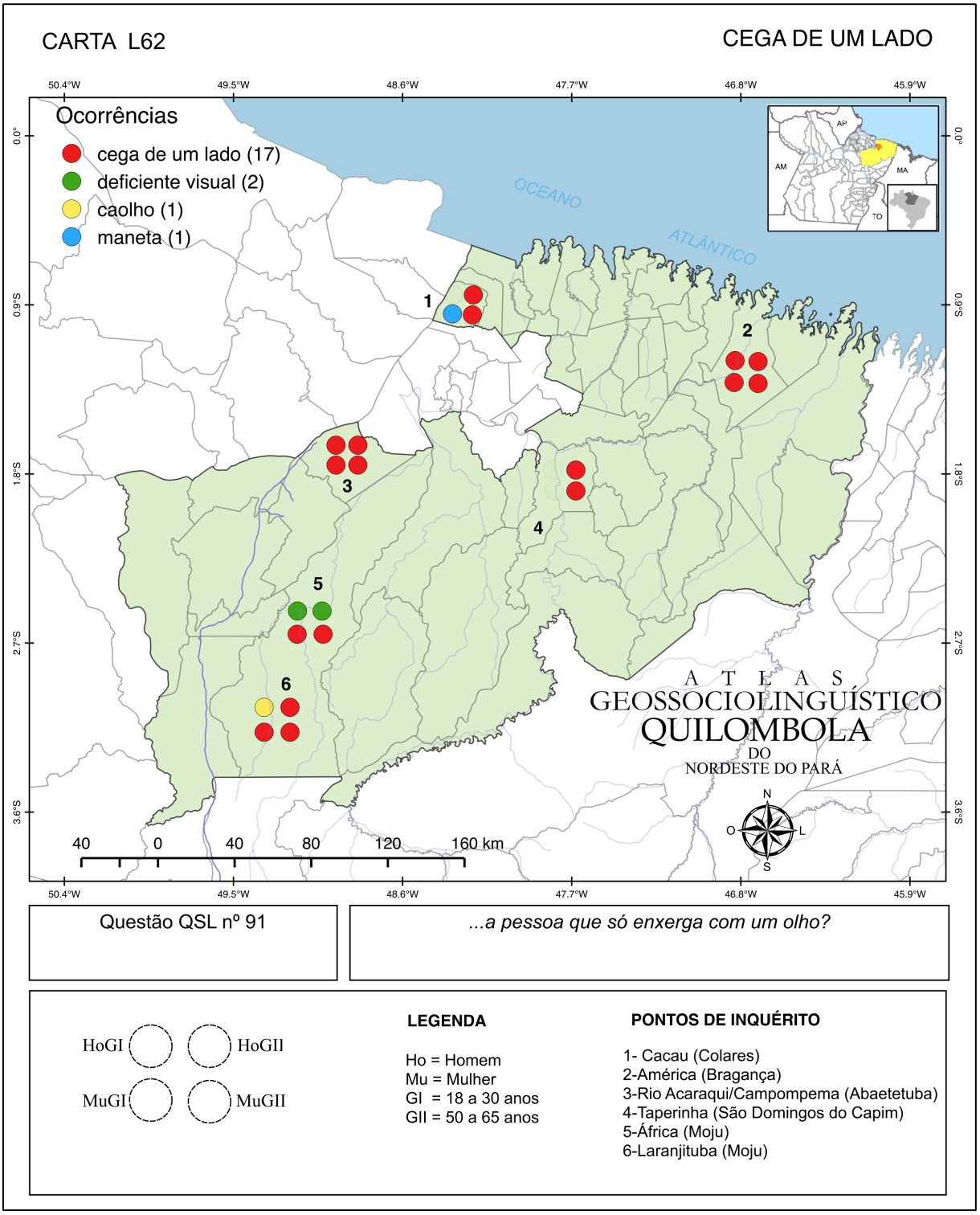
Como podemos observar no gráfico 81, a variante *lixo* apresentou a mesma quantidade de ocorrências para ambas as gerações (três ocorrências para cada geração), enquanto que entre os jovens registramos com exclusividade a variante *sujo no olho* e entre os colaboradores mais velhos tivemos exclusivamente a variante *bicho*.

3.3.6.2 Cega de um lado

...a pessoa que só enxerga com um olho?

A questão nº 91, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *cega de um lado* (dezessete ocorrências), *deficiente visual* (duas ocorrências), além de *caolho* e *maneta*, com uma ocorrência cada. Vejamos na carta L62, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 95 - Carta L62 – questão QSL 91 (*cega de um lado*).



É possível observar na carta L62 que a variante *cega de um lado* ocorreu em todas as comunidades e prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito. No ponto de inquérito 5 (África), as variantes *cega de um lado* e *deficiente visual* tiveram metade das ocorrências cada. Também tivemos o registro da variante *maneta* no ponto de inquérito 1 (Cacau), exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), a variante *caolho* foi registrada exclusivamente entre os homens mais jovens. Podemos concluir que nos pontos 1 (Cacau), 5 (África) e 6 (Laranjituba) tivemos uma norma heteroléxica e nos pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha) a norma foi monoléxica.

De acordo com Lopes (2012, p. 76), a variante *caolho* é considerada léxico híbrido no português: (*olho*), com a aposição do prefixo diminutivo do quimbundo (*ka*).

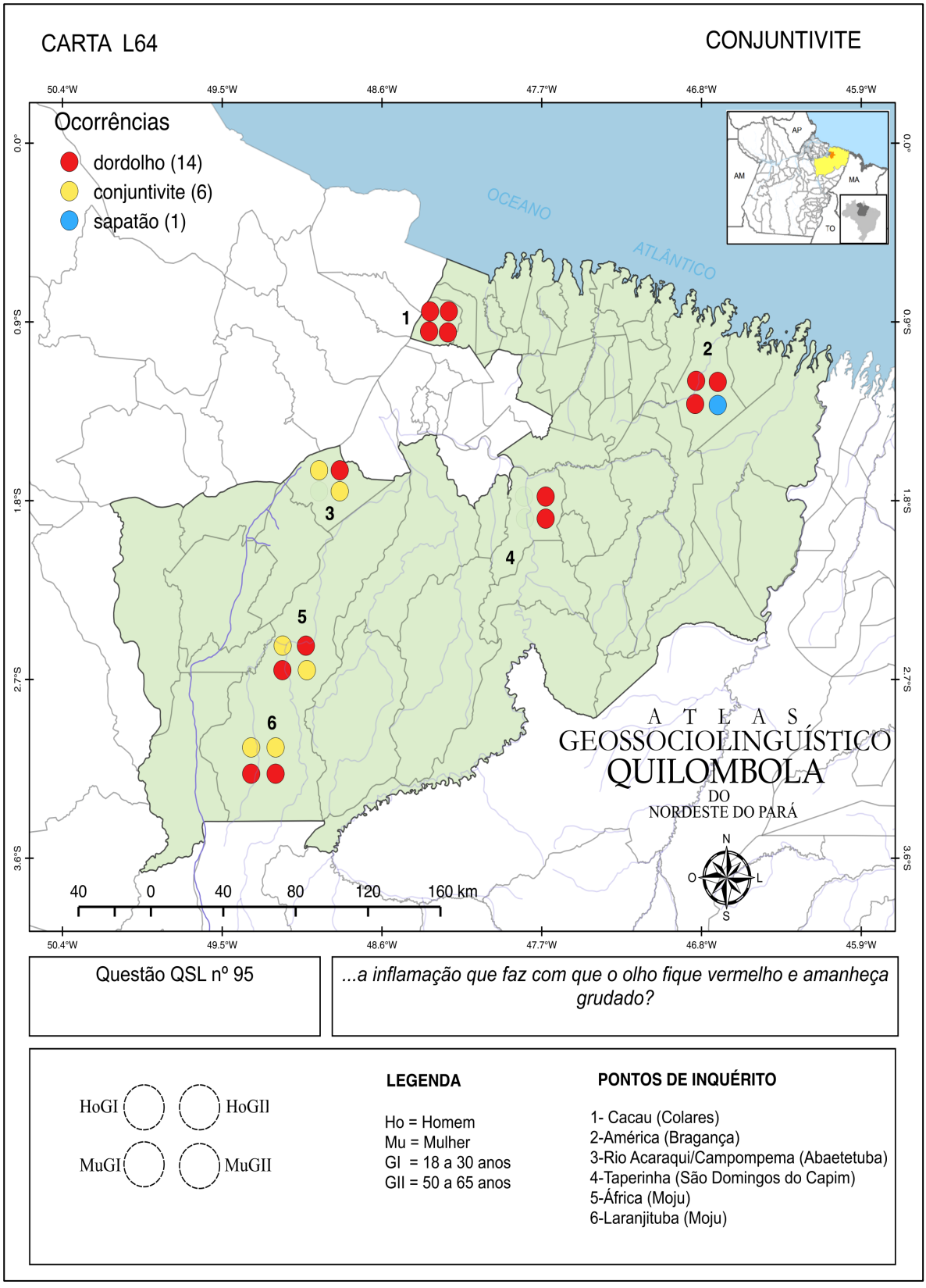
3.3.6.3 Conjuntivite

...a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

A questão nº 95, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *dordolho* (quatorze ocorrências), *conjuntivite* (seis ocorrências), além de *sapatão*, com uma única ocorrência.

Conforme podemos observar na carta L64, a variante *dordolho* prevaleceu diante das demais variantes, enquanto que a variante *conjuntivite* figurou em segundo lugar. Vejamos os resultados completos a seguir:

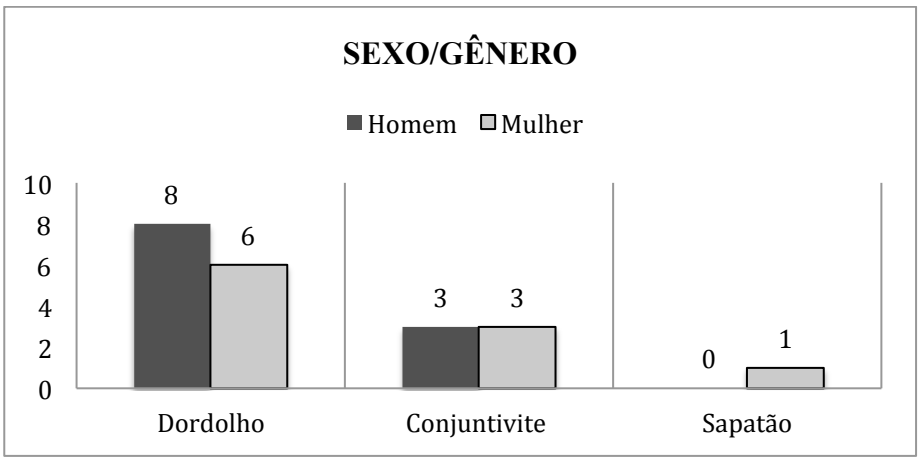
Imagem 96 - Carta L64 – questão QSL 95 (*conjuntivite*).



A variante *dordolho* prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América) e 4 (Taperinha), enquanto que no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *conjuntivite*. Nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba), tivemos as variantes *dordolho* e *conjuntivite* com mesma quantidade de ocorrências (duas para cada variante). Nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 4 (Taperinha), tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica

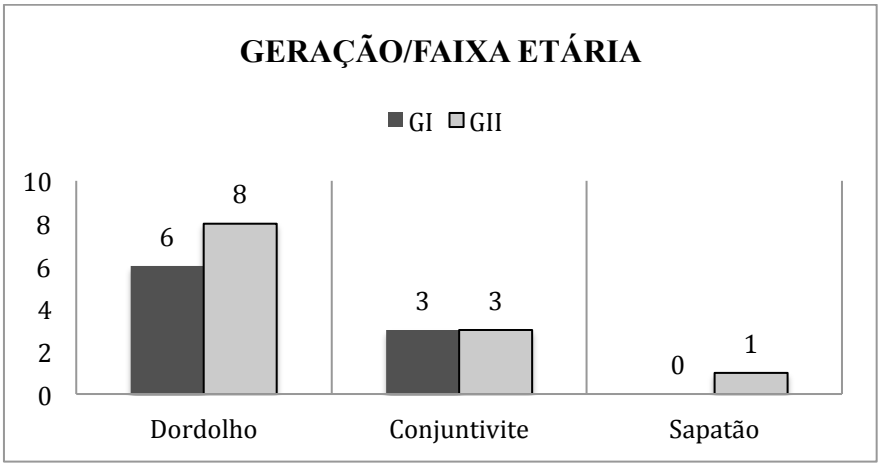
No gráfico 82, podemos observar a variante *dordolho* prevalecendo entre os homens, com oito ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos seis respostas. A segunda variante de maior ocorrência (*conjuntivite*) apresentou a mesma quantidade de ocorrências para ambos os sexos, com três ocorrências cada, e a variante *sapatão* foi registrada exclusivamente entre as mulheres. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 82 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L64 – questão QSL 95 (*conjuntivite*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *dordolho* prevalecendo entre os mais velhos, com oito ocorrências no total, ante seis respostas registradas entre os jovens. Vejamos os resultados completos no gráfico 83:

Gráfico 83 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L64 – questão QSL 95 (*conjuntivite*).



Também tivemos a variante *conjuntivite* com a mesma quantidade de ocorrências (três respostas) tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos e a variante *sapatão* registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

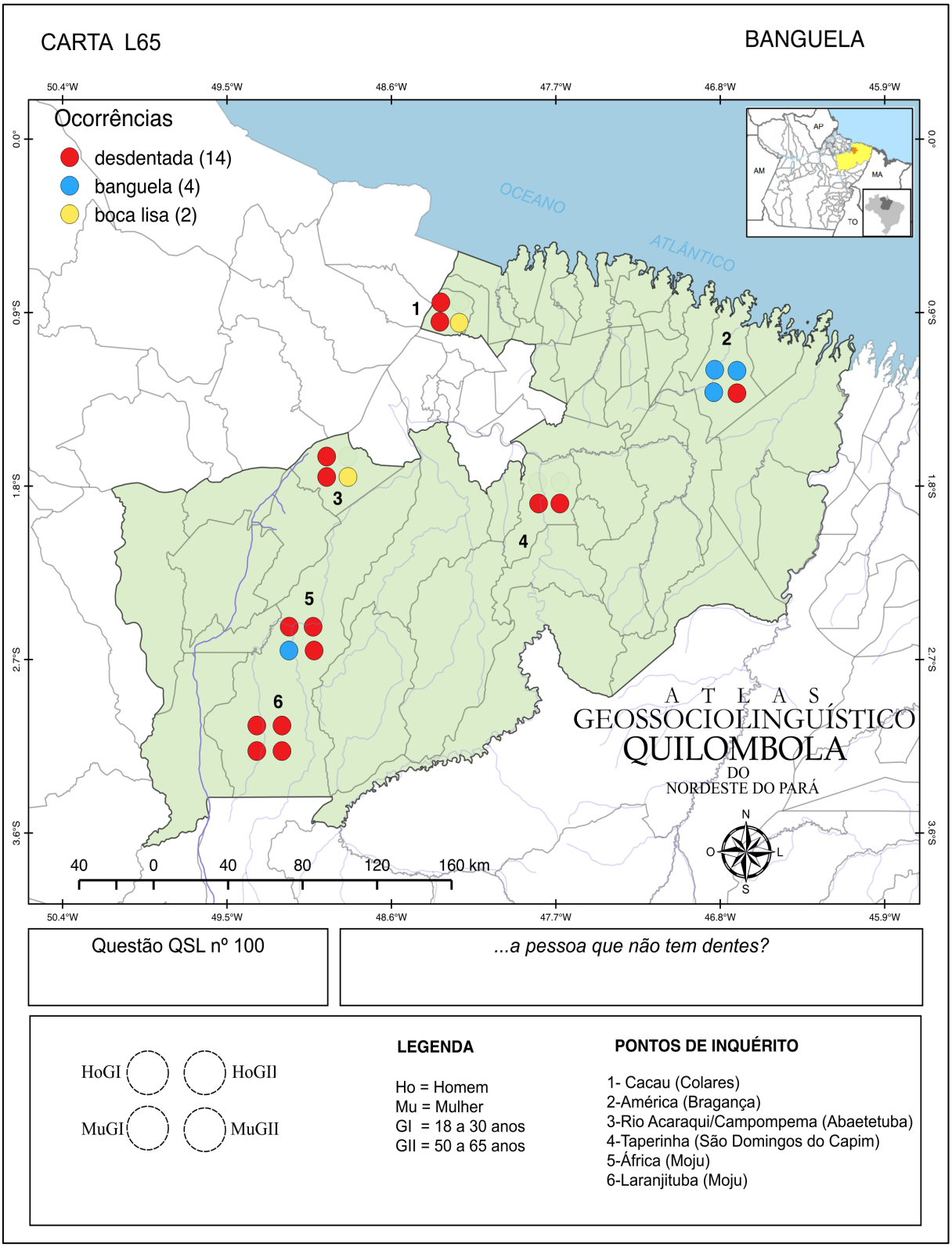
3.3.6.4 Banguela

...a pessoa que não tem dentes?

Para a questão de nº 100, do QSL, registramos as seguintes variantes: *desdentada* (quatorze ocorrências), *banguela* (quatro ocorrências) e *boca lisa* com duas ocorrências.

Na carta L65, podemos observar a maior presença da variante *desdentada*, representada pelos círculos vermelhos. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 97 - Carta L65 – questão QSL 100 (*banguela*).

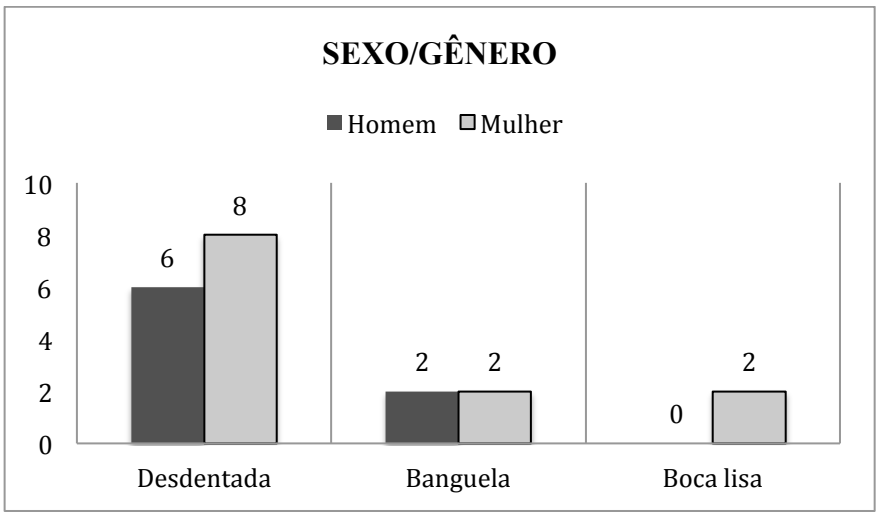


A variante *desdentada* prevaleceu em cinco pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 2 (América) prevaleceu a variante *banguela*.

A variante banguela, registrada nos pontos de inquérito 2 (América) e 5 (África), tem origem no étimo Bantu *ba-ngela*, que possui a acepção de dente limado e pode ser considerada como uma africania.

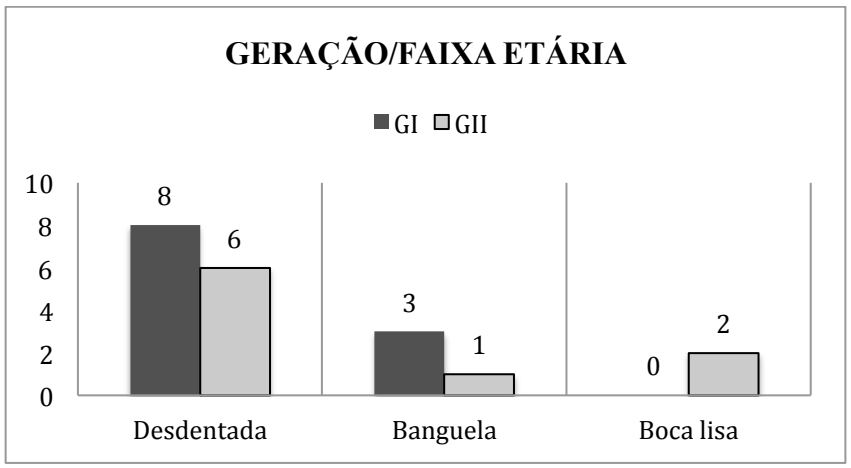
Como podemos observar no gráfico 84, a variante *desdentada* prevaleceu entre as mulheres, com oito ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos seis respostas no total. Já a variante *banguela* teve duas ocorrências para ambos os sexos. A variante *boca lisa* foi registradas duas vezes exclusivamente entre as mulheres. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 84 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L65 – questão QSL 100 (*banguela*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *desdentada* prevalecendo entre os mais jovens, com oito ocorrência no total, enquanto que entre os mais velhos tivemos seis ocorrências. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 85 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L65 – questão QSL 100 (*banguela*).



No gráfico 85, podemos observar que a variante *banguela* foi registrada três vezes entre os mais jovens e uma única vez entre os mais velhos, enquanto que a variante *boca lisa* foi registrada duas vezes exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

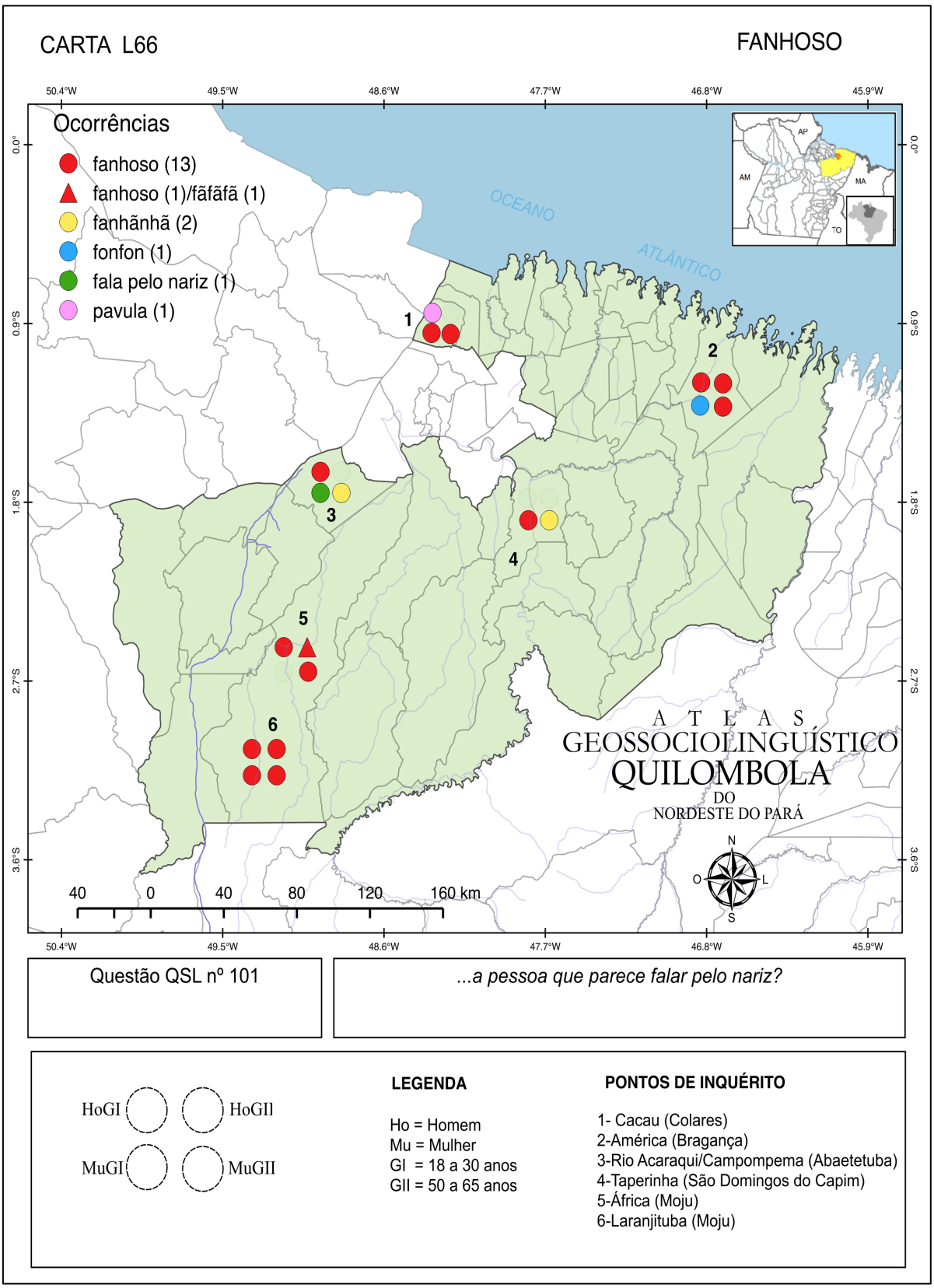
3.3.6.5 Fanhoso

...a pessoa que parece falar pelo nariz?

A questão nº 101, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *fanhoso* (quatorze ocorrências), *fanhãnhã* (duas ocorrências), além *fãfãfã*, *fonfon*, *fala pelo nariz* e *pavula*, com uma ocorrência cada.

Para esta questão, a variante *fanhoso* foi a resposta de maior ocorrência entre os dados do AGQUINPA, como podemos observar na carta L66. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 98 - Carta L66 – questão QSL 101 (*fanhoso*).

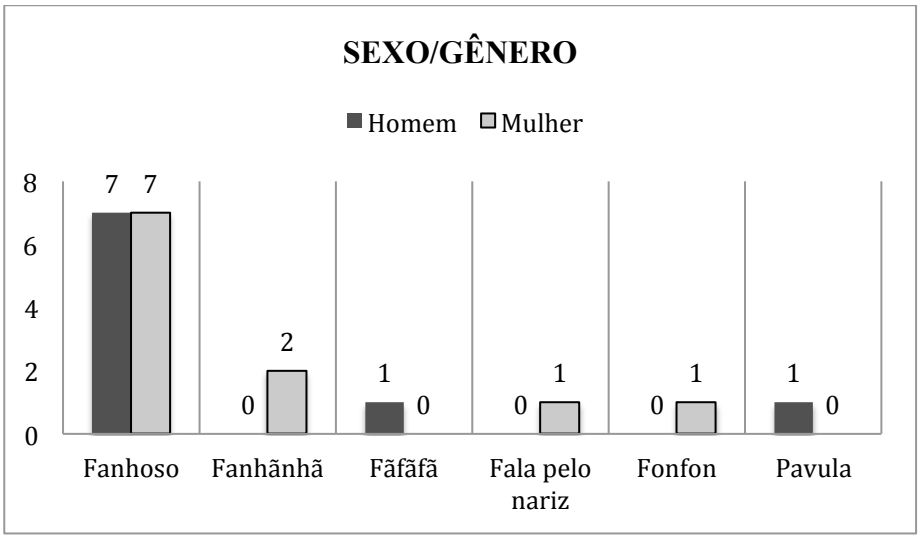


Como podemos observar na carta L66, a variante *fanhoso* prevaleceu nos seguintes pontos de inquérito: 1 (Cacau), 2 (América), 5 (África) e 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 4 (Taperinha) tivemos as variantes *fanhoso* e *fanhanhã* com a mesma quantidade de ocorrências (1 resposta para cada variante). Para esta questão destacamos o ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), que apresentou elevado índice de variação, com três variantes distintas, a saber: *fanhoso*, *fanhanhã* e *fala pelo nariz*. Também destacamos o ponto de inquérito 6 (Laranjituba), o único que apresentou norma monoléxica na região, ao contrário das demais comunidades, em que tivemos norma heteroléxica.

No gráfico 86, podemos observar que a variante *fanhoso* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com sete ocorrências cada, portanto, não houve variação diassexual para esta variante.

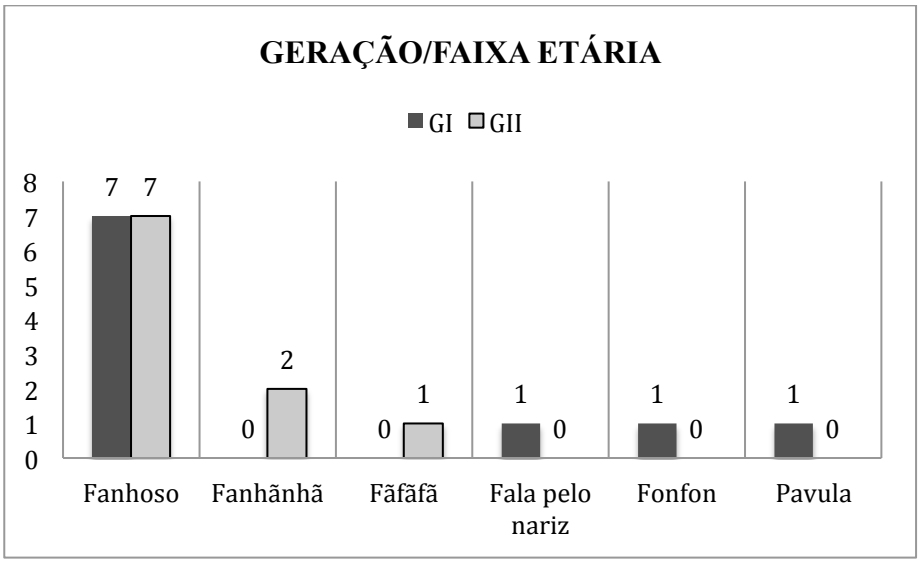
Cabe aqui destacar as variantes *fanhãnhã*, *fala pelo nariz* e *fonfon*, registradas exclusivamente entre as colaboradoras mulheres, e as variantes *pavula* e *fãfãfã* registradas exclusivamente entre os homens. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 86 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L66 – questão QSL 101 (*fanhoso*).



Assim como na dimensão diassexual, a variante *fanhoso* também não apresentou variação do ponto de vista diageracional, pois tanto a geração mais jovens quanto a geração dos mais velhos apresentaram sete ocorrências cada. Vejamos os resultados:

Gráfico 87 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L66 – questão QSL 101 (*fanhoso*).



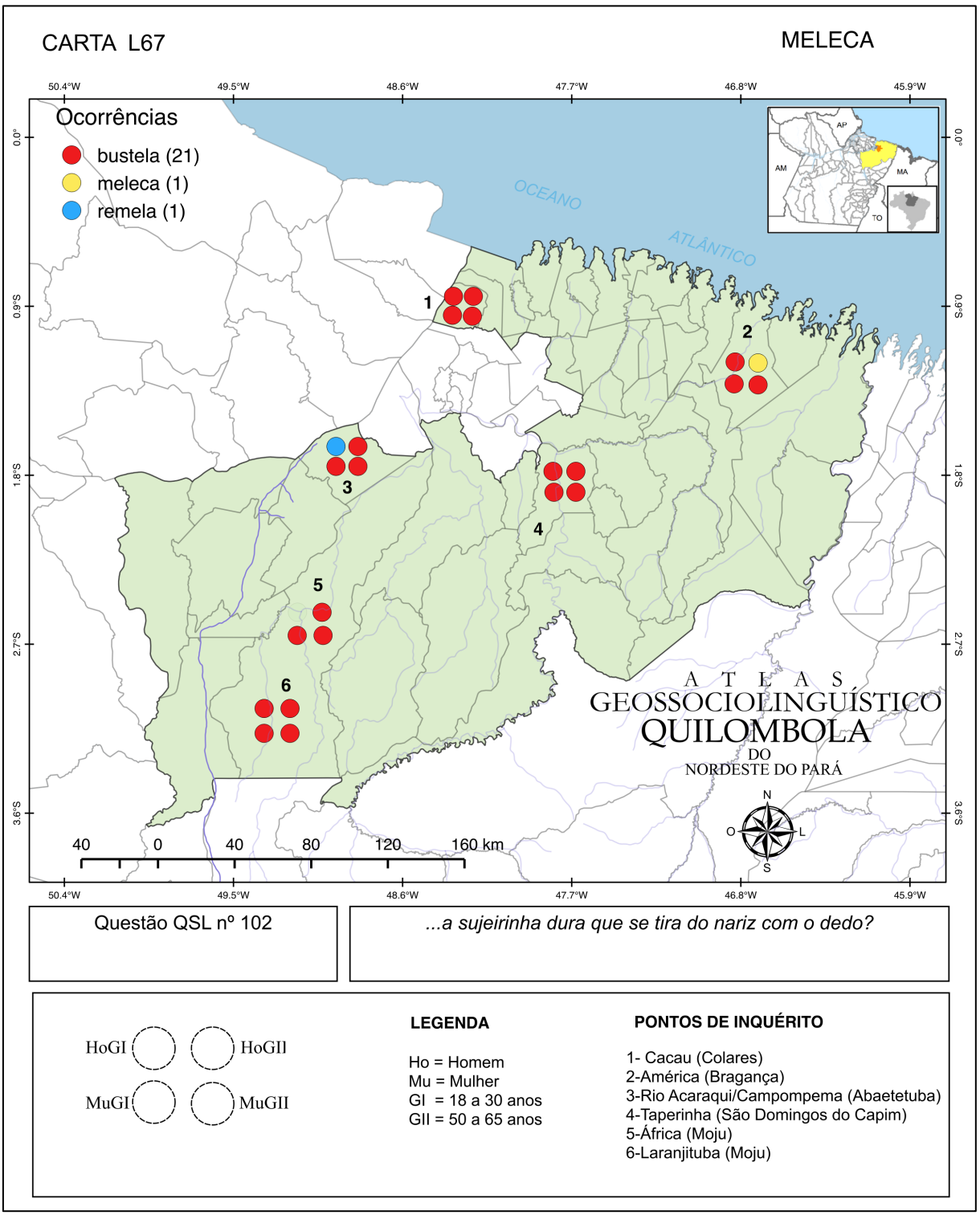
Destacamos nesta dimensão as variantes *fanhãnhã* (duas ocorrências) e *fãfãfã* (uma ocorrência), registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os mais jovens tivemos exclusivamente as variantes *fala pelo nariz*, *fonfon* e *pavula*, com uma ocorrência cada.

3.3.6.6 Meleca

...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

A questão nº 102, do QSL, apresentou três variantes no AGQUINPA, a saber: *bustela* (vinte e uma ocorrências), *meleca* (uma ocorrência) e *remela* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 99 - Carta L67 – questão QSL 102 (*meleca*).



Na carta L67, podemos observar que a variante *bustela* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu na região o uso da norma monoléxica. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos o registro da variante *meleca*, exclusivamente entre os homens da geração mais velha, e a variante *remela* foi registrada no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), exclusivamente na fala de um colaborador da geração mais jovem. A forma *meleca* é considerada uma africania na língua portuguesa; tem origem no quimbundo (*mele adikeleka*), que tem a acepção de leite coagulado ou coalhado.

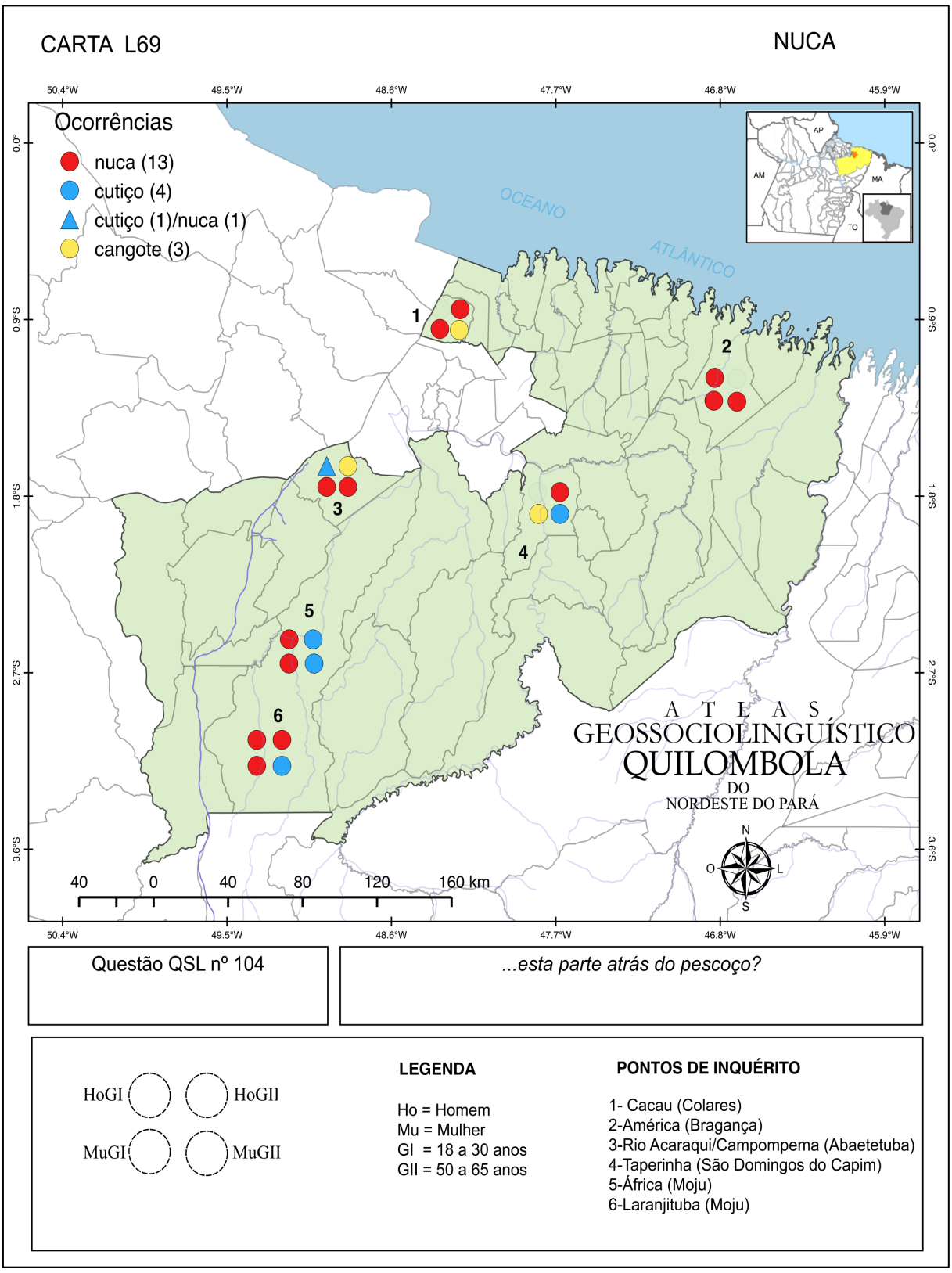
3.3.6.7 Nuca

...isto? (Apontar para a região da nuca).

A questão nº 104, do QSL, apresentou no AGQUINPA as seguintes variantes: *nuca* (quatorze ocorrências), *cutiço* (cinco ocorrências), além de *cangote* (três ocorrências).

Nesta questão, a variante *nuca* figurou como a variante de maior frequência. Vejamos os resultados completos na carta L69:

Imagem 100 - Carta L69 – questão QSL 104 (*nuca*).

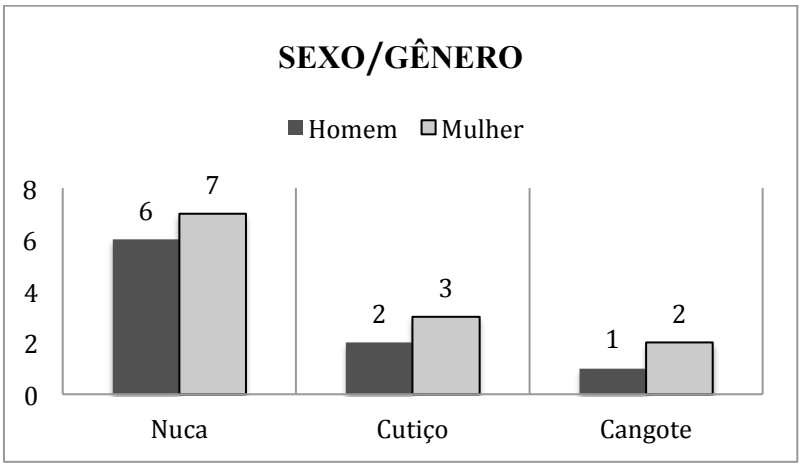


Na carta L69, podemos conferir em contraste aparente que a variante *nuca* prevaleceu nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 6 (Laranjituba). Já no ponto 5 (África), tivemos as variantes *nuca* e *cutiço* com a mesma quantidade de ocorrências. Os pontos de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha) apresentaram elevado índice de variação, com três variantes distintas em cada ponto. Também é possível constatar que apenas no ponto de inquérito 2 (América) tivemos a presença de norma monoléxica e nos demais pontos a norma é heteroléxica.

De acordo com Lopes (2012), o étimo *cangote*[105] tem origem na palavra *en-goti*, da língua Bantu *cuanhama*, com acepção de pescoço, portanto, podemos considerá-lo como uma africania presente na língua portuguesa.

No gráfico 88, a variante *nuca* apresentou sete ocorrências entre as mulheres e seis entre os homens, portanto, observamos pouca diferença do ponto de vista diassexual. Já segunda variante de maior ocorrência (*cutiço*) também apresentou pequena diferença entre homens (duas ocorrências) e mulheres (três ocorrências). Vejamos os resultados:

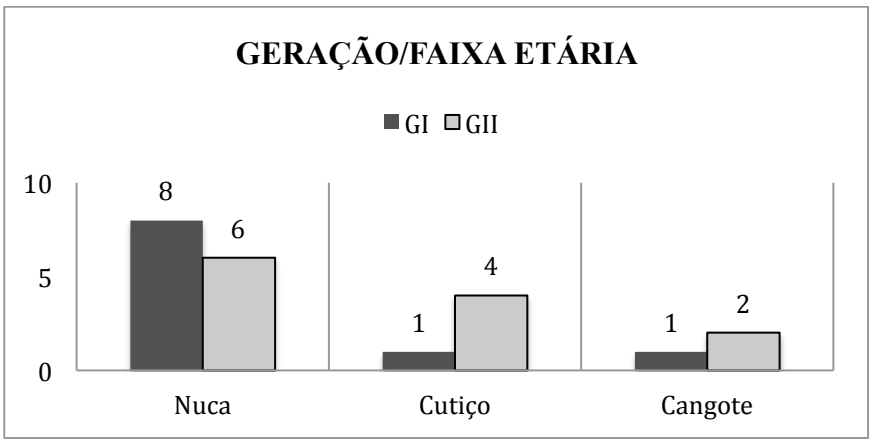
Gráfico 88 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L69 – questão QSL 104 (*nuca*).



Os resultados referentes à dimensão diageracional mostraram a variante *nuca* prevalecendo entre os mais jovens, com oito ocorrências no total, ante seis ocorrências registradas entre os mais velhos. Vejamos os resultados completos no gráfico 89:

[105] De acordo com Nascentes (1966), *cangote* tem origem no étimo espanhol *cogote*.

Gráfico 89 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L69 – questão QSL 104 (*nuca*).



No gráfico 89, podemos observar que a variante *cutiço* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com quatro ocorrências, enquanto que entre os mais jovens registramos apenas uma ocorrência para esta mesma variante. Por fim, a variante *cangote* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens.

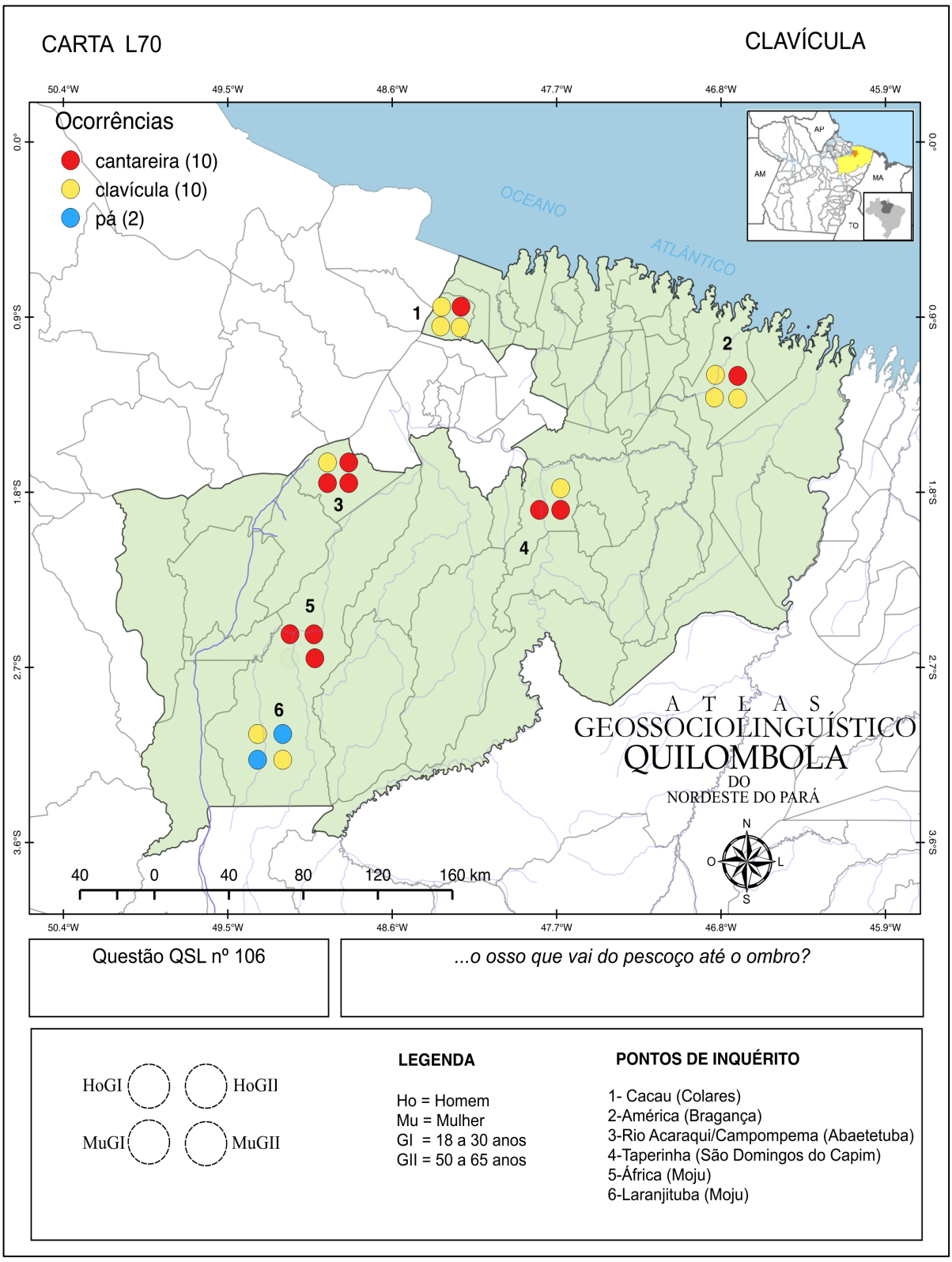
3.3.6.8 Clavícula

...o osso que vai do pescoço até o ombro?

A questão 106, do QSL, registrou as seguintes variantes: *clavícula* (dez ocorrências), *cantareira* (dez ocorrências) e *pá* (duas ocorrências).

Na carta L70, podemos perceber que as variantes *clavícula* e *cantareira* apresentaram a mesma quantidade de ocorrências no AGQUINPA. Vejamos os resultados completos a seguir:

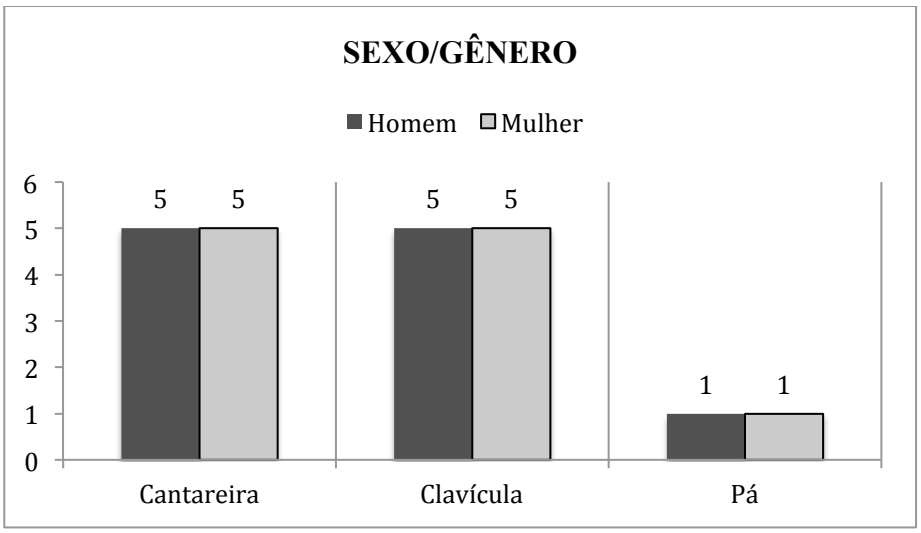
Imagem 101 - Carta L70 – questão QSL 106 (*clavícula*).



Como podemos observar na carta L70, a variante *cantareira* prevaleceu nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 5 (África), enquanto que nos pontos 1 (Cacau) e 2 (Clavícula) tivemos a prevalência da variante *clavícula*. Já no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos as variantes *clavícula* e *pá*, com a mesma quantidade de ocorrências (duas ocorrências para cada variante). Entre as comunidades, apenas no ponto de inquérito 5 (África) tivemos uso da norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito prevaleceu a norma heteroléxica.

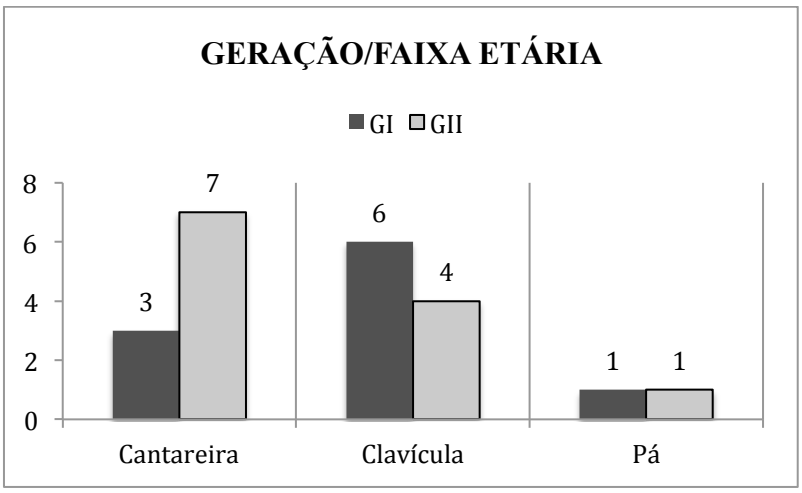
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram as variantes *cantareira* e *clavícula* com a mesma quantidade de ocorrências, tanto para homens quanto para mulheres (cinco para cada variante e respectivo sexo), portanto, sem variação diassexual. A variante *pá* também apresentou a mesma quantidade de ocorrências para ambos os sexos. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 90 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L70 – questão QSL 106 (*clavícula*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *cantareira* prevalecendo com sete ocorrências entre os mais velhos, enquanto que entre os colaboradores mais jovens registramos três respostas para esta mesma variante. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 91 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L70 – questão QSL 106 (*clavícula*).



No gráfico 91, também podemos observar que a variante *clavícula* prevaleceu entre os mais jovens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores mais velhos registramos quatro respostas. Já a variante *pá* apresentou uma única ocorrência para cada geração elencada.

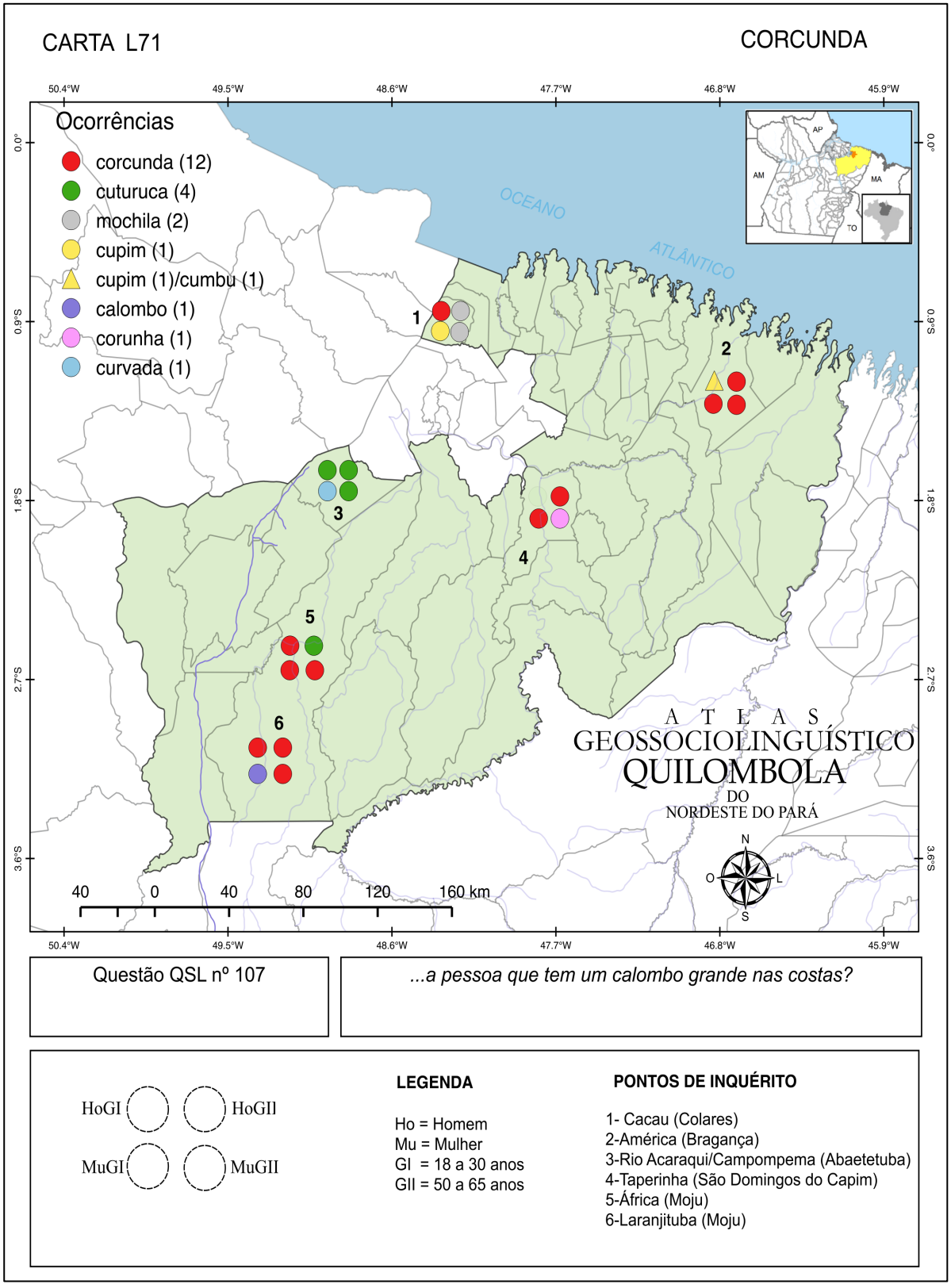
3.3.6.9 Corcunda

...a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica curvada?

A questão nº 107, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *corcunda* (doze ocorrências), *cuturuca* (quatro ocorrências), *cupim* (duas ocorrências), *mochila* (duas ocorrências), além de *cumbu*, *curvada*, *corunha* e *calombo*, com uma ocorrência cada.

Esta questão apresentou elevado número de variantes (oito no total) e a resposta *corcunda* teve frequência elevada, prevalecendo na maioria dos pontos de inquérito. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 102 - Carta L71 – questão QSL 107 (*corcunda*).



Como podemos observar na carta L71, a variante *corcunda* prevaleceu nos seguintes pontos de inquérito: ponto 2 (América), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Já no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *cuturuca* e no ponto 1 (Cacau) prevaleceu a variante *mochila*. Em todos os pontos de inquérito, tivemos a prevalência da norma heteroléxica, em virtude do alto índice de variação para esta questão.

Destacamos, na carta L71, a presença das variantes *corunha*[106] e *cumbu*. A primeira, de origem galego-portuguesa, tem a acepção de caroço (AULETE, 2016; VASCONCELOS, 1910), e foi registrada no ponto 4 (Taperinha). A segunda, de origem Bantu, tem acepção dicionarizada bem distinta do que encontramos aqui, pois em quimbundo, o étimo *cumbu* ou *kumbu* possui acepção de dinheiro (ASSIS JÚNIOR, 1947). Cabe frisar, aqui, no entanto, que a noção de "pessoa que tem um calombo grande nas costas" envolve uma protuberância. Quando uma pessoa está com o bolso ou a carteira cheios de dinheiro, não raro também se alude a uma protuberância, usando-se, inclusive, as denominações como bolso cheio, gordo, avantajado. Talvez, a forma tenha sido usada em alusão a isso.

A variante *cuturuca* remete à palavra *kuturuka*, presente no vocabulário da língua chichewa ou nianja, que faz parte do grupo de línguas *Bantu* e que é falada em Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe. De acordo com Laws (2012), tem a acepção de "para fora".

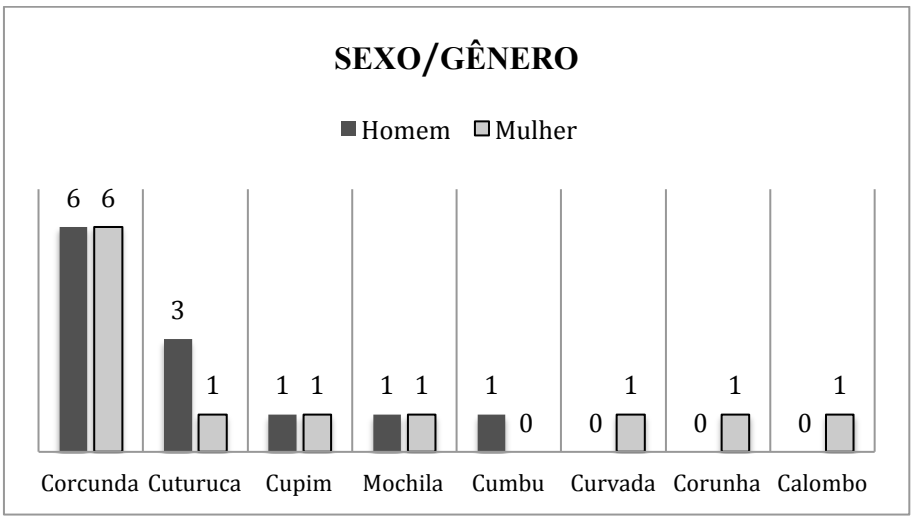
De acordo com Lopes (2012, p. 79), a variante *corcunda* tem origem no étimo quimbundo *karikunda* e tem a acepção de protuberância deforme nas costas, enquanto que a variante *calombo* não tem origem confirmada, mas remete ao étimo quicongo *lombolo* e quimbundo *mulumbu*, ambos com a acepção de tumefação cutânea, de corcova ou de excrecência.

Como podemos conferir no gráfico 92, a variante *corcunda* apresentou a mesma quantidade de ocorrências, tanto para homens quanto para mulheres, com seis respostas no total para cada sexo. Por outro lado, a variante *cuturuca* prevaleceu entre os homens, com três ocorrências, ante uma única ocorrência registrada entre as mulheres. As variantes *cupim* e *mochila* apresentaram a mesma quantidade de respostas para ambos os sexos, com uma ocorrência cada.

Também registramos variantes exclusivas, como *curvada*, *corunha* e *calombo*, usadas apenas por mulheres, com uma ocorrência cada, e a variante *cumbu* registrada apenas por um colaborador homem. Vejamos os resultados:

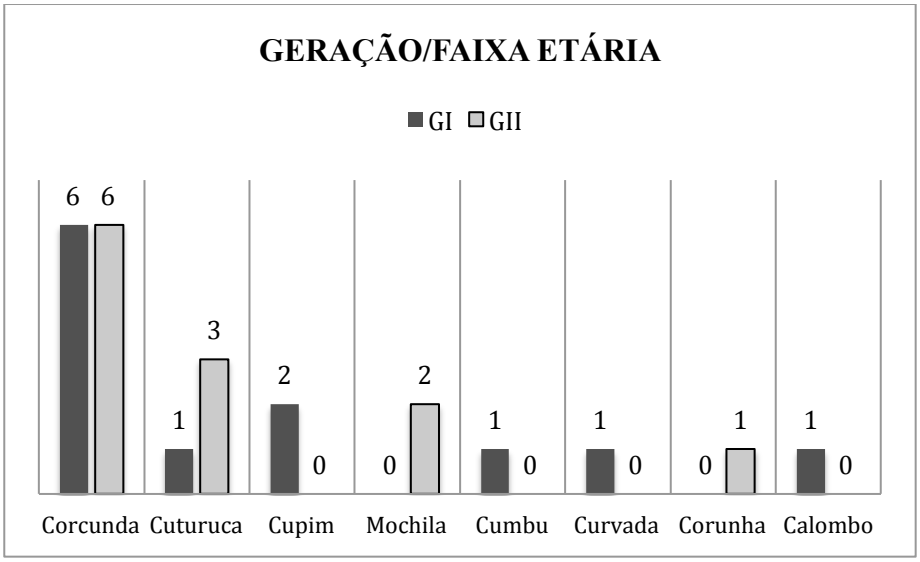
[106] Corunha é a segunda maior cidade da Galícia. É um topônimo.

Gráfico 92 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L71 – questão QSL 107 (*corcunda*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *corcunda* também apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (seis para cada no total), portanto, sem variação para esta dimensão. Por outro lado, a variante *cuturuca* prevaleceu entre os mais velhos, com três ocorrências, enquanto que entre a geração mais jovem foi registrada apenas uma ocorrência. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 93 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L71 – questão QSL 107 (*corcunda*).



Para esta dimensão também registramos variantes exclusivas, como as variantes *cupim*, *cumbu*, *curvada* e *calombo*, usadas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, enquanto que entre os colaboradores mais velhos tivemos com exclusividade as variantes *mochila* e *corunha*.

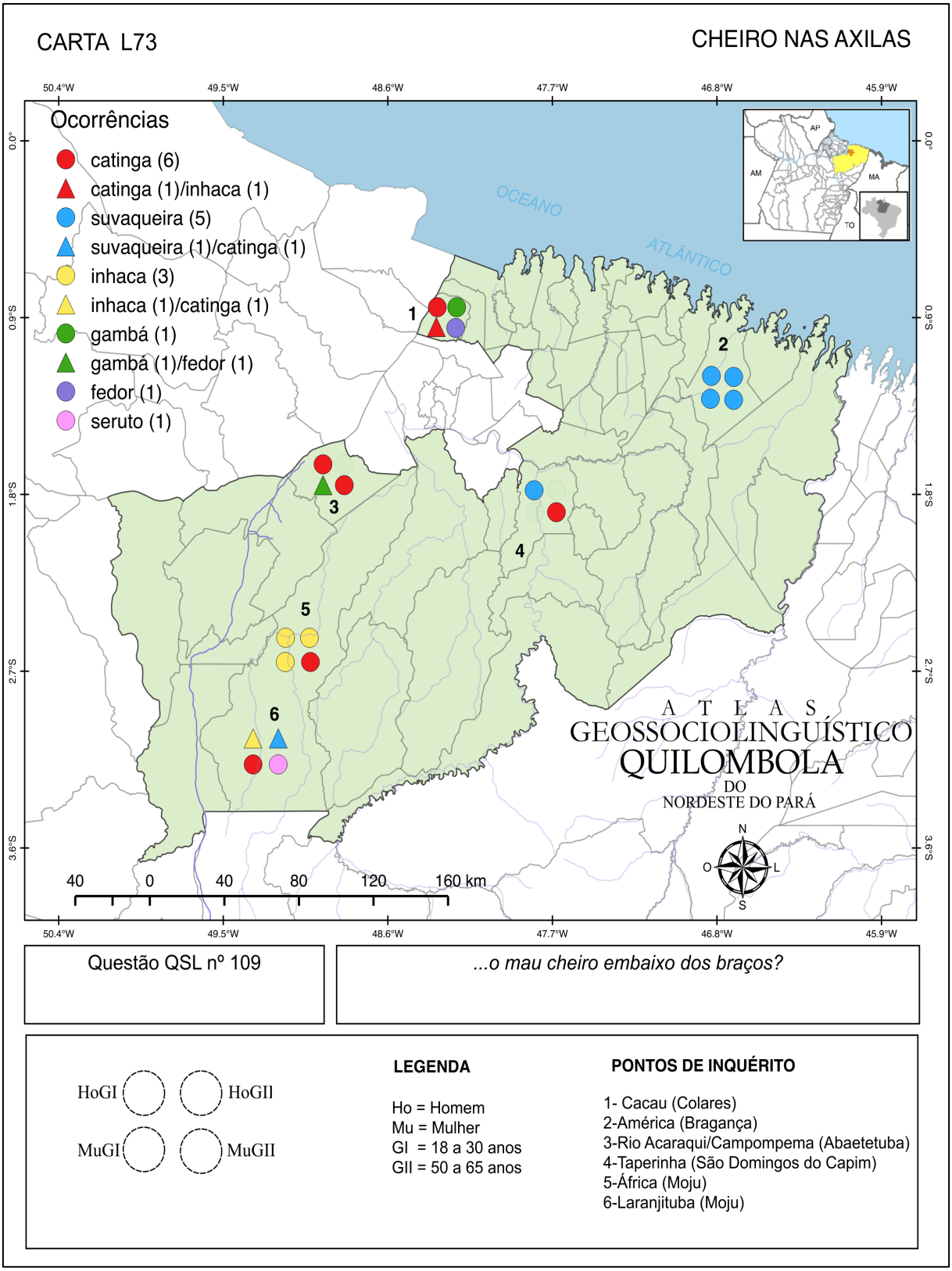
3.3.6.10 Cheiro nas axilas

...o mau cheiro embaixo dos braços?

A questão nº 109, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *catinga* (nove ocorrências), *suvaqueira* (seis ocorrências), *inhaca* (quatro ocorrências), *gambá* (duas ocorrências), *fedor* (duas ocorrências) e *seruto* (uma ocorrência).

Na carta L90, podemos observar a prevalência da variante *catinga* e em segundo lugar a variante *suvaqueira*. Vejamos os resultados completos a seguir:

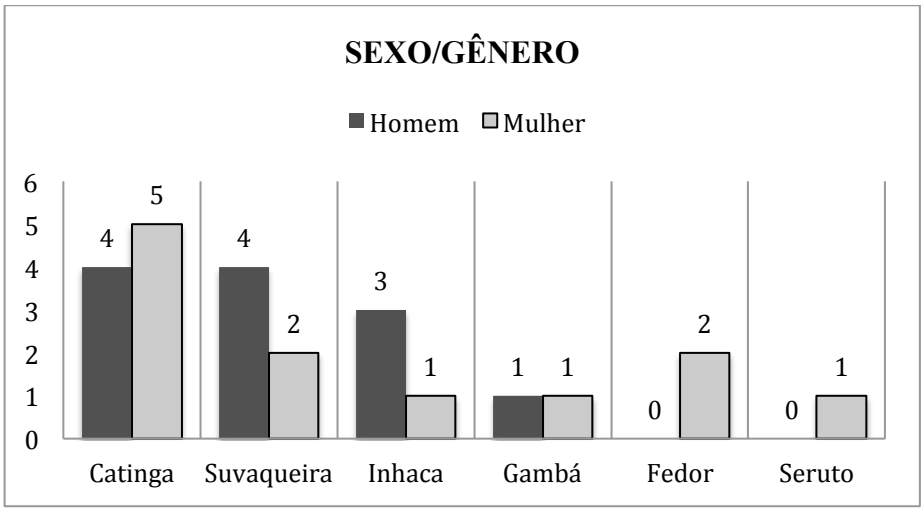
Imagem 103 - Carta L73 – questão QSL 109 (*cheiro nas axilas*).



Como podemos observar na carta L73, a variante *catinga* prevaleceu nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 6 (Laranjituba). No ponto 2 (América) prevaleceu a variante *suvaqueira* e no ponto 5 (África) tivemos a prevalência da variante *inhaca*. O ponto de inquérito 4 (Taperinha) apresentou as variantes *catinga* e *suvaqueira* com uma ocorrência cada. Destacamos na carta L73 os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 6 (Laranjituba) que apresentaram elevada variação, com quatro variantes distintas, a saber: ponto 1-Cacau (*catinga*, *inhaca*, *gambá* e *fedor*) e ponto 6-Laranjituba (*catinga*, *inhaca*, *suvaqueira* e *seruto*). O ponto de inquérito 2 (América) foi o único a apresentar norma monoléxica na região, ao contrário das demais comunidades, que apresentaram variação considerável.

De acordo com Lopes (2012), do ponto de vista etimológico, a variante *catinga* tem origem na língua quicongo *katinga* ou *okatinga*, com a acepção de cheiro repugnante e, portanto, pode ser considerada uma africania, assim como a variante *inhaca*, que tem origem no étimo Bantu *yaka*. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diassexual:

Gráfico 94 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L73 – questão QSL 109 (*cheiro nas axilas*).

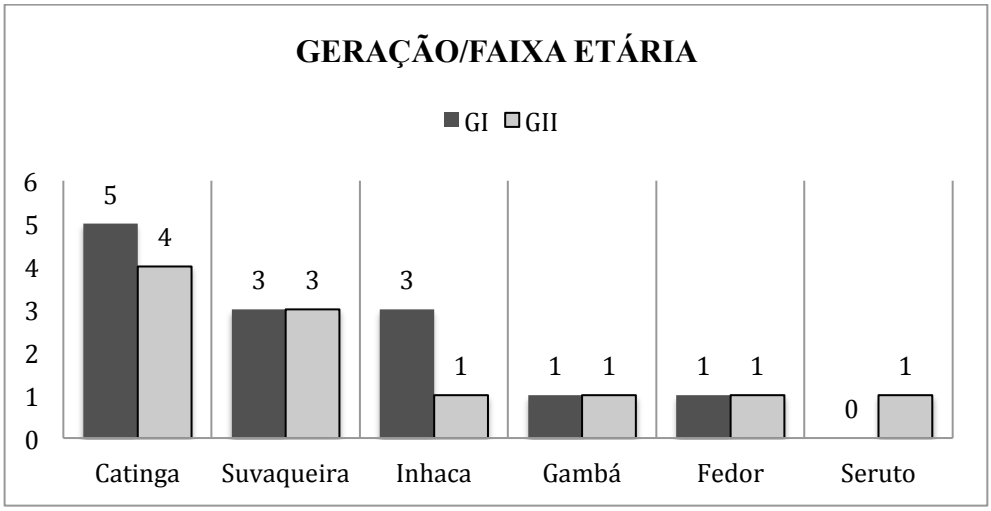


Os resultados diassexuais mostraram a variante *catinga* com cinco ocorrências entre as mulheres, ante quatro ocorrências registradas entre os homens. A segunda variante de maior ocorrência (*suvaqueira*) para esta questão do AGQUINPA apresentou quatro ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres.

Por outro lado, tivemos a variante *inhaca* prevalecendo entre os homens, com três ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos uma única ocorrência para esta mesma variante. Já a variante *gambá* apresentou uma ocorrência para cada um dos sexos.

Também registramos duas variantes de uso exclusivo das mulheres: *fedor* (duas ocorrências) e *seruto*, com uma ocorrência cada. Vejamos, a seguir, os resultados diageracionais desta questão:

Gráfico 95 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L73 – questão QSL 109 (*cheiro nas axilas*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *catinga* apresentou cinco ocorrências entre os mais jovens e quatro ocorrências entre os mais velhos. Já a variante *suvaqueira* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (três ocorrências para cada geração).

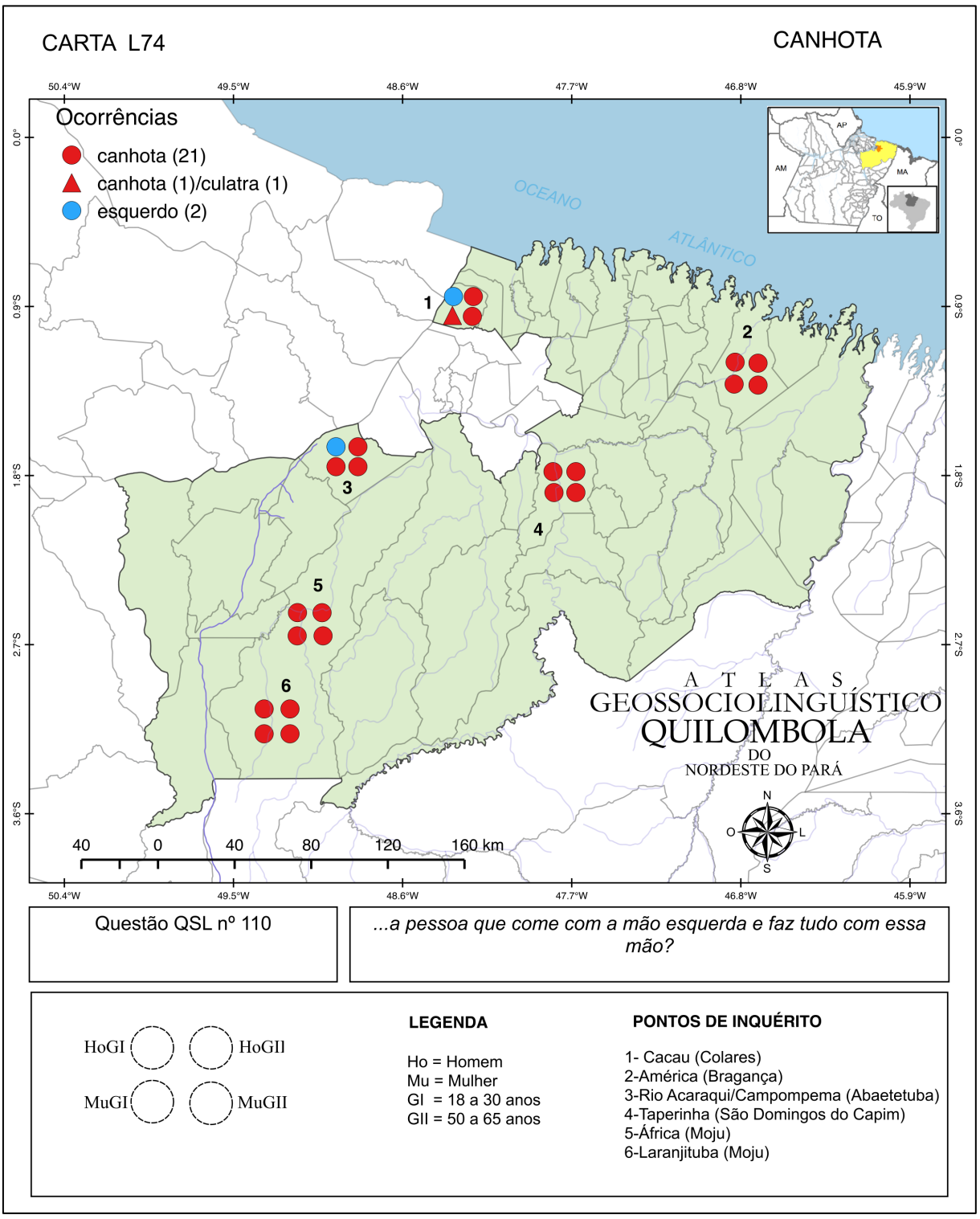
Também tivemos a variante *inhaca* prevalecendo entre os mais jovens, com três ocorrências, diante da única resposta registrada entre os mais velhos. Já as variantes *gambá* e *fedor* apresentaram uma ocorrência para cada geração e a variante *seruto* teve uma única resposta exclusiva entre os colaboradores mais velhos.

3.3.6.11 Canhota

...a pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão?

A questão nº 110, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *canhota* (vinte e duas ocorrências), *esquerdo* (duas ocorrências) e *culatra* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L74, a distribuição das variantes registradas:

Imagem 104 - Carta L74 – questão QSL 110 (*canhota*).



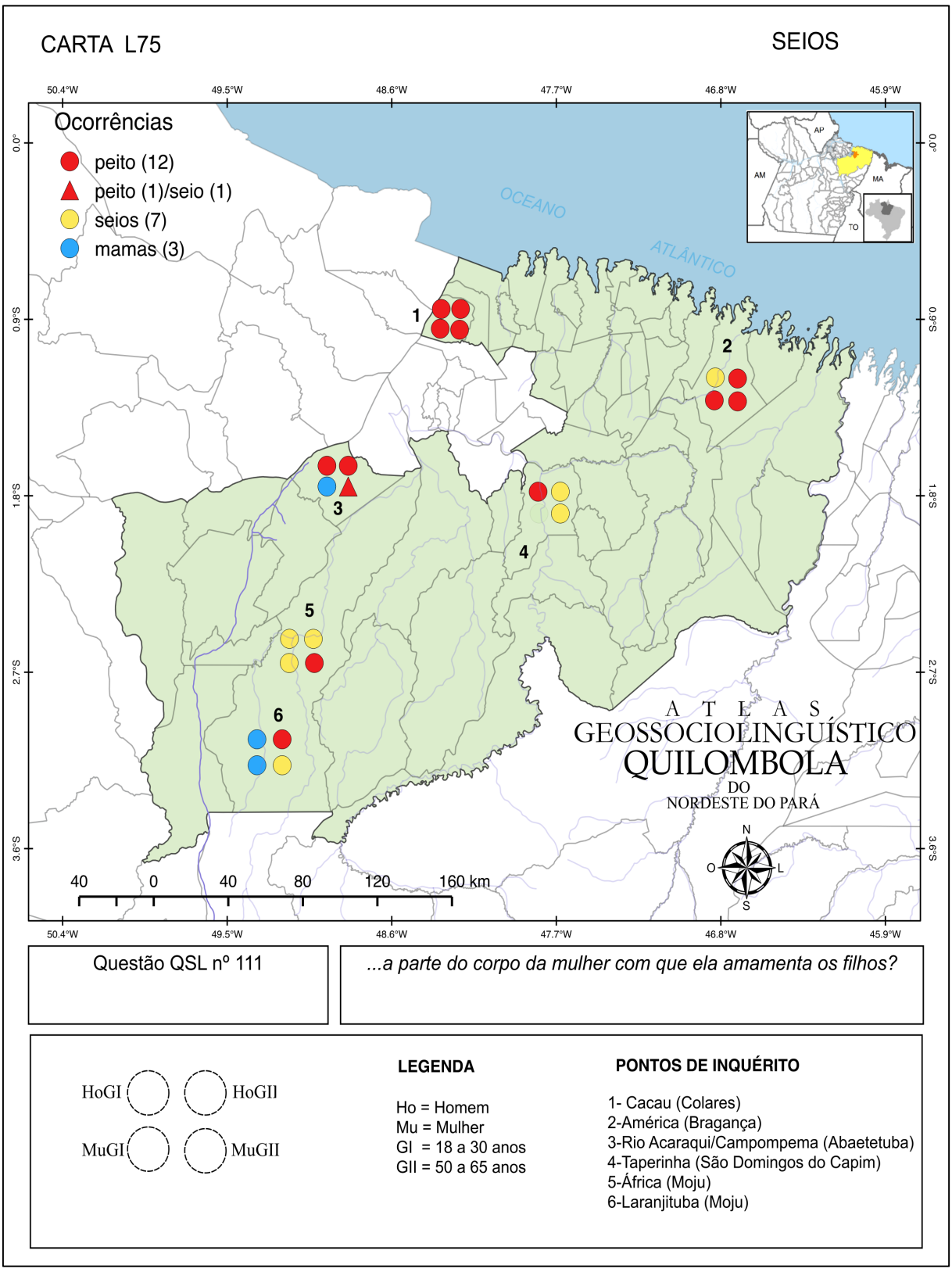
Como podemos visualizar na carta L74, a variante *canhota* ocorreu em todas as comunidades e prevaleceu em todos os pontos de inquérito. A variante *culatra* ocorreu no ponto de inquérito 1 (Cacau), exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem e, nesse mesmo ponto, a variante *esquerdo* ocorreu exclusivamente entre os homens mais jovens. Também tivemos, no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), o registro da variante *esquerdo* entre os homens da geração mais jovem, portanto, prevaleceu entre os pontos de inquérito a norma monoléxica, com exceção dos pontos 1 (Cacau) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema).

3.3.6.12 Seios

...a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

A questão nº 111, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *peito* (treze ocorrências), *seios* (oito ocorrências) e *mamas* (três ocorrências). Vejamos, na carta L75, a prevalência da variante *peito*, diante das demais variantes:

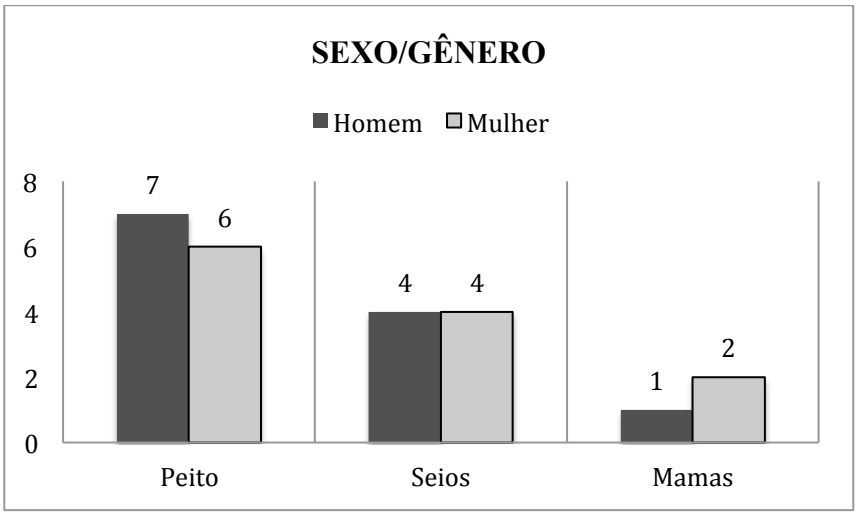
Imagem 105 - Carta L75 – questão QSL 111 (seios).



Como podemos observar na carta L75, a variante *peito* prevaleceu em 4 pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América) e ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), enquanto que nos pontos 4 (Taperinha) e 5 (África) prevaleceu a variante *seios* e no ponto 6 (Laranjituba) a variante *mamas* apresentou o maior número de ocorrências. Apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

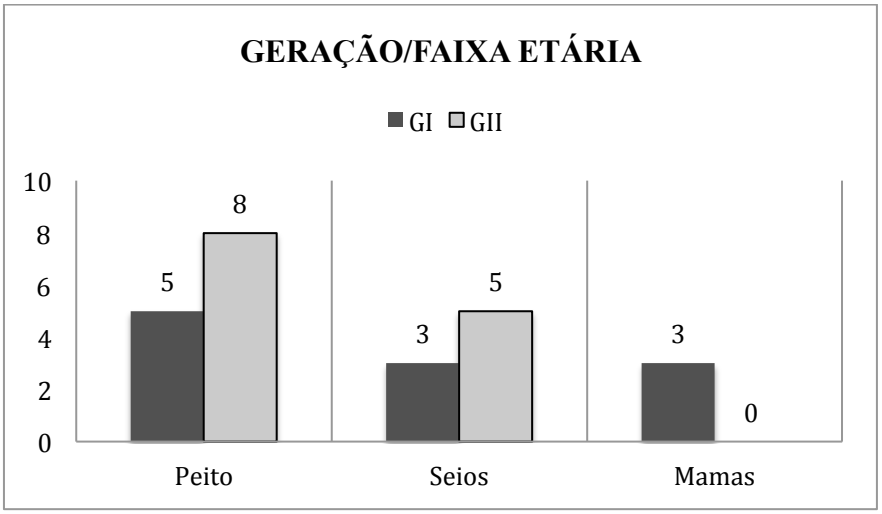
Os resultados diassexuais mostraram a variante *peito* com sete ocorrências entre os homens e com seis ocorrências entre as mulheres, enquanto que a variante *seios* teve a mesma quantidade de respostas em ambos os sexos, portanto, a pequena diferença observada não é suficiente para dizer que houve variação diassexual significante. Já a variante *seios* apresentou quatro ocorrências tanto para homens quanto para mulheres e a variante *mamas* teve uma única ocorrência entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres. Vejamos os resultados no gráfico 96:

Gráfico 96 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L75 – questão QSL 111 (*seios*).



Considerando a dimensão diageracional, tivemos a variante *peito* prevalecendo entre os mais velhos com oito respostas no total, enquanto que entre os mais jovens tivemos cinco ocorrências. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 97 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L75 – questão QSL 111 (*seios*).



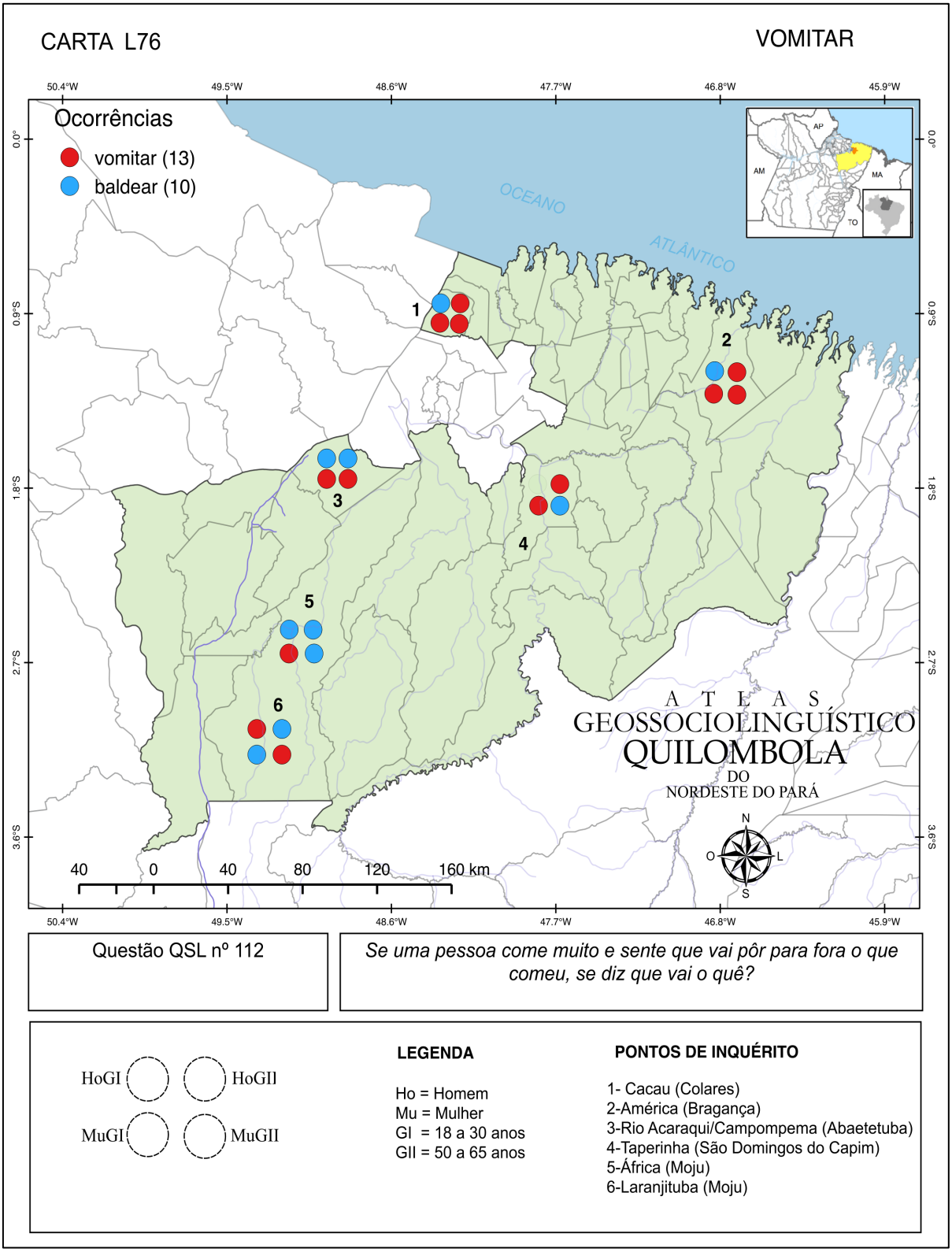
A variante *seios* esteve presente cinco vezes entre as respostas dos colaboradores mais velhos e três vezes entre os mais jovens, enquanto que a variante *mamas* apresentou três ocorrências exclusivamente entre os colaboradores mais jovens.

3.3.6.13 Vomitar

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

A questão nº 112, do QSL, apresentou apenas duas variantes: *vomitar* (treze ocorrências) e *baldear* (dez ocorrências). Como podemos observar na carta L76, a variante *vomitar* prevaleceu na região. Vejamos os resultados completos a seguir:

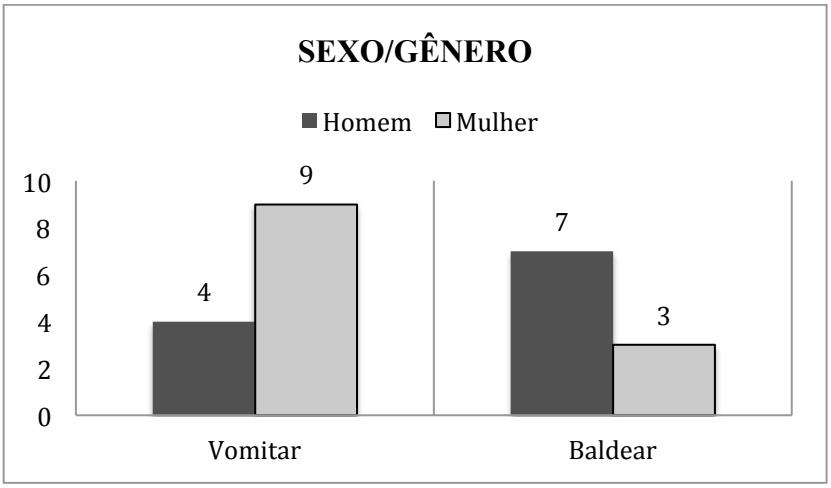
Imagem 106 - Carta L76 – questão QSL 112 (*vomitar*).



Como podemos observar na carta L76, a variante *vomitar* prevaleceu nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América) e ponto 4 (Taperinha), enquanto que a variante *baldear* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 5 (África). Os pontos de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 6 (Laranjituba) apresentaram as variantes *vomitar* e *baldear* com a mesma quantidade de ocorrências (duas respostas para cada variante). É importante destacar que em todos os pontos de inquérito prevaleceu a norma heteroléxica.

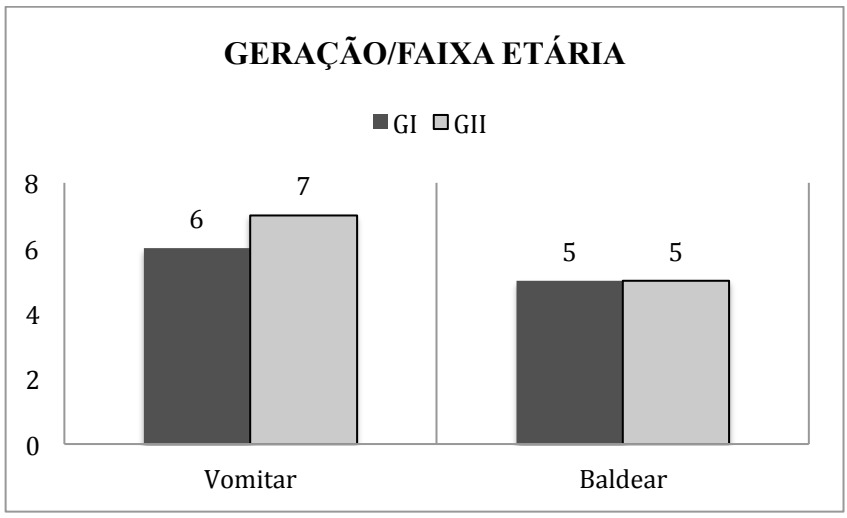
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *vomitar* prevalecendo entre as mulheres, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos 4 ocorrências para esta mesma variante. Por outro lado, a variante *baldear* prevaleceu entre os homens, com sete ocorrências no total, ante três ocorrências registradas entre as mulheres. Vejamos os resultados no gráfico 98:

Gráfico 98 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L76 – questão QSL 112 (*vomitar*).



Do ponto de vista diageracional tivemos a variante *vomitar* com sete ocorrências registradas entre os colaboradores mais velhos e seis ocorrências entre os colaboradores mais jovens, portanto, com pouca diferença estatística entre as gerações estudadas. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 99 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L76 – questão QSL 112 (*vomitar*).



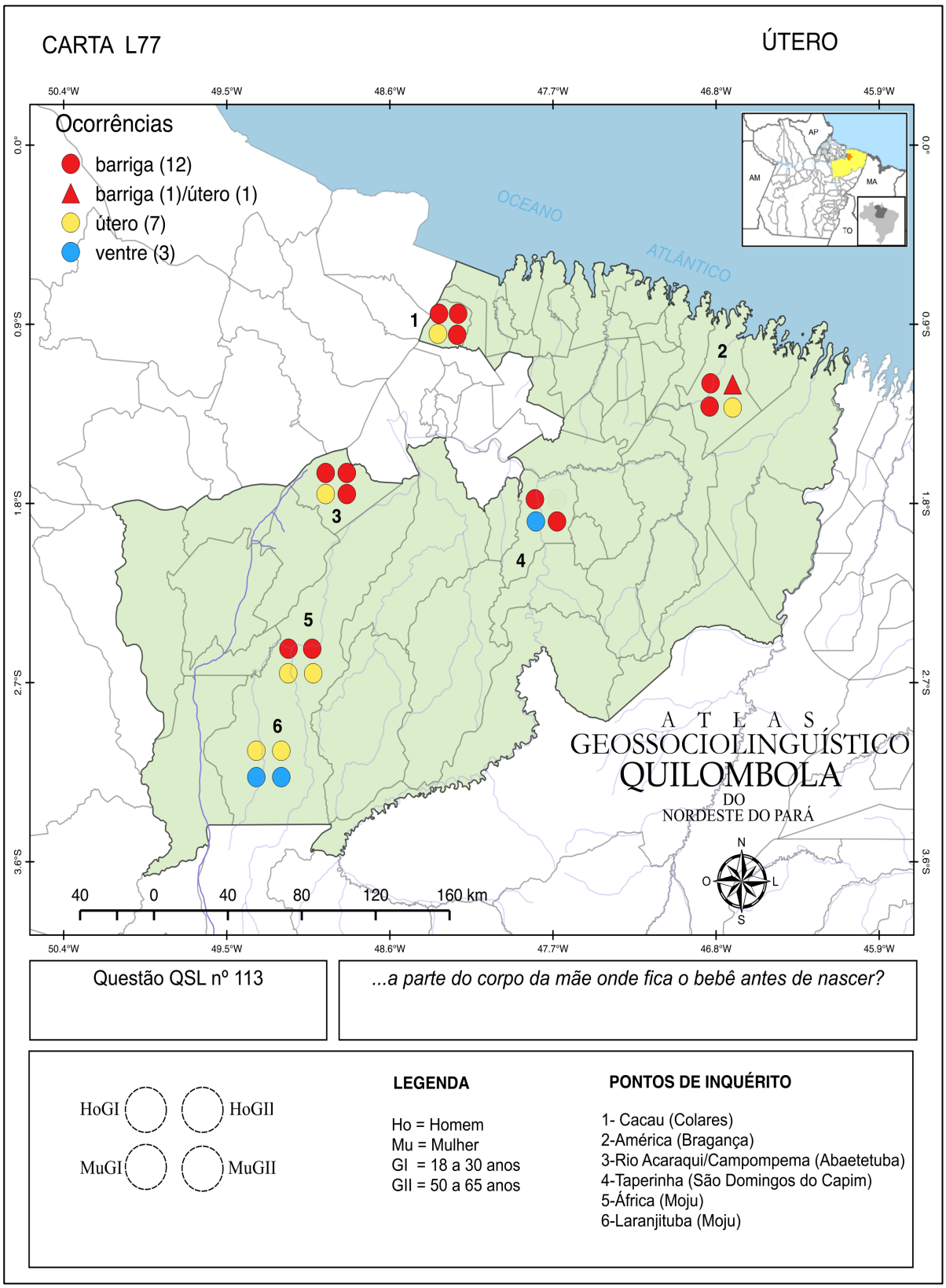
Já a variante *baldear* apresentou a mesma quantidade de respostas, tanto para os colaboradores mais jovens quanto para os colaboradores mais velhos, com cinco ocorrências para cada geração e, portanto, sem diferença do ponto de vista diageracional.

3.3.6.14 Útero

...a parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer?

A questão nº 113, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *barriga* (treze ocorrências), *útero* (oito ocorrências) e *ventre* (sete ocorrência). Na carta L77, podemos observar a prevalência da variante *barriga*, enquanto que a variante *útero* figurou em segundo lugar. Vejamos os resultados completos a seguir:

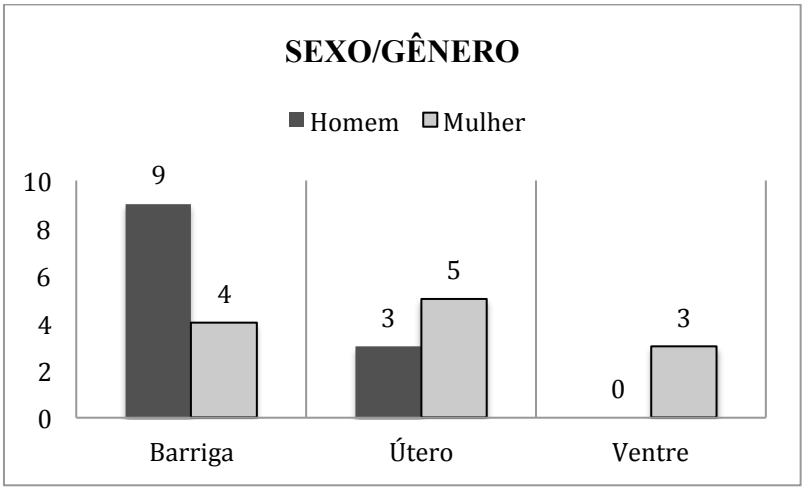
Imagem 107 - Carta L77 – questão QSL 113 (*útero*).



Como podemos observar na carta L77, a variante *barriga* ocorreu em cinco dos seis pontos de inquérito, com exceção do ponto de inquérito 6 (Laranjituba). Essa mesma variante prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América), 3 (Rio Acaraqui) e 4 (Taperinha), enquanto que no ponto de inquérito 5 (África), as variantes *barriga* e *útero* tiveram metade das ocorrências cada uma, e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) as variantes *útero* e *ventre* também tiveram cada uma metade das respostas. Destacamos na região a ocorrência de norma heteroléxica em todos os seis pontos de inquérito.

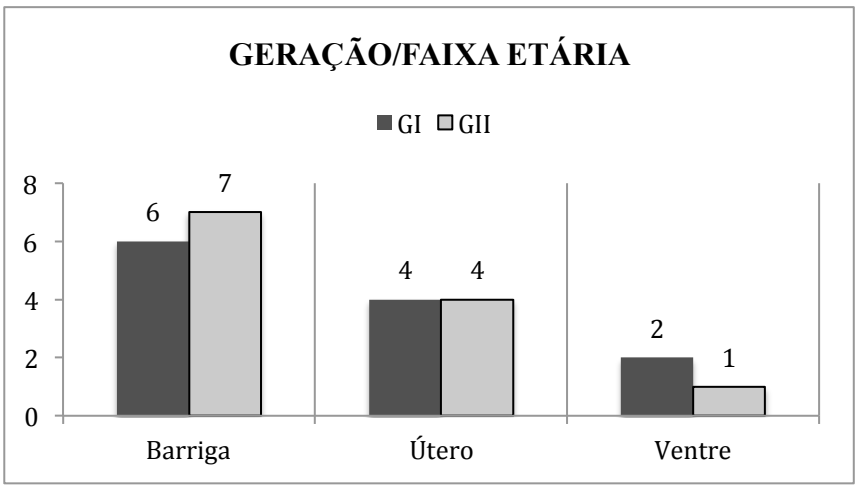
No gráfico 100, podemos observar a variante *barriga* prevalecendo entre os homens, com nove ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos quatro ocorrências. Por outro lado, a variante *útero* apresentou cinco ocorrências entre as mulheres, enquanto que entre os homens registramos três ocorrências para esta mesma variante. Também tivemos a variante *ventre* registrada exclusivamente entre as mulheres, com três ocorrências no total. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 100 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L77 – questão QSL 113 (*útero*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *barriga* que foi registrada sete vezes entre os colaboradores mais velhos e seis vezes entre os colaboradores mais jovens, o que nos leva a dizer que não houve diferença significante entre as duas gerações consideradas no AGQUINPA. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 101 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L77 – questão QSL 113 (*útero*).



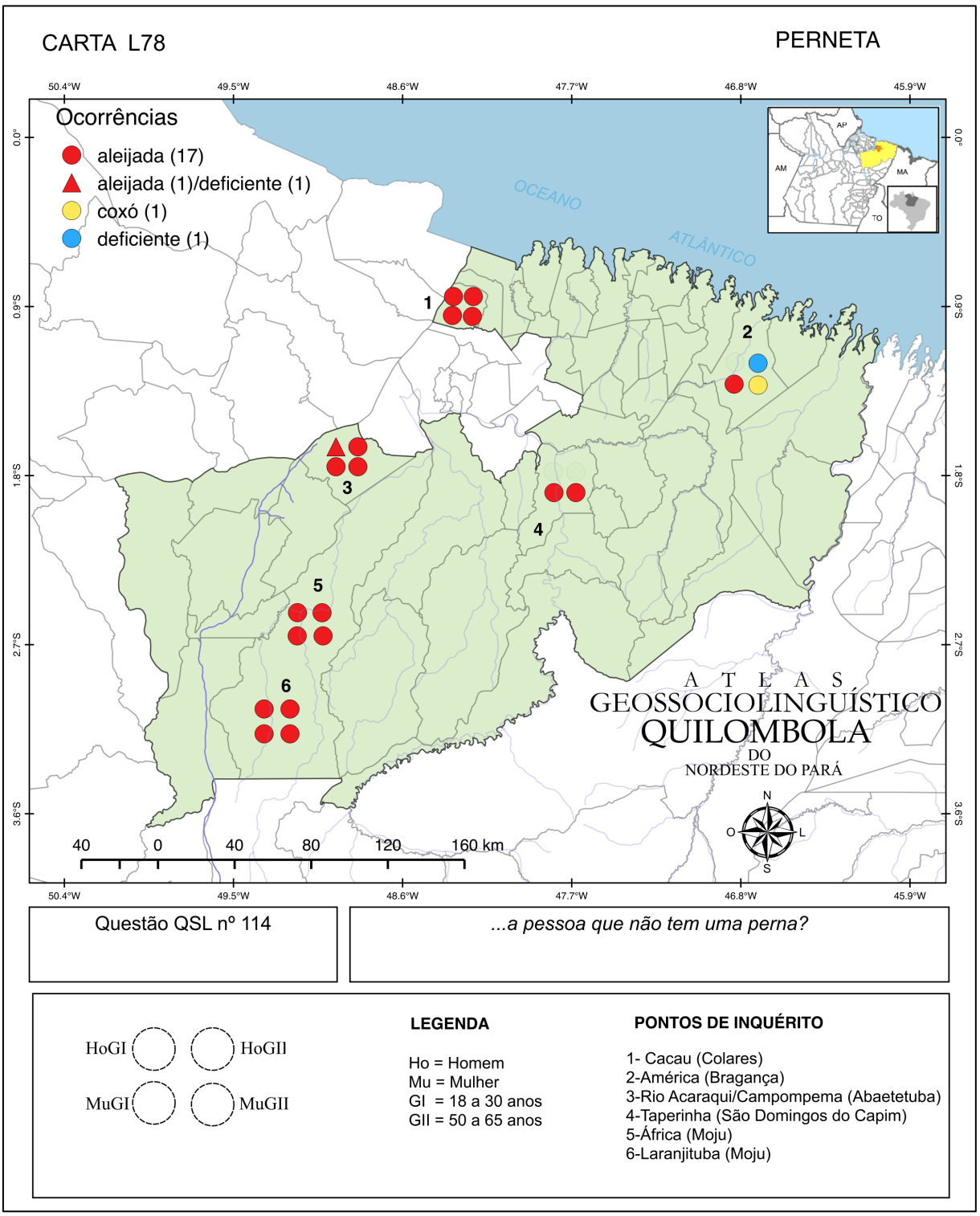
De acordo com os resultados, a segunda variante (*útero*) de maior ocorrência nesta questão apresentou quatro ocorrências para ambas as gerações e, portanto, sem diferença diageracional, enquanto que a variante *ventre* teve duas ocorrências entre os mais jovens e uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos.

3.3.6.15 Perneta

...a pessoa que não tem uma perna?

A questão nº 144, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *aleijada* (dezoito ocorrências), *deficiente* (duas ocorrências) e *coxó*, com uma ocorrência. Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 108 - Carta L78 – questão QSL 114 (*perneta*).



Como podemos observar na carta L78, a variante *aleijada* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos a ocorrência das variantes *aleijada*, *deficiente* e *coxó*, com uma ocorrência cada. Podemos concluir que nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 4 (Taperinha), 5 (África) e 6 (Laranjituba) tivemos a norma monoléxica, enquanto que nos pontos 2 (América) e 3 Rio Acaraqui/Campompema) registramos a norma heteroléxica.

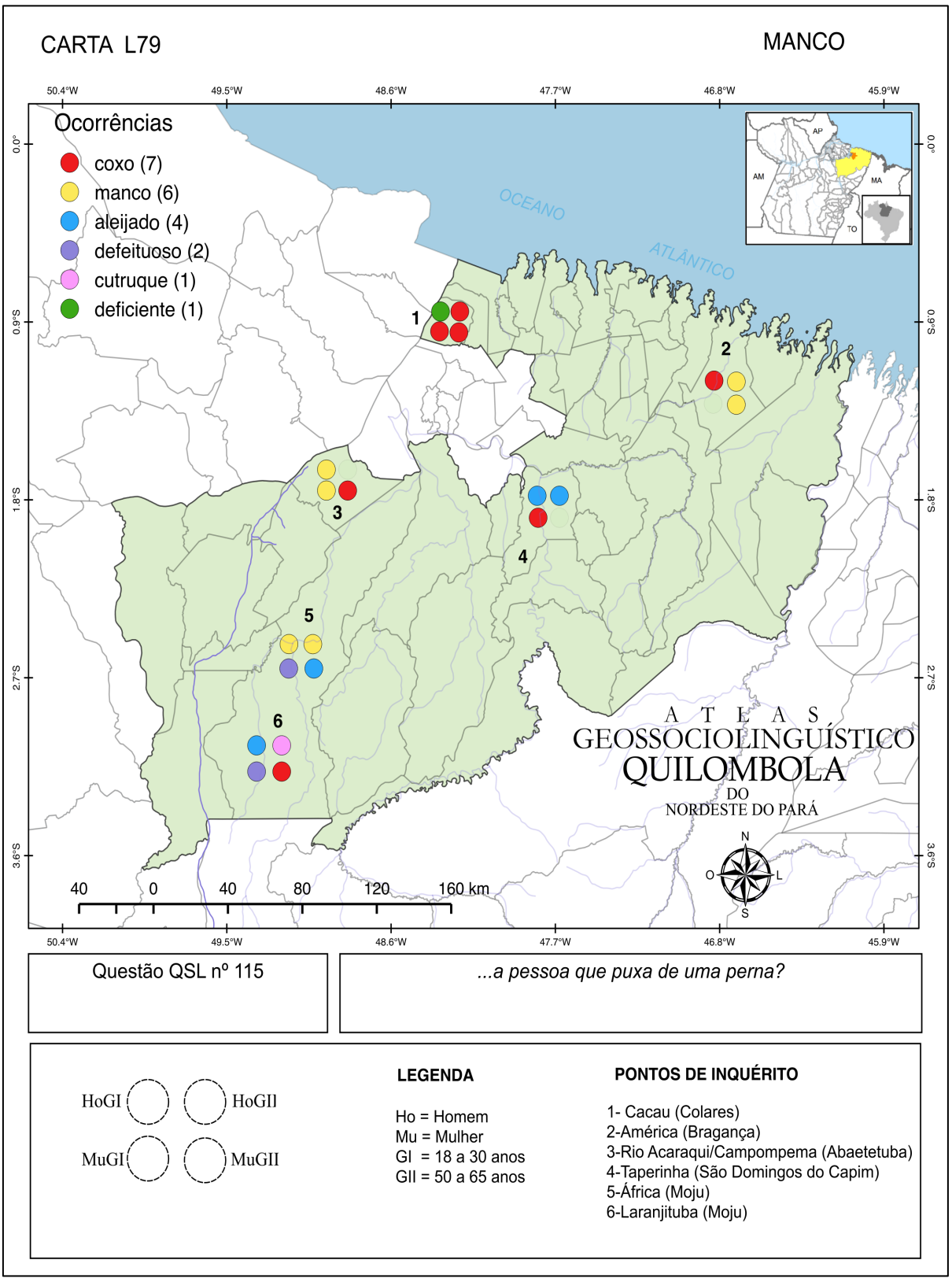
3.3.6.16 Manco

...a pessoa que puxa de uma perna?

A questão nº 115, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *coxo* (sete ocorrências), *manco* (seis ocorrências), *aleijado* (quatro ocorrências), *defeituoso* (duas ocorrências), além de *deficiente* e *cutruque*, com uma ocorrência cada.

Dentre as seis variantes distintas mapeadas, podemos observar em contraste aparente, a variante *coxo* como a resposta de maior ocorrência no AGQUINPA e, em segundo lugar, a variante *manco*. Vejamos os resultados completos a seguir:

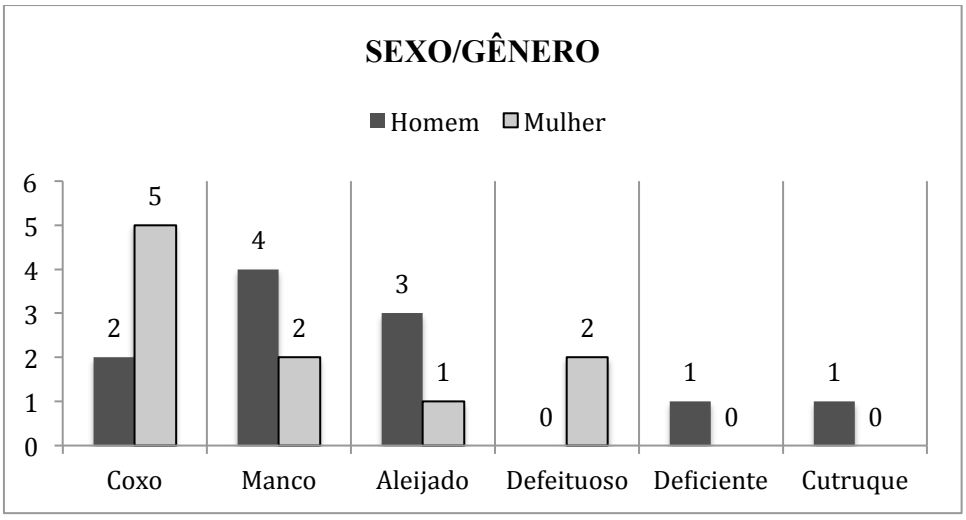
Imagem 109 - Carta L79 – questão QSL 115 (*manco*).



Como podemos observar na carta L79, a variante *coxo* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau), enquanto que a variante *manco* apresentou maior ocorrência nos pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África). Já a variante *aleijado* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha) e o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou o maior número de variantes distintas (*coxo*, *aleijado*, *cutruque* e *defeituoso*). Em todos os pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma heteroléxica, dado o elevado índice de variação na região.

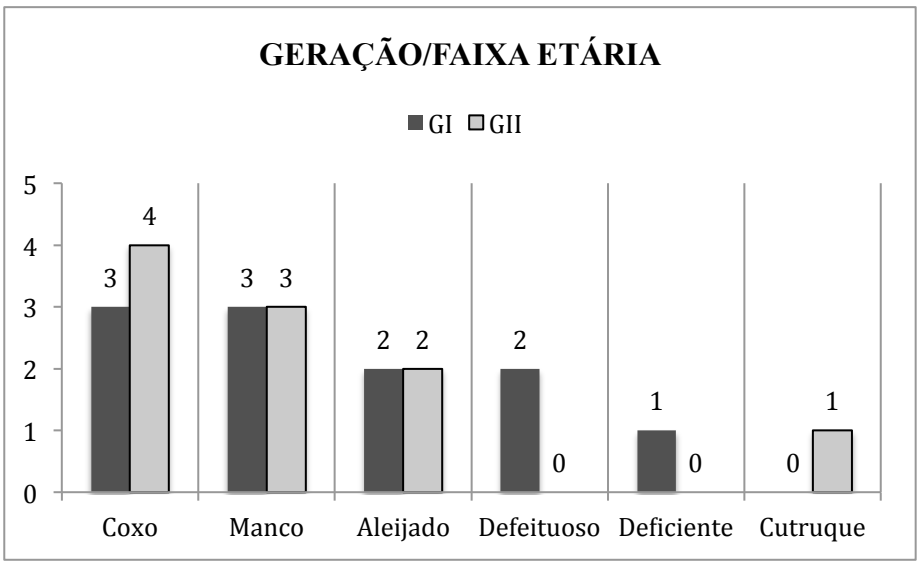
Nos resultados dispostos no gráfico 102, podemos observar que a variante *coxo* prevaleceu entre as mulheres, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos apenas duas ocorrências. Por outro lado, a variante *manco* prevaleceu entre os homens, com quatro ocorrências, ante duas ocorrências registradas entre as mulheres, assim como a variante *aleijado* que teve três ocorrências entre os homens e apenas uma ocorrência entre as mulheres. Destacamos as variantes *defeituoso* e *cutruque*, usadas exclusivamente por colaboradores homens, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 102 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L55 – questão QSL 82 (*manco*).



Considerando a perspectiva diageracional, tivemos a variante *coxo* com quatro respostas registradas entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os colaboradores mais jovens registramos três ocorrências e portanto, sem diferença significante entre as gerações. Vejamos os resultados completos no gráfico 103:

Gráfico 103 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L55 – questão QSL 82 (*manco*).



No gráfico 103, também podemos observar a variante *manco* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (três ocorrências para cada geração), assim como a variante *aleijado*, que teve duas ocorrências para ambas as gerações. Registramos também variantes exclusivas entres os mais jovens: *defeituoso* (duas ocorrências) e *deficiente* (uma ocorrência), enquanto que a variante *cutruque* foi registrada apenas na geração dos colaboradores mais velhos.

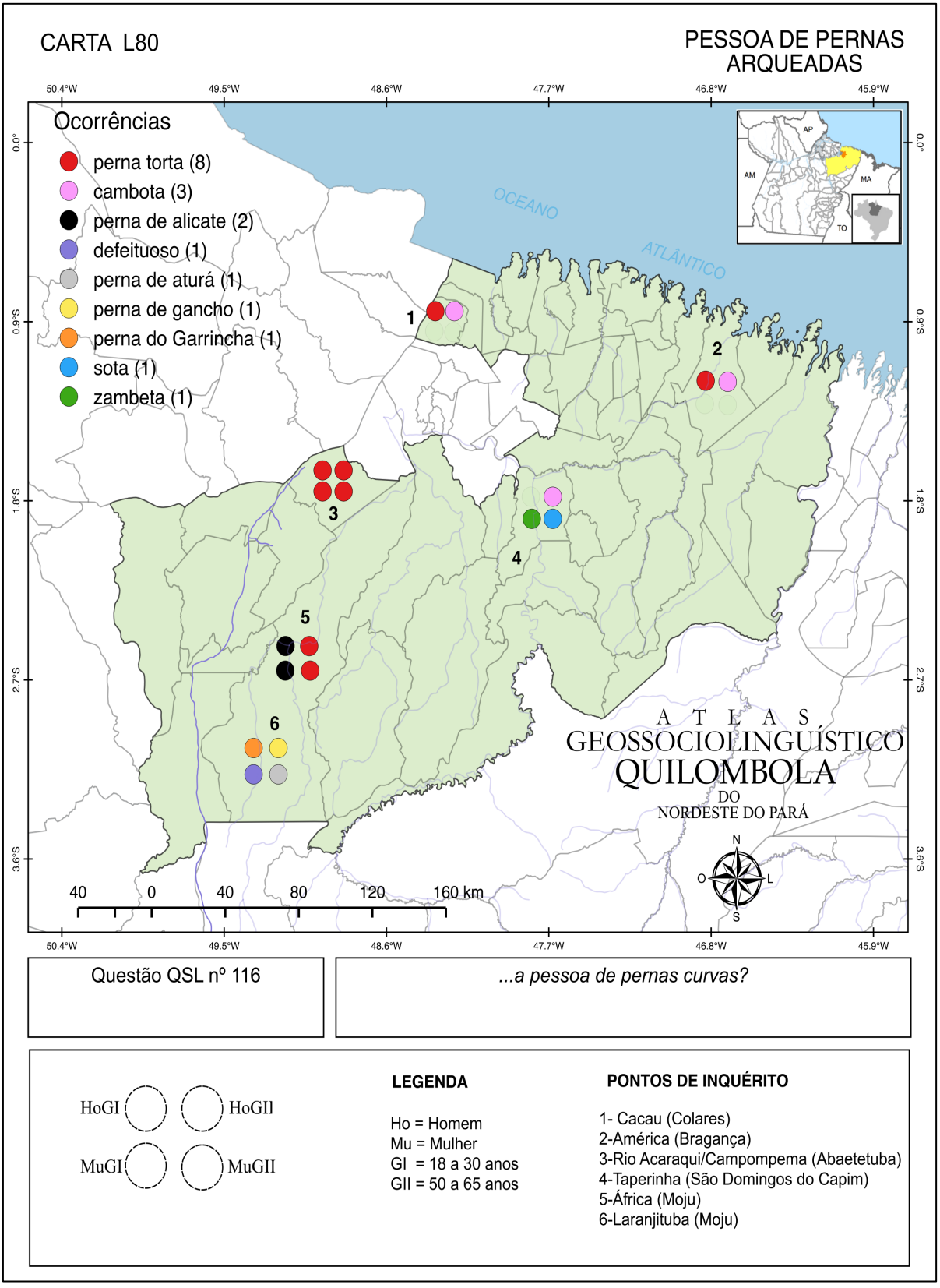
3.3.6.17 Pessoa de pernas arqueadas

...a pessoa das pernas curvas?

A questão nº 116, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *perna torta* (oito ocorrência), *cambota* (três ocorrências), *perna de alicate* (duas ocorrências), além de *defeituoso*, *perna de aturá*, *perna de gancho*, *perna de Garrincha*, *sota* e *zambeta*, com uma ocorrência cada.

Esta questão do QSL apresentou elevado número de variantes distintas (nove no total), dentre as quais, prevaleceu a variante *perna torta*. Vejamos os resultados completos na carta L80:

Imagem 110 - Carta L80 – questão QSL 116 (*pessoa de pernas arqueadas*).

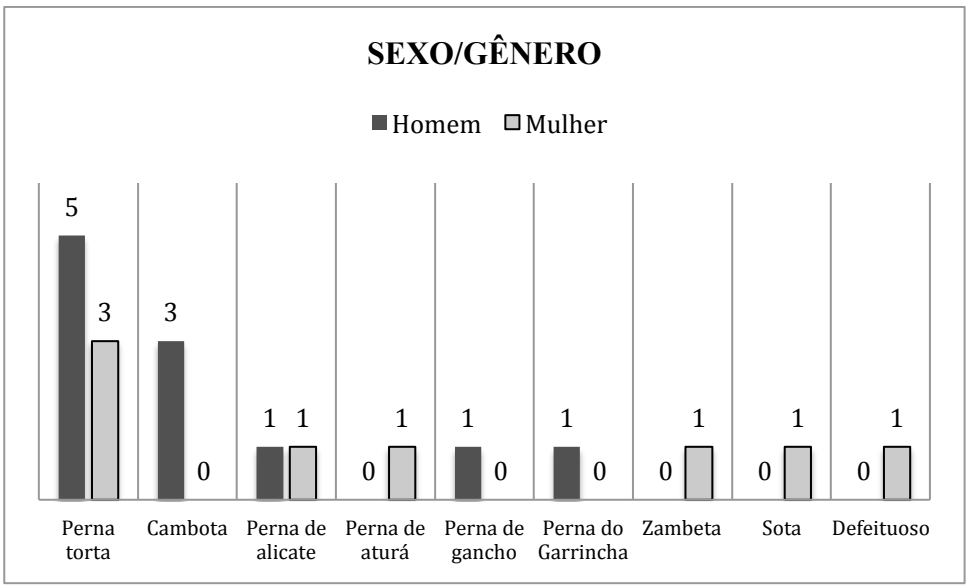


Na carta L80, podemos observar a prevalência da variante *perna torta* apenas no ponto de inquérito 5 (África), enquanto que no ponto 5 (Laranjituba) tivemos as variantes *perna torta* e *perna de alicate* com duas ocorrências cada. Os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 2 (América) apresentaram apenas duas variantes (*perna torta* e *cambota*) com uma ocorrência cada. Já os pontos 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) apresentaram o maior número de variantes distintas, com destaque para o último ponto de inquérito que teve quatro variantes (*perna do Garrincha*, *perna de gancho*, *defeituoso* e *perna de aturá*). Também é possível afirmar que em cinco das seis comunidades tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, com exceção do ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), onde tivemos norma monoléxica.

De acordo com Lopes (2012), a variante *zambeta* é de origem quicongo e tem acepção de pessoa de pernas tortas. Essa variante também remete ao étimo *zambo*, que na língua quicongo, tem a acepção de *aparência de mono ou primata*.

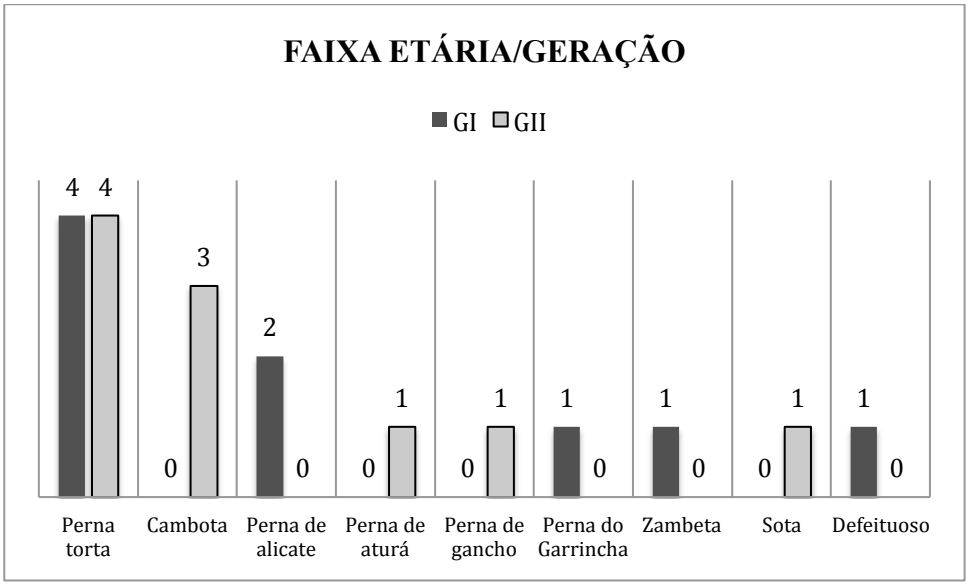
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *perna torta* prevalecendo entre os homens, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos três ocorrências. Também tivemos variantes usadas exclusivamente por homens: *cambota* (três ocorrências), *perna de gancho* (uma ocorrência) e *perna do Garrincha* (uma ocorrência), por outro lado, tivemos variantes registradas exclusivamente entre as mulheres: *perna de aturá*, *zambeta*, *sota* e *defeituoso*, com uma ocorrência cada. Já a variante *perna de alicate* apresentou uma ocorrência para ambos os sexos. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 104 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L80 – questão QSL 116 (*pessoa de pernas arqueadas*).



Considerando a perspectiva diageracional, tivemos a variante *perna torta* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos, com quatro ocorrências para cada geração. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 105 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L80 – questão QSL 116 (*pessoa de pernas arqueadas*).



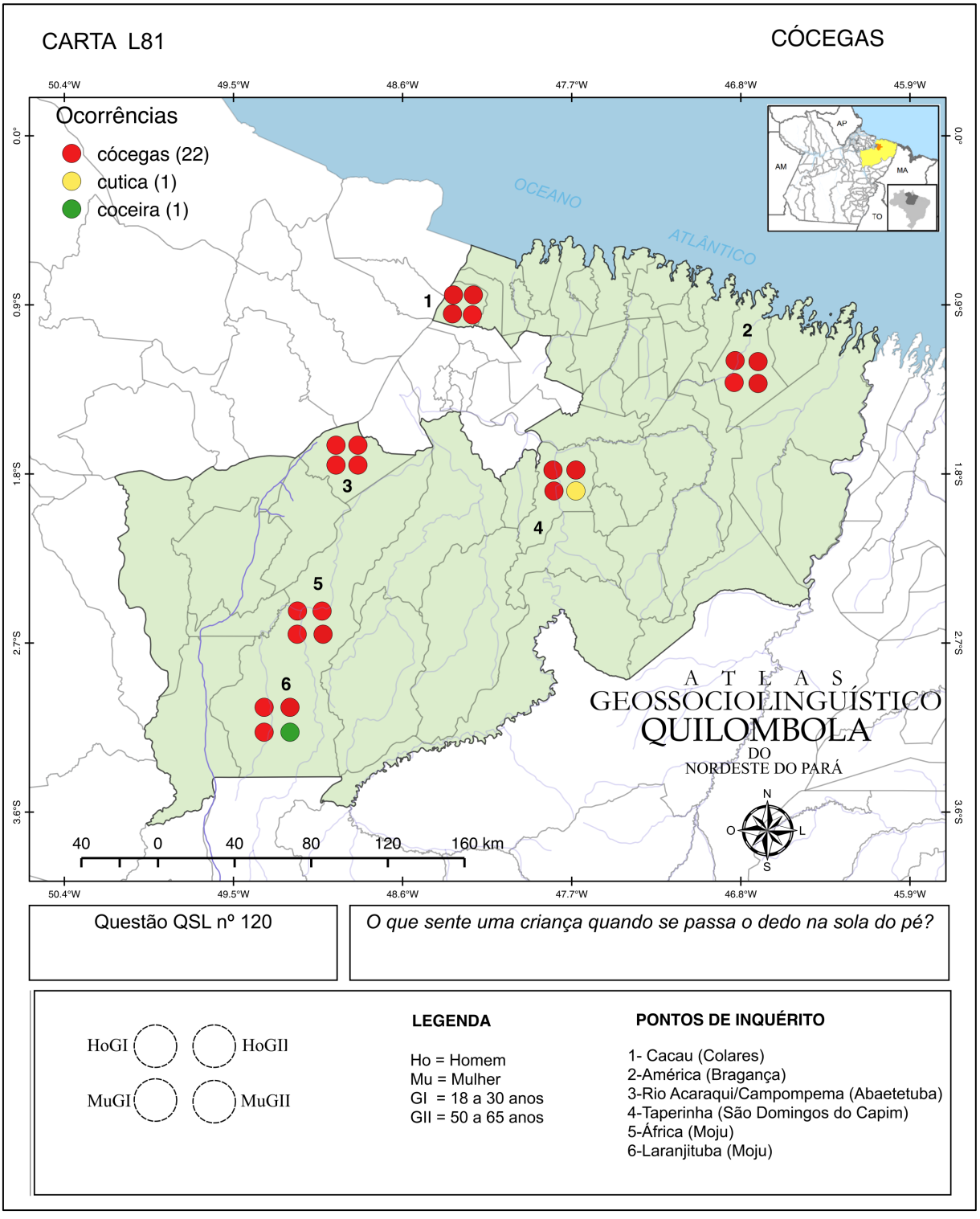
No gráfico 105, podemos observar que as variantes *cambota* (três ocorrências), *perna de aturá* (uma ocorrência), *perna de gancho* (uma ocorrência) e *sota* (uma ocorrência) foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, enquanto que as variantes *perna de alicate* (duas ocorrências), *perna do Garrincha* (uma ocorrência), *zambeta* (uma ocorrência) e *defeituoso* (uma ocorrência) foram usadas apenas por colaboradores mais jovens.

3.3.6.18 Cócegas

O que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?

A questão nº 120, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *cócegas* (vinte e duas ocorrências), *cutica* (uma ocorrência) e *coceira* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L81, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 111 - Carta L81 – questão QSL 120 (*cócegas*).



Como podemos observar na carta L81, a variante *cócegas* ocorreu e prevaleceu em todos os pontos de inquérito. No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro da variante *cutica* exclusivamente entre as mulheres da geração mais velha. Por fim, no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), a variante coceira ocorreu exclusivamente também na fala das mulheres da geração II. Podemos constatar, portanto, que nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) tivemos a norma monoléxica e nos pontos 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) a norma registrada foi heteroléxica.

É importante destacar que a variante *cutica* tem origem no étimo quicongo *kutitika* ou *okutika*, que possui a acepção de "friccionar pau com pedra para fazer fogo" ou de "bulir com quem está quieto" (LOPES, 2012, p. 102).

3.3.7 Ciclos da vida

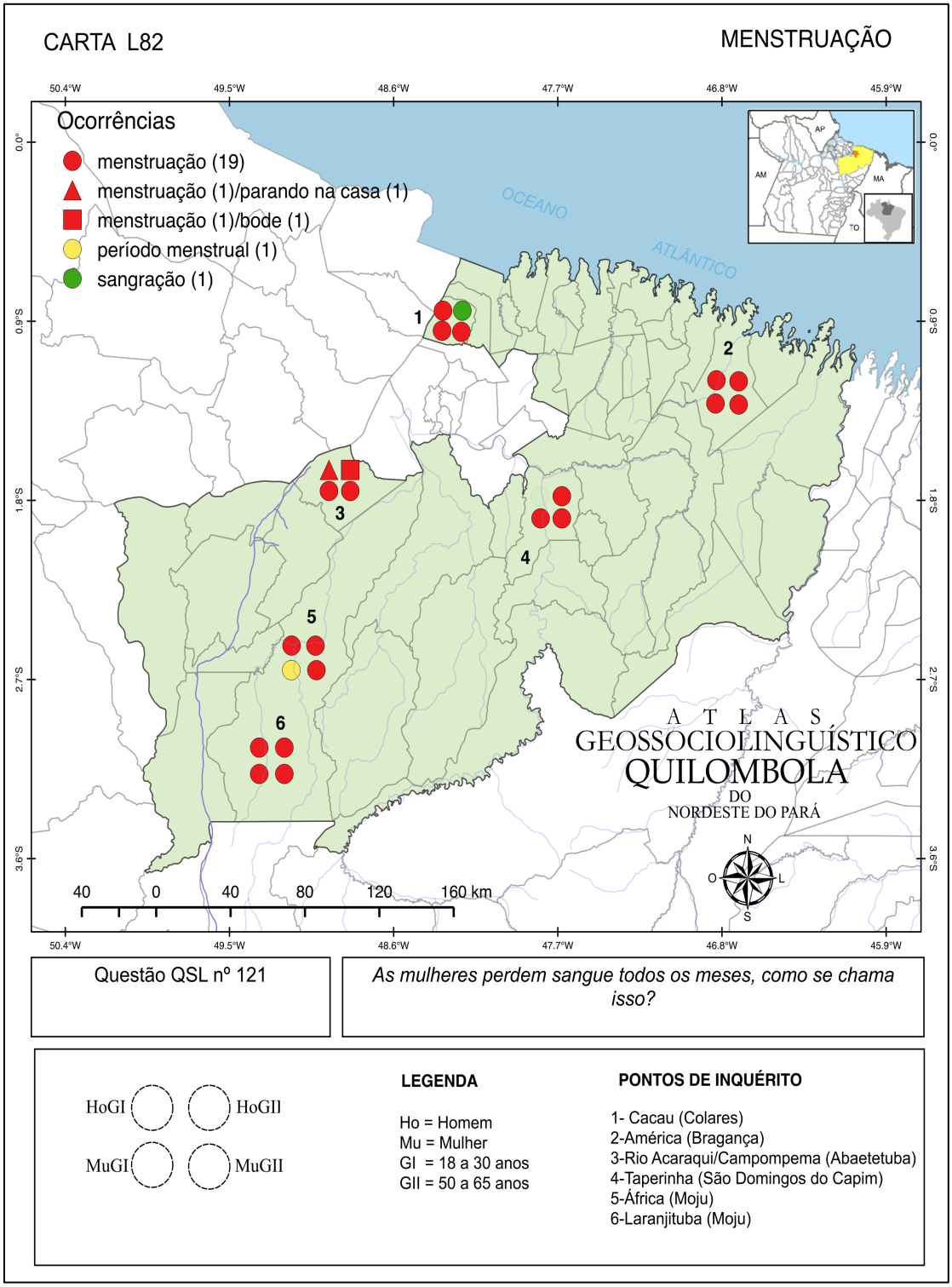
O campo semântico *ciclos da vida* é composto por quinze questões que envolvem o ciclo da vida propriamente dito (*caçula*, *menino*, *menina*, etc.), gravidez e criação (*dar à luz*, *gêmeos*, *irmão de leite,* etc.) e processos fisiológicos naturais (*menstruação*, *menopausa*, *abortar*, etc.), dentre outras. Vejamos os resultados referentes às dez cartas selecionadas para a descrição:

3.3.7.1 Menstruação

As mulheres perdem sangue todos os meses, como se chama isso?

A questão nº 121, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *menstruação* (vinte e uma ocorrências), *parando na casa* (uma ocorrência), *bode* (uma ocorrência), *período menstrual* (uma ocorrência) e *sangração* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L82, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 112 - Carta L82 – questão QSL 121 (*menstruação*).



Na carta L82, podemos observar que a variante *menstruação* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades, de modo que nos pontos 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) tivemos normas monoléxicas e nas demais comunidades a norma heteroléxica.

No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos a ocorrência da variante *sangração*, exclusivamente entre os homens da geração mais velha, enquanto que no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema, tivemos as variantes *menstruação*, *parando na casa* e *bode*, e por fim, no ponto de inquérito 6, a variante *período menstrual* ocorreu exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem, evidenciando a norma heteroléxica nesses pontos de inquérito.

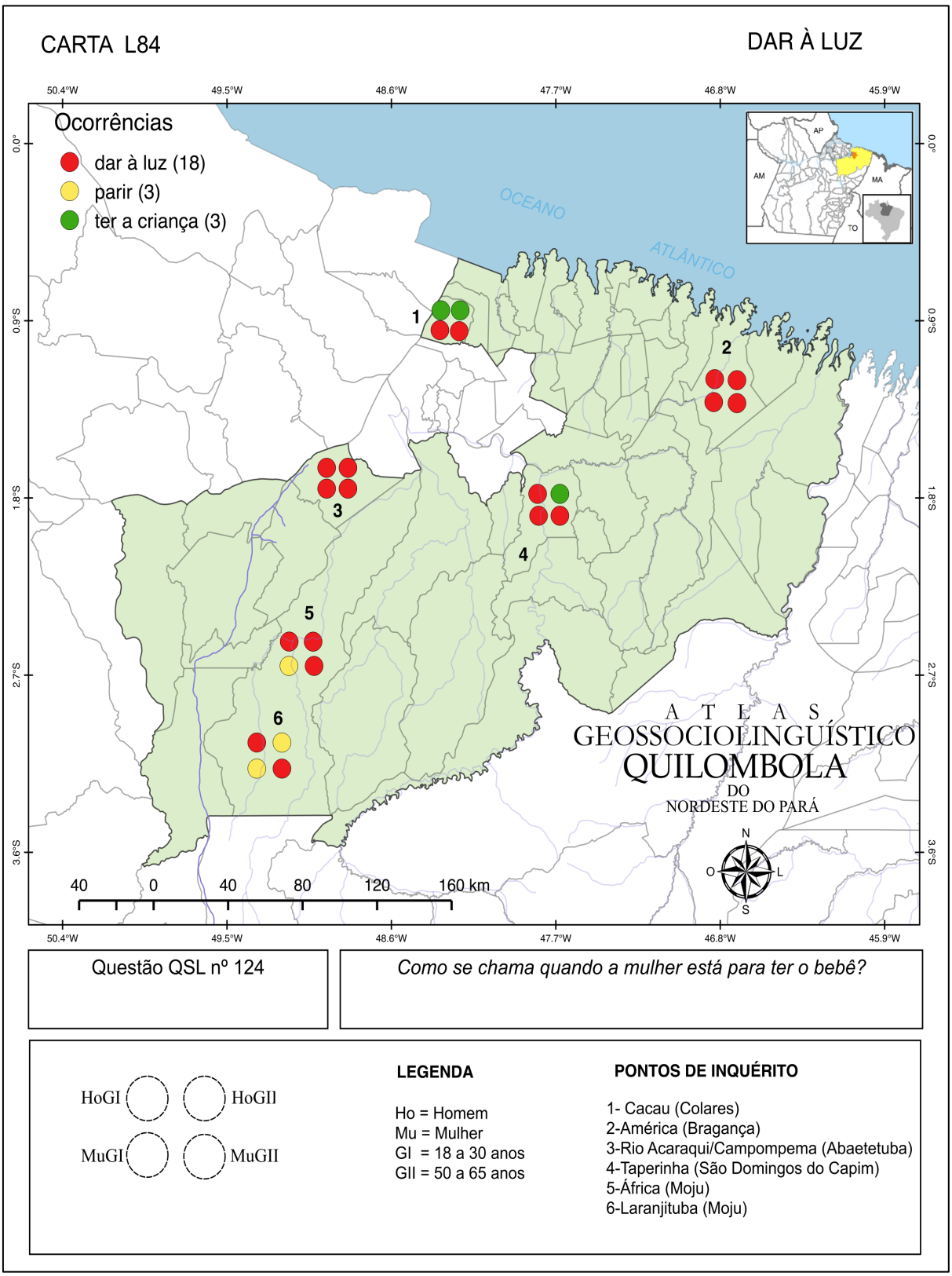
De acordo com Saraiva (2016, p. 35), a variante *bode* tem origem no étimo quicongo *mbodi* ou *mboji* e tem a acepção de "estar menstruada". Essa variante é bastante utilizada na linguagem popular na forma da frase "ela está de bode".

3.3.7.2 Dar à luz

Chama-se a parteira quando a mulher está para...

A questão nº 124, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *dar à luz* (dezoito ocorrências), *parir* (três ocorrências) e *ter a criança* (três ocorrências). Na carta L84, podemos conferir, em contraste aparente, a prevalência da variante *dar à luz* diante das demais variantes. Vejamos os resultados a seguir:

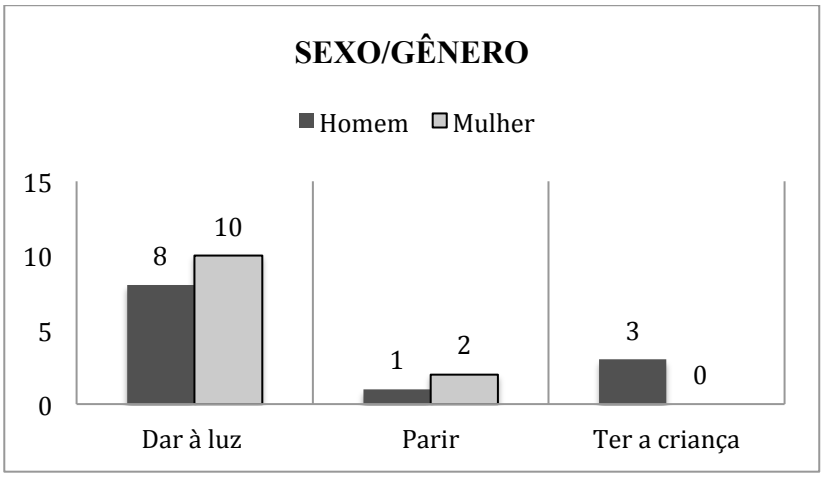
Imagem 113 - Carta L84 – questão QSL 124 (*dar à luz*).



Como podemos observar na carta L84, a variante *dar à luz* prevaleceu em 4 pontos de inquérito: ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 5 (África). O ponto 1 (Cacau) apresentou as variantes *dar à luz* e *ter a criança* com a mesma quantidade de ocorrências, assim como no ponto 6 (Laranjituba), onde foram registradas as variantes *dar à luz* e *parir*, com a mesma quantidade de ocorrências. Também podemos observar que apenas nos pontos 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

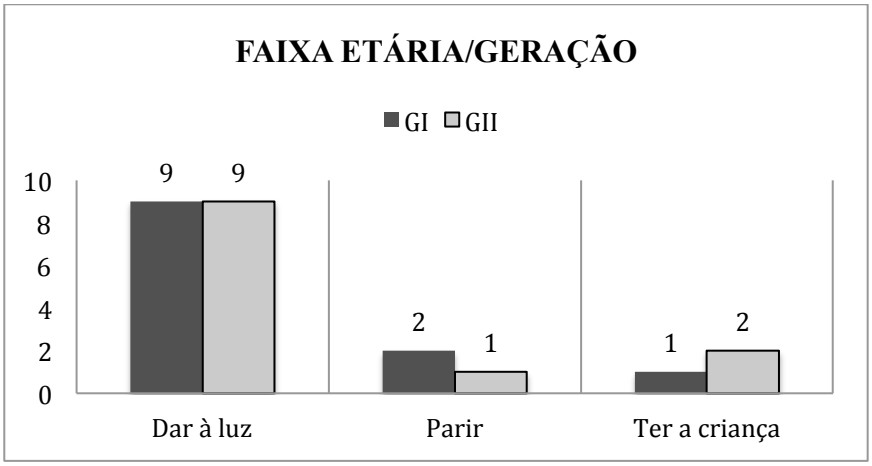
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *dar à luz* prevalecendo entre as mulheres, com dez ocorrências no total, enquanto que entre os homens foram registradas oito respostas. Também tivemos a variante *parir* com duas ocorrências entre as mulheres e uma única ocorrência entre os homens, além da variante *ter a criança* registrada exclusivamente entre os homens. Vejamos os resultados no gráfico 106:

Gráfico 106 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L84 – questão QSL 124 (*dar à luz*).



Do ponto de vista diageracional, não tivemos diferença entre as gerações, pois a variante *dar à luz* foi registrada nove vezes tanto entre os colaboradores mais jovens quanto entre os colaboradores mais velhos. Vejamos os resultados completos no gráfico 107:

Gráfico 107: Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional. Carta L84 – questão QSL 124 (*dar à luz*).



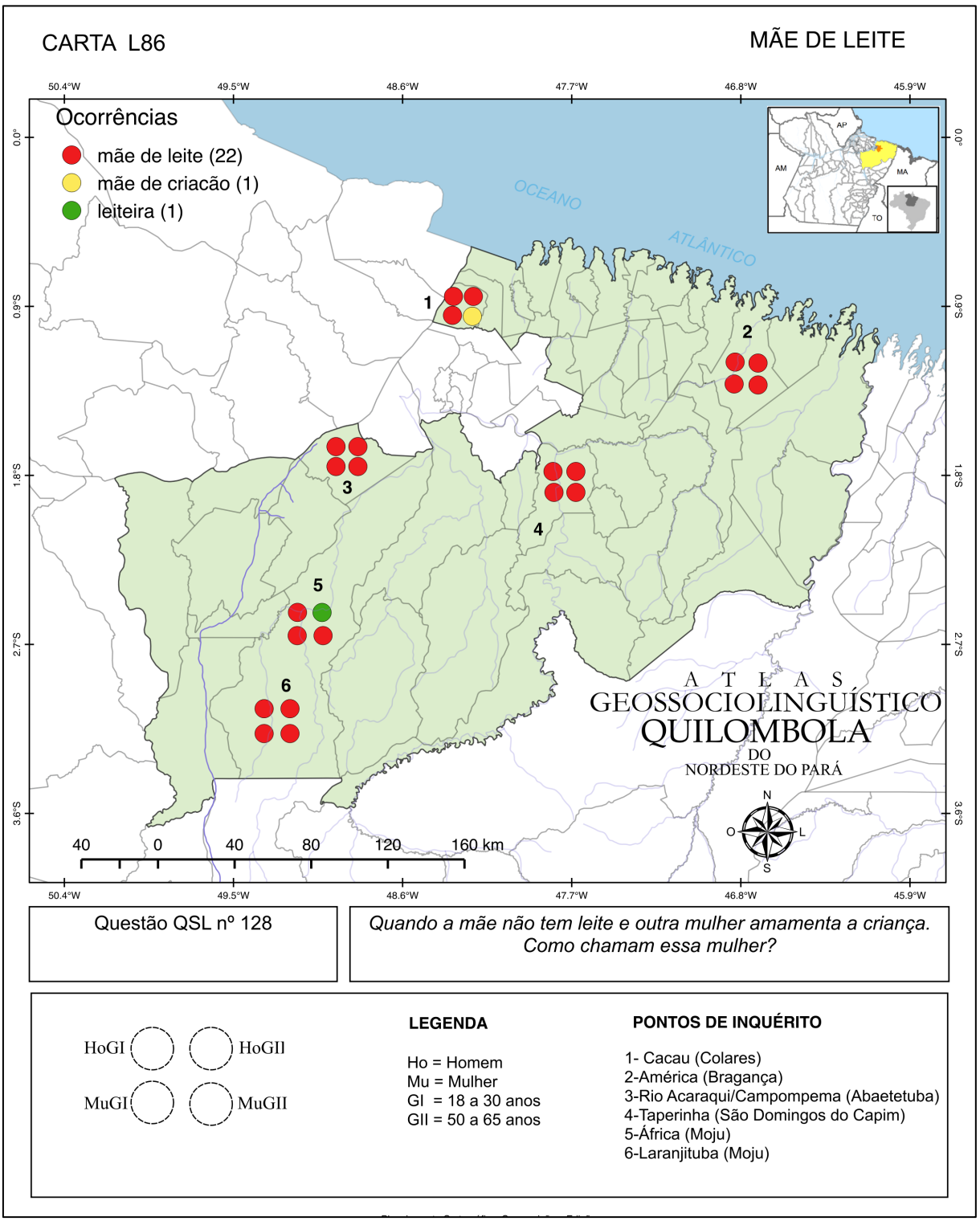
No gráfico 107, também podemos observar que a variante *parir* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais jovens e uma única ocorrência entre os mais velhos, o contrário da variante *ter a criança*, que teve duas ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os colaboradores mais jovens.

3.3.7.3 Mãe de leite

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança. Como chamam essa mulher?

A questão nº 128, do QSL, apresentou três variantes no AGQUINPA, a saber: *mãe de leite* (vinte e duas ocorrências), *mãe de criação* (uma ocorrência) e *leiteira* (uma ocorrência). Vejamos na carta, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 114 - Carta L86 – questão QSL 128 (*mãe de leite*).



Como podemos visualizar na carta L86, a variante *mãe de leite* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos o registro da variante *mãe de criação*, exclusivamente na fala de uma colaboradora

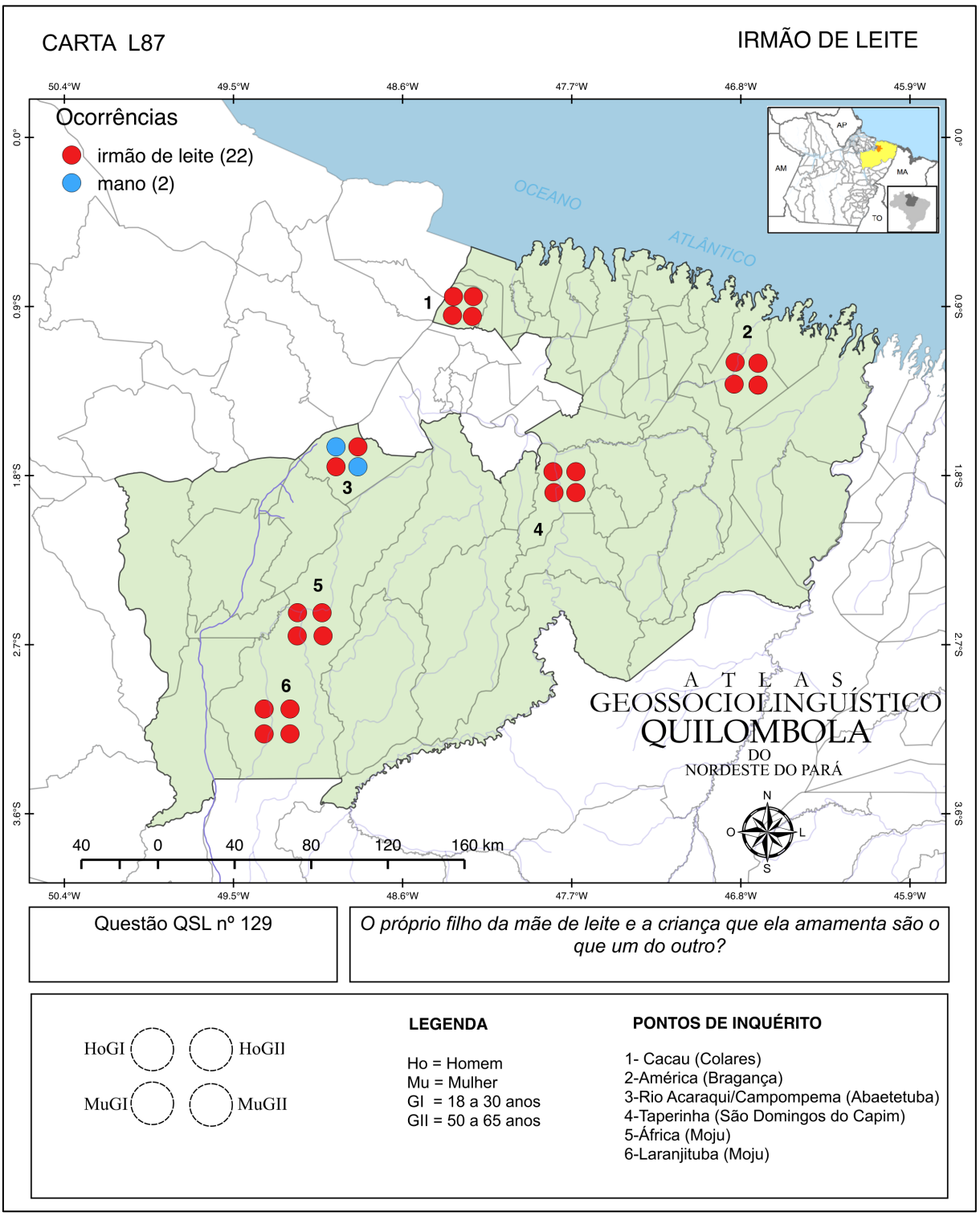
da geração II e no ponto de inquérito 5, a variante *leiteira* ocorreu na fala de um colaborador também da geração II, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma monoléxica.

3.3.7.4 Irmão de leite

O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o que um do outro?

A questão nº 129, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *irmão de leite* (vinte e duas ocorrências) e *mano* (duas ocorrências). Vejamos, na carta L87, a distribuição diatópica das variantes registradas.

Imagem 115 - Carta L87 – questão QSL 129 (*irmão de leite*).



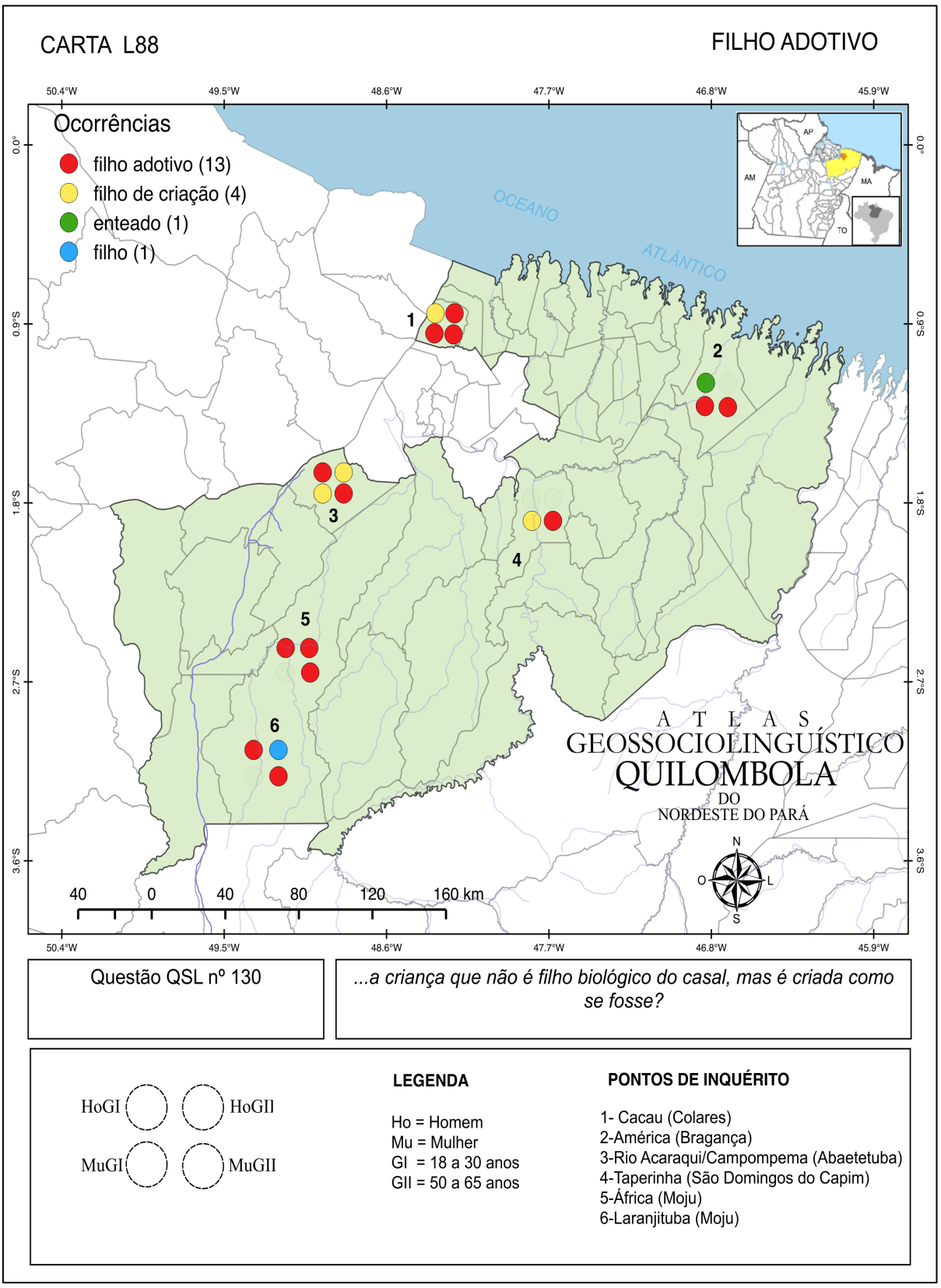
Como podemos observar na carta anterior, a variante *irmão de leite* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco deles, com exceção do ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), em que tivemos as variantes *irmão de leite* e *mano* com metade das ocorrências cada. Podemos dizer, com base nos dados, que prevaleceu a norma monoléxica para esta carta e em apenas um ponto (3-Rio Acaraqui/Campompema) tivemos norma heteroléxica.

3.3.7.5 Filho adotivo

...a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

A questão de nº 130, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *filho adotivo* (treze ocorrências), *filho de criação* (quatro ocorrências), além de *enteado* e *filho*, com uma ocorrência cada. Como podemos observar na carta L88, a variante *filho adotivo* prevaleceu na maioria dos pontos de inquérito. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 116 - Carta L88 – questão QSL 130 (*filho adotivo*).

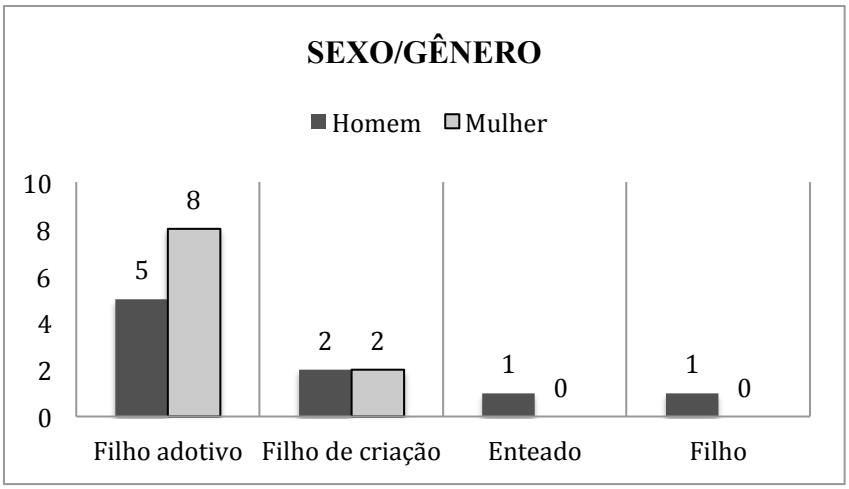


Como podemos observar na carta L88, a variante *filho adotivo* prevaleceu em quatro pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos as variantes *filho adotivo* e *filho de criação* com a mesma quantidade de ocorrências (duas para cada variante), assim como no ponto 4 (Taperinha), onde tivemos uma ocorrência para cada variante (*filho adotivo* e *filho de criação*). Apenas no ponto 5 (África) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

Os resultados diassexuais referentes à questão 130, do QSL, mostraram a variante *filho adotivo* prevalecendo entre as mulheres, com oito ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos cinco ocorrências. Já a segunda variante de maior ocorrência (*filho de criação*) apresentou a mesma quantidade de respostas tanto para homens quanto para mulheres, com duas ocorrências cada.

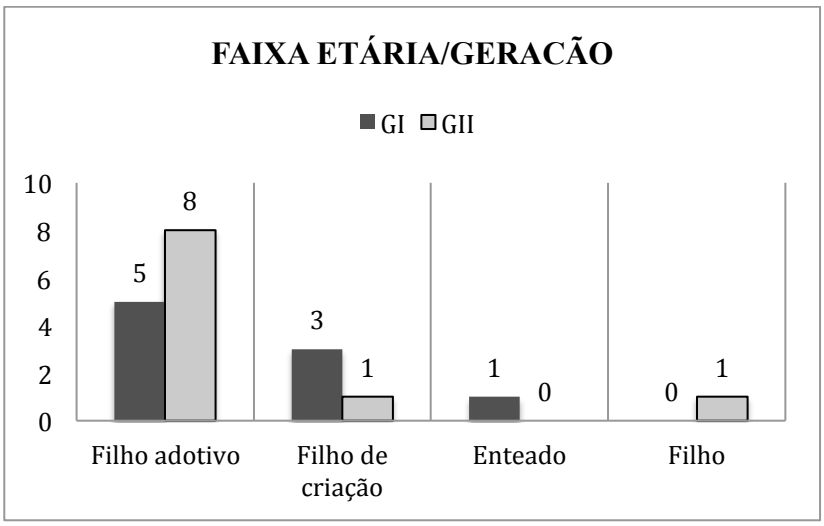
Também tivemos o registro de duas variantes exclusivas dos homens: *enteado* e *filho*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 108 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L88 – questão QSL 130 (*filho adotivo*).



Do ponto de vista diageracional, registramos a variante *filho adotivo* prevalecendo entre os mais velhos, com oito ocorrências no total, enquanto que entre colaboradores mais jovens registramos cinco ocorrências. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 109 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional. Carta L88 – questão QSL 130 (*filho adotivo*).



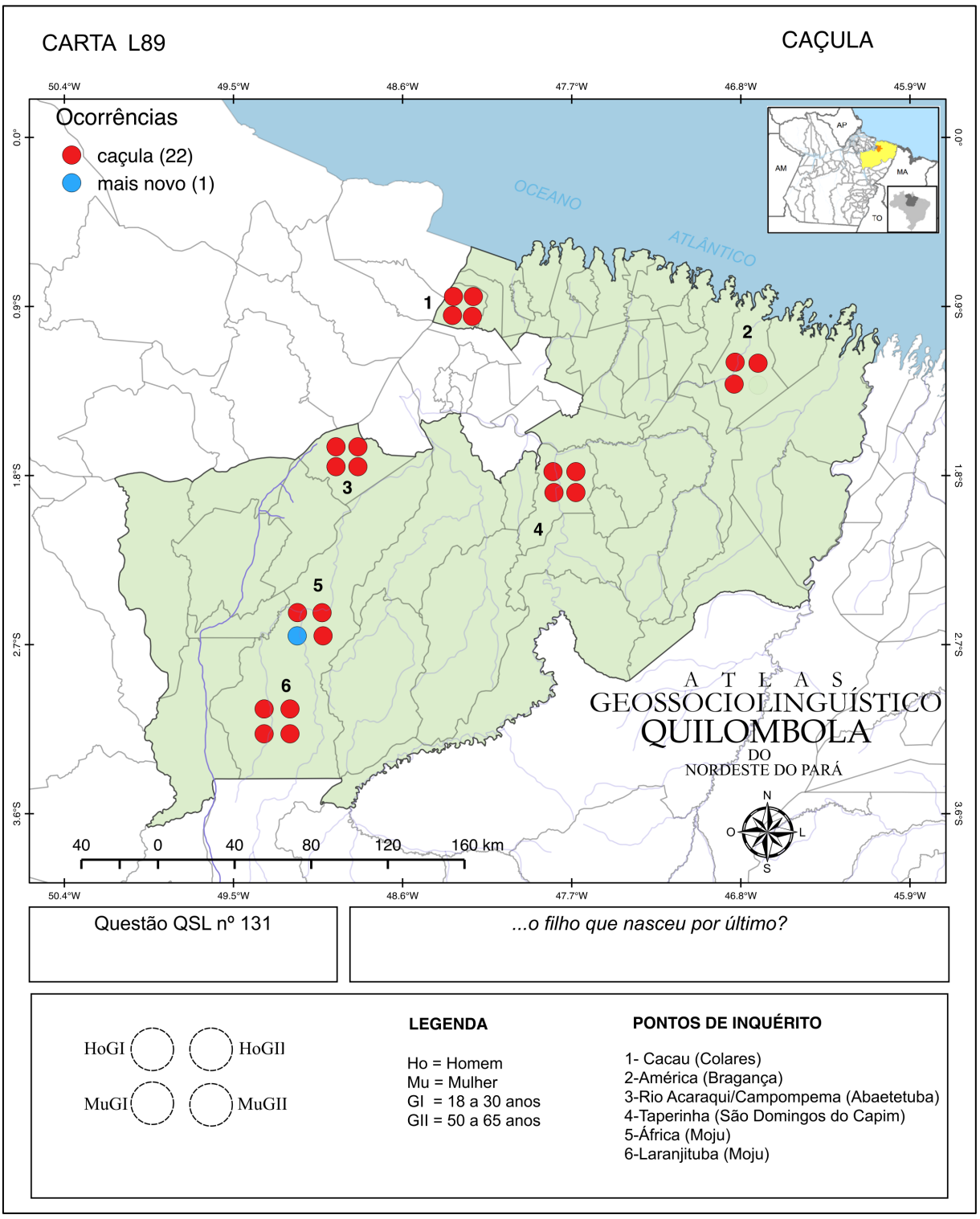
No gráfico 109, também podemos visualizar a variante *filho de criação* com três ocorrências entre os colaboradores mais jovens e apenas uma ocorrência entre os colaboradores mais velhos. A variante *enteado* foi registrada exclusivamente com uma única ocorrência entre os mais jovens e a variante *filho* foi utilizada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos com uma única resposta.

3.3.7.6 Caçula

...o filho que nasceu por último?

A questão nº 131, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *caçula* (vinte e duas ocorrências) e *mais novo* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição das variantes registradas:

Imagem 117 - Carta L89 – questão QSL 131 (*caçula*).



Os resultados mostram que a variante *caçula* ocorreu e prevaleceu em todos os pontos de inquérito e no ponto de inquérito 5 (África) tivemos a ocorrência da variante *mais novo*, exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Com base na distribuição diatópica, podemos dizer que na maioria dos pontos tivemos a presença de norma monoléxica.

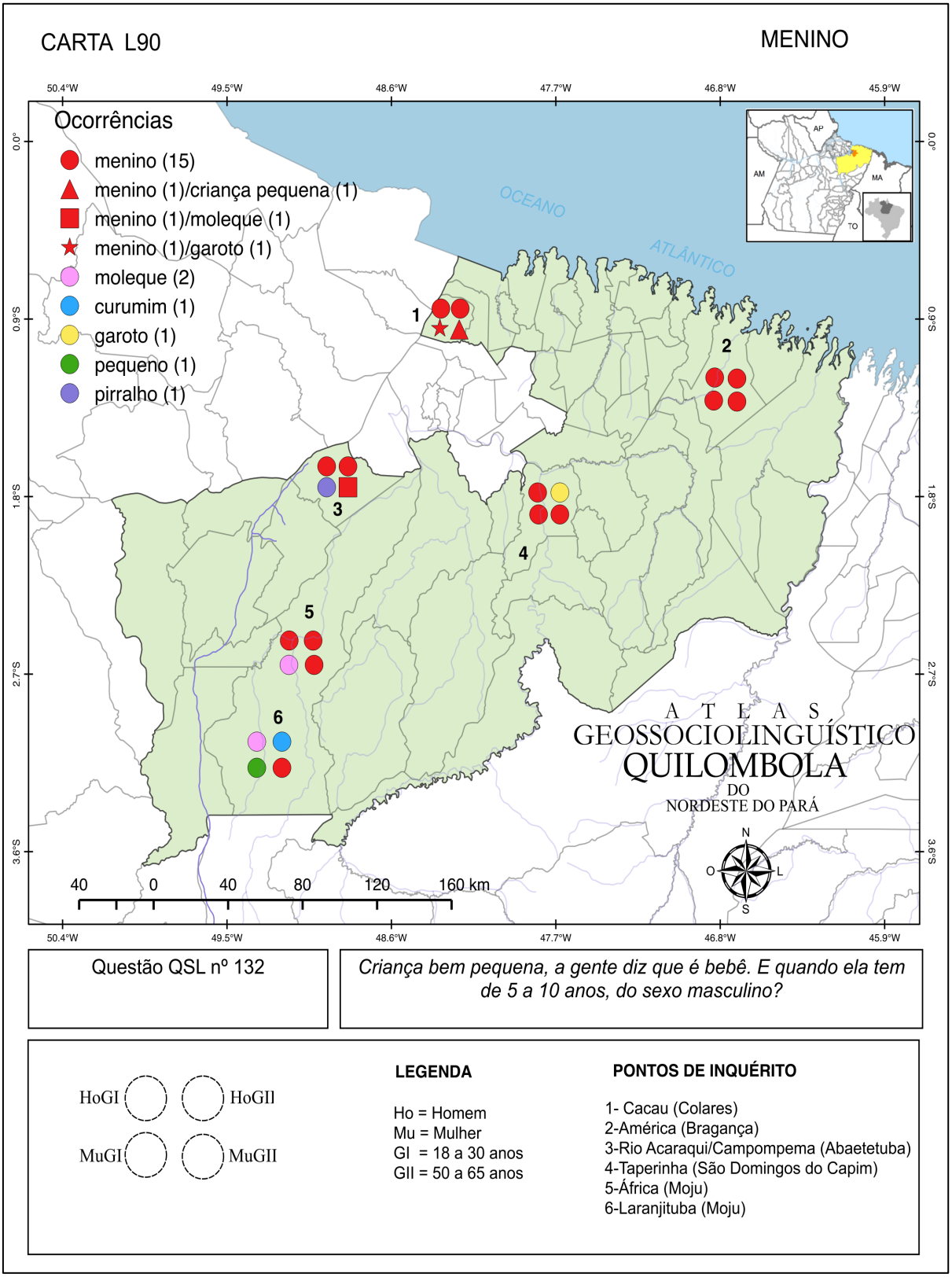
3.3.7.7 Menino

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem entre 5 e 10 anos, do sexo masculino?

A questão nº 132, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *menino* (dezoito ocorrências), *moleque* (três ocorrências), *garoto* (duas ocorrências), além de *criança pequena*, *curumim*, *pequeno* e *pirralho*, com uma ocorrência cada.

Na carta L90, podemos visualizar a variante *menino* em maior quantidade em relação se compararmos com as demais variantes. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 118 - Carta L90 – questão QSL 132 (*menino*).



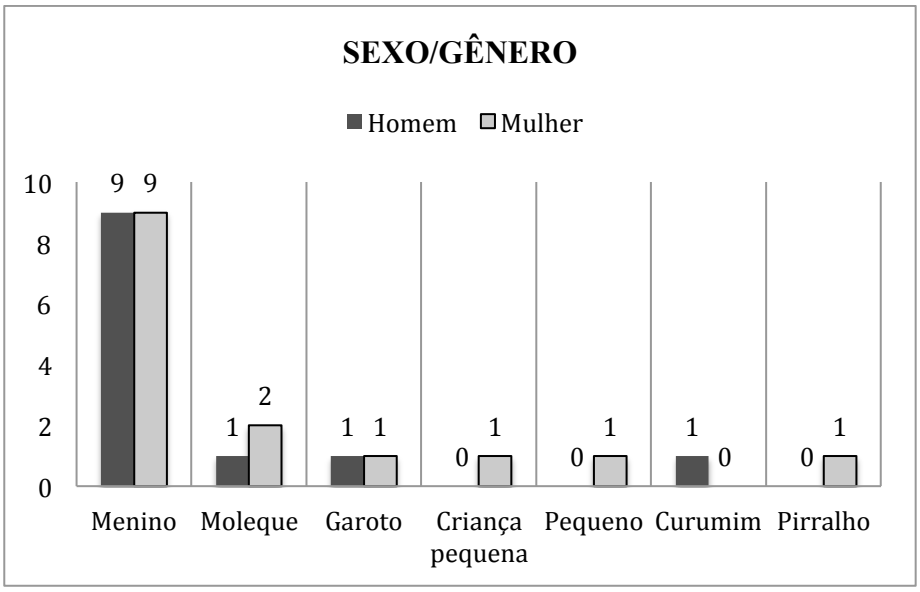
Como podemos observar na carta L90, a variante *menino* prevaleceu em cinco pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 5 (África). O ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou a maior diversidade de respostas, com 4 variantes distintas: *moleque*, *curumim*, *pequeno* e *menino*. Prevaleceu entre as comunidades o uso da norma heteroléxica, com exceção do ponto de inquérito 2 (América), em que tivemos a ocorrência de norma monoléxica.

De acordo com Lopes (2012, p. 176), a variante *moleque* é de origem Bantu, especificamente do quimbundo *luleke* e do quicongo *mu-léeke*, com acepção de "criança ou menino de pouca idade".

No gráfico 110, podemos observar que a variante *menino* apresentou a mesma quantidade de ocorrências, tanto para homens quanto para mulheres, com nove respostas cada, portanto, sem variação diassexual. Já a variante *moleque* apresentou uma única ocorrência entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres, enquanto que a variante *garoto* teve uma ocorrência para ambos os sexos.

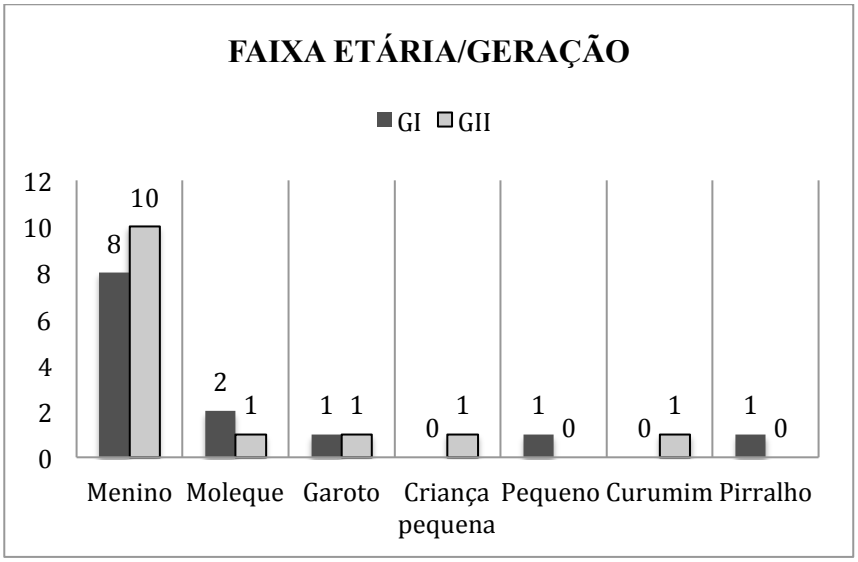
Também cabe destacar a variante *curumim*, usada uma única vez exclusivamente por homens, e as variantes *criança pequena*, *pequeno* e *pirralho*, usadas exclusivamentre por mulheres, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados completos desta dimensão a seguir:

Gráfico 110 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L90 – questão QSL 132 (*menino*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *menino* prevalecendo entre os mais velhos, com dez ocorrências no total, ante oito ocorrências registradas entre os homens. A variante *moleque* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais jovens e uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos, enquanto que a variante *garoto* apresentou uma ocorrência para cada geração. Vejamos os resultados:

Gráfico 111 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L90 – questão QSL 132 (*menino*).



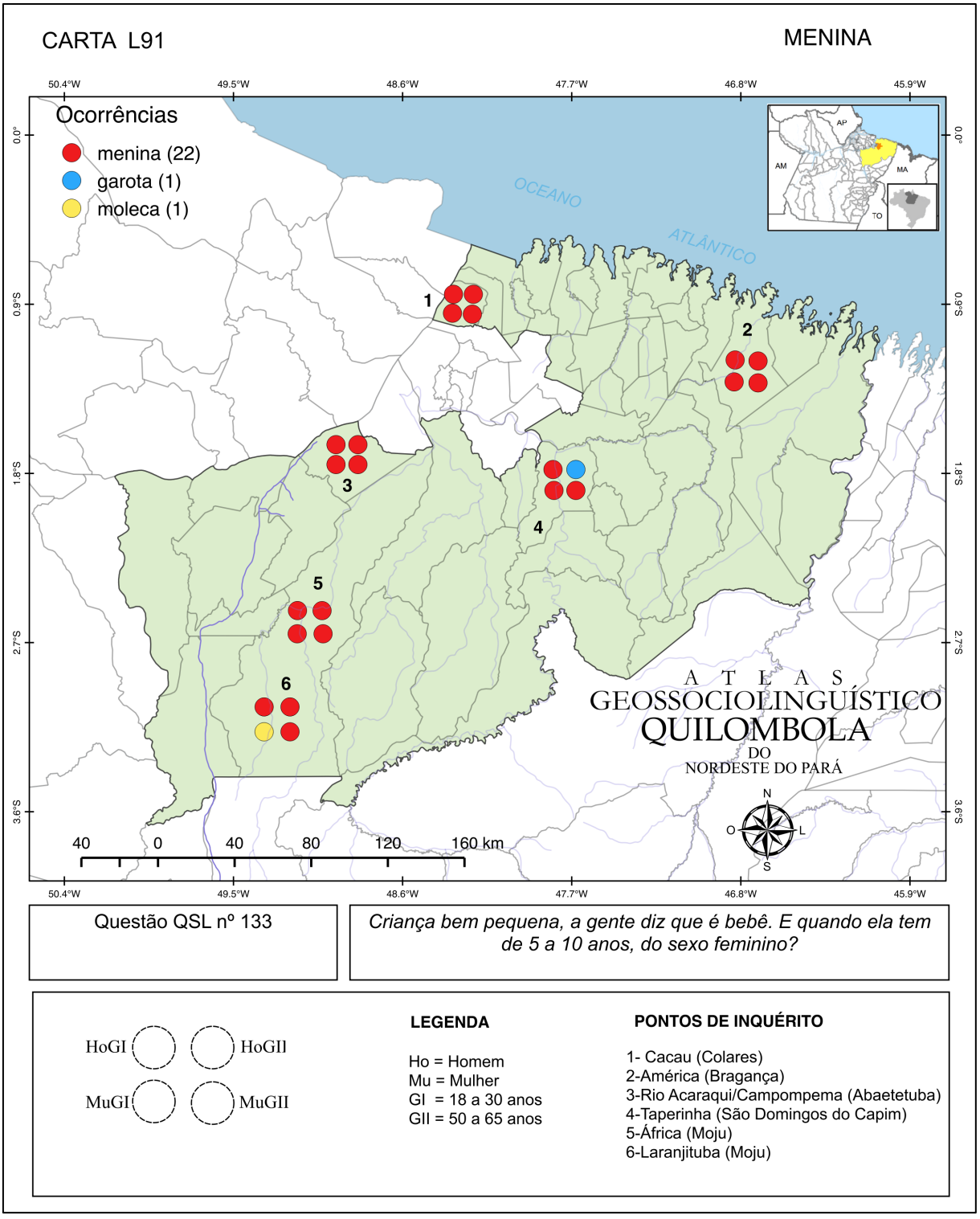
No gráfico 111, podemos conferir as variantes registradas exclusivamente entre os mais jovens: *pirralho* (uma ocorrência) e *pequeno* (uma ocorrência), e variantes registradas apenas entre os colaboradores mais velhos, como *criança pequena* e *curumim*, com uma ocorrência cada.

3.3.7.8 Menina

Criança bem pequena, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo feminino?

A questão nº 133, do QSL, apresentou três variantes no AGQUINPA: *menina* (vinte e duas ocorrências), *garota* (uma ocorrência) e *moleca* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L91, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 119 - Carta L91 – questão QSL 133 (*menina*).



Na carta L91, podemos observar que a variante *menina* ocorreu em todos os pontos de inquérito, assim como prevaleceu em todas as comunidades. Apenas nos pontos de inquérito 4

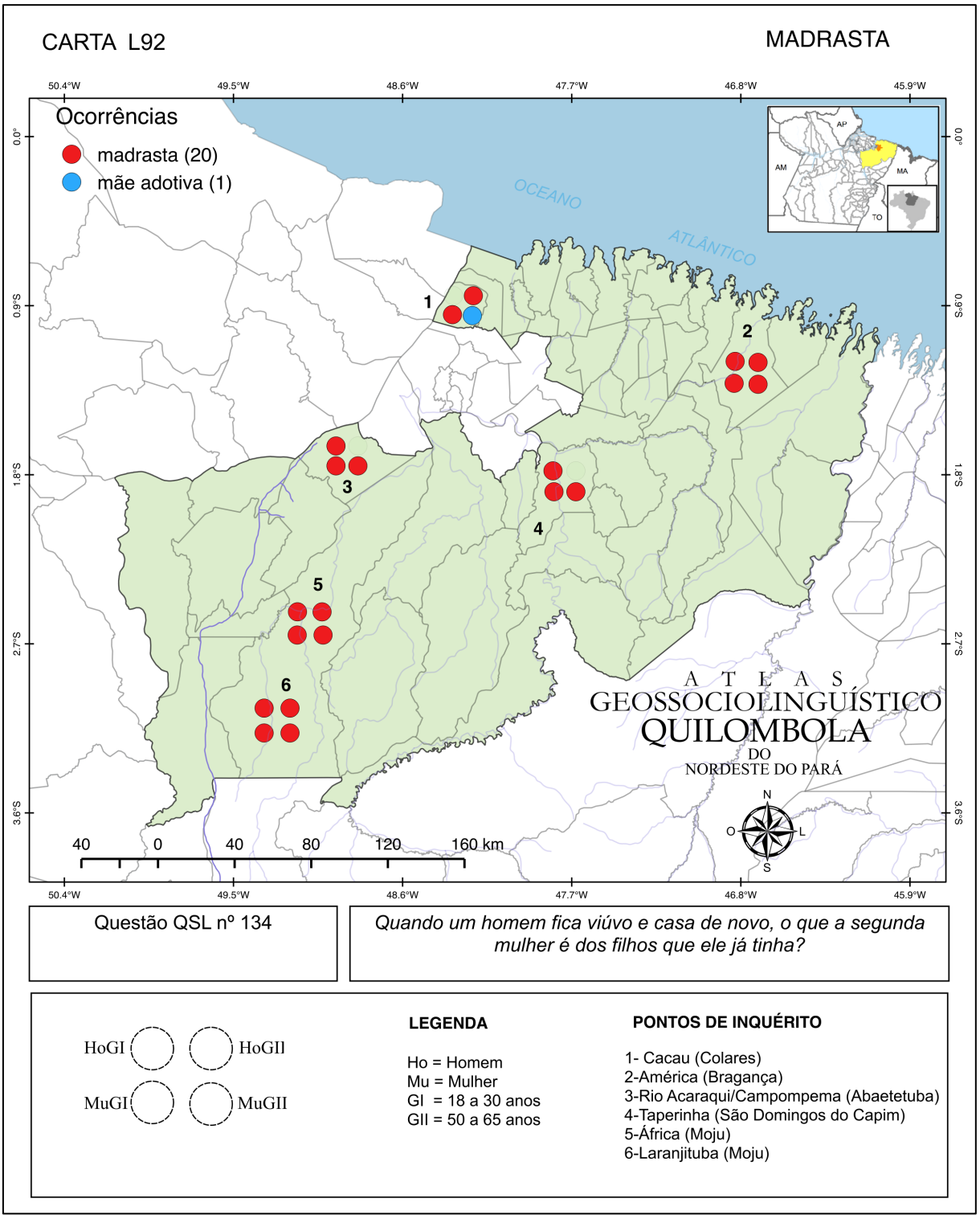
(Taperinha) e 6 (Laranjituba) tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma monoléxica. No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro da variante *garota*, exclusivamente na fala de um homem da geração mais velha, e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) registramos a variante *moleca* exclusivamente entre as mulheres da geração mais jovem.

3.3.7.9 Madrasta

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

A questão nº 134, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *madrasta* (vinte ocorrências) e *mãe adotiva* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 120 - Carta L92 – questão QSL 134 (*madrasta*).



Na carta L92, tivemos a prevalência, em todos os pontos de inquérito, da variante *madrasta*, assim como a sua ocorrência em todas as comunidades. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos o registro da variante *mãe adotiva*, exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração II. Com exceção do ponto 1 (Cacau), em todos os pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma monoléxica.

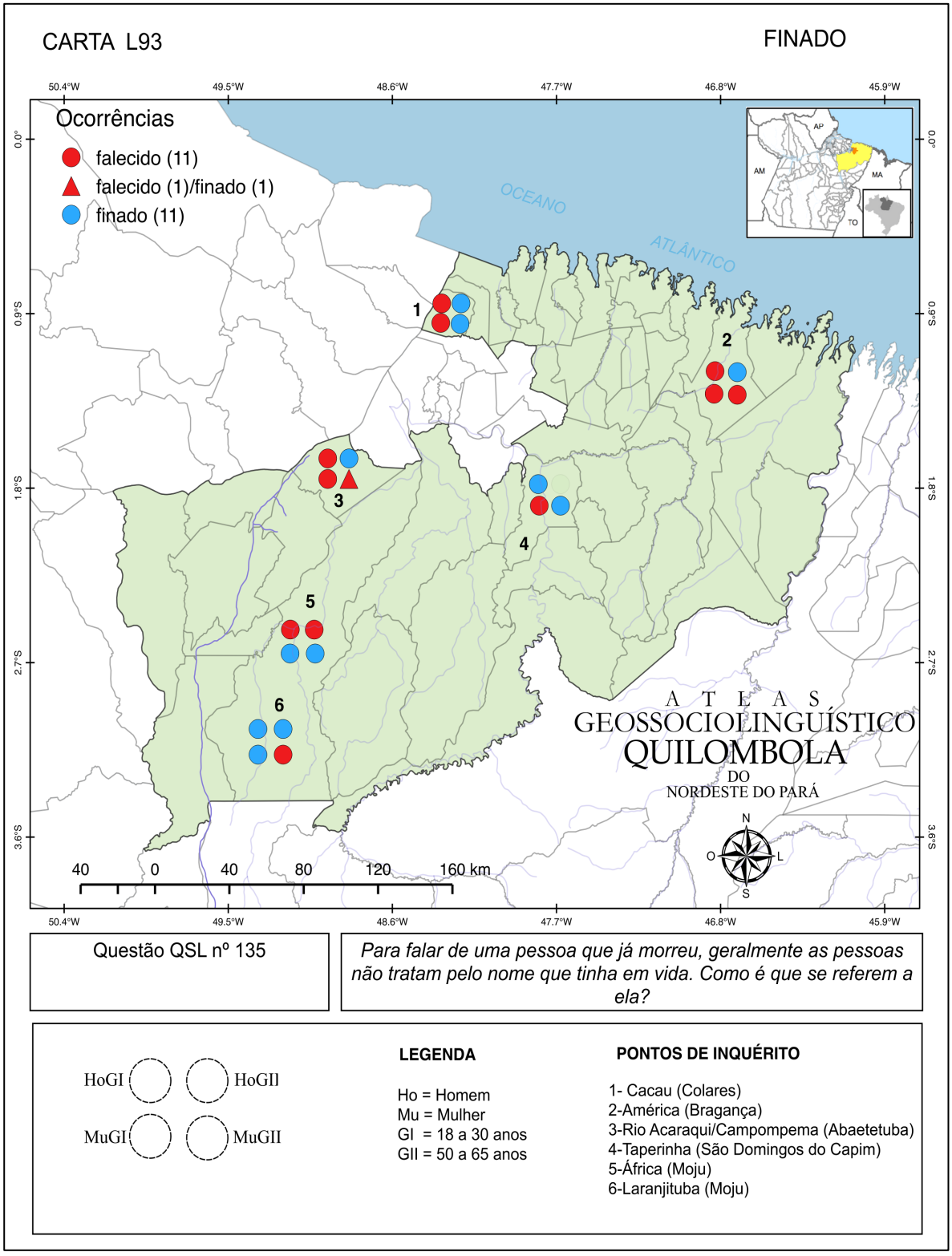
3.3.7.10 Finado

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

A questão 135, do QSL, apresentou no AGQUINPA duas variantes, a saber: *falecido* (doze ocorrências) e *finado* (doze ocorrências).

Como é possível observar na carta L93, as duas variantes apresentaram a mesma quantidade de ocorrências e foram usadas em todos os pontos de inquérito. Vejamos os resultados completos a seguir:

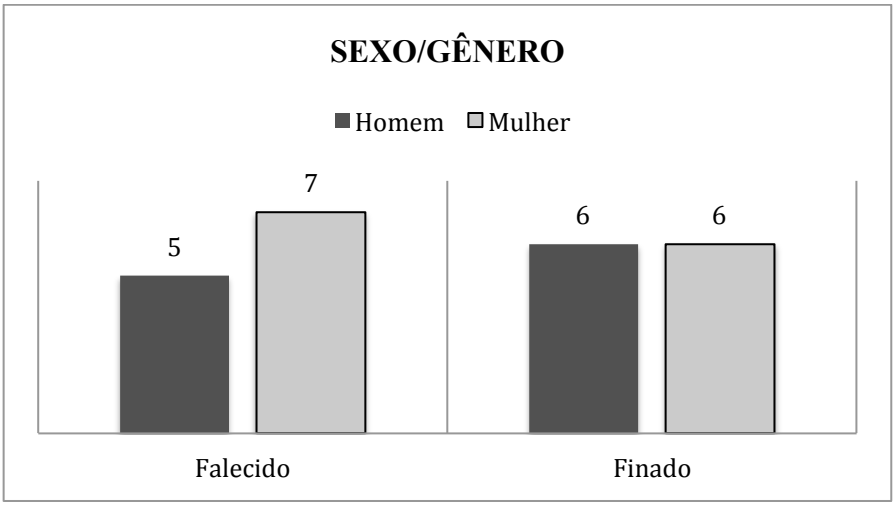
Imagem 121 - Carta L93 – questão QSL 135 (*finado*).



Na carta L93, é possível observar que a variante *falecido* prevaleceu nos pontos de inquérito 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema), enquanto que a variante *finado* teve maior ocorrência nos pontos de inquérito 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba). Já nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 5 (África) foram registradas as variantes *falecido* e *finado*, com a metade das ocorrências cada. Em todos os seis pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma heteroléxica.

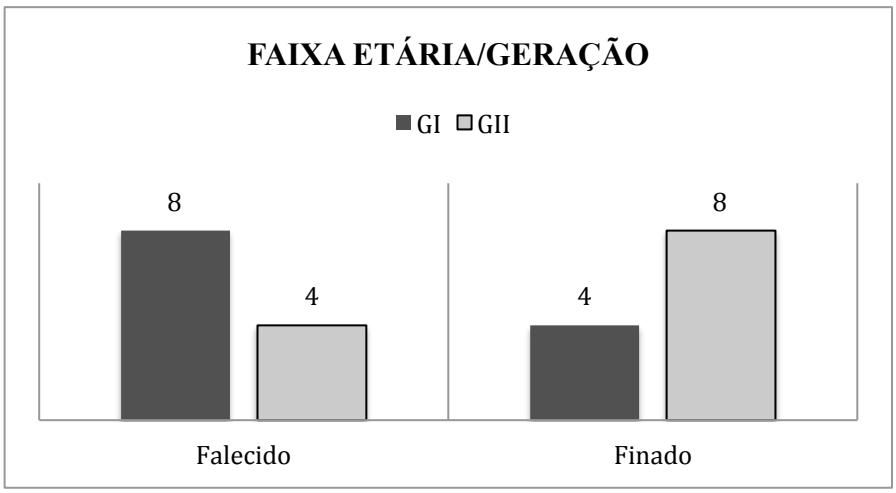
Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *falecido* prevalecendo entre as mulheres, com sete ocorrências no total, diante das cinco respostas registradas entre os homens. Já a variante *finado* apresentou a mesma quantidade de respostas tanto para homens quanto para mulheres (seis para cada sexo). Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 112 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L93 – questão QSL 135 (*finado*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *falecido* prevaleceu entre os colaboradores mais jovens, com oito ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos registramos quatro ocorrências. Vejamos os resultados completos no gráfico 113:

Gráfico 113 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L93 – questão QSL 135 (*finado*).



Também foi possível constatar que a variante *finado* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com oito respostas no total, ante quatro ocorrências usadas pelos mais jovens, exatamente o oposto em relação à variante *falecido*.

3.3.8 Comportamento e convívio social

O campo semântico *comportamento e convívio social* é composto por onze questões que expressam a dimensão social e individual do ser humano, especificamente características psicológicas e comportamentais (*mau pagador*, *pessoa pouco inteligente*, *sovina*, etc.), além de designações para *bêbado*, *marido enganado*, *prostituta*, dentre outras questões. Vejamos a descrição das nove cartas que apresentaram variação:

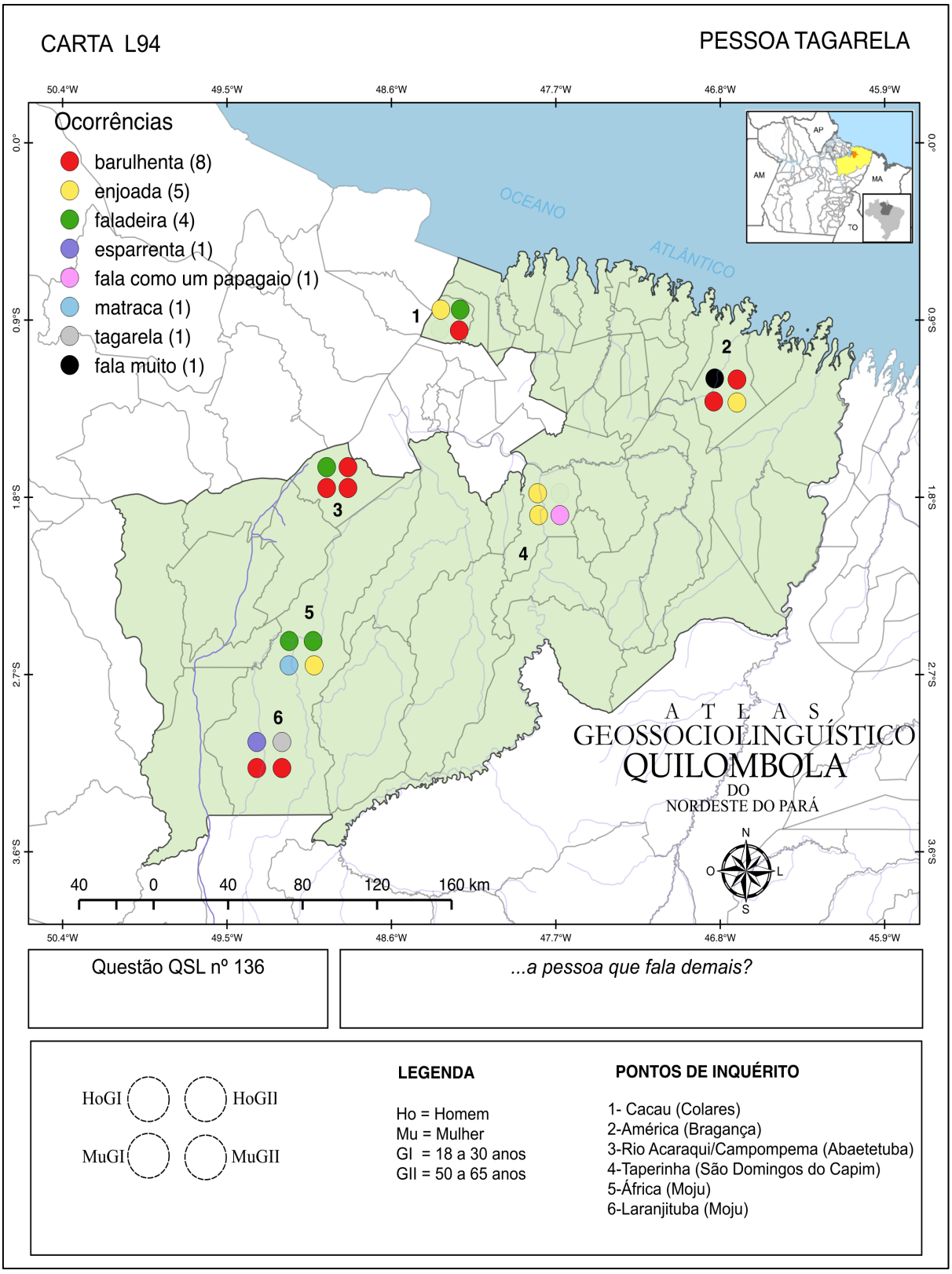
3.3.8.1 Pessoa tagarela

...a pessoa que fala demais?

A questão nº 136, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *barulhenta* (oito ocorrências), *enjoada* (cinco ocorrências), *faladeira* (quatro ocorrências), além de *esparrenta*, *fala como um papagaio*, *matraca*, *tagarela* e *fala muito*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na carta L94, a variante *barulhenta* prevaleceu entre as demais variantes mapeadas no AGQUINPA. Vejamos os resultados a seguir:

Imagem 122 - Carta L94 – questão QSL 136 (*pessoa tagarela*).

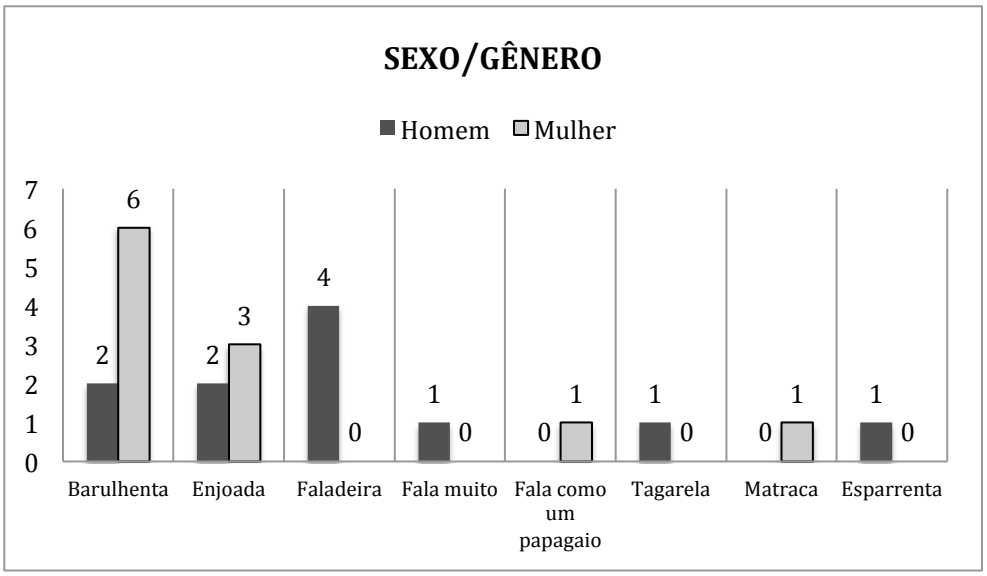


Na carta L94, a variante *barulhenta* prevaleceu nos pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *enjoada* e no ponto 5 (África) prevaleceu a variante *faladeira*. Os pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América), 5 (África) e 6 (Laranjituba) apresentaram elevado índice de variação, com três variantes distintas cada. A norma heteroléxica prevaleceu em todos os seis pontos de inquérito, o que demonstra o elevado índice de variação na região.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *barulhenta* prevalecendo entre as mulheres, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos apenas duas ocorrências. Já a variante *enjoada* apresentou três ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres.

Registramos também variantes utilizadas exclusivamente por homens, a saber: *faladeira* (quatro ocorrências), *fala muito* (uma ocorrência), *tagarela* (uma ocorrência) e *esparrenta* (uma ocorrência), enquanto que entre as mulheres registramos as variantes exclusivas *matraca* e *fala como um papagaio*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados a seguir:

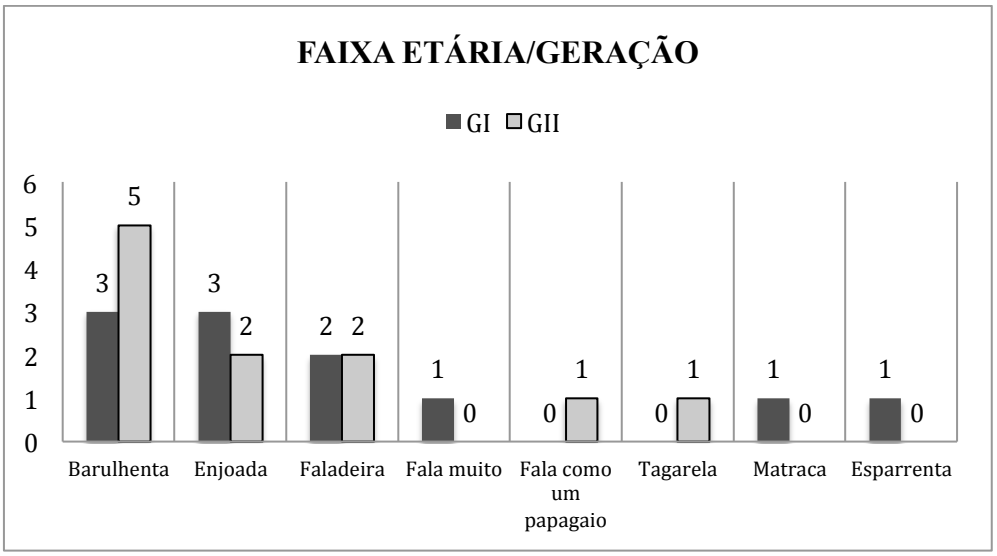
Gráfico 114 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L94 – questão QSL 136 (*pessoa tagarela*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *barulhenta* prevaleceu entre os mais velhos, com cinco ocorrências no total, ante três respostas registradas entre os mais jovens.

Por outro lado, tivemos a variante *enjoada* com três ocorrências entre os mais jovens e duas ocorrências entre os mais velhos, portanto, com baixa variação diageracional. Vejamos os resultados completos no gráfico 115:

Gráfico 115 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L94 – questão QSL 136 (*pessoa tagarela*).



No gráfico 115, também podemos observar a variante *faladeira* com a mesma quantidade de respostas, tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (duas ocorrências para cada geração). Registramos nesta dimensão variantes exclusivas entre os colaboradores mais jovens: *fala muito*, *esparrenta* e *matraca*, com uma ocorrência cada, assim como variantes usadas exclusivamente por colaboradores mais velhos: *fala como um papagaio* e *tagarela*, também com uma ocorrência cada.

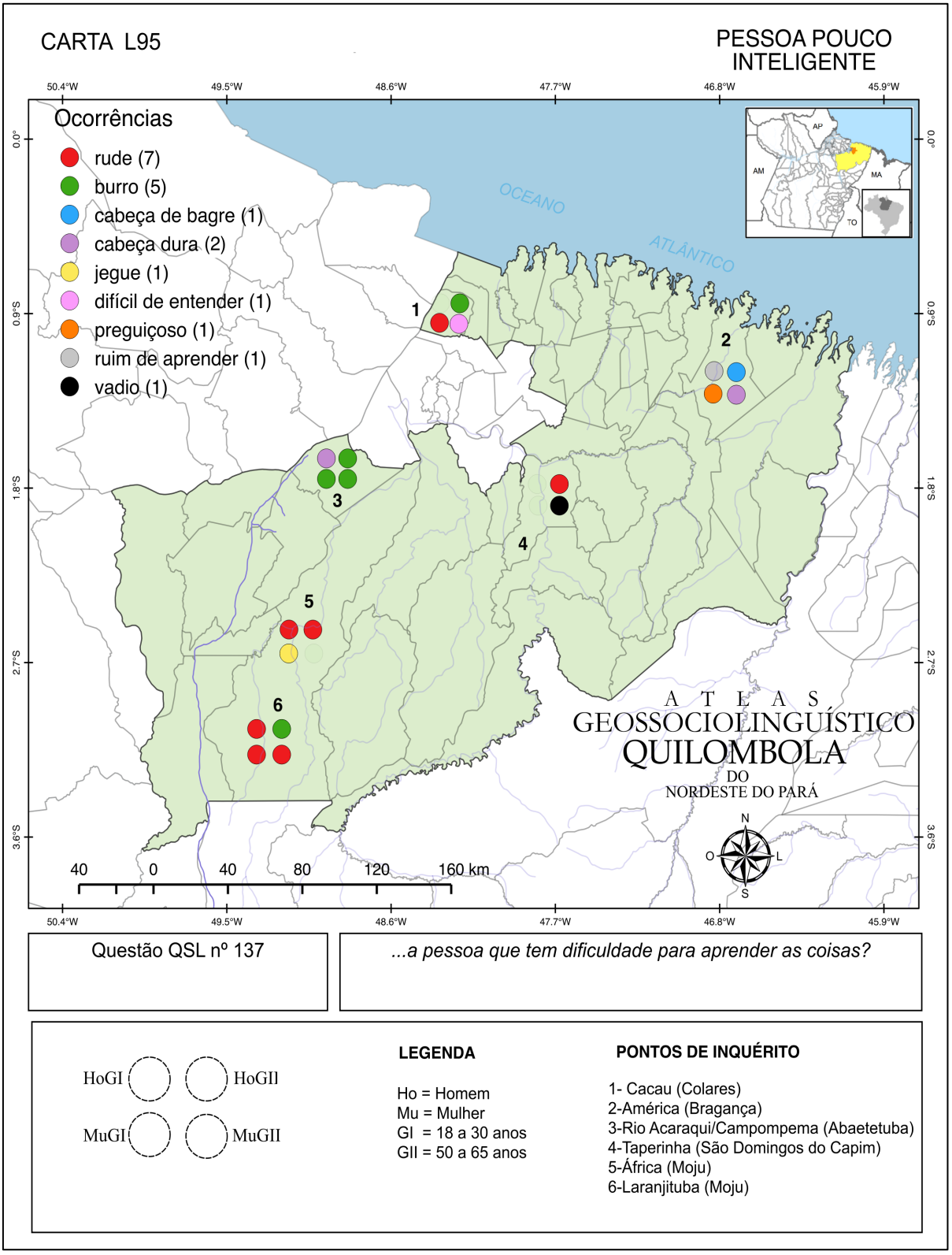
3.3.8.2 Pessoa pouco inteligente

...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

A pergunta nº 137, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *rude* (sete ocorrências), *burro* (cinco ocorrências), *cabeça dura* (duas ocorrências), além de *cabeça de bagre*, *jegue*, *difícil de entender*, *preguiçoso*, *ruim de aprender* e *vadio*, com uma ocorrência cada.

Esta questão apresentou nove variantes distintas, dentre as quais prevaleceu a variante *rude* e, em segundo lugar, a variante *burro*, como podemos observar na carta L95. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 123 - Carta L95 – questão QSL 137 (*pessoa pouco inteligente*).

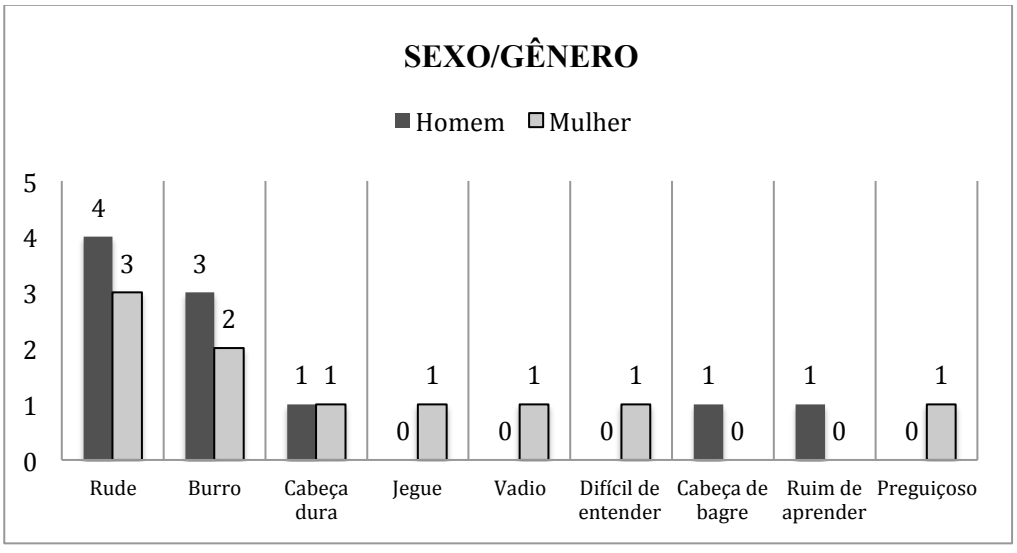


Na carta L95, podemos observar que a variante *rude* prevaleceu apenas nos pontos de inquérito 5 (África) e 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto de inquérito 3 prevaleceu a variante *burro*. No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro das variantes *rude* e *vadio*, com uma ocorrência cada, e nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 2 (América) tivemos elevada variação, com destaque para o ponto 2, que apresentou quatro variantes distintas, a saber: *ruim de aprender*, *cabeça de bagre*, *preguiçoso* e *cabeça dura*. A carta também mostra que todos os seis pontos de inquérito apresentaram norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão dissexual mostraram a variante *rude* com quatro ocorrências entre os homens e três ocorrências entre as mulheres. A variante *burro* também apresentou pouca diferença entre os sexos, pois entre os homens foram registradas três ocorrências e entre as mulheres registramos apenas duas ocorrências. Também tivemos a variante *cabeça dura* com uma ocorrência para cada sexo.

Registramos entre os dados, variantes exclusivas usadas apenas por homens: *cabeça de bagre* e *ruim de aprender*, com uma ocorrência cada, assim como variantes usadas apenas por mulheres: *jegue*, *vadio*, *difícil de entender* e *preguiçoso*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados a seguir no gráfico 116:

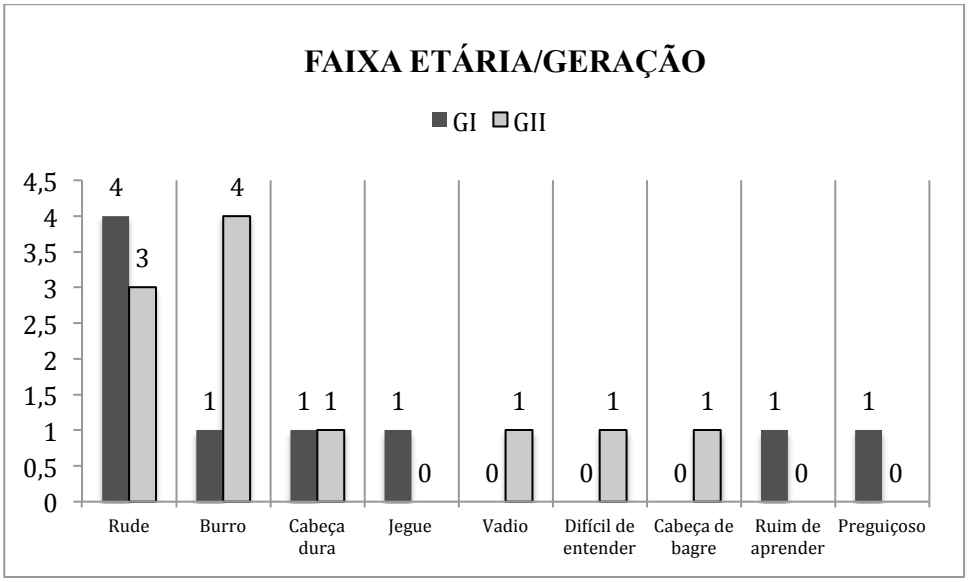
Gráfico 116 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L95 – questão QSL 137 (*pessoa pouco inteligente*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *rude* apresentou quatro ocorrências entre os mais velhos e três ocorrências entre os mais jovens. Já a variante *burro* prevaleceu entre os

colaboradores mais velhos, enquanto que entre os mais jovens registramos uma única ocorrência para esta mesma variante. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 117 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L95 – questão QSL 137 (*pessoa pouco inteligente*).



Também tivemos variantes usadas apenas por colaboradores mais jovens, a saber: *jegue*, *ruim de aprender* e *preguiçoso*, com uma ocorrência cada. Por outro lado, as variantes *vadio*, *difícil de entender* e *cabeça de bagre* foram registradas apenas entre os colaboradores mais velhos.

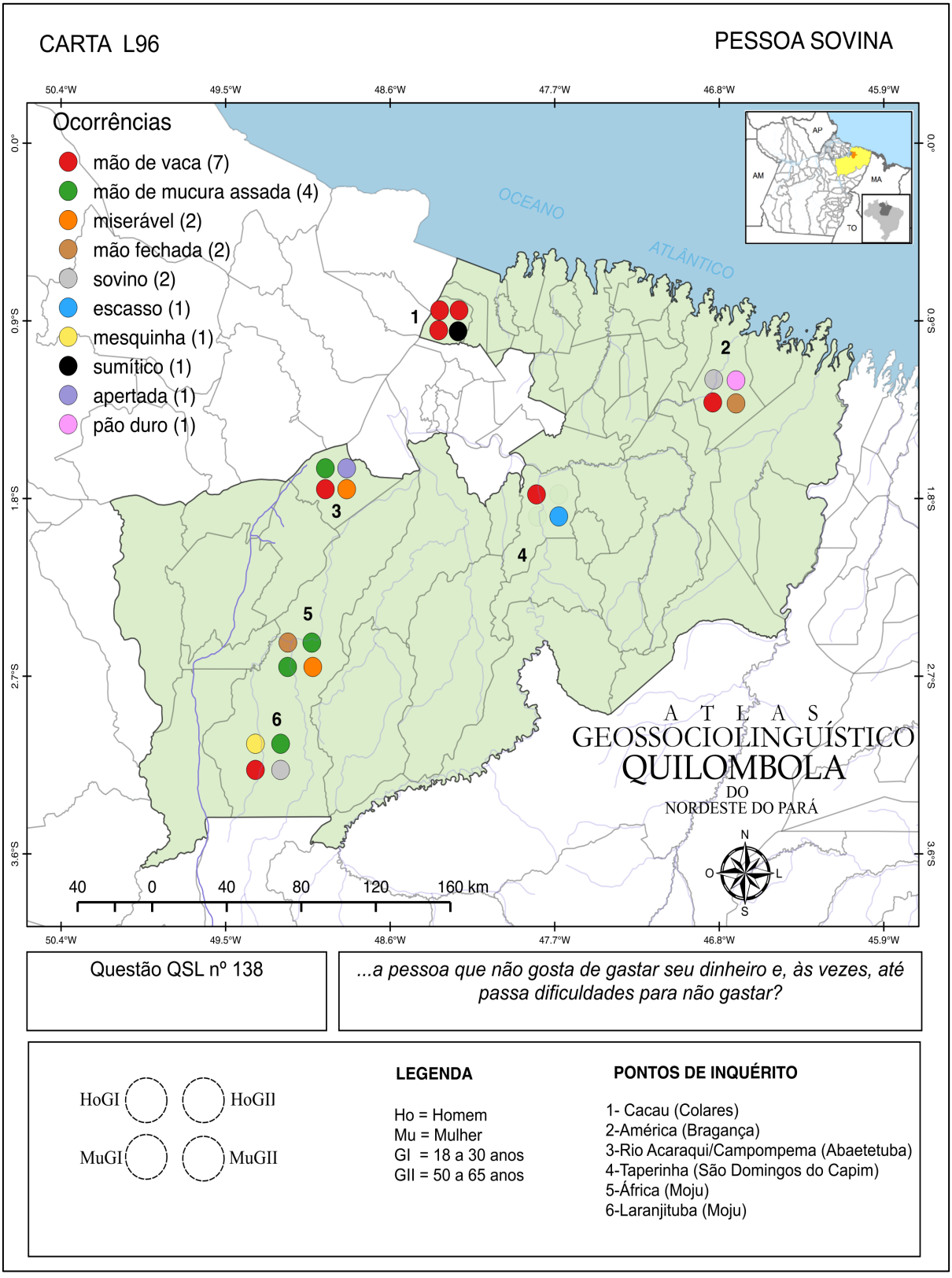
3.3.8.3 Pessoa sovina

...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

A questão nº 138, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *mão de vaca* (sete ocorrências), *mão de mucura assada* (quatro ocorrências), *miserável* (duas ocorrências), *mão fechada* (duas ocorrências), *sovino* (duas ocorrências), além de *escasso*, *mesquinha*, *sumítico*, *apertada* e *pão duro*, com uma ocorrência cada.

Esta questão apresentou dez respostas distintas, dentre as quais prevaleceu a variante *mão de vaca*. Vejamos, na carta L96, a distribuição diatópica das respostas mapeadas no AGQUINPA:

Imagem 124 - Carta L96 – questão QSL 138 (*pessoa sovina*).



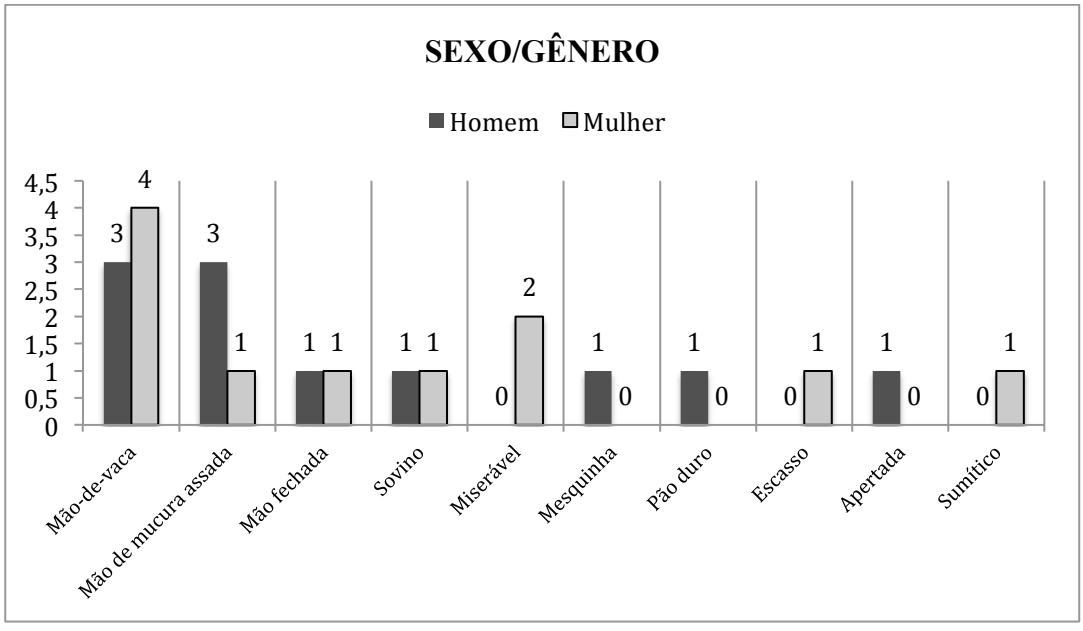
Na carta L96, podemos observar que a variante *mão de vaca* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau) e a variante *mão de muruca assada* teve maior ocorrência no ponto de inquérito 5 (África). No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos duas variantes (*mão de vaca* e *escasso*), com uma ocorrência cada. A carta também mostra a prevalência da norma heteroléxica em todos os seis pontos de inquérito.

Os pontos de inquérito que mais apresentaram variação foram: ponto 2-América (*sovino*, *pão duro*, *mão de vaca* e *mão fechada*), ponto 3-Rio Acaraqui/Campompema (*mão de mucura assada*, *apertada*, *mão de vaca* e *miserável*) e, por fim, o ponto 6-Laranjituba (*mesquinha*, *mão de mucura assada*, *mão de vaca* e *sovino*).

Os resultados diassexuais mostraram a variante *mão de vaca* com quatro ocorrências entre as mulheres e três respostas registradas entre os homens. Já a variante *mão de mucura assada* prevaleceu entre os homens, com três ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos apenas uma ocorrência. As variantes *mão fechada* e *sovino* apresentaram uma ocorrência para cada um dos sexos.

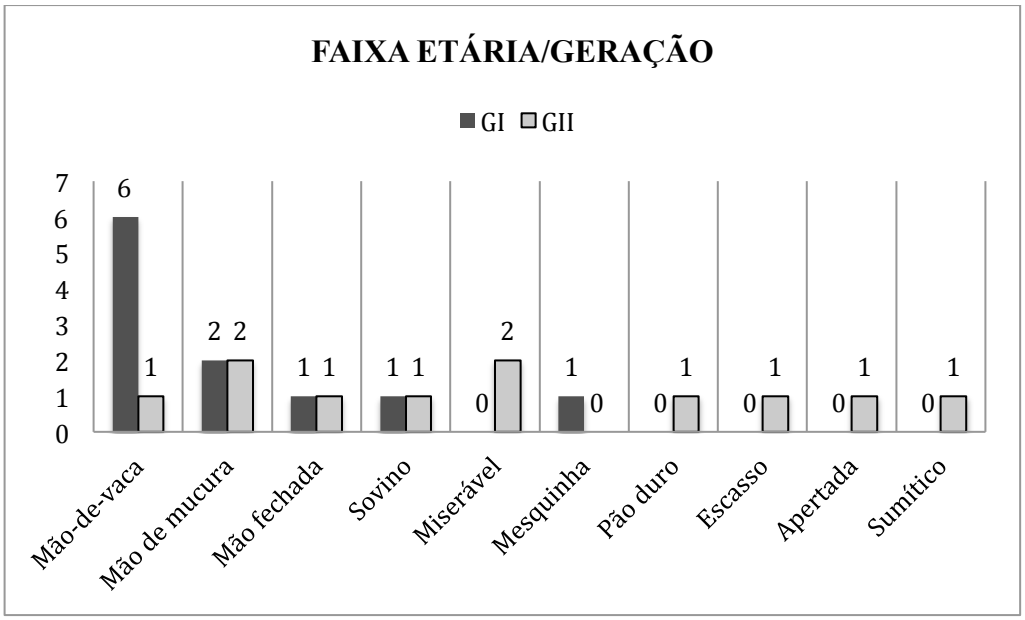
Também registramos variantes utilizadas exclusivamente por homens: *mesquinha*, *pão duro* e *apertada*, com uma ocorrência cada. Entre as mulheres tivemos exclusivamente as variantes *miserável*, *escasso* e *sumítico*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 118 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L96 – questão QSL 138 (*pessoa sovina*).



Os resultados referentes à dimensão diageracional mostraram a variante *mão de vaca* prevalecendo entre os mais jovens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os mais velhos registramos apenas uma ocorrência. Já a segunda variante de maior frequência (*mão de mucura assada*) apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (duas ocorrências cada), assim como a variante *mão fechada* e *sovino* que teve uma ocorrência para cada sexo. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 119 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L96 – questão QSL 138 (*pessoa sovina*).



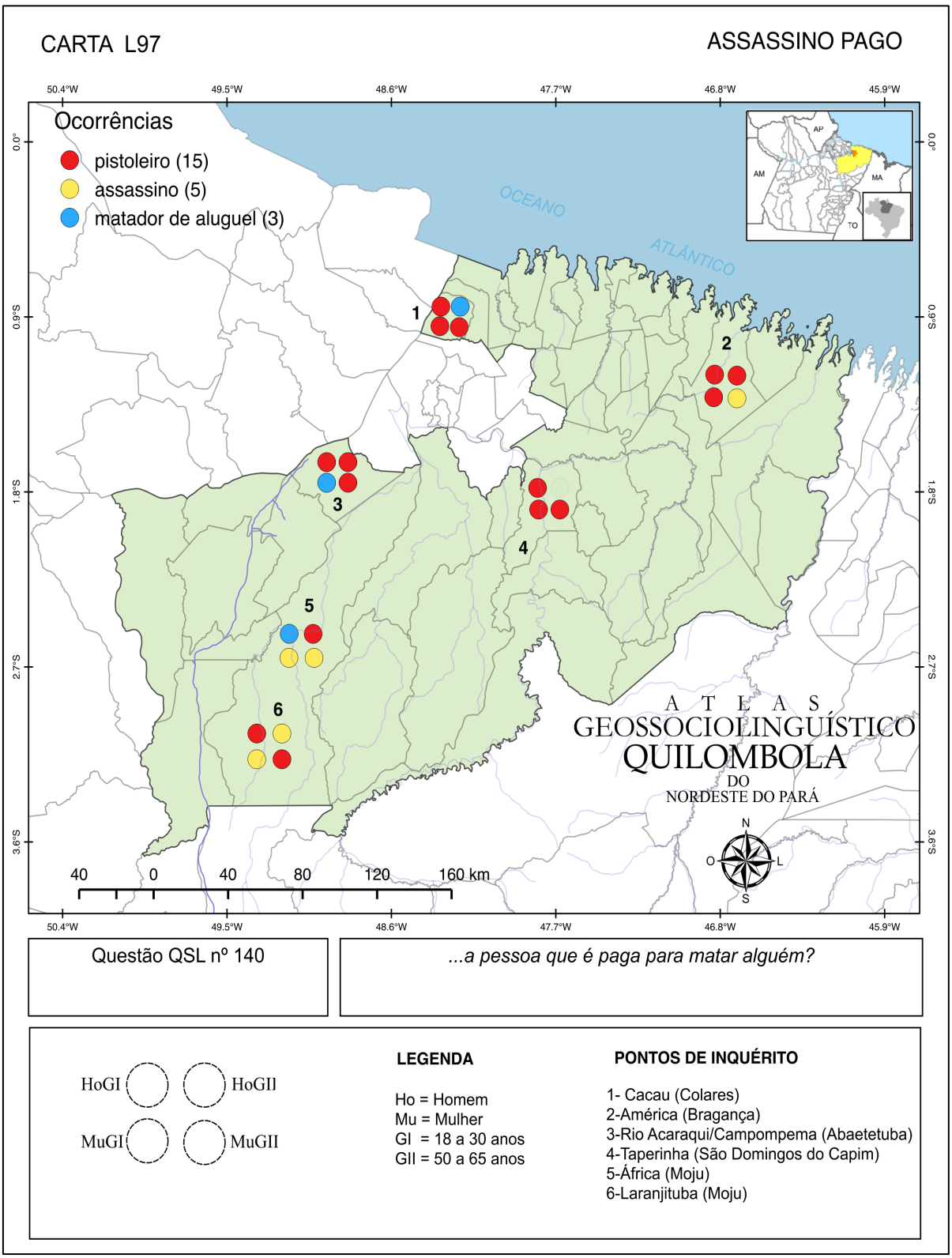
A variante *miserável* teve duas respostas registradas exclusivamente entre os mais velhos, enquanto que as variantes *pão duro*, *escasso*, *apertada* e *sumítico* foram registradas com uma ocorrência cada exclusivamente também entre os colaboradores mais velhos. Por final, a variante *mesquinha* figurou exclusivamente entre os mais jovens, com uma única ocorrência.

3.3.8.4 Assassino pago

...a pessoa que é paga para matar alguém?

A questão nº 140, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *pistoleiro* (quinze ocorrências), *assassino* (cinco ocorrências) e *matador de aluguel* (três ocorrências). Na carta L97, podemos observar que a variante *pistoleiro* prevaleceu na maioria dos pontos de inquérito. Vejamos os resultados completos a seguir:

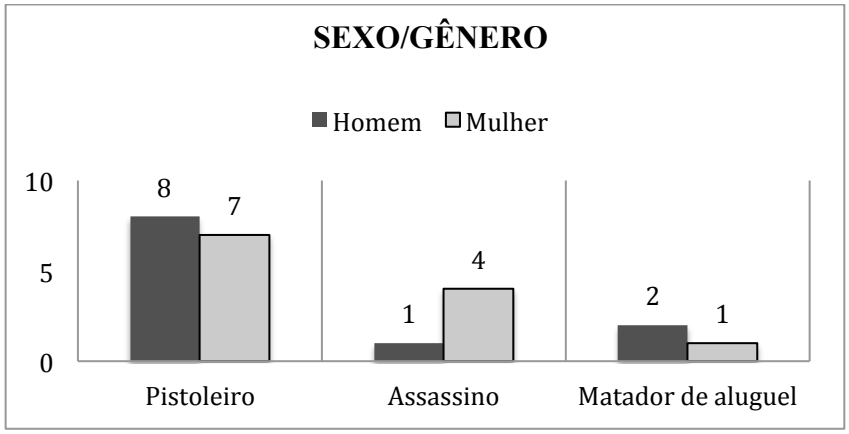
Imagem 125 - Carta L97 – questão QSL 140 (*assassino pago*).



Na carta L97, podemos observar a variante *pistoleiro* prevalecendo em quatro pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 4 (Taperinha), enquanto que no ponto 5 (África) tivemos a prevalência da variante *assassino.* No ponto 6 (Laranjituba), as variantes *pistoleiro* e *assassino* apresentaram a mesma quantidade de respostas, com duas ocorrências para cada variante. Destacamos, entre os pontos de inquérito, a comunidade África (ponto 5), que apresentou o maior número de variantes, ou seja, três no total, a saber: *assassino*, *pistoleiro* e *matador de aluguel*. Podemos visualizar na carta a presença de norma monoléxica apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha), enquanto que nos demais pontos tivemos a presença de norma heteroléxica.

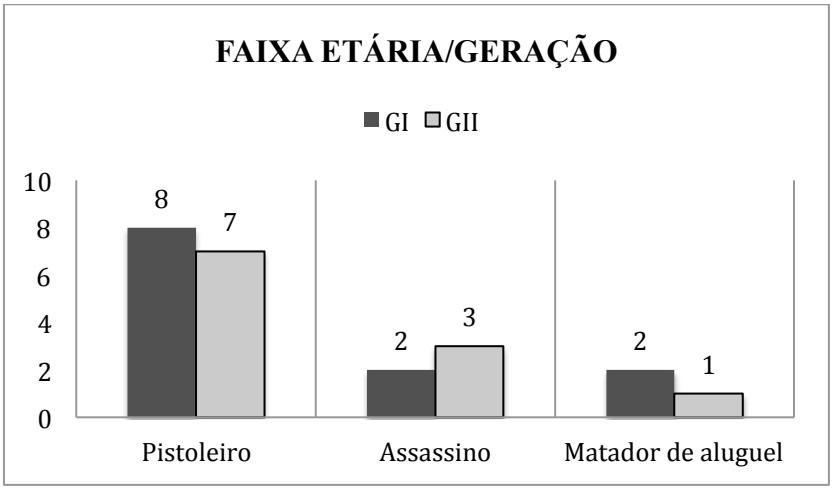
Do ponto de vista diassexual, a variante *pistoleiro* apresentou oito ocorrências entre os homens e sete ocorrências entre as mulheres. Por outro lado, tivemos a variante *assassino* prevalecendo entre as mulheres, com quatro ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos uma única ocorrência para esta mesma variante. Por fim, a variante *matador de aluguel* apresentou duas ocorrências entre os homens e uma única ocorrência entre as mulheres. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 120 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L97 – questão QSL 140 (*assassino pago*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *pistoleiro* apresentou oito ocorrências entre os mais jovens e sete ocorrências entre os mais velhos, portanto, sem diferença estatística significante para esta dimensão. Vejamos os resultados no gráfico 121:

Gráfico 121 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L97 – questão QSL 140 (*assassino pago*).



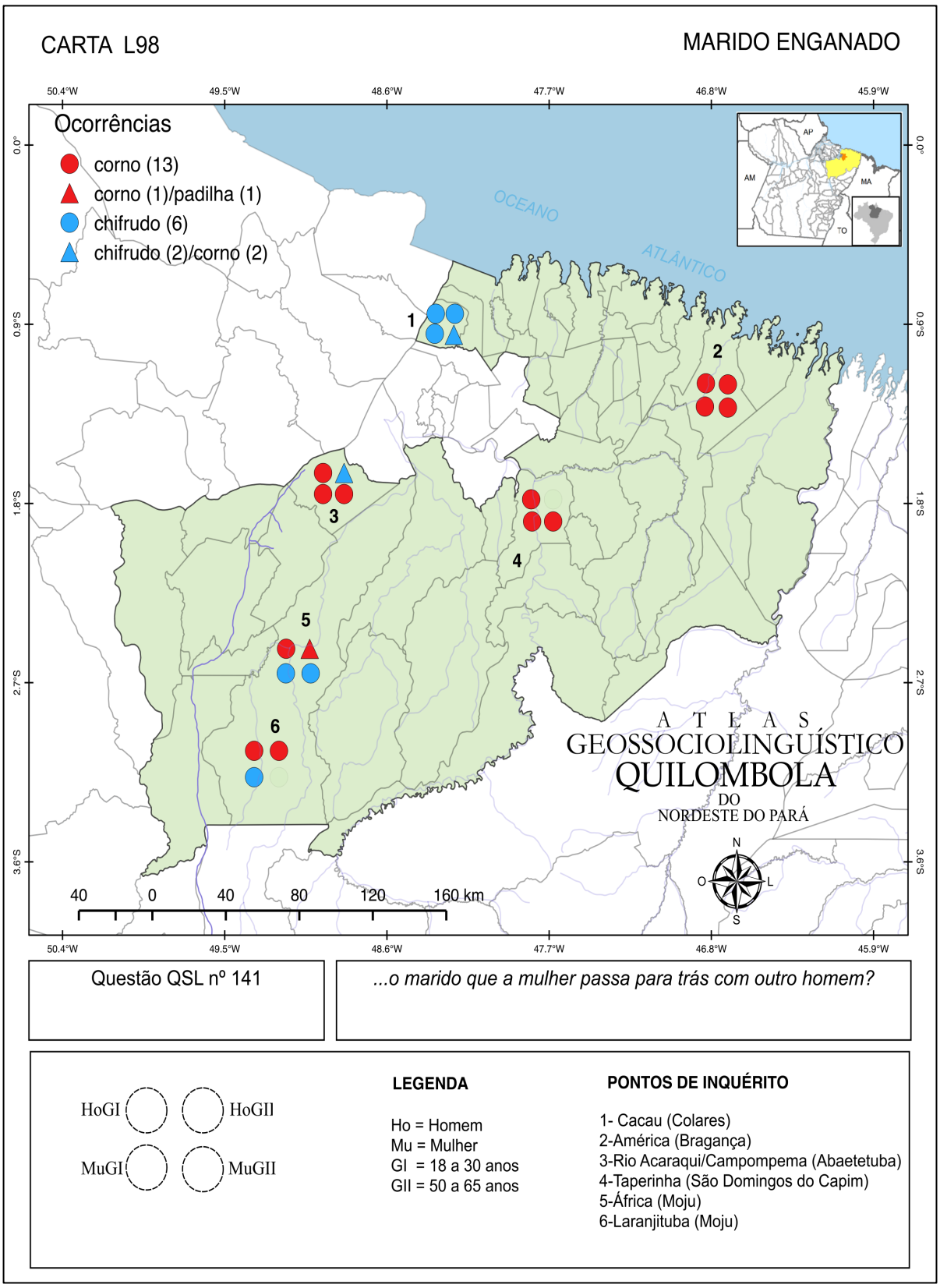
Também tivemos a variante *assassino*, com três ocorrências entre os colaboradores mais velhos e com duas ocorrências entre os colaboradores mais jovens. Já a variante *matador de aluguel* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais jovens e uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos.

3.3.8.5 Marido enganado

...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

A questão nº 141, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *corno* (dezesseis ocorrências), *chifrudo* (oito ocorrências) e *padilha*, com uma única ocorrência. Na carta L98, podemos observar a prevalência da variante *corno* adiante da segunda variante de maior ocorrência (*chifrudo*). Vejamos os resultados completos a seguir:

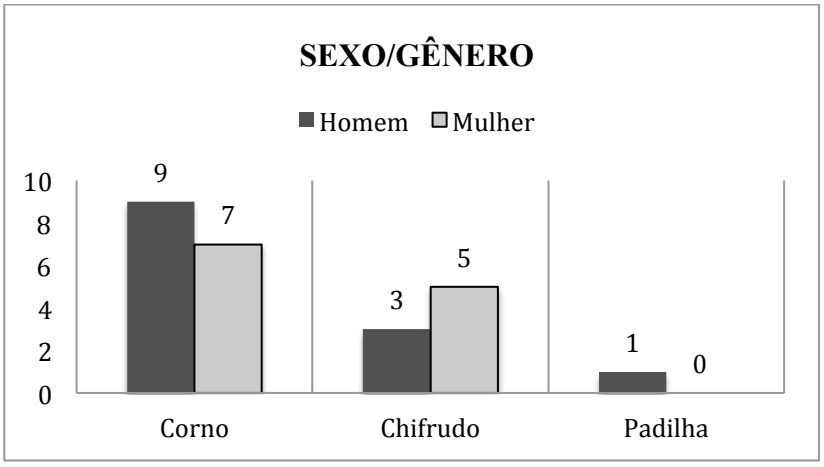
Imagem 126 - Carta L98 – questão QSL 141 (*marido enganado*).



Na carta L98, podemos observar que a variante *corno* prevaleceu em 4 pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 6 (Laranjituba). Já a variante *chifrudo* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau), enquanto que no ponto de inquérito 5 (África) tivemos as variantes *corno* e *chifrudo* com duas ocorrências cada. Nos pontos de inquérito 2 (América) e 4 (Taperinha) tivemos a ocorrência de norma monoléxica e nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

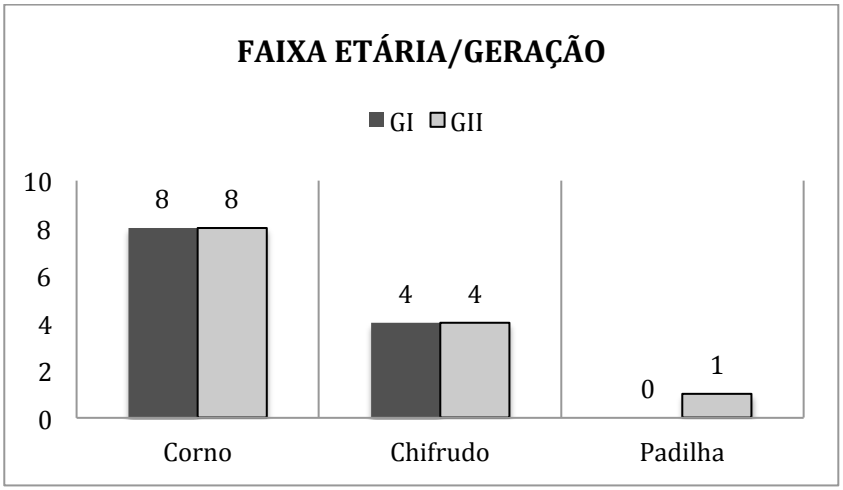
Do ponto de vista diassexual, a variante *corno* prevaleceu entre os colaboradores homens, com nove ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos sete respostas. Já a variante *chifrudo* prevaleceu entre as mulheres, com cinco ocorrências, ante três respostas registradas entre os homens, e a variante *padilha* foi registrada exclusivamente entre os homens. Vejamos os resultados desta dimensão no gráfico a seguir:

Gráfico 122 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L98 – questão QSL 141 (*marido enganado*).



Do ponto de vista diageracional, não tivemos variação, pois a variante *corno* apresentou a mesma quantidade de respostas tanto para os colaboradores mais jovens quanto para os colabores mais velhos (oito ocorrências para cada geração). Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 123 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L98 – questão QSL 141 (*marido enganado*).



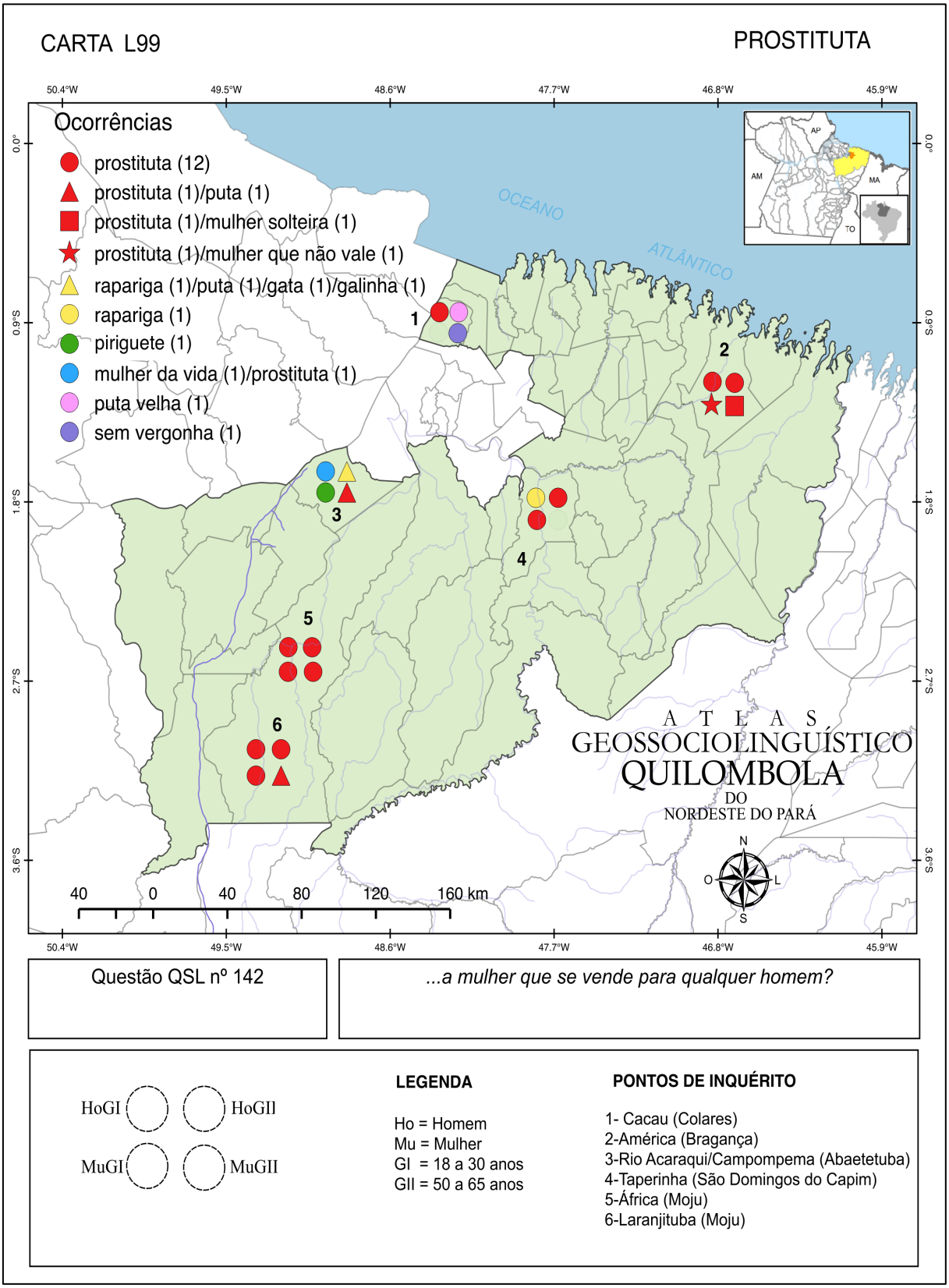
No gráfico 123, podemos observar que a variante *chifrudo* também não apresentou variação diageracional, pois teve quatro ocorrências tanto entre os colaboradores mais jovens quanto entre os colaboradores mais velhos, enquanto que a variante *padilha* teve uma única ocorrência registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

3.3.8.6 Prostituta

...a mulher que se vende para qualquer homem?

A questão nº 142, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *prostituta* (dezesseis ocorrências), *rapariga* (duas ocorrências), *puta* (duas ocorrências), além de *mulher solteira*, *mulher que não vale*, *gata*, *galinha*, *piriguete*, *mulher da vida*, *puta velha* e *sem vergonha,* com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L99, a prevalência da variante *prostituta* entre as onze respostas mapeadas no AGQUINPA:

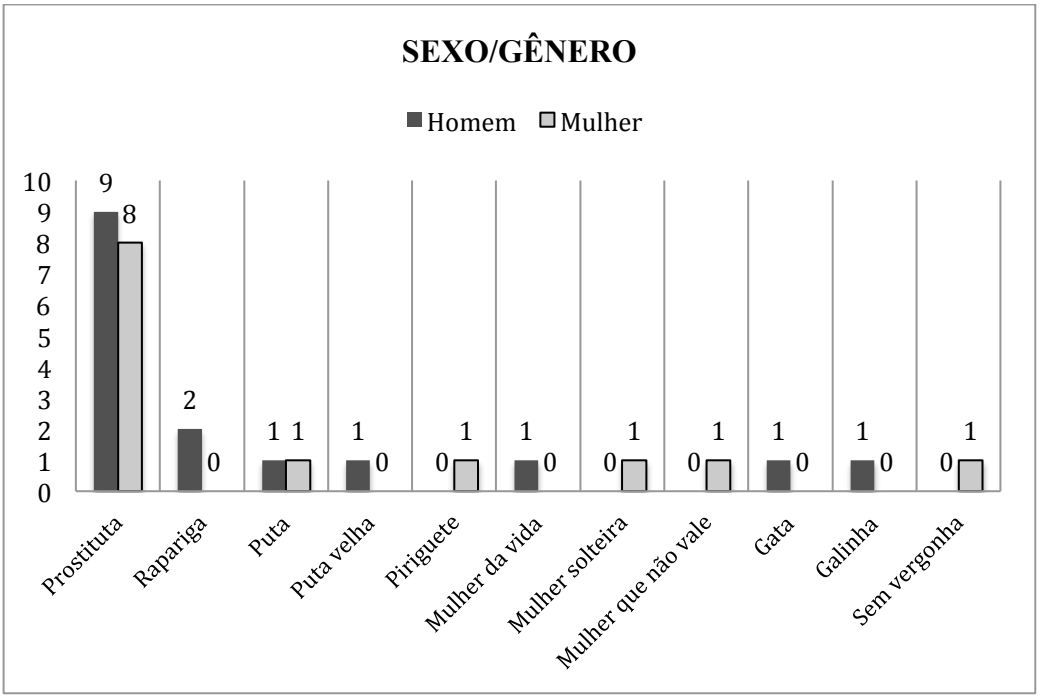
Imagem 127 - Carta L99 – questão QSL 142 (*prostituta*).



Na carta L99, podemos observar que a variante *prostituta* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). O único ponto em que não tivemos a prevalência de nenhuma variante foi o ponto 1 (Cacau), onde tivemos três variantes distintas registradas (*prostituta*, *puta velha* e *sem vergonha*). A norma heteroléxica prevaleceu em todos os seis pontos de inquérito, o que explica o elevado índice de variação para esta questão no AGQUINPA.

Como podemos verificar no gráfico 124, a seguir, a variante *prostituta* apresentou nove ocorrências entre os homens e oito ocorrências entre as mulheres, portanto, sem diferença diassexual significante. A variante *puta* teve uma ocorrência registrada para ambos os sexos, enquanto que as variantes *rapariga*, *puta velha*, *mulher da vida*, *gata* e *galinha* foram registradas exclusivamente entre os homens, com uma ocorrência cada. Entre as mulheres tivemos o registro exclusivo das variantes *piriguete*, *mulher solteira* e *mulher que não vale*. Vejamos os resultados completos a seguir:

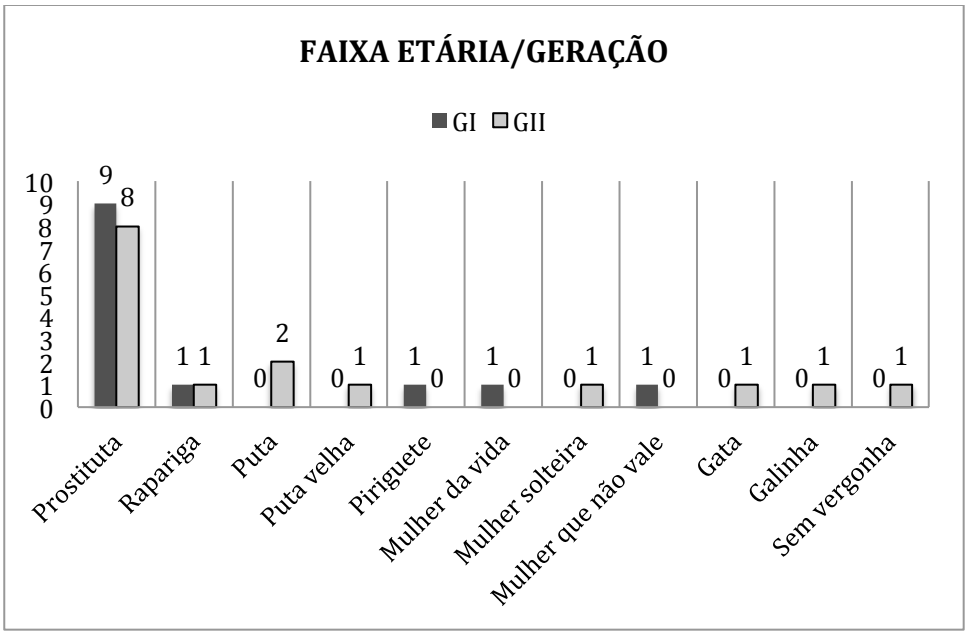
Gráfico 124 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L99 – questão QSL 142 (*prostituta*).



Em relação à dimensão diageracional, tivemos a variante *prostituta* com nove ocorrências entre os colaboradores mais jovens e oito ocorrências entre os colaboradores mais

velhos. Também tivemos a variante *rapariga* com uma ocorrência para cada geração. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 125 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L99 – questão QSL 142 (*prostituta*).



Entre as demais respostas, tivemos as variantes *puta velha*, *mulher solteira*, *gata*, *galinha* e *sem vergonha*, registradas exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com uma ocorrência cada, além da variante *puta* com duas ocorrências, enquanto que as variantes *piriguete*, *mulher da vida* e *mulher que não vale* foram registradas apenas entre os colaboradores mais jovens, todas com uma ocorrência cada.

3.3.8.7 Bêbado

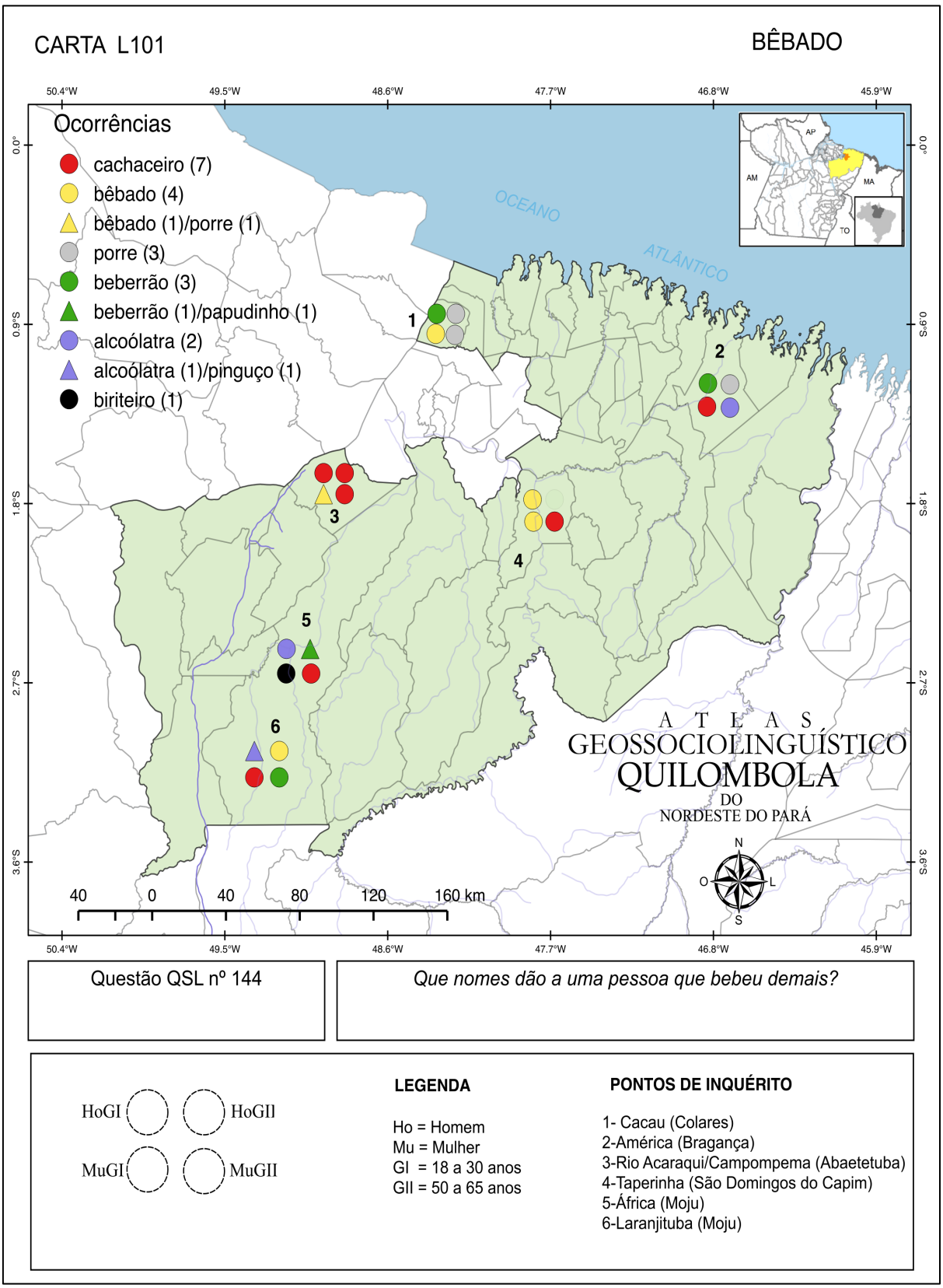
Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

As designações para *bêbado* (questão nº 144 do QSL) mapeadas no AGQUINPA foram as seguintes: *cachaceiro* (sete ocorrências), *bêbado* (cinco ocorrências), *porre* (quatro

ocorrências), *beberrão* (quatro ocorrências) e *alcoólatra* (três ocorrências), além de *papudinho*, *biriteiro* e *pinguço*, com uma ocorrência cada.

Dentre as oito respostas distintas registradas para esta questão, prevaleceu a variante *cachaceiro* e em segundo lugar a variante *bêbado*, como podemos observar na carta a seguir:

Imagem 128 - Carta L101 – questão QSL 144 (*bêbado*).

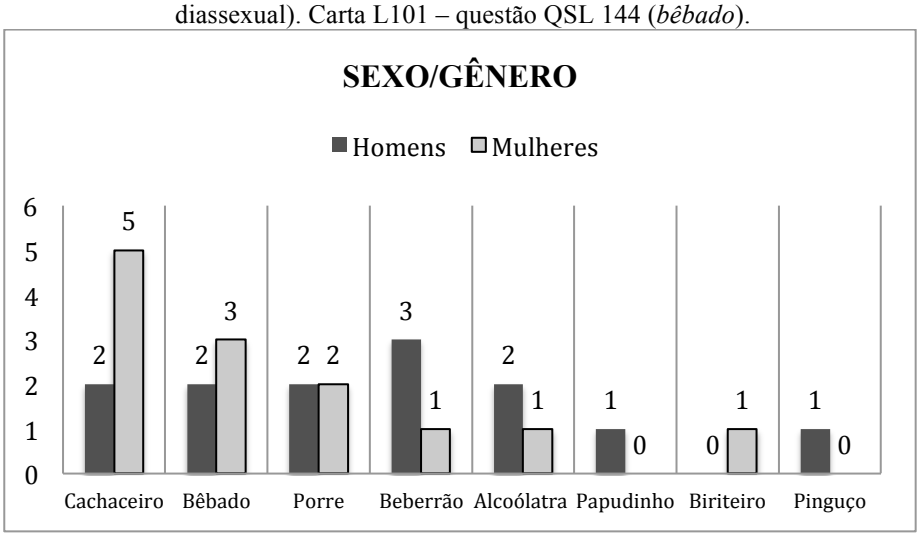


Como podemos observar na carta L101, a variante *cachaceiro* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), enquanto que a variante *bêbado* prevaleceu no ponto de inquérito 4 (Taperinha) e no ponto de inquérito 1 (Cacau) tivemos a prevalência da variante *porre*. Já os pontos de inquérito 2 (América), 5 (África) e 6 (Laranjituba) apresentaram elevado número de variantes, a saber: ponto 2-América, com 4 variantes distintas (*beberrão*, *porre*, *cachaceiro* e *alcoólatra*), além dos ponto 5-África (*alcoólatra*, *beberrão*, *papudinho*, *biriteiro* e *cachaceiro*) e ponto 6-Laranjituba (*alcoólatra*, *pinguço*, *bêbado*, *cachaceiro* e *beberrão*). É possível concluir que a norma na região é heteroléxica em todos os seis pontos de inquérito, dado o alto índice de variação observado para esta questão do atlas.

Os resultados dissexuais para a questão 144, do QSL, mostraram a variante *cachaceiro* prevalecendo entre as mulheres, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos duas ocorrências. Já a variante *bêbado* apresentou três ocorrências entre as mulheres e duas ocorrências entre os homens, enquanto que a variante *porre* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (duas respostas para cada sexo).

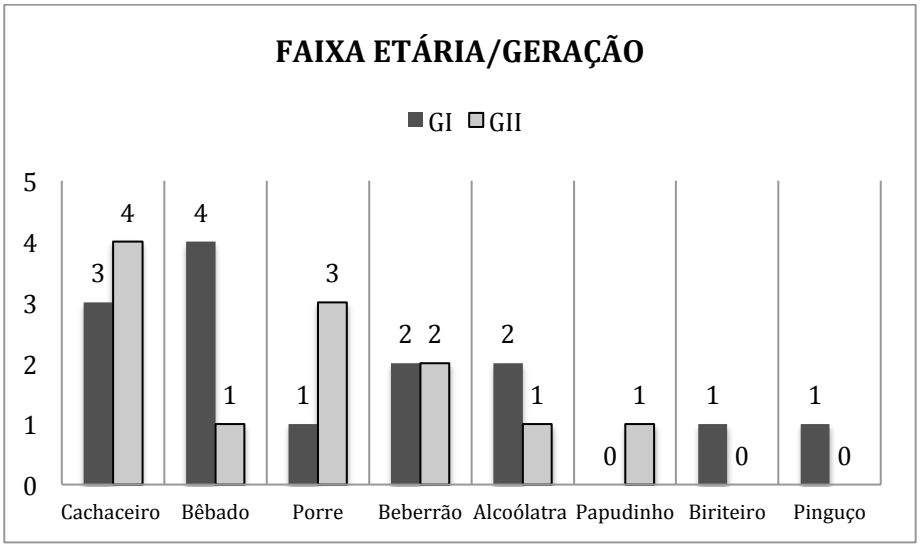
A variante *beberrão* prevaleceu entre os homens, com três ocorrências, enquanto que entre as mulheres registramos uma única ocorrência, já a variante *alcoólatra* apresentou duas ocorrências entre os homens e apenas uma ocorrência entre as mulheres. Também tivemos as variantes *papudinho* e *pinguço* registradas exclusivamente entre os homens, com uma ocorrência cada, e entre as mulheres tivemos exclusivamente a variante *biriteiro*, também com uma ocorrência. Vejamos os resultados desta dimensão a seguir:

Gráfico 126 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L101 – questão QSL 144 (*bêbado*).



Tomando como base a dimensão diageracional, tivemos a variante *cachaceiro* com quatro ocorrências entre os colaboradores mais velhos e três ocorrências entre os colaboradores mais jovens. A variante *bêbado* prevaleceu entre os mais jovens, com quatro ocorrências no total, ante uma única ocorrência registrada entre os mais velhos. A variante *porre* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com três ocorrências, enquanto que entre os mais jovens tivemos apenas uma resposta. Vejamos os resultados no gráfico 127:

Gráfico 127 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L101 – questão QSL 144 (*bêbado*).



No gráfico 127, também tivemos a variante *beberrão* com o mesmo quantitativo de respostas para as duas gerações (duas respostas cada) e a variante *alcóolatra* com duas respostas entre os colaboradores mais jovens e uma única resposta entre os mais velhos. Registramos também a variante *papudinho* exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e as variantes *biriteiro* e *pinguço* usadas apenas pelos colaboradores mais jovens.

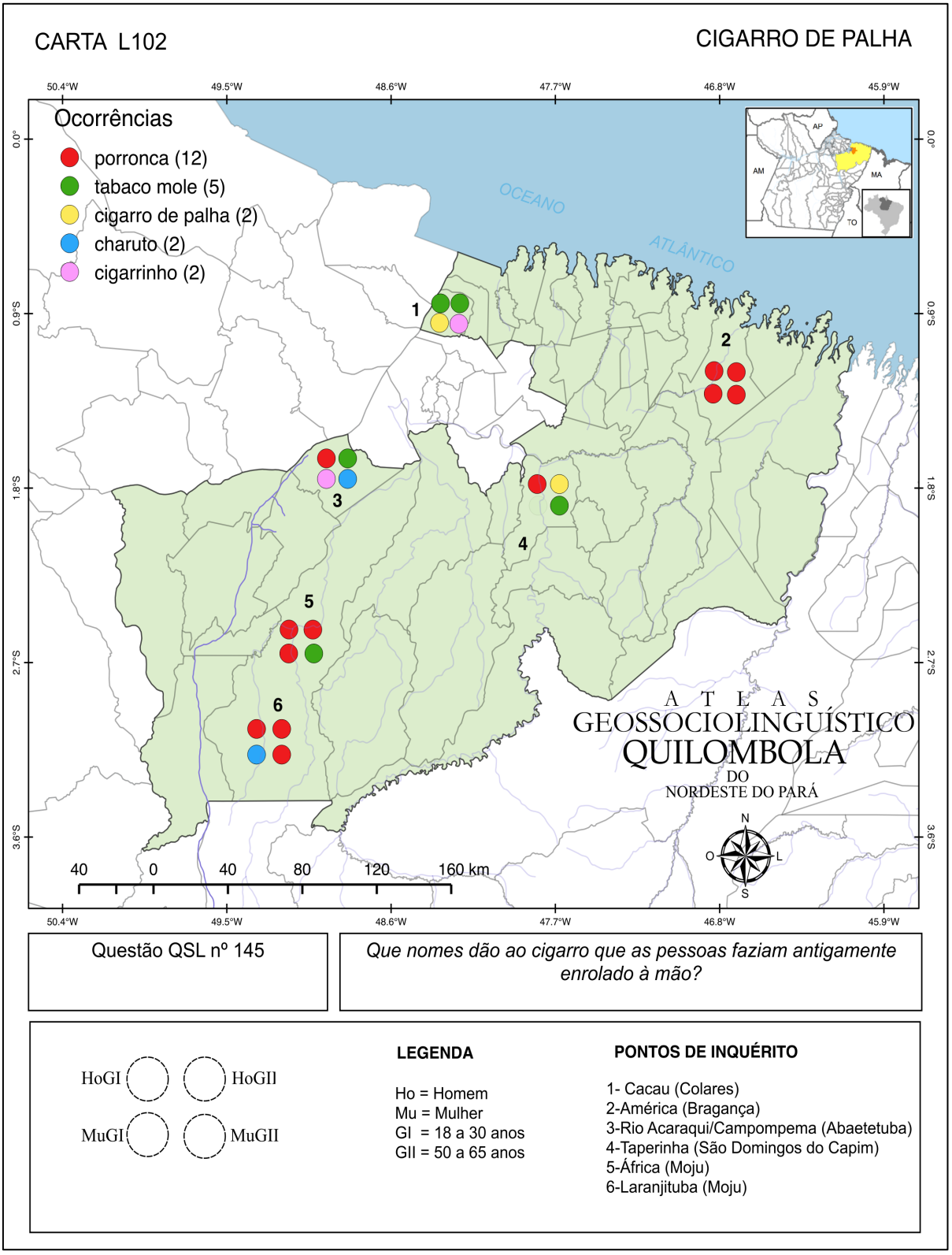
3.3.8.8 Cigarro de palha

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

A questão 145, do QSL, apresentou o seguinte conjunto de variantes no AGQUINPA: *porronca* (doze ocorrências), *tabaco mole* (cinco ocorrências), *cigarrinho* (duas ocorrências), *charuto* (duas ocorrências) e *cigarro de palha* (duas ocorrências).

Os dados mostraram a variante *porronca* com o maior número de ocorrências na região, como podemos observar, em contraste aparente, na carta L102:

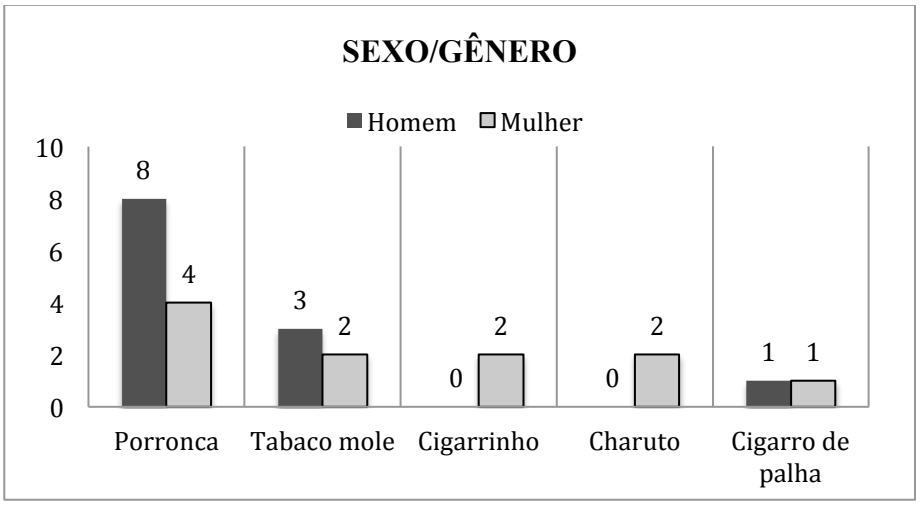
Imagem 129 - Carta L102 – questão QSL 145 (*cigarro de palha*).



A carta L102 mostra a variante *porronca* prevalecendo em metade dos pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba), enquanto que a variante *tabaco mole* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau). No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro de três variantes distintas (*porronca*, *cigarrinho de palha* e *tabaco mole*), enquanto que no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos quatro variantes distintas registradas (*porronca*, *tabaco mole*, *cigarrinho* e *charuto*). Os resultados mostram que apenas o ponto de inquérito 2 (América) apresentou norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades tivemos a prevalência da norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *porronca* prevalecendo entre homens, com oito ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres foram registradas quatro ocorrências. Já a variante *tabaco mole* foi registrada três vezes entre os homens e duas vezes entre as mulheres. Também tivemos as variantes *cigarrinho* e *charuto* registradas exclusivamente entre as mulheres, com duas ocorrências cada, e a variante *cigarro de palha* registrada em ambos os sexos, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

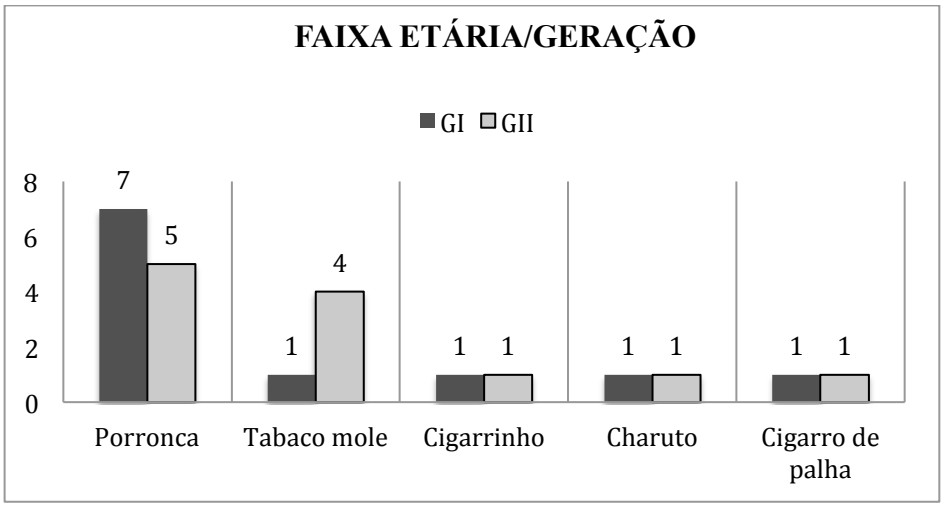
Gráfico 128 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L102 – questão QSL 145 (*cigarro de palha*).



A dimensão diageracional mostrou a variante *porronca* prevalecendo entre os colaboradores mais jovens com sete ocorrências, frente as cinco ocorrências registradas entre os mais velhos. De outro lado, a variante *tabaco mole* prevaleceu entre os colaboradores mais

velhos, com quatro ocorrência, enquanto que entre os mais jovens registramos apenas uma ocorrência. Vejamos os resultados:

Gráfico 129 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L102 – questão QSL 145 (*cigarro de palha*).



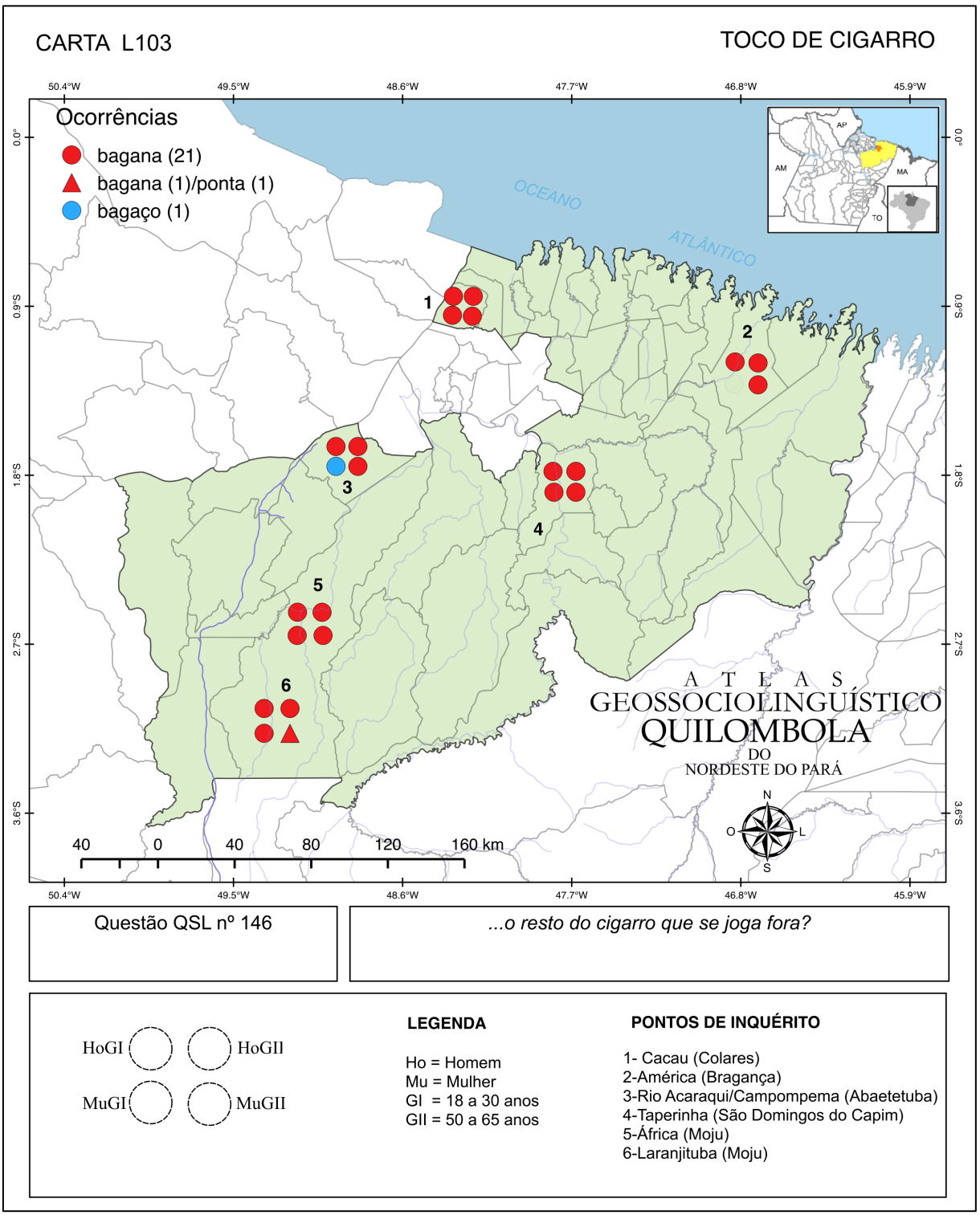
No gráfico 129, também podemos observar que as variantes *cigarrinho*, *charuto* e *cigarro de palha* apresentaram uma única ocorrência cada tanto entre os colaboradores mais jovens quanto entre os colaboradores mais velhos, e, portanto, não apresentaram variação entre os colaboradores mais velhos.

3.3.8.9 Toco de cigarro

...o resto do cigarro que se joga fora?

A questão nº 146, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *bagana* (vinte e duas variantes), *ponta* (uma ocorrência) e *bagaço* (uma ocorrência). Vejamos a seguir a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 130 - Carta L103 – questão QSL 146 (*toco de cigarro*).



Como podemos observar na carta L103, a variante *bagana* ocorreu e prevaleceu em todos os pontos inquérito. No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), além da ocorrência da variante *bagana*, também tivemos a ocorrência da variante *bagaço,* exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem, e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) registramos a variante *ponta* exclusivamente entre as mulheres da geração II, portanto, com exceção dos ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 6 (Laranjituba), prevaleceu na região a norma monoléxica.

3.3.9 Religião e crenças

Composto por oito questões, o campo semântico *religião e crenças* versa sobre elementos da dimensão espiritual do ser humano, como entidades sobrenaturais (*diabo* e *fantasma*), objetos representadores da fé (*medalha*, *amuleto* e *presépio*), além de atividades ligadas ao curandeirismo (*curandeiro* e *benzedeira*). Vejamos, a seguir, a descrição das seis cartas selecionadas para este campo no AGQUINPA:

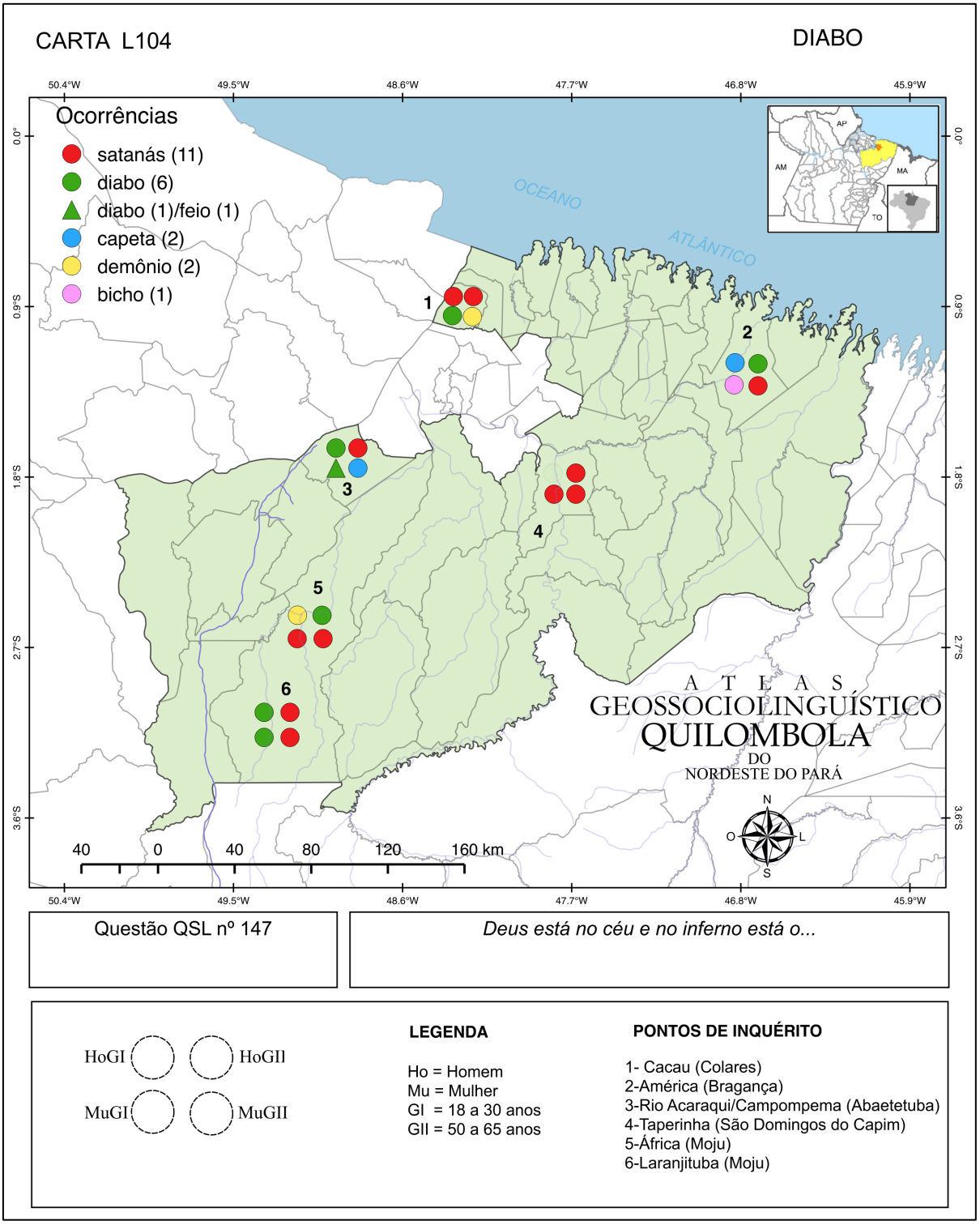
3.3.9.1 Diabo

Deus está no céu e no inferno está...?

A questão nº 147, do QSL, apresentou o seguinte rol de variantes: *satanás* (onze variantes), *diabo* (sete variantes), *demônio* (duas ocorrências), *capeta* (duas ocorrências) e *bicho*, com uma única ocorrência.

Na carta L104 prevaleceu, dentre as cinco respostas distintas, a variante *satanás*, que pode ser visualizada em contraste aparente, enquanto que a variante *diabo* figurou como a segunda variante de maior frequência. Vejamos os resultados a seguir:

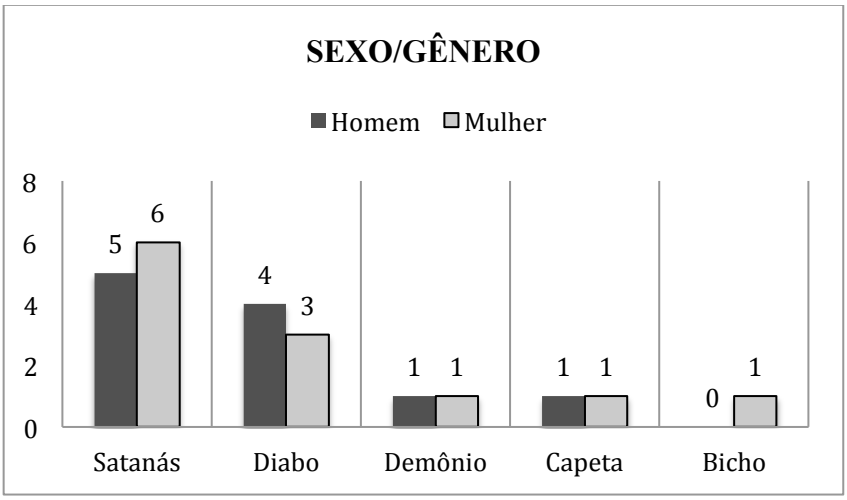
Imagem 131 - Carta L104 – questão QSL 147 (*diabo*).



Como podemos observar na carta L104, a variante *satanás* prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 4 (Taperinha) e 5 (África), enquanto que no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *diabo*. O ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou as variantes *satanás* e *diabo* com a mesma quantidade de ocorrências e o ponto de inquérito 2 (América) apresentou 4 variantes distintas (*capeta*, *diabo*, *satanás* e *bicho*), assim como o ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), que também apresentou 4 variantes distintas, a saber: *diabo*, *feio*, *capeta* e *satanás*. Os resultados mostram que apenas o ponto de inquérito 4 (Taperinha) apresentou norma monoléxica para a questão e nos demais pontos de inquéritos ocorreu a norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *satanás* com seis ocorrências entre as mulheres e cinco ocorrências entre os homens. Já a variante *diabo* apresentou quatro ocorrências entre os homens e três ocorrências entre as mulheres, portanto, a diferença de ocorrências entre homens e mulheres foi pequena e insuficiente para afirmar que houve variação diassexual. As variantes *demônio* e *capeta* apresentaram a mesma quantidade de ocorrências para ambos os sexos, com uma resposta cada, e a variante *bicho* foi registrada exclusivamente entre as mulheres. Vejamos os resultados no gráfico 130:

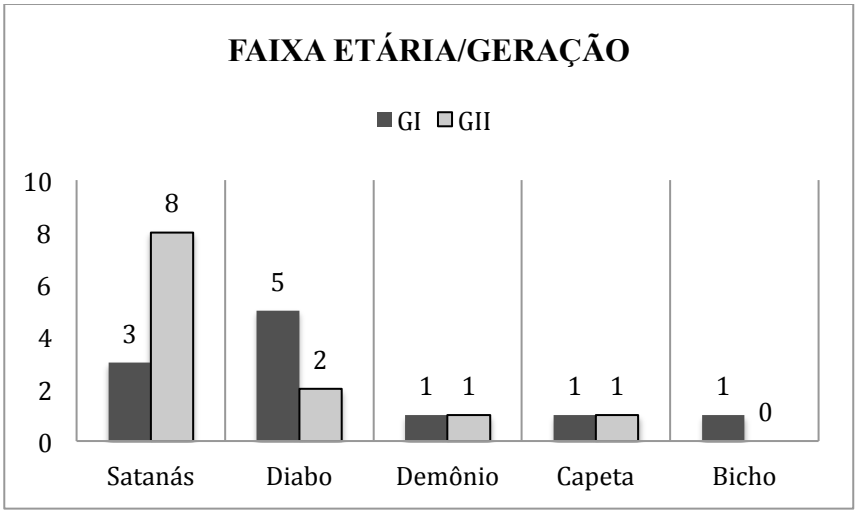
Gráfico 130 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L104 – questão QSL 147 (*diabo*).



Do ponto de visa diageracional, a variante *satanás* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com oito ocorrências no total, enquanto que entre os colaboradores mais jovens registramos três respostas para essa mesma variante. Já a variante *diabo* prevaleceu com cinco

ocorrências entre os mais jovens, enquanto que entre os mais velhos tivemos duas ocorrências. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 131 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L104 – questão QSL 147 (*diabo*).



Também é possível conferir no gráfico 131 que as variantes *demônio* e *capeta* apresentaram a mesma quantidade de respostas tanto entre os colaboradores mais jovens quanto entre os mais velhos, com uma ocorrência cada. Por fim, registramos a variante *bicho* exclusivamente entre os colaboradores mais jovens.

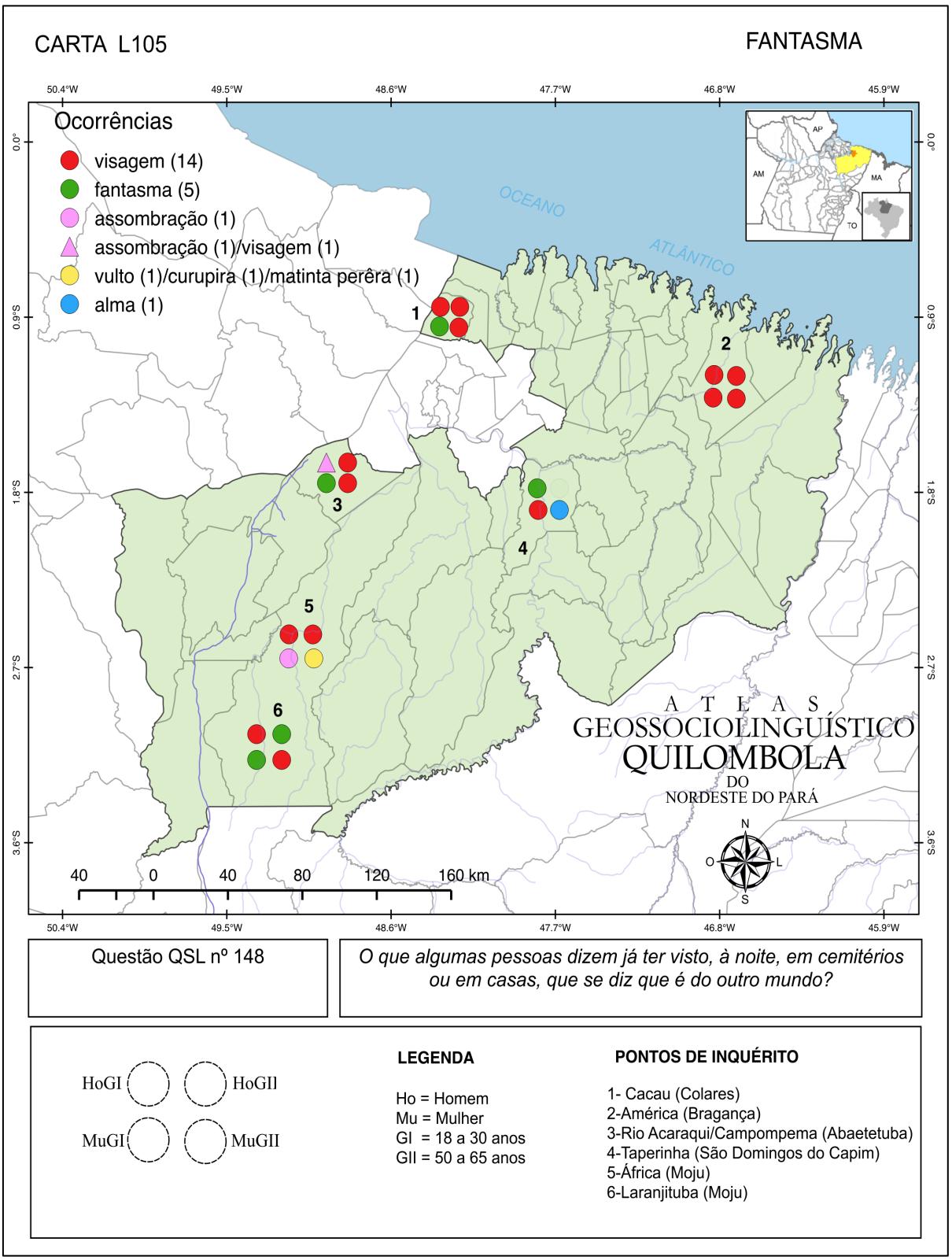
3.3.9.2 Fantasma

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas e que se diz que é do outro mundo?

A questão nº 148, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *visagem* (quinze ocorrência), *fantasma* (cinco ocorrências), *assombração* (duas ocorrências), além das variantes *alma*, *vulto*, *curupira* e *matinta perêra*, com uma ocorrência cada.

Como podemos observar na carta L105, a variante *visagem* prevaleceu ante as demais variantes, enquanto que a variante *fantasma* figurou em segundo lugar. Vejamos os resultados completos a seguir:

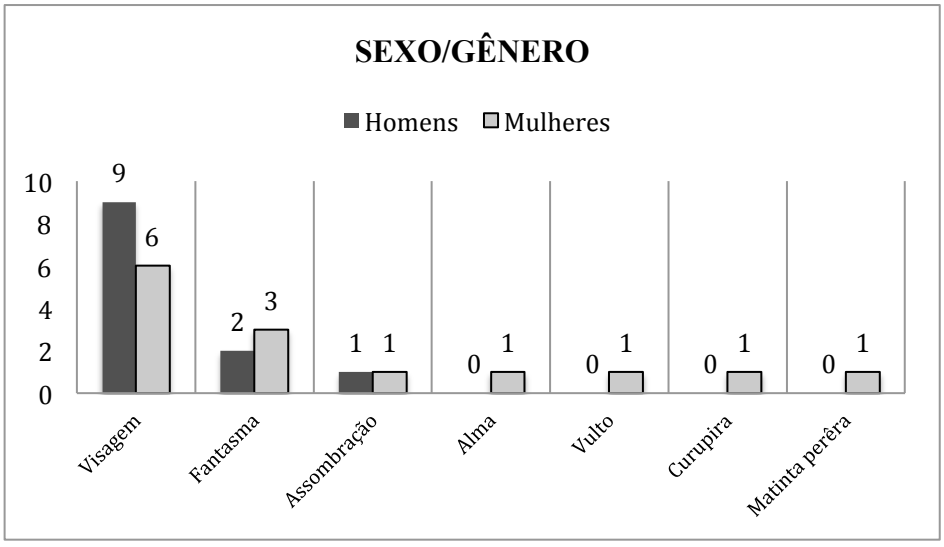
Imagem 132 - Carta L105 – questão QSL 148 (*fantasma*).



Como podemos observar na carta L105, a variante *visagem* prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África). No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro de três variantes distintas (*visagem*, *fantasma* e *alma*), das quais nenhuma prevaleceu na comunidade. Já no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos o registro das variantes *visagem* e fantasma com a mesma quantidade de ocorrências (duas respostas por variante). Também constatamos que apenas no ponto de inquérito 2 (América) ocorreu a norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos prevaleceu a norma heteroléxica.

Como podemos observar no gráfico 132, a variante *visagem* prevaleceu entre os homens, com nove ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos seis ocorrências. Já a variante *fantasma* apresentou três ocorrências entre as mulheres e duas respostas entre os homens e a variante *assombração* teve uma ocorrência para cada sexo. Registramos também variantes usadas exclusivamente entre as mulheres, a saber: *alma*, *vulto*, *curupira* e *matinta perêra*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados completos a seguir:

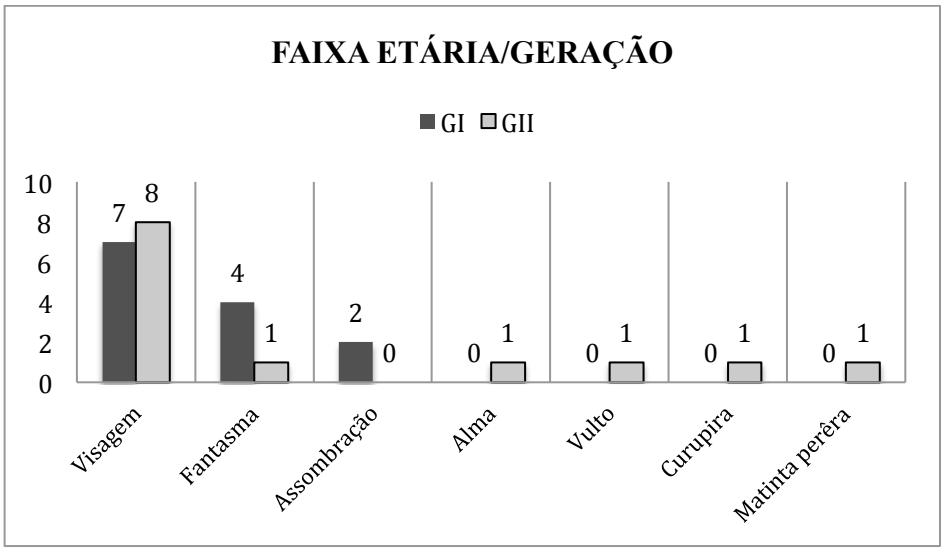
Gráfico 132 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L105 – questão QSL 148 (*fantasma*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *visagem* com oito ocorrências entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os mais jovens tivemos sete ocorrências. Por outro lado, a variante *fantasma* prevaleceu entre os mais jovens, com quatro

respostas no total, ante uma única resposta registrada entre os mais velhos. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 133 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L105 – questão QSL 148 (*fantasma*).



Também registramos variantes usadas exclusivamente por colaboradores mais velhos, a saber: *alma*, *vulto*, *curupira* e *matinta perêra*, com uma ocorrência cada. Entre os colaboradores mais jovens registramos exclusivamente a variante *assombração*, com duas ocorrências.

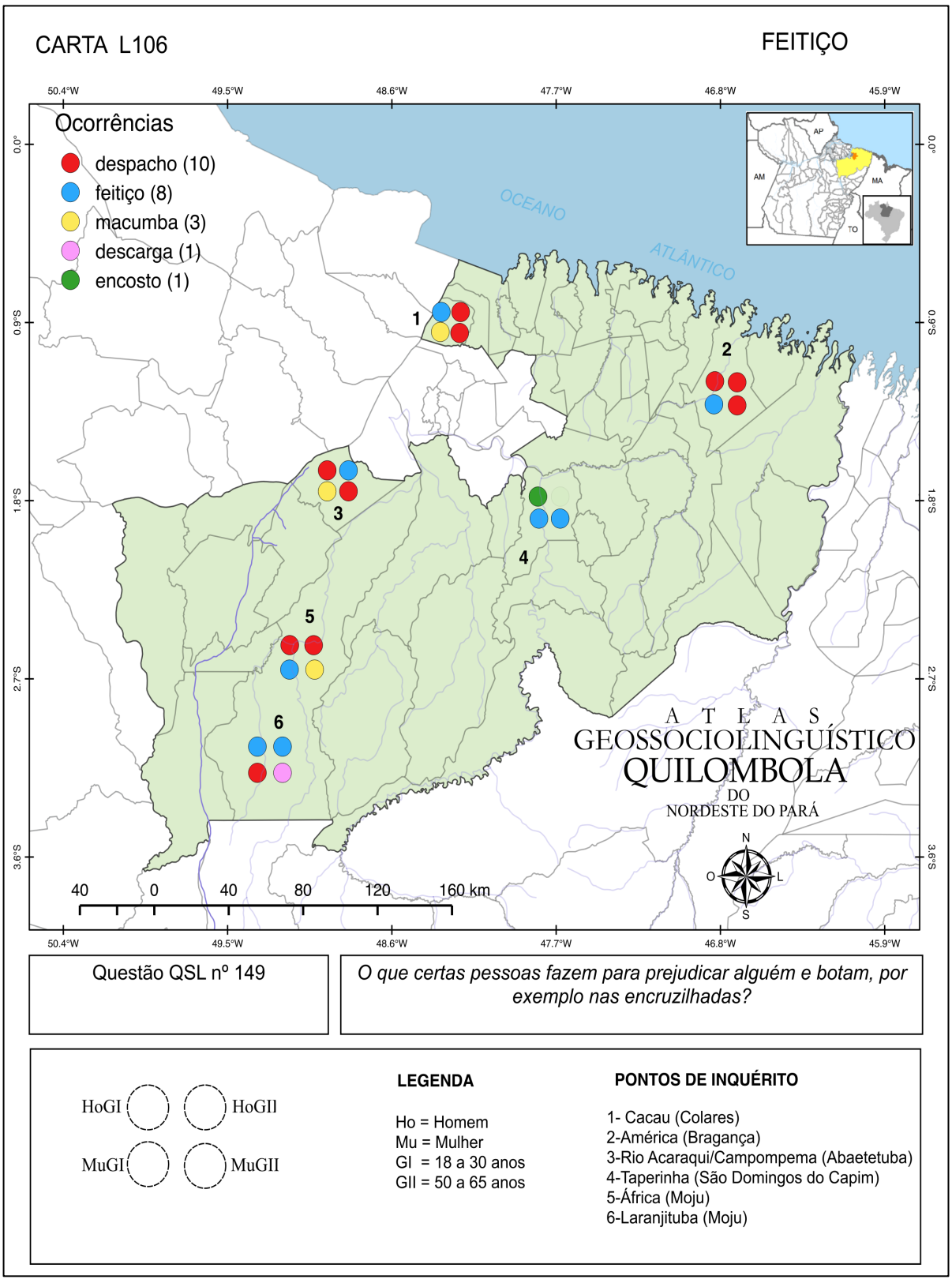
3.3.9.3 Feitiço

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

A questão nº 149, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *despacho* (dez ocorrências), *feitiço* (oito ocorrências), *macumba* (três ocorrências), além de *descarga* e *encosto*, com uma ocorrência cada.

Na carta L106, podemos conferir, em contraste aparente, a prevalência da variante *despacho*, enquanto que a variante *feitiço* figurou em segundo lugar em números de ocorrências. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 133 - Carta L106 – questão QSL 149 (*feitiço*).



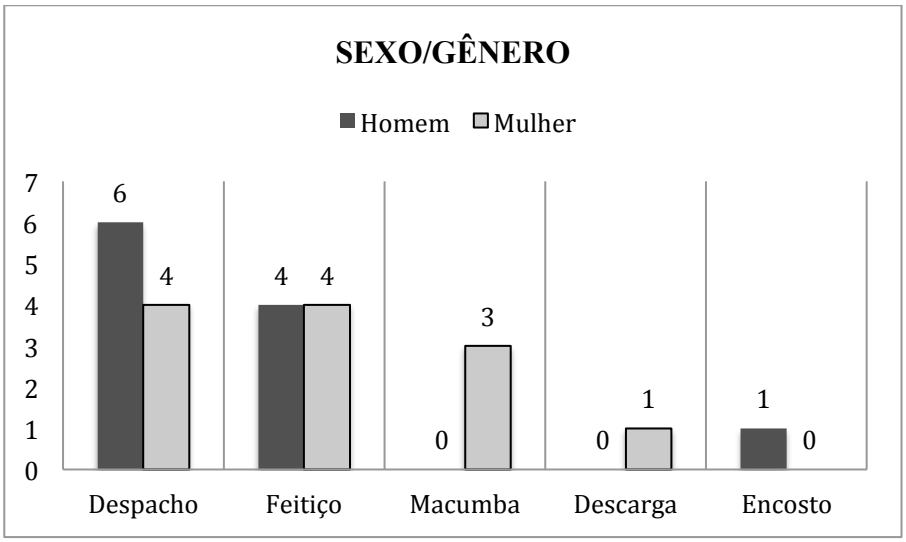
Podemos observar na carta L106 que a variante *despacho* prevaleceu nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 5 (África). Já nos pontos de inquérito 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba), tivemos a prevalência da variante *feitiço*. Os resultados mostram que em todos os seis pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma heteroléxica.

Segundo Lopes (2012, p. 152), a variante *macumba* tem origem no étimo quicongo *makumba* e tem a acepção de "cadeado ou fechadura, em função das cerimônias de fechamento de corpos".

No gráfico 134, podemos observar que a variante *despacho* prevaleceu entre os homens, com seis ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos quatro ocorrências. Já a variante *feitiço* apresentou a mesma quantidade de respostas tanto para homens quanto para mulheres (quatro ocorrências para cada sexo).

As variantes *macumba* (três ocorrências) e *descarga* (uma ocorrência) foram registradas apenas entre as mulheres, enquanto que a variante *encosto* foi utilizada uma única vez por um colaborador homem. Vejamos os resultados desta dimensão a seguir:

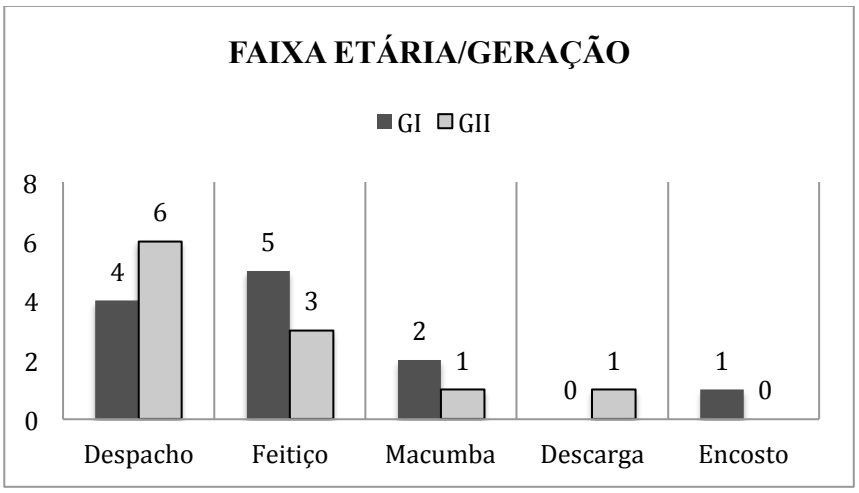
Gráfico 134 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L106 – questão QSL 149 (*feitiço*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *despacho* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com seis ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens registramos quatro respostas. Por outro lado, a variante *feitiço* prevaleceu entre os mais

jovens, com cinco ocorrências no total, perante três respostas registradas entre colaboradores os mais velhos. Vejamos os resultados:

Gráfico 135 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L106 – questão QSL 149 (*feitiço*).



No gráfico 135, podemos observar que a variante *macumba* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais jovens e teve uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos. Tivemos a variante *descarga* registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos e a variante *encosto* registrada exclusivamente por um colaborador mais jovem.

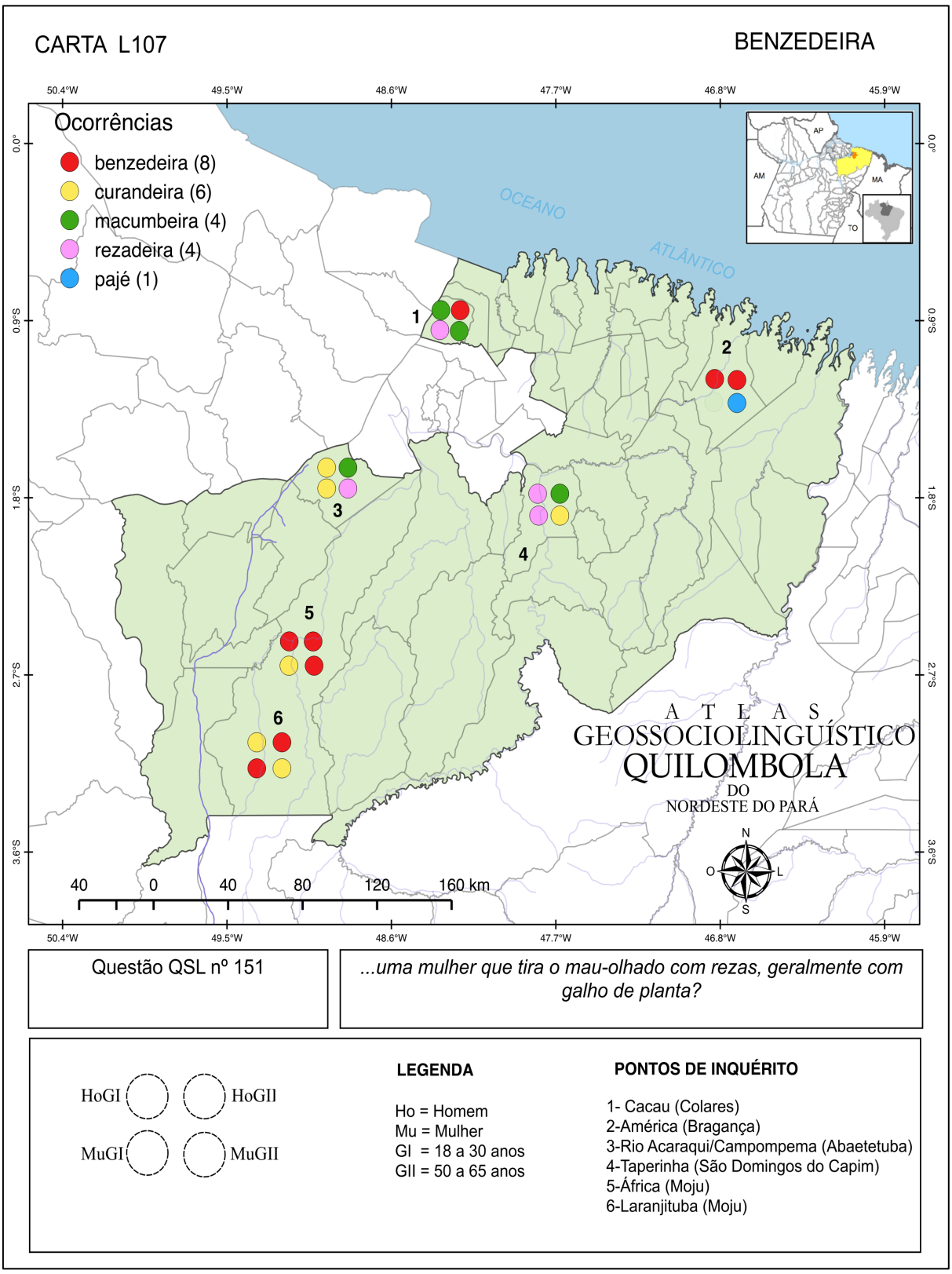
3.3.9.4 Benzedeira

...uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

A questão nº 151, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *benzedeira* (oito ocorrências), *curandeira* (seis ocorrências), *macumbeira* (quatro ocorrências), *rezadeira* (quatro ocorrências) e *pajé* (uma ocorrência).

Como podemos observar na carta L107, a variante *benzedeira* apresentou maior frequência, enquanto que a variante *curandeira* figurou em segundo lugar em termos de ocorrências. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 134 - Carta L107 – questão QSL 151 (*benzedeira*).

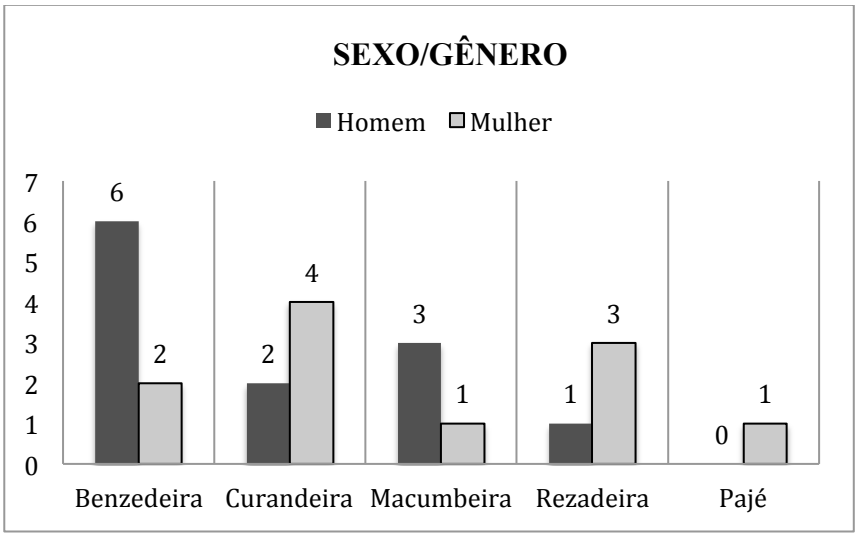


Na carta L107, podemos observar que a variante *benzedeira* prevaleceu em apenas 2 pontos de inquérito, a saber: ponto 2 (América) e ponto 5 (África), já no ponto 6 (Laranjituba) tivemos as variantes *benzedeira* e *curandeira* com a mesma quantidade de respostas (2 para cada variante). No ponto de inquérito 1 (Cacau) prevaleceu a variante *macumbeira*, enquanto que no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos a prevalência da variante *curandeira* e no ponto de inquérito 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *rezadeira.* Em todos os seis pontos de inquérito tivemos a ocorrência da norma heteroléxica.

Do ponto de vista diassexual, a variante *benzedeira* prevaleceu entre os homens, com seis ocorrências, enquanto que entre as mulheres registramos duas respostas para esta mesma variante. Por outro lado, a variante *curandeira* prevaleceu entre as mulheres, com quatro ocorrências no total, ante duas respostas registradas entre os homens.

A variante *macumbeira* prevaleceu entre os homens (três ocorrências), diante de uma única resposta registrada entre as mulheres, enquanto que a variante *rezadeira* prevaleceu entre as mulheres (três ocorrências) e entre os homens tivemos uma única ocorrência para esta variante. Também tivemos a variante *pajé* registrada exclusivamente entre as mulheres, com uma única ocorrência. Vejamos os resultados completos no gráfico 136:

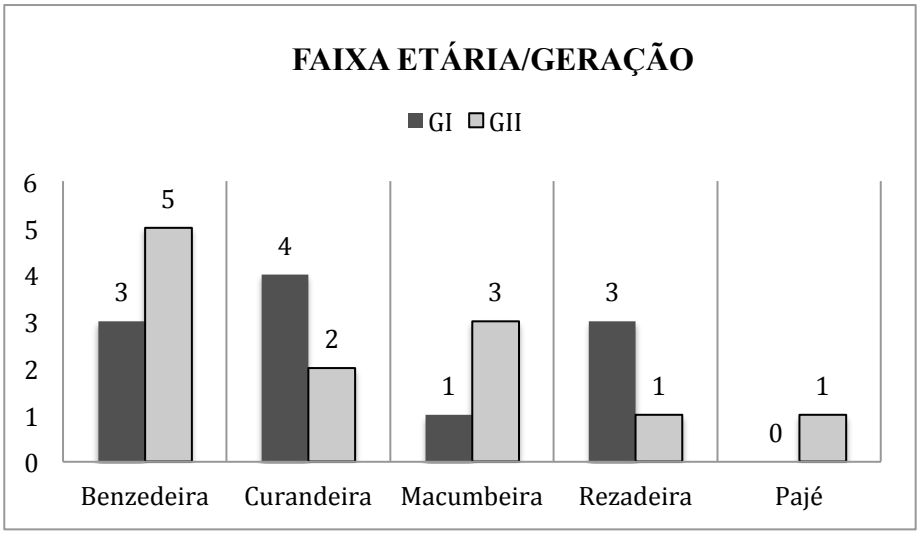
Gráfico 136 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L107 – questão QSL 151 (*benzedeira*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *benzedeira* prevalecendo entre os mais velhos, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens tivemos três respostas. Já a variante *curandeira* prevaleceu entre os mais jovens, com quatro ocorrências,

ante duas ocorrências registradas entre os mais velhos. Vejamos os resultados completos no gráfico 137:

Gráfico 137 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L107 – questão QSL 151 (*benzedeira*).



No gráfico 137, também é possível observar que a variante *macumbeira* apresentou três ocorrências entre os colaboradores mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens, enquanto que a variante *rezadeira* apresentou três ocorrências entre os mais jovens e uma única ocorrência entre os colaboradores mais velhos. Por fim, tivemos a variante *pajé* registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

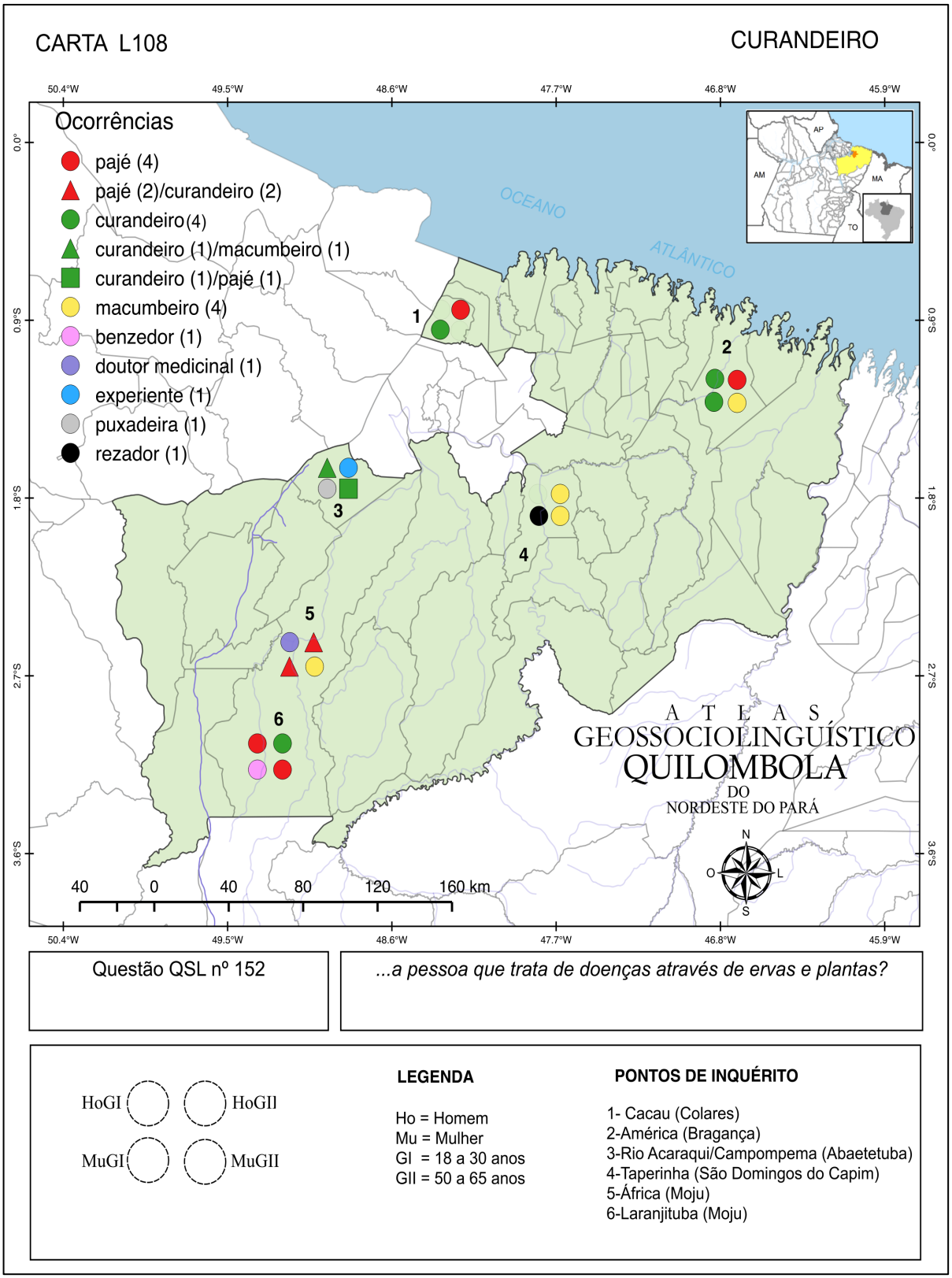
3.3.9.5 Curandeiro

...a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

A questão nº 125, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *curandeiro* (oito ocorrências), *pajé* (sete ocorrências), *macumbeiro* (cinco ocorrências), além de *benzedor*, *puxadeira*, *rezador*, *experiente* e *doutor medicinal*, com uma ocorrência cada.

Esta questão apresentou elevado número de respostas distintas (oito no total), dentre as quais, prevaleceram as variantes *curandeiro* e *pajé*. Vejamos, na carta L108, os resultados completos:

Imagem 135 - Carta L108 – questão QSL 152 (*curandeiro*).

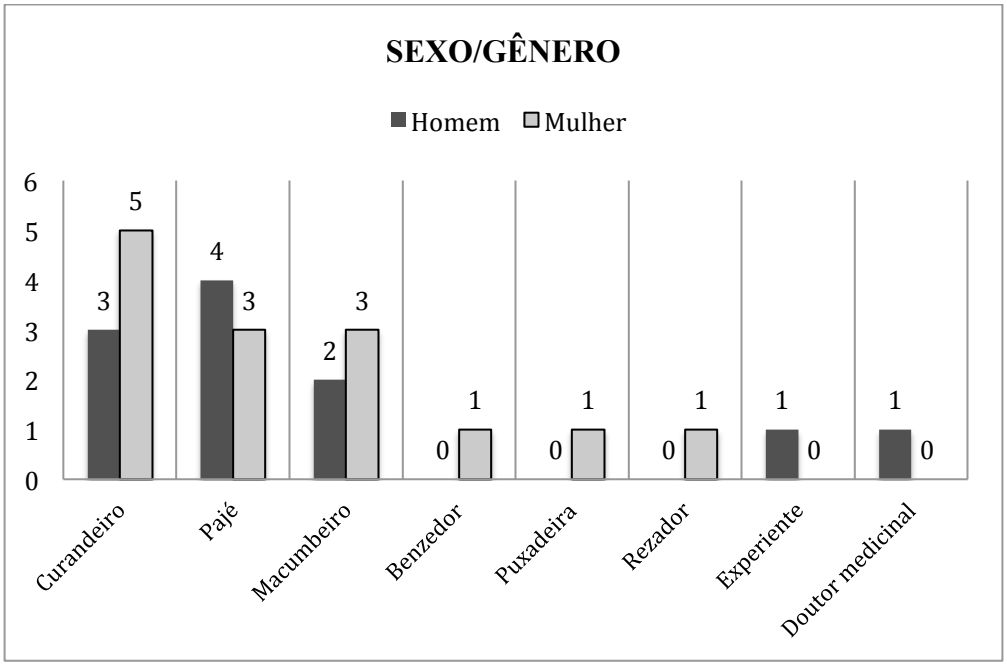


Como podemos observar na carta L108, a variante *curandeiro* ocorreu nos pontos 1 (Cacau), 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba), e prevaleceu nos pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África). No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos as variantes *pajé* e *curandeiro* com a mesma quantidade de ocorrências, enquanto que no ponto de inquérito 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *macumbeiro* e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *pajé*. Também é possível constatar a prevalência de normas heteroléxicas em todos os seis pontos de inquérito.

No gráfico 138, podemos observar a variante *curandeiro* prevalecendo entre as mulheres, com cinco ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos três respostas. Já a variante *pajé* teve quatro ocorrências entre os homens e três ocorrências entre as mulheres. A variante *macumbeiro* apresentou três ocorrências entre as mulheres e duas ocorrências entre os homens.

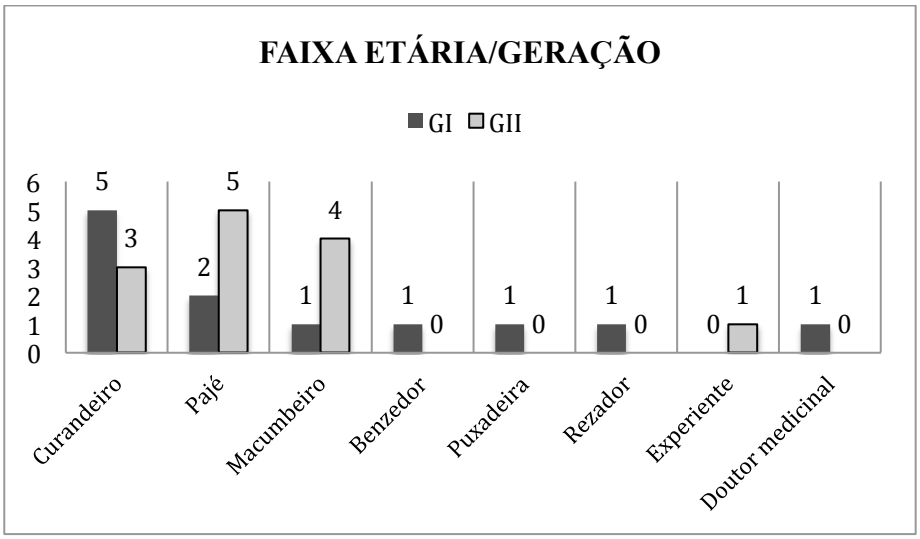
Registramos também as variantes *benzedor*, *puxadeira* e *rezador*, exclusivamente entre as mulheres, com uma ocorrência cada, e as variantes *experiente* e *doutor medicinal* respondidas exclusivamente por homens, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 138 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L108 – questão QSL 152 (*curandeiro*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *curandeiro* prevaleceu entre os mais jovens, com cinco ocorrências no total e três ocorrências entre os colaboradores mais velhos. Por outro lado, a variante *pajé* prevaleceu entre os mais velhos, com cinco ocorrências no total, ante duas respostas registradas entre os mais jovens. Vejamos os resultados completos no gráfico 139:

Gráfico 139 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L108 – questão QSL 152 (*curandeiro*).



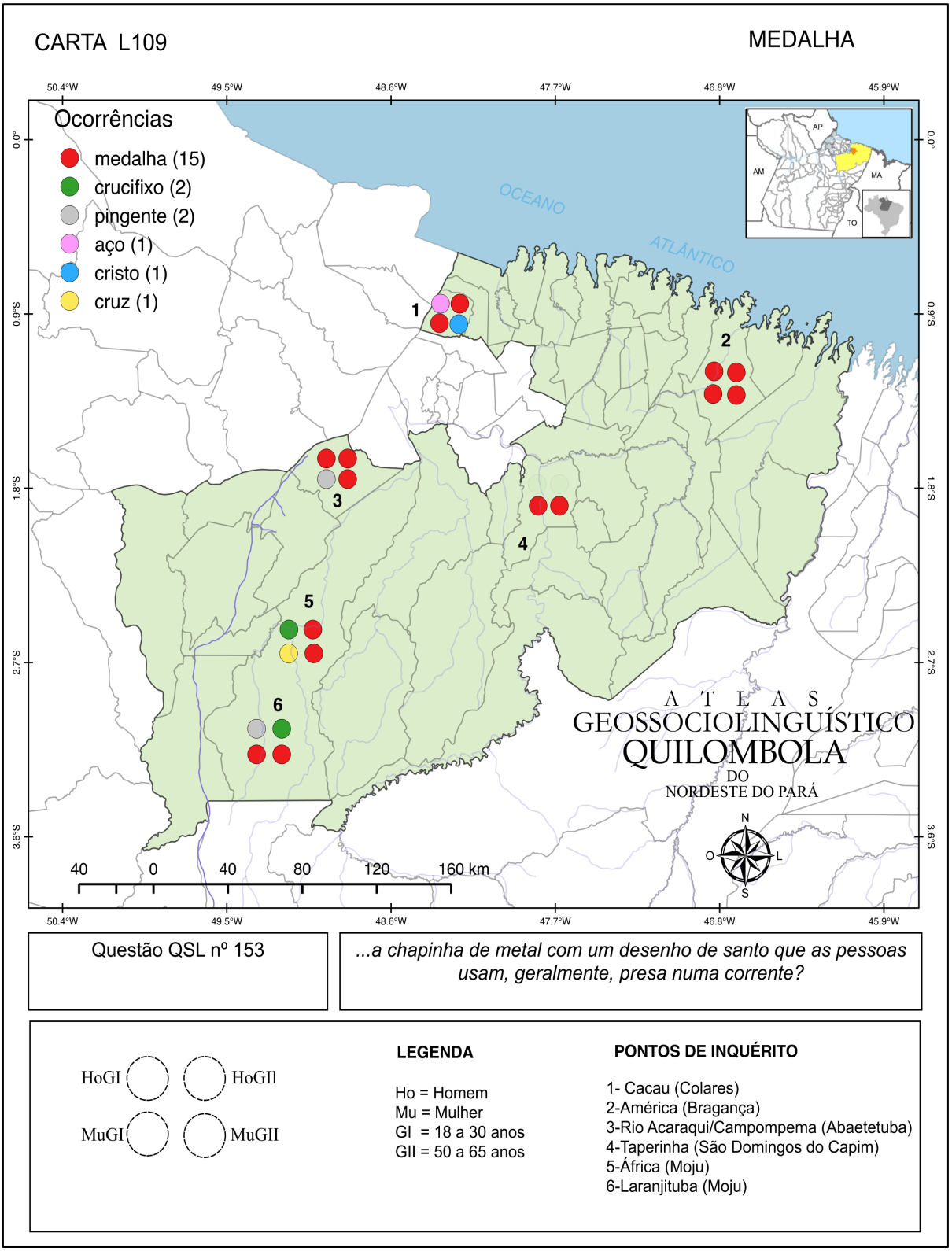
Também tivemos a variante *macumbeiro*, com quatro ocorrências entre os colaboradores mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens. As variantes *benzedor*, *puxadeira*, *rezador* e *doutor medicinal* foram registradas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, enquanto que entre os mais velhos tivemos exclusivamente a variante *experiente*.

3.3.9.6 Medalha

...a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

A questão nº 153, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *medalha* (quinze ocorrências), *crucifixo* (duas ocorrências), *pingente* (duas ocorrências), além de *cruz*, *aço* e *cristo*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L109, a prevalência da variante *medalha* diante das demais respostas mapeadas:

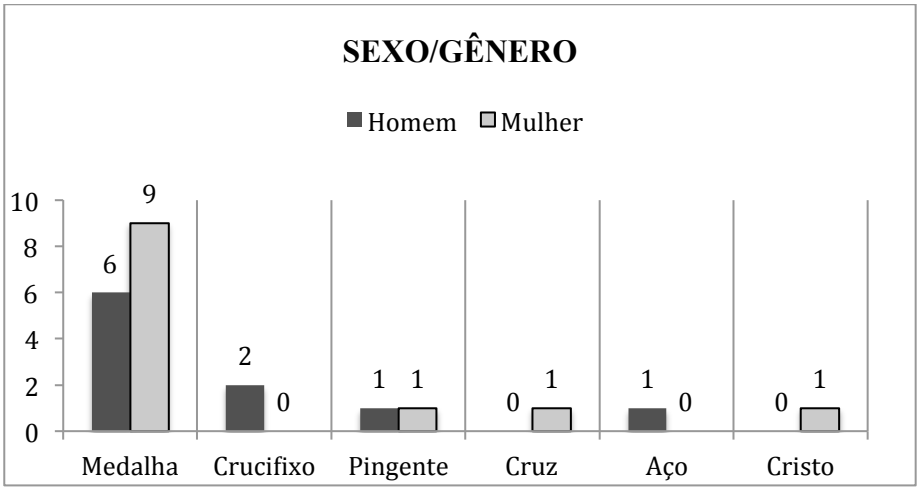
Imagem 136 - Carta L109 – questão QSL 153 (*medalha*).



Na carta L109, podemos observar que a variante *medalha* prevaleceu em todos os seis pontos de inquérito, de modo que nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 5 (África) tivemos elevada variação, com três variantes distintas cada, a saber: *medalha*, *crucifixo* e *cristo*, no ponto 1 (Cacau), e *medalha*, *crucifixo* e *cruz*, no ponto 5 (África). Os resultados mostram que apenas os pontos de inquérito 2 (América) e 4 (Taperinha) apresentaram norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

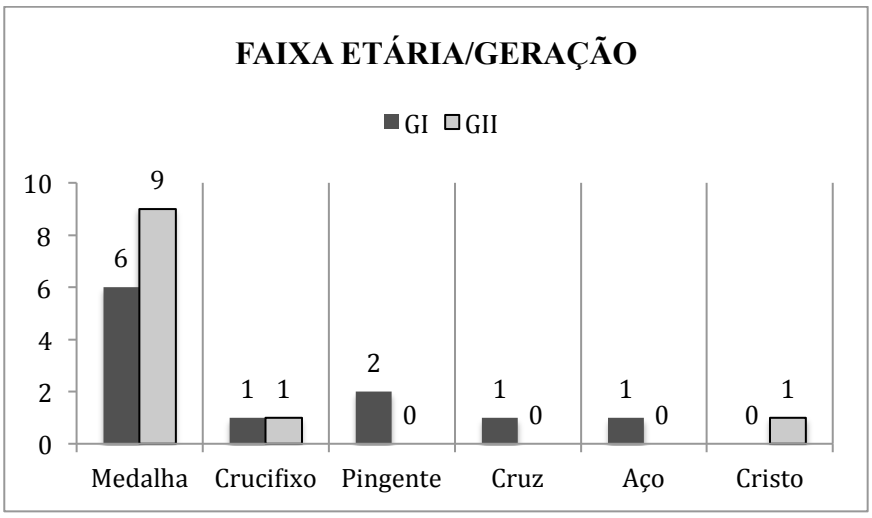
Os resultados diassexuais dispostos no gráfico 140 mostram a variante *medalha* prevalecendo entre as mulheres, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos seis respostas. Já variante *pingente* apresentou uma ocorrência para cada sexo. Também tivemos variantes exclusivas entre os homens: *crucifixo* (duas ocorrências) e *aço* (uma ocorrência) e variantes registradas apenas entre as mulheres (*cruz* e *cristo*, com uma ocorrência cada). Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 140 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L109 – questão QSL 153 (*medalha*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *medalha* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens registramos seis ocorrências. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 141 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L109 – questão QSL 153 (*medalha*).



No gráfico 141, podemos visualizar a variante *crucifixo* com uma ocorrência para cada geração, portanto, sem variação diageracional. Já as variantes *pingente* (duas ocorrências), *cruz* (uma ocorrência) e *aço* (uma ocorrência) foram utilizadas apenas por colaboradores mais jovens e a variante *cristo* foi registrada exclusivamente entre os mais velhos, com uma única ocorrência.

3.3.10 Jogos e diversões infantis

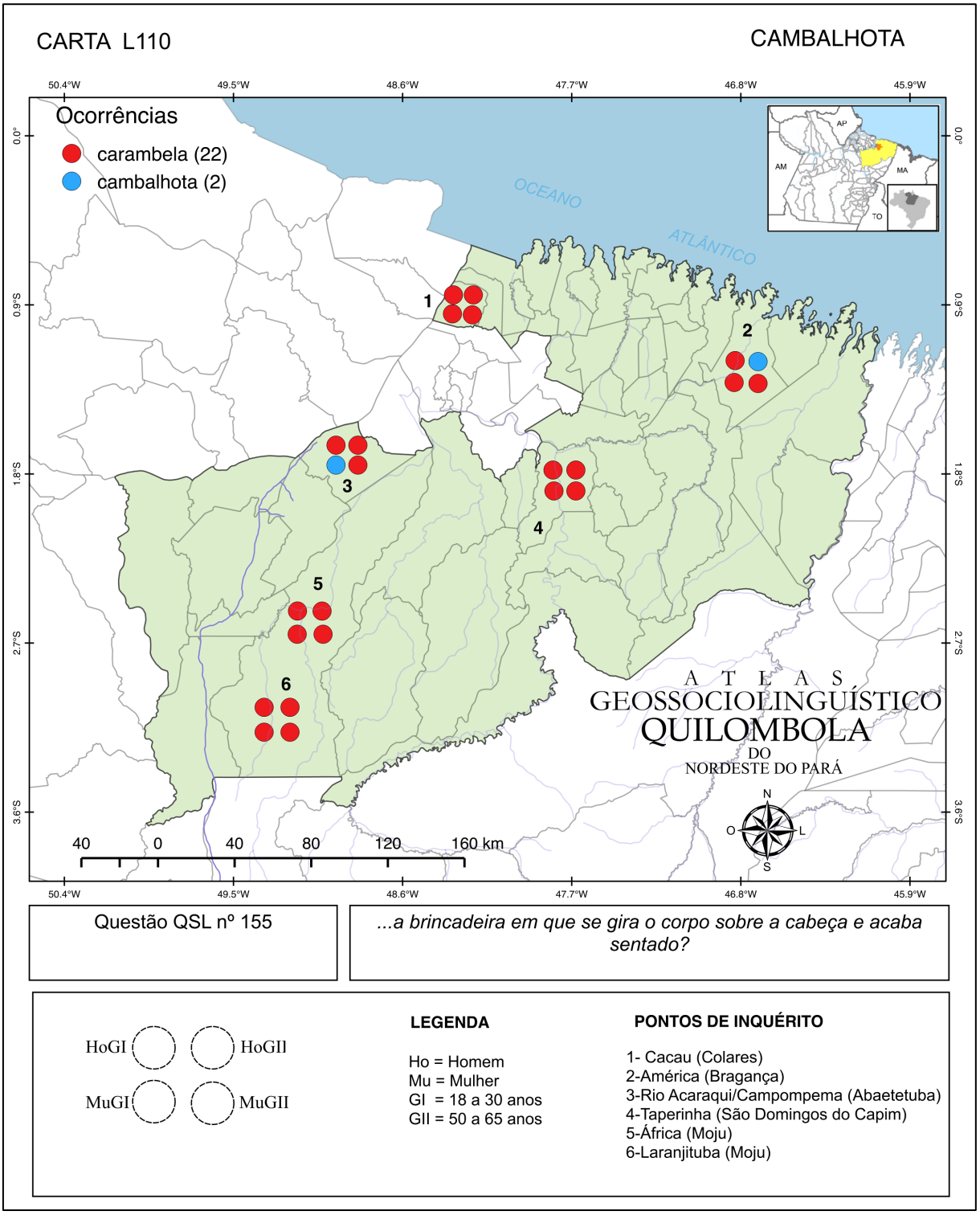
O campo semântico *jogos e diversões infantis* é composto por treze questões relacionadas a brincadeiras de rua (*cabra*-cega, *pega-pega*, *esconde-esconde*, etc.), brinquedos (*bolinha de gude*, *baladeira*, *pipa*, *etc.*) e demais diversões infanto-juvenis (*amarelinha*, *gangorra*, *balanço*, *etc.*). A seguir, apresentaremos as sete cartas selecionadas neste campo semântico:

3.3.10.1 Cambalhota

...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?

A questão nº 155, do QSL, apresentou apenas duas variantes no AGQUINPA, a saber: *carambela* (vinte e duas ocorrências) e *cambalhota* (duas ocorrências). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 137 - Carta L110 – questão QSL 155 (*cambalhota*).



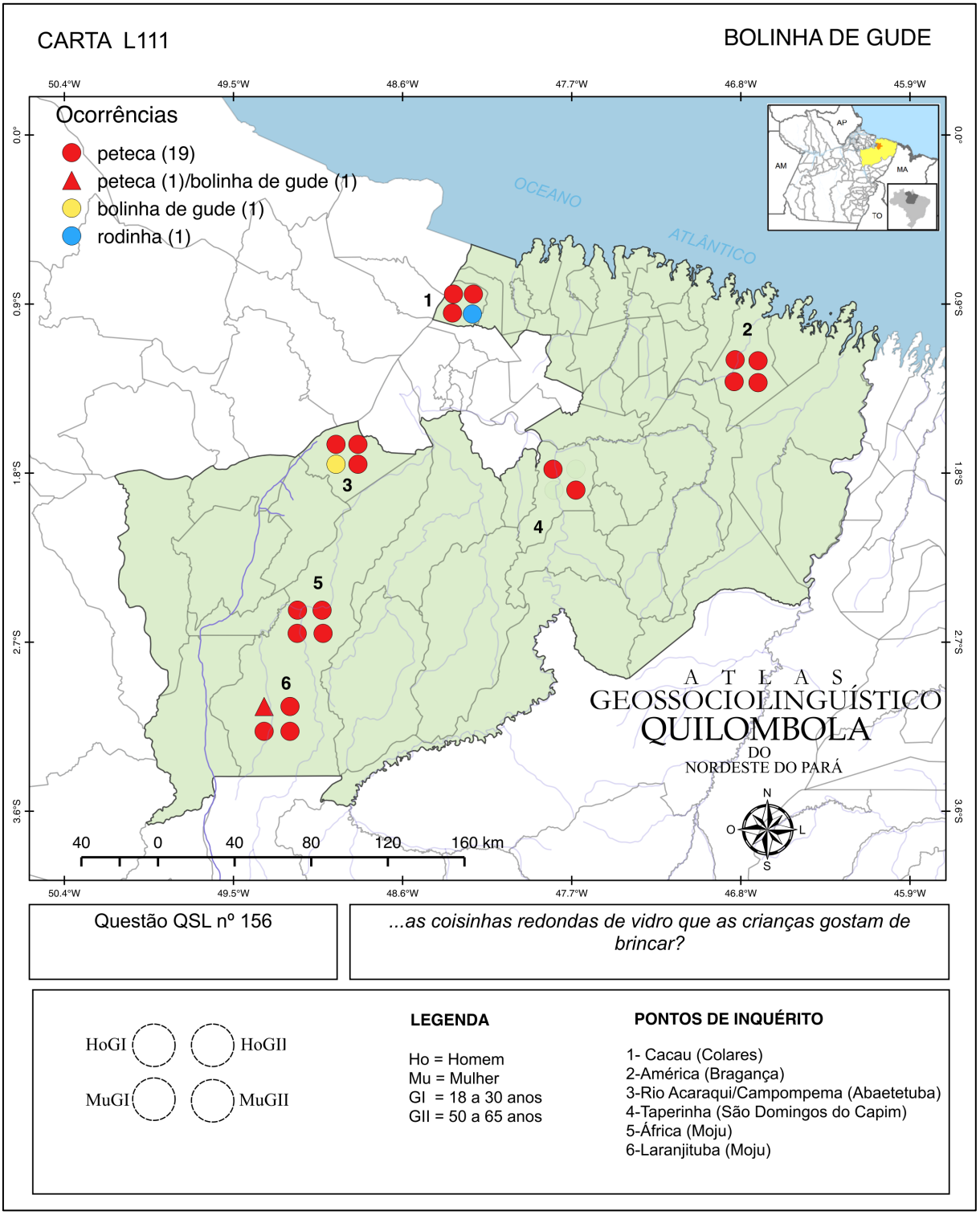
Como podemos observar na carta L110, a variante *carambela* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades pesquisadas. Nos pontos 1 (Cacau), 4 (Taperinha), 5 (África) e 6 (Laranjituba), tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que no ponto de inquérito 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos o registro da variante *cambalhota*, exclusivamente entre os homens da geração mais velha no ponto 2 (América) e entre as mulheres da geração mais jovem no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema).

3.3.10.2 Bolinha de gude

...as coisinhas redondas de vidro que as crianças gostam de brinca?

A questão nº 156, do QSL, apresentou três variantes no AGQUINPA, a saber: *peteca* (vinte ocorrências), *bolinha de gude* (duas ocorrências) e *rodinha* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L111, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 138 - Carta L111 – questão QSL 156 (*bolinha de gude*).



A variante *peteca* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades. Nos pontos 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba), tivemos a presença de norma monoléxica. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos a ocorrência da variante *rodinha*, exclusivamente entre as mulheres da geração II, no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Taperinha) registramos a variante *bolinha de gude* na fala de uma mulher da geração mais jovem e, por fim, na comunidade Laranjituba (ponto de inquérito 6) registramos a variante *bolinha de gude* uma única vez na fala de um homem da geração mais jovem.

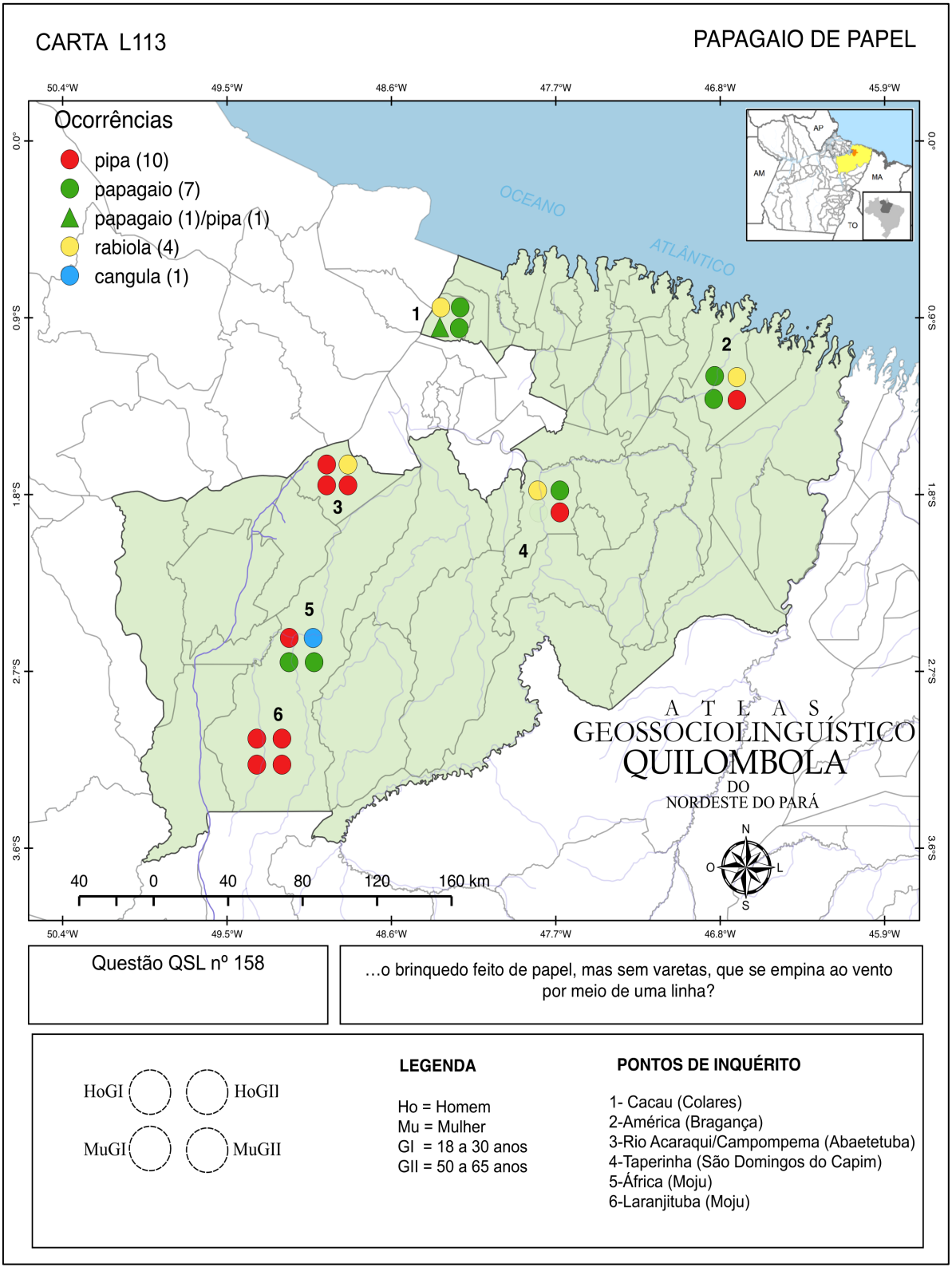
3.3.10.3 Papagaio de papel

E um brinquedo parecido com a pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

A questão nº 158, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *pipa* (onze ocorrências), *papagaio* (oito ocorrências), *rabiola* (quatro ocorrências) e *cangula* (uma ocorrência).

Como podemos observar na carta L113, a variante *pipa* apresentou maior ocorrência entre os dados do AGQUINPA, enquanto que a variante *papagaio* figurou em segundo lugar em termos de frequência. Vejamos os resultados completos a seguir:

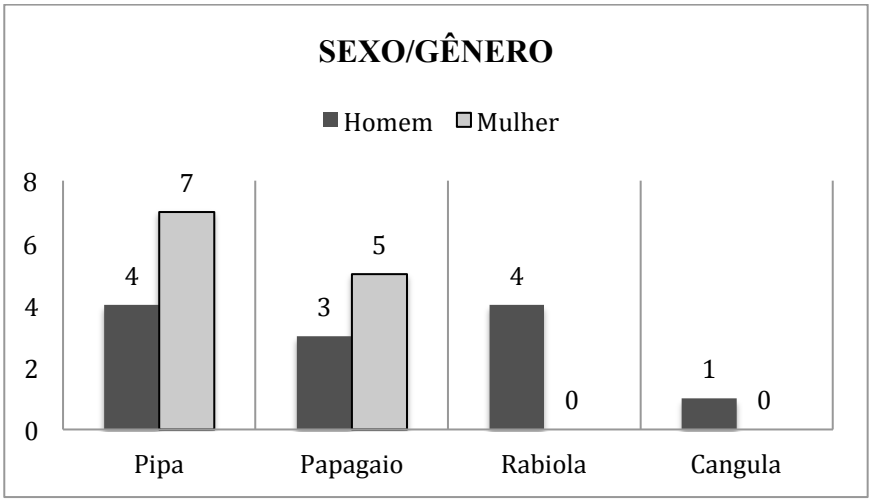
Imagem 139 - Carta L113 – questão QSL 158 (*papagaio de papel*).



Podemos observar, na carta L113, que a variante *pipa* prevaleceu em dois dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 6 (Laranjituba). Já a variante *papagaio* teve maior ocorrência em três dos seis pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América) e ponto 5 (África). No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos três variantes distintas registradas (*pipa*, *papagaio* e *rabiola*), porém nenhuma prevaleceu na comunidade. Os resultados também mostram que apenas o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou norma monoléxica, ao contrário dos demais pontos de inquérito, nos quais prevaleceu a norma heteroléxica.

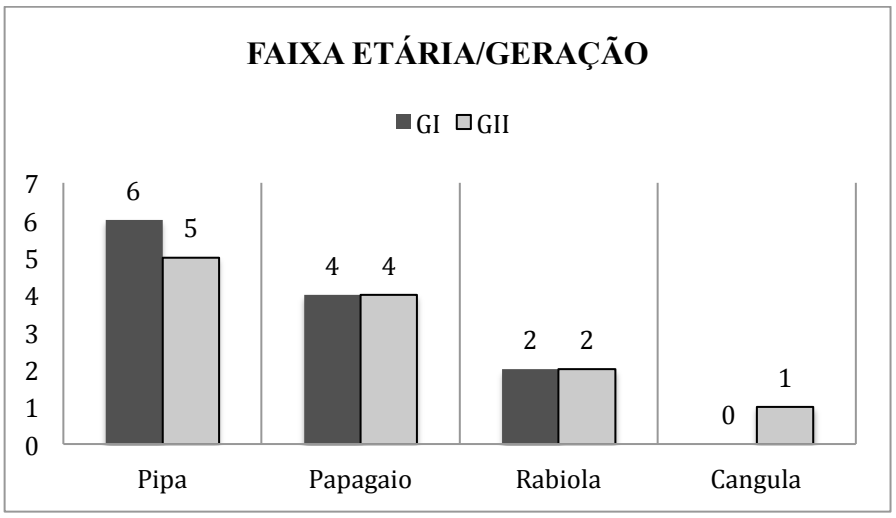
Os resultados diassexuais mostraram a variante *pipa* prevalecendo entre as mulheres, com sete ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos quatro respostas. A variante *papagaio* também prevaleceu entre as mulheres, com cinco ocorrências no total, ante três respostas registradas entre os homens. Também mapeamos a variante *rabiola*, registrada exclusivamente entre os homens, com quatro ocorrências no total, assim como a variante *cangula*, com uma única ocorrência apenas entre os homens. Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

Gráfico 142 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L113 – questão QSL 158 (*papagaio de papel*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *pipa* apresentou seis ocorrências entre os colaboradores mais jovens e cinco ocorrências entre os colaboradores mais velhos, portanto, sem variação diageracional significativa. Vejamos os resultados:

Gráfico 143 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L113 – questão QSL 158 (*papagaio de papel*).



No gráfico 143, podemos observar que a variante *papagaio* apresentou a mesma quantidade de respostas tanto entre os colaboradores mais jovens quanto entre os colaboradores mais velhos, com quatro ocorrências para cada geração. Com a variante *rabiola* tivemos resultado semelhante, pois foram registradas duas ocorrências tanto entre os mais jovens quanto entre os mais velhos, enquanto que a variante *cangula* teve uma única resposta exclusivamente entre os mais velhos.

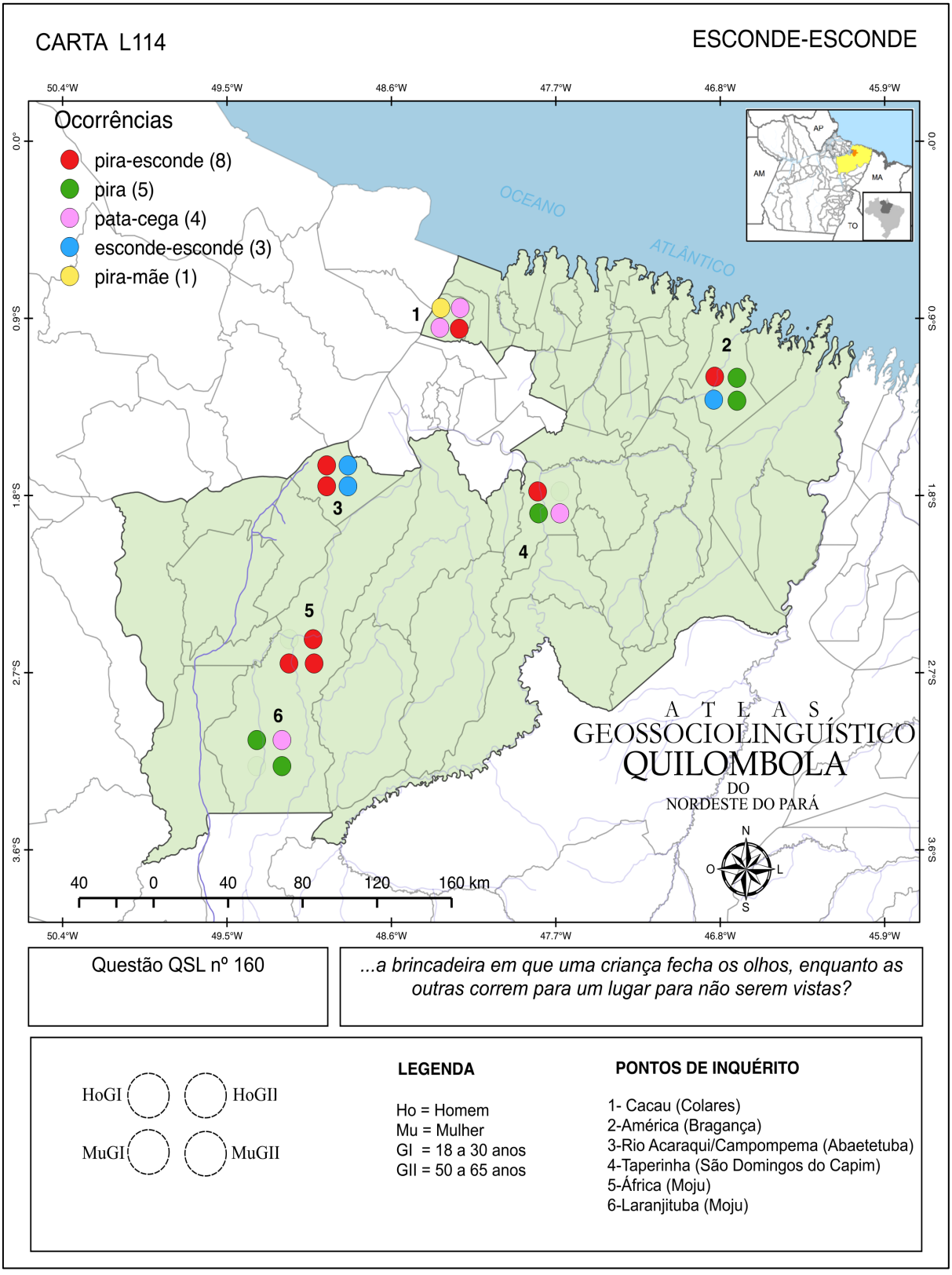
3.3.10.4 Esconde-esconde

...a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

A questão nº 160, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *pira-esconde* (oito ocorrências), *pira* (cinco ocorrências), *pata-cega* (quatro ocorrências), *esconde-esconde* (três ocorrências) e *pira-mãe*, com uma única ocorrência.

Para esta questão prevaleceu a variante *pira-esconde*, como podemos visualizar na carta L114:

Imagem 140 - Carta L114 – questão QSL 160 (*esconde-esconde*).

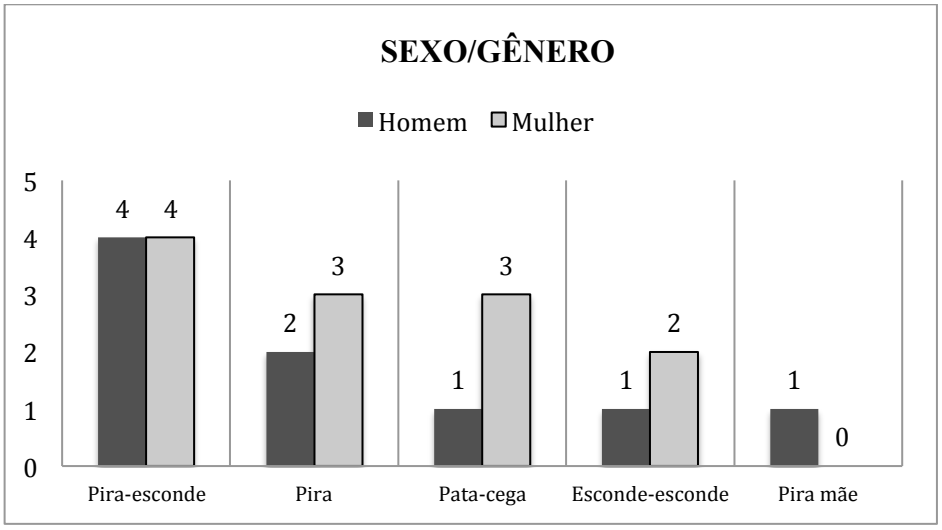


Na carta L114, é possível observar a variante *pira-esconde* prevalecendo apenas no ponto de inquérito 5 (África), enquanto que no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos as variantes *pira-esconde* e *esconde-esconde* com a mesma quantidade de ocorrências (2 respostas para cada variante). Nos pontos de inquérito 2 (América) e 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *pira* e no ponto de inquérito 1 (Cacau) prevaleceu a variante *pata-cega*. Por fim, no ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro de três variantes distintas (*pira-esconde*, *pira* e *pata-cega*), porém, nenhuma das variantes prevaleceu nesta comunidade. Apenas o ponto de inquérito 5 (África) apresentou norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

No gráfico 144, podemos observar que a variante *pira-esconde* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (quatro ocorrências para cada sexo). Já a variante *pira* apresentou três ocorrências entre as mulheres e duas ocorrências entre os homens, enquanto que a variante *pata-cega* teve três respostas entre as mulheres e uma única resposta entre os homens.

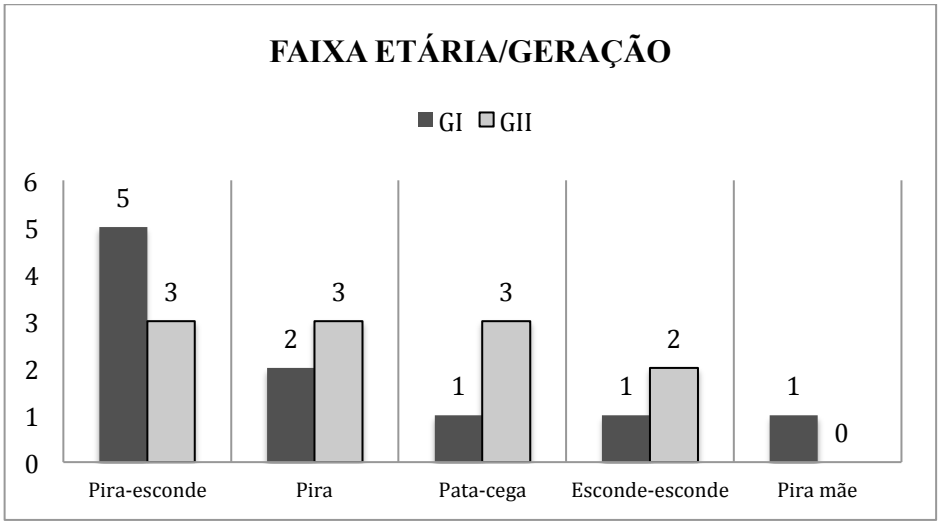
Também tivemos a variante *esconde-esconde* com duas respostas entre as mulheres e apenas uma resposta entre os homens, enquanto que a variante *pira-mãe* teve uma única resposta registrada entre os homens. Vejamos os resultados completos a seguir:

Gráfico 144 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L114 – questão QSL 160 (*esconde-esconde*).



Levando em consideração a dimensão diageracional, tivemos a variante *pira-esconde* prevalecendo entre os mais jovens, com cinco respostas no total, ante três ocorrências registradas entre os mais velhos. Por outro lado, a variante *pira* teve três ocorrências entre os mais velhos e duas ocorrências entre os jovens. Vejamos os resultados no gráfico 145:

Gráfico 145 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L114 – questão QSL 160 (*esconde-esconde*).



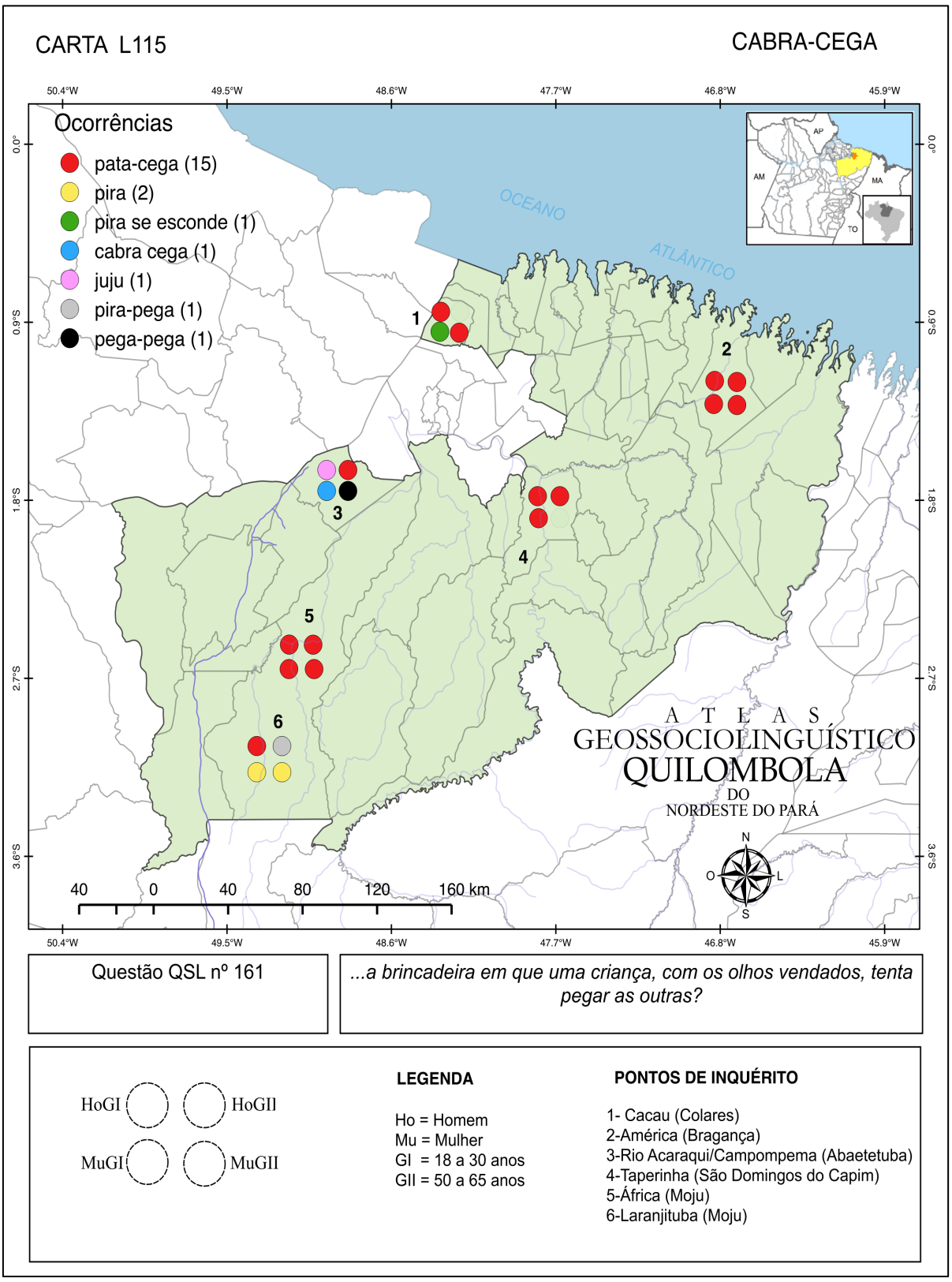
Também tivemos o registro da variante *pata-cega* com três respostas entre os mais velhos e apenas uma resposta entre os jovens, assim como a variante *esconde-esconde*, com duas ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os mais jovens. Por fim, a variante *pira-mãe* foi registrada exclusivamente entre os mais jovens.

3.3.10.5 Cabra-cega

...a brincadeira em que uma criança com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

A questão nº 161, do QSL, apresentou o seguinte rol de variantes: *pata-cega* (quinze ocorrências), *pira* (duas ocorrências), além de *pira se esconde*, *cabra-cega*, *juju*, *pira-pega* e *pega-pega*, com uma resposta cada. Na carta L115, podemos observar a prevalência da variante *pata-cega* diante das demais respostas. Vejamos os resultados:

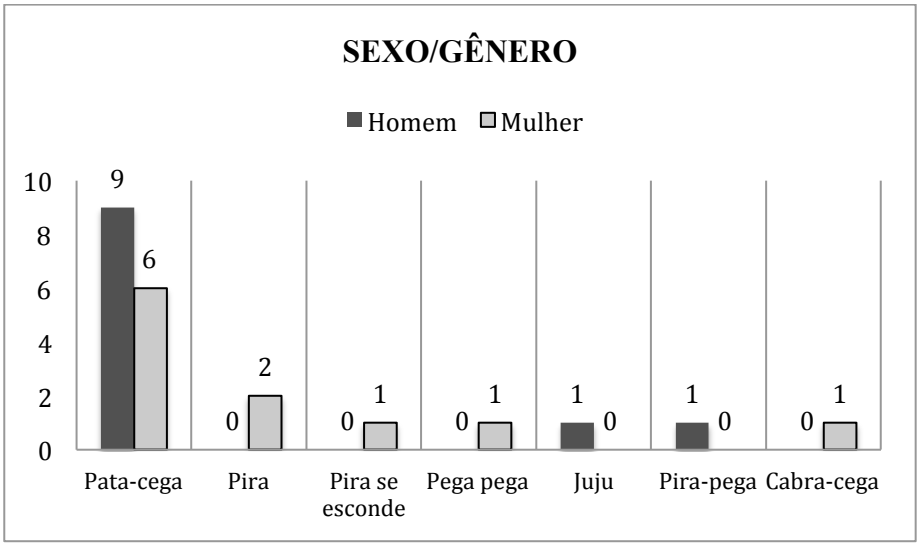
Imagem 141 - Carta L115 – questão QSL 161 (*cabra-cega*).



Como podemos perceber na carta L115, a variante *pata-cega* prevaleceu em quatro dos seis pontos de inquérito do AGQUINPA, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 4 (Taperinha) e ponto 5 (África), enquanto que no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *pira*. Dentre os pontos de inquérito, destacamos o ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) em que tivemos quatro variantes distintas (*pata-cega*, *juju*, *cabra cega* e *pega-pega*), das quais nenhuma prevaleceu na comunidade. Os pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 6 (Laranjituba) apresentaram norma heteroléxica, enquanto que nos pontos 2 (América), 4 (Taperinha) e 5 (África) tivemos a ocorrência da norma monoléxica.

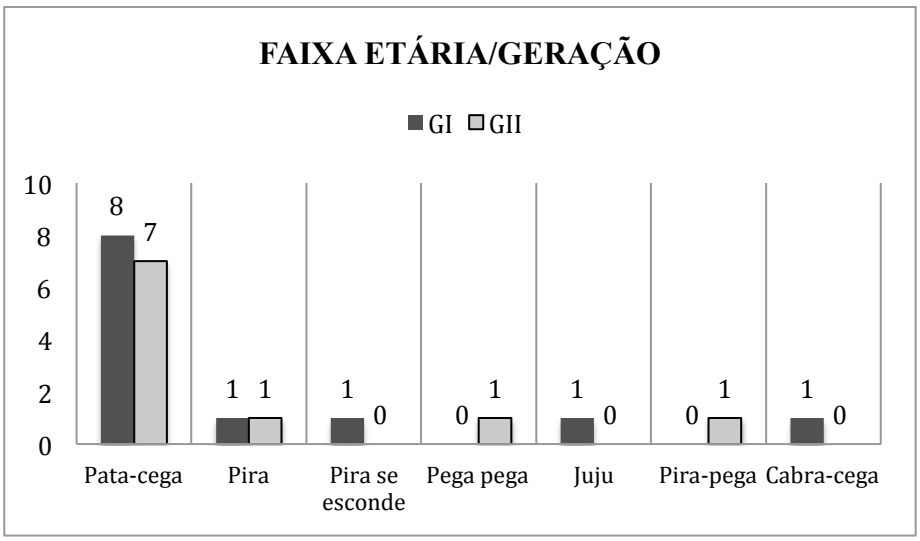
Como podemos no gráfico 146, a variante *pata-cega* prevaleceu entre os homens, com nove respostas no total, ante seis ocorrências registradas entre as mulheres. Também tivemos variantes registradas exclusivamente entre as mulheres: *pira* (duas ocorrências), *pega-pega* (uma ocorrência), *pira se esconde* (uma ocorrência) e *cabra-cega* (uma ocorrência), assim como variantes exclusivas entre os homens: *juju* e *pira-pega*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados:

Gráfico 146 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L115 – questão QSL 161 (*cabra-cega*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *pata-cega* apresentou oito ocorrências entre os colaboradores mais jovens e sete ocorrências entre os mais velhos, portanto, tivemos pouca diferença estatística entre as duas gerações. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 147 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L115 – questão QSL 161 (*cabra-cega*).



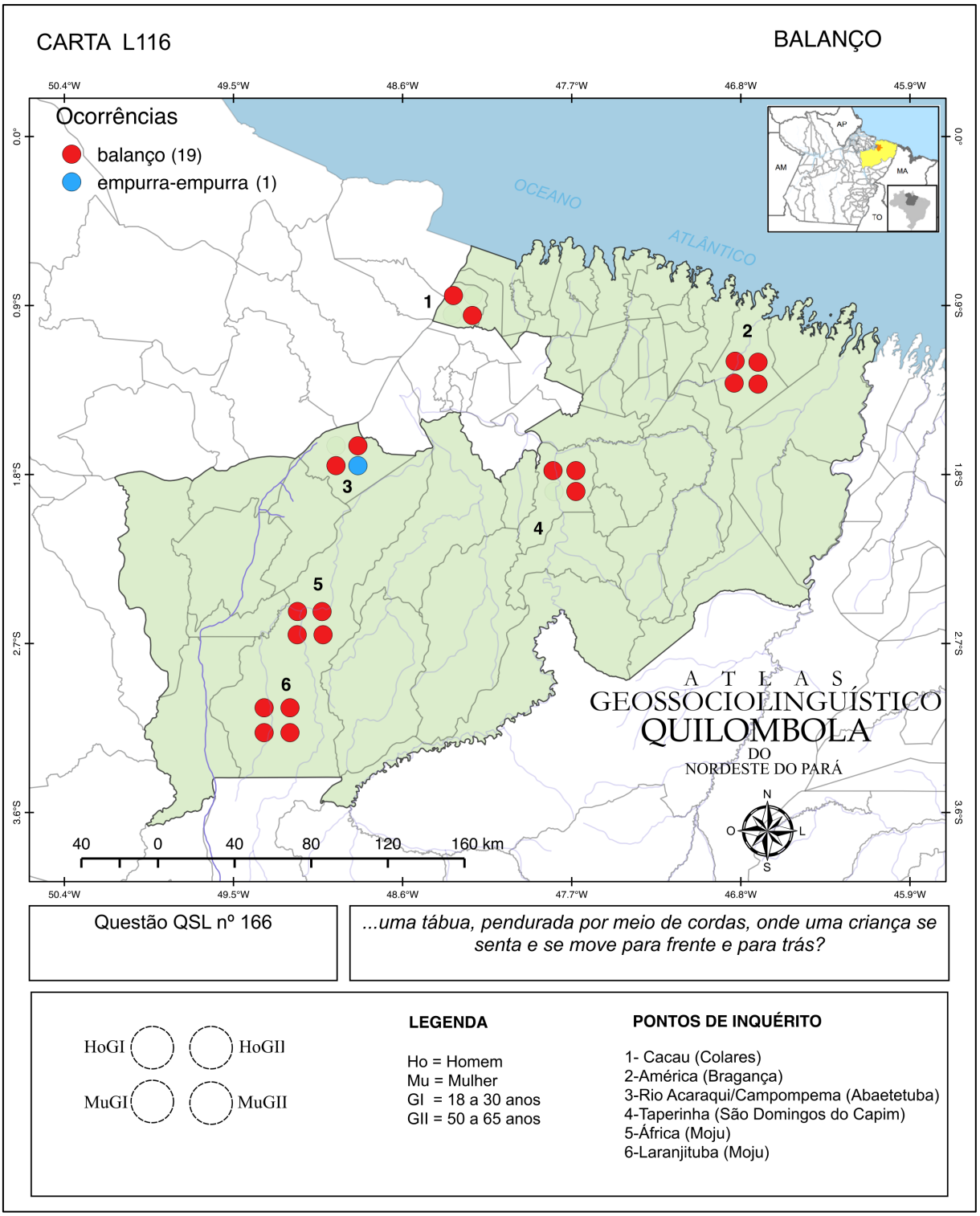
Registramos também as variantes *pira se esconde*, *juju* e *cabra-cega*, utilizadas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, com uma ocorrência cada. Já entre os colaboradores mais velhos, tivemos com exclusividade as variantes *pega pega* e *pira-pega*, com uma ocorrência cada. Por fim, registramos a variante *pira* com uma única ocorrência para cada geração.

3.3.10.6 Balanço

...uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?

A questão nº 166, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *balanço* (dezenove ocorrências) e *empurra-empurra* (uma ocorrência). Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L116:

Imagem 142 - Carta L116 – questão QSL 166 (*balanço*).



Na carta L116, podemos observar a ocorrência e prevalência da variante *balanço* em todos os pontos de inquérito, o que evidencia a norma monoléxica na região. No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), tivemos o registro da variante *empurra-empurra*, exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais velha.

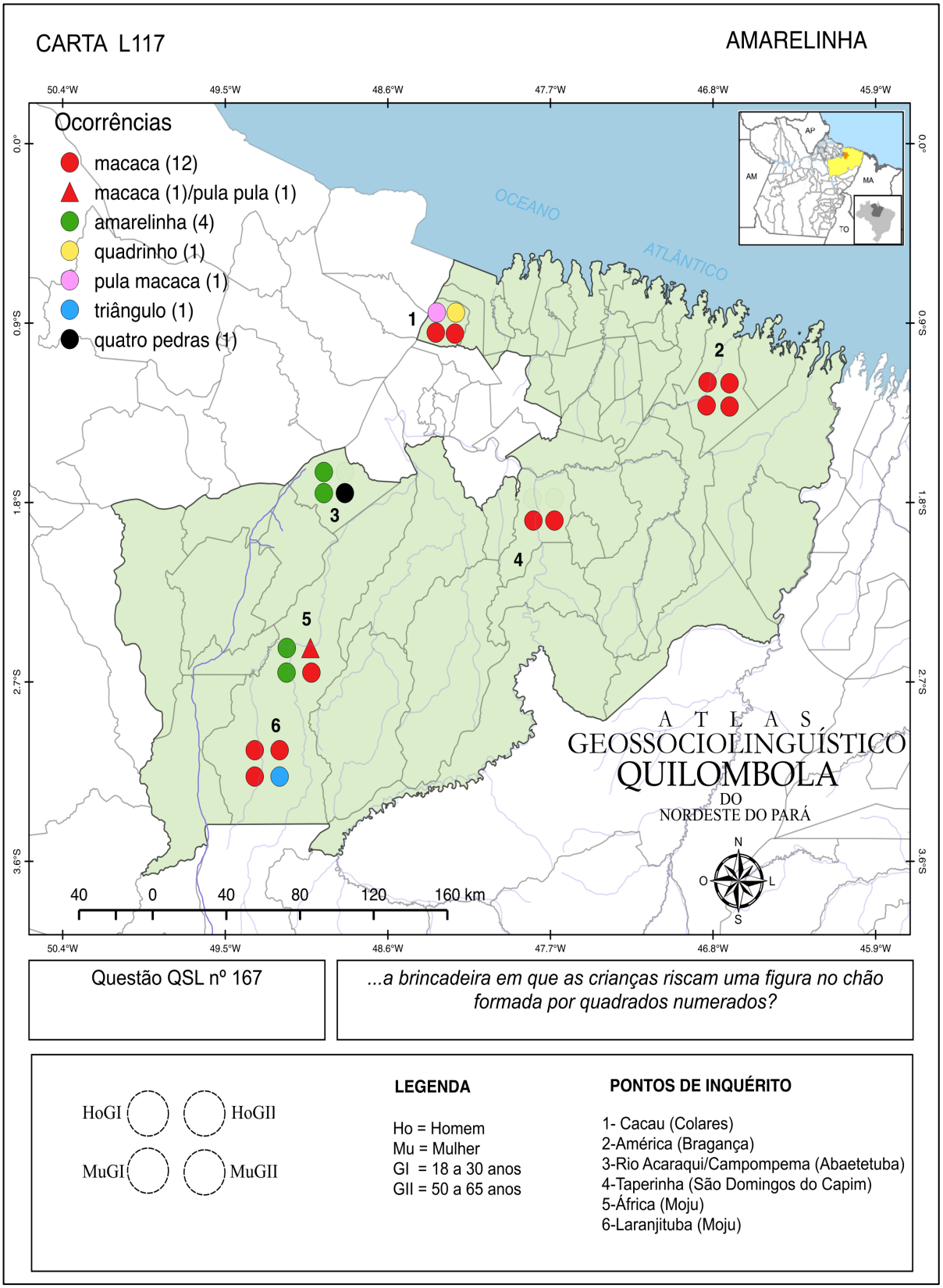
3.3.10.7 Amarelinha

...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?

A questão nº 167, do AGQUINPA, apresentou as seguintes variantes: *macaca* (treze ocorrências), *amarelinha* (quatro ocorrência), além de *pula pula*, *pula macaca*, *quadrinho*, *triângulo* e *quatro pedras*, com uma ocorrência cada.

A variante *macaca* prevaleceu na região diante das demais variantes, o que pode ser conferido na carta L117:

Imagem 143 - Carta L117 – questão QSL 167 (*amarelinha*).

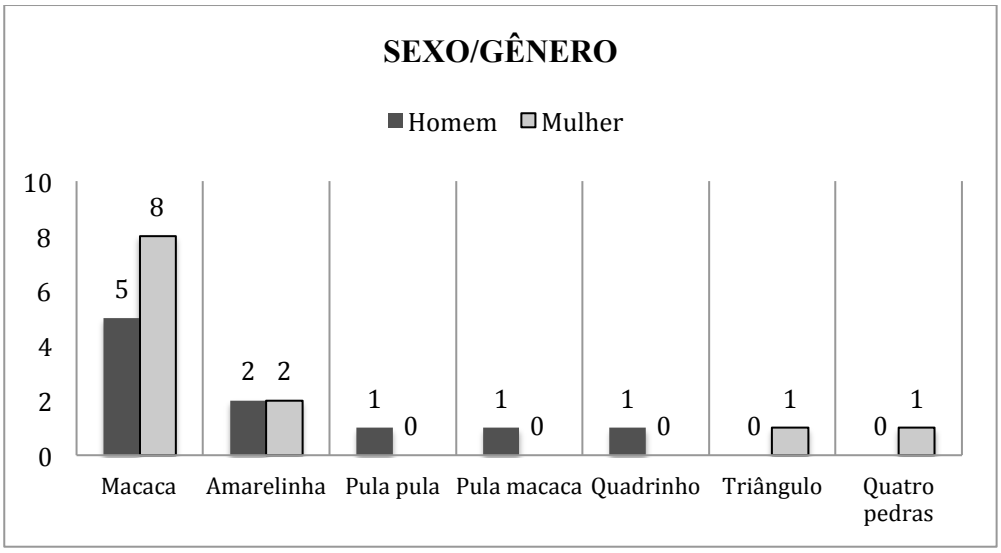


Como podemos observar na carta L117, a variante *macaca* prevaleceu em quatro dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 4 (Taperinha) e ponto 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *amarelinha*, enquanto que no ponto 5 (África) tivemos o registro de três variantes distintas (*amarelinha*, *macaca* e *pula pula*), porém, nenhuma delas prevaleceu na comunidade. O ponto de inquérito 1 (Cacau) também apresentou três variantes distintas (*macaca*, *pula macaca* e *quadrinho*), com a prevalência da variante *macaca*. Apenas nos pontos 2 e 4 tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nas demais localidades prevaleceu a norma heteroléxica.

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *macaca* prevalecendo entre as mulheres, com oito ocorrências no total, ante cinco respostas registradas entre os homens. Já a variante *amarelinha* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres, com duas respostas cada.

Também tivemos variantes registradas exclusivamente entre os homens, a saber: *pula pula*, *pula macaca* e *quadrinho*, com uma ocorrência cada. Entre as mulheres registramos exclusivamente as variantes *triângulo* e *quatro pedras*, com uma ocorrência cada. Vejamos os resultados completos a seguir:

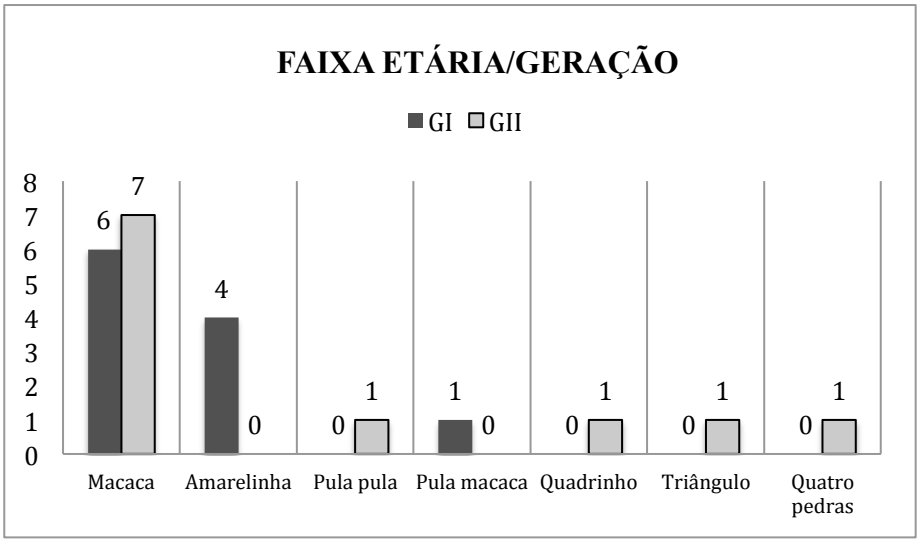
Gráfico 148 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L117 – questão QSL 167 (*amarelinha*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *macaca* apresentou sete ocorrências entre os mais velhos e seis ocorrências entre os mais jovens, ou seja, para esta variante tivemos

pouca diferença estatística. Por outro lado, a variante *amarelinha* apresentou quatro respostas exclusivamente entre os colaboradores mais jovens. Vejamos os resultados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 149 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L117 – questão QSL 167 (*amarelinha*).



Entre os colaboradores mais velhos, tivemos o registro exclusivo das variantes *pula pula*, *quadrinho*, *triângulo* e *quatro pedras*, com uma ocorrência cada, enquanto que a variante *pula macaca* teve uma única ocorrência registrada entre os colaboradores mais jovens.

3.3.11 Habitação

O campo semântico *habitação* é composto por oito questões que se referem a itens e objetos utilizados na moradias, como: *tramela*, *interruptor de luz* e *vaso sanitário*, dentre outros. A seguir, podemos conferir a descrição das quatro cartas selecionadas:

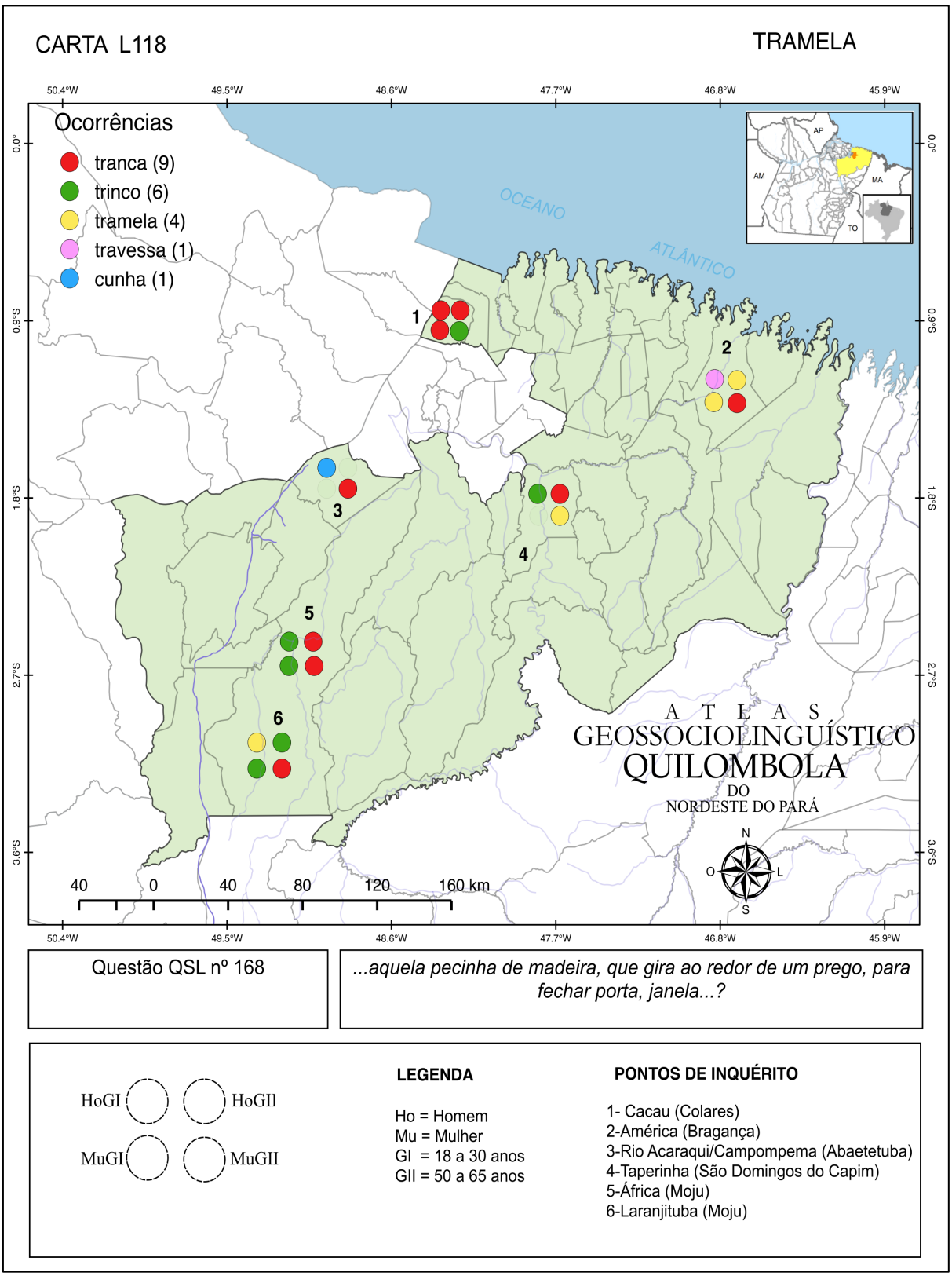
3.3.11.1 Tramela

...aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

A questão 168, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *tranca* (nove ocorrências), *trinco* (seis ocorrências), *tramela* (quatro ocorrências), além de *travessa* e *cunha*, com uma ocorrência cada.

Como podemos perceber na carta L118, a variante *tranca* prevaleceu entre os dados do AGQUINPA diante das demais respostas. Vejamos os resultados completos a seguir:

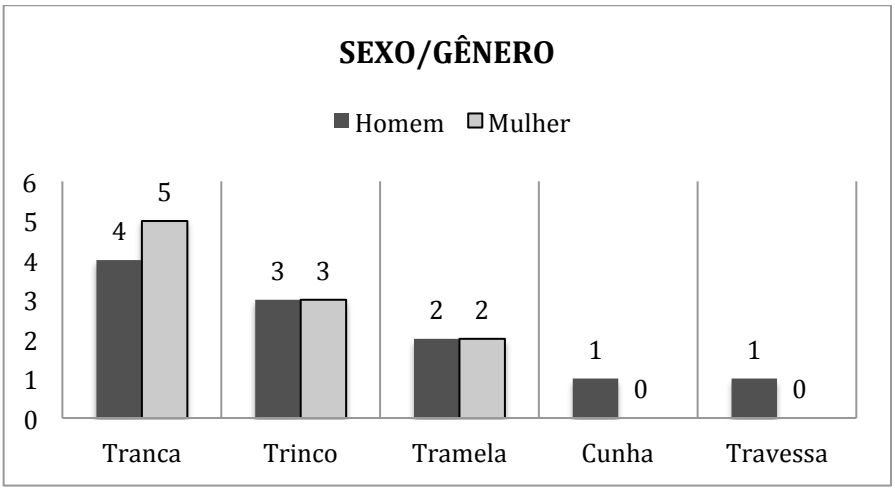
Imagem 144 - Carta L118 – questão QSL 168 (*tramela*).



Na carta L118, podemos observar que a variante *tranca* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau), já no ponto 5 (África), tivemos as variantes *tranca* e *trinco* com a mesma quantidade de ocorrências (2 respostas para cada variante). No ponto de inquérito 2 (América) prevaleceu a variante *tramela* e no ponto 6 (Laranjituba) prevaleceu a variante *trinco*. Por fim, no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), tivemos o registro das variantes *tranca* e *cunha*, com uma ocorrência cada, e no ponto 4 (Taperinha) foram registradas três variantes distintas (*tranca*, *trinco* e *tramela*), porém, nenhuma dessas variantes prevaleceu no ponto de inquérito. Os resultados também mostraram que todos os seis pontos de inquérito apresentaram norma heteroléxica.

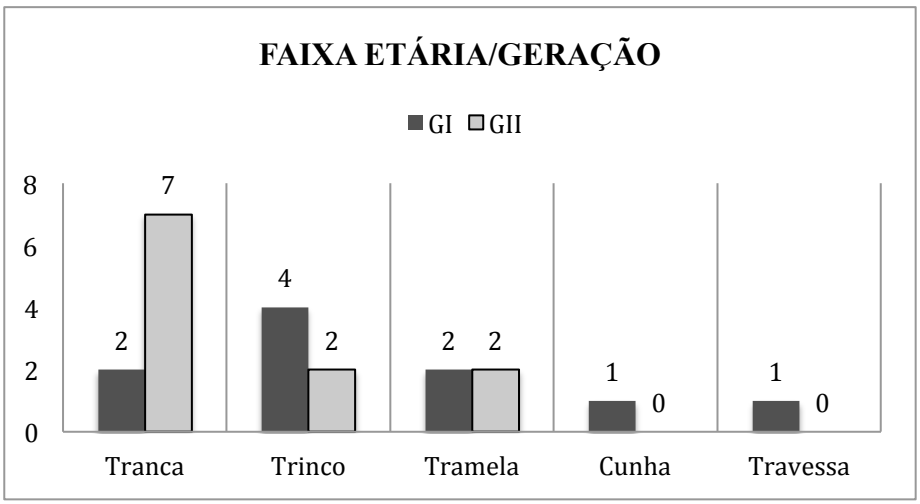
Como podemos observar no gráfico 150, a variante *tranca* apresentou cinco ocorrências entre as mulheres e quatro ocorrências entre os homens. Já a variante *trinco* apresentou três respostas para ambos os sexos, assim como a variante *tramela* (duas respostas para ambos os sexos). Também registramos as variantes *cunha* e *travessa* exclusivamente entre os homens, com uma única ocorrência para cada variante. Vejamos os resultados a seguir:

Gráfico 150 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L118 – questão QSL 168 (*tramela*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *tranca* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com sete ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens tivemos duas ocorrências. Por outro lado, a variante *trinco* prevaleceu entre os mais jovens, com quatro ocorrências, ante duas respostas registradas entre os mais velhos. Vejamos os resultados no gráfico 151:

Gráfico 151 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L118 – questão QSL 168 (*tramela*).



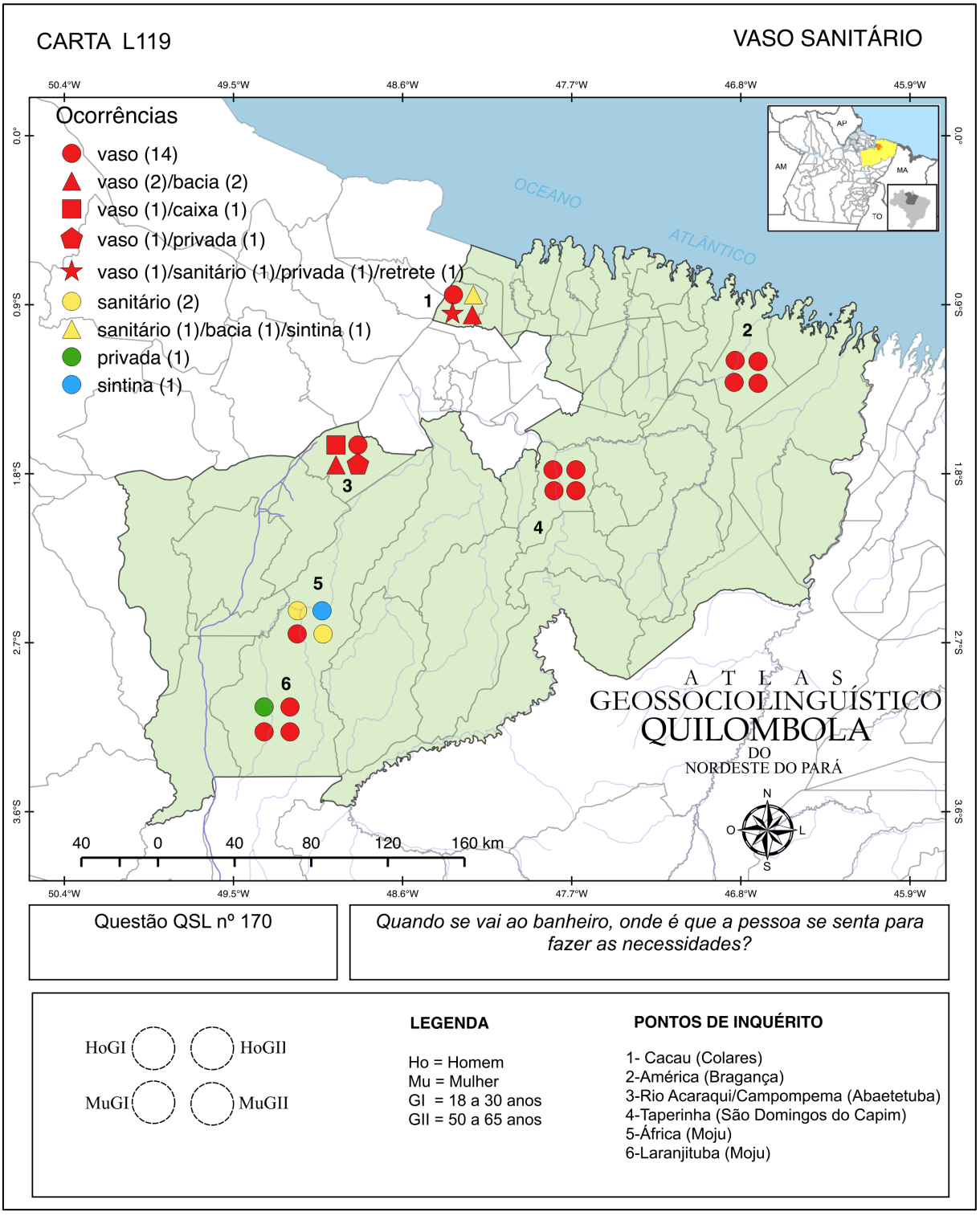
Também podemos observar, no gráfico 151, que a variante *tramela* apresentou a mesma quantidade de ocorrências tanto para os colaboradores mais jovens quanto para os mais velhos, com duas ocorrências para cada geração. Registramos também variantes exclusivas entre os mais jovens, a saber: *cunha* e *travessa*, com uma ocorrência cada.

3.3.11.2 Vaso sanitário

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

A questão nº 170, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *vaso* (dezenove ocorrências), *sanitário* (quatro ocorrências), *privada* (três ocorrências), *bacia* (três ocorrências), *sintina* (duas ocorrências), além de *caixa* e *retrete*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L119, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 145 - Carta L119 – questão QSL 170 (*vaso sanitário*).



Questão QSL nº 170	*Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?*

HoGI HoGII
MuGI MuGII

LEGENDA

Ho = Homem
Mu = Mulher
GI = 18 a 30 anos
GII = 50 a 65 anos

PONTOS DE INQUÉRITO

1- Cacau (Colares)
2-América (Bragança)
3-Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba)
4-Taperinha (São Domingos do Capim)
5-África (Moju)
6-Laranjituba (Moju)

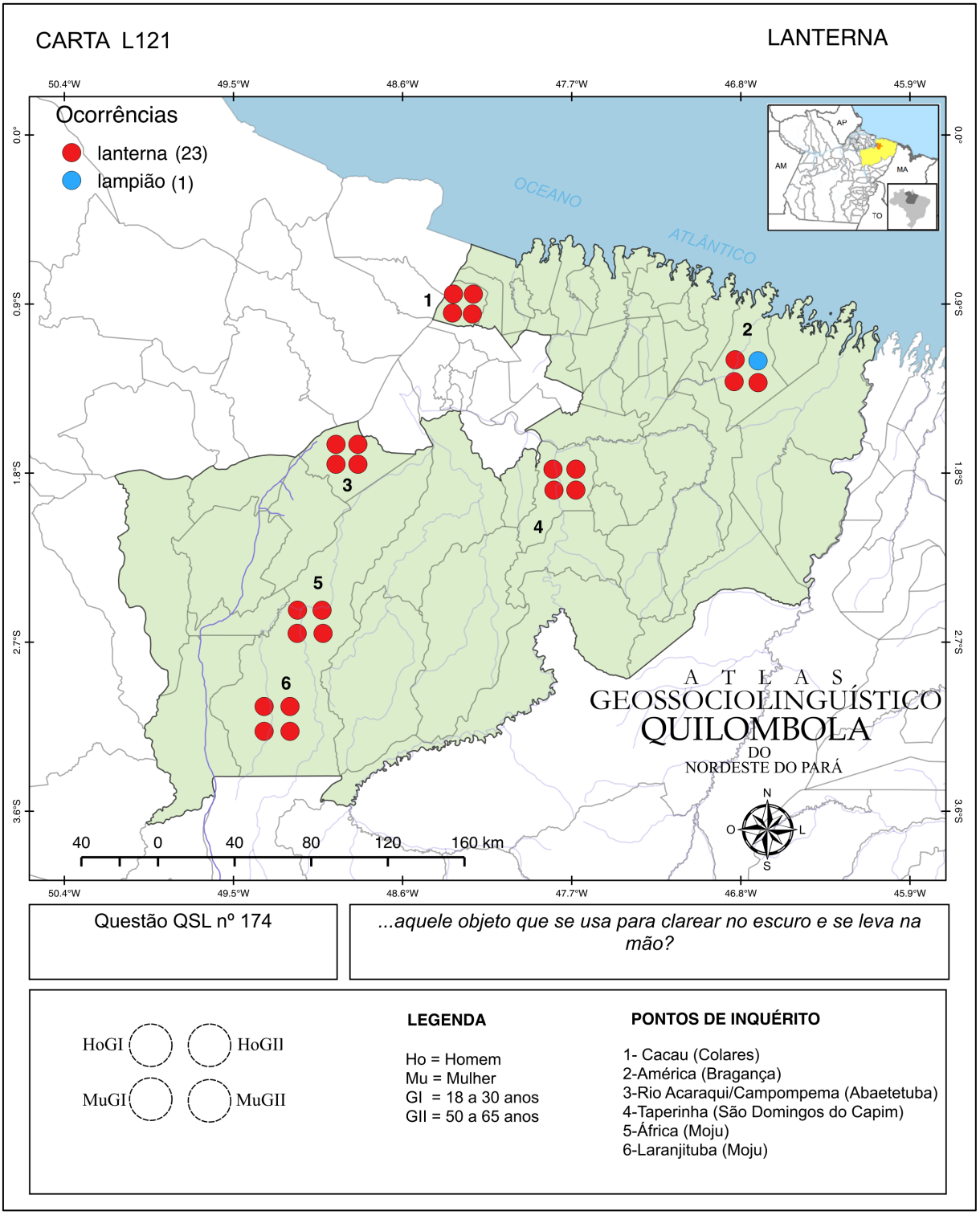
Como podemos observar na carta L119, a variante *vaso* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco pontos, com exceção do ponto de inquérito 5 (África), em que tivemos a prevalência da variante *sanitário*. Os pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba) apresentaram norma mais heteroléxica, enquanto que nos pontos 2 (América) e 4 (Taperinha) a norma observada é monoléxica. Destacamos também o ponto de inquérito 1 (Cacau), que apresentou o maior número de variantes, ou seja, seis no total, a saber: *vaso*, *sanitário*, *bacia*, *sintina*, *retrete* e *privada*.

3.3.11.3 Lanterna

...aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão?

A questão nº 174, do QSL, apresentou apenas duas questões no AGQUINPA, a saber: *lanterna* (vinte e três ocorrências) e *lampião* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 146 - Carta L121 – questão QSL 174 (*lanterna*).



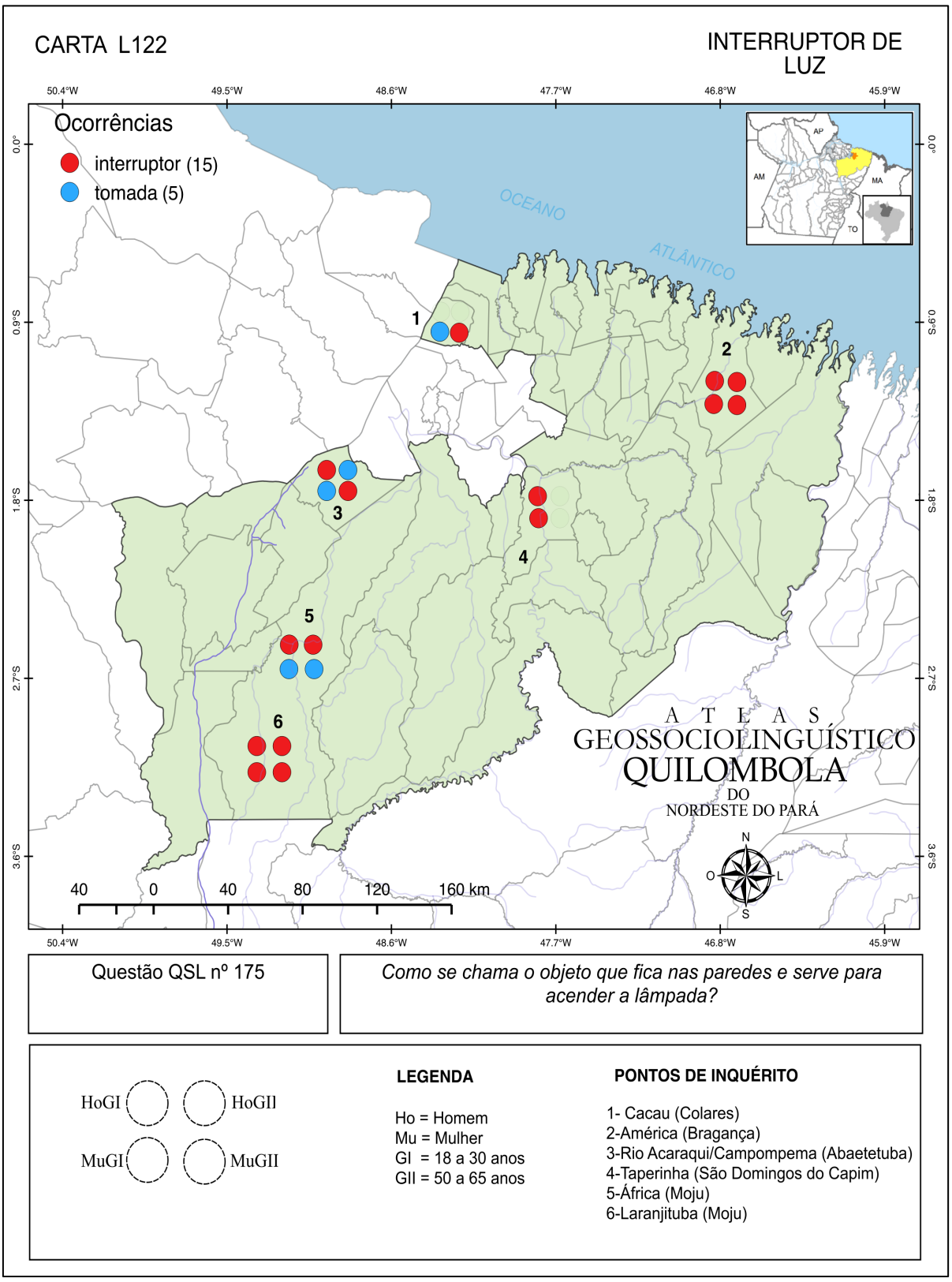
Como podemos observar na carta L121, a variante *lanterna* ocorreu em todos os pontos de inquérito, além de ter prevalecido em todas as localidades, o que evidencia a norma monoléxica para esta questão. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos o registro único da variante *lampião*, exclusivamente na fala de um colaborador homem da geração mais velha.

3.3.11.4 Interruptor de luz

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

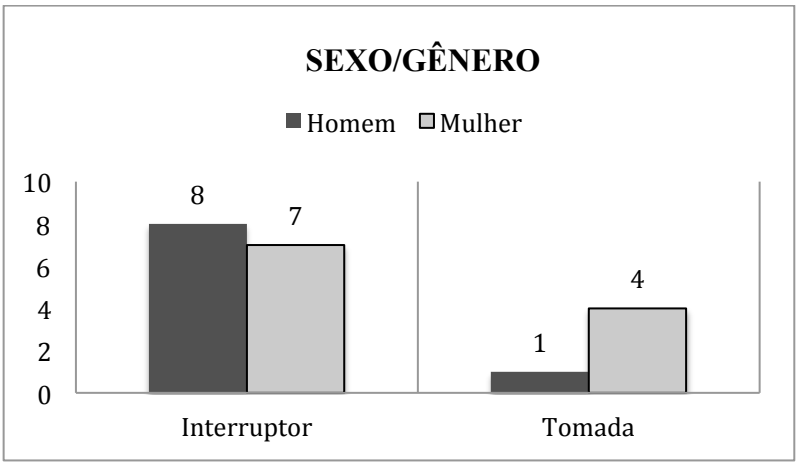
A questão 175, do QSL, apresentou apenas duas variantes no AGQUINPA: *interruptor* (quinze ocorrências) e *tomada* (cinco ocorrências), como podemos observar na carta a seguir:

Imagem 147 - Carta L122 – questão QSL 175 (*interruptor de luz*).



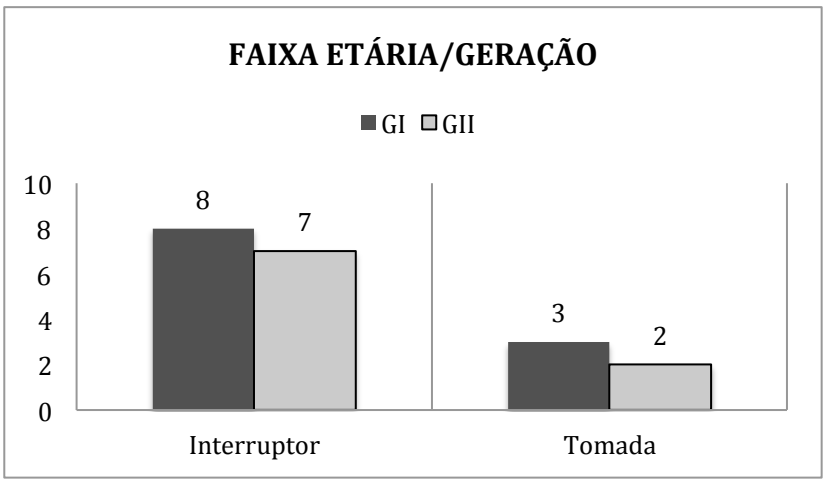
Na carta L122, podemos observar que a variante *interruptor* prevaleceu nos pontos de inquérito 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba), enquanto que nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) tivemos as respostas *interruptor* e *tomada* com a metade das ocorrências cada variante e, portanto, sem a prevalência de qualquer variante. Os resultados também mostraram que os pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) apresentaram norma heteroléximca e nos pontos 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) prevaleceu a norma monoléxica. A seguir, iremos conferir os resultados referentes à dimensão diassexual:

Gráfico 152 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L122 – questão QSL 175 (*interruptor de luz*).



Os resultados diassexuais dispostos no gráfico 152 mostraram a variante *interruptor* com oito ocorrências entre os homens e sete ocorrências entre as mulheres, portanto, com baixo grau de variação diassexual. Já a variante *tomada* prevaleceu entre as mulheres, com quatro respostas, enquanto que entre os homens tivemos uma única ocorrência. A seguir, podemos conferir os resultados da dimensão diageracional:

Gráfico 153 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L122 – questão QSL 175 (*interruptor de luz*).



Considerando a dimensão diageracional, tivemos a variante *interruptor* com oito ocorrências entre os colaboradores mais jovens e sete ocorrências entre os mais velhos, enquanto que a variante *tomada* teve três ocorrências entre os mais jovens e duas ocorrências entre os mais velhos. Esses resultados estatísticos são insuficientes para apontar variação diageracional nesta questão do QSL.

3.3.12 Alimentação e cozinha

Com doze questões, o campo semântico *alimentação e cozinha* abrange pratos da culinária (*curau*, *canjica*, *mungunzá*, etc.), doces (*bala*, *bombom* ou *confeito*), bebida (*aguardente*), além de características psicofisiológicas ligadas à alimentação (*glutão* e *empanturrado*). Vejamos os resultados, a seguir, das sete cartas selecionadas neste campo semântico:

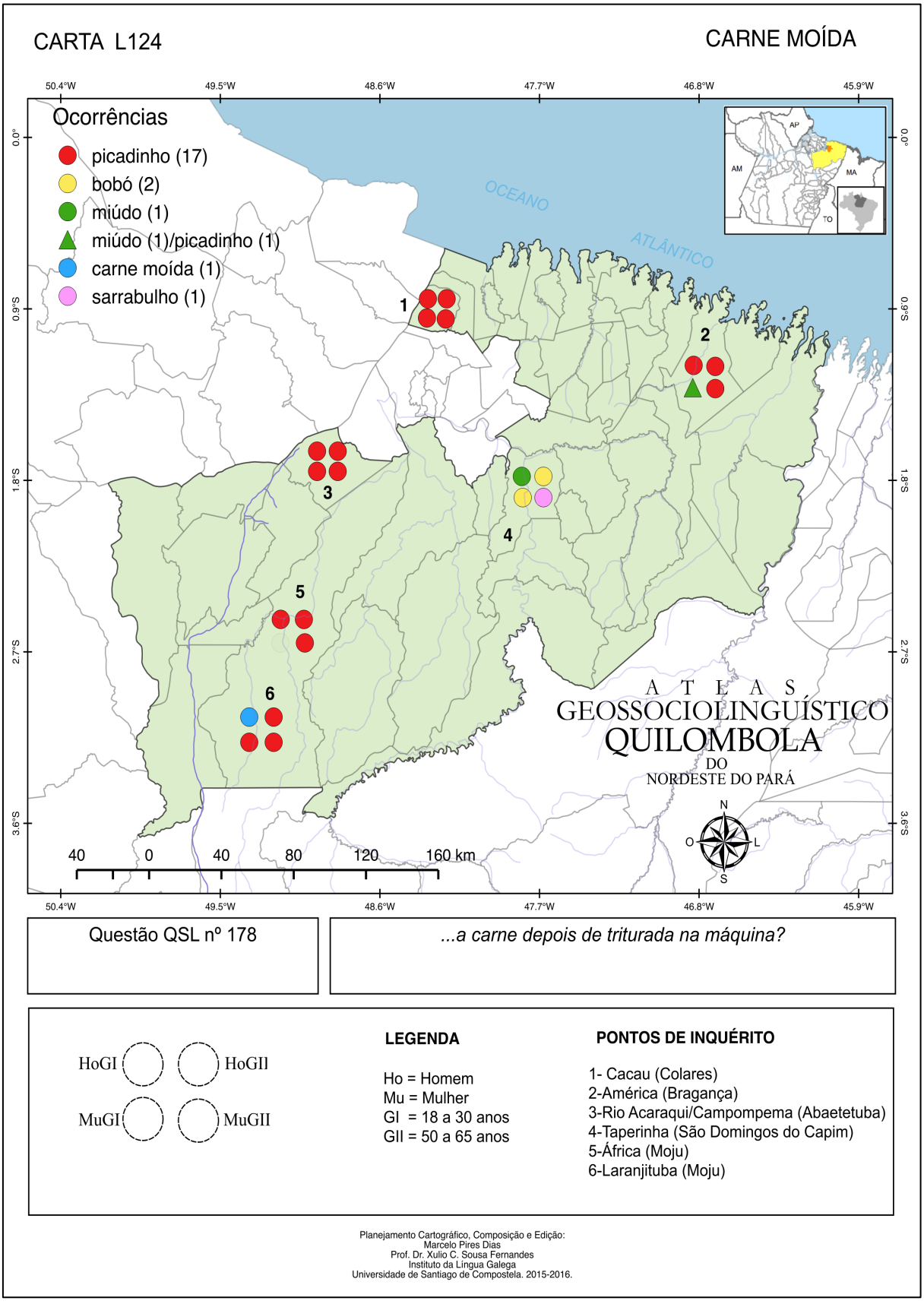
3.3.12.1 Carne moída

...a carne depois de triturada na máquina?

A questão nº 178, do QSL, apresentou as variantes: *picadinho* (dezoito ocorrências), miúdo (duas ocorrências), *bobó* (duas ocorrências), além de *carne moída* (uma ocorrência) e *sarrabulho* (uma ocorrência).

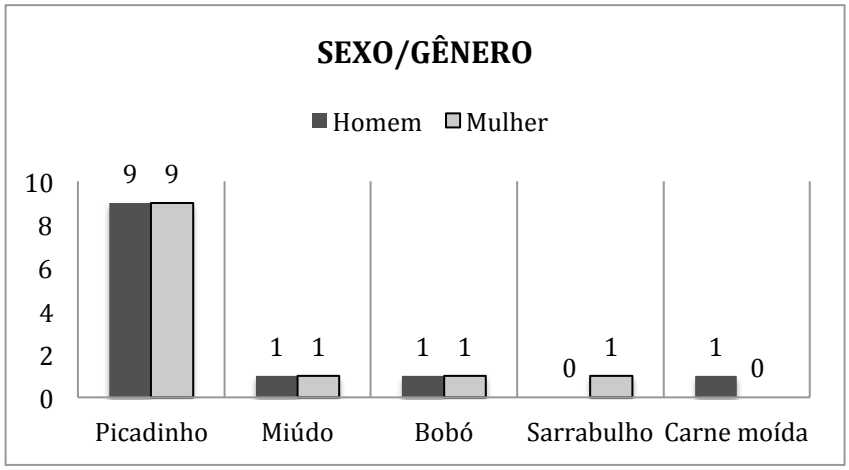
Dentre as cinco respostas distintas mapeadas, prevaleceu a variante *picadinho*, como podemos observar em contraste aparente na carta L124:

Imagem 148 - Carta L124 – questão QSL 178 (*carne moída*).



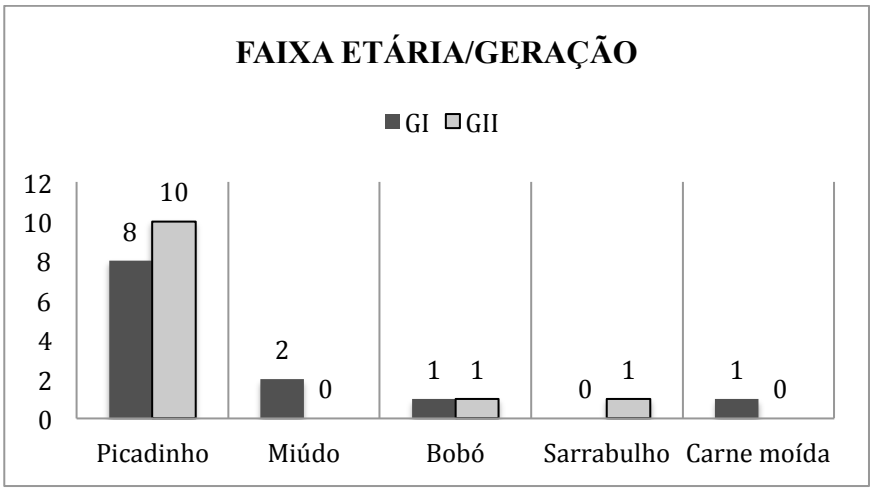
Como podemos observar na carta L124, a variante *picadinho* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba), enquanto que no ponto de inquérito 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *bobó*. Os pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) apresentaram norma monoléxica e nos pontos 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) tivemos a ocorrência de norma heteroléxica. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diassexual:

Gráfico 154 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L124 – questão QSL 178 (*carne moída*).



Os resultados diassexuais dispostos no gráfico 154 mostraram a variante *picadinho* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (nove ocorrências para cada sexo). Registramos também as variantes *miúdo* e *bobó*, com uma ocorrência tanto para os homens quanto para as mulheres, assim como variantes exclusivas entre os homens (*carne moída*) e mulheres (*sarrabulho*). A seguir, podemos conferir os resultados diageracionais para a questão 178 do QSL:

Gráfico 155 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L124 – questão QSL 178 (*carne moída*).



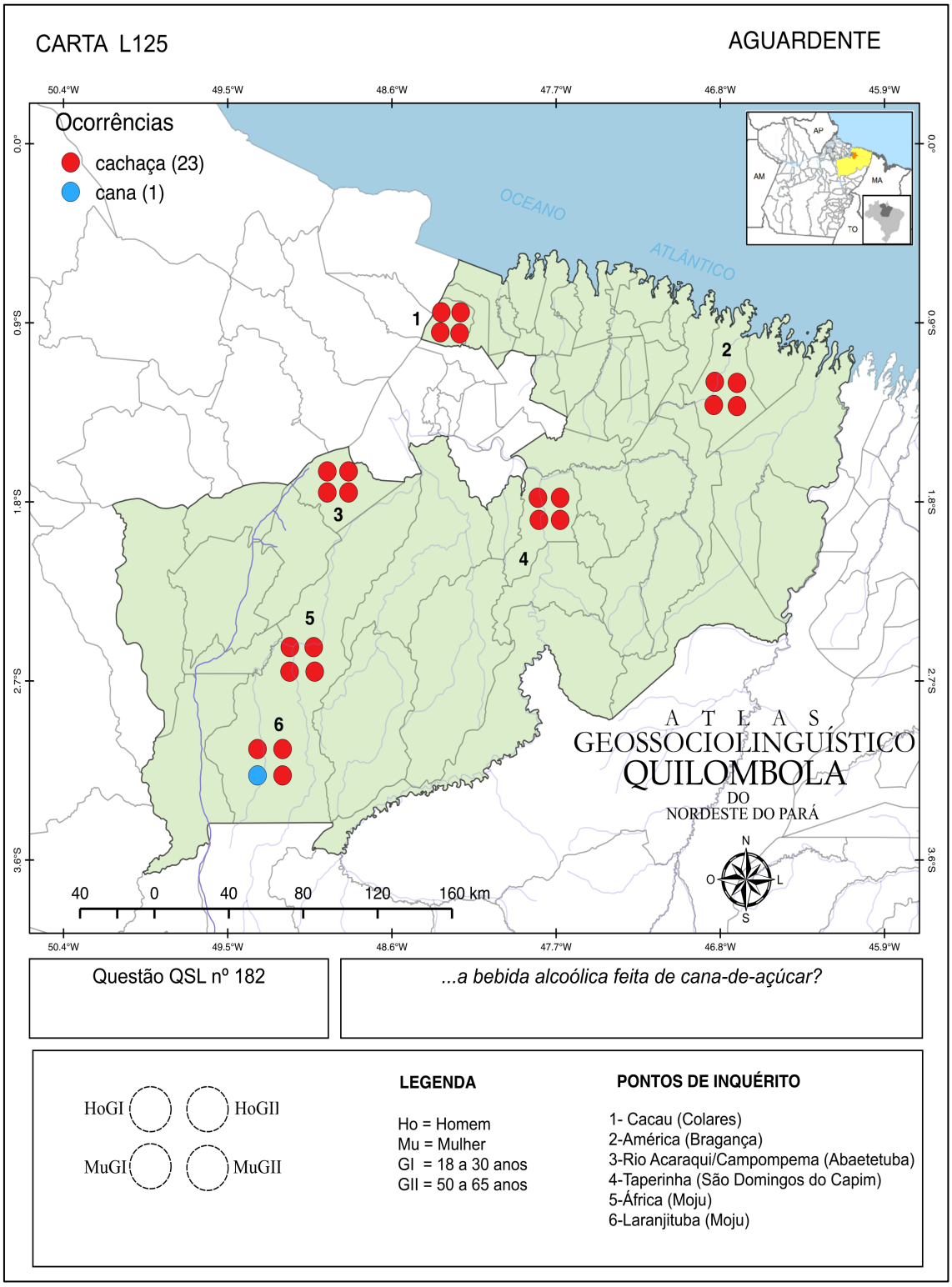
Como podemos observar no gráfico 155, a variante *picadinho* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com dez ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens registramos oito ocorrências. A variante *bobó* apresentou uma ocorrência para cada geração, as variantes *miúdo* e *carne moída* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens e a variante *sarrabulho* exclusivamente entre os mais velhos, com uma ocorrência cada.

3.3.12.2 Aguardente

...a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

A questão nº 182, do QSL, apresentou apenas duas variantes, a saber: *cachaça* (vinte e três ocorrências) e *cana* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L125, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 149 - Carta L125 – questão QSL 182 (*aguardente*).



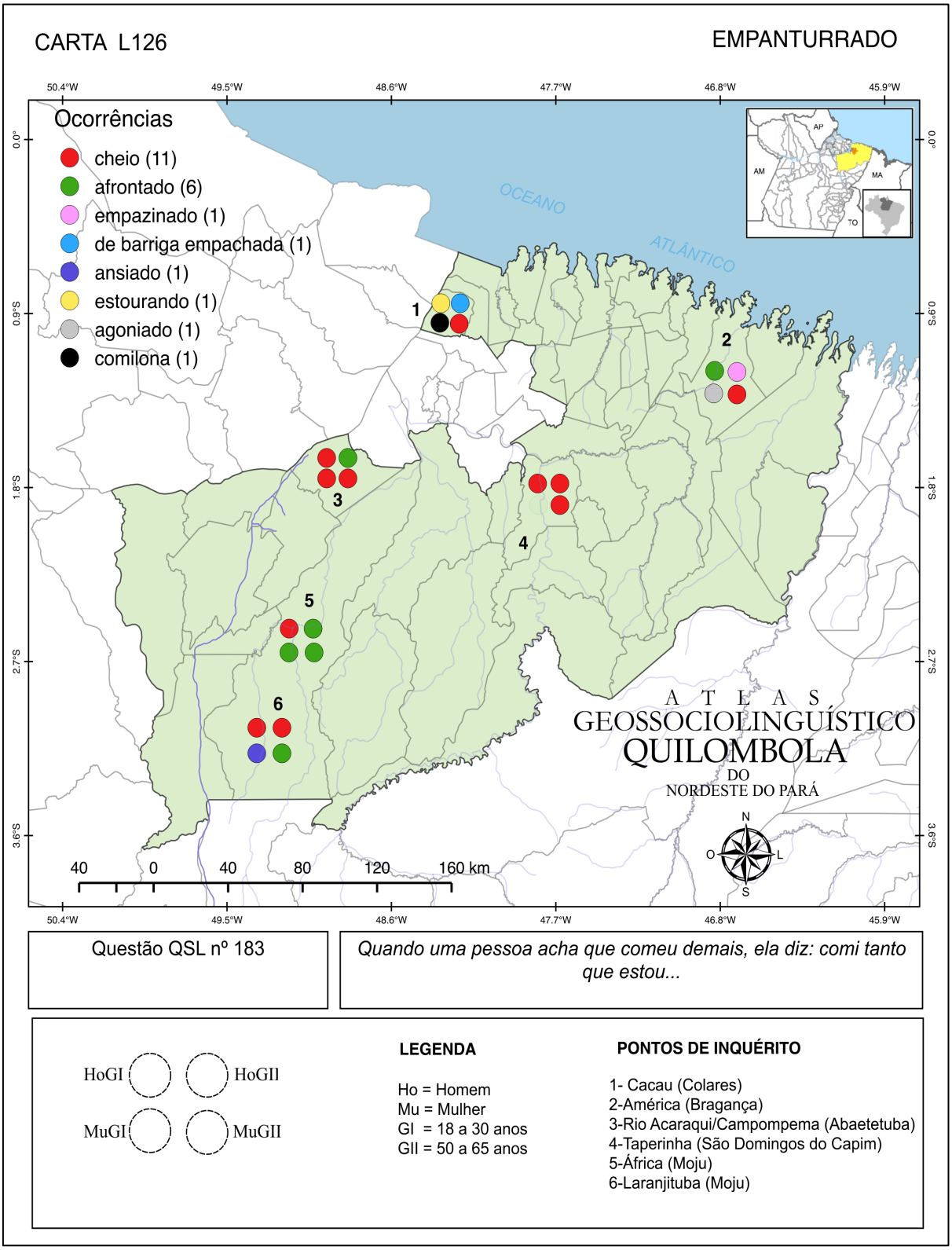
Como é possível visualizar na carta L125, a variante *cachaça* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades. Com exceção do ponto de inquérito 6 (Laranjituba), em que tivemos, além da variante *cachaça*, o registro da variante *cana* exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Podemos dizer com base nesses dados que prevaleceu na região a norma monoléxica.

3.3.12.3 Empanturrado

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...?

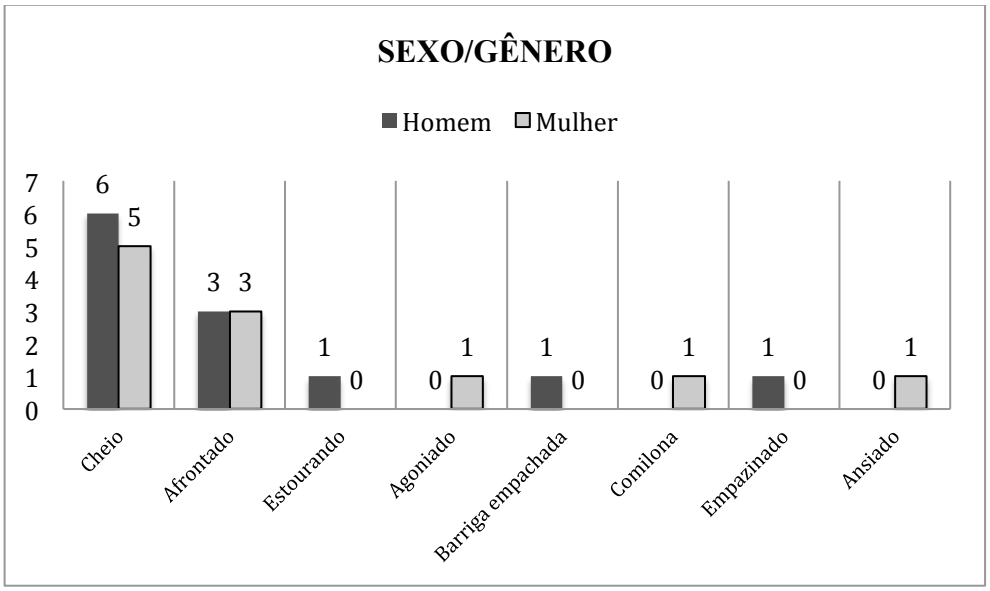
A questão nº 183, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *cheio* (onze ocorrências), *afrontado* (seis ocorrências), além de *estourando, agoniado, de barriga empachada, comilona, empazinado, ansiado*, com uma ocorrência cada. Como podemos observar na carta L126, a variante *cheio* prevaleceu diante das demais respostas mapeadas na questão. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 150 - Carta L126 – questão QSL 183 (*empanturrado*).



Na carta L126, podemos visualizar a variante *cheio* prevalecendo nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 5 (África) prevaleceu a variante *afrontado*, enquanto que nos pontos 1 e 2 tivemos elevada variação, com quatro variantes distintas registradas, a saber: ponto 1-Cacau (*estourando*, *de barriga empachada*, *comilona* e *cheio*) e ponto 2-América (*afrontado*, *empazinado*, *agoniado* e *cheio*). Apenas o ponto de inquérito 4 (Taperinha) apresentou norma monoléxica na região, enquanto que nos demais pontos prevaleceu a norma heteroléxica. A seguir, veremos os resultados diassexuais referentes à carta L126:

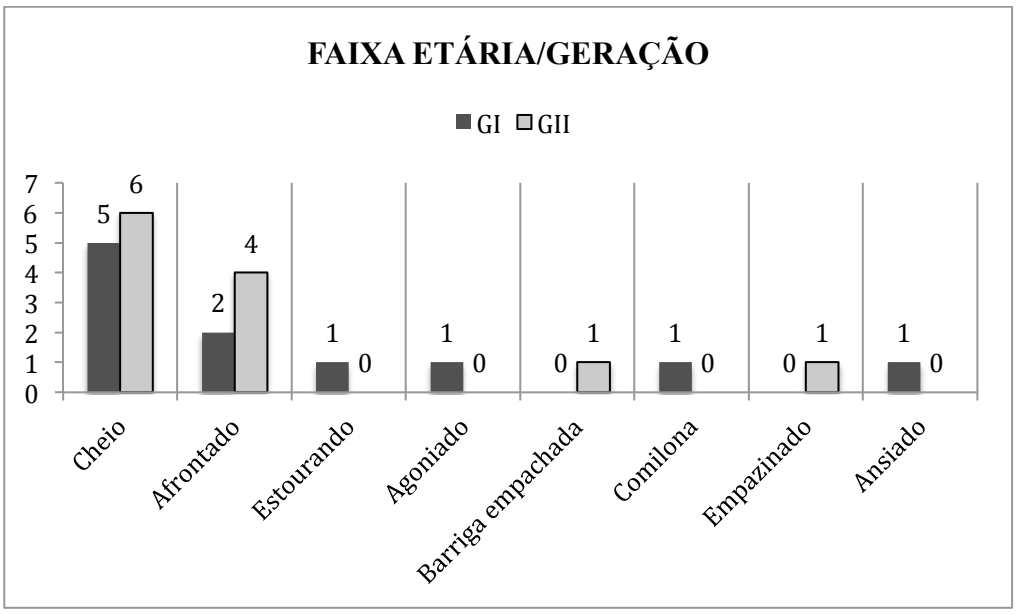
Gráfico 156 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L126 – questão QSL 183 (*empanturrado*).



Considerando a dimensão diassexual, tivemos a variante *cheio* com seis ocorrências entre os homens e cinco ocorrências entre as mulheres. Já a variante *afrontado* teve a mesma quantidade de ocorrência tanto para homens quanto para mulheres (três para cada sexo).

Tivemos também variantes exclusivas entre os homens: *estourando*, *barriga empachada* e *empazinado*, com uma ocorrência cada, enquanto que entre as mulheres tivemos as variantes *agoniado*, *comilona* e *ansiado*, também com uma ocorrência cada. Vejamos no gráfico 157, os resultados diageracionais:

Gráfico 157 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L126 – questão QSL 183 (*empanturrado*).



Do ponto de vista diageracional, tivemos a variante *cheio* com seis ocorrências entre os mais velhos e cinco ocorrências entre os mais jovens. Por outro lado, a variante *afrontado* com quatro respostas entre os mais velhos e apenas duas ocorrências entre os mais jovens.

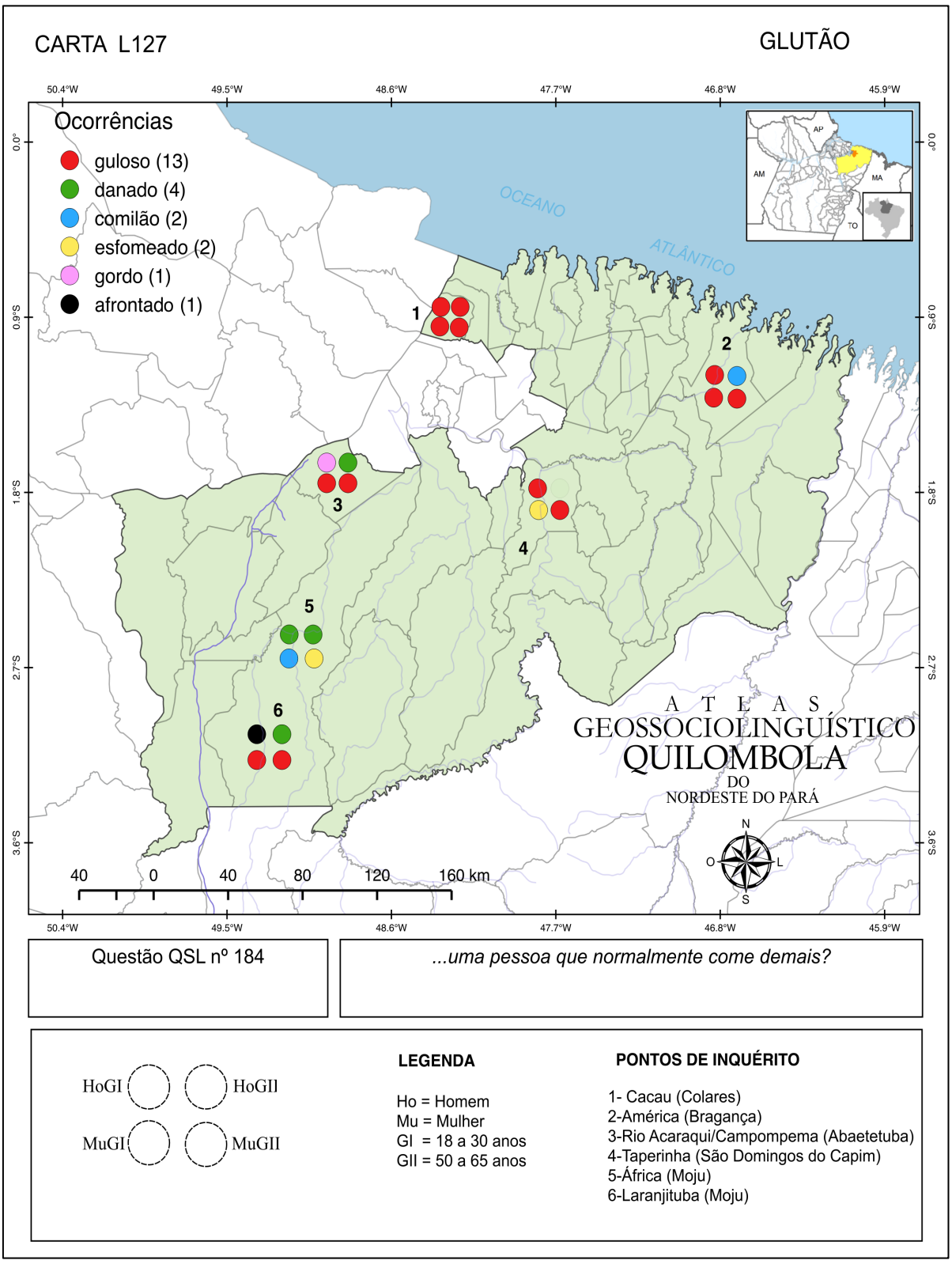
As variantes *estourando*, *agoniado*, *comilona* e *ansiado* foram usadas exclusivamente por colaboradores mais jovens, com uma ocorrência cada, enquanto que entre os colaboradores mais velhos tivemos com exclusividade as variantes *barriga empachada* e *empazinado*, com uma ocorrência cada.

3.3.12.4 Glutão

...uma pessoa que normalmente come demais?

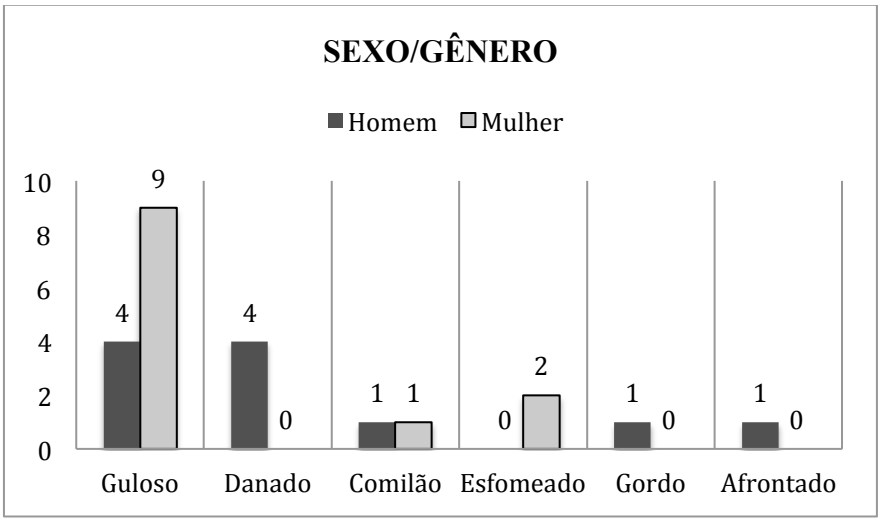
A questão nº 184, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *guloso* (treze ocorrências), *danado* (quatro ocorrências), *comilão* (duas ocorrências), *esfomeado* (duas ocorrências), além de *gordo* e *afrontado*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L127, a seguir, a prevalência da variante *guloso* diante das demais respostas mapeadas:

Imagem 151 - Carta L127 – questão QSL 184 (*glutão*).



Na carta L127, podemos observar que a variante *guloso* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 6 (Laranjituba). Já no ponto de inquérito 5 (África) prevaleceu a variante *danado*. Os pontos de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba) foram os que apresentaram maior variação, com três variantes distintas em cada ponto. Dentre os pontos de inquérito, apenas o ponto 1 (Cacau) apresentou norma monoléxica, enquanto que nos outros cinco pontos prevaleceu a norma heteroléxica. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diassexual:

Gráfico 158 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L127 – questão QSL 184 (*glutão*).



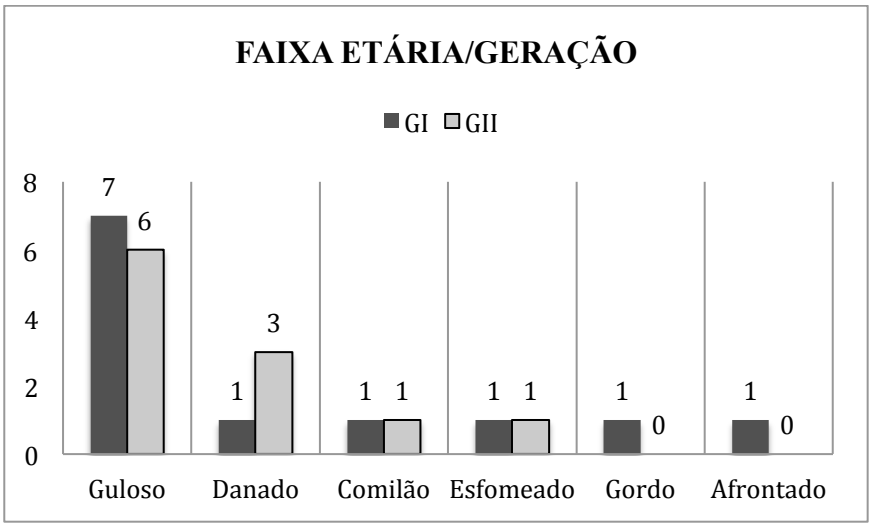
Os resultados diassexuais dispostos no gráfico 158 mostraram a variante *guloso* prevalecendo entre as mulheres, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os homens tivemos quatro respostas. A variante *comilão* apresentou uma ocorrência tanto para homens quanto mulheres.

Também tivemos a variante *danado* registrada somente entre homens, com quatro respostas no total, assim como as variantes *gordo* e *afrontado*, com uma ocorrência cada. Entre as mulheres tivemos exclusivamente a variante *esfomeado*, com duas ocorrências no total.

Do ponto de vista diageracional, a variante *guloso* teve sete ocorrências entre os mais jovens e seis ocorrências entre os mais velhos. Por outro lado, a variante *danado* teve três

ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os mais jovens. Vejamos os resultados diageracionais a seguir:

Gráfico 159 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L127 – questão QSL 184 (*glutão*).



No gráfico 159, podemos observar as variantes *comilão* e *esfomeado* com uma ocorrência para cada geração, enquanto que as variantes *gordo* e *afrontado* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, com uma ocorrência cada.

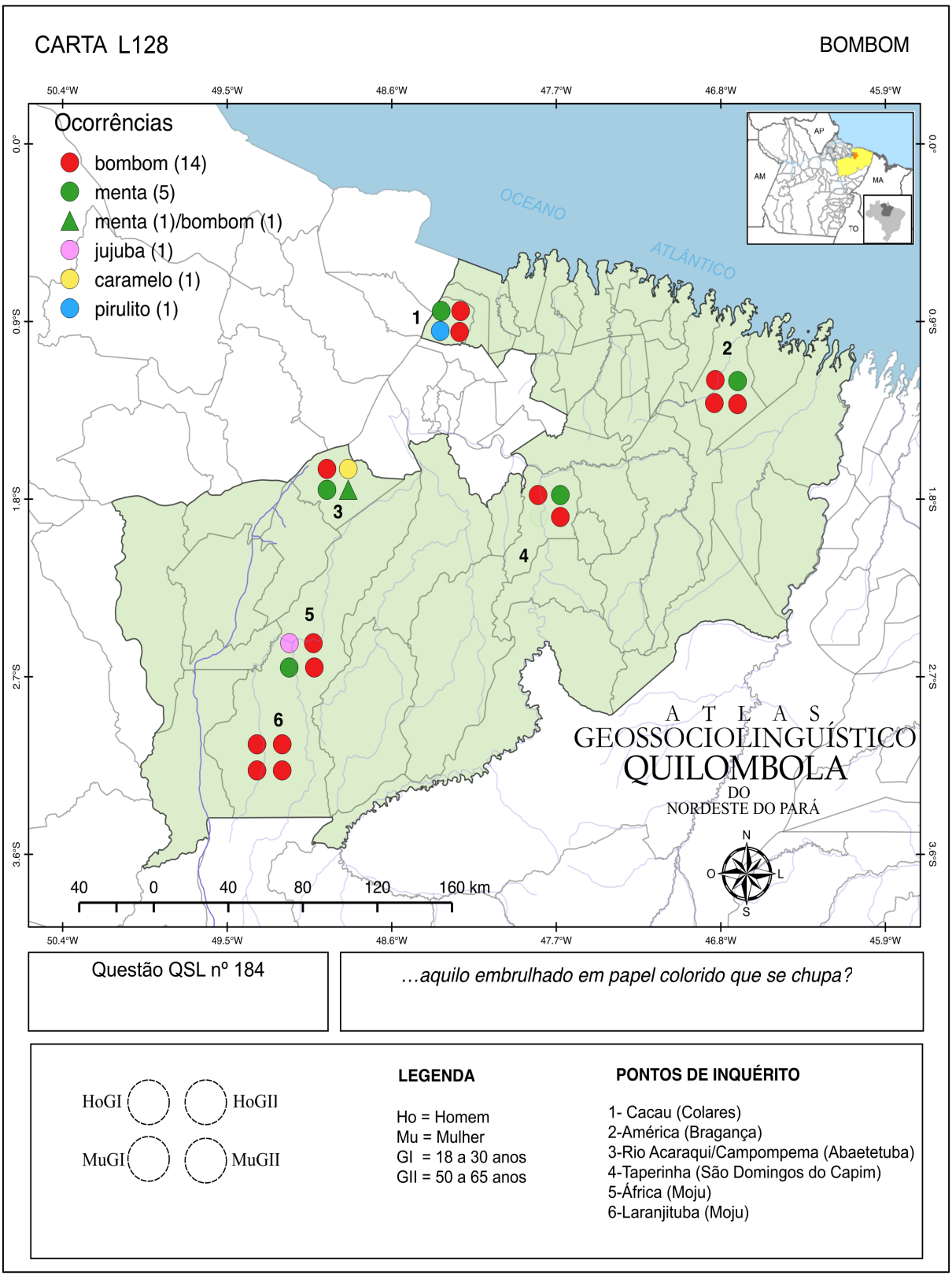
3.3.12.5 Bombom

...aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?

A questão nº 185, do QSL, apresentou a seguintes variantes no AGQUINPA: *bombom* (quinze ocorrências), *menta* (seis ocorrências), além de *jujuba*, *caramelo* e *pirulito*, com uma ocorrência cada.

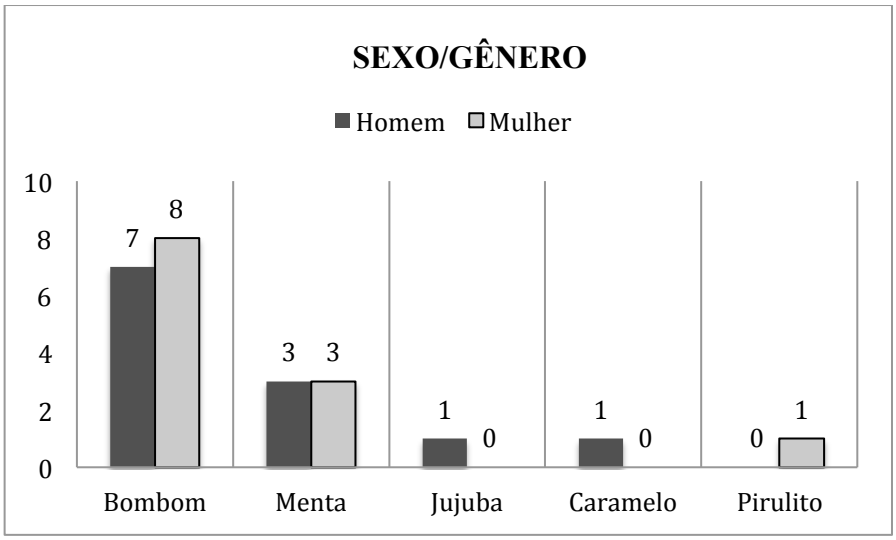
Dentre as cinco respostas distintas mapeadas, a variante *bombom* prevaleceu na maioria dos pontos de inquérito, como podemos conferir na carta L128:

Imagem 152 - Carta L128 – questão QSL 184 (*bombom*).



Na carta L128, podemos observar a variante *bombom* prevalecendo nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). Já no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos as variantes *bombom* e *menta* com a mesma quantidade de ocorrências (duas para cada variante). Os resultados também mostraram que apenas o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou norma monoléxica, ao contrário das demais localidades. A seguir, podemos conferir os resultados diassexuais:

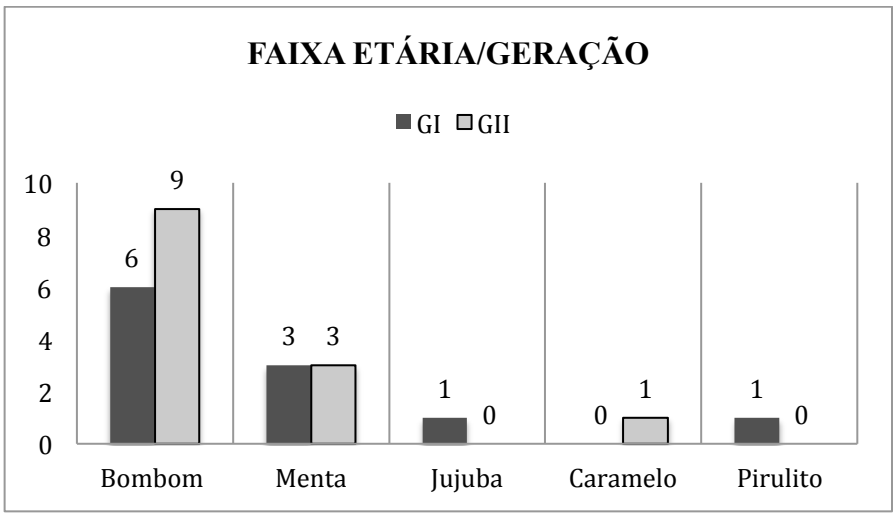
Gráfico 160 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L128 – questão QSL 184 (*bombom*).



No gráfico 160, podemos observar a variante *bombom* teve oito ocorrências entre as mulheres e sete ocorrências entre os homens, enquanto que a variante *menta* teve três respostas para ambos os sexos.

Já as variantes *jujuba* e *caramelo* foram registradas exclusivamente entre os homens e a variante *pirulito* apenas entre as mulheres, com uma ocorrência cada. No gráfico 161, podemos conferir os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 161 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L128 – questão QSL 184 (*bombom*).



Considerando a dimensão diageracional, tivemos a variante *bombom* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens registramos seis ocorrências. Já a variante *menta* teve a mesma quantidade de respostas tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (três para cada geração).

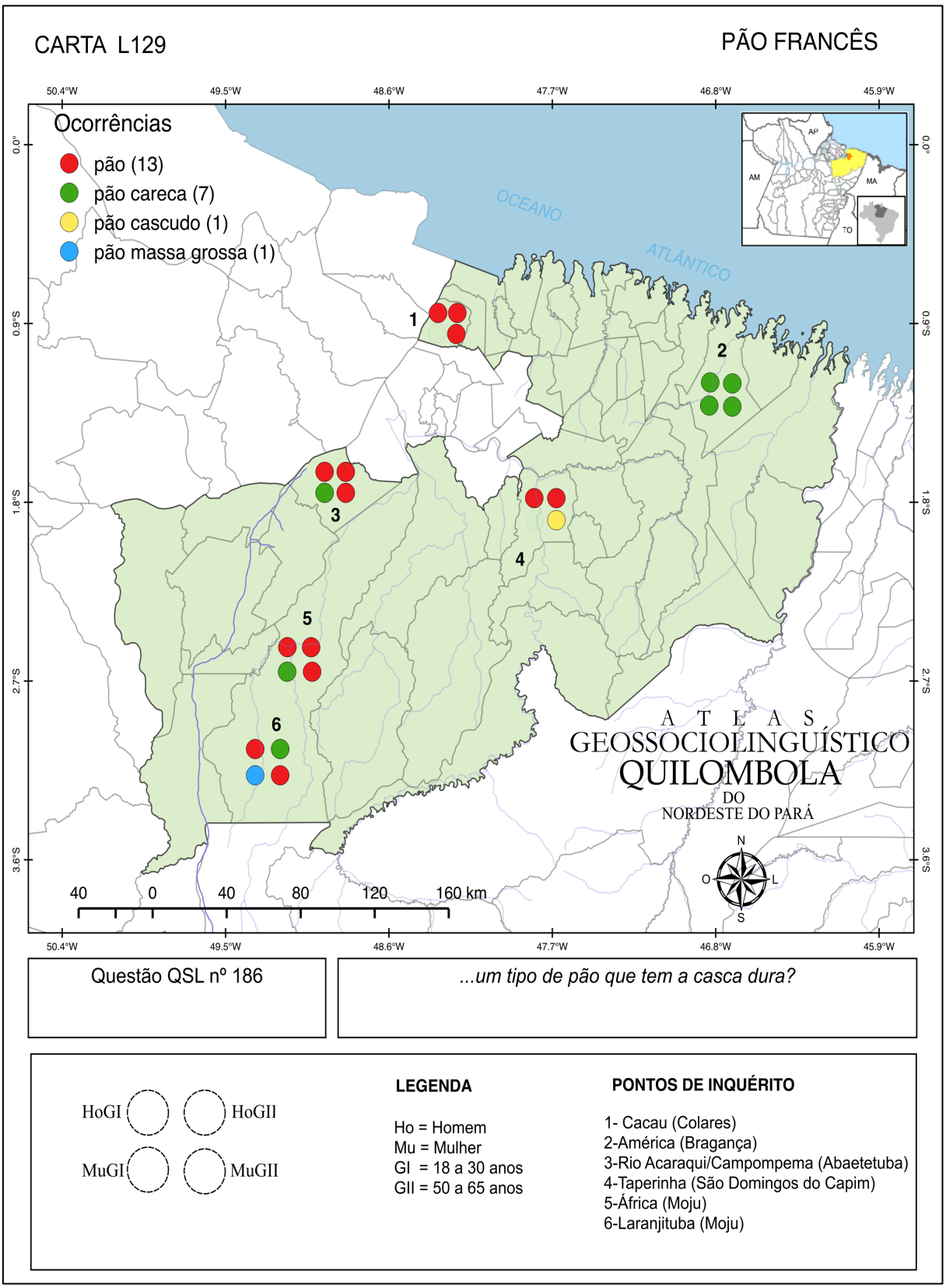
Entre a geração mais jovem, registramos com exclusividade as variantes *jujuba* e *pirulito*, com uma ocorrência cada, assim como entre os mais velhos tivemos a variante *caramelo* também com uma ocorrência.

3.3.12.6 Pão francês

...um tipo de pão que tem a casca dura?

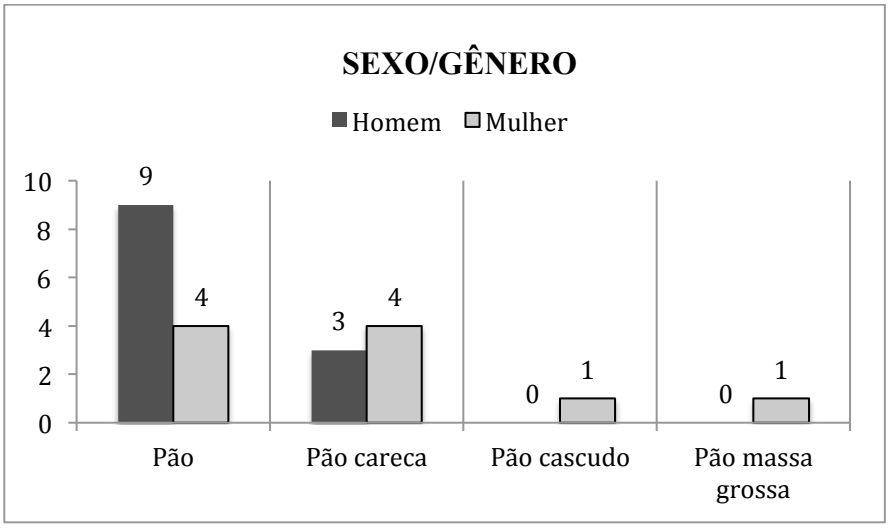
A questão nº 186, do QSL, apresentou as seguintes variantes: *pão* (treze ocorrências), *pão careca* (sete ocorrências), além de *pão cascudo* e *pão massa grossa*, com uma ocorrência cada. A seguir, na carta L129, podemos conferir a distribuição diatópica das quatro variantes mapeadas.

Imagem 153 - Carta L129 – questão QSL 186 (*pão francês*).



Na carta L129, podemos visualizar a variante *pão* prevalecendo em cinco dos seis pontos de inquérito do AGQUINPA, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 2 (América) prevaleceu a variante *pão careca* e o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou elevada variação, com três variantes distintas (*pão*, *pão careca* e *pão massa grossa*). A seguir, iremos conferir os resultados diassexuais registrados na carta L129:

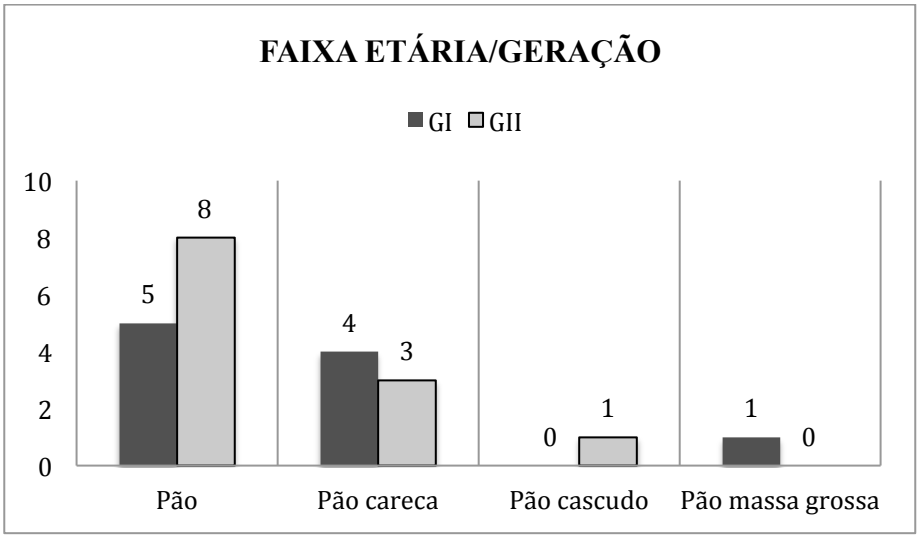
Gráfico 162 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L129 – questão QSL 186 (*pão francês*).



Como podemos observar no gráfico 162, a variante *pão* prevaleceu entre os homens, com nove ocorrências no total, ante quatro respostas registradas entre os homens. Por outro lado, a variante *pão careca* teve quatro ocorrências entre as mulheres e três ocorrências entre os homens.

As variantes *pão cascudo* e *pão massa grossa* foram registradas exclusivamente entre as mulheres, com uma ocorrência cada. No próximo gráfico, podemos observar os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 163 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L129 – questão QSL 186 (*pão francês*).



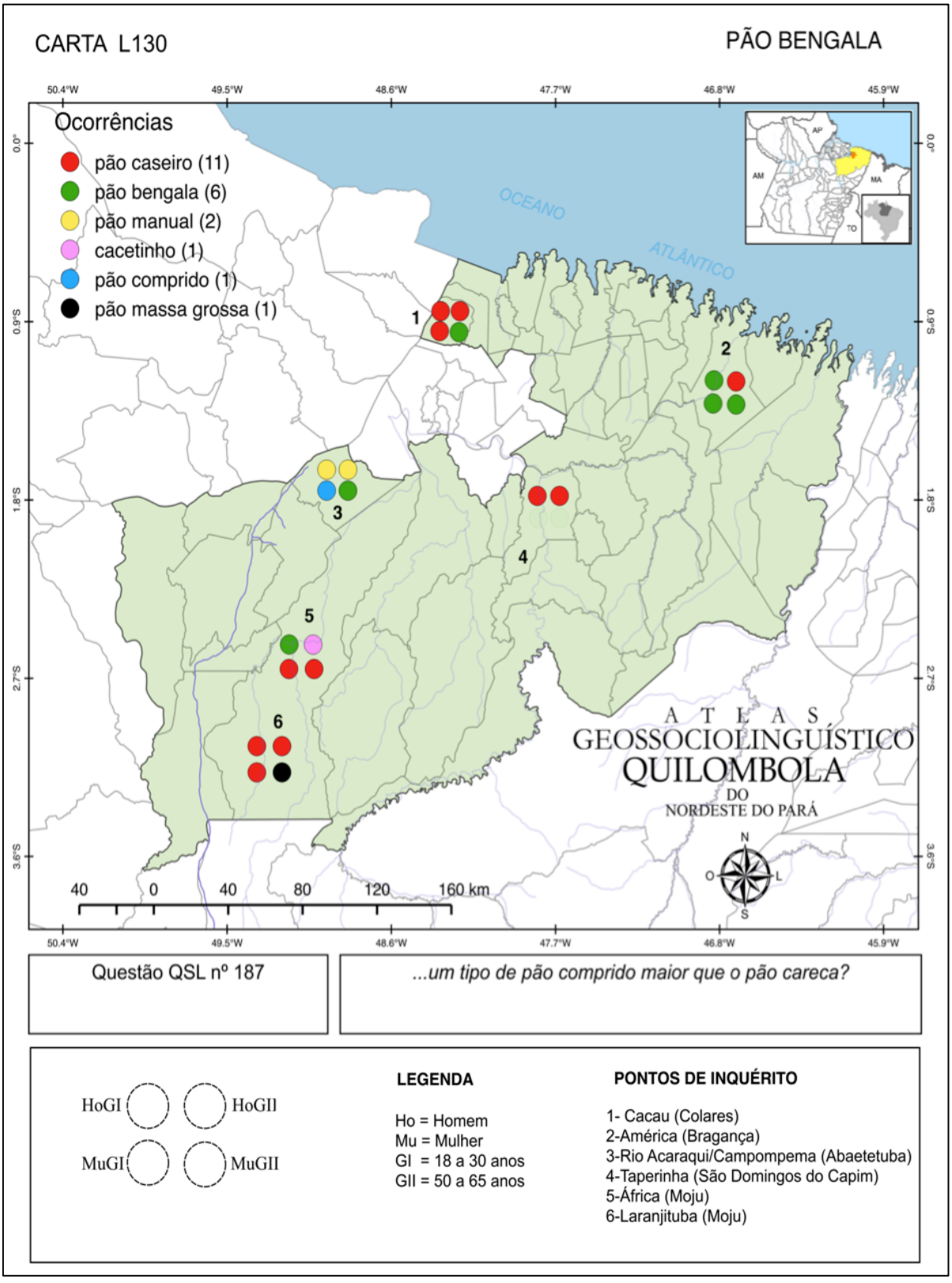
Da perspectiva diageracional, tivemos a variante *pão* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com oito ocorrências, perante cinco respostas registradas entre os mais jovens. Já a variante *pão careca* teve quatro ocorrências entre os mais jovens e três ocorrências entre os mais velhos, enquanto que a variante *pão cascudo* foi registrada apenas entre os mais velhos e a variante *pão massa grossa* exclusivamente entre os colaboradores mais jovens, com uma ocorrência cada.

3.3.12.7 Pão bengala

...um tipo de pão comprido maior que o pão careca?

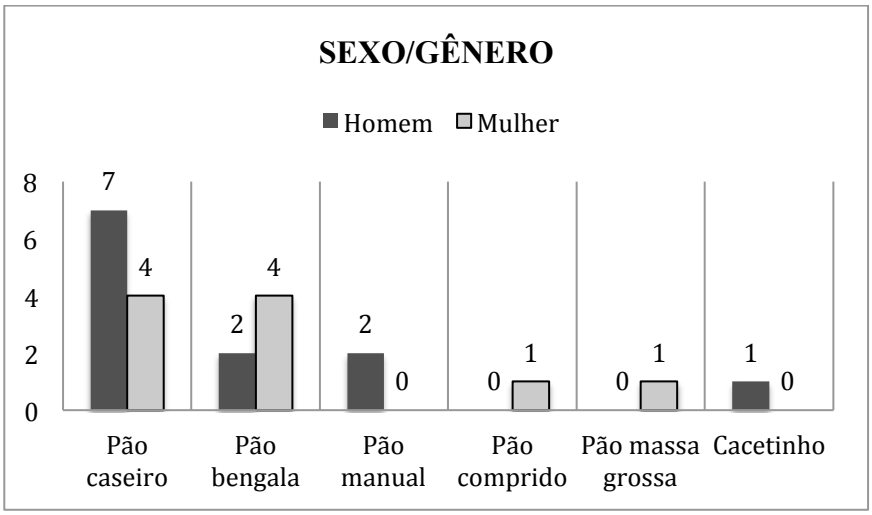
A questão nº 187, do QSL, apresentou as variantes: *pão caseiro* (onze ocorrências), *pão bengala* (seis ocorrências), *pão manual* (duas ocorrências), além de *pão comprido*, *pão massa grossa* e *cacetinho*, com uma ocorrência cada. A seguir, na carta L130, podemos visualizar a distribuição das variantes registradas:

Imagem 154 - Carta L130 – questão QSL 187 (*pão bengala*).



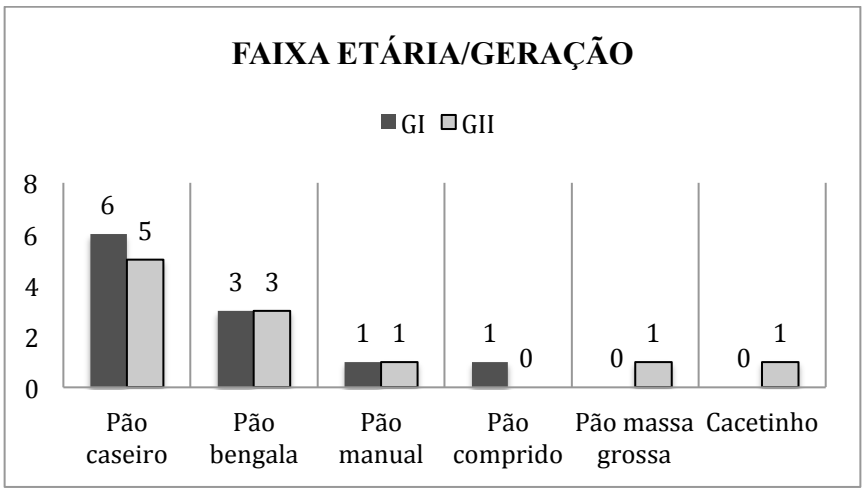
Como podemos observar na carta L130, a variante *pão caseiro* prevalece nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). No ponto 2 (América), tivemos a prevalência da variante *pão bengala* e no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) prevaleceu a variante *pão manual*. Os pontos de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) foram os que apresentaram maior variação, com três variantes distintas para cada comunidade. O ponto de inquérito 4 (Taperinha) foi o único que apresentou norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma heteroléxica. A seguir, iremos conferir os resultados referentes à dimensão diassexual:

Gráfico 164 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L130 – questão QSL 187 (*pão bengala*).



Do ponto de vista diassexual, a variante *pão caseiro* prevaleceu entre os homens, com sete ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres registramos quatro ocorrências. A variante *pão bengala* teve maior ocorrência entre as mulheres (quatro respostas no total) e entre os homens registramos a metade das ocorrências (duas respostas). Também tivemos as variantes *pão manual* (duas ocorrências) e *cacetinho* (uma ocorrência), registradas exclusivamente entre os homens, e as variantes *pão comprido* e *pão massa grossa* usadas apenas entre as mulheres, com uma ocorrência cada. No gráfico 165, iremos visualizar os resultados diageracionais obtidos:

Gráfico 165 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L130 – questão QSL 187 (*pão bengala*).



Considerando a dimensão diageracional tivemos a variante *pão caseiro* com seis ocorrências entre os mais jovens e cinco ocorrências entre os mais velhos. Já a variante *pão bengala* teve a mesma quantidade de respostas para as duas gerações (três respostas cada), assim como a variante *pão manual*, que teve uma resposta para cada geração.

Registramos, com exclusividade entre os colaboradores mais jovens, a variante *pão comprido*, com uma ocorrência, e as variantes *massa grossa* e *cacetinho*, com uma resposta cada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

3.3.13 Vestuário e acessórios

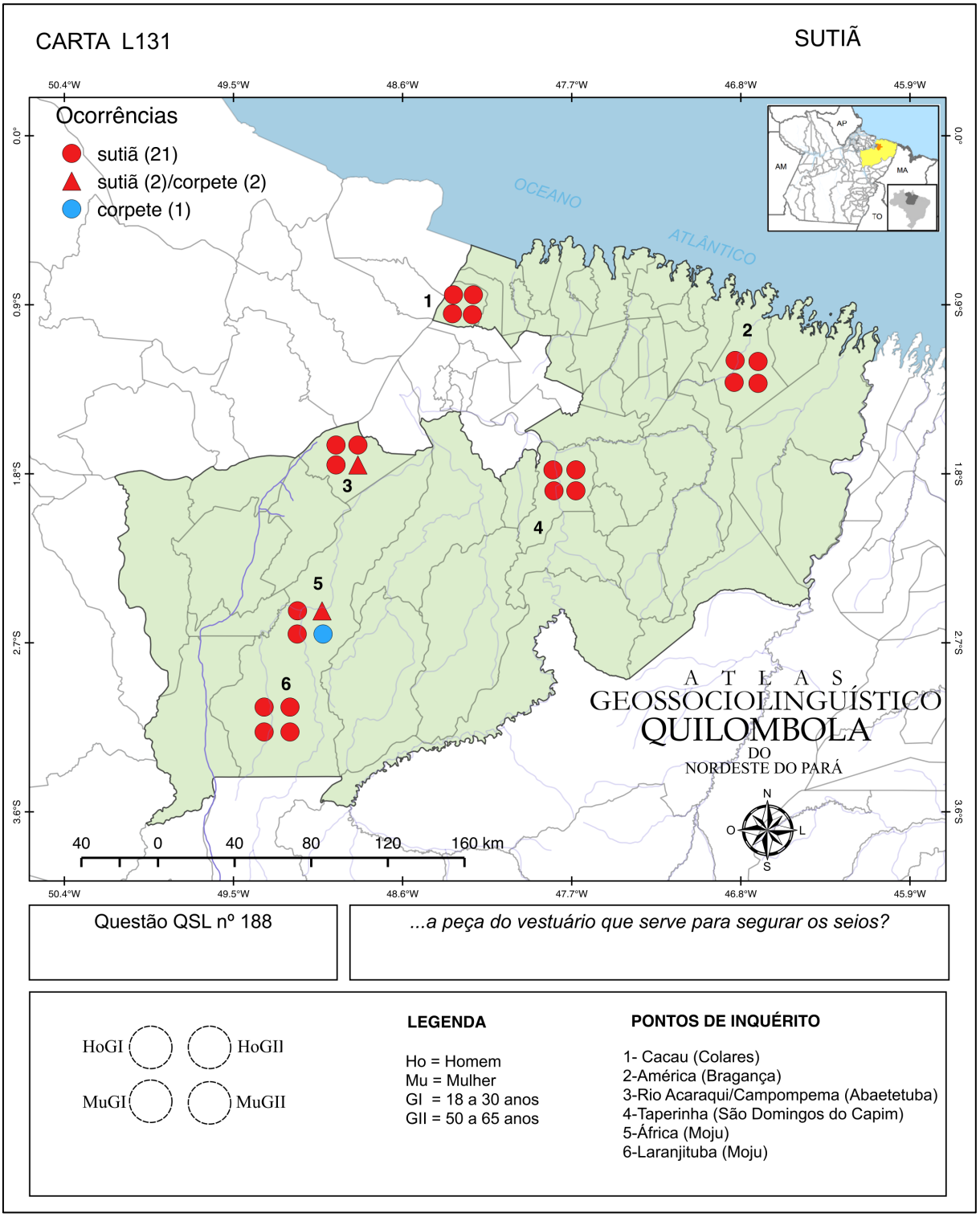
O campo semântico *vestuário e acessórios* possui seis questões que incluem vestimentas (*sutiã*, *cueca* e *calcinha*), além de acessórios como *tiara*, *grampo* e *maquiagem*. Vejamos, a seguir, as seis cartas selecionadas neste campo semântico:

3.3.13.1 Sutiã

...a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

A questão nº 188, do QSL, apresentou apenas duas variantes no AGQUINPA: *sutiã* (vinte e três ocorrências) e *corpete* (três ocorrências). A seguir, veremos a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 155 - Carta L131 – questão QSL 188 (*sutiã*).



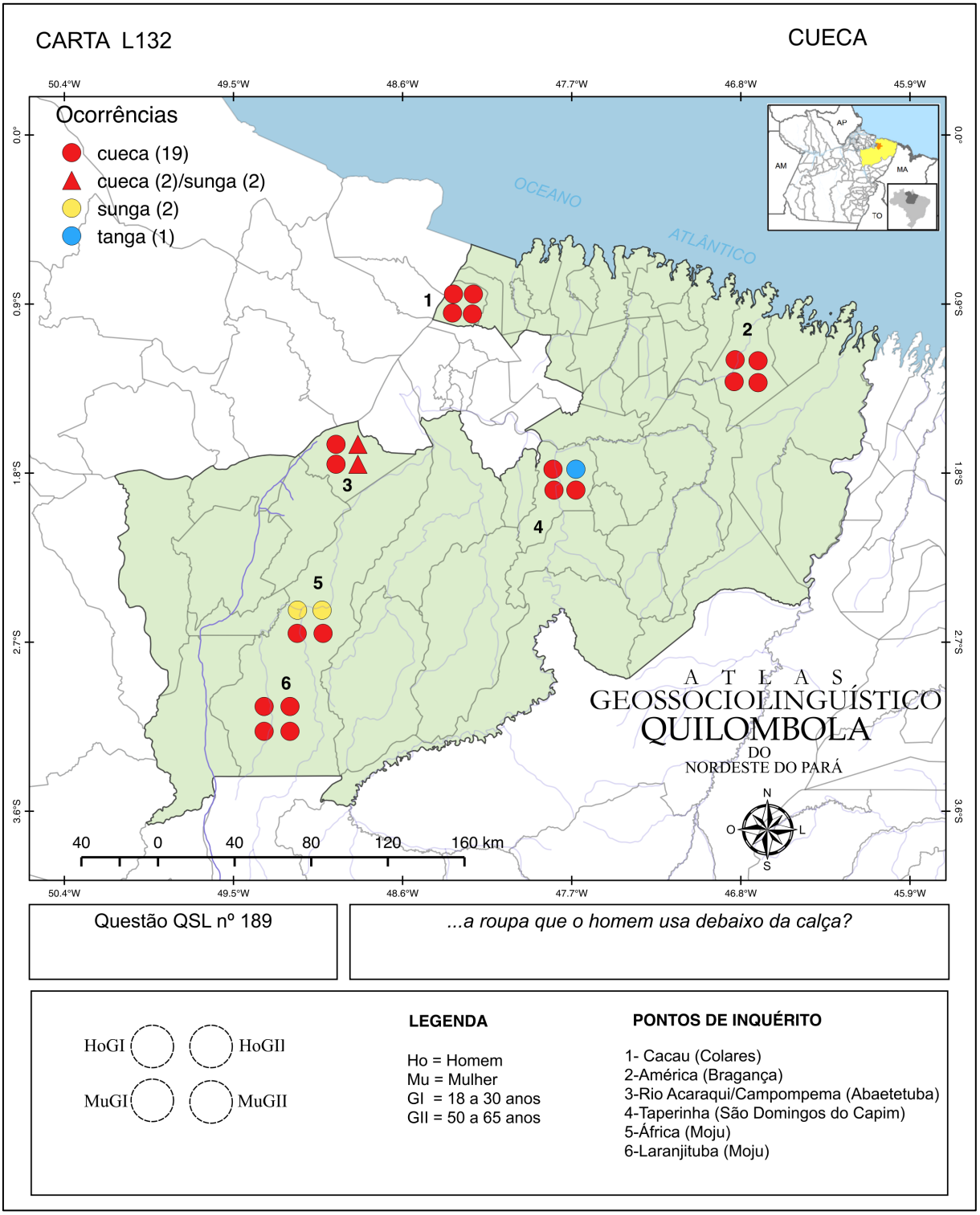
É possível observar na carta L131 que a variante *sutiã* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em todas as comunidades. Apenas nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África), tivemos a ocorrência de norma heteroléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito prevaleceu o uso monoléxico da variante *sutiã*. No ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), tivemos o registro da variante *corpete*, exclusivamente por uma colaboradora da geração mais velha, e no ponto de inquérito 5 (África) essa mesma variante ocorreu entre os colaboradores de ambos os sexos da geração II.

3.3.13.2 Cueca

...a roupa que o homem usa debaixo da calça?

Na carta L132 referente à questão nº 189, do QSL, tivemos as seguintes variantes: *cueca* (vinte e uma ocorrências), *sunga* (quatro ocorrências) e *tanga*, com uma única ocorrência. Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 156 - Carta L132 – questão QSL 189 (*cueca*).



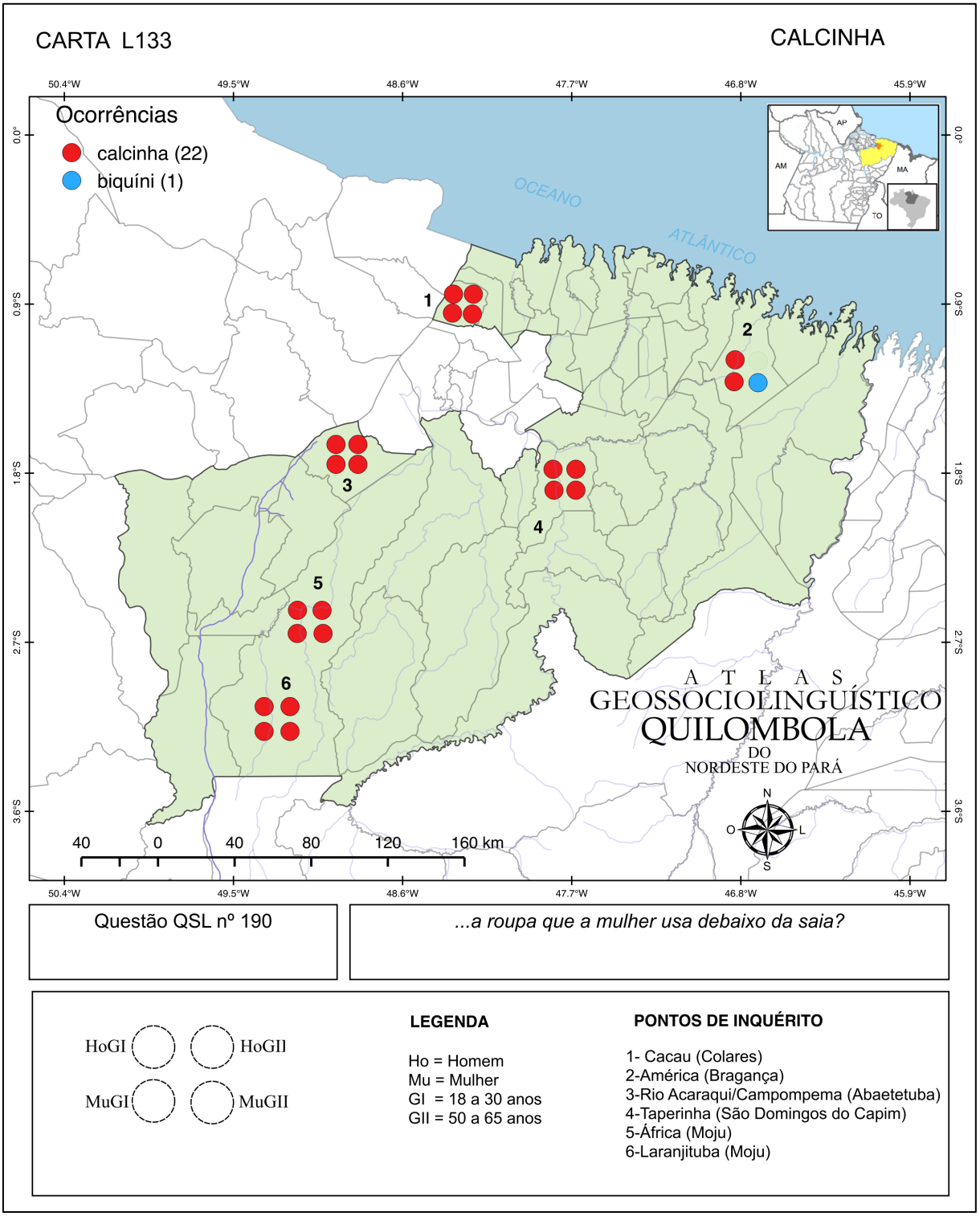
Na carta L132, podemos observar que a variante *cueca* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco das seis comunidades, exceto na comunidade África (ponto de inquérito 5), em que tivemos as variantes *cueca* e *sunga* com metade das ocorrências cada. No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos o registro da variante *tanga*, exclusivamente na fala de um colaborador homem da geração mais velha. Por fim, podemos dizer que nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 2 (América) e 6 (Laranjituba) prevaleceu a norma monoléxica e nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 5 (África) tivemos a ocorrência de norma heteroléxica.

3.3.13.3 Calcinha

...a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

A questão nº 190, do QSL, apresentou apenas duas variantes: *calcinha* (vinte e duas ocorrências) e *biquíni* (uma ocorrência). Na carta L133, veremos a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 157 - Carta L133 – questão QSL 190 (*calcinha*).



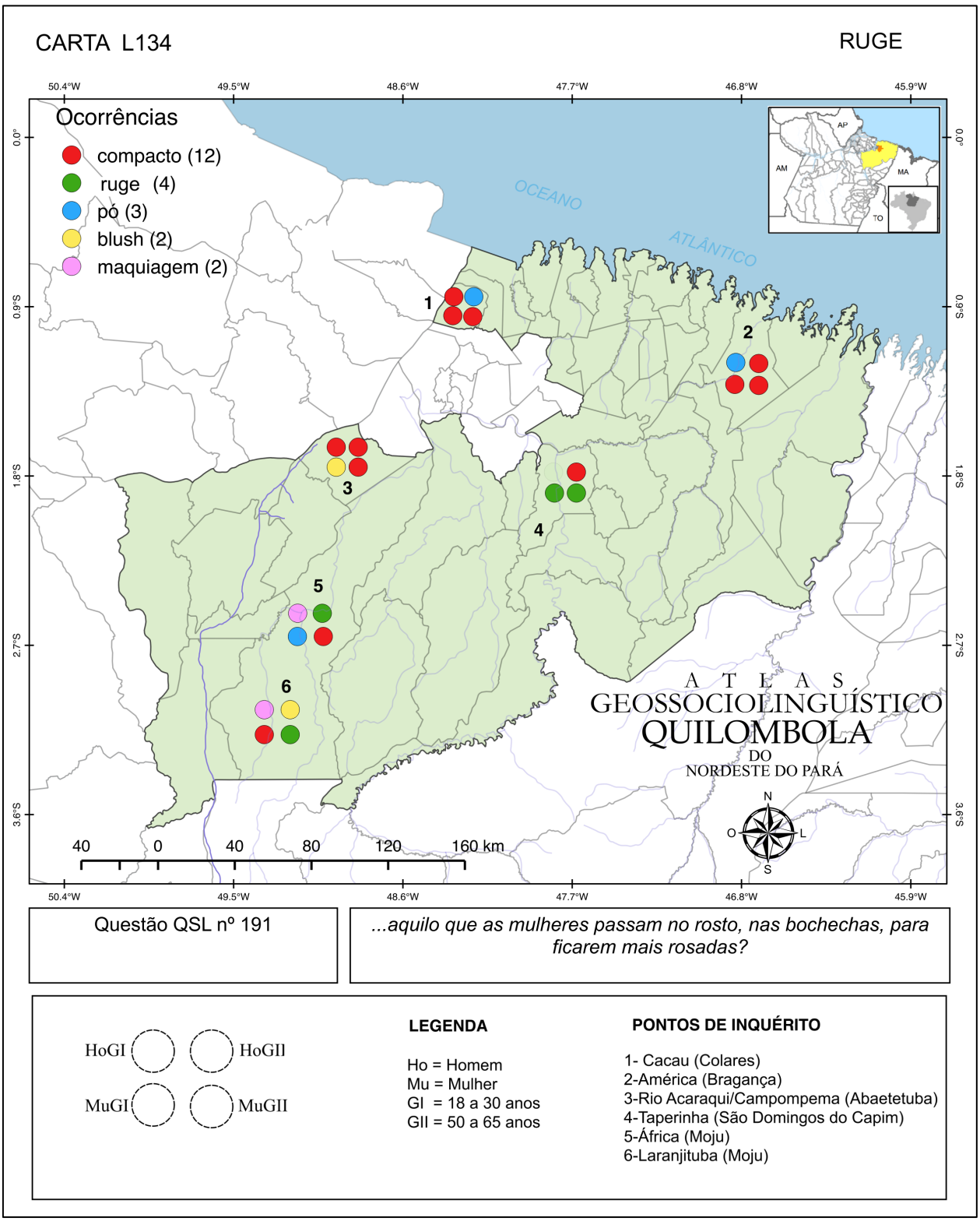
Na carta L133, é possível visualizar que a variante calcinha prevaleceu em todos os pontos de inquérito do AGQUINPA e no ponto de inquérito 2 (América) tivemos, além da variante *calcinha*, o registro da variante *biquíni* exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais velha. Podemos dizer, com base nos dados, que nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha), 5 (África) e 6 (Laranjituba) tivemos a presença de norma monoléxica e apenas no ponto de inquérito 2 (América) a norma é heteroléxica.

3.3.13.4 Ruge

...aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

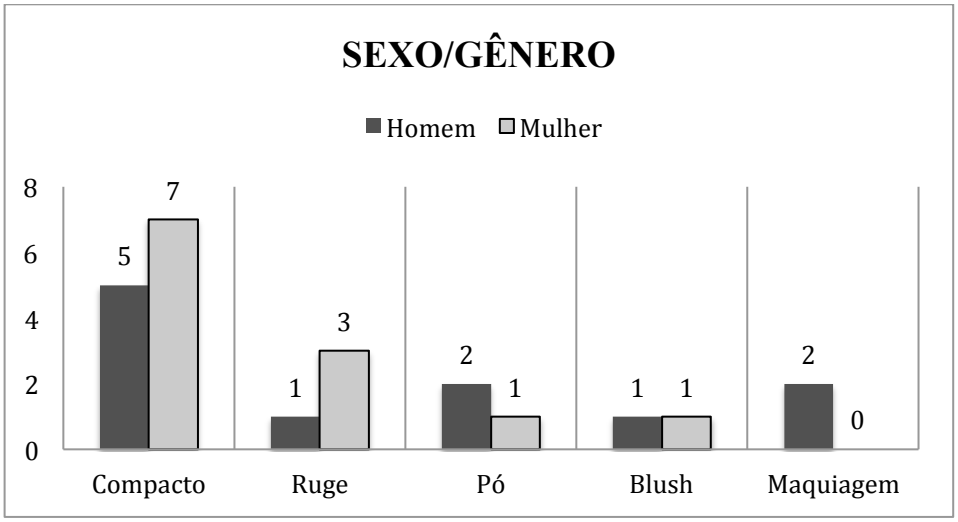
A questão nº 191, do QSL, apresentou doze ocorrências para a variante *compacto*, quatro ocorrências para a variante *ruge*, três ocorrências para a variante *pó*, além das variantes *blush* e *maquiagem*, com duas ocorrências cada. Vejamos os resultados completos na carta L134:

Imagem 158 - Carta L134 – questão QSL 191(*ruge*).



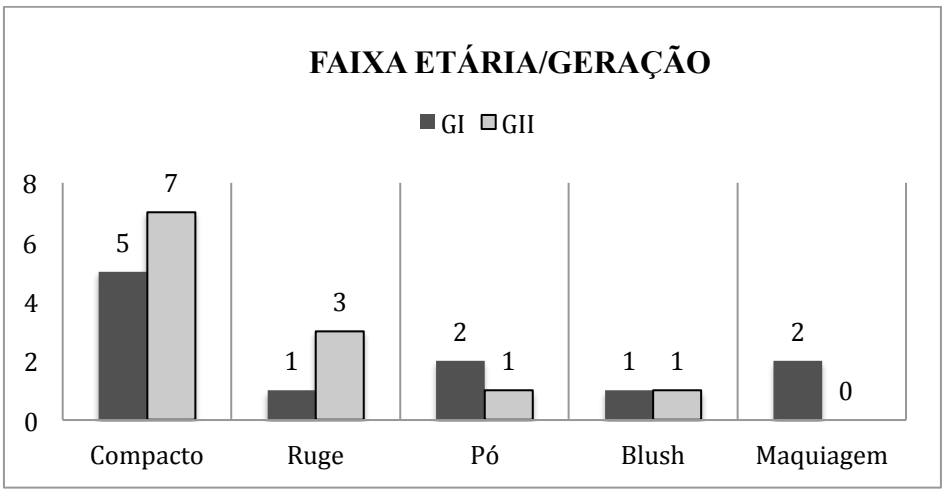
Podemos observar, na carta L134, a variante *compacto* prevalecendo nos pontos 1 (Cacau), 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema). No ponto de inquérito 4 (Taperinha), tivemos a prevalência da variante *ruge* e nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba) registramos quatro variantes distintas e nenhuma delas prevaleceu nos dois respectivos pontos. Os resultados também mostram que em todos os seis pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica. A seguir, podemos visualizar os resultados diassexuais referentes à questão 191 do QSL:

Gráfico 166 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L134 – questão QSL 191(*ruge*).



Como podemos observar no gráfico 166, a variante *compacto* apresentou sete ocorrências entre as mulheres e cinco ocorrências entre os homens, já a variante *ruge* teve três respostas entre as mulheres e uma única resposta entre os homens. A variante *pó* foi registrada duas vezes entre os homens e uma única vez entre as mulheres, enquanto que a variante *blush* teve uma única ocorrência para cada sexo. Por fim, a variante *maquiagem* foi registrada exclusivamente entre os homens, com duas ocorrências. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 167 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L134 – questão QSL 191(*ruge*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *compacto* prevalecendo entre os colaboradores mais velhos, com sete ocorrências no total e cinco ocorrências entre os colaboradores mais jovens. Já a variante *ruge* teve três ocorrências entre os colaboradores mais velhos e apenas uma ocorrência entre os jovens.

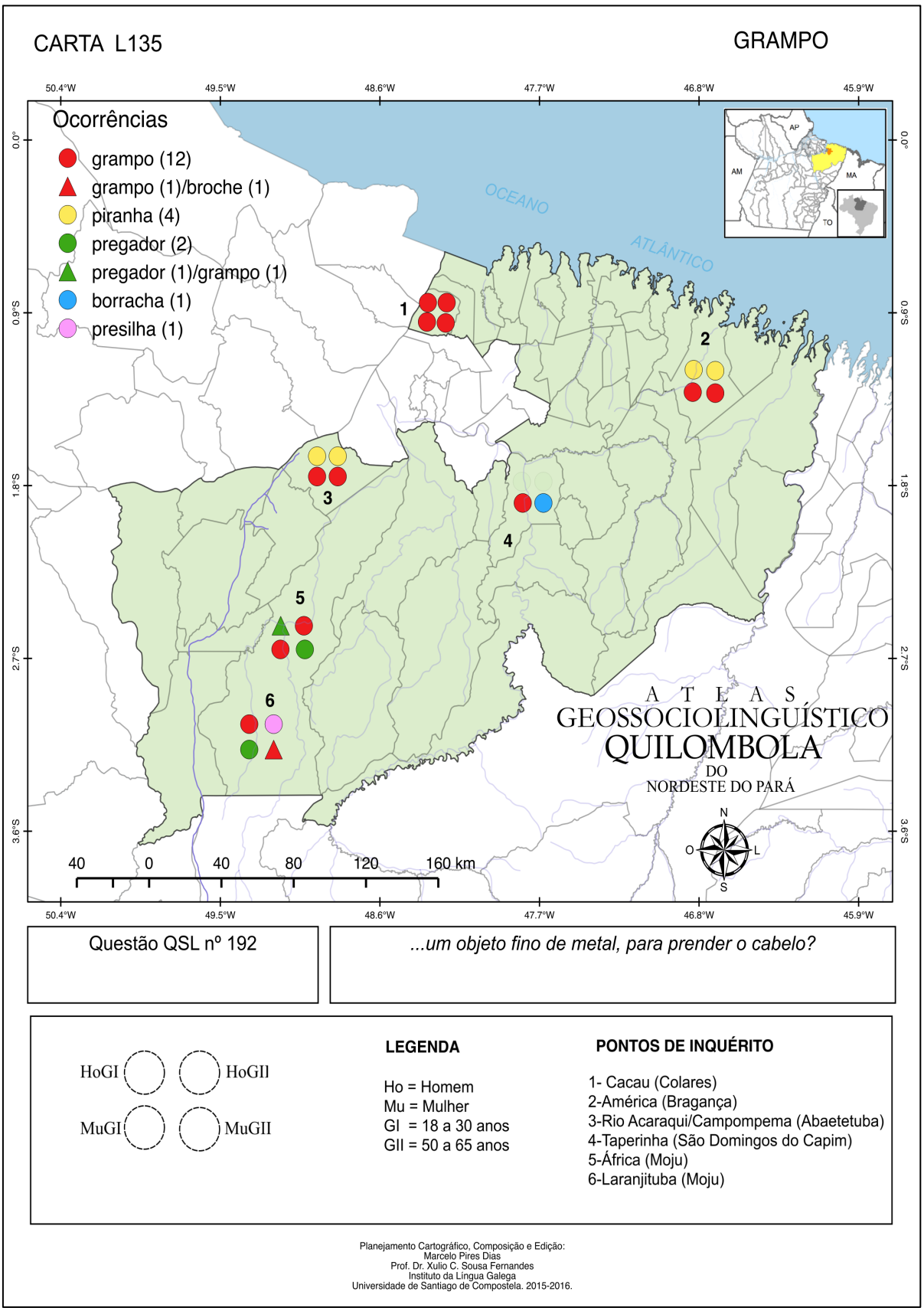
A variante *pó* teve duas ocorrências entre os mais jovens e apenas uma ocorrência entre os mais velhos, enquanto que a variante *blush* apresentou uma ocorrência para cada geração e a variante *maquiagem* foi registrada exclusivamente entre os mais jovens.

3.3.13.5 Grampo

...um objeto fino de metal usado para prender os cabelos?

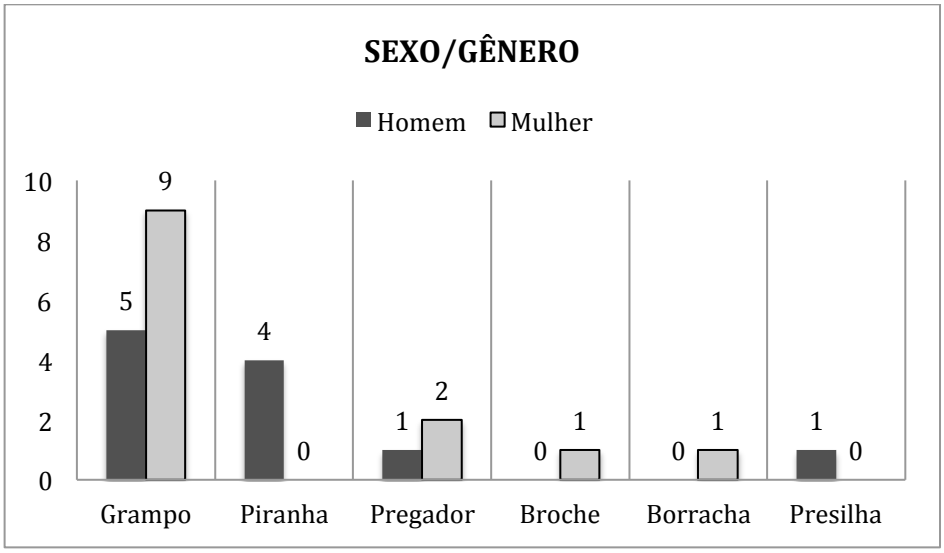
A questão nº 192, do QSL, apresentou quatorze ocorrências para a variante *grampo*, quatro ocorrências para a variante *piranha*, três ocorrências para a variante *pregador*, além das variantes *broche*, *borracha* e *presilha*, com uma ocorrência cada. Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L135:

Imagem 159 - Carta L135 – questão QSL 192 (*grampo*).



Como podemos observar na carta L135, a variante *grampo* prevaleceu nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 5 (África) e 6 (Laranjituba), enquanto que nos pontos de inquérito 2 (América) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos as variantes *grampo* e *piranha* com metade das ocorrências cada uma e no ponto 4 (Taperinha) registramos as variantes *grampo* e *borracha* também com uma ocorrência cada, portanto, nesses três pontos não tivemos a prevalência de nenhuma variante. Prevaleceu na região a norma heteroléxica e apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau) tivemos a ocorrência de norma monoléxica. A seguir, podemos visualizar os resultados referentes à dimensão diassexual:

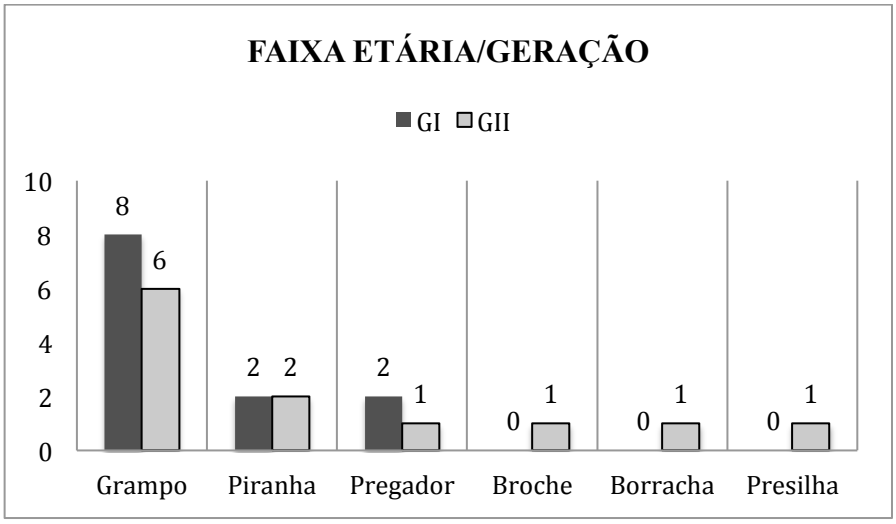
Gráfico 168 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L135 – questão QSL 192 (*grampo*).



No gráfico 168, podemos observar a variante *grampo* prevalecendo entre as mulheres, com nove ocorrências no total, enquanto que entre os homens registramos cinco respostas. A variante *pregador* teve duas ocorrências entre as mulheres e uma única ocorrência entre os homens.

As variantes *broche* e *borracha* foram usadas exclusivamente entre as mulheres, com uma resposta cada, enquanto que as variantes *piranha* (quatro ocorrências) e *presilha* (uma ocorrência) foram registradas exclusivamente entre os homens. A seguir, veremos os resultados diageracionais para esta questão:

Gráfico 169 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L135 – questão QSL 192 (*grampo*).



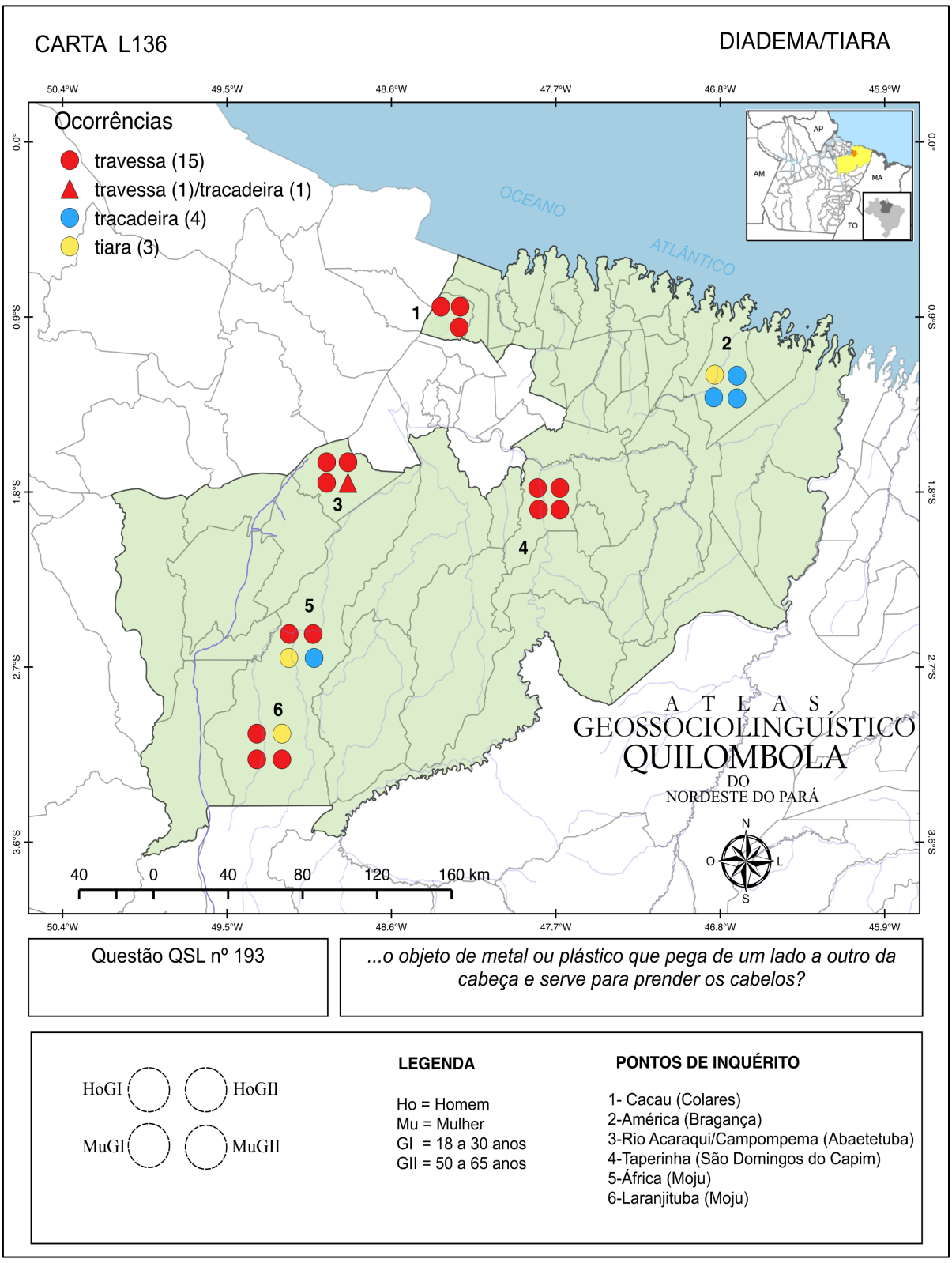
Os resultados referentes à dimensão diageracional mostraram a variante *grampo* com oito ocorrências entre os colaboradores mais jovens e seis ocorrências entre os colaboradores mais velhos, enquanto que a variante *piranha* apresentou duas ocorrências para cada geração. A variante *pregador* teve duas respostas entre os mais jovens e uma única ocorrência entre os mais velhos. Também foi entre os mais velhos que tivemos exclusivamente as variantes *broche*, *borracha* e *presilha*, com uma ocorrência cada.

3.3.13.6 Diadema/tiara

...o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?

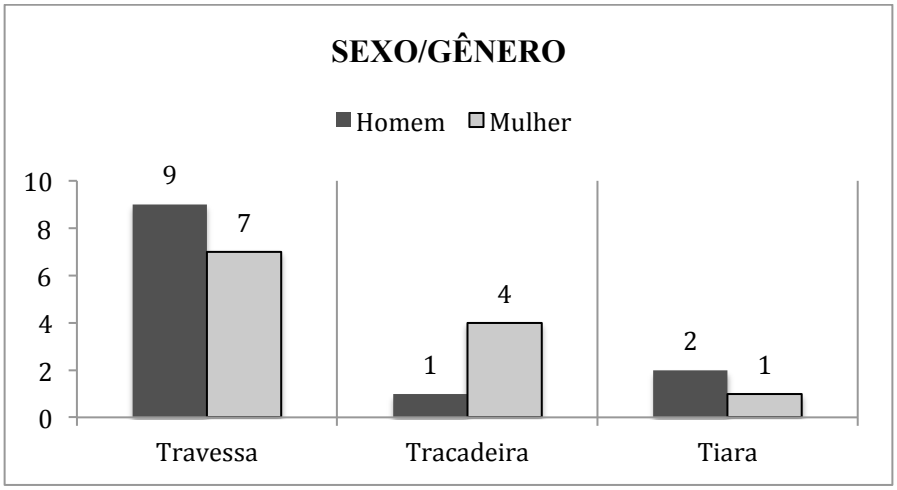
A questão nº 193, do QSL, apresentou dezesseis ocorrências para a variante *travessa*, cinco ocorrências para variante *tracadeira*, além de três ocorrências para a variante t*iara*. Vejamos, na carta L136, a prevalência da variante *travessa* diante das demais respostas:

Imagem 160 - Carta L136 – questão QSL 193 (*diadema/tiara*).



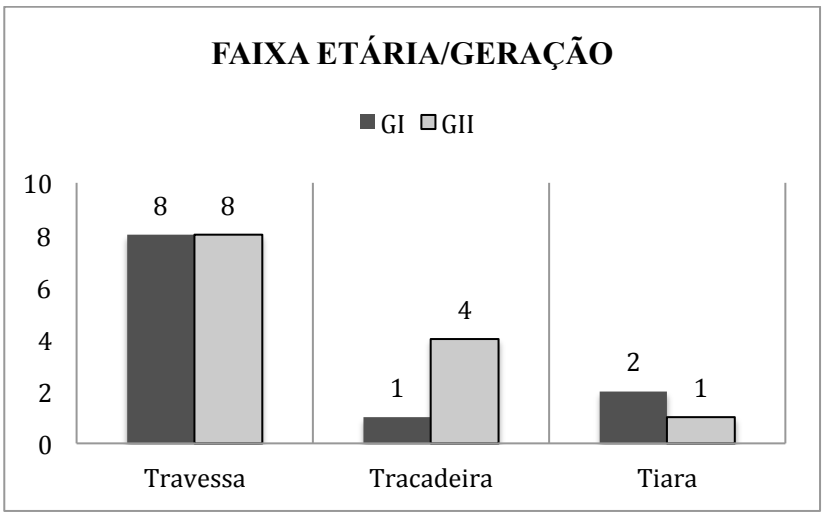
Como podemos observar na carta L136, a variante *travessa* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha), ponto 5 (África) e ponto 6 (Laranjituba). O único ponto de inquérito em que a variante *travessa* não prevaleceu foi no ponto 2 (América), em que tivemos a prevalência da variante *tracadeira*. Cabe destacar também que o ponto de inquérito 5 (África) foi o que apresentou mais variação, com três variantes distintas registradas (*travessa*, *tracadeira* e *tiara*). Os pontos de inquérito 1 (Cacau) e 4 (Taperinha) apresentaram norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito prevaleceu a norma heteroléxica. A seguir, iremos conferir os resultados diassexuais para esta questão do AGQUINPA

Gráfico 170 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L136 – questão QSL 193 (*diadema/tiara*).



Da perspectiva diassexual, a variante *travessa* apresentou nove ocorrências entre os homens e sete respostas entre as mulheres, enquanto que a variante *tracadeira* teve quatro respostas entre as mulheres e apenas uma resposta entre os homens. Por fim, a variante *tiara* apresentou duas ocorrências entre os homens e apenas uma ocorrência entre as mulheres. No gráfico 171, iremos conferir os resultados diageracionais registrados para a questão:

Gráfico 171 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L136 – questão QSL 193 (*diadema/tiara*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *travessa* com a mesma quantidade de ocorrências tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos (oito ocorrências para cada geração). Por outro lado, a variante *tracadeira* teve quatro ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os mais jovens, enquanto que a variante *tiara* apresentou duas ocorrências entre os mais jovens e apenas uma resposta entre os mais velhos.

3.3.14 Vida urbana

O campo semântico *vida urbana* possui nove questões referentes a equipamentos de trânsito (*semáforo*), estabelecimentos comerciais (*bar*, *boteco* ou *bodega*), elementos do passeio público (*meio-fio*, *lombada*, *rotatória*, etc.) e meios de transporte (*ônibus urbano* e *interurbano*), dentre outros. Vejamos os resultados das seis cartas selecionadas deste campo semântico:

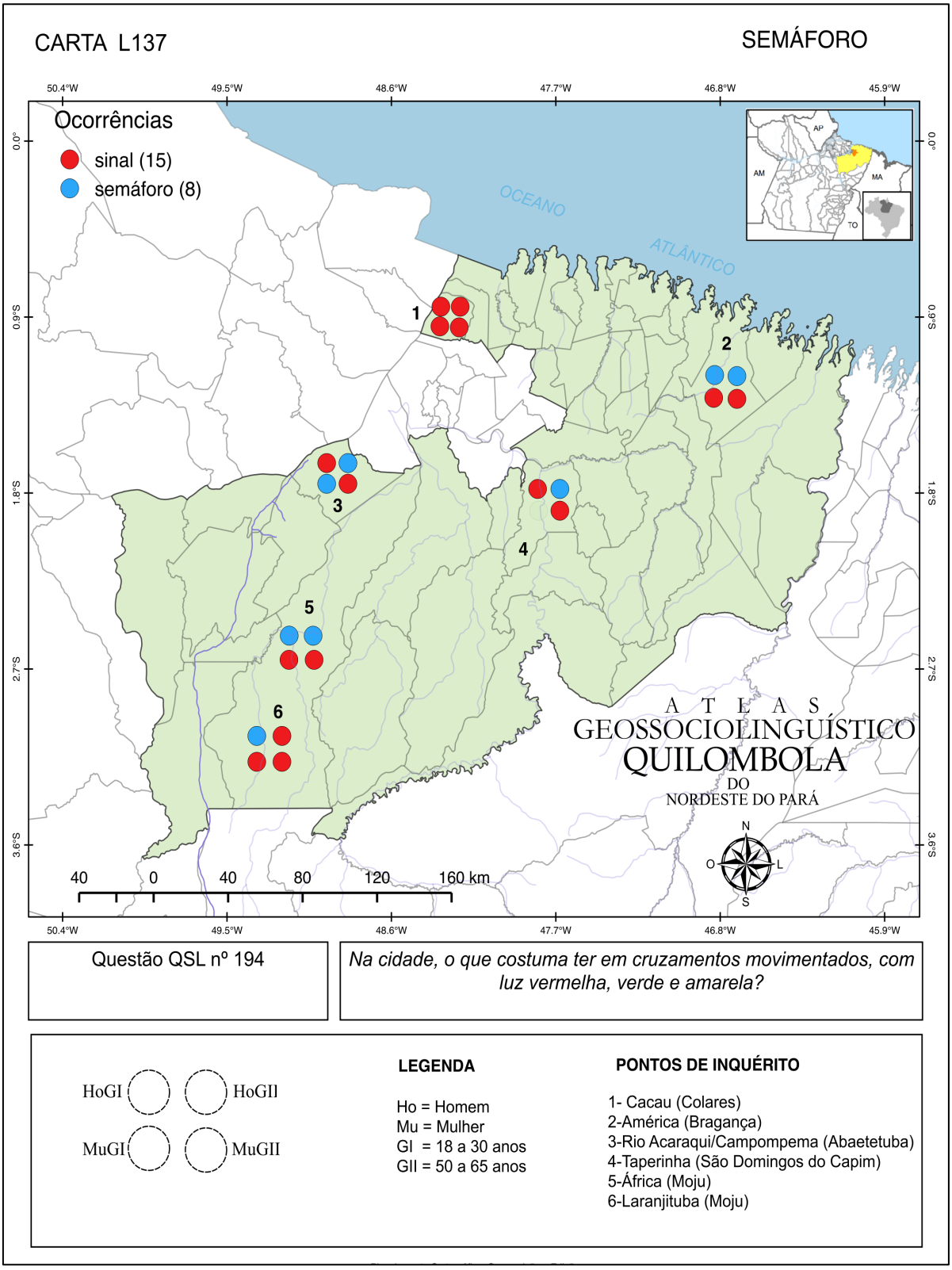
3.3.14.1 Semáforo

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

A questão nº 194, do QSL, apresentou quinze ocorrências para a variante *sinal*, além de oito ocorrências para a variante *semáforo*.

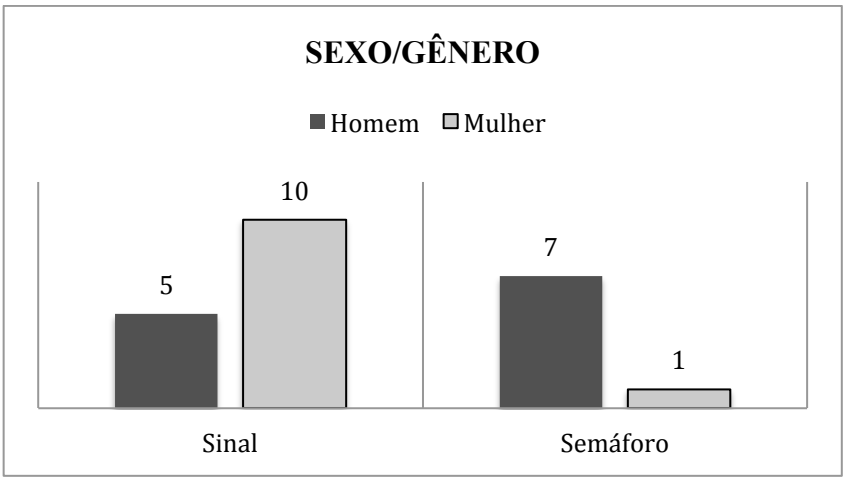
Como podemos observar na carta L137, a seguir, a variante *sinal* prevaleceu diante da variante *semáforo*. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 161 - Carta L137 – questão QSL 194 (*semáforo*).



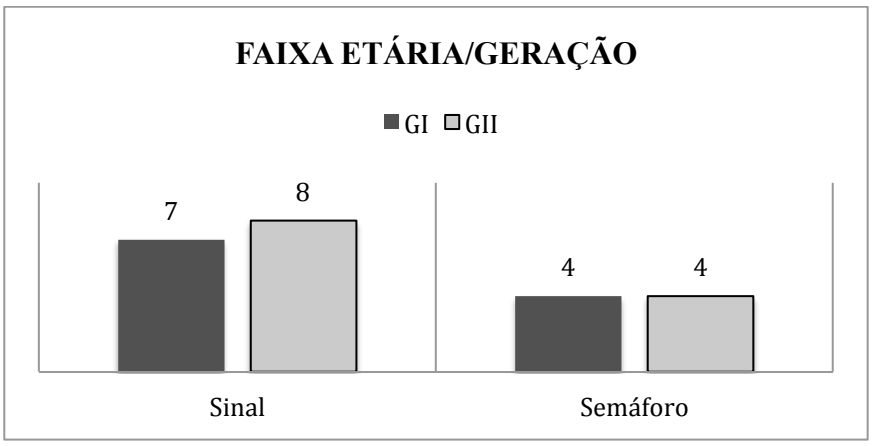
Na carta L137, é possível visualizar a variante *sinal* prevalecendo nos pontos 1 (Cacau), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba). Nos pontos 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África), tivemos as variantes *sinal* e *semáforo* com a metade das ocorrências cada uma, portanto, sem a prevalência de qualquer variante. Também podemos observar na carta o uso de norma monoléxica apenas no ponto de inquérito 1 (Cacau), enquanto que nos demais pontos de inquérito registramos a presença de norma heteroléxica. A seguir, iremos conferir os resultados diassexuais registrados na carta L137:

Gráfico 172 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L137 – questão QSL 194 (*semáforo*).



Como podemos observar no gráfico 172, a variante *sinal* prevaleceu entre as mulheres, com dez ocorrências no total, enquanto que entre os homens tivemos cinco respostas. Por outro lado, a variante *semáforo* prevaleceu entre os homens, com sete ocorrências no total, enquanto que entre as mulheres tivemos uma única resposta. No gráfico 173, podemos observar os resultados diageracionais registrados para a questão:

Gráfico 173 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L137 – questão QSL 194 (*semáforo*).



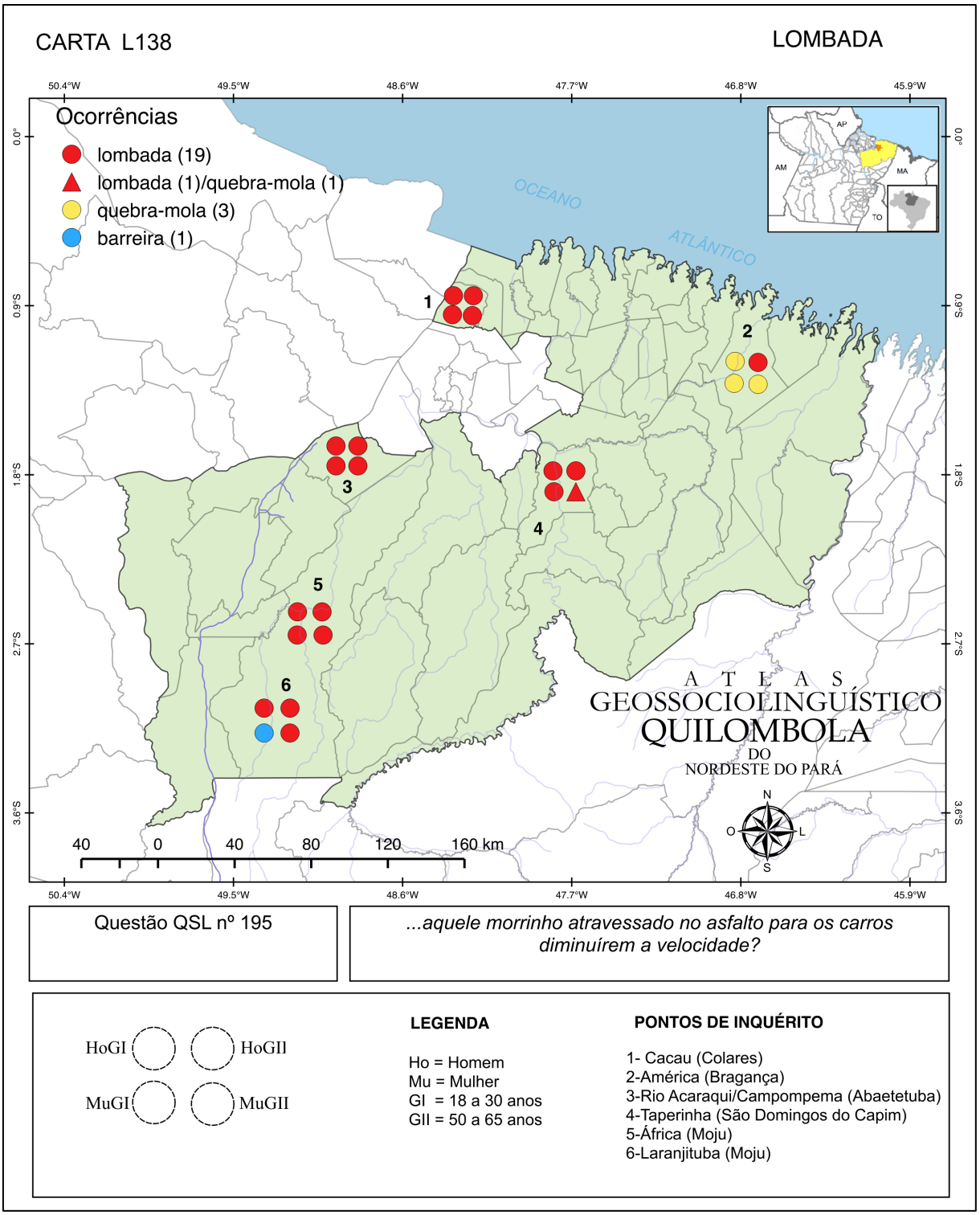
Do ponto de vista diageracional, a variante *sinal* apresentou oito ocorrências entre os colaboradores mais velhos e sete ocorrências entre os colaboradores mais jovens. Já a variante *semáforo* apresentou quatro ocorrências tanto para os colaboradores mais jovens quanto para os colaboradores mais velhos.

3.3.14.2 Lombada

...aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

A questão de nº 195, do QSL, apresentou a seguintes variantes: *lombada* (vinte ocorrências), *quebra-mola* (quatro ocorrências) e *barreira* (uma ocorrência). Vejamos a distribuição diatópica das variantes na carta L138:

Imagem 162 - Carta L138 – questão QSL 195 (*lombada*).



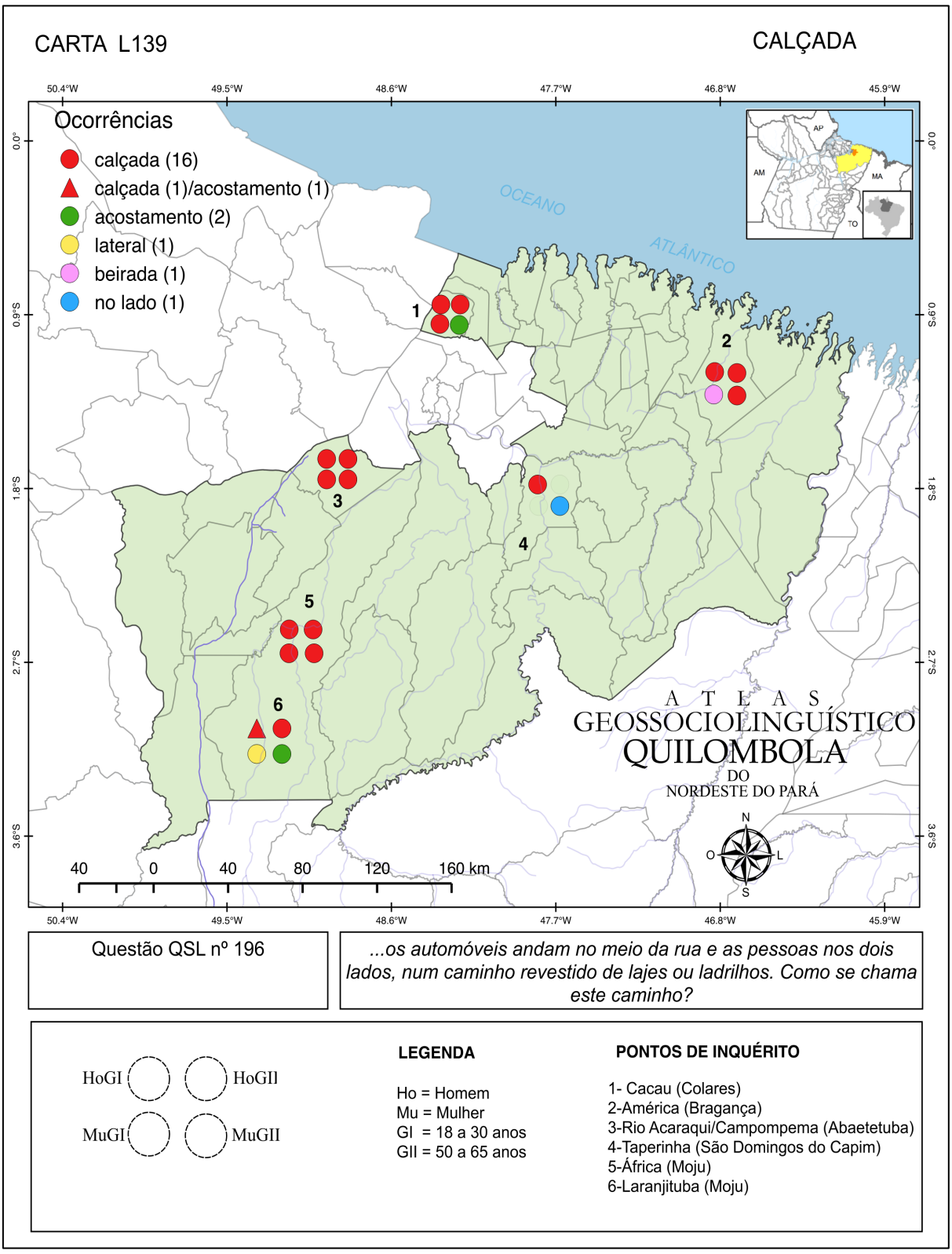
A variante *lombada* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco deles, com exceção do ponto de inquérito 2 (América), no qual prevaleceu a variante *quebra-mola*, com três ocorrências. No ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos a ocorrência da variante *barreira*, registrada exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem, e no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos o registro das variantes *lombada* e *quebra-mola*. Com base nesses resultados podemos dizer que nos pontos de inquérito 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) tivemos a ocorrência de norma monoléxica, enquanto que nos pontos de inquérito 2 (América), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba), a norma observada é heteroléxica.

3.3.14.3 Calçada

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos.

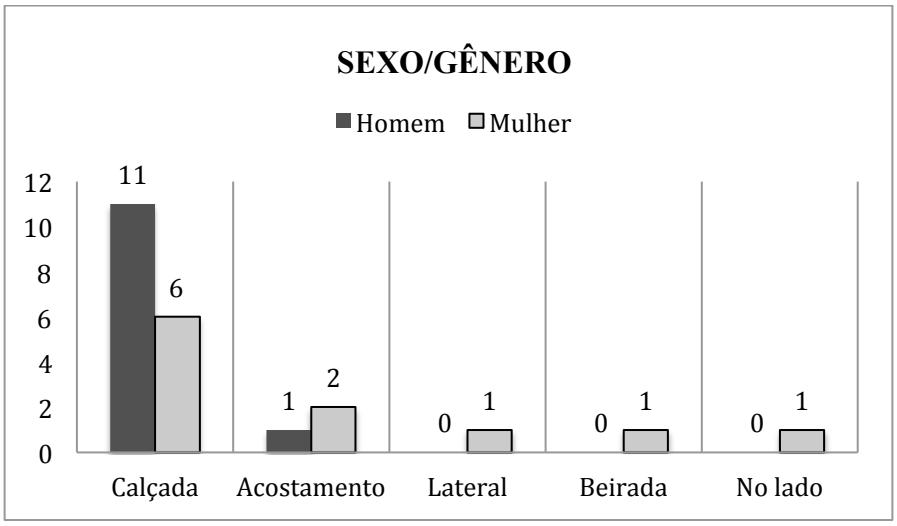
A questão nº 196, do QSL, apresentou dezessete ocorrências para a variante *calçada*, três ocorrências para a variante *acostamento*, além das variantes *lateral*, *beirada* e *no lado*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L139, a prevalência da variante *calçada* diante das demais respostas mapeadas no AGQUINPA:

Imagem 163 - Carta L139 – questão QSL 196 (*calçada*).



Na carta L139, podemos visualizar a variante *calçada* prevalecendo em 4 dos 6 pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e ponto 5 (África). No ponto 4 (Taperinha), tivemos as variantes *calçada* e *no lado* com uma ocorrência cada, assim como no ponto 6 (Laranjituba), em que tivemos as variantes *calçada* e *acostamento* com a mesma quantidade de ocorrências. Os pontos de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África) foram os únicos que apresentaram norma monoléxica na região, ao contrário dos demais pontos de inquérito. A seguir, iremos tratar dos resultados diassexuais dispostos na carta L139:

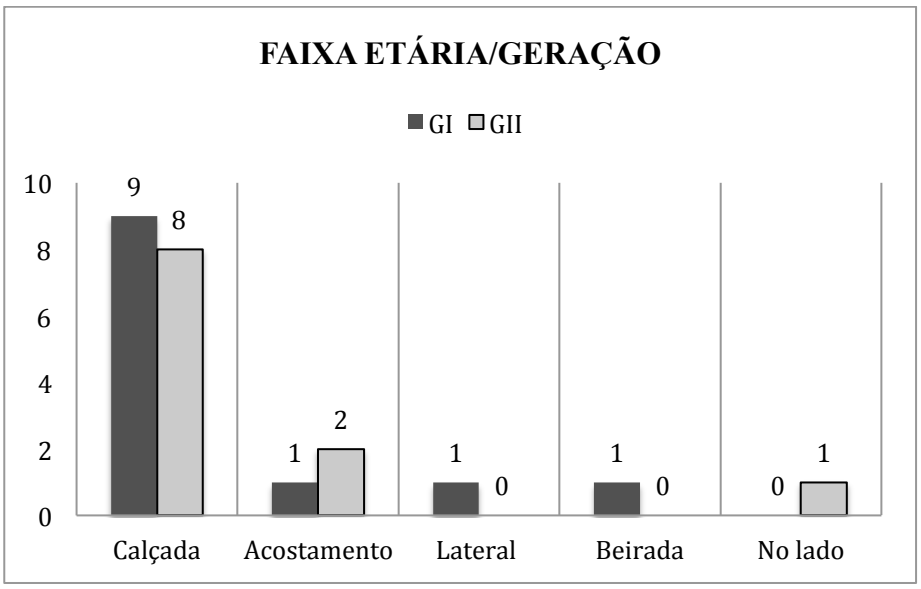
Gráfico 174 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L139 – questão QSL 196 (*calçada*).



Como podemos observar no gráfico 174, a variante *calçada* prevaleceu entre os homens, com onze ocorrências no total, ante seis respostas registradas entre as mulheres. Já a variante *acostamento* teve duas ocorrências entre as mulheres e apenas uma ocorrência entre os homens.

Também registramos as variantes *lateral*, *beirada* e *no lado*, com uma ocorrência cada, apenas entre as colaboradoras mulheres. Vejamos, a seguir, os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 175 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L139 – questão QSL 196 (*calçada*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *calçada* teve nove ocorrências entre os mais jovens e oito ocorrências entre os mais velhos, enquanto que a variante *acostamento* apresentou duas ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os mais jovens.

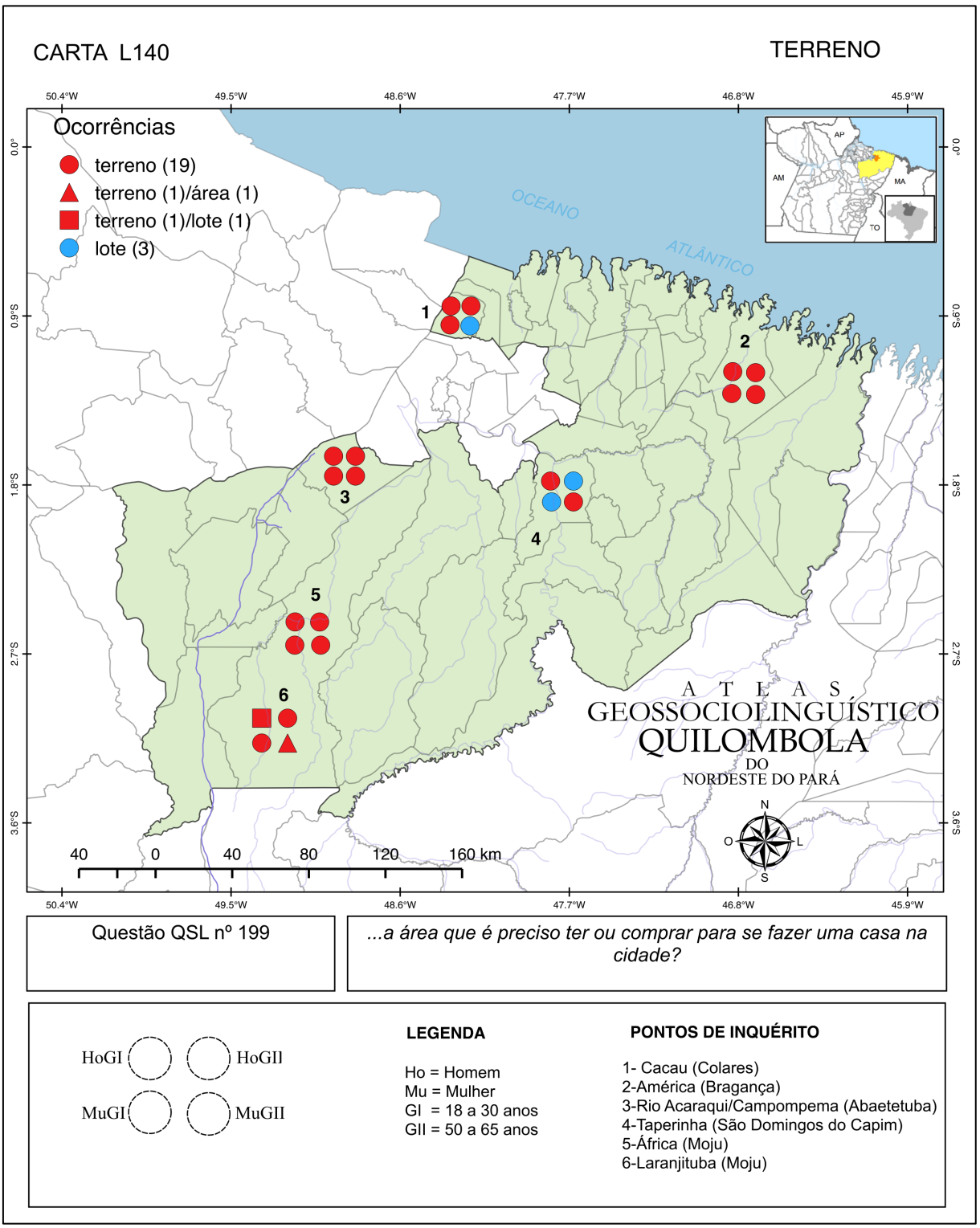
As variantes *lateral* e *beirada* foram registradas, exclusivamente, com uma ocorrência cada, entre os colaboradores mais jovens, e a variante *no lado* foi registrada uma única vez entre os colaboradores mais velhos.

3.3.14.4 Terreno

...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

A questão nº 199, do QSL, apresentou três variantes, a saber: *terreno* (vinte e uma ocorrências), *lote* (quatro ocorrências) e *área*, com uma única ocorrência. Vejamos, na carta L140, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 164 - Carta L140 – questão QSL 199 (*terreno*).



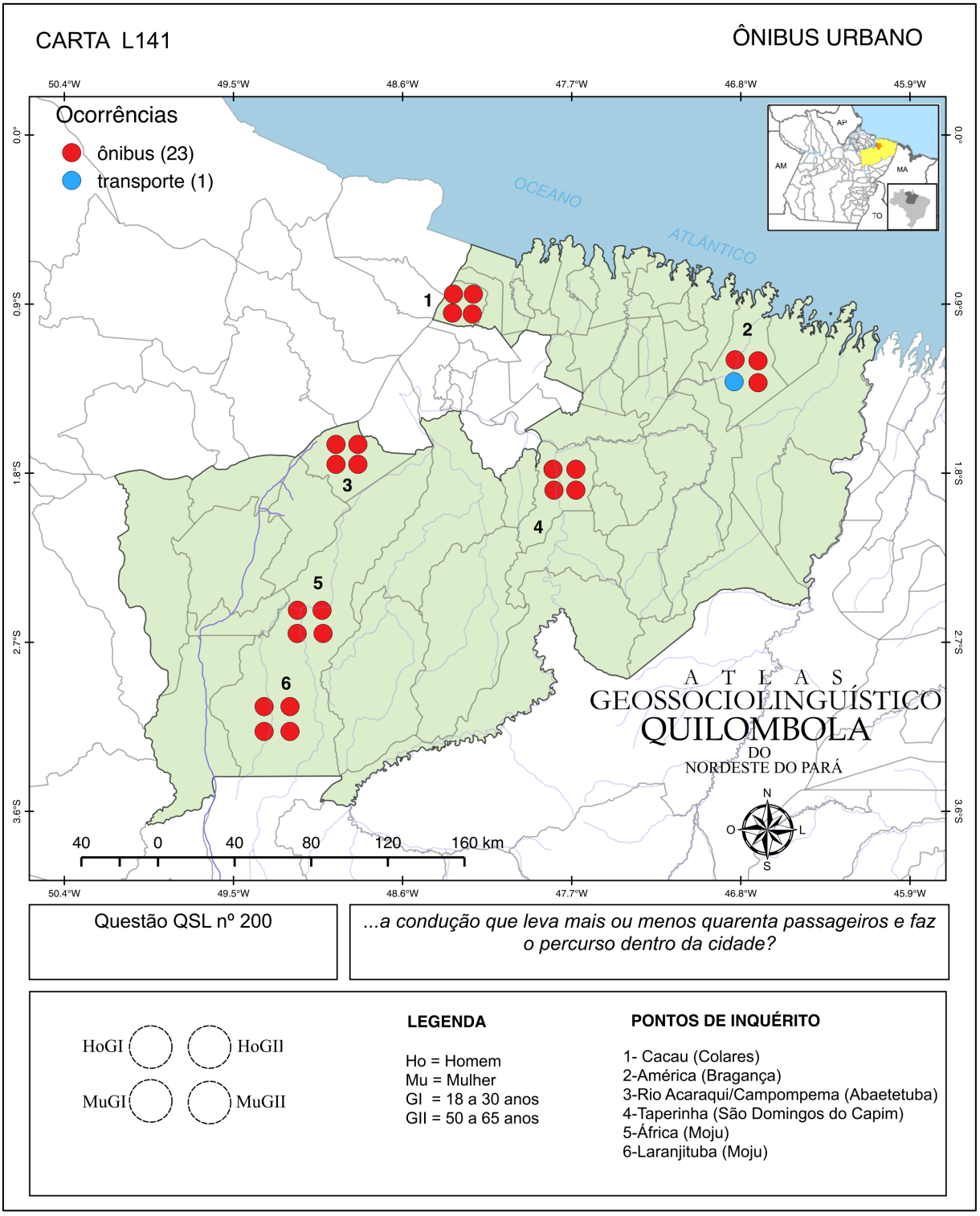
Como podemos observar na carta L140, a variante *terreno* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco desses pontos. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos o registro único da variante *lote*, exclusivamente entre as mulheres da geração II, e no ponto de inquérito 4 (Taperinha) registramos as variantes *terreno* e *lote*, com metade das ocorrências cada variante. No ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos o maior número de variantes, ou seja, três no total (*terreno*, *área* e *lote*). Podemos concluir que nos pontos de inquérito 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 5 (África), a norma observada é monoléxica, e nos pontos 1 (Cacau), 4 (Taperinha) e 6 (Laranjituba) prevaleceu a norma heteroléxica.

3.3.14.5 Ônibus urbano

...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

A questão nº 200, do QSL, apresentou apenas duas variantes: *ônibus* (vinte e três ocorrências) e *transporte* (uma ocorrência). Na carta L141, podemos visualizar a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 165 - Carta L141 – questão QSL 200 (*ônibus urbano*).



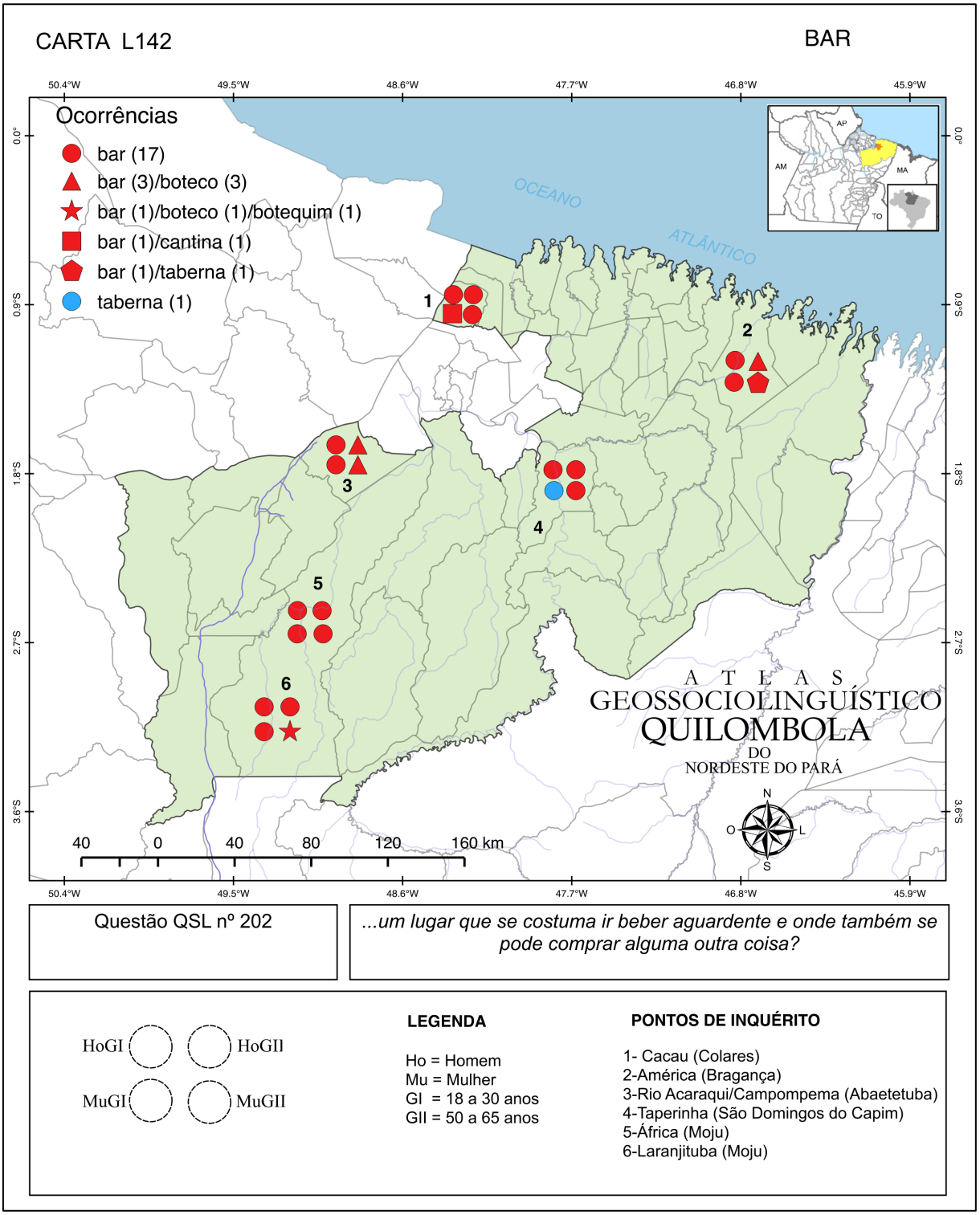
Como podemos visualizar na carta L141, a variante *ônibus* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu também em todos os pontos. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos o registro da variante *transporte*, exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Esses resultados demonstram a prevalência da norma monoléxica na região.

3.3.14.6 Bar

...um lugar que se costuma ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

A questão nº 202, do QSL, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *bar* (vinte e três ocorrências), *boteco* (quatro ocorrências), *taberna* (duas ocorrências), além de *botequim* e *cantina*, com uma ocorrência cada. Vejamos, na carta L142, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 166 - Carta L142 – questão QSL 202 (*bar*).



Como podemos observar na carta L142, a variante *bar* ocorreu e prevaleceu em todos os pontos de inquérito. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos a ocorrência da variante *cantina*, além da variante *bar*, exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem,

já no ponto 2 (América) registramos as variantes *boteco* e *taberna*, exclusivamente entre os colaboradores de ambos os sexos e da geração mais velha. Também registramos no ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema) a variante *boteco* exclusivamente entre os mais velhos e por fim, no ponto 4 (Taperinha), a variante *taberna* ocorreu exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais jovem, enquanto que no ponto de inquérito 6 (Laranjituba) tivemos as variantes *botequim* e *boteco*, registradas exclusivamente na fala de uma mulher da geração II. É possível constatar, na carta, que apenas no ponto de inquérito 5 (África) tivemos a presença de norma monoléxica e nos demais pontos de inquérito, a norma observada é heteroléxica.

3.3.15 Léxico de origem Bantu no AGQUINPA

Como já dissemos no Capítulo 2, realizamos uma pequena adaptação no QSL, acrescentando trinta e uma questões com itens lexicais de origem *Bantu*, com o intuito de verificar a presença e difusão ou não do léxico de origem africana nas comunidades quilombolas com base nas informações dos colaboradores. A seguir, apresentaremos as onze cartas selecionadas com os dados obtidos na aplicação desse questionário.

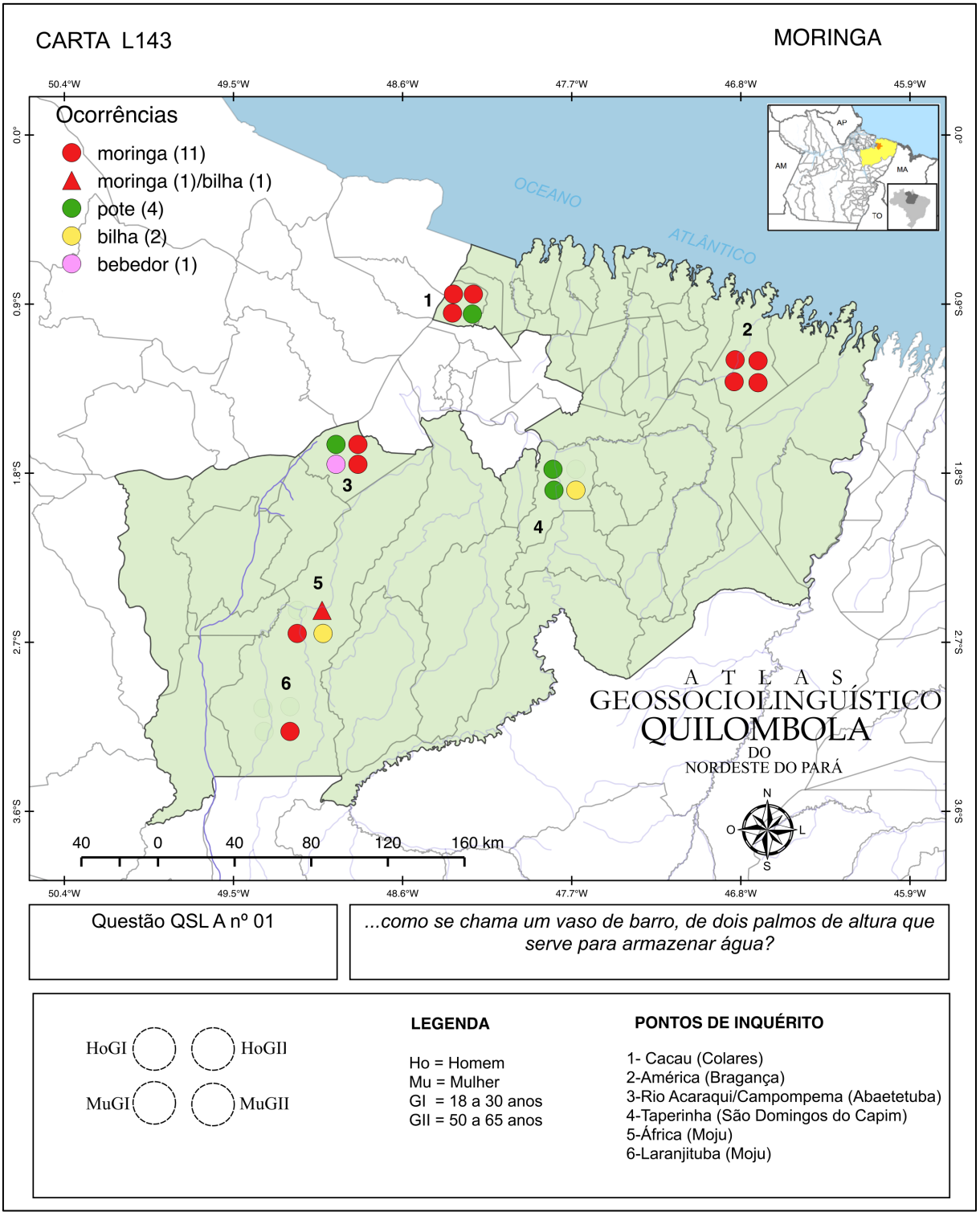
3.3.15.1 Moringa

...como se chama um vaso de barro, de dois palmos de altura que serve para armazenar água?

A questão nº 1, do QSL-A, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *moringa* (doze ocorrências), *pote de barro* (quatro ocorrências), *bilha* (três ocorrências) e *bebedor*, com uma única ocorrência.

Na carta L143, podemos observar que a variante *moringa* prevaleceu diante das demais variantes registradas no AGQUINPA. Vejamos os resultados completos a seguir:

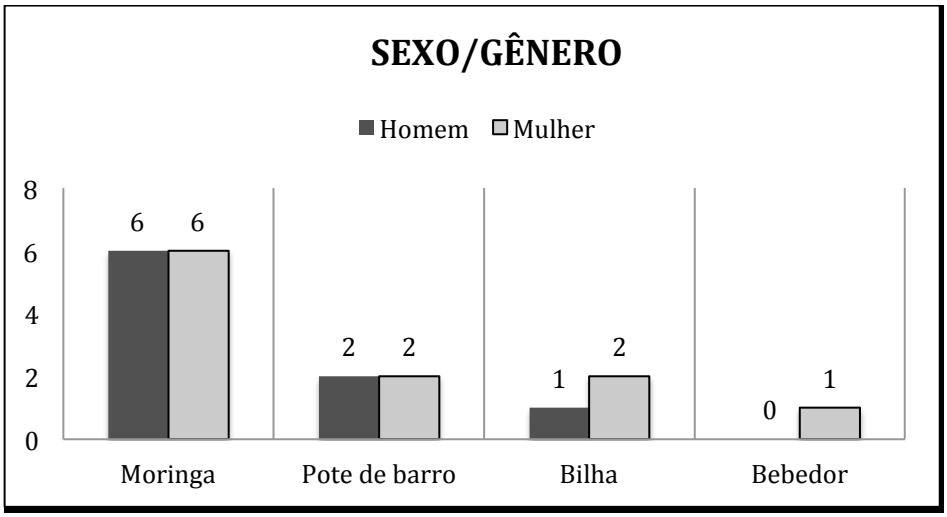
Imagem 167 - Carta L143 – questão QSL-A 01 (*moringa*).



Na carta L143, podemos observar a variante *moringa* prevalecendo nos seguintes pontos de inquérito: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América) e ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema). No ponto 4 (Taperinha), tivemos a prevalência da variante *pote*, enquanto que no ponto 5 (África) tivemos as variantes *moringa* e *bilha* com a mesma quantidade de ocorrências e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos um único registro da variante *moringa*.

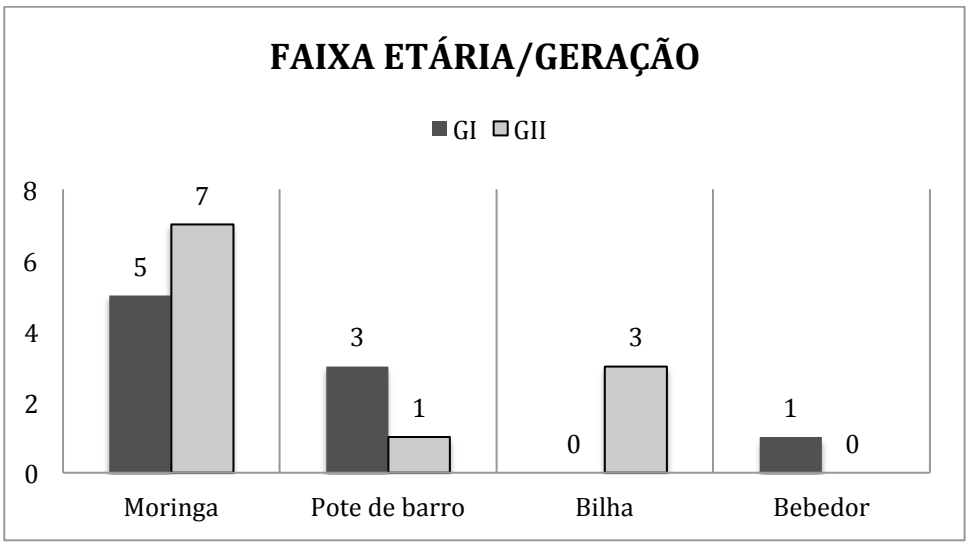
De acordo com Lopes (2012, p. 179), a variante *moringa* é de origem nhungue e corresponde ao étimo quimbundo *muringi* ou *mudinge* e possui acepção de "garrafão de barro para conter e refrescar água potável". A seguir, no gráfico 176, veremos os resultados diassexuais registrados na carta L143:

Gráfico 176 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L143 – questão QSL A-01 (*moringa*).



Como podemos observar no gráfico 176, a variante *moringa* apresentou a mesma quantidade de respostas, ou seja, seis ocorrências para ambos os sexos, assim como como a variante *pote* (duas ocorrências para cada sexo). Já a variante *bilha* apresentou duas ocorrências entre as mulheres e apenas uma ocorrência entre os homens. A variante *bebedor* apresentou uma única ocorrência exclusivamente entre as mulheres. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diageracional.

Gráfico 177 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L143 – questão QSL A-01 (*moringa*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *moringa* prevaleceu entre os mais velhos, com sete ocorrências no total, enquanto que entre os mais jovens tivemos cinco ocorrências. Já a variante *pote de barro* teve três ocorrências entre os mais jovens e apenas uma ocorrência entre os mais velhos.

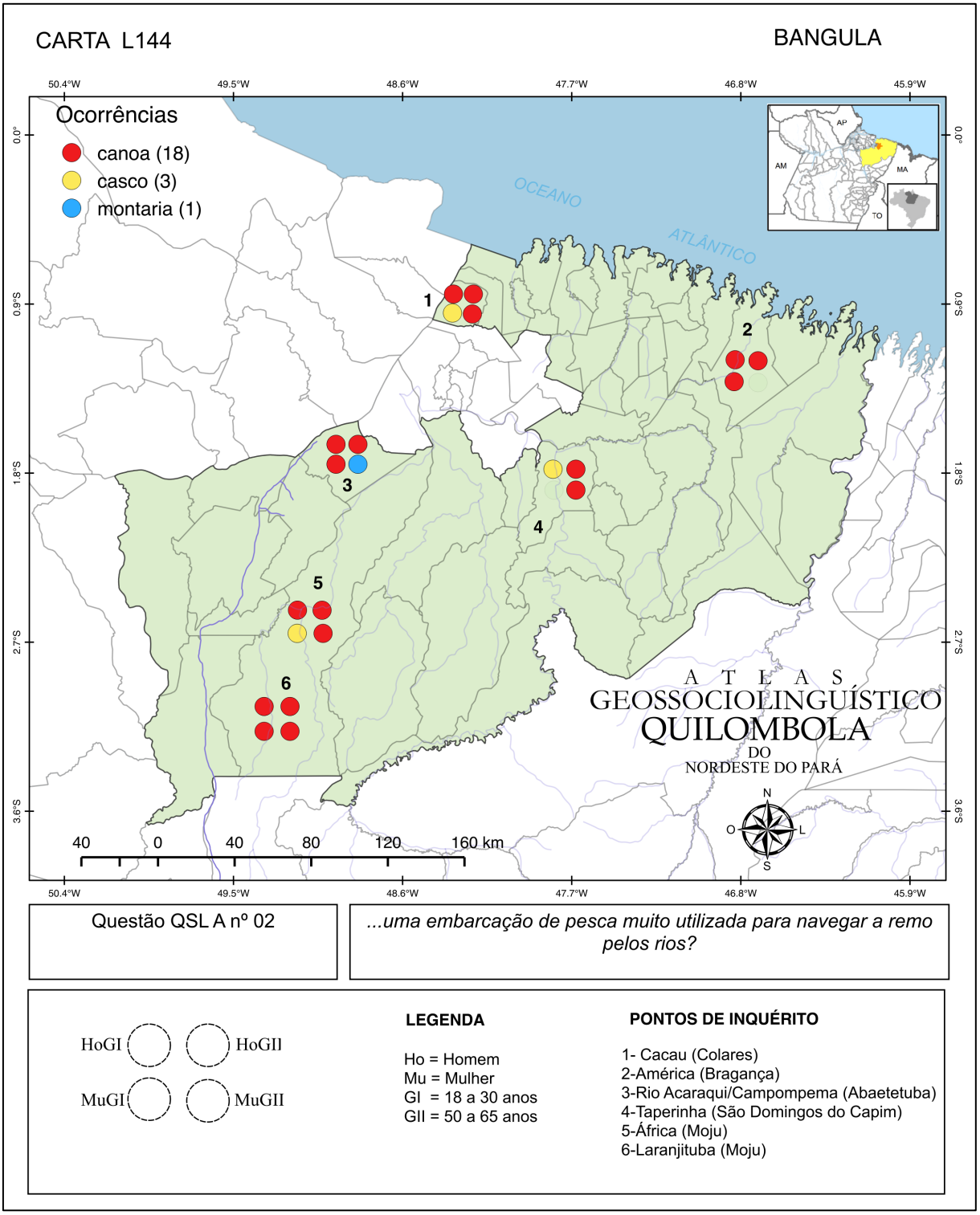
Registramos também a variante *bilha* exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com três ocorrências no total, e a variante *bebedor*, com uma única ocorrência, exclusivamente entre os colaboradores mais jovens.

3.3.15.2 Bangula

...uma embarcação de pesca muito utilizada para navegar a remo pelos rios?

A questão nº 02, do QSL-A, apresentou três variantes, a saber: *canoa* (dezoito ocorrências), *casco* (três ocorrências) e *montaria* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L144, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 168 - Carta L144 – questão QSL-A 02 (*bangula*).



Como podemos observar na carta L144, a variante *canoa* ocorreu em todas as comunidades e prevaleceu em todos os pontos de inquérito. Nos pontos de inquérito 2 (América) e 6 (Laranjituba), tivemos a presença de norma monoléxica, enquanto que nos

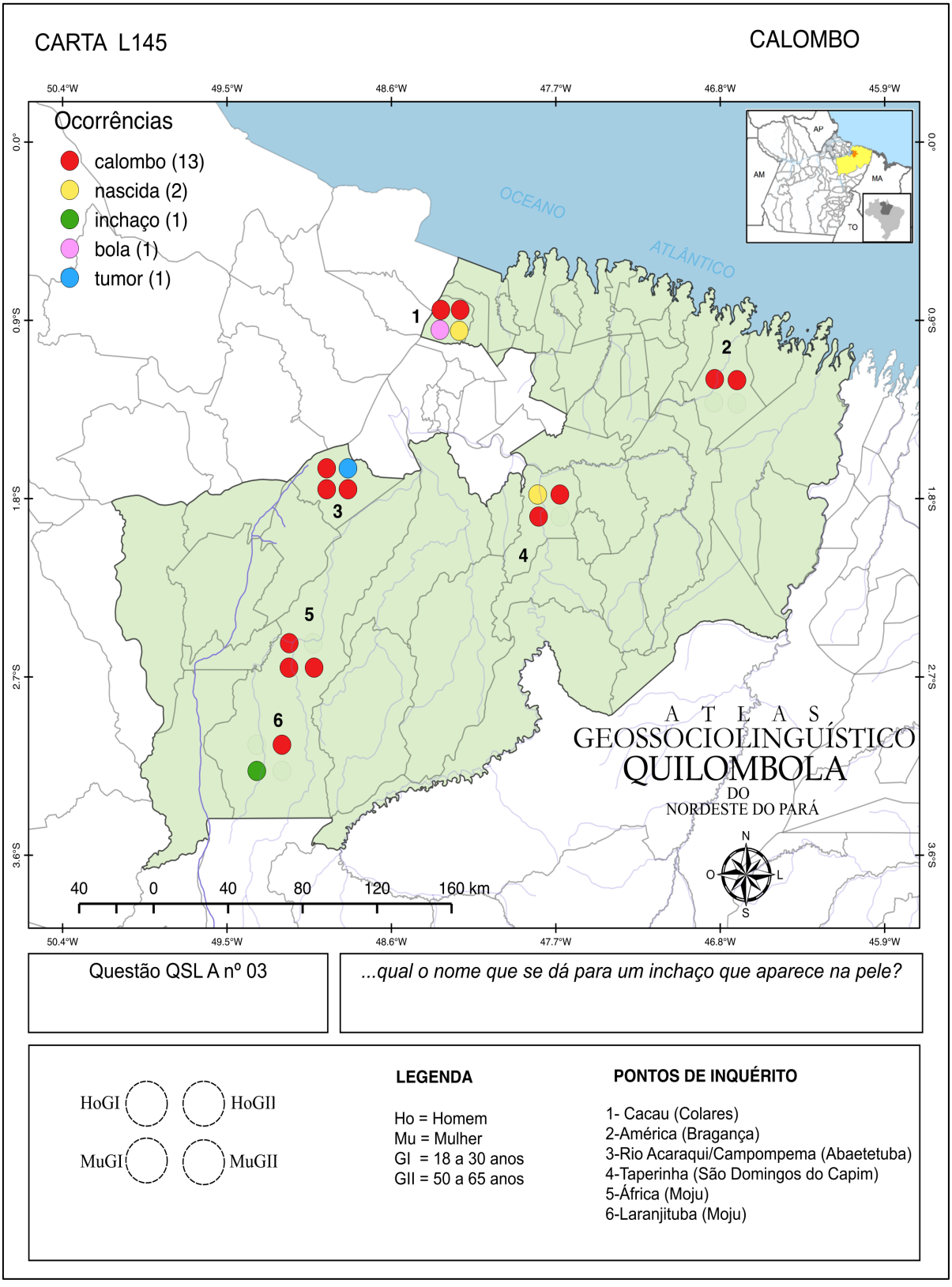
pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 4 (Taperinha) e 5 (África) registramos, além da variante *canoa*, a variante *casco*, exclusivamente entre os colaboradores da geração mais jovem. Por fim, no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema), registramos a variante *montaria* exclusivamente na fala de uma mulher da geração II (50 a 65 anos).

3.3.15.3 Calombo

...qual o nome que se dá para um inchaço que aparece na pele?

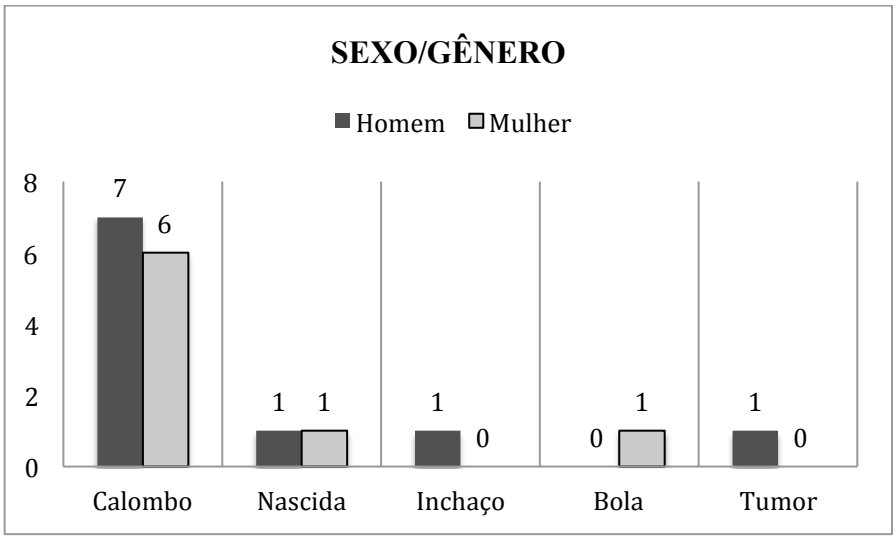
A questão nº 03, do QSL-A, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *calombo* (treze ocorrências), *nascida* (duas ocorrências), além de *inchaço*, *bola* e *tumor*, com uma ocorrência cada. A seguir, na carta L145, veremos a distribuição diatópica das variantes mapeadas:

Imagem 169 - Carta L145 – questão QSL-A 03 (*calombo*).



Na carta L145, podemos observar que a variante *calombo* prevaleceu em cinco dos seis pontos de inquérito, a saber: ponto 1 (Cacau), ponto 2 (América), ponto 3 (Rio Acaraqui/Campompema), ponto 4 (Taperinha) e ponto 5 (África). No ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos as variantes *calombo* e *inchaço* com uma ocorrência cada. Destacamos, para esta questão, o ponto de inquérito 1 (Cacau), que apresentou o maior número de variantes (três no total), a saber: *calombo*, *nascida* e *bola*. Como já foi explanado na carta L71, a variante *calombo* tem origem no étimo *mulumbu.* A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diassexual:

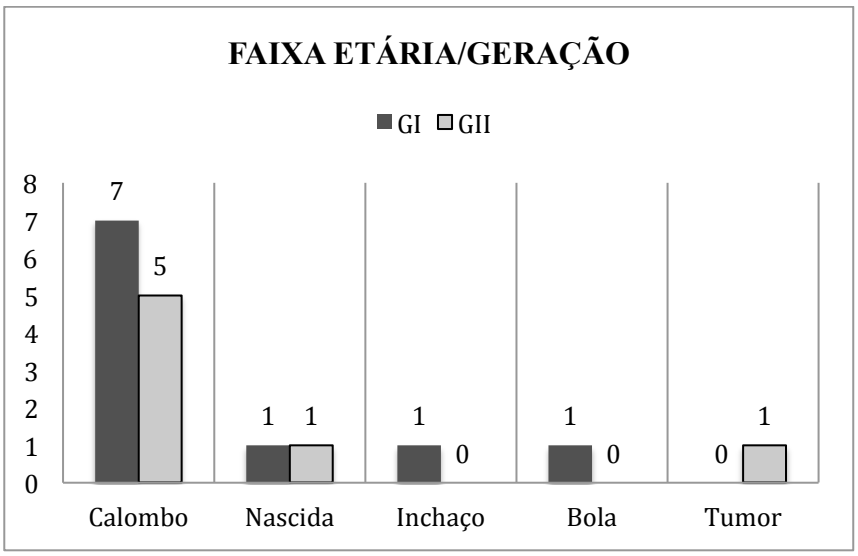
Gráfico 178 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L145 – questão QSL A 03 (*calombo*).



No gráfico 178, podemos observar que a variante *calombo* apresentou sete ocorrências entre os homens e seis ocorrências entre as mulheres. Já a variante *nascida* teve uma ocorrência para cada um dos sexos.

As variantes *inchaço* e *tumor* foram registradas exclusivamente entre os homens, enquanto que entre as mulheres registramos exclusivamente a variante *bola*. A seguir, veremos os resultados diageracionais dispostos no gráfico:

Gráfico 179 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L145 – questão QSL-A 03 (*calombo*).



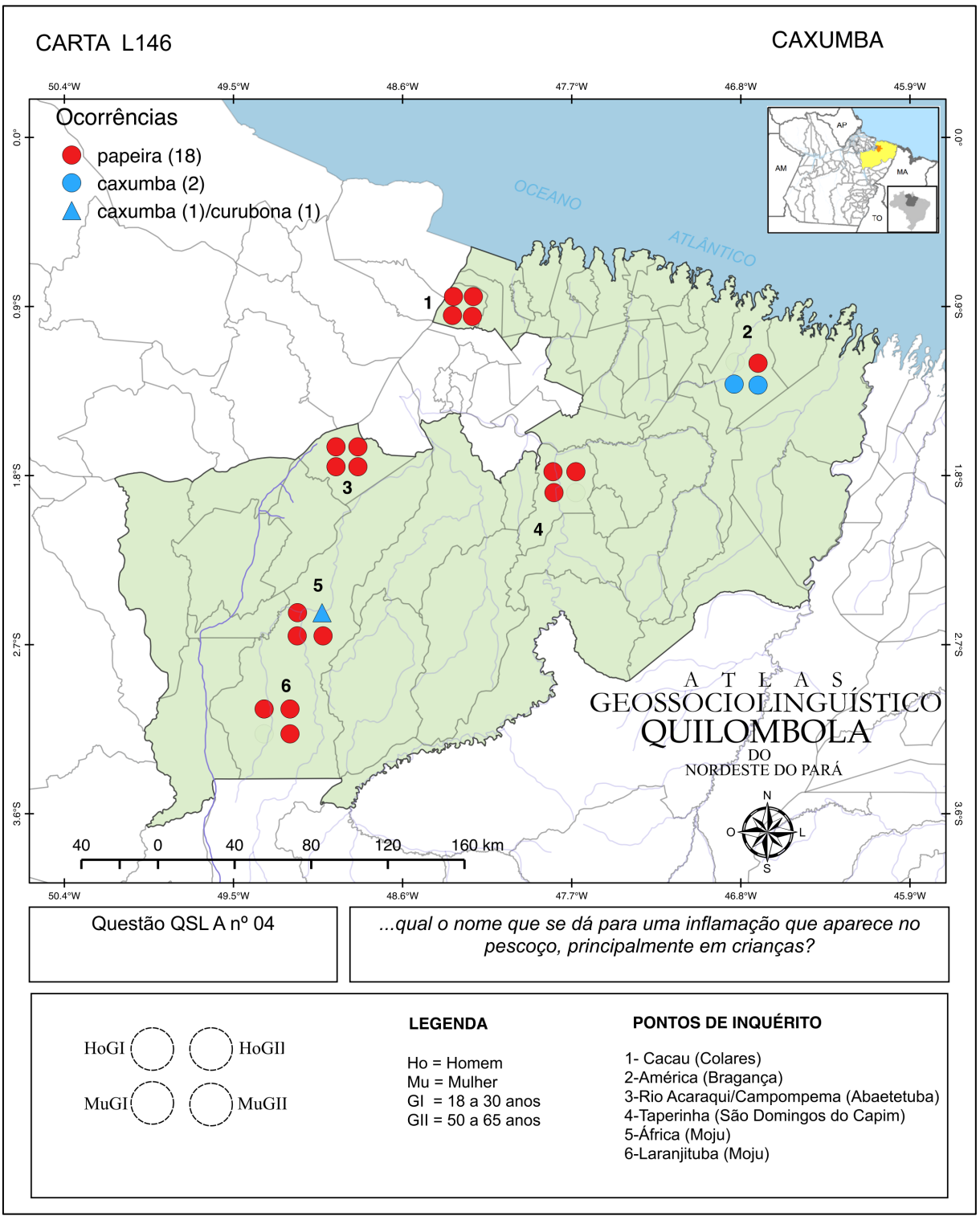
Como é possível observar no gráfico 179, a variante *calombo* prevaleceu entre os colaboradores mais jovens, com sete ocorrências, ante cinco respostas registradas entre os mais velhos. Já a variante *nascida* teve uma ocorrência para cada geração, enquanto que as variantes *inchaço* (uma ocorrência) e *bola* (uma ocorrência) foram registradas exclusivamente entre os mais jovens e a variante *tumor* exclusivamente entre os colaboradores mais velhos.

3.3.15.4 Caxumba

...qual o nome que se dá para uma inflamação que aparece no pescoço, principalmente em crianças?

A questão nº 04, do QSL-A, apresentou três variantes, a saber: *papeira* (dezoito ocorrências), *caxumba* (três ocorrências) e *curubona* (uma ocorrência). Vejamos, a seguir, a distribuição diatópica das variantes:

Imagem 170 - Carta L146 – questão QSL-A 04 (*caxumba*).



Na carta L146, é possível visualizar a prevalência da variante *papeira*, assim como a sua ocorrência em cinco das seis comunidades. No ponto de inquérito 2 (América), tivemos a prevalência da variante *caxumba*, com duas ocorrências registradas exclusivamente entre as mulheres. O ponto de inquérito 5 (África) apresentou as variantes *papeira*, *caxumba* e

curubona, de modo que as duas últimas variantes foram registradas exclusivamente na fala de um colaborador homem da geração mais velha.

De acordo com Lopes (2012, p. 87), a variante *caxumba* tem origem na fusão do étimo quimbundo *uhaxi* (papeira) e *humba* (coisa redonda) ou do étimo *katiumba*, que possui acepção de "inchar" ou "inchaço".

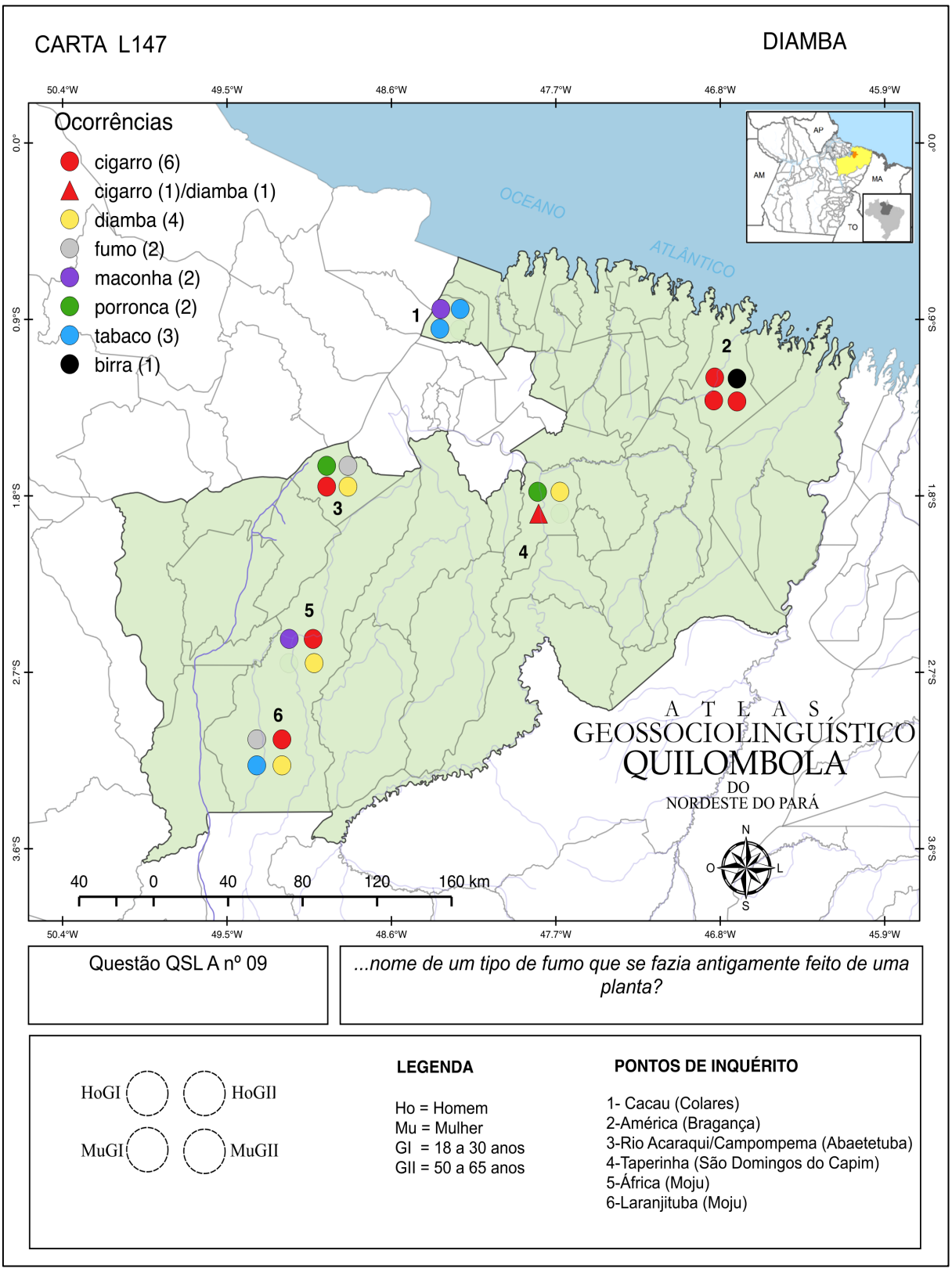
3.3.15.5 Diamba

...o nome de um tipo de fumo que se fazia antigamente feito de uma planta?

A questão nº 09, do QSL-A, apresentou sete variantes distintas, a saber: *cigarro* (sete ocorrências), *diamba* (cinco ocorrências), *tabaco* (três ocorrências), *fumo* (duas ocorrências), *maconha* (duas ocorrências), *porronca* (duas ocorrências) e *birra*, com apenas uma ocorrência.

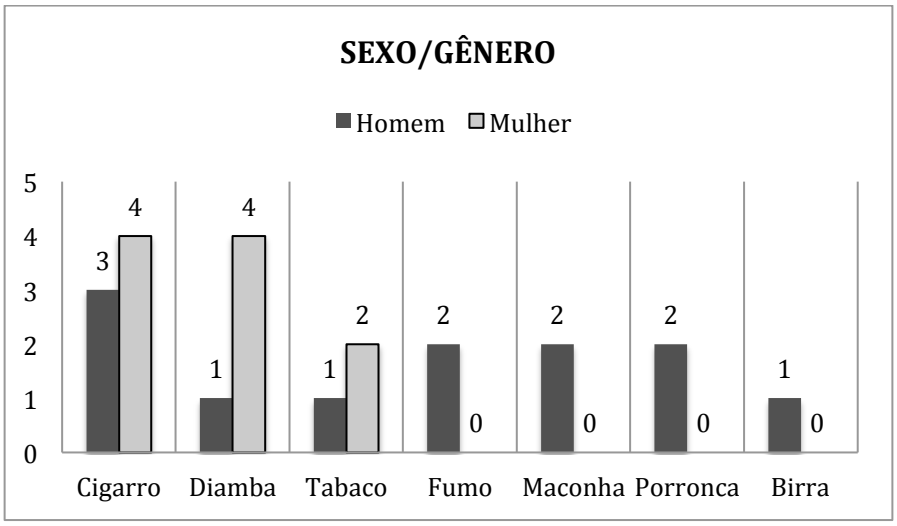
Vejamos, na carta L147, a prevalência da variante *cigarro* diante das demais respostas mapeadas. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 171 - Carta L147 – questão QSL-A 09 (*diamba*).



Como podemos observar na carta L147, a variante *cigarro* prevaleceu apenas no ponto de inquérito 2 (América), enquanto que no ponto de inquérito 1 (Cacau) tivemos a prevalência da variante *tabaco* e no ponto 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *diamba*, que possui origem no étimo quicongo *dy-amba* e possui acepção de cânhamo-da-índia (LOPES, 2012, p. 105). Nos pontos 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba), tivemos elevada variação, com até quatro variantes distintas registradas, a saber: ponto 3-Rio Acaraqui/Campompema (*cigarro*, *porronca*, *fumo* e *diamba*), ponto 5-África (*maconha*, *cigarro* e *diamba*) e ponto 6-Laranjituba (*fumo*, *cigarro*, *tabaco* e *diamba*). Os resultados também mostram que em todos os seis pontos de inquérito tivemos a ocorrência de norma heteroléxica. A seguir, veremos os resultados diassexuais:

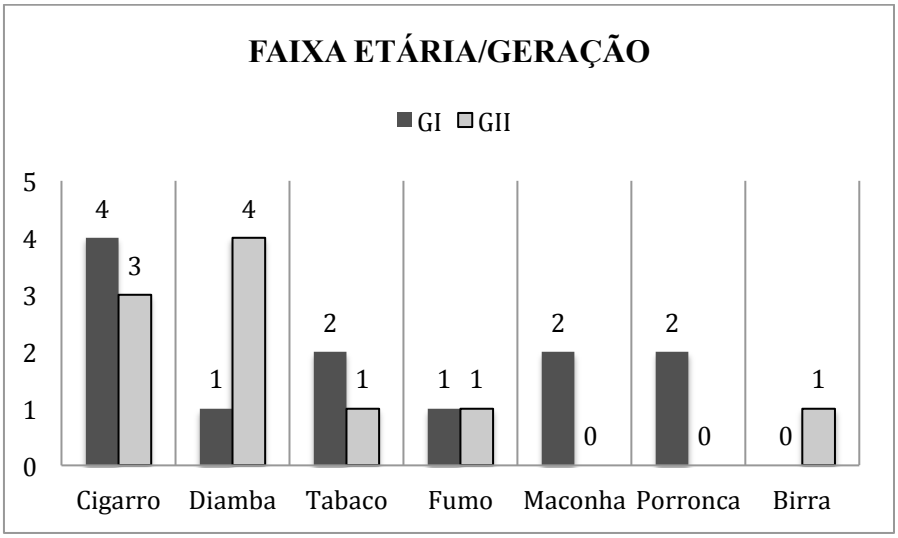
Gráfico 180 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L147 – questão QSL A 09 (*diamba*).



Os resultados diassexuais dispostos no gráfico 180, mostram a variante *cigarro* com quatro ocorrências entre as mulheres e três ocorrências entre os homens. Já a variante *diamba* prevaleceu entre as mulheres com quatro ocorrências, ante uma única resposta registrada entre os homens, enquanto que a variante *tabaco* teve duas ocorrências entre as mulheres e apenas uma resposta entre os homens.

Registramos também as variantes *fumo*, *maconha* e *porronca*, exclusivamente entre os homens, com duas ocorrências, além da variante *birra*, com uma ocorrência, também registrada entre os homens. A seguir, veremos os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 181 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L147 – questão QSL A 09 (*diamba*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *cigarro* teve quatro ocorrências entre os mais jovens e três ocorrências entre os mais velhos. Por outro lado, a variante *diamba* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com quatro ocorrências, diante de uma única ocorrência registrada entre os mais jovens.

A variante *tabaco* apresentou duas ocorrências entre os mais jovens e apenas uma ocorrência entre os mais velhos, já as variantes *maconha* e *porronca* foram registradas exclusivamente entre os mais jovens, com duas ocorrências cada, e a variante *birra* foi registrada exclusivamente entre os colaboradores mais velhos, com uma única ocorrência.

3.3.15.6 Macumba

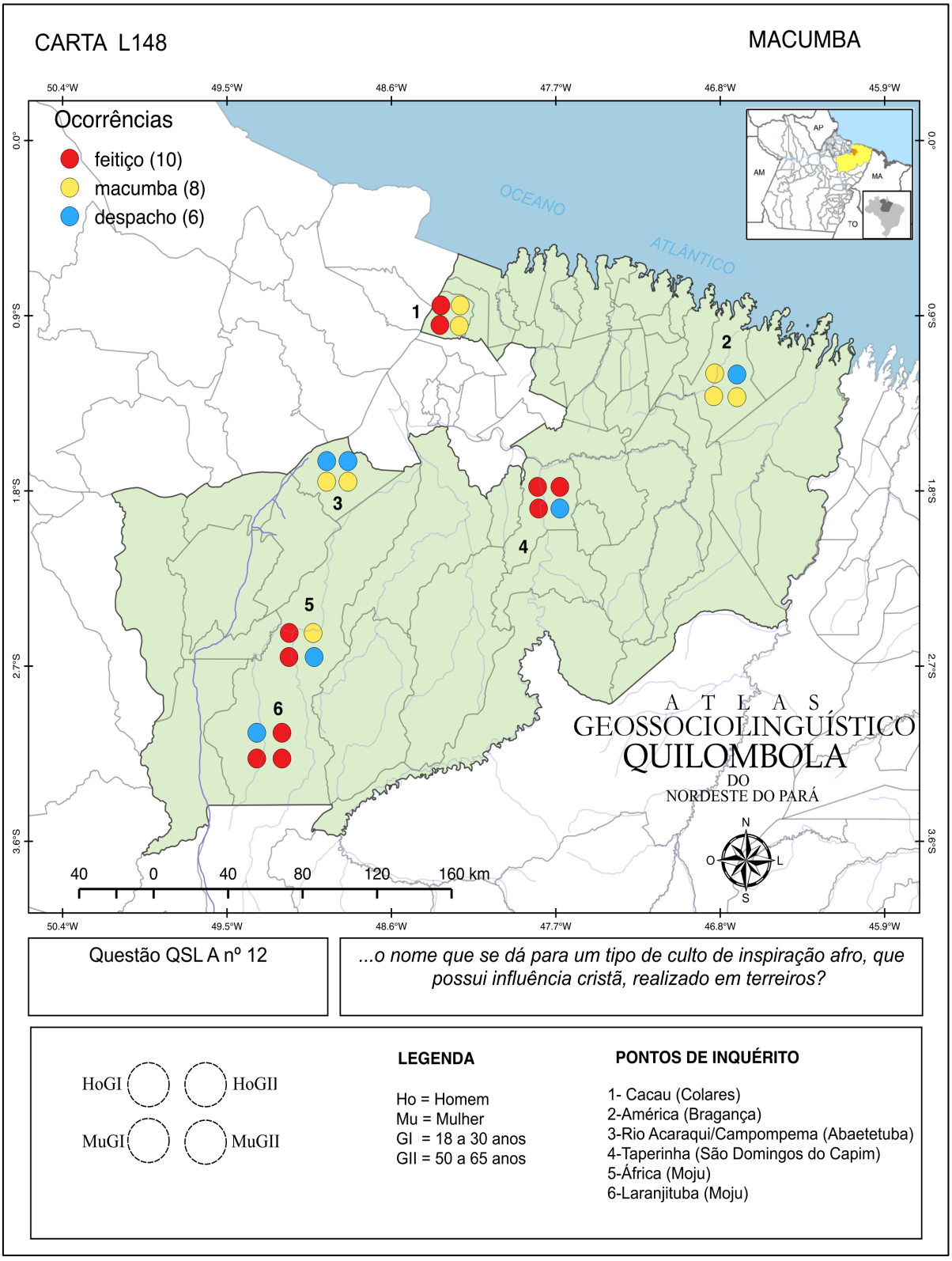
...o nome que se dá para um tipo de culto de inspiração afro, que possui influência cristã, realizado geralmente em terreiros?

A questão nº 12, do QSL-A, apresentou as seguintes variantes no AGQUINPA: *feitiço* (dez ocorrências), *macumba* (oito ocorrências) e *despacho* (seis ocorrências).

Na carta L148, é possível observar a prevalência da variante *feitiço* diante das demais respostas mapeadas. É importante destacar que todas as variantes mapeadas nesta questão já

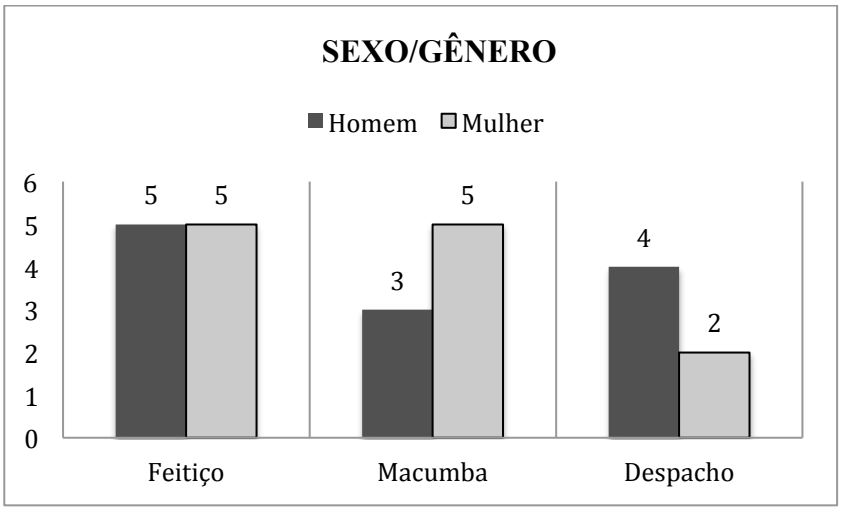
haviam figurado anteriormente entre as respostas da questão nº 149 do QSL. Vejamos os resultados completos a seguir:

Imagem 172 - Carta L148 – questão QSL-A 12 (*macumba*).



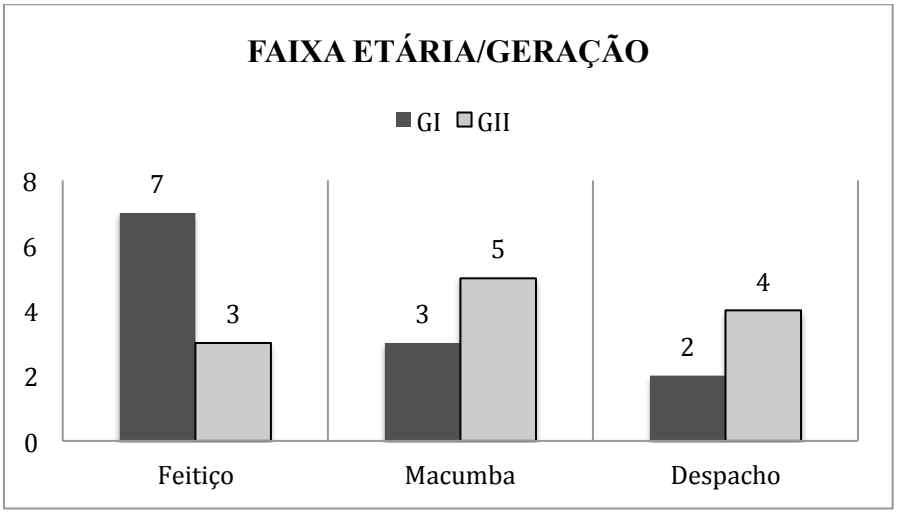
Como podemos visualizar na carta L148, a variante *feitiço* prevaleceu nos pontos 4 (Taperinha), 5 (África) e 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 3 (América), tivemos a prevalência da variante *macumba*, e nos pontos de inquérito 1 (Cacau) e 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos duas variantes com a metade das ocorrências cada, a saber: *feitiço* e *macumba* (no ponto 1), além de *macumba* e *despacho* (no ponto 3). Também foi possível observar que todos os pontos de inquérito apresentaram norma heteroléxica. A seguir, veremos os resultados diassexuais para esta questão.

Gráfico 182 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L148 – questão QSL-A 12 (*macumba*).



Como podemos observar no gráfico 182, a variante *feitiço* apresentou a mesma quantidade de respostas para ambos os sexos (cinco ocorrências cada). Já a variante *macumba* apresentou cinco ocorrências entre as mulheres e três ocorrências entre os homens, enquanto que a variante *despacho* teve quatro ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres. Vejamos, no gráfico 183, os resultados diageracionais:

Gráfico 183 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L148 – questão QSL A 12 (*macumba*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *feitiço* prevalecendo entre os colaboradores mais jovens, com sete ocorrências no total, ante três ocorrências registradas entre os mais velhos. Já a variante *macumba* teve cinco ocorrências entre os colaboradores mais velhos, enquanto que entre os mais jovens tivemos três respostas. Por fim, a variante *despacho* teve quatro ocorrências entre os mais velhos e duas ocorrências entre os mais jovens.

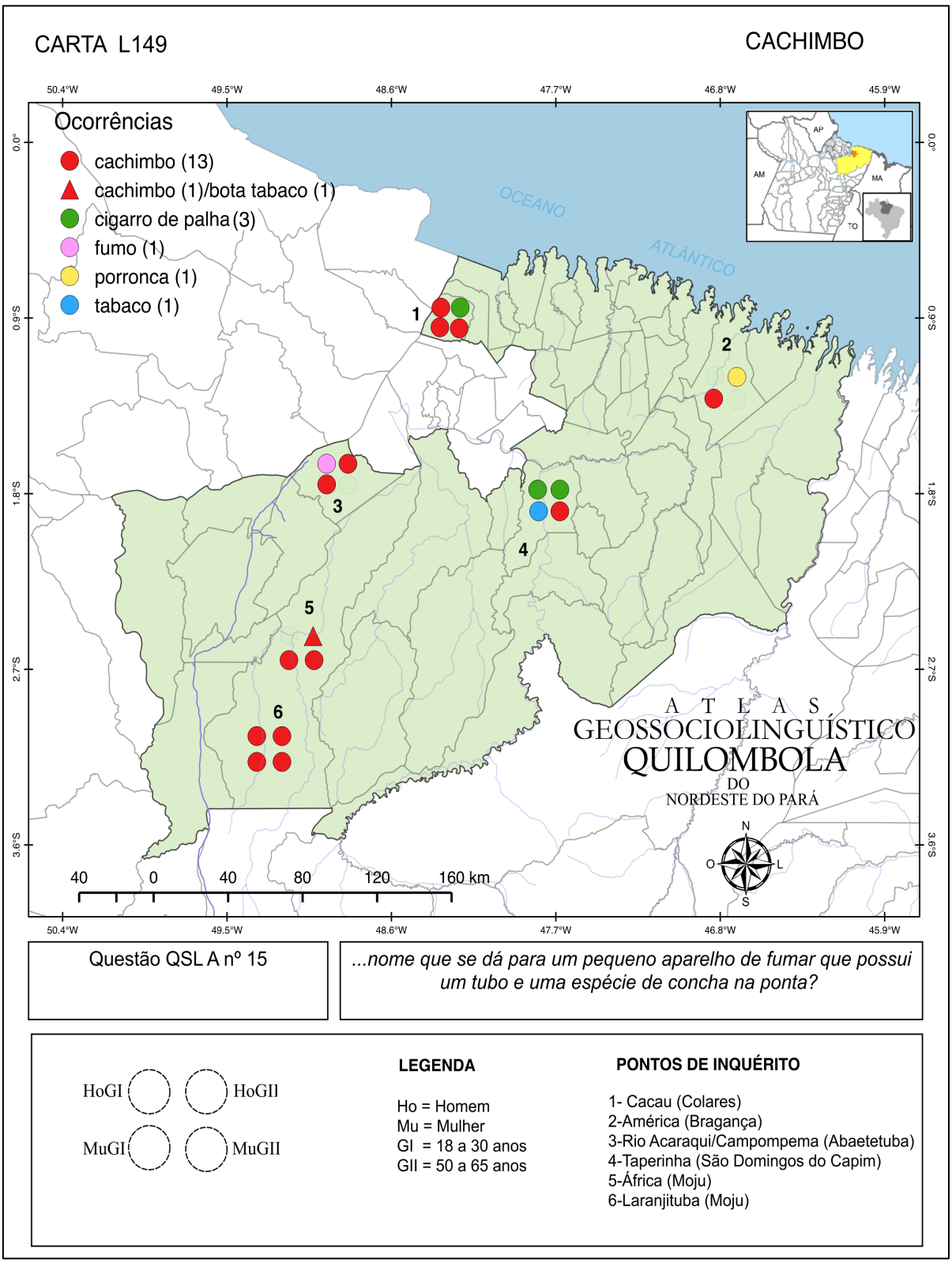
3.3.15.7 Cachimbo

...nome que se dá para um pequeno aparelho de fumar que possui um tubo e uma espécie de concha na ponta?

A questão nº 15, do QSL-A, apresentou as seguintes variantes: *cachimbo* (quatorze ocorrências), *cigarro de palha* (três ocorrências), além de *tabaco*, *bota tabaco*, *porronca* e *fumo*, com uma ocorrência cada.

Na carta L149, podemos observar, em contraste aparente, a prevalência da variante *cachimbo*. Vejamos os resultados completos as seguir:

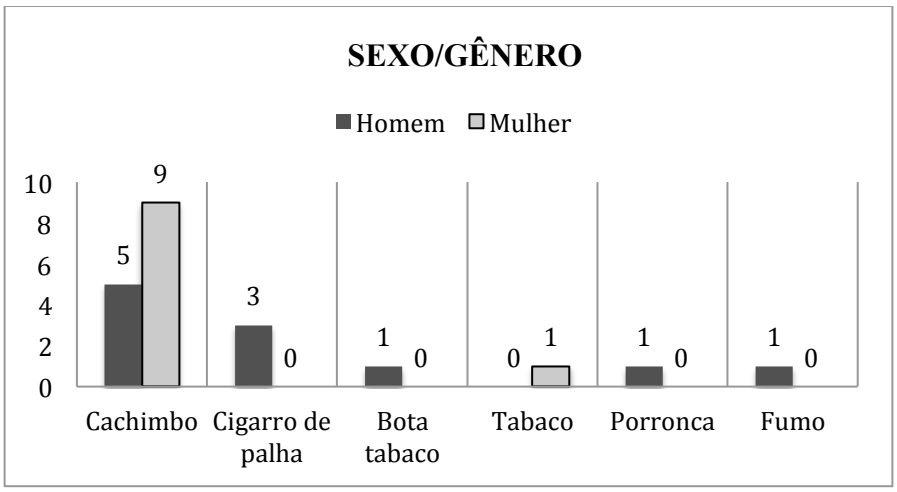
Imagem 173 - Carta L149 – questão QSL-A 15 (*cachimbo*).



Na carta L149, é possível visualizar a variante *cachimbo* prevalecendo nos pontos 1 (Cacau), 3 (Rio Acaraqui/Campompema), 5 (África) e 6 (Laranjituba). No ponto de inquérito 4 (Taperinha) prevaleceu a variante *cigarro de palha* e no ponto de inquérito 2 (América) tivemos as variantes *cachimbo* e *porronca* com a mesma quantidade de ocorrências (duas para cada variante). O ponto de inquérito 4 (Taperinha) foi o que apresentou o maior número de variantes, quatro no total, a saber: (*cigarro de palha*, *tabaco* e *cachimbo*). Apenas o ponto de inquérito 6 (Laranjituba) apresentou norma monoléxica, enquanto que nas demais comunidades prevaleceu a norma heteroléxica.

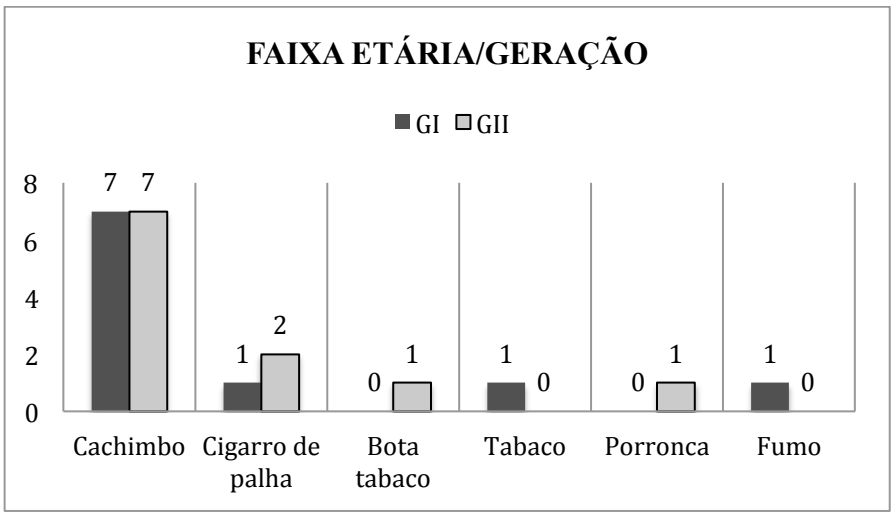
De acordo com Salles (2003, p. 101), a variante *cachimbo* é de origem quimbundo, pois advém do étimo *kuxiba* e tem a acepção de "chupar, aspirar ou sorver" e "veio através da locução *kuxiba ni bexi* (chupar no bexi, no cachimbo, ou seja, cachimbar)". No gráfico 184, a seguir, podemos observar os resultados diassexuais referentes à carta L149:

Gráfico 184 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L149 – questão QSL-A 15 (*cachimbo*).



Como podemos observar no gráfico anterior, a variante *cachimbo* prevaleceu entre as mulheres, com nove ocorrências no total, ante cinco respostas registradas entre os homens. Registramos também a variante *cigarro de palha* (três ocorrências), *bota tabaco* (uma ocorrência), *porronca* (uma ocorrência) e *fumo* (uma ocorrência), exclusivamente entre os homens, enquanto que entre as mulheres tivemos com exclusividade a variante *tabaco*, com uma única ocorrência. No próximo gráfico, iremos conferir os resultados referentes à dimensão diageracional:

Gráfico 185 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L149 – questão QSL-A 15 (*cachimbo*).



Os resultados diageracionais mostraram a variante *cachimbo* com a mesma quantidade de ocorrências para as duas gerações (sete ocorrências cada). Já a variante *cigarro de palha* teve duas ocorrências entre os mais velhos e apenas uma ocorrência entre os mais jovens.

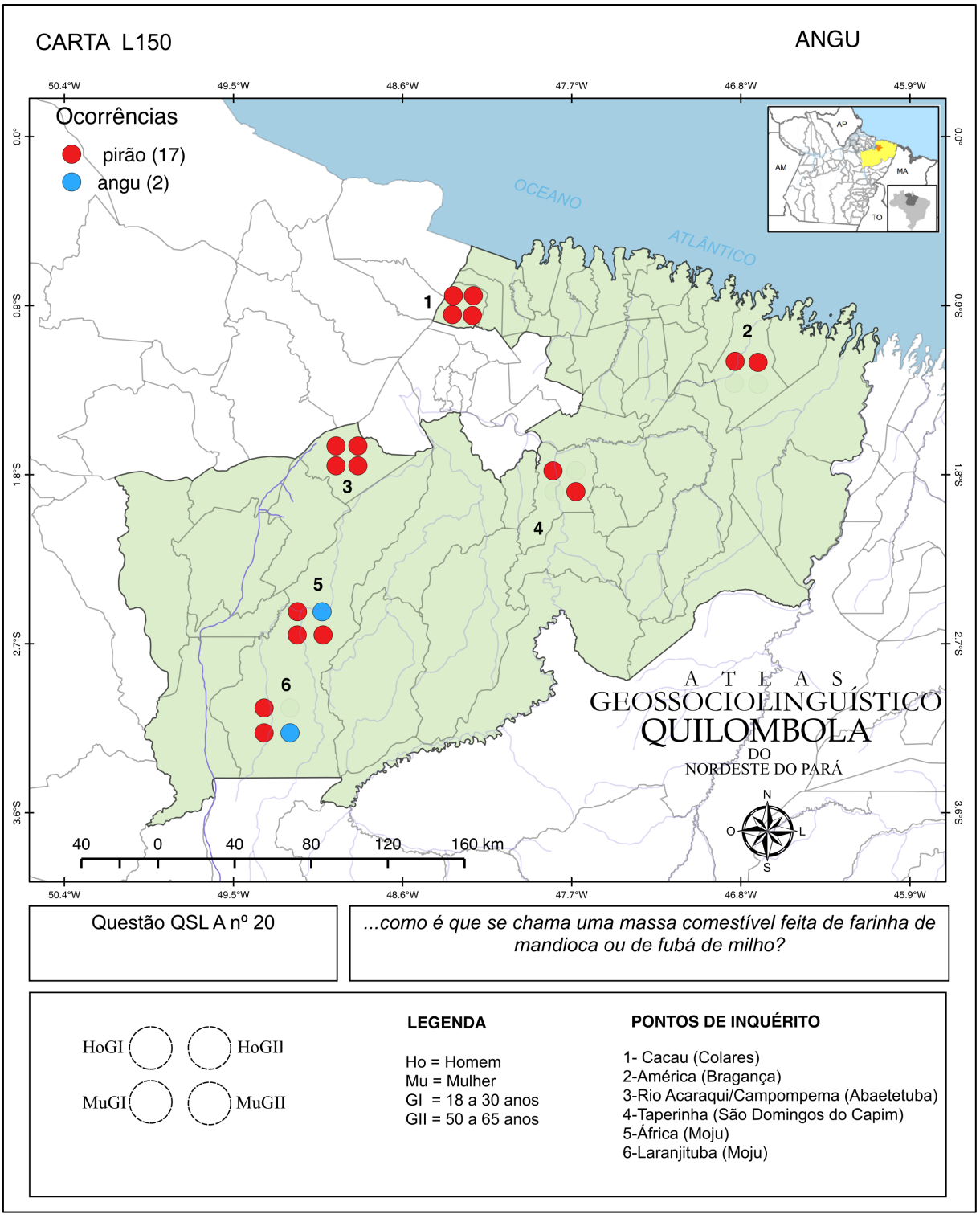
Também registramos variantes exclusivas entre os colaboradores mais jovens: *tabaco* e *fumo*, com uma ocorrência cada, enquanto que entre os colaboradores mais velhos tivemos as variantes *bota tabaco* e *porronca*, com uma ocorrência cada.

3.3.15.8 Angu

...como é que se chama uma massa comestível feita de farinha de mandioca ou fubá de molho?

A questão nº 20, do QSL-A, apresentou apenas duas variantes, a saber: *pirão* (dezessete ocorrências) e *angu* (duas ocorrências). Vejamos, na carta L150, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 174 - Carta L150 – questão QSL-A 20 (*angu*).



Na carta L150, podemos observar que a variante *pirão* ocorreu em todos os pontos, assim como prevaleceu em todos eles. No ponto de inquérito 5 (África), tivemos a ocorrência

da variante *angu*, registrada exclusivamente na fala de um colaborador da geração II, e no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), a variante *angu* também foi respondida por uma mulher também da geração II. Como é possível visualizar na carta, apenas nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba) tivemos a presença de norma heteroléxica, enquanto que nos demais pontos de inquérito tivemos a prevalência da norma monoléxica.

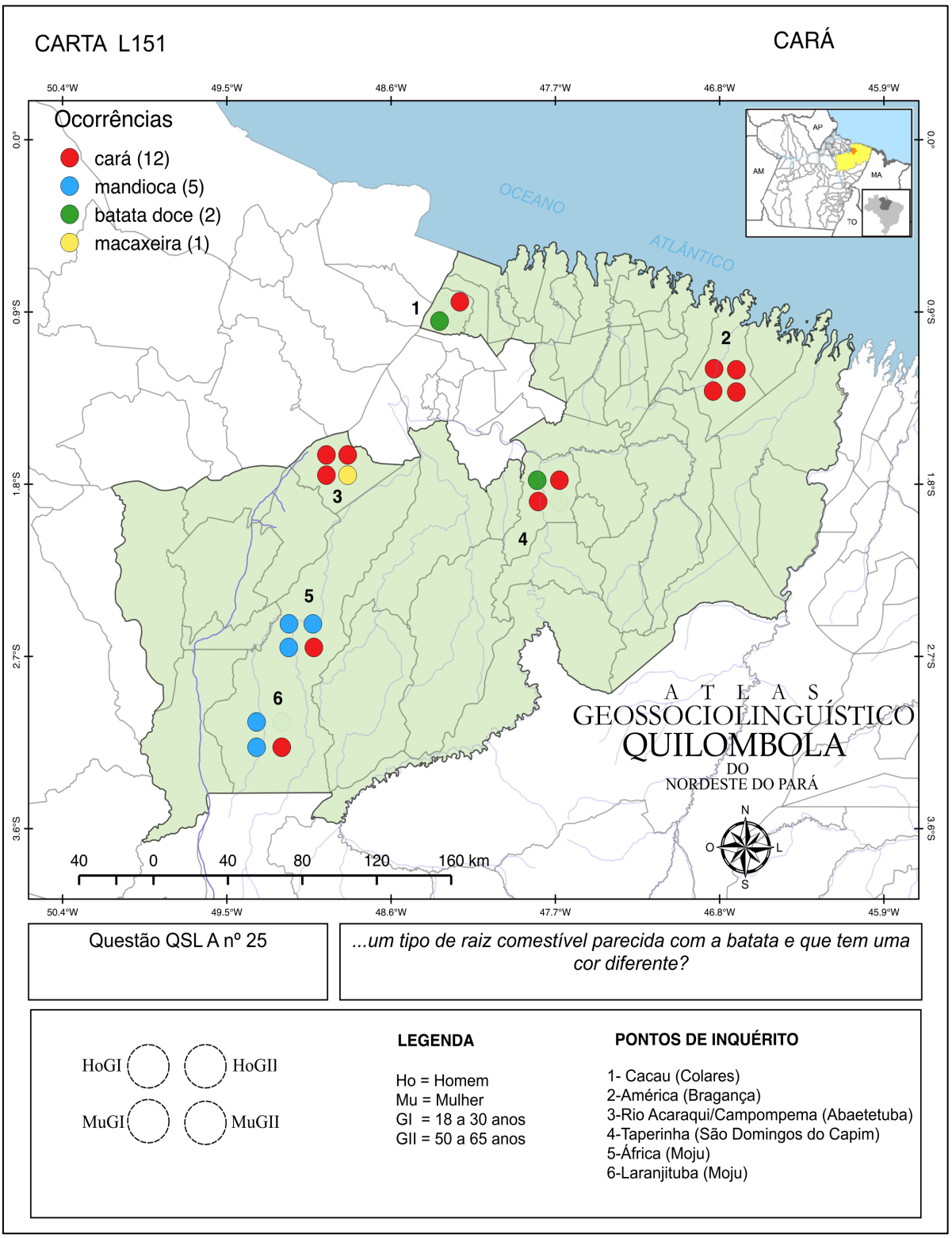
De acordo com Salles (2003, p. 54), a variante *angu* tem origem no étimo ioruba *iyán-gún* e tem a acepção de "inhame pilado e misturado em pasta", enquanto que para Lopes (2012, p. 34), a origem é Banta, pois *ngu* é um elemento que corresponde a milho em língua portuguesa e compõe vocábulos como *masangu* e *hungu*, portanto, a origem do étimo ainda é motivo de discussão do ponto de vista etimológico.

3.3.15.9 Cará

...um tipo de raiz comestível parecida com a batata e que tem uma cor diferente?

A questão nº 25, do QSL-A, apresentou quatro variantes, a saber: *cará* (doze ocorrências), *mandioca* (cinco ocorrências), *batata doce* (duas ocorrências) e *macaxeira* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L151 a prevalência da variante *cará* diante das demais variantes mapeadas:

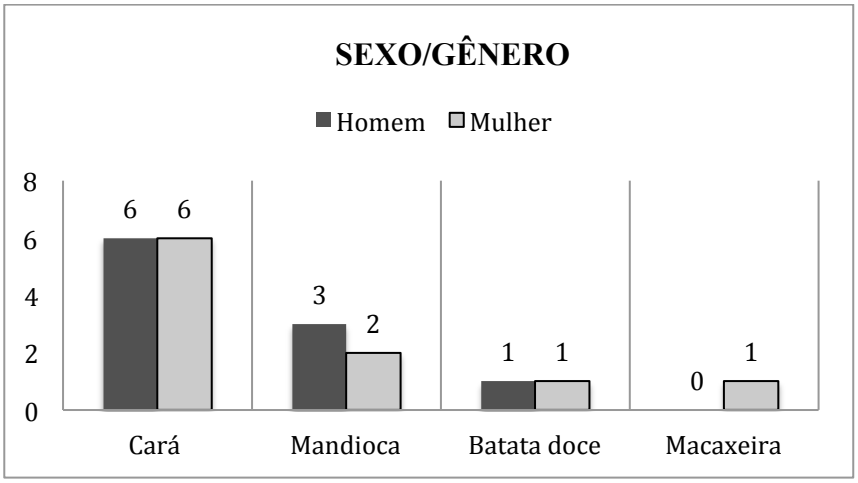
Imagem 175 - Carta L151 – questão QSL-A 25 (*cará*).



Como podemos observar na carta L151, a variante *cará* prevaleceu nos pontos de inquérito 2 (América), 3 (Rio Acaraqui/Campompema) e 4 (Taperinha), enquanto que nos

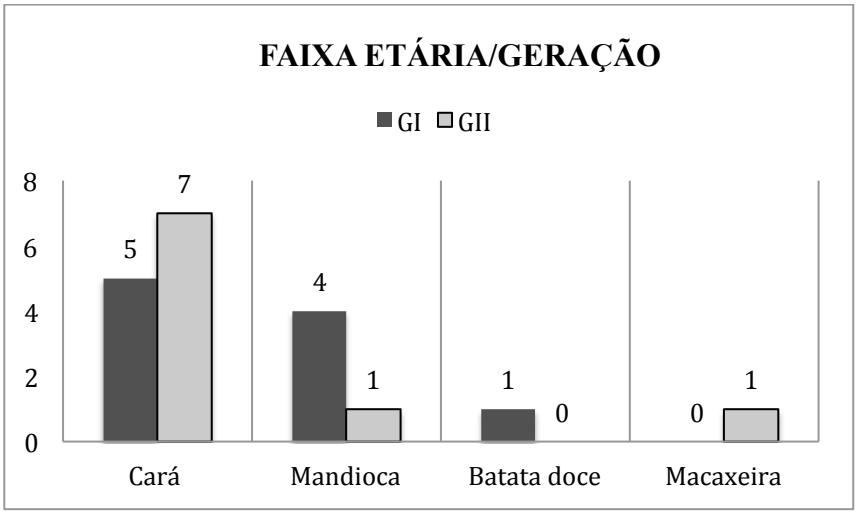
pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba) tivemos a prevalência da variante *mandioca*. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos o registro das variantes *cará* e *batata doce*, cada uma com metade das ocorrências. O ponto de inquérito 2 (América) foi o único que apresentou norma monoléxica na região, enquanto que nos demais pontos de inquérito prevaleceu o uso heteroléxico. A seguir, veremos os resultados diassexuais para esta questão do QSL-A:

Gráfico 186 - Frequência absoluta das variantes em relação ao sexo/gênero do colaborador (dimensão diassexual). Carta L151 – questão QSL A 25 (*cará*).



Os resultados diassexuais presentes no gráfico 186, mostraram a variante *cará* com seis ocorrências para ambos os sexos, portanto, sem variação diassexual. Já a variante *mandioca* apresentou três ocorrências entre os homens e duas ocorrências entre as mulheres, enquanto que a variante *batata doce* teve uma ocorrência para cada sexo e a variante *macaxeira* foi usada exclusivamente por uma mulher. Como já foi dito anteriormente na descrição da carta L32, a variante *cará* é um étimo de origem africana (*kará*). A seguir, veremos os resultados diageracionais presentes na carta L151:

Gráfico 187 - Frequência absoluta das variantes em relação à faixa etária/geração do colaborador (dimensão diageracional). Carta L151 – questão QSL A 25 (*cará*).



Do ponto de vista diageracional, a variante *cará* teve sete ocorrências entre os mais velhos e cinco ocorrências entre os mais jovens. Por outro lado, a variante *mandioca* prevaleceu entre os colaboradores mais jovens, com quatro respostas no total, ante uma única resposta registrada entre os colaboradores mais velhos.

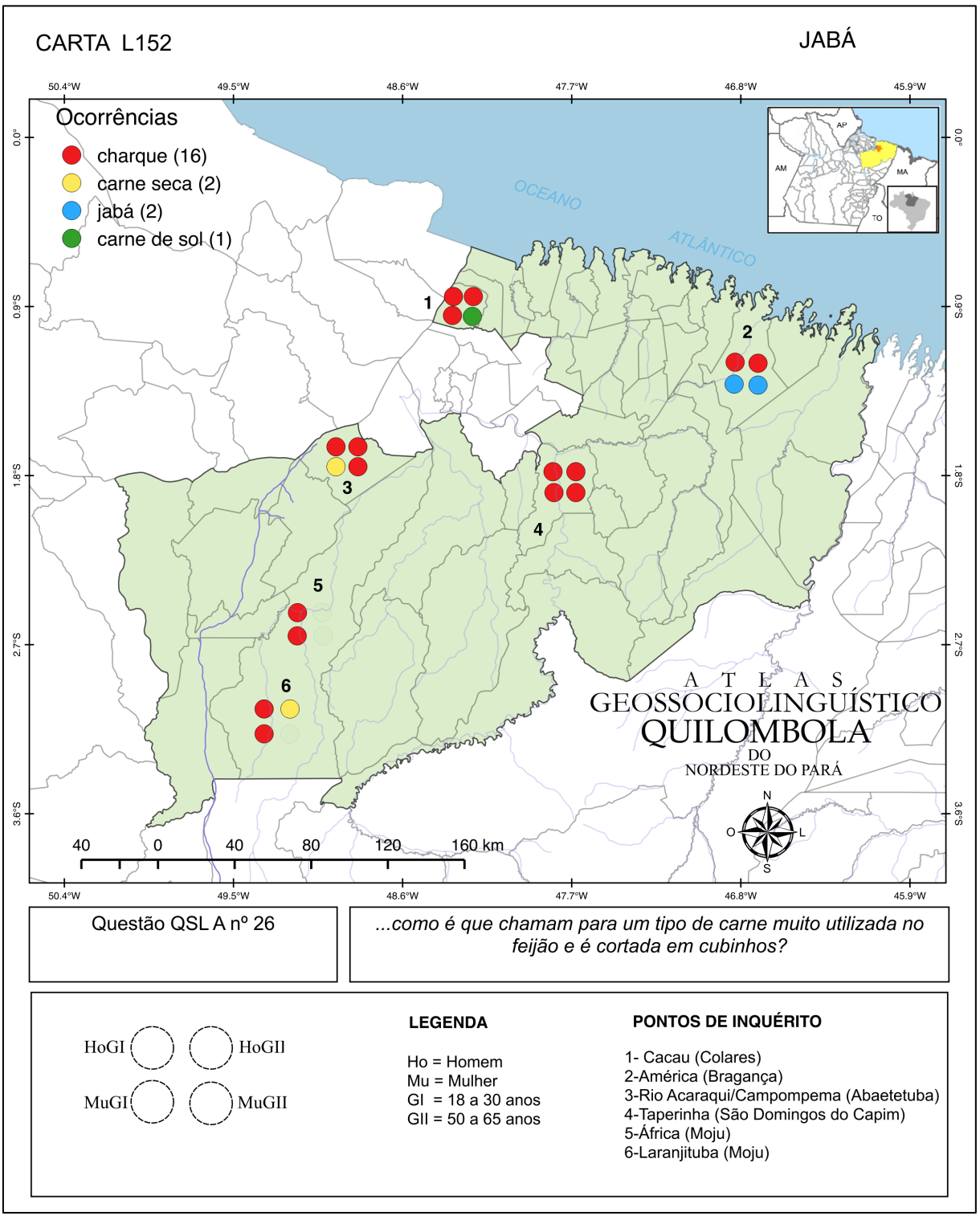
Também registramos as variantes *batata doce* (uma ocorrência) e *macaxeira* (uma ocorrência), a primeira exclusivamente entre os colaboradores mais jovens e a segunda apenas entre os colaboradores mais velhos.

3.3.15.10 Jabá

...como é que chamam para um tipo de carne muito utilizada no feijão e que é cortada em cubinhos?

A questão nº 26, do QSL-A, apresentou quatro variantes, a saber: *charque* (dezesseis ocorrências), *carne seca* (duas ocorrências), *jabá* (duas ocorrências) e *carne de sol* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L152, a distribuição diatópica da variantes registradas:

Imagem 176 - Carta L152 – questão QSL-A 26 (*jabá*).



Como podemos observar na carta L152, a variante *charque* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco das seis comunidades, pois apenas no ponto de

inquérito 2 (América) tivemos as variantes *charque* e *jabá*, cada uma com metade das ocorrências. No ponto de inquérito 1 (Cacau), tivemos a variante *carne de sol* registrada exclusivamente na fala de uma mulher da geração mais velha, já no ponto de inquérito 3 (Rio Acaraqui/Campompema) tivemos a ocorrência da variante *carne seca* exclusivamente na fala de uma colaboradora da geração mais jovem. Por fim, no ponto de inquérito 6 (Laranjituba), tivemos a ocorrência da variante *carne seca*, registrada exclusivamente na fala de um colaborador da geração II. Esses resultados demonstram que apenas nos pontos de inquérito 4 (Taperinha) e 5 (África) tivemos a presença de norma monoléxica, enquanto que nos demais pontos a norma observada é heteroléxica.

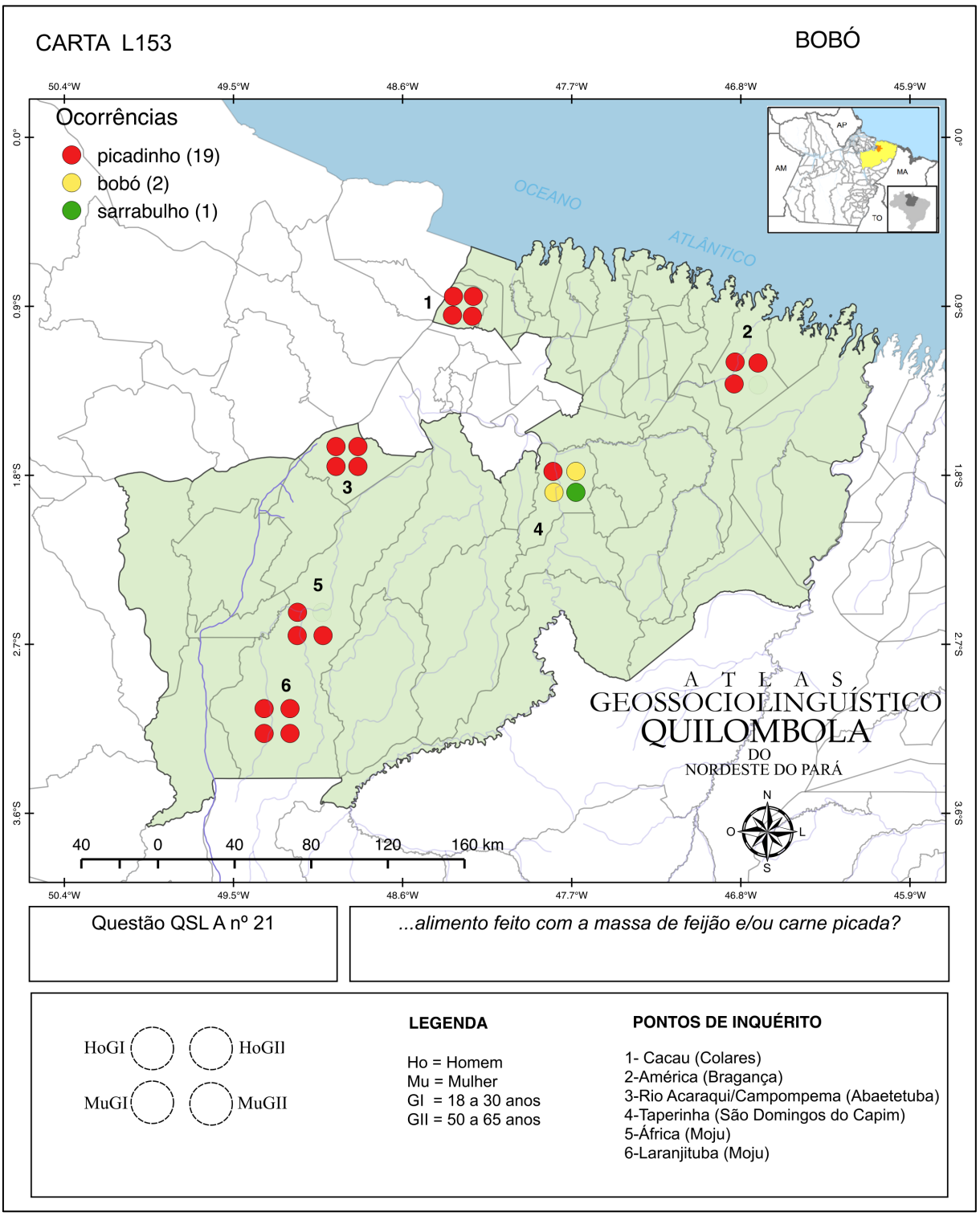
De acordo com Salles (2003, p. 157), a variante *jabá* tem origem no étimo iorubá *jàbâjabá* e possui acepção de "carne seca" ou "carne salgada do Sul".

3.3.15.11 Bobó

...alimento feito com a massa de feijão e/ou carne picada?

A questão nº 21, do QSL-A, apresentou três variantes no AGQUINPA: *picadinho* (dezoito ocorrências), *bobó* (duas ocorrências) e *sarrabulho* (uma ocorrência). Vejamos, na carta L153, a distribuição diatópica das variantes registradas:

Imagem 177 - Carta L153 – questão QSL-A 21 (*bobó*).



Como podemos observar na carta L153, a variante *picadinho* ocorreu em todos os pontos de inquérito e prevaleceu em cinco deles, com exceção do ponto de inquérito 4 (Taperinha), em que tivemos o registro das variantes *picadinho*, *bobó* e *sarrabulho*.

Prevaleceu na região o uso monoléxico da variante *picadinho* e apenas no ponto de inquérito 4 (Taperinha) tivemos a ocorrência de norma heteroléxica. A variante *sarrabulho* foi usada exclusivamente por uma colaboradora da geração II e a variante *bobó* foi registrada entre as mulheres da geração mais jovem e também entre os homens da geração mais velha.

De acordo com Lopes (2012, p. 50), do ponto de vista etimológico, a variante *bobó* é de origem quicongo e quimbundo, pois advém do étimo *mbombo* e possui acepção de "mandioca amolecida, com ou sem casca".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desses quatro anos de trabalho de pesquisa geolinguística em comunidades quilombolas, foi possível conhecer um pouco da história e do dia a dia de muitos brasileiros que (sobre) vivem longe da capital. Com base nas visitas que fiz e no falar de todas as pessoas com quem conversei, seja colaborador ou não, posso dizer que a luta pela titulação, reconhecimento e pela desagregação dessas comunidades é diária e, em muitos casos, uma luta solitária.

Esta pesquisa despertou o interesse dos próprios moradores em conhecer a história da comunidade, seja através da história viva, contada pelos mais idosos, ou pelo que está registrado nos poucos documentos e livros produzidos no Pará. O interesse pela variedade do português falado pelos remanescentes de quilombos, a visita a essas comunidades de difícil acesso e, com muitos obstáculos naturais, burocráticos e até políticos, representam um passo importante para a pesquisa linguística no Pará, que possui centenas de comunidades e poucos estudos descritivos de natureza geossociolinguística.

Entre os primeiros contatos com as lideranças das comunidades e a coleta de dados, passamos por dificuldades de deslocamento por falta de transporte regular, de contato com algumas comunidades por conta da falta de sinal de telefonia celular e até fomos recebidos com desconfiança em algumas localidades. No entanto, apesar das dificuldades operacionais (e até financeiras), conseguimos visitar e gravar em seis comunidades entre os anos de 2014 e 2016. Tivemos certa dificuldade em obter informações oficiais acerca das comunidades, pois na maioria delas, não há informações documentais sobre o histórico e a formação dessas localidades. Por conta dessa escassez de informações, tivemos que recorrer à memória viva local, ou seja, tivemos que consultar os moradores mais antigos das comunidades.

As 153 cartas semântico-lexicais do AGQUINPA mostram uma pequena fotografia da realidade linguística das comunidades quilombolas do Nordeste do Pará. Com a descrição geossociolinguística pluridmensional das seis comunidades quilombolas é possível situar a variedade estudada como português afro-brasileiro falado em comunidades rurais quilombolas, o que se insere no quadro maior da diversidade linguística da região amazônica e do Brasil como um todo.

Dentre os pontos de inquérito mapeados, a comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (ponto de inquérito 3), localizada na região de ilhas de Abaetetuba/PA, foi a que apresentou o maior número de variantes (450 variantes), seguido da comunidade Cacau, localizada no município de Colares/PA, que apresentou 427 variantes. Esses dois pontos de inquérito têm em comum o fato de serem os mais antigos em relação às demais comunidades quilombolas. As comunidades do Rio Acaraqui/Campompema e Cacau são as que estão mais distante do centro urbano mais próximo e que apresentam maior dificuldade de acesso e de circulação, enquanto que a comunidade América é a que está mais próxima do centro urbano de Bragança. Do ponto de vista da infraestrutura, podemos dizer que nessas duas comunidades o acesso aos serviços básicos, como saúde e educação, é precário ou inexistente.

Por outro lado, a comunidade América foi a que apresentou menos variantes únicas em relação aos demais pontos, com 375 variantes. A menor quantidade de variantes pode ser reflexo de fatores extralinguísticos, como o fato de a comunidade não ser de difícil acesso como as demais comunidades (por meio de estrada, ainda que não tenha transporte regular até a comunidade), por estar próxima do núcleo urbano da cidade de Bragança e também pelo aumento da presença de moradores não quilombolas que passaram a adquirir terrenos ilegalmente na comunidade.

Das 153 cartas semântico-lexicais que compõem o AGQUINPA, 16 não apresentaram variação, portanto, são consideradas categóricas e monoléxicas em todos os pontos de inquérito. Isso ocorreu principalmente nos campos semânticos: *atividades agropastoris* e *corpo humano*. Também tivemos 47 cartas com até 90% dos pontos de inquérito com norma monoléxica e 90 cartas com elevado índice de variação, portanto, predominantemente heteroléxicas.

Tivemos 21 cartas em que houve variantes que prevaleceram exclusivamente entre os mais jovens (GI) e exclusivamente entre os mais velhos (GII), portanto, houve divergência de uso nessas cartas do ponto de vista diageracional. Vejamos quais foram as cartas e as variantes: carta L10 (*tempestade* – GI; *trevoada* – GII), L11 (*toró* – GI; *chuva forte* – GII), carta L18 (*amanhecer* – GI; *clareando* – GII), carta L19 (*anoiteceu* – GI; *boca da noit*e – GII), carta L20 (*sete estrelas* – GI; *céu estrelado* – GII), carta L26 (*penca* – GI; *cacho* – GII), carta L28 (*mangará* – GI; *pendão* – GII), carta L37 (*perdeu a cria* – GI; *abortou* – GII), carta L47 (*gambá* – GI; *mucura* – GII), carta L48 (*mãos* – GI; *pata da frente* – GII), carta L53 (*peito* – GI; *tetas* – GII), carta L69 (*nuca* – GI; *cutiço* – GII), carta L93 (*falecido* – GI; *finado*), carta L95 (*rude* – GI; *burro* – GII), carta L101 (*bêbado* – GI; *cachaceiro* – GII), carta

L104 (*diabo* – GI; *satanás* – GII), carta L107 (*curandeira* – GI; *benzedeira* – GII), carta L108 (*curandeiro* – GI; pajé – GII), carta L118 (*trinco* – GI; *tranca* – GII), carta L147 (*cigarro* – GI; *diamba* – GII) e carta L148 (*feitiço* – GI; *macumba* – GII). Foi entre os colaboradores mais velhos que tivemos a prevalência da norma mais heteroléxica em comparação com os mais jovens.

Considerando a dimensão diassexual, pudemos observar em 18 cartas variantes que prevaleceram exclusivamente entre homens (H) e variantes que prevaleceram apenas entre as mulheres (M), a saber: carta L02 (*estiva* –H; *ponte* – M), carta L06 (*redemoinho* – H; *ventania* – M), carta L10 (*trevoada* – H; *tempestade* – M), carta L11 (*toró* – H; *chuva forte* – M), carta L18 (*clareando* – H; *amanhecer* – M), carta L19 (*boca da noite* – H; *anoiteceu* – M), carta L28 (*vagem* – H; *casca* – M), carta L39 (*picada* – H; *roçado* – M), carta L46 (*cotó* – H; *suru* – M), carta L53 (*peito* – H; *tetas* – M), carta L73 (*suvaqueira* – H; *catinga* – M); carta L76 (*baldear* – H; *vomitar* – M), carta L77 (*barriga* – H; *útero* – M), carta L79 (*manco* – H; *coxo* – M), carta L94 (*faladeira* – H; *barulhenta* – M), carta L137 (*semáforo* – H; *sinal* – M), carta L147 (*cigarro* – H; *diamba* – M) e carta L148 (*feitiço* – H; *macumba* – M). Com base nos dados, foi possível observar uma discreta prevalência de norma mais heteroléxica entre as mulheres.

Com a aplicação do QSL adaptado, ou seja, com o acréscimo de itens de origem presumidamente *Bantu,* foi possível perceber que grande parte dos itens lexicais inquiridos eram desconhecidos e/ou não faziam parte do repertório linguístico dos colaboradores, por outro lado, muitas das variantes respondidas têm origem em étimos das línguas *quicongo*, *quimbundo*, *iorubá* e *nianja* (ou *chichewa*), ou seja, com exceção do *iorubá*, todas possuem origem no grupo linguístico *Bantu*. Essas línguas são faladas na África Central e na costa oriental do continente africano, o que coincide com a origem de grande parte dos negros escravizados no Brasil.

As variantes de origem *Bantu* registradas no AGQUINPA foram as seguintes: *caolho* (carta L62), *meleca* (carta L67), *cangote* (carta L69), *corcunda*, *cuturuca*, *calombo* e *cumbu* (carta L71), *catinga* e *inhaca* (carta L73), *cutica* (carta L81), *bode* (carta L82), *moleque*/*moleca* (cartas L90 e L91, respectivamente), *macumba* (cartas L106 e L148), *moringa* (carta L143), *calombo* (carta L145), *caxumba* (L146), *diamba* (L147), *cachimbo* (carta L149), *angu* (L150), *cará* (carta L151), *jabá* (carta L152) e *bobó* (carta L153). Podemos dizer que grande parte dessas formas africanas resistem no falar quilombola e outras não são tão usuais nos centros urbanos da região, como *moringa*, *diamba*, *cutica* e *cuturuca*.

Além das cartas que compõem o campo 15, referente ao *léxico de origem Bantu* que engloba questões semanticamente diversificadas, em que tivemos nove variantes de procedência africana (*moringa*, *calombo*, *caxumba*, *diamba*, *cachimbo*, *angu*, *cará* e *bobó*), outros campos apresentaram africanias. É o caso do campo semântico *corpo humano*, que apresentou o maior número de variantes de origem Bantu, com dez variantes no total (*caolho*, *meleca*, *cangote*, *corcunda*, *cuturuca*, *calombo*, *cumbu*, *catinga*, *inhaca* e *cutica*); seguido do campo semântico *convívio e comportamento social*, que apresentou duas variantes (*bode*, *moleque*/*moleca*). As comunidades quilombolas África (ponto de inquérito 5), Laranjituba (ponto de inquérito 6) e Rio Acaraqui/Campompema (ponto de inquérito 3) foram as localidades que mais apresentaram variantes de influência africana, justamente as comunidades com forte afirmação da identidade quilombola.

Também registramos variantes não dicionarizadas em língua portuguesa, cuja origem etimológica não conseguimos identificar, a saber: *nambu* (carta L45), *toré* (carta L45), *toqué* (carta L46), *crata* (carta L50), *pavula* (carta L66), *seruto* (carta L73), *cutruque* (carta L79), *sota* (carta L80) e *padilha* (carta L98).

Do ponto de vista estatístico, os campos semânticos *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos* e *comportamento e convívio social* foram os que apresentaram elevada variação, com a média de sete variantes distintas por carta no AGQUINPA, enquanto que os campos *ciclos da vida*, *habitação* e *vida urbana* apresentaram menor número de variantes, com a média de até três variantes por carta.

Dentre as cartas, sete apresentaram mais expressiva variação, ou seja, maior número de variantes, a saber: carta L03 (*redemoinho de água*), carta L11 (*chuva forte*) e carta L99 (*prostituta*), com onze variantes cada, além das cartas L10 (*temporal*) e L96 (*pessoa sovina*), com dez variantes distintas e, por fim, as cartas L28 (*parte terminal da inflorescência da bananeira*) e L80 (*pessoa de pernas arqueadas*), com nove ocorrências cada.

Do ponto de vista linguístico, podemos dizer que o falar quilombola mapeado nesta pesquisa está situado dentro do quadro da diversidade linguística amazônica, o que abre espaço para um aprofundamento em termos de análise lexicográfica e etimológica das variantes não dicionarizadas e aquelas de origem africana. Também há a possibilidade futura de comparação entre o léxico mapeado no AGQUINPA e no *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), assim como entre os demais atlas da região Norte do Brasil, como o *Atlas Geossociolinguístico do Pará* (ALIPA), o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM) e o *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP), dentre outros, com o intuito de identificar particularidades e semelhanças entre esses atlas, além de comparar a norma de comunidades quilombolas e de

comunidades não quilombolas. Acreditamos que a partir deste trabalho devem surgir outras iniciativas no campo da linguística que visem levantar aspectos linguísticos das comunidades quilombolas no Pará e, assim, ampliar o leque de dados para a descrição do português afro-brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATA. **Mapa Racial do Brasil**, 2015. Disponível em: http://patadata.org/maparacial/ Acesso em: 3 de junho de 2016.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas caminhos a percorrer. Londrina: EdUEL, 2005 [1994].

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina. Convergências lexicais: a área dos olhos no Atlas Lingüístico Galego e no Atlas Lingüístico do Paraná. **Estud. Lingüíst. Galega** *7*, p.5-8, 2015.

ALF. **Atlas Linguistique de la France – projet Cartodialect**. Grenoble: CNRS/PEPS, 2015. Disponível em: < http://cartodialect.imag.fr/cartoDialect/accueil > Acesso em 2 de maio de 2016.

ALINEI, Mario. L'Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi. In: GARCÍA MOUTON, Pilar (org.). **Geolinguística**: trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.

ALTINO, Fabiane. **Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II**. Londrina: UEL, 2007.

ÁLVAREZ, Rosario. (Coord.). **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Portugués**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. Disponível em: http://ilg.usc.es/Tesouro Acesso em 18 de setembro de 2015.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse:** movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidades. Belém: IFCH/UFPA, 2008.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhmbi, 1920.

ANGENOT, Jean-Pierre; ANGENOT, Geralda de Lima; MANIACKY, Jacky. Glossário de Bantuismos Brasileiros Presumidos. **Revista Eletrônica Língua Viva**, nº 2, p.1-250, 2013. Disponível em: http://www.revistalinguaviva.unir.br Acesso em 31 de maio de 2016.

ASSIS JÚNIOR, A. de. **Dicionário Kimbundu-Português**. Luanda: Argente, Santos & Cia, 1947.

ATLAS LINGUISTICO GALEGO. ***Léxico***. *O ser humano (I)*. T.V. Coordinado e redactado por Rosario Alvarez Blanco, Francisco Dubert García e Xulio César Sousa Fernández. Directores Constantino García e Antón Santamarina. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2005.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete digital**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016. Disponível em: http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital Acessando em 30 de janeiro de 2017.

BACKHOUSE, Maria; BAQUERO, Jairo; COSTA, Sérgio. Between Rights and Power Asymmetries: contemporary struggles for land in Brazil and Colombia. **Global social rights and policies:** land grabbing and the right to food – *21-22 Feb 2013*. Bremen: Universitat Berlin, 2013.

BAGNO, Marcos. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos de Literatura e Tradução**, n.16, p.19-31, 2016.

BAGNO, Marcos; LAGARES, Xoán Carlos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAILEY, G; WIKLE, T. Mapping North American Englis. In: Alfred Lameli, Roland Kehrein and Stephan Rabanus (eds), **Language Mapping**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010.

BALBI, Adriano. **Introduction à L'atlas Ethnographique du Globe**. Paris: Rey, 1826. Disponível em: https://archive.org/details/introductionla00balb Acesso em 1 de junho de 2016.

BARROS, Ronaldo Crispim Sena. Políticas de Promoção da Igualdade Racial: um redesenho das políticas públicas no Brasil. In: SOUZA, Edileuza Penha; SANTOS, Katia Regina da Costa. **SEPPIR – Promovendo a igualdade racial para um Brasil sem racismo**. Brasília: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, 2016.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felicio Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, F. C (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística:** uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

BENTES, Nilma. **Aspectos da trajetória da população negra no Pará**. Belém: GEAM/UFPA, 2013.

BERNHARDI, Karl; STRICKER, Wilhelm. **Sprachkarte von Deutschland**. Bohn: J.J. Bohné, 1849. Disponível em: https://archive.org/details/sprachkartevond00strigoog Acesso em: 6 de fevereiro de 2017.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão Negra no Grão-Pará (séculos XVII-XIX)**. 2 ed. Belém: Paka-Tatu, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Réalité sociolinguistique brésilienne et géolinguistique pluridimensionnelle, In: ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso et al. (Eds.). **Proceedings of the international Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr)**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, p.53-70, 2011. Disponível em: < limiar.clul.ul.pt> Acesso em 1 de junho de 2016.

BRASIL. **500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013-2015)**. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.

_____. Guia de políticas públicas para comunidades quilombolas. Brasília: Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais, 2013.

_____. **Constituição Federal**, artigo 68 do ADCT – Direito à propriedade das terras de comunidades remanescentes de quilombos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 16 de maio de 2016.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm > Acesso em 16 de maio 2016.

_____. **Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007- Institui a Política Nacional de Desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm > Acesso em 16 de maio 2016.

_____. **Instrução Normativa INCRA nº 57**, de 20 de outubro de 2009 – Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Disponível em < http://www.incra.gov.br/institucionall/legislacao--/atos-internos/instrucoes/file/243-instrucao-normativa-n-57-20102009 > Acesso em 16 de mai 2016.

_____. **Portaria Fundação Cultural Palmares nº 98**, de 26 de novembro de 2007- Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres. Disponível em < http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/legis21.pdf> Acesso em 16 de mai 2016.

_____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm > Acesso em 16 de mai 2016.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm > Acesso em 16 de mai 2016.

_____. **Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003 – Cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10678-23-maio-2003-496733-

normaatua- lizada-pl.pdf> Acesso em 16 de maio de 2016.

_____. **Lei nº 13.123 de 20 de maio de 2015**. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea *j* do Artigo 8, a alínea *c* do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm > Acesso em 25 de maio de 2016.

_____. **Decreto nº 4. 887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em 6 de fevereiro de 2017.

BULFINCH, Thomas. **O livro de Ouro da Mitologia** – História de Deuses e Heróis. São Paulo: AGIR, 2006.

CABLE, Dustin A. **The Racial Dot Map**: one dot person for the entire United State. Virginia: University of Virginia/Demographics Research Group, 2013. Disponível em: http://demographics.coopercenter.org/DotMap/ Acesso em 3 de junho de 2016.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

CAIRUS, José A. Teófilo. **Jihad, cativeiro e redenção***:* escravidão, resistência e irmandade no Sudão Cental e Bahia (1835). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMPOS, E. A. et al. O português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: AVELAR, Ornelas de et al. (Orgs.). **Dinâmicas Afro-Latinas - Língua(s) e História(s)**. Berlim: Peter Lang, v. 1, p. 149-178, 2015.

CONTINI, Michel. La géolinguistique romane: de Gilliéron aux atlas multimídia. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **Rosae:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S.A. M; MOTA, J.A. Sobre a Dialetologia no Brasil: In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

CARDOSO, S. A. M, et al. **Atlas Linguístico do Brasil:** introdução. Vol 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2001.

COSTA, Regina Barbosa da; PEREIRA, Edvaldo Santos. A presença africana na Amazônia: o coletivo em Bruno de Menezes e o individual em Dalcídio Jurandir. **Anais do XIV ABRALIC**. Belém: UFPA, 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no português brasileiro. **Revista Africanias.** Disponível em: www.africanias.com, nº 01, 2011. Acessado em 10 de dezembro de 2016.

_____. Prefácio - Renato Mendonça e 'A influência africana no português do Brasil', um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro". In: Mendonça, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

_____. **Falares Africanos na Bahia:** um vocabulário afro-brasileiro. 2 ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

CHIAVENATO, Júlio José. **Cabanagem:** o povo no poder. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, A. **Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: http://purl.pt/23863/1/. Acesso em 18 de setembro de 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil:** *questionários*. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral:** cinco estudos. Rio de Janeiro: EDUSP, 1979.

COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. "Menino", "guri", "piá", "curumim" e "moleque" nas capitais brasileiras: contribuições do projeto ALIB. In: RAZKY, Abdelhak et al. (Org.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2014.

CPISP. **Terras Quilombolas:** balanço 2011. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2011.

CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An Introduction to Historical Linguistics**. New York: Oxford, 2010.

DALBERA-STEFANAGGI, M. J. **Nouvel Atlas Linguistique de la Corse, vol. 1 Aréologie phonétique**. Paris: Ajaccio, Editions du CTHS/A. Piazzola, 2007.

DAUZAT, Albert. **La géographie linguistique**. Paris: Librairie Ernest Flammarion, 1922.

DIAS, Marcelo Pires. **Banco de Dados do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2015

DIETRICH, W. Mapping the romance languages of the Americas. In: LAMELI, Alfred et al. (Orgs.). **Language and Space:** an international handbook of linguistic. Vol 2. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

DIWA. **Digitaler Wenker Atlas**. Marburg: Deutsche Forschungsgemeinschaft, 2010. Disponível em: http://www.diwa.info/titel.aspx Acesso em 6 de fevereiro de 2017.

DUARTE, I. Gramática descritiva, língua padrão e variação. In: ÁLVAREZ, R; MONTEAGUDO, H. (Eds.). **Norma Lingüística e Variación**: unha perspectiva desde o idioma galego. Santiago de Compostela: Consello de Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega, 2004.

DUBOIS, Jean *et al*. **Dictionnaire de linguistique**. Paris: Larousse, 1973.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

FERNÁNDEZ, Xulio Sousa. Notas sobre o Atlas Lingüístico de la Península Ibérica en Galicia. In: Brea, M., F. Fernández Rei y X. L. Regueira. **Cada palabra pesaba, cada palabra medía**. Homenaxe a Antón Santamarina. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2008.

FERREIRA,Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 1984.

FERREIRA, Tainah Maria F. **Levantamento bibliográfico da realização varável de /n/ em pesquisas de natureza dialetológica realizadas no Brasil**. Belém: UFPA, 2014 (Relatório técnico-científico).

FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. Presença Africana na Amazônia. **Revista Afro-Ásia**, nº 12, p. 145-60, 1976.

FISHMAN, Joshua. **A sociolinguistics***:* a brief introduction. Massachusetts: Newbury, 1971.

FRANCIS, W. N. **Dialectology***:* an introduction. New York: Longman, 1983.

FUNES, Eurípedes Antônio. **"Nasci nas matas, nunca tive senhor": história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

GILBERT, Glenn. **Linguistic Atlas of Texas German**. Austin TX: University of Texas Press, 1972.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, Joaquim Barbosa. **Ação afirmativa e Princípio Constitucional da Igualdade: o direito como instrumento de transformação social - a experiência dos EUA**. Rio de

Janeiro: Renovar, 2001.

GONZÁLEZ, Manuel González et al. Dialectoloxía e xeografía humana. In: ÁLVAREZ, Rosario et al. **Lingua e território**. Santiago de Compostela: Conselho da Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega, 2006.

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese. Aspects of the phonology, syntax and language history**. University of Pennsylvania. Ann Arbor: University Microfilms International, 1981.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2010.

IPEA. **Situação social da população negra por Estado**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, 2014.

JANOTTI, Maria; LOURDES, Mônaco. **A Balaiada**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The Atlas of North American English: phonetics, phonology and sound change**. New York: Mouton de Gruyter, 2000. Disponível em: http://www.atlas.mouton-content.com/ Acesso em 28 de maio de 2016.

LAWS, R. **An English-Nyanja Dictionary of the Nyanja Language Spoken in British Central Africa.** New York: James Thin, 2012.

LAYTANO, D. **Os africanismos no dialeto gaúcho**. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1936.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.

LIMA, Sandra Helena Ataíde de. **Educação e comunidades quilombolas de Laranjituba e África – Município de Moju/PA: relação da EJA com costumes e tradições de base africana**. (Dissertação). Fortaleza: UFC, 2012.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Bantu**. 2a edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

_____. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2009.

_____. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular: In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, k. (orgs). **"Substandard" e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2009.

LUNA, Carolina Julià. **Léxico y Variación: las denominaciones de las partes del ojo.** Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona, 2007. (Tese de Doutorado).

MACHADO FILHO, A.M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1943.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo *et al*. **Nova Cartografia Social da Amazônia**: povos do Aproagra – São Domingos do Capim. Belém: Casa 8 Design, EDUFAM, 2008.

_____. **Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga**.

Belém: UFPA, 2012.

MARQUES, F. **Modelo de agroindústria canavieira colonial do estuário Amazônico: estudo arquelógico de engenhos dos séculos XVIII a XIX**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. (Tese de doutorado).

MARROQUIN, Mário. **A língua do Nordeste**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MELLO, Heliana. **The Genesis and Development of Brazilian Vernacular Portuguese**. New York: University of New York, 1996.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 [1935].

MENEZES, Bruno. **Batuque**. Belém: Sagrada Família, 2005.

MIRANDA, V. C. **Glossário Paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: UFPA, 1968 [1905].

MITCHELL, J.C. Networks, Norms and Institutions. In: BOISSEVAIN, J e MITCHELL, J.C. (orgs.). **Network Analysis**: studies in human interaction. Haia: Mouton, 1973.

MOLLA, Toni. **Manual de Sociolingüística**. Alzira: Bromera, 2002.

MONTEAGUDO, H. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (Orgs.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, pp. 51-64, 2012.

MOUTON, Pilar García. Qué es variación linguística.. In: HERNÁNDEZ, Esther; BUTRAGUEÑO, Pedro Martín. **Variación y diversidad**: hacia una teoria convergente. México, D.F: El Colegio de México, 2015.

_____. Lengua y espacio: revisión metodológica. In: HERNÁNDEZ, Esther; BUTRAGUEÑO, Pedro Martín. **Variación y diversidad***:* hacia una teoria convergente. México, D.F: El Colegio de México, 2015.

_____. (Coord.). **Atlas Lingüístico de la Península Ibérica, ALPI-CSIC**. edición digital de Navarro Tomás, Tomás (Dir.). Madrid: CSIC, 2016. Disponível em: www.alpi.csic.es Acesso em 2 de junho de 2016.

NAEA. **Quilombos do Pará**, CD-ROM. Belém: NAEA/UFPA/Programa Raízes, 2005.

NARO, Anthony e SCHERRE, Martha. *Sobre as origens do português popular do Brasil.* **D.E.L.T.A.** (nº. especial): 437-455, 1993.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

O'DWYER, E. C. (Org.). **Quilombos:** identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABA, 2002.

OLIVEIRA, Cêaurio de. **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

OLIVEIRA, Márcia Santos. D. de; FERNANDES, Jonas Tadeu Viccari. Aspectos etnolinguísticos da fala em uma comunidade quilombola do Pará: Jurussaca. **Cadernos CERU**, série 2, v.21, junho de 2010.

OLIVEIRA, M. S. D; CAMPOS, E. A.; CECIM, J. F; LOPES. F. J; SANTOS, E. F; SILVA, R. A. **O português afro-indígena de Jurussaca: o resgate de uma variedade ao conjunto "português brasileiro"**. Manuscrito. (s/d).

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001.

PACHECO, J. Q. ; SILVA, M. N. **O negro na universidade**: o direito a inclusão. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

PAIM, Marcela Moura Torres. O sutiã na Bahia: um estudo em dois tempos diferentes. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p. 267-280, jun. 2012.

PARKVALL, Mikael. **Da África para o atlântico**. Unicamp: Editora da Unicamp, 2012.

PÉREZ, Xosé Afonso Álvarez. Cartografía lingüística de Galicia e Portugal: presentación dun proxecto e estudo de dous casos. In: **Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y Filologia Románicas.** Vol. VI. Berlin: De Gruyter, 2013.

PETROVICI, Emil; PATRUT, Ioan. **Micul Atlas Lingvistic Român**: serie noua. Bucarest: Inst. Muzeul Limbii Române, 1967.

PETTER, Margarida M. T. Línguas Africanas no Brasil. **Revista Gragoatá**. Niterói, *n.* 19, p. 193-217, 2. *sem.*, 2005.

_____. O continuum afro-brasileiro do português. In: C. GALVES, H. GARMES & F. R. RIBEIRO. (Orgs.). **África-Brasil:** caminhos da língua portuguesa. Campinas: EdUnicamp,

2009.

PETTER, Margarida M. T.; OLIVEIRA, Márcia S. D. de. Novas luzes sobre a descrição do português afro-brasileiro. **Anais do Simpósio Mundial de Língua Portuguesa – SIMELP**. Macau: Universidade de Macau, 2011. Disponível em: moodle.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=42912 Acesso em 28 de maio de 2016.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: http://www.priberam.pt/dlpo/chave Acesso em 18 de setembro de 2015.

POP, Server. **La dialectologie**: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. Vols. 1 e 2. Louvain: Chez l'auteur, 1950.

QGIS DEVELOPMENT TEAM. **QGIS - Geographic Information System version Wien**. *Open Source Geospatial Foundation Project.* Disponível em: http://qgis.osgeo.org . Acesso em 19 de setembro de 2015.

QUEIROZ, S. **Pé preto no barro branco***:* a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

RAIMUNDO, Jacques. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RAMISCH, Heinrich. Mapping British English. In: LAMELI, Alfred et al. (Orgs.). **Language and Space**: an international handbook of linguistic. Vol 2. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

RATLIFF, Martha et al. Inside a Linguistic Atlas. In: LINN, Michael. D. **Handbook of Dialects and Language Variation**. California: Academic Press, 1998.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas Linguístico sonoro do Pará (ALISPA).** Belém: Gráfica e Grafia, 2004.

RAZKY, A. GUEDES, R. J. de. C. Um recorte da variação lexical no projeto Atlas Linguístico do Pará. In: **Caligrama**. Belo Horizonte, v.18, n.2, p.51-68, 2013.

RAZKY, Abdelhak et al. (Orgs.) **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2014.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil**: a história do levante Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico - Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. (Tese de Doutorado). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010 [1932].

RODRIGUES, Angelina da Costa. A Representação da Cidade de Ponta de Pedras nos aspectos físicos, sociais e culturais na obra *Marajó* de Dalcídio Jurandir. In: PRESSLER, G.K et al (Orgs.). **Dalcídio Jurandir**: bibliografia e estudos críticos. Belém: SMD, 2014. (ebook)

SALLES, Vicente. **Vocabulário Crioulo**: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, 2003.

_____. **O Negro no Pará sob o regime de escravidão**. Belém: IAP, 2005.

_____. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

_____. **As Raízes da Cultura Mestiça na Amazônia**. Brasília: Micro Edição do Autor, 2011.

SANTOS, Maria V. **A balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.

SARAIVA, Emmanuel de Jesus. **A influência africana na cultura brasileira**. Joinville: Clube de autores, 2016.

SCHEURINGER, H. Mapping the german languages. **Language and Space**: an international handbook of linguistic. Vol 2. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

SCHNEIDER, T. **Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese**. Hamburg: Helmut Buske, 1991.

SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENNA, N. Africanismos na linguagem brasileira. **Revista de Philologia e de História**, [S.l.], v. 2, p. 39-449, 1934.

SILVA, Júlio César Nascimento *et al*. Negros e libertos nos bastidores da cabanagem. In: AMADOR, Zélia et al. (Orgs.). **Entre os rios e as florestas da Amazônia: perspectivas, memórias e narrativas de negros em movimento**. Belém: UFPA/GEAM, 2014.

SILVA, Jair F. C. **O Português Afro-Indígena de Jurussaca/PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade**. (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2014.

SOUZA, Edileuza Penha de. Ações Afirmativas no Brasil: 13 anos de lutas e conquistas da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. In: SOUZA, Edileuza Penha; SANTOS, Katia Regina da Costa. **SEPPIR – Promovendo a igualdade racial para um Brasil sem racismo**. Brasília: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, 2016.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. (Tese de Doutorado).

SWIGGERS, Pierre. Mapping the Romance languages of Europe . In: LAMELI, Alfred et al. (Orgs.). **Language and Space**: an international handbook of linguistic. Vol 2. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes Editores, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Pennsylvania: University of Peensylvania, 1983.

THUN, H. **Atlas linguístico diatópico y diastrático del Uruguay-Norte (ADDU-Norte).** Kiel: Universität zu Kiel, 2001.

_____. Pluridimensional Cartography. In: **Language and Space**: an international handbook of linguistic. Vol 2. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

THUN, Harald et al. **Atlas Linguístico Guaraní-Románico.** Kiel: Westnsee-verlag, 2002.

_____. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Giovanni Ruffino (org.). Tübingen: Niemeyer, 1998.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2008.

TRUDGILL, Peter; CHAMBERS, J.K. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. The Contribution of Sociolinguistics to Dialectology. **Language Sciences**. Volume 4, Number 2, 1982.

VASCONCELOS, J. L. de (Dir.). Vocabulário trasmontano. **Revista Lusitana XIII**, 110-126, 1910.

VENY, Joan; GRIERA, Lídia Pons i. **Atles lingüístic del domini català**. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2009.

VERISSIMO, J. **Cenas da vida amazônica**: com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia. Lisboa, Tavares Cardoso, 1886.

VIAPLANA, Joaquim. **Dialectologia**. Valencia: Universitat de València, 1996.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó**: a África no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZAGARI, M. R. et al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. v. 1. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.